HISTÓRIA DO BRASIL

VOLUME I

Robert Southey

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Volume 133 - A

Edições do Senado Federal

Ensaios e Estudos, de Capistrano de Abreu, reúne artigos escritos entre 1903 e 1927, publicados em revistas, jornais ou prefácios de livros. Os ensaios, publicados pela primeira vez em 1932, reúnem diversos temas: o Duque de Caxias ("primoroso estudo sobre Caxias, cuja bibliografia era então muito limitada", observa José Honório Rodrigues); Frei Vicente de Salvador; Claude Abbeville; Antônio José, o Judeu, e, entre outros temas, os atos do Santo Ofício no Brasil. Com estilo leve, mas documentado e com rigor de exegese, Capistrano de Abreu analisa de maneira brilhante nosso passado e revisita temas fundamentais da nossa formação e nacionalidade.

A Ilusão Americana, de Eduardo Prado, posto à venda nas livrarias de São Paulo no dia 4 de dezembro de 1893, os exemplares deste livro logo foram vendidos. No mesmo dia o chefe de polícia dirigiu-se às livrarias proibindo a divulgação da obra. Segundo o próprio autor, ele escreveu um livro sustentando a doutrina política de que o Brasil deve ser livre e autônomo perante o estrangeiro, o que não deve ter agradado às autoridades. Sobre esse livro, Rui Barbosa afirmou em suas *Cartas de Inglaterra*: "Há, entre nós, nativistas, que projetam estátuas a Monroe, julgam praticar ato de republicanos, suscitando para amparo do Brasil o protetorado dos Estados Unidos. Desmistificar a fraternidade americana, esse o delito do autor".

Edições do Senado Federal

Joaquim Nabuco, no livro *Balmaceda,* escreve sobre o presidente chileno Balmaceda (1840-1891). Eleito como liberal, seu governo termina num impasse: fechamento do Congresso e guerra civil. O volume é uma compilação de artigos de Nabuco publicados, de janeiro a março de 1895, no *Jornal do Comércio*. No mesmo ano, são recolhidos sob a forma de livro. Em *Balmaceda*, Nabuco discute com o brilhantismo de sempre sobre presidencialismo, parlamentarismo, relações internacionais e outros assuntos de vital importância para a compreensão do processo histórico e político da América Latina. "O livro *Balmaceda* é, com certeza, um dos primeiros exercícios de política comparativa entre nós," registra o embaixador e cientista político Carlos Henrique Cardim.

Intervenção Estrangeira Durante a Revolta de 1893. Joaquim Nabuco estuda neste livro a participação estrangeira na Revolta da Armada em 1893. Monarquistas, os rebeldes liderados por Custódio de Melo e, mais tarde com a adesão de Saldanha da Gama, poderiam bombardear a cidade do Rio de Janeiro. Floriano Peixoto solicita a ajuda de forças internacionais. Os revoltosos têm o auxílio humanitário do comandante do navio português *Mindelo*, Augusto de Castilhos. A opinião pública, aos poucos, modifica o ponto de vista, a partir dos artigos de Joaquim Nabuco, publicados na imprensa, em 1895, e reunidos neste livro. É um estudo de história diplomática e uma análise que reverte o enfoque que, até então, vinham fazendo os críticos deste fato histórico.

Pedro Álvares Cabral (* Belmonte, 1467 ou 1468 – ✞ Santarém, 1520 ou 1526), fidalgo, descobridor do Brasil

História do Brasil

. . . .
Edições do Senado Federal – Vol. 133-A

HISTÓRIA DO BRASIL

PRIMEIRO VOLUME

Robert Southey

Traduzida do inglês pelo
Dr. Luís Joaquim de Oliveira e Castro

Anotada por
J. C. Fernandes Pinheiro
Brasil Bandecchi e
Leonardo Arroyo

Brasília – 2010

EDIÇÕES DO

SENADO FEDERAL

Vol. 133-A

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto

Congresso Nacional
Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – Brasília – DF
CEDIT@senado.gov.br
Http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm

ISBN: 978-85-7018-313-2

. . . .

Southey, Robert.

História do Brasil / Robert Southey ; traduzida do inglês pelo Dr. Luís Joaquim de Oliveira e Castro. – Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2010.

3 v. (620 p.; 562 p.; 722 p.) – (Edições do Senado Federal ; v. 133-A)

1. Brasil, história. I. Título. II. Série.

CDD 981

. . . .

. . . .

Sumário

. . . .

Introdução

Brasil Bandecchi

FILHO de um negociante de fazendas, possivelmente rico, Robert Southey nasceu em 1774, em Bristol, na Inglaterra. Pouco se sabe sobre seu genitor, pois Southey, que tanto escreveu, nada falou a respeito de seus ascendentes.

A loja do pai de Southey ficava na Rua do Vinho e, à porta, havia uma placa e nela pintada uma chave de ouro. Aí, quando menino, trabalhava o historiador, como entregador. Com o falecimento do pai, o estabelecimento passou para um seu tio, que cuidou do negócio e da educação do sobrinho. Robert passava seus dias entre os afazeres do balcão, os passeios e caçadas nos campos da vizinhança. Mas ele não tinha nenhuma vocação para o comércio, e, por isso, foi destinado à carreira eclesiástica, que, também, não era do seu agrado. Depois de ter estudado com um ministro protestante e, posteriormente, no Colégio Corstor, aos 13 anos foi matriculado na Westminster School, de onde foi expulso por colaborar num jornal satírico denominado O Flagelante, *e que tinha por objetivo criticar mestres e demais superiores da escola. Depois estudou na Universidade de Oxford e ali conheceu Lovell e Coleridge dos quais se tornou amigo inseparável.*

Sua vida escolar foi acidentada. Não nos esqueçamos que, quando vivia os dias ardorosos da mocidade, a França ardia nas chamas de uma revolução de repercussão universal e que a juventude é sempre arrebatada pela onda das idéias novas e avançadas.

Já que na Inglaterra não podia pensar como queria, sonhou, com seus dois amigos Lovell e Coleridge, fundar, nos Estados Unidos, uma República que seria chamada Pantissocrática. *Isto, porém, não passou de um sonho.*

Southey, Coleridge e Lovell não puderam fundar uma república, mas, ligados por sólidos laços de amizade, acabaram unindo-se pelos laços familiares, casando-se com três irmãs.

Southey, que viria a ser famoso historiador, era, além de prosador notável, um grande poeta. Escritores de mérito também foram Coleridge e Lovell.

O reverendo Herbert Hill, pastor anglicano, tio materno do vate, nomeado capelão da comunidade inglesa em Lisboa, levou-o consigo para a capital portuguesa e, aí, o historiador entusiasma-se pela terra lusa, o que o leva a planejar uma História de Portugal, que não concluiu, mas, para sua glória neste campo da atividade intelectual, deu-lhe roteiro para escrever a primeira história geral do Brasil. Nisto foi de grande valia a colaboração de seu tio reverendo Herbert Hill, o qual organizou, por diletantismo, uma preciosa biblioteca e rico documentário sobre a história de Portugal.

Em 1810, foi nomeado secretário no Erário da Irlanda.

"Retirando-se desse emprego, o nosso biografado foi residir em Keswick, onde também moravam, no mesmo lar, a viúva do seu amigo Lovell e a esposa de Coleridge, ambas irmãs da esposa de Southey." (Igor Delgoruky, Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. XLII.)*

Agora, em Keswick, embora com vida dificultosa, passa a escrever sem descanso e a produzir sua obra numerosa e sólida.

"Sabe-se que Southey nunca andou folgado de recursos, tinha que prover à família numerosa, do fruto da sua pena. À parte uma módica pensão do Estado, arredondada em trezentas libras, quando da nomeação de Poeta Laureado (1813), o homem de letras vivia da profissão. Só em 1835, no fim da vida, um suplemento de £ 300 trouxe-lhe a independência e a tranqüilidade de espírito." (Joaquim de Sousa Leão Filho, Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 178.)*

Sua biblioteca contava 14 000 volumes e a parte reservada aos assuntos portugueses, espanhóis e brasileiros era bastante grande.

Herbert Hill estava sempre disposto a enviar-lhe livros e documentos sobre o Brasil. De outro lado, Southey não descuidava de suas pesquisas. Em 1827, lê uma referência à obra de Frei Vicente do Salvador. Escreve logo a seu amigo Henry Koster (que acabaram lhe abrasileirando o nome para Henrique Costa), residente no Brasil. Lera a referência no Santuano *e solicita:*

"É citado como se tivesse sido impresso; entretanto em mais parte alguma ouvi falar desse autor. Poderá colher algum informe sobre ele?"

Sabe, e afirma, que Frei Vicente do Salvador não se confunde com F. Manuel do Salvador. Mas quer saber quem é, ele que tanto se interessa pelas coisas e homens do Brasil. Note-se que a obra ainda se encontrava inédita, pois sua publicação só se começou a fazer a partir de 1886, quando o Diário Oficial *(nacional) de 23 de julho, estampou o primeiro capítulo. No ano seguinte apareceram, impressos, os dois primeiros livros e, finalmente, a Biblioteca Nacional a editou, completa, em 1889.*

"A predileção de Southey pela História era bem marcada. Foi na prosa mais do que no verso que ele sobressaiu, embora aquilo que seria sua obra-prima – a História de Portugal *– não fosse concluída. Como biógrafo, seu estilo prende e encanta; meticuloso e crítico, lúcido e ameno na narração. Obras como a* Vida de Nelson *e a de Wesley,*

serão sempre lidas com admiração. Mas, onde Southey se excede como escritor é na correspondência epistolar, em que se revela mestre, na composição fácil e familiar. Suas cartas encerram, de mais a mais, messe de informações precisas, literárias e biográficas. Thackeray, nos Quatro Jorges*, diz que* elas valem por pilhas de epopéias e permanecerão enquanto corações generosos prezarem a bondade e a pureza, amor e dignidade. *A têmpera heróica do homem, o seu inflexível sentimento do dever, a sua independência e liberalidade, de que é exemplo a adoção da família de Coleridge, transparecem mais das suas cartas que de qualquer dos outros gêneros literários que cultivou." (*Revista do I.H.G.B., estudo citado.*) O seu interesse pelas coisas do Brasil, pode-se dizer, era ilimitado. Em carta que endereçou a Henry Koster, acentuava:*

"O Conde dos Arcos sabendo que eu desejava possuir a Gramática *de Anchieta, mandou-me um exemplar dela, da Biblioteca da Bahia, onde tinham em duplicata e emprestou-me o* Valeroso Lucideno.*" (3 de junho de 1815).*

E em outra carta, quando em 1808, os franceses ocupavam Portugal:

"Neste meio tempo estou me enfronhando sobre as antigas guerras holandesas no Brasil, e posso lhe contar muito mais coisas acerca dos tapuias e dos tupinambás do que sobre os turcos e russos. Minha História vai para o prelo esta semana, depois de haver esperado seis meses por uma redução no preço do papel."

Nos 40 anos que Southey residiu em Keswick – pois para lá mudou-se quando contava 29 – pôde organizar sua magnífica biblioteca e escrever quase toda sua obra.

"Estes livros", dizia ele a um amigo que o visitava, "que constituem minha biblioteca, não se encontram nestas estantes por exibição ou ostentação, muito embora o coração e os olhos se sintam amplamente felizes ao contemplá-los, apreciando estes tesouros, quase todos constantemente consultados."

E acrescentava que mesmo que se alguns daqueles volumes fossem desviados, tinha a certeza que, em outras mãos, não receberiam melhor e mais carinhoso tratamento.

"Bem poderia Southey orgulhar-se como possuidor, na Inglaterra, da melhor coleção de livros espanhóis e documentos originais sobre Portugal e América do Sul, além dos 14 000 volumes preciosos."

E com esses documentos, de 1810 a 1819, lança sua História do Brasil*, que foi realmente, a primeira geral de nossa terra, abrangendo todo o período colonial, ou mais precisamente da descoberta até a chegada de D. João, Príncipe Regente, em 1808.*

Chamamos, ainda, a atenção do leitor para um fato que deve ser acentuado. Era ele um protestante, porém, como historiador, soube colocar-se acima de qualquer problema de facciosismo religioso para julgar serenamente a ação benemérita dos padres no Brasil. E, com este espírito, mostrava com respeitoso carinho obras como Acta Sanctorum*, que havia pertencido aos capuchinhos de Gaut, as* Revelações de Santa Brígida *e as* Crônicas dos Frades Franciscanos Descalços*, para só citar estas.*

Robert Southey faleceu no dia 26 de março de 1843, sendo o centenário de sua morte condignamente comemorado no Brasil, por entidades culturais, principalmente pelos Institutos Históricos e Geográficos Brasileiro e de São Paulo.

Além da História do Brasil *e das biografias de Nelson e Wesley já mencionadas, Southey escreveu inúmeras obras, das quais citamos:* Joana d'Arc *(1796),* Poesias *(1797),* Cartas de Espanha e Portugal *(1797),* Palmeirim de Inglaterra *(1807),* Cartas de Espriello *(1807),* Maldição de Keama *(1811),* Poemas para os Soberanos Aliados *(1814),* Rodrigo, o último dos godos *(1814),* Sir Thomas Moore, Colóquios de Estado e da Sociedade *(1832) e* As Vidas dos Almirantes Britânicos *(1839). É de se ver, ainda, que todas as obras citadas são de 2, 3, 4 e 5 volumes.*

A importância da História do Brasil *de Robert Southey está em ter ele estudado amplamente o período colonial, pesquisando como até então ninguém o fizera [Varnhagen veio depois], examinando e interpretando documentos, na elucidação de fatos, explanação e crítica dos mesmos. E isto fazia na certeza de que seu trabalho não seria em vão, pois escrevia a um amigo:*

"Seria faltar à sinceridade que vos devo, esconder que minha obra, daqui a longos tempos, se encontrará entre as que não são destinadas a perecer; que me assegurará ser lembrado em outros países que não o meu; que será lida no coração da América do Sul e transmitirá aos brasileiros, quando eles se tiverem tornado uma nação poderosa, muito da sua história que de outra forma teria desaparecido ficando para eles o que é para a Europa a obra de Heródoto."

A História *de Southey não se limita apenas ao Brasil. Vai além de suas fronteiras. Isto que para alguns pode parecer defeito, para nós é virtude. A História não se processa em departamentos estanques nem no espaço nem no tempo. Ela se intercomunica no espaço e se encadeia no tempo.*

No prefácio esclarece:

"Compreende esta obra alguma coisa mais do que seu título promete. Relata a fundação e progresso das províncias espanholas adjacentes, cujos negócios veremos nos últimos tempos inseparavelmente entrelaçados com os do Brasil. Pode pois considerar-se o assunto como abrangendo todo o território entre o Prata e o Amazonas, estendendo-se para o ocidente até onde os portugueses levaram a sua colonização e conquista."

Toda a fase colonial, mesmo além das futuras e hoje atuais fronteiras do Brasil, sem falar na nunca respeitada pelos paulistas linha de Tordesilhas, se encontra na sua obra. É a expansão bandeirante que vai plasmando uma pátria maior. (Vide Anti-Tordesilhas, *de nossa autoria, Editora Obelisco.)*

O estudo do período colonial assume vastas proporções nos escritos sobre o nosso passado, pelas lutas de expansão e libertação sustentada pelo nosso povo. É um período que tem inspirado o maior número de obras, conforme evidencia José Honório Rodrigues no seu livro fundamental Teoria da História do Brasil. *Ainda para compreensão da matéria, vide Pedro Moacir de Campos,* Esboço da Historiografia Brasileira nos Séculos XIX e XX. *Apêndice à edição brasileira da* Iniciação aos Estudos Históricos *de Jean Glenisson. Queremos ainda chamar a atenção sobre as diversas interpretações da história no correr dos séculos e das quais J. P. Leite Cordeiro nos oferece interessante síntese no seu trabalho* As Interpretações da História através dos Tempos.

Henrique Handelmann, que foi doutor em filosofia e docente de História Contemporânea na Universidade de Kiel, em sua História do Brasil, *traduzida por Lúcia Furquim Lahmeyer, comunga com os que criticam a amplitude da obra de Southey, embora lhe reconheça indiscutível valor. Diz:*

"O autor, já célebre como poeta, estava de posse de quase toda a respectiva literatura antiga e, além disso, de um abundante material manuscrito, que houvera acumulado seu tio Herbert Hill, durante uma permanência de mais de 30 anos em Portugal. Assim logrou ele organizar uma obra que conservará sempre o mais alto valor como fonte; infelizmente o seu traçado é impróprio: em vez de cingir-se ao território do Império, Southey trata, com igual desenvolvimento e sem separação no texto, também das vizinhas províncias do Rio da Prata, de modo que a história do Brasil, já de si tão rica em aspectos, se torna totalmente caleidoscópica."

Joaquim Ribeiro ao escrever sobre a posição doutrinária de João Ribeiro na historiografia nacional, e analisando a obra de diversos historiadores, assim se refere a Southey:

"Southey é o iniciador do devassamento dos arquivos portugueses em busca de informes sobre o Brasil. E já nele se esboçam as primeiras

tentativas de história comparada entre a América Portuguesa e a América Espanhola."

Capistrano de Abreu (Ensaios e Estudos) *faz um paralelo entre a obra de Southey e a de Varnhagen:*

"Sem dúvida Varnhagen tem muito mais fatos do que Southey, que escreveu antes de Baena, Acióli, Pizarro, Lisboa, São Leopoldo, Fernandes Gama, e outros analistas, que tanto esclareceram e alargaram as noções que antes existiam. Southey, além disto, escreveu sua obra na Inglaterra, onde não podia encontrar os materiais inúmeros que Varnhagen encontrou na Torre do Tombo, na biblioteca eborense, e em outros lugares. Mas comparar os dois livros é impossível.

"'Daqui a séculos', escrevia Southey, num assomo de justo orgulho, ao seu amigo Townhend – 'meu livro se encontrará entre aqueles que estão destinados a não morrer, e será para os brasileiros o que a obra de Heródoto é para a Europa.'

"Daqui a séculos também a obra de Varnhagen será lida, porém por profissionais, que a consultarão como a um dicionário de arcaísmos, um como Glossário *de Santa Rosa de Viterbo: o povo só o conhecerá de tradição.*

"Ele não pensava assim, escusamos de acrescentar.

"Por isso, a cada instante, tomava certas atitudes estudadas com vista aos pósteros. Aqui lembra uma estátua, além da capelinha que deve ser gótica, mais adiante outras, que quem o ler descobrirá facilmente. Uma vez, até, faz concorrência ao Formicida Capanema, lembrando a criação de tamanduás para dar cabo às formigas.

"Estas e muitas outras feições do seu temperamento o tornam geralmente antipático. É preciso tê-lo lido não uma, mas repetidas vezes, lê-lo só uma é o mesmo que lê-lo nenhuma –, é preciso descobrir suas qualidades por baixo de seus defeitos, familiarizar-se com suas idéias, para compreender-lhes o alcance, ter feito parcialmente o trabalho, de que ele apresenta a suma, comparado com os que o precederam e com os que

se lhe seguiram, pesar a soma de fatos que incorporou definitivamente à nossa História, para tê-lo na devida consideração, não chocar-se com seus modos rudes e afogar os desgostos passageiros numa admiração calma, franca e de raízes profundas.

"Em resumo, a História Geral *de Varnhagen é inferior à* História do Brasil *de Southey, como forma, como concepção, como intuição; mas é inferior somente a esta.»*

Acreditamos ter dado uma idéia, embora sucinta, porém firme e segura, da importância da obra de Southey, que deve ser examinada e lida como escrita por um inglês, amigo e admirador de Portugal, que, inicialmente, quis elaborar um trabalho sobre esse país, homem dos fins do século XVIII e primeira metade do XIX, que assistiu à Revolução Francesa e, ainda como inglês, foi seu entusiasta na mocidade, mas que face às lutas entre França e sua pátria teria que abrandar ou mesmo apagar seu entusiasmo, para nele surgir o britânico contra a avalanche napoleônica.

A admiração que Southey nutria por Portugal e a circunstância de ser poeta laureado pela monarquia inglesa, fatalmente, não lhe dariam bons olhos para estudar um movimento tipicamente republicano e contra a coroa portuguesa. Assim não pôde dar, em sua obra, a extensão que teve a Inconfidência (que nós chamamos, pela sua substância e programa, de revolução) chefiada por Tiradentes.

Além da sua acentuada simpatia por Portugal, onde esteve por duas vezes, quis ser cônsul nesse país e desejou, mesmo, residir em Cintra.

Ajunte-se a estes motivos a razão de que, naquela época a versão que se conhecia em Portugal era inteiramente contrária aos conspiradores e outra não podia ser divulgada. Joaquim Norberto de Sousa na História da Conjuração Mineira, *escreve que «Robert Southey, o bardo laureado da Grã-Bretanha, desdenhou por algum tempo o seu alaúde para entregar-se às investigações de documentos sobre a nossa história,*

colhidos por Herbert Hill durante a sua residência entre os portugueses, e deu depois à luz o fruto de suas longas e bem meditadas lucubrações. Foi ele quem primeiro publicou alguns pormenores da conjuração mineira de 1789, e vê-se que não teve outra fonte senão a sentença, que Ribeyrolles chama, com toda a propriedade, versão dos juízes".

Faltavam, portanto, a Southey duas coisas para ampliar e aprofundar o capítulo do movimento mineiro: condição de ordem subjetiva e outra documentação, que não a da negreganda sentença.

Com alguns reparos que não afetam sua estrutura, a História do Brasil *de Southey será sempre um monumento da historiografia nacional.*

A primeira edição da História *de Southey, em inglês, apareceu em três volumes, em 42, em Londres – o primeiro, em 1810; o segundo, em 1817; e o terceiro, em 1819. Do primeiro foi tirada uma segunda edição, em 1822.*

Em 1862, a Livraria Garnier, Rio de Janeiro, lançou a primeira edição brasileira, em 6 volumes, tradução de Luís Joaquim de Oliveira e Castro e anotada pelo Cônego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. Esta tiragem foi impressa em Paris, na Tipografia de Simão Raçon & Soc. A segunda edição brasileira é da Livraria Progresso Editora, Bahia e obedece rigorosamente à da Garnier e foi publicada nos anos de 1948 a 1954. Também em seis volumes.

A presente edição da Editora Obelisco é, portanto, a terceira nacional e a quarta contando com a inglesa, sendo que o primeiro volume é impresso pela quinta vez, em virtude da publicação isolada de 1822.

A edição da Obelisco, além das notas do autor e as do cônego J. C. Fernandes Pinheiro (em todos os volumes), traz, também, anotações de Leonardo Arroyo (vols. II, III e IV) e de nossa autoria (vols. I, V e VI), sendo que as de Fernandes Pinheiro são indicadas com as iniciais F. P.; as de Leonardo Arroyo com L. A.; e as nossas com P. B. B.

Como se verá da leitura, as notas são, com certas exceções, simplesmente didáticas e têm por objetivo orientar os leitores ainda não inteiramente afeitos aos estudos históricos.

Acresce, ainda, que a presente edição é toda ilustrada e enriquecida com fac-símiles *de documentos, o que não aconteceu com as anteriores. E foi planejada graficamente por Pedro J. Fanelli, que não é apenas um editor que com seus irmãos se dedica ao benemérito ofício, mas apaixonado das artes gráficas. Acreditamos, sinceramente, que nestas linhas que escrevemos à guisa de Introdução, apresentamos ao leitor um retrato, tanto quanto possível fiel, de Southey e de sua obra.*

Aos estudiosos e amantes do nosso passado entregamos esta edição que já se fazia urgente, certos de que estamos prestando um serviço às letras históricas, e, ao fazê-lo, confessamos a modéstia da nossa participação, mas não podemos deixar de proclamar a relevância do empreendimento editorial pela sua magnitude e importância, o labor magnífico do tradutor e o valor das notas de Leonardo Arroyo e Fernandes Pinheiro.

São Paulo, 3 de maio de 1965

Busto de Robert Southey

Ao Leitor

SÃO OS prólogos quase sempre mentirosos; nem é um prólogo que quero fazer mas uma simples advertência. O trabalho que ora verto para o idioma nacional passa por ser a melhor história do Brasil: mas não disputo preferências, fale ela por si mesma. Em todo o caso é um escrito importante para a história pátria, e como tal mui digno certamente de ser transladado para a nossa língua. Não receio pois haver cometido empresa ingrata.

Na tradução a única liberdade que me permiti foi a de resumir e até suprimir algumas notas que me pareceram menos importantes, ou especialmente calculadas para o leitor inglês.

Mais uma observação e terei concluído. Quem encontrar alguma coisa que lhe ofenda o sentimento religioso fará bem lembrando-se que o livro foi escrito por um protestante. Não são doutrinas nem princípios perigosos são meras reflexões incidentes que faz o autor. Como não é obra destinada para crianças julguei inútil por este respeito alterar o texto: que vai ilustrado com algumas notas devidas a um estudioso da nossa história retificando alguns equívocos ou omissões do autor.

DO TRADUTOR

Prefácio

A HISTÓRIA do Brasil, menos bela do que a da mãe pátria, menos brilhante do que a dos portugueses na Ásia, a nenhuma delas é inferior quanto à importância. Diferem dos de outras histórias os seus materiais; aqui não temos enredos de tortuosa política que desemaranhar, nem mistérios de iniqüidade administrativa que elucidar, nem revoluções que comemorar, nem de celebrar vitórias, cuja fama viva ainda entre nós muito depois de já se lhes não sentirem os efeitos. Descoberto por acaso,[1] e ao acaso abandonado por muito tempo, tem sido com a indústria individual e cometimentos particulares que tem crescido este império, tão vasto como já é, e tão poderoso como um dia virá a ser. Percorrendo os seus anais, mais freqüentes nos agitaram a indignação e a cólera, do que esses sentimentos elevados, que o historiador prefere excitar. Tenho de falar de selvagens tão desumanos, que pouca simpatia nos podem inspirar os sofrimentos por que tiveram de passar, e de colonos cujos triunfos pouca alegria nos podem causar, por que menos cruéis eram eles do que os índios que guerreavam, e tão avarentos como bárbaros, perpetravam o maior dos crimes pelo mais vil dos motivos. Nem os poucos caracteres mais nobres que aparecem, alcançaram renome, que fosse além

dos limites da sua própria religião, e do seu idioma. Contudo não deixa de ter suas vantagens: pois do ignóbil guerrear e das empresas destes homens obscuros, surgiram conseqüências mais amplas, e provavelmente mais duradouras, do que as produzidas pelas conquistas de Alexandre ou Carlos Magno. A série pois das suas aventuras; a descoberta de extensas regiões; os hábitos e superstições de tribos não civilizadas; os esforços de missionários, em que a mais fria política dirigia o zelo mais fanático; o crescimento e a queda do extraordinário domínio que eles estabeleceram; e o progresso do Brasil desde os seus mesquinhos princípios até a importância que atualmente atinge, tudo isto são tópicos de não vulgar interesse.

NOTA

1. Entre os historiadores há os que defendem a tese do *acaso* e os que são pela *intencionalidade* da descoberta do Brasil. Outros admitem que a vinda de Cabral ao Novo Mundo foi ato de simples *posse*, como garantia dos direitos da Coroa Portuguesa, já perfeitamente configurados no Tratado de Tordesilhas (1494). Quando Southey escreveu seu trabalho, predominava a tese tradicional da descoberta por obra do acaso. (P.B.B.)

. . . .

Capítulo I

VICENTE YAÑEZ PINZON DESCOBRE A COSTA DO BRASIL E O RIO MARANHAO – VIAGEM DE CABRAL – DÁ-SE AO PAÍS O NOME DE SANTA CRUZ – AMÉRICO VESPÚCIO VAI RECONHECER A COSTA – SUA SEGUNDA VIAGEM – PRIMEIRO ESTABELECIMENTO POR ELE FUNDADO – TOMA O PAÍS O NOME DE BRASIL

A PRIMEIRA pessoa que descobriu a costa do Brasil, foi Vicente Yañez Pinzon,[1] que acompanhara Colombo na sua primeira viagem, como comandante e capitão da *Niña*.[2] Sete anos depois obtiveram ele e seu sobrinho Arias, a comissão de irem à descoberta de novos países. Eram os Pinzones homens abastados, cujas riquezas ainda haviam engrossado com a viagem anterior; aparelharam à sua custa quatro caravelas, e fazendo-se de vela do porto de Palos em dezembro de 1499,[3] ganharam Cabo Verde, donde governaram para sudoeste, sendo os primeiros espanhóis que passaram a Linha, e perderam de vista a Estrela do Norte. Tendo sofrido calores insuportáveis e tormentas, que à sua mercê os impeliam, avistaram terra a 26 de janeiro de 1500, em lat. 81/2°S., a que Vicente pôs o nome de Cabo da Consolação... mas que hoje se chama de Santo Agostinho. Desembarcando, gravaram os nomes dos navios, e a

1499
Viagem de Pinzon

1500
26 de janeiro

data de ano e dia nas árvores e rochedos, e assim tomaram posse do país para a coroa de Castela. Naquele dia nenhum indígena foi visto, mas na praia se descobriram pegadas. Tendo-se avistado durante a noite muitos fogos, saíram de manhã na mesma direção quarenta homens bem armados, para tratar com o gentio. Ao seu encontro se adiantaram outros tantos indígenas, pouco mais ou menos, armados de arcos e lanças; fazer-lhes gestos amigáveis, mostrar-lhes guizos, contas e espelhos, tudo foi em vão, os selvagens pareciam resolvidos a repelir estes estrangeiros, e os espanhóis deixaram-se intimidar ao seu aspecto. Antolharam-se-lhes eles mais altos do que os mais agigantados germanos, e da gente do país, trataram de ganhar outra vez os botes. No dia seguinte não havia ver indígenas: desembarcaram os espanhóis e convenceram-se de que ao seu medo havia sobrado fundamento, achando ou imaginando achar uma pegada de gigante, duas vezes mais comprida do que a teria deixado impressa o pé dum homem regular. Supuseram este povo uma tribo nômada, como os citas.

Daqui foram costeando no rumo do norte, até que chegaram à foz dum rio mui grande; não havendo água bastante para os navios entrarem, mandaram à terra quatro escaleres. Num outeiro perto da praia estava reunida uma partida de naturais, e um dos espanhóis, que estava bem armado, avançou para eles. Vieram-lhe estes ao encontro suspeitando e ao mesmo tempo meditando maldade. O espanhol fez quantos sinais de amizade pôde imaginar, e atirou-lhes uma campainha, em paga da qual arremessaram eles o que quer que fosse, que similava um pedaço de ouro;[4] abaixou-se ele a apanhá-lo, visto o que, correram os selvagens, para aprisionar o branco. Não era isto porém tão fácil como a eles se figurara; apesar de nem ser alto, nem robusto, defendeu-se ele valorosamente com espada e escudo, até que os companheiros, voando a socorrê-lo, lograram salvá-lo, posto que com grande perda. Com suas letais flechas mataram os índios oito, feriram muitos mais, e perseguiram-nos até aos botes. Não contentes com isto, atacaram as embarcações. Foi então, que, achando-se nus, provaram o corte das espadas européias. Mas nada os intimidava; atiravam-se como feras, desprezando as feridas, arrostando a morte; arremessaram-se a nado atrás dos botes, depois destes haverem largado, e galhardamente tomaram um, matando-lhe o coman-

dante, e lançando fora a tripulação. Dos espanhóis mal ficaria um que não recebesse alguma ferida, e se as setas tivessem sido ervadas, nenhum talvez houvesse conservado a existência.

Continuando a navegar ao correr da costa depois deste mau encontro, chegaram ao que chamaram um mar de água doce, e ali encheram as pipas. Explicaram eles o fenômeno, supondo que a impetuosa corrente de muitas águas, descendo dos montes, adoçava o oceano; achavam-se então, como depois descobriram, na foz do grande rio depois dito Maranhão,[5] Amazonas e Orelhana. Aqui encontraram muitas ilhas, afortunadas e férteis, cujos habitantes os receberam hospitaleiros e confiados, o que Pinzon retribuiu vilmente, apoderando-se, por não achar outra mercadoria, de trinta destes homens inofensivos e levando-os donde os achara livres para vendê-los onde fossem escravos. Uma vez viram-se os seus navios no mesmo perigo que correra Colombo nas Bocas do Dragão. A vinte léguas da confluência do rio Meari, o conflito da sua velocíssima corrente com as águas, que sobem do mar, ocasiona um estrondo, que se pode ouvir de mui grande distância. É isto que os naturais chamam *pororoca*. Quando ela afrouxa, precipita-se a maré para dentro, restituindo em menos de quinze minutos toda a massa de água que a vazante havia levado em cerca de nove horas; pelo espaço de outras três continua o fluxo com quase inconcebível rapidez. Apesar de impetuosa como é a corrente, há lugares do rio que ela não alcança: chamam-nos os portugueses *esperas*. Ali se acolhem as canoas que navegam o Meari, *esperando* que passe o macaréu, e raras vezes correm risco. No Araguari se observa o mesmo fenômeno com mais intensidade ainda. Devia ser perto da embocadura de algum destes rios que Pinzon se viu quase perdido. Escapando contudo dali, tornou a passar a Linha, e continuando a derrota até chegar ao Orinoco, fez-se na volta das ilhas, e navegou para casa, perdendo na viagem dois dos seus três navios. O rio da Guiana conserva ainda o seu nome,[6] e o curso que ele seguiu para chegar ao cabo de Santo Agostinho, chamou-se por meio século derrota de Pinzon.

Descoberta do rio Maranhão

Bernardo Pereira de Berredo 1, § 30, 31

Argentina MS.

Convencera-se este navegante de que a terra por ele visitada não era uma ilha; supunha porém que fosse a Índia além do Ganges, e

que ele tivesse velejado além da grande cidade de Catai. Interrogados estes viajantes sobre se tinham visto o Pólo do Sul, respondiam que não haviam avistado estrela como a do Norte, que o indicasse, mas sim outras constelações, e que uma névoa, que crescia da linha do horizonte, lhes estorvava muito a vista. Era opinião sua que no meio em terra havia uma grande elevação, antes transposta a qual não se poderia ver o pólo do Sul. Levaram para a pátria amostras de canela, e gengibre, não de boa qualidade, é verdade, mas explicava-se isto com a circunstância de haverem estes produtos sido colhidos antes de inteiramente sazonados com o calor do sol; canafístula, ainda não madura, mas considerada não inferior à que se aplicava contra a febre intermitente; goma-ânima, que era então reputada precioso remédio contra constipações e dores de cabeça; pedras, que se julgava serem topázios, sândalo, e um grande carregamento de pau-brasil. Um sariguê apanhado vivo, com a sua cria, havia morrido a bordo, mas o corpo, que chegou bem conservado, causou a admiração de quantos o viram, sendo remetidos para Sevilha, e dali para Granada, onde o mostraram ao rei e à rainha.

Pedro Martyr, *Dec.* **1, L. 9. Grynaeus, p. 104. Gomara,** *Hist. de las Ind.* **e Herrera, D. I, L. 4, c. 6**

A costa descoberta por Pinzon ficava dentro dos limites portugueses de demarcação, e antes que ele chegasse de volta à Europa, já dela havia tomado posse a nação a quem cabia em partilha.

Viagem de Cabral

Mal havia Vasco da Gama voltado da sua viagem de descoberta à Índia, quando aprestou logo el-rei D. Manuel segunda e muito mais poderosa frota, cujo comando confiou a Pedro Álvares Cabral. Fixou-se para a partida o dia de domingo 8 de março. Naquela manhã celebrou-se missa no Restelo, na capela ereta pelo infante D. Henrique, dedicada a N.S. de Belém, e doada a alguns frades do convento de Tomar, que ali deviam administrar aos navegantes os sacramentos da Igreja, especialmente em ocasiões como esta. Assistiu ao santo sacrifício o próprio rei, que, para honrar o chefe da expedição, o fez sentar consigo debaixo do docel. Pregou o bispo de Ceuta um sermão, cujo tema principal foi o elogio de Cabral, por haver aceitado tão grande e tão pesado encargo. Concluindo, tomou o estandarte de sobre o altar, onde o haviam colocado durante o serviço divino, e, benzendo-o, o entregou ao rei, que com as próprias mãos o passou a Cabral, em cuja cabeça pôs um barrete,

Barros, 1, 4, 2

benzido pelo papa. Desfraldada a bandeira, seguiram todos para a praia em procissão, com cruzes alçadas e relíquias. Cobriu-se o Tejo de embarcações miúdas, que levavam uns para as naus, e traziam outros, ou se juntavam para vê-las: "Assim", diz Barros, que foi segundo todas as probabilidades testemunha ocular da cena, "se viam todos com suas librés e bandeiras de cores diversas, que não parecia mar, mas um campo de flores, com a frol daquela mancebia juvenil que embarcava. E o que mais levantava o espírito destas coisas eram as trombetas, atabaques, sestros, tambores, flautas, pandeiros, e até gaitas, cuja ventura foi andar em os campos no apascentar dos gados, naquele dia tomaram posse de ir sobre as águas salgadas do mar nesta e outras armadas, que depois a seguiram, porque para viagem de tanto tempo, tudo os homens buscavam para tirar a tristeza do mar." D. Manuel acompanhou Cabral até à beira do rio, e ali deu a bênção do Céu e a sua própria aos oficiais, que em seguida lhe beijaram a mão, e embarcaram ao estampido duma salva real de toda a frota. O próprio Vasco da Gama não tivera mais solene despedida; e coisa extraordinária foi que esta segunda expedição desse casualmente a Portugal um império mais vasto e importante do que ele deveu à primeira.

Castanheda, L. 1, c. 50. Barros, 1, 5, 2

Não pôde a frota sair do Tejo naquele dia, por achar ventos ponteiros, mas no seguinte fez-se de vela. Navegou no rumo de Cabo Verde, onde fez aguada, e depois, para fugir às calmarias que Dias e Gama haviam encontrado, fez-se ao sudoeste na esperança de dobrar assim mais facilmente o cabo da Boa Esperança. O contínuo mau tempo porém a atirou ainda mais para o oeste. A 24 de abril, quando, segundo os cálculos dos pilotos, se devia estar a cerca de 660 léguas da ilha de S. Nicolau, viu-se o oceano alastrado de ervas marinhas; no dia seguinte apareceram algumas gaivotas, e de tarde avistou-se terra, numa quarta-feira.[7] Era um monte elevado de forma redonda, que se encostava do lado do sul a uma serra menos alta, e ao sopé se lhe estendia uma praia baixa coberta de arvoredo. Como era semana santa, pôs Cabral ao morro mais alto o nome de Monte Pascoal, e ao país o de Terra da Vera Cruz. Ao meter do sol deitaram os navios ferro em dezenove braças de água, belo ancoradouro, a cerca de seis milhas da terra. Já a América se não podia ocul-

Cabral lançado sobre a costa do Brasil

25 de abril de 1500

Pero Vaz de Caminha. Casal, T. I, pág. 13

tar por mais tempo ao mundo europeu; e se Colombo não houvesse assegurado à inteligência humana o triunfo da sua descoberta, à ação dos elementos se teria assim devido aquele sucesso.

Primeira entrevista com os indígenas

Ao romper da aurora do dia quinta-feira, governou a frota direta à terra, indo adiante os navios de menor calado sempre a sondar, até que chegaram a meia légua da praia; ali ancorou toda a esquadra em nove braças de água defronte da foz dum rio. Nicolau Coelho, o mesmo que comandara um dos galeões de Vasco da Gama na sua célebre viagem, foi mandado a reconhecer a torrente. Ao entrar a ela já uns vinte selvagens se haviam reunido sobre a margem, armados de arcos e setas, apercebidos para a defesa, mas sem intenção de procederem como inimigos, salvo vendo-se em perigo. Eram cor de bronze escuro, e estavam inteiramente nus. Coelho lhes fez sinal que depusessem as armas, ao que pronto obedeceram. Seguiu-se uma entrevista amigável; e os portugueses, que até então haviam achado que ou o arábico, ou alguma das línguas dos negros, se falava onde quer que tinham chegado as suas descobertas, tampouco contavam encontrar um idioma ininteligível, que quando viram que de parte a parte ninguém se entendia, imputaram isso a não se ouvirem distintamente as vozes, pelo estrondo que fazia o mar, rebentando nos cachopos da praia. Efetuou-se contudo amigável troca de presentes; Coelho ofereceu uma carapuça vermelha, um capuz de linho, que ele próprio levara, e um chapéu preto, recebendo a seu turno dois adornos de cabeça feitos de penas, e um enorme fio de continhas, que pareciam pérolas de inferior qualidade. Não permitiu o tempo mais delongas.

Pero Vaz, pág. 14

Durante a noite ventou rijo do sudeste, e Cabral, por conselho dos pilotos, levantou ferro, e seguiu para o norte ao longo da costa, em busca dum porto. Sessenta ou oitenta selvagens se haviam já reunido à embocadura do rio, esperando segunda visita.

Descoberta do porto depois dito Cabrália

Transpostas cerca de dez léguas, descobriu-se o único porto que naquela parte da costa oferece abrigo a navios de alto bordo. Logo o comandante lhe pôs o nome de Porto Seguro, que erradamente foi transferido para outro lugar, quatro léguas ao sul, onde se edificou a cidade, chamando-se atualmente Cabrália o porto onde ancorou Cabral. Afonso Lopes, um dos pilotos, teve ordem de ir sondar o ancoradouro, donde voltou

com dois indígenas, apanhados numa canoa a pescar. Um deles trazia arco e setas. Muitos dos seus conterrâneos estavam na praia, armados de igual forma, mas apesar deste ato de agressão, nada fizeram para ofender os portugueses. Eram os dois prisioneiros ambos moços bem feitos, cujas feições, comparadas com a dos negros, passaram por belas. Como não trajavam o menor farrapo, puderam os portugueses notar que não eram circuncisos, circunstância que o comércio com as nações maometanas dera ocasião de observar. Trazia um deles no alto da cabeça um mui bem trabalhado ornato de penas amarelas, cada uma das quais estava solidamente grudada ao cabelo com um cimento branco, que se supôs não ser cera, embora a ela se assemelhasse. Tinha o enfeite dois pés de comprimento, era grosso, redondo e felpudo como uma cabeleira, com que os portugueses o compararam, e cobria ambas as orelhas. O cabelo havia sido arrancado desde as orelhas até a coroa, deixando calva toda aquela parte da cabeça. O lábio inferior estava furado,[8] passando de dentro para fora através daquela fenda um pedaço de osso branco afiado na extremidade, de grossura regular, e da largura da palma da mão; a parte que ficava dentro da boca entre os lábios e os dentes era da forma das rodinhas sobre que costumam assentar as figuras dum jogo de xadrez.

Casal, 2, 80

Pero Vaz, págs. 15, 16

Comportamento dos selvagens a bordo

Fechava a noite ao chegarem estes selvagens à capitânia. Cabral, regulando sempre o seu proceder pelo estado da sociedade que se havia encontrado no Congo, ou entre os mouros da costa oriental da África, preparou-se para recebê-los com todo o cerimonial. Pôs um grosso colar de ouro. Na falta de estrado para a sua cadeira de aparato, mandou estender debaixo dela um tapete, em que se assentaram os seus oficiais. Acenderam-se velas, e depois admitiram-se os dois selvagens nus à presença do capitão. Esta ostentação não lhes arrancou o menor sinal de obediência. Nem saudaram a seu modo o comandante, nem tentaram falar, parecendo ao princípio que, ou estavam por demais aterrados, para compreenderem sinais, ou se haviam preparado para a morte, e não responderam. Passado algum tempo fitou um deles os olhos no colar de ouro de Cabral, e apontou para ele e para a terra; observando um castiçal de prata, fez outro tanto. Os portugueses, interpretando à medida de seus próprios desejos estes gestos, concluíram que os naturais conheciam os metais preciosos, e que

desta forma queria aquele selvagem dar a entender que os havia no país. Nada disto era; as tribos da costa não conheciam por certo o ouro e as do sertão provavelmente também não; nem até agora se averiguou que existam minas de prata no Brasil, embora haja motivos para crê-lo. O colar de ouro e o castiçal de prata foram os objetos mais brilhantes que eles viram; talvez que até os reputassem sagrados, e com aqueles momos quisessem implorar deles a liberdade.

Depois de desvanecido um pouco o medo, mostraram-lhes um papagaio, que eles reconheceram como objeto familiar. Apresentou-se em seguida uma ovelha, mas este animal lhes era desconhecido, e à vista duma galinha deram mostras de terror, custando muito o induzi-los a tomarem-na nas mãos. Puseram-lhes diante pão, peixe, conservas, doces, mel e papas, mas eles mostraram repugnância a comer nada disto, e os que provavam imediatamente o cuspiam. Vinho, de má vontade o chegaram aos lábios, e por nada o quiseram beber; e dando-se-lhes água, repetidas vezes com ela enxaguaram a boca, sem engolirem. Não se supunha porém que eles se arreceassem de veneno, pois já então se haviam desenganado, que as intenções dos apresadores não eram malévolas. Um deles estendeu a mão, como pedindo um rosário de contas brancas; deram-lho, e ele pondo-o primeiramente ao pescoço com evidentes sinais de prazer, passou-o depois à volta dos braços. Em seguida apontou para o colar de ouro como também pedindo-o, mas este gesto tiveram os portugueses por acertado não o entenderem. O rosário foi restituído a seu dono, e os pobres selvagens, vendo que quando estendiam as mãos para terra, ninguém lhes compreendia ou queria compreender o desejo de serem postos em liberdade, estiraram-se afinal de barriga para o ar,[9] em cima do tapete, para dormir. Cabral mandou pôr-lhes debaixo da cabeça almofadas que lhe servissem de travesseiros, o que eles não rejeitaram, mas o que trazia a cabeleira de penas, como a chamavam os portugueses, deu-se a perros para colocar-se de modo que a não desarranjasse. Os europeus lançaram-lhes depois por cima um capote, por causa da decência; também estiveram por isso, e segundo todas as aparências dispuseram-se satisfeitos a passar aquela noite. De manhã entrou a armada no porto; e fundeadas todas as naus, reuniram-se os capitães a bordo da de Cabral. Coelho e Bartolomeu Dias (o

Pero Vaz, 16, 17

Desembarcam os portugueses

imortal descobridor do cabo da Boa Esperança) foram mandados a terra, e com eles os indígenas. A cada um destes se havia dado uma camisa nova, uma carapuça vermelha, um rosário de osso, alguns guizos e uma campainha; também lhes tinham restituído seus arcos e setas, pelo que deixaram o navio soberbos dos seus tesouros, e alegres da sua boa fortuna.

Pedro Vaz de Caminha[10] acompanhou Coelho nesta expedição a terra. Ia ele na armada como um dos secretários da feitoria que Cabral devia estabelecer em Calicute. Mandou depois ao rei uma completa narração da descoberta, e esta narração, curiosa a muitos respeitos, mas sobretudo como princípio autêntico da história do Brasil, lá ficou esquecida nos arquivos portugueses, até que mais de três séculos depois do sucesso viu pela primeira vez a luz da imprensa.

Outra pessoa ia no batel, animada de mui diferentes sentimentos. Era um mancebo, por nome Afonso Ribeiro, criado de D. João Teles, que por algum delito de pena capital, mas que talvez fosse acompanhado de circunstâncias atenuantes, tinha sido embarcado na frota, para ser deixado em terra estranha, onde ou perecesse, ou adquirisse conhecimentos, que pudessem ser úteis aos seus conterrâneos. Era costume em todas as viagens de descoberta irem destes indivíduos.

Ao abicar em terra o escaler juntaram-se na praia obra de duzentos homens nus e armados de arcos e setas. Os dois selvagens lhes fizeram sinal que depusessem as armas, e se retirassem a alguma distância; eles pronto largaram os arcos, mas apenas se retiraram a alguns passos da orla do mar. Então desembarcaram os dois indígenas, e Ribeiro com eles, ficando os outros portugueses no bote. Apenas se viram em terra meteram pernas estes selvagens, e atravessando um rio, em que a água lhes dava pela barriga, embrenharam-se numa moita de palmeiras, seguidos de muitos dos outros e de Ribeiro também. O seu único fim era pôr em segurança os tesouros, pois voltaram imediatamente, e com os companheiros ajudaram a encher as pipas que os portugueses tinham trazido para fazer aguada. Coelho e Dias eram prudentes demais para os deixarem entrar no batel, mas estabeleceram-se desde logo relações amigáveis: trabalhavam eles voluntariamente, mas pedinchavam também com grande perseverança.

Braceletes, guizos e outras bugiarias (de que os navios de descobertas iam sempre bem providos para traficarem na costa da África) se distribuíram por eles, que com o maior prazer trocavam suas armas por um chapéu, um barrete, ou qualquer coisa de que os marinheiros quisessem desfazer-se. Mas tão azafamados e cobiçosos se tornaram nestas barganhas que muito sofria com isso o serviço da aguada. Deu-se-lhes pois a entender por sinais que se retirassem, percebido o que transpuseram o rio, e desembarcando então alguns marinheiros, encheram as pipas. Voltava já o escaler para bordo, quando os selvagens lhe fizeram sinal para que volvesse a terra, empurrando Ribeiro na direção do mar, como quem dizia que não havia de ficar na praia. Tinham-se dado a este aventureiro algumas carapuças vermelhas e uma bacia provavelmente de cobre, com que cativasse os bons ofícios dos seus protestos. Ninguém o havia despojado; sabido o que lhe ordenou Bartolomeu Dias, que voltasse atrás, e destas coisas fizesse presente a quem primeiro o recebera ao saltar na praia, e cujo hóspede havia sido durante a sua estada em terra. Aceitou o selvagem a oferta, e recebido no batel volveu Ribeiro à armada.

Pero Vaz 18, 19

Era o amigo de Ribeiro um velho, que aparentemente gozava de alguma consideração na sua tribo: estava todo coberto de goma e de penas, parecendo, diz Pedro Vaz, todo crivado de flechas, como São Sebastião. Esta espécie de vestido inteiro era usada entre os tupis: mas em algumas destas hordas se observou uma usança, que nenhum escritor subseqüente consignou, sendo aliás tão estranha, que mal poderia ter deixado de ser notada, se houvesse subsistido. Tinham os selvagens metade do corpo pintado de azul carregado, e a outra metade na sua cor natural. Outros o dividiam em quadrados à guisa de tabuleiro de xadrez. A moda pois, tão caprichosa na vida selvagem como na civilizada, é igualmente variável em ambas. Este sistema de adorno, que se tornou obsoleto no Brasil, ainda hoje se encontra na Califórnia, na costa do noroeste da América. A peça de madeira, que os homens traziam na boca, foi comparada ao batoque duma garrafa de borracha ou de couro. Alguns traziam três destes enfeites, uns no meio da abertura, e uns a cada canto. Entre eles foram vistas três ou quatro mulheres moças ainda, uma das quais tinha o corpo todo pintado de azul escuro. Os cabelos lhes caíam soltos

Costumes dos selvagens

Langsdorff

pelas espáduas, mas o estranho do trajar não impediu que os portugueses as achassem engraçadas. Dos homens alguns adornavam a cabeça com penas amarelas, outros com verdes. Cabral foi de tarde com os botes passear ao correr das praias da baía, mas ninguém o deixou desembarcar, apesar de não se avistar um só indígena. Saltaram porém em terra numa ilha, agora chamada Coroa Vermelha onde, por ser no meio da enseada, estavam seguros de qualquer traição; ali uns se entregavam ao prazer de sentir terra firme debaixo dos pés, outros se divertiam a pescar.

Pero Vaz, 19, 20

Diz-se missa numa ilha da Bahia

No dia seguinte, sendo domingo de Páscoa[11], resolveu Cabral ouvir missa na ilha. Preparou-se pois um lugar para a cerimônia. Erigiu-se e armou-se um altar, a cujo lado se arvorou a bandeira da ordem de Cristo, que em Belém recebera a bênção do bispo de Ceuta, Fr. Henrique de Coimbra, que com sete minoristas ia para a primeira missão na Índia, foi quem oficiou com assistência dos capelões da frota, e de todos quantos sabiam cantar. Acabada a missa, tirou Fr. Henrique os paramentos, e pregou de uma cadeira elevada o evangelho do dia, e dissertando sobre a descoberta deste novo país, e deveres que os descobridores para com ele haviam contraído como cristãos, todos os seus ouvintes moveu a muita devoção. Entretanto reuniam-se os naturais na praia da terra firme, em número igual ao da véspera. Durante o ofício divino, miravam eles pasmados, que a vizinhança da ilha lhes permitia ouvir os cânticos, e distinguir os vestidos e gestos dos sacerdotes. Não era o sermão talhado para tanto lhes cativar a atenção, pelo que enquanto pregava o frade, uns dentre eles tocavam cornos e búzios, outros dançavam, e ainda outros embarcavam em jangadas compostas de três ou quatro troncos de árvore, sem se atreverem porém a afastar-se da praia.

Terminado todo o ofício divino, entraram os portugueses nos escaleres, e remaram para onde estavam os selvagens, indo adiante Bartolomeu Dias, com um pedaço duma das jangadas, que, arrancado pelo vento e pelas ondas, havia ido dar à ilha. Adiantando-se-lhe ao encontro, meteram-se estes à água, até onde acharam pé. Acenando-lhes ele que pusessem de parte os arcos e as setas, muitos voltaram imediatamente atrás e assim o fizeram. Mas outros não obedeceram, e quando um da companhia lhes dirigiu um comprido discurso, ordenando-lhes ao que parecia,

que se retirassem, e em tom de quem fala com autoridade, nenhum sinal de medo ou obediência se notou entre os recalcitrantes. Tinha aquele o corpo, dos rins para baixo, pintado de um vermelhão brilhante: o peito e espáduas eram da mesma cor, sobre a qual se observou que a água nenhuma ação tinha, senão torná-la mais viva enquanto molhada.

Desembarcou um dos portugueses e meteu-se entre os índios; ofereceram-lhe estes água das suas cabaças, e acenaram aos outros que viessem também a terra. Cabral porém voltou às naus para jantar, indo as trombetas e anafis a tocar nos batéis. Da praia acompanhavam os indígenas a música, gritando, dançando, e batendo palmas, soprando buzinas, atirando setas para o ar, e erguendo os braços ao céu em ação de graças pela chegada de tais hóspedes. Alguns entraram no mar, seguindo os portugueses, até que a água lhes deu pelos peitos; outros foram nas canoas visitar a armada, acompanhados de muitos que atrás deles nadavam, homens e mulheres, movendo-se com tanta facilidade, como se fora aquele o seu natural elemento.

Pedro Vaz, 20, 22

Convocados a conselho os capitães, resolveu-se mandar a Portugal com a nova da descoberta o navio transporte, para que o rei tomasse as providências que o caso lhe sugerisse. Discutiu-se também se conviria apreender dois indígenas, e remetê-los ao rei como amostra dos seus novos súditos, deixando em troca dois criminosos. Concordou-se porém que esta prática seguida pelos navios de descobertas, era a todos os respeitos perniciosa: exasperava o povo, que convinha conciliar, e nada bom dela se colhia. Se os pobres prisioneiros sobreviviam à mudança repentina de hábitos de vida, ainda assim nenhumas informações se podiam tirar deles, enquanto não aprendiam novo idioma, acrescendo que nestas informações não havia que fiar-se, pois que as respostas eram sempre calculadas para agradarem às pessoas que faziam as perguntas.

De tarde voltaram os portugueses a terra, e um certo Diogo Dias, que fora coletor das rendas do rei em Sacavém, e era de gênio folgazão e doido por jogos atléticos, levando consigo um gaiteiro, se foi a dar com os selvagens, e entrelaçadas as mãos com eles se pôs a dançar ao som daquela música. Com grande admiração dos naturais do país, deu ele a sua cambalhota, executando outras gentilezas de saltos mortais. Mas no meio desta folia, súbito terror se apoderou dos indígenas, que todos deitaram a fugir. Alguns porém, recobrando ânimo, voltaram reu-

nir-se aos portugueses, que seguindo ao longo da praia e atravessando o rio, exploravam o terreno: mas entre eles lavrava visivelmente a desconfiança, e um nada os assustava e punha em movimento, como um bando de estorninhos que pousaram, para tomar o seu sustento. Os portugueses andavam muito atentos a não os ofender; e procurando com a superioridade de homens civilizados atinar com os hábitos de vida daquele gentio, atribuíram as vantagens físicas de que os índios evidentemente gozavam, ao seu estado selvagem. Bem como os pássaros bravos, diziam eles, têm mais brilhante plumagem do que os domesticados, e os quadrúpedes do mato possuem pêlo mais fino do que os que vivem entre homens, assim a agilidade destes selvagens, as belas formas dos seus membros, e a limpeza e brilho de suas peles, são provas de que no seu viver eles se assemelham aos animais. E não se tendo até então descoberto espécie alguma de habitação, concluiu-se também que eles nenhuma tinham, acampando sempre ao ar.

Pero Vaz, 22, 25

Contudo naquela tarde mesmo descobriu Ribeiro, a quem outra vez tinham mandado para entre os índios, na esperança de que estes, familiarizando-se com ele, o deixassem ficar consigo, uns ranchos grandes feitos de verdes ramos, que comparou às choupanas da sua província natal de Entre-Douro e Minho. De novo recambiaram os selvagens este aventureiro para os seus conterrâneos, ainda que não com cólera, pois que lhe deram arcos e setas. Estavam eles sempre prontos a trocar suas armas e contas por chapéus, carapuças ou qualquer coisa que se lhes oferecesse: da mesma forma se obtiveram deles alguns cocares de penas. Na segunda-feira tomaram-se mais dados dos índios, pelo que melhor os puderam observar os portugueses; as sobrancelhas, as pestanas, e todo o cabelo do alto da cabeça duma orelha a outra, em todos tinham sido arrancados, e uma linha preta de dois dedos de largura lhes passava por meio da calva de fonte a fonte. Conheceu-se que a cor escarlate, de que se pintavam, era produzida por uns grãozinhos aderentes a uma substância vegetal verde, semelhante à casca da castanha; estes grãos, talvez cochonilhas, eram espremidos entre os dedos. Diogo Dias, que com as suas cabriolas se tornara o favorito dos índios, teve ordem de acompanhá-los até às suas habitações. Outro tanto fizeram Ribeiro e mais dois criminosos, a quem se recomendou que passassem a noite com eles. Vencida boa légua e meia de caminho, chegou a comitiva a

uma aldeia composta de nove ou dez casas, cada uma do tamanho da almiranta, e todas feitas de paus e cobertas de palha. Nenhuma destas vivendas tinha divisões internas; havia nelas muitos postes, de que pendiam macas ou redes, por baixo das quais ardiam fogueiras. Cada cabana, que tinha sua portinha baixa em ambas as extremidades, poderia conter de trinta a quarenta pessoas. Ofereceram os índios aos seus hóspedes das provisões que tinham, e que consistiam em inhames e outros vegetais. Também trocaram por guizos e outras frandulagens alguns papagaios e periquitos, bem como obras de penas; não consentiram que nenhum dos visitantes ali pernoitasse, obrigaram-nos todos a voltar para bordo.

No dia seguinte desembarcaram outra vez os portugueses; alguns foram lavar, outros cortar madeira, e os carpinteiros prepararam uma grande cruz de pau. Até então tinham os navios portugueses, quando saíam a descobertas, levado pilares de pedra, com as armas de Portugal esculpidas, para que plantando-os nos países que descobrissem, por este ato tomassem a posse da terra para a coroa de Portugal. Cabral não vinha provido destes marcos, porque o seu destino era seguir a derrota do Gama; de todas as terras que ficavam no rumo em que ele devia navegar, se havia já tomado posse, nem se contava com novas descobertas. Para suprir esta falta fez-se pois a cruz. Observavam os indígenas muito atentos o trabalho dos carpinteiros, admirando a sua ferramenta; eles não possuíam instrumento melhor do que uma pedra aguda amarrada a um cabo de madeira. Fez-se nova tentativa para deixar algum dos criminosos entre os naturais, mas foi debalde. Muitos índios desejavam ir dormir a bordo das naus, a só dois o consentiram. Comeram eles o que se lhes deu, assentaram-se em cadeiras como viram fazer os portugueses. e foram deitar-se muito satisfeitos à moda dos seus hóspedes.

Passou-se a quarta-feira em dividir pelos outros a carga do navio de transporte. No dia seguinte entendeu Cabral dever dar aos selvagens um exemplo de respeito à cruz, antes de a arvorar e deixar entre eles. Neste intento foram ele e os que com ele desembarcaram todos ao lugar onde ela estava encostada a uma árvore, e beijando-a de joelhos, deram a entender aos índios, que fizessem o mesmo, ao que pronto se prestaram. Com isto tanto se elevaram os portugueses, julgando-os uma raça tão inocente, que não duvidaram mais, que eles abraçariam a lei de Cristo, apenas

os criminosos, que deviam fazer de missionários, pudessem falar-lhes a sua língua. "É este um povo bom e simples", diziam eles. "Deu-lhes Deus corpos gentis e feições agradáveis como a boa gente nem trouxe sem causa a armada a esta costa." Supuseram também os portugueses que os indígenas nem cultivavam o solo, nem criavam animais alguns domésticos, pois nenhuma espécie viram destes pelo que entenderam que os índios viveriam unicamente de inhames, grãos e frutos, que a terra produzisse espontaneamente. Alguns selvagens poucos acompanharam o almirante a bordo, onde dormiram; entre eles estava um dos que haviam sido levados à força para as naus no dia da chegada, e trazia vestida a camisa que se lhe dera. **Dº, 29, 31**

Na sexta-feira, 1º de maio, pronto tudo para a cerimônia, desembarcaram os portugueses e foram em procissão com o estandarte bento alçado e cantando por todo o caminho, arvorar a cruz,[12] num lugar conspícuo, a dois tiros de besta ao sul do rio. Pregaram nela as armas de Portugal e a esfera, que era a divisa d'el-rei D. Manuel. Erigiu-se um altar ao sopé da cruz, celebrando Fr. Henrique a missa, assistido de todo o clero da frota. Haviam-se reunido ali uns sessenta indígenas, que ajoelharam quando viram os portugueses ajoelhar, ergueram-se quando os viram erguer-se, e praticaram todos os gestos, que os viram praticar. Dita a missa receberam Cabral e alguns dos seus oficiais o sacramento. Desrevestindo-se então, e conservando unicamente a alva, subiu Fr. Henrique a um púlpito, donde pregou, como era costume naqueles tempos, sobre o evangelho do dia, e as vidas de S. Filipe e S. Tiago, que a Igreja comemora no 1º de maio. Observou-se como bom agouro, que um dos índios, homem já de idade, arengava os seus, apontando já para o altar, já para a cruz, como se fizesse uma prática religiosa.

Tinha Coelho trazido à terra grande quantidade de cruzinhas de chumbo, restos dum provimento delas, que levara Vasco da Gama. Distribuíram-se estas pelos selvagens, amarrando-lhas Fr. Henrique ao pescoço, depois de ter feito cada um beijar a sua, e erguer as mãos à maneira de quem ora, para lhes infundir mais respeito a aquele sinal, beijaram os portugueses um por um a cruz grande.

Uma única mulher assistiu a esta cerimônia: deu-se-lhe um vestido para pôr como avental, o que ela realmente fez, mas tão pouco cônscia parecia do fim para que isto devia servir, que Pero Vaz na sua

Pero Vaz, 31, 3 3

narração assevera ao rei que Adão antes do pecado não fora mais inocente do que esta gente. Quão fácil não seria pois, inferiu ele daqui, convertê-la à fé católica

Cabral supôs que a terra que descobrira devia ser uma ilha grande; a extensão da costa, que ele havia visto, seria de vinte e cinco léguas, circunstância de que um dos pilotos concluiu que o país seria parte do continente. A abundância de água, a evidente fertilidade do terreno, e o temperado do clima, tudo se mostrava favorável para um estabelecimento que Pero Vaz julgou muito conviria ali fundar, como lugar, onde se refrescasse nas viagens para Calicute, mas principalmente para converter os indígenas. Foi Gaspar de Lemos despachado para Lisboa com novas da descoberta, e sabe-se que levou consigo um dos selvagens. Tendo resolvido não arrebatar à força nenhum dos índios, deve-se presumir que aquele o acompanharia voluntário. Também os indígenas, quando viram que os seus hóspedes estavam para partir, não persistiram em repelir os dois criminosos que se queria deixar entre eles. A estes porém faleceu-lhes o ânimo, quando chegou o momento decisivo, e lamentavam a sua sorte com vozes tão sentidas, que moveram a compaixão desses pobres índios, os mais mansos e dóceis de todas as tribos brasileiras. Um deles contudo viveu, para voltar a Portugal, e serviu mais tarde como intérprete naquelas partes.[13] Da armada desertaram dois moços, escondendo-se na praia, tentados pela perspectiva de liberdade e ociosidade da vida selvagem, de que apenas haviam visto a superfície.

Ramúsio, T. 1, ff. 122

Navegação de Pedro Álvares. Ramúsio, T. 1, ff. 122

Mandou o rei de Portugal imediatamente aprontar três naus, para explorar o país descoberto por Cabral, e pôs-lhes por capitão Américo Vespúcio[14] a quem para esse fim chamou de Sevilha.[15] Fez-se este de vela em meados de maio do ano seguinte, e depois de uma viagem de três meses, dentre os quais quarenta e quatro dias de temporal desfeito, aferrou a terra na latitude de 5° S, quando já todas as provisões estavam quase consumidas, e exaustas as forças. Mandaram-se à terra botes, que voltaram com a nova, de não terem visto morador algum, mas de ser o país evidentemente muito povoado. No dia seguinte desembarcou-se para haver lenha e água, e víveres, se fosse possível. Já então no

Viagem de Américo Vespúcio ao Brasil

viso de próximo outeiro se havia reunido uma partida de indígenas. Não houve persuadi-los a que se chegassem para onde estavam os portugueses, que à vista disto, abastecidos de água, porém de nada mais, voltaram de tarde às naus; deixando na praia campainhas e espelhos.[16] Apenas se tinham feito um pouco ao mar, desceram aqueles a recolher os seus tesouros, e dos batéis lhes puderam ainda ouvir os sinais de admiração.

Na manhã seguinte reuniram-se os índios em maior número, acendendo fogos por toda a parte, o que os portugueses tomaram por um convite para irem a terra; mas ao chegarem à praia, continuaram os selvagens a conservar-se de medrosos a certa distância. Acenaram contudo a alguns dos estrangeiros, que os seguissem às suas habitações. Dois marinheiros se ofereceram a correr o risco da aventura esperando descobrir se o país produzia ouro e especiaria. Levaram consigo algum meio circulante próprio para este tráfico, e convencionado que as naus esperariam por eles cinco dias, meteram-se entre os indígenas, que os internaram no sertão. Cinco dias passaram sem que eles voltassem, e passou-se também o sexto. No sétimo desembarcaram os portugueses. Tinham os selvagens desta vez, o que antes não haviam feito, trazido consigo as mulheres, que obrigaram a adiantar-se, evidentemente como negociadoras, ofício de que elas se encarregavam com visível repugnância. Os portugueses, vendo-lhes o receio que tinham de aproximar-se, julgaram melhor enviar-lhes ao encontro só um dos seus e escolheram para isso um mancebo de grandes forças e agilidade, tornando os outros a meter-se nos botes.

Cercaram-no as mulheres, apalpando-o e examinando-o com grandes demonstrações de admiração e curiosidade. Desceu então do outeiro outra mulher, que pondo-se por trás do infeliz, com um pau, que trazia na mão, tão violento golpe lhe descarregou na cabeça, que o derribou. Logo as outras o tomaram pelos pés, e consigo o levaram, enquanto os homens, correndo à praia, despediam suas setas contra os batéis. Tinham estes encalhado num banco de areia, e intimidados pelo repentino ataque, pensaram os portugueses antes na fuga do que na vingança, até que lembrados afinal de que o melhor meio de prover à própria segurança era ostentar o poder, descarregaram quatro espingardas conta os indígenas, que então fugiram para os outeiros. Entretanto também para lá ti-

Antropofagia dos selvagens

nham as mulheres arrastado o corpo, e cortando-o aos pedaços, e apresentando como escárnio os mutilados membros aos portugueses, à vista destes e com grande algazarra, os devoraram, assados numa vasta fogueira. Ao mesmo tempo davam a entender por sinais que era isto o que haviam feito com os outros dois brancos. Vendo tão abominável cena, quiseram quarenta dos da tripulação desembarcar, e vingar os seus camaradas, mas para isso se lhes recusou licença,[17] e com efeito, se não levavam armas defensivas, não era prudente deixá-los exporem-se às setas dos selvagens.

Deste ominoso lugar partiu a armada, costeando até 8° de lat. S, sem avistar indígenas com quem fosse possível entabular relações. Finalmente desceu à praia um grande magote deles, dispostos a entrar em comunicações amigáveis, que efetivamente depressa se estabeleceram; ali se deteve a frota cinco dias, levando depois três índios, por consentimento deles. Assim foram as naus seguindo a costa, demorando-se aqui e ali segundo parecia melhor. Por toda a parte recebia o povo bem os portugueses, que assim puderam à vontade preencher o fim da expedição, o qual era examinar a natureza do país e as suas produções. Eram os índios em extremo bem feitos, e teriam sido uma raça assaz formosa, se tão horrivelmente se não desfigurassem: mas os homens pareciam considerar os rostos como feitos unicamente para cabide de ornatos. Beiços, ventas, orelhas, faces tudo estava furado para pendurar objetos. Entre outros sobressaía um selvagem que tinha na face sete buracos, todos tão grandes, que por qualquer deles facilmente passaria o caroço de um pêssego, e as pedras que neles trazia pesavam dezesseis onças. O privilégio de assim se adornar era privativo do sexo nobre, não se permitindo às mulheres furar nada mais do que as orelhas. Mas também faziam desta permissão o mais amplo uso; um dedo passaria à larga pelo orifício, e dele penduravam ossos, que lhes desciam até ao ombro. Este peso constante alongava as orelhas de modo que com estes penduricalhos semelhavam a alguma distância as de um cão-d'água.

Lery, C. 5, 7

Muito se agradaram os portugueses da probidade e extrema inocência destes indios,[18] sem embargo do que, bem se deixou perceber que eram eles antropófagos. Nas suas cabanas se viram penduradas peças de carne humana, que os europeus erroneamente supuseram salgada, sen-

do na realidade seca e curada ao fumo, e quando os visitantes lhes manifestaram a sua surpresa de haver quem matasse e comesse gente, não se mostraram eles menos maravilhados de que os portugueses a matassem e não a comessem. A carne humana, diziam eles, era boa, tão boa, que lhes dava apetite para mais. Um gabou-se de ter tido quinhão nos corpos de trezentos inimigos. Mas era uma paixão mais forte do que a fome, a que dava a estes diabólicos banquetes o seu melhor sainete.

Belo era o pais e abundante de quanto podia desejar o coração humano: a brilhante plumagem das aves deleitava os olhos dos europeus; exalavam as árvores inexprimíveis fragrâncias, destilando todas as virtudes destas plantas, nada impediria o homem de gozar de vigorosa saúde até à extrema vellhice. Se o paraíso terrestre existe em alguma parte, não podia ser longe dali. Não encontrando porém metais preciosos, que eram objeto principal de suas esperanças, chegados a 32° de lat. S., concordaram os navegantes em deixar a costa e fazer-se na volta do mar. Estavam as naus ainda apercebidas para seis meses de viagem, e por conselhos de Vespúcio tomaram lenha e água para este tempo, e singraram para o sul até 52°*,* notando o capitão cuidadosamente todas as constelações deste novo hemisfério. Nestas alturas encontraram mau tempo, e tiveram de correr em árvore seca com o *Lebecio,* vento do S.O., até que tornaram a avistar terra. Nem puderam achar porto, nem descobrir habitantes, parecendo-lhes a terra despovoada pelo muito e intolerável frio que ali fazia. Julgou-se então conveniente regressar: demandaram pois a costa da África, queimaram um navio em Serra Leoa, e a salvamento entraram em Lisboa com os outros dois, depois duma viagem de dezesseis meses, onze dos quais navegados pela Estrela do Sul. Américo Vespúcio usurpou a fama de Colombo, mas por quão pouco não antecipou a obra de Magalhães. Parece que a estação do ano foi a só coisa que o impediu de entrar no mar do Sul,[19] antes que Vasco Nunes de Balboa o avistasse.

1502
13 de fevereiro

Na primavera do ano seguinte tornou Américo a sair de Lisboa com seis navios. O fim desta viagem era descobrir uma certa ilha chamada Melcha,[20] que se supunha ficar ao poente de Calicute, e ser tão famoso mercado no comércio da Índia, como Cádiz no da Eu-

1503
10 de maio: Segunda viagem de Vespúcio e primeiro estabelecimento no Brasil

ropa. Passaram Cabo Verde, e então contra a opinião de Vespúcio e de toda a armada, teimou o almirante em velejar para Serra Leoa. Apenas chegaram à vista de terra, caiu rijo vendaval, que afastando-os da costa, os atirou três graus além da Linha, onde descobriram uma ilha. Vespúcio a descreve como alta e admirável, não excedendo duas léguas em comprimento, nem uma em largura, e sem sinal algum de ter sido jamais habitada. Abundavam ali a lenha e a água, e as aves terrestres e marinhas.[21]

A quatro léguas desta ilha bateu a capitânia num cachopo, Acudiram as outras naus a socorrê-la e o almirante ordenou a Américo, que deixando o seu próprio navio, que com nove homens a bordo o estava ajudando a safar-se, fosse com outro mais pequeno à ilha em busca de um porto, onde se recolhesse a armada, e que então se lhe entregaria outra vez o comando da sua nau. Tomou Vespúcio metade da sua tripulação e não tardou a descobrir um porto excelente, onde se deixou ficar oito dias, esperando debalde a frota. Afinal, quando já a sua gente se havia despedido de toda a esperança, avistaram uma embarcação e saíram-lhe ao encontro. As novas, que tiveram, foi que a almiranta, nau de trezentas toneladas, na qual consistia toda a força da expedição, estava inteiramente perdida, com tudo quanto levava exceto a gente. Sabido isto, voltaram à ilha, meteram lenha e água, mataram as aves que quiseram, e, seguindo as suas instruções, singraram para a costa de Santa Cruz, como ela então se chamava. Depois duma derrota de trezentas léguas, corridas em dezessete dias, chegaram a terra firme,[22] onde encontraram um porto, que chamaram de Todos os Santos,[23] no qual ficaram mais de dois meses, esperando sempre pelo resto da frota. Perdida de tornar a vê-la toda a esperança, foram costeando duzentas e sessenta léguas para o S., tomando então outra vez terra em 18° lat. S. e 35 ° long. O do meridiano de Lisboa. Ali permaneceram por cinco meses, vivendo em bons termos com os indígenas, com os quais alguns dos portugueses penetraram quarenta léguas pelo sertão, e levantaram um forte, onde deixaram vinte e quatro homens, que se haviam salvado da nau almiranta. Deram-lhes doze arcabuzes além doutras armas, e mantimento para seis meses, e carregados de pau-brasil[24] voltaram a salvamento a Lisboa, onde foram recebidos com grande alegria, como gente que havia muito se reputava perdida. De nenhum dos

28 de junho 1504

outros navios se tornou mais a saber. Vespúcio diz que eles se perderam por presunçosa toleima do almirante, pelo que pede a Deus lhe dê condigna recompensa.[25]

Am. Vesp., *Naveg.* 4. In Grynaeus, pág. 158

Deve-se pois ao comandante desta expedição a honra do primeiro estabelecimento no novo país descoberto. Não consta porém que a isto se prestasse então maior atenção. Nenhum ouro se encontrara, nem a terra produzia artigos de comércio, que pudessem parecer dignos da consideração dum governo, cujos cofres regurgitavam do produto do tráfico das especiarias e das riquezas das minas africanas. Mas o carregamento de pau-brasil,[26] que Vespúcio trouxera, tentou alguns aventureiros particulares, que se contentavam de lucros pacíficos, a ir ali buscar a preciosa madeira, e este comércio tão conhecido se tornou, que todo o país tomou o nome de Brasil,[27] apesar do outro mais santo, que Cabral lhe dera. Também se levaram ao reino macacos e papagaios para as senhoras.[28] A estes negociantes muito convinha ter agentes entre os indígenas, nem faltariam aventureiros, que voluntários fossem residir entre selvagens amigos, em país farto e delicioso, onde nenhum jugo sentiram.

Toma o país o nome de Brasil

Não foram estes os únicos colonos. Portugal tomara posse do Brasil, e estava resolvido a conservá-lo. Era sistema do governo português tirar dos criminosos algum proveito para o estado: sistema excelente, sendo bem regulado, e que neste reino se originou evidentemente da exigüidade do território e da falta de população, para execução de seus ambiciosos planos. Até então tinham sido degradados[29] para as fronteiras da África e mais recentemente também para a Índia. Assim colocados não há dúvida que serviam ao estado, mas não eram sem pesadas desvantagens estes serviços. Os crimes ordinários que com esta pena se castigavam, eram os de sangue derramado e de violência, e os instintos ferozes que levavam à perpetração destes delitos, não se haviam provavelmente de corrigir, postos os delinqüentes em situações em que podiam entregar-se a eles impunemente, considerando-se como meritórios os atos sanguinários. E ampliou-se este sistema imediatamente ao Brasil, sendo dois criminosos os primeiros curopeus que se deixaram nas suas praias. Para a África ou para a Índia mandava-se o degradado fazer serviço militar com os seus patrícios, que não o haviam de olhar como in-

Enviam-se criminosos para servir no Brasil

famado, pois que com ele tinham de associar-se. Ser degradado para o Brasil, era pena mais pesada; ali não se enriquecia com os azares da guerra, nem havia esperança de voltar à pátria honrado por algum serviço assinalado. A certo respeito iam estes degradados melhor aquinhoados, pois que em colônias novas têm os homens ordinários mais valor do que em outra parte, mas tornavam-se piores súditos. O seu número estava em proporção maior para o dos bons colonos, e assim mais provável era que medrassem em iniqüidade, do que os reformasse o bom exemplo, que comunicassem o mal, do que aprendessem o bem. As suas relações com os selvagens não produziram senão males: todos se tornaram piores; os antropófagos adquiriram novos meios de destruição, os europeus novas práticas de barbaridade. Estes perderam esse horror humano aos banquetes sanguinários,[30] que, malvados como eram, haviam sentido ao princípio: aqueles esse respeito e veneração duma raça superior, sentimentos que em bem de todos tanto se podiam ter cultivado.

NOTAS DO CAPÍTULO I

1. Os Pinzons eram naturais de Palos e excelentes marinheiros. *Herrera,* I**,** 1, 10.
2. Não cabe a Pinzon esta glória, e sim a Alonso d'Hojeda, que em fins de junho de 1499, acompanhado de Américo Vespúcio, e do piloto biscainho João de la Cosa, descobriu uma terra alagada aos cinco graus ao sul da linha equinocial, que julgava-se estar na embocadura do rio dos Pivanhas, ou do Apodi. (F.P.)
3. Américo Vespúcio em carta a Lorenzo di Pier Francesco dei Medici e que, a seguir, transcrevemos na integra, descreve esta viagem, em que fica evidenciado que Hojeda precedeu a Pinzon, pois que aqui esteve em junho de 1499. Pinzon partiu de Palos em novembro de 1499 e chegou às terras ao sul do Equador em janeiro de 1500. Ambos precederam a Cabral. Esta, no dizer de Capistrano de Abreu, é a solução cronológica. "Sociologicamente falando, os descobridores do Brasil foram os portugueses." (Tese de concurso à cadeira de História do Brasil do Colégio Pedro II, 1883). (P.B.B.)
4. *Una barra de dos palmos dorada,* diz Herrera e outro tanto narra Gomara. Não era possível empregar melhor isca, mas não consta que os indígenas do Brasil fizessem uso de ouro, nem dele tivessem conhecimento; menos provável ainda é que a arte de dourar lhes fosse familiar.
5. A origem do nome Maranhão tem sido objeto de discussão. O P. Manuel Rodrigues supôs que vinha das muitas *maranhas* ou embustes ali praticadas por um célebre Lopo de Aguiar. Mais tarde foi ele buscar a etimologia às palavras *mara* (amarga) e *não,* como quem dissesse que as águas daquele mar não são amargas. O nome encontra-se na narração mais antiga das viagens de Pinzon, e era provavelmente o de alguém que fazia parte da expedição, talvez do primeiro que provou aquelas águas, ou descobriu que eram dum rio. Vieira considera a palavra como aumentativo de mar. *Por isso,* diz ele, *os naturais lhe chamam Pará, e os portugueses Maranhão, que tudo quer dizer mar e mar grande (Sermões,* t. III, p. 409).
6. Lat. 1º 30' N. É o Oiapoc dos franceses, mas deveria conservar-se-lhe o nome de Pinzon. Foi este o limite primordial entre espanhóis e portugueses; e Carlos V mandou levantar um marco ali ao lado. Depois do estabelecimento dos franceses na Guiana só por tradição continuou este marco a ser conhecido; mas em 1729 descobriu-o um oficial de guarnição do Pará. *Berredo,* I**,** § 13, 14.
7. Equivoca-se o autor: a quarta-feira, o oitavário da Páscoa do ano de 1500 caiu a 22 e não a 25 de abril. (F.P.)
8. Esta espécie de boca suplementar causou muita impressão a Vaucouver, que encontrou na baía da Restauração, na costa ocidental da América.

   "Faz-se", diz ele, "uma incisão horizontal 340 de polegada abaixo da parte superior do lábio de baixo, atravessando inteiramente a carne de um canto da boca ao outro. Alarga-se depois gradualmente este orifício, para admitir um ornamento feito de madeira, que se ajusta bem à gengiva do queixo inferior, projetando-se horizontal-

mente à sua superfície externa. Estes ornatos são ovais, e côncavos de ambos os lados, variando o seu tamanho de duas polegadas até três e 4/10 de comprimento sobre uma e meia de largura. Estes hediondos enfeites são polidos com muito cuidado, mas dão a quem os traz um aspecto desnatural e repugnante, oferecendo um exemplo de desvario humano, que a razão se recusaria a acreditar, se os olhos o não vissem."
Langsdorff acrescenta que este adorno labial tem a vantagem ou desvantagem de tornar impossíveis os ósculos.

9. Azurara afirma (t. II, p. 12), que *todos* os índios bravos se deitam *sempre* nesta posição. Por muito que me custe o impugnar o testemunho positivo dum escritor digno de crédito, não posso deixar de reputar esta asserção demasiado genérica. A indicada posição é por certo a mais natural para quem dorme em rede, mas não assim para quem se deita em peles ou no chão.
10. Pero Vaz de Caminha, escrivão que ia na esquadra de Cabral para Calicute, e não propriamente *escrivão da armada,* como tem sido nomeado, deixou-nos o grande e magnífico documento da descoberta do Brasil pelos portugueses.
"As narrativas – escreve Leonardo Arroyo – dos escrivães das armadas constituíram-se sempre na primeira versão da história dos descobrimentos. Esse material, colhido ao vivo no teatro das dramáticas operações dos contactos com novas terras, novas gentes, lutas e sacrifícios, era ao depois largamente utilizado pelos cronistas como Afonso Cerveira e Azurara, além de outros, para escrever seus livros." (P.B.B.)
11. A primeira missa dita no Brasil não foi no domingo de Páscoa, e sim no da Pascoela, que se contava 26 de abril. (F.P.)
12. Esta cruz, ou outra que a representa, ainda se mostra em Porto Seguro.
13. *Como veremos em seu lugar,* diz Barros; mas a obra em que isto devia ver-se, ou não chegou a ser escrita, ou perdeu-se. Bem mostra esta expressão, que o grande historiador havia coligido materiais relativos ao Brasil de que já se não encontram vestígios.
14. Américo Vespúcio, "piloto e marinheiro mais instruído do seu tempo" (João Ribeiro, *História do Brasil),* aqui esteve nas primeiras expedições enviadas pela Coroa Portuguesa. Fora contratado como piloto. Na expedição de 1501, revelou logo que o Brasil não era uma ilha e sim um vasto continente. Na de 1503, que saíra de Portugal sob o comando de Gonçalo Coelho, teve papel bem mais destacado do que o de piloto. Perto da Ilha de Fernando de Noronha, naufragou a nau em que ia o capitão da esquadra, Gonçalo Coelho, e por ordem deste "Vespúcio foi à procura de um ancoradouro para a frota. Fundeou. Depois de oito dias de espera, resolveu levantar ferros. Avistou uma nau e seguiu com ela, depois de tomar água e lenha, rumo a sul-sudoeste. Após dezessete dias de navegação, Américo Vespúcio, finalmente, chegou ao litoral de Santa Cruz, atingindo-o na altura da baía de Todos os Santos, onde permaneceu dois meses e quatro dias. Navegou, em seguida, para o sul, chegando a porto distante duzentas léguas do interior. Permaneceu aí cinco meses e fundou fortaleza, onde deixou vinte e quatro homens. Fez, igualmente, uma *entrada* pelo sertão, em companhia de trinta homens. Carregado de pau-brasil,

chegou a Lisboa de volta após setenta e sete dias de travessia, a 18 de junho de 1504." (Vicente Tapajós, *História do Brasil).*

Em Fernando de Noronha, Vespúcio separou-se de Gonçalo Coelho e teve que seguir sem o capitão, que tomou outro rumo. Aí o florentino assume, de fato, o comando da esquadra. (P.B.B.)

15. Está hoje demonstrado que Américo Vespúcio acompanhou as primeiras expedições na qualidade de piloto, ou cosmógrafo, e não na de comandante, como pretende Southey. (F.P.)
16. Este instrumento tem-se tornado tão indispensável à felicidade dum selvagem, que o índio norte-americano, diz Adair, nunca deixa de trazer consigo um em todas as suas viagens, embora nada mais leve senão as suas armas.

    A posse de espelhos tornou-se fatal aos charokis, quando em 1738 rebentaram entre eles as bexigas. Os que escaparam à terrível enfermidade, vendo-se marcados e desfigurados, puseram pela maior parte um termo violento aos seus dias. E tinham sido os espelhos, de que cada um anda sempre munido, mirando-se nele a cada instante, que lhes haviam revelado a sua fealdade.
17. O *Navipraetor* ou *Navipraeceptor* o proibiu. Vespúcio dele se queixa, dizendo: *Et ita tam magnam ac tam gravem injuriam passi, cum malevalo animo et grandi opprobrio nostro, efficiente hoc Navipraeceptore nostro, impunitis illis abscessimus.* Parece pois que havia na esquadra alguém cuja autoridade era superior à de Vespúcio. *Grynaeus,* pág. 156.
18. Depois de lhes ter feito este elogio, acrescenta Vespúcio na mesma página, que na sua lubricidade e na sua fome não respeitavam eles parentesco algum, por mais sagrado que fosse. Ainda que isto fosse verdade, nenhuns meios teria ele de averiguar. Mas pode-se sem hesitar asseverar que é falso, pois até agora ainda se não encontrou o homem em estado inferior ao de depravação.
19. Pelo menos teve ele essa intenção *Haesit mihi cordi rursum pera-grave eam orbis partem, quae spectat meridiem; et huic operí jam navando in expedito sunt liburnicae duae, ornamentis ac commeatibus ubertim communitae. Dum igitur proificiscar in orientem, iter agens pet meridiem. Noto vebar vento quo cum devenero, plura abs me fiant in decus et glorium Dei, necno patriae emolumentum, et mei nomin aeternitatem, et in primis in senectutis meae, quae jam prope appeti, honorem et levamen.* Am. Vesp. 114.
20. Devia ser Malaca.
21. A ilha de S. Mateus corresponde em latitude a esta descrição, mas fica muito mais longe da costa do Brasil. Há perto da de Fernão de Noronha uma ilha pequena, que também corresponde em latitude, mas que pelo contrário fica perto demais da mesma costa. Esta insuperável dificuldade passou desapercebida para o autor do *Elogio Histórico*, que afirma ter sido a ilha de Noronha.
22. É notável que Vespúcio, depois de ter previamente descoberto tão prodigiosa extensão de terra, continue a chamá-la ilha.
23. Parece ser a Bahia, ainda que a sua descoberta se atribui mais tarde a Cristóvão Jacques.

24. A primeira vez que esta palavra se acha empregada, segundo Muratori, é no ano de 1128 num tratado entre os povos de Bolonha e Ferrara, no qual figura numa resenha de mercadorias a *Grana de Brazile.* Parece que esta madeira vinha então das ilhas Malaias, e era um dos artigos do comércio do mar Vermelho.
    Os tupis chamam a árvore *Araboutam* e com lavadura da sua cinza sabem dar uma cor vermelha muito durável.
25. Morrer afogado não lhe parece pois castigo bastante. É quase fora de dúvida que este almirante, de quem ele fala com tanta aspereza, era Gonçalo Coelho. Saiu em 1503 para Santa Cruz com seis navios, dos quais se perderam quatro, por falta de conhecimento da costa. Os outros voltaram carregados de pau-brasil, macacos e papagaios, únicos artigos do comércio deste país que já então se conheciam. É a isto que se reduz o que diz Damião de Góis (1, 65). Concordando ela, como se vê, na data, no número de navios que saíram, e no dos que se perderam, não hesito em identificar a sua narração com a segunda viagem de Américo Vespúcio ao Brasil. Antônio Galvão faz menção da viagem de Vespúcio, mas não da de Coelho, o que confirma ainda esta opinião. Rocha Pita fala de ambas, mas em pontos duvidosos não vale nada a sua autoridade.
    Simão de Vasconcelos (*Crôn. da Comp. de Jesus do Estado do Brasil*, I, 1, das Not. antecedentes, § 19) engana-se muito na relação que faz: diz que Coelho voltou com quatro navios, tendo cuidadosamente examinado a costa, e colocado marcos por toda a sua extensão, e que não voltou senão depois da morte de D. Manuel.
    O autor do Ms. *Elogio Histórico* chama o comandante *Il Maggi,* nome tão imaginário, como a intenção que ele lhe atribui de ter procurado a morte de Vespúcio.
26. Olímpio da Fonseca Filho, nos seus comentários sobre o Livro Quarto da *História Natural do Brasil Ilustrada,* de Guilherme Piso, escreve:
    "O *pau-brasil,* também denominado *pau de Pernambuco, ibirapitanga, imirapitanga, imirapiranga,* é a *Caesalpina echinata* Spreng. *(Guttillandina echinata* Spreng; *Caesalpina vesicaria* Veloso; *C. obliqua* Vog.). Ao que parece desde a Idade Média e, portanto, antes da descoberta da América, se conhecia na Europa, sob o nome de pau-brasil uma madeira importada da Índia e empregada em marcenaria e em tinturaria. Depois da descoberta do Brasil, esse pau de origem asiática foi cedo deslocado pelo proveniente da América, que chegava à Europa por preço muito inferior. Assinala-se o ano de 1501 como aquele em que teve início e comércio do pau-brasil do Novo Continente. Foi ele organizado pelo cristão-novo Fernão de Noronha, que naquele ano ou pouco depois arrendou a exploração desse negócio pelo prazo de dez anos, pagando à coroa portuguesa a soma de 4000 ducados por ano. De qualquer modo, já em 1503 há referências aos embarques de pau-brasil feitos durante a expedição de Gonçalo Coelho e Américo Vespúcio. Em 1511, a *Bretoa*, de propriedade de Fernando de Noronha, Bartolomeu Marchieni, Benedito Morelli e Francisco Martins, carregou na zona de Cabo Frio 5000 toros de pau-brasil. Em 1527, três embarcações bretãs eram destruídas pela esquedra de Cristóvão Jacques na Bahia de quando embarcavam pau-brasil."

O pau-brasil foi o primeiro produto a ser contrabandeado em grande quantidade dilatado tempo. (P.B.B.)

27. Esta alteração de um nome tão solenemente imposto, amofinou Barros mais que de costume, e mais do que era razoável. Atribuiu-a ele diretamente a obra do Demônio, e conjura todos os seus leitores pela Cruz de Cristo já que outros meios lhe falecem para vingar-se do Diabo que chamem a terra Santa Cruz, sob pena de pela mesma cruz serem acusados no Dia do Juízo. Além disto acrescenta que é um nome melhor do que o de Brasil, que sem consideração foi dado autorizado a pôr nomes aos senhorios da coroa, 1, 5, 2.

   Também Simão Vasconcelos lastima a mudança. Contudo Santa Cruz é um tão comum, e o de Brasil e seus derivados são felizmente tão doces que tanto por amor da geografia como da eufonia, antes nos devemos alegrar com a troca.

   O nome pegou talvez mais facilmente, por já terem os geógrafos antes posto em voga, parecendo contudo tão perplexos sobre o modo de dispor dele, como do famoso título de Preste João Hervas (T. 1, pág. 109) faz menção dum mapa da biblioteca de S. Marcos em Veneza, feito em 1439 por André Blanco, no qual se indica na extremidade do Atlântico uma ilha com o nome de *Ilha do Brasil*; outra chamada *Ilha da Antilha*, e uma terceira, na posição do Cabo de Santo Agostinho na Flórida com a estranha cognominação de *Isla de la mano de Satan axio*. Esta ilha do Brasil, supõe-na o autor do mapa uma das Terceiras.

   D. Cristobal Caldera, na sua resposta à memória de oito mapas sobre a descoberta da América, descreve cinco deles desenhados por Juan Ortis em Valença, mostrando com bons argumentos, que não poderiam ter sido feitos antes de 1496 nem depois de 1509. A quarta destas cartas contém as costas da Espanha, França, Holanda, Grã-Bretanha, e em 52º N. uma ilha dividida por um grande rio, e chamada Brasil. Daqui infere Caldera que o mapa foi feito depois da descoberta do Brasil por Cabral, mas muito pouco depois, aliás não teria sido este país tão erroneamente colocado.

   Contudo se era realmente o Brasil que se queria indicar, seria possível fazê-lo tão erradamente? E ter-se-lhe naquela época dado este nome?

   Entre vários povos vivia uma tradição relativa a uma ilha encantada, chamada Brasil. Era pois natural que apenas aparecesse um país a que se pudesse aplicar, se fixasse nele este nome, que até então andava vago e incerto, e daqui provavelmente ele prevaleceu sobre a denominação oficial, e até santificada pela sanção religiosa.

28. Não sei aonde Herrera foi achar que Joshuá tinha por armas três papagaios verdes, 6,3 11. Bocácio no seu conto da "Pena de Papagaio", que se mostrava como tendo sido da asa do anjo Gabriel, e por ele deixada cair no camarim da Virgem por ocasião da Anunciação, diz que a impostura podia achar fácil crédito, porque as delicadezas do Egito, que depois a haviam invadido, para a ruína o país, ainda não tinham penetrado na Toscana, nem o povo havia sequer ouvido falar em papagaios! Parece pois que no tempo do escritor eram vulgares estas aves na Itália. Dia 6, nov. 10.

29. É evidente que, para poder colonizar o Brasil, Portugal deveria lançar mão de condenados, os degredados. Mas não eram só degredados que vinham para cá, o que seria absurdo. Muita gente boa aqui chegou, trazendo a responsabilidade da admi-

nistração e da obra colonizadora. Haja vista os companheiros de Martim Afonso de Sousa, para apenas dar este exemplo, que eram colonos notáveis, valorosos.

Povoar um vasto continente, um território imenso como o do Brasil, exigia medidas as mais diversas e, por isso, que na Carta de Doação e Foral concedida a Duarte Coelho Pereira, consta:

"Atendendo el-Rei a que muitos vassalos, por delitos que cometem andam foragidos, e se ausentam para reinos estrangeiros, sendo aliás de grande conveniência que fiquem antes no reino e senhorios, e sobretudo que passem para as capitanias do Brasil, que se vão de novo povoar, há por bem declará-las couto e homizio para todos os criminosos que nelas quiserem ir morar, ainda que já condenados por sentenças até em pena de morte, excetuados somente os crimes de heresia, traição, sodomia e moeda falsa. Por outros quaisquer crimes não serão de modo algum inquietados; e passados quatro anos de residência na capitania, poderão vir ao reino a tratar de seus negócios, contanto que tragam guia do capitão, e sob condição de não poderem ir à corte nem ao lugar onde houvessem cometido o malefício, nem demorar-se no reino mais de seis meses, sob pena de lhes não valer o seguro. Voltando ao Brasil, e passados mais quatro anos, poderão vir outra vez ao reino, e assim sucessivamente, sempre com as mesmas condições." (José Câmara, *Subsídios para a História do Direito Pátrio.)*

No Código Filipino (1603), Livro Quinto, estão os delitos e as penas de degredo para o Brasil. (P.B.B.)

30. É praga esta, que sempre tem perseguido o Brasil e as demais conquistas deste reino, diz Baltasar Teles, *Crôn. da Comp.*, 3, 9,§ 2.

. . . .

Capítulo II

VIAGEM DE PINZON E SOLIS – DESCOBERTA DO RIO DA PRATA – OS FRANCESES NO BRASIL – HISTÓRIA DO CARAMURU – DIVIDE-SE O BRASIL EM CAPITANIAS – S. VICENTE – OS GOIANAIS – SANTO AMARO E ITAMARACÁ – PARAÍBA – OS GOIATACASES – ESPÍRITO SANTO – OS PAPANASES – PORTO SEGURO – OS TUPINIQUINS – CAPITANIA DOS ILHÉUS – BAHIA – REVOLUÇÃO NO RECÔNCAVO – SÃO EXPULSADOS – OS TOMAIARES – CERCO DE IGUARAÇU – EXPEDIÇÃO DE AIRES DA CUNHA AO MARANHÃO

1508
Viagem de Pinzon e Solis

POUCO depois da sua última viagem voltou Américo Vespúcio ao serviço d'el-rei de Castela, que julgou a propósito da costa por este grande navegante reconhecido debaixo da bandeira de Portugal. Neste instante fez sair os dois pilotos reais Vicente Yanez Pinzon e Juan Diaz de Solis, tomando-se precauções tais para evitar entre eles a discórdia que bem deixam ver quanto esta se receava. O rumo, que haviam de seguir, devia decidi-lo Solis, a quem a este respeito cumpria contudo consultar Pinzon e os melhores pilotos e marinheiros da expedição. Deviam os navios chegar à fala dias de manhã e à tarde, ou pelo menos à tarde sem falta,[1] segundo o costume. Era Solis que devia levar o farol, e antes da partida haviam de concordar ambos nos sinais perante tabelião. Em terra devolvia-se a Pinzon o comando.

Não deviam demorar-se em porto algum, enquanto não tivessem levado a descoberta o mais longe que se julgasse conveniente; e na volta traficariam e formariam estabelecimentos onde melhor parecesse. Acrescentou-se a cláusula que não tocariam em ilha ou terra firme, que pertencesse ao rei de Portugal.[2]

Herrera, 1, 7

Dobraram o cabo de Santo Agostinho, o mesmo que Pinzon descobrira primeiro; e foram costeando para o sul até 4º, tomando posse das terras e levantando cruzes onde quer que desembarcavam. Rebentaram as previstas dissensões, e ambos voltaram sem nada mais terem feito. Em conseqüência deste mau proceder abriu-se devassa, para saber-se de quem viera a falta, e o resultado foi ir Solis para o aljube da corte, e Pinzon ser galardoado.

Herrera, 1, 7, 9

Descoberta do Rio da Prata, 1508

Queixou-se o rei de Portugal desta viagem, como de violação dos seus limites. Pareciam as duas potências, entre as quais Alexandre VI tão generosamente repartira todas as partes do mundo não descobertas, ainda, estar de acordo sobre valer esta linha de demarcação contra todos, exceto contra elas. Até agora colhera Portugal o melhor quinhão desta divisão; e o fito principal, a que visava Castela, era haver parte nos prodigiosos benefícios do comércio de especiarias. À esperança, que originariamente guiara Colombo, de chegar à Índia pelo lado do ocidente, jamais se renunciara. Também Vespúcio cria que nesta direção se acharia caminho, e se o bom tempo houvesse continuado mais um pouco, quando ele navegava pela primeira vez por conta de D. Manuel, é mais do que provável que o estreito de Magalhães recordasse hoje seu nome. Estava agora descoberto o mar do Sul; crescera pois com isto o desejo de achar passagem por aí, e em 1515 o rei de Castela, apressando a partida, para que os portugueses não tivessem tempo de tolher-lhe a viagem, mandou Solis a outra expedição. Reconhecia-se agora que era este na sua arte o mais hábil de quantos viviam.

Descobriu ele o que a princípio tomou por um mar de água doce;[3] era o rio hoje dito da Prata, embora o descobridor lhe desse então o seu próprio nome, que se devera ter conservado. Convidaram-no os naturais a ir a terra, o que fez com a tripulação duma lancha, premeditando agarrar um e levá-lo à Espanha. A intenção dos selvagens era pior do que a dele, e foi melhor executada. Tinham emboscado uma

partida, que de improviso caiu sobre a tripulação, apoderou-se do batel, fê-lo em pedaços num instante, e a golpes de maça não deixou um vivo. Tomaram então às costas os cadáveres, levando-os para um sítio fora do alcance dos espanhóis, mas à sua vista, e ali, desmembrados e assados, os devoraram.[4] Passou-se esta trágica cena na margem do norte, entre Montevidéu e Maldonado, perto de um riacho, que ainda hoje tem o nome de Solis. Perdido assim o comandante, regressaram as naus ao cabo de Santo Agostinho, carregaram pau-brasil, e voltaram à Espanha.

Exigiu D. Manuel imediatamente, que lhe restituíssem os carregamentos destes navios, entregando-se-lhe as tripulações para serem punidas como contrabandistas.[5] Replicou-se que a paragem, onde haviam carregado, ficava dentro da demarcação de Castela, e que sete castelhanos, que os portugueses tinham aprisionado naquela costa, traficavam também dentro dos seus próprios limites, pelo que indevidamente eram retidos. Terminou a pendência com a troca destes prisioneiros por onze portugueses, que haviam sido presos em Sevilha. Não foram contudo inteiramente destituídas de resultado estas contínuas reclamações. Quando três anos depois tocou Magalhães[6] no Rio de Janeiro, nada quis comprar aos indígenas, senão provisões, para não dar motivos de queixa. Por um machado ofereceu-se um escravo, que já os selvagens haviam aprendido este tráfico, e oito ou nove aves se deram por um rei de paus, ou qualquer dos seus pintados companheiros.

Herrera, 2, 2, 8

Herrera, 2, 4, 10

Principiaram bem cedo os franceses a reclamar o seu quinhão nos tesouros das descobertas. O seu sistema comezinho de o obterem, era capturando os galeões, que voltavam da Índia; e muitas vezes a mais execrável crueldade acompanhava estes atos de pirataria. Debalde repetiam os reis portugueses queixas sobre queixas: demasiado fraco, e demasiado remoto para apoiar as suas reclamações, não obtinha Portugal outra satisfação senão a que por suas mãos podia tomar. As expedições francesas para o Brasil eram de caráter mais honrado. Sempre aquela nação, que jamais reconheceu outro direito que não fosse o do mais forte, nem sofreu que qualquer opinião ou qualquer princípio lhe contrariasse a ambição ou os interesses, tem tratado a autoridade pontifícia com respeito ou desprezo, segundo melhor convinha aos seus imediatos intentos. Descuidara-se a

Os franceses no Brasil

França de pedir a sua parte do mundo por descobrir, quando o repartiu Alexandre VI, a quem tanto custaria traçar duas linhas como uma; e como nenhuma vantagem tirava da partilha, recusou admitir-lhe a validade. Não tardou que navios franceses fossem ao Brasil à busca de madeira, papagaios e macacos. Descobriram dois destes barcos mercantes uma magnífica baía, das mais belas do mundo, e em que se presumia não haver ainda entrado navegante. Infelizmente para eles entrou ali logo depois uma frota portuguesa às ordens de Cristóvão Jacques, que a chamou baía de Todos os Santos,[7] e costeando todas as suas praias, e explorando todos os seus sacos, num destes encontrou os franceses, que sem demora passou a capturar como entrelopos. Resistiram eles, mas o português os meteu no fundo, cascos, tripulações e carga. Concluído isto, foi estabelecer uma feitoria mais para o norte na terra firme perto do banco de Itamaracá.

Aventuras de Diogo Álvares, ou Caramuru

O primeiro,[8] que na Bahia se estabeleceu, foi Diogo Álvares, natural de Viana, mancebo e fidalgo, que com o espírito empreendedor, que então caracterizava os seus conterrâneos, embarcara, buscando fortuna em terras estranhas. Naufragara ele nos baixos do banco da Bahia, que os naturais chamam Mairagiquigi. Parte da gente se perdera, e o resto só escapara àquela morte, para sofrer outra, mais horrível: os selvagens os comeram. Viu Diogo, que outra esperança lhe não restava de salvar a vida, senão tornando-se para estes selvagens o mais útil, que pudesse. Trabalhou pois em salvar coisas do casco naufragado, e com elas lhes granjeou as boas graças. Entre outros objetos teve a felicidade de trazer para terra alguns barris de pólvora e um mosquete, que ele na primeira ocasião que teve, pôs em estado de servir, depois que seus senhores voltaram à aldeia, e um dia, que se lhe ofereceu favorável oportunidade, na presença deles matou uma ave. Mulheres e crianças clamaram: "Caramuru! Caramuru"[9] que seria dizer homem do fogo, e disseram que ele as exterminaria todas, mas Diogo declarou aos homens, com cuja admiração se misturava menos medo, que iria com eles à guerra, e lhes mataria os inimigos. Pelo nome de Caramuru foi desde então conhecido. Marcharam estes índios contra os tapuias; adiante deles voou a fama do terrível engenho, e os inimigos fugiram. De escravo tornou-se Caramuru soberano. Os chefes dos selvagens se reputavam felizes, aceitando-lhes ele as filhas para

mulheres. Fixou Diogo a sua residência no lugar onde depois se ergueu Vila Velha, e bem depressa viu crescer em torno de si tão numerosa progênie como a de um antigo patriarca. As melhores famílias da Bahia vão entroncar nele a sua origem.

Vai Caramuru à França

Afinal veio à enseada um navio francês, e Diogo não quis perder o ensejo de tornar a ver o seu país natal. Carregou pois de pau-brasil aquela embarcação, e nela se meteu com a sua mulher favorita Paraguaçu (o Rio Grande). Não puderam as outras sofrer este abandono, embora devesse ser temporário, e algumas delas a nado se atiraram atrás do navio na esperança de serem recolhidas, seguindo uma tão longe, que ao voltar à praia, faltando-lhe as forças, se afogou. Foram os dois esposos recebidos com grandes honras na corte da França. Batizou-se Paraguaçu com o nome de Catarina, que era o da rainha de Portugal,[10] sendo padrinhos o soberano e a soberana da França. Celebrou-se em seguida o consórcio. De boa vontade voltaria Diogo a Portugal, mas não lho queriam consentir os franceses. As honras que lhe haviam feito não deviam ser gratuitas, e premeditavam eles empregá-lo em seus próprios domínios. Por mão de Pedro Fernandes Sardinha (mancebo então, que acabava de cursar os seus estudos em Paris, e que depois foi o primeiro bispo do Brasil) mandou ele porém a D. João III as informações, que o não deixavam levar pessoalmente, e exortou o rei a colonizar a deleitável província, onde ele próprio tão estranhamente havia vivido. Passado algum tempo, conveio com um abastado mercador em tornar a levá-lo, e deixar-lhe a artilharia e munições de dois navios, com cópia de coisas úteis para o tráfico com os indígenas, e ele lhe carregaria ambos os barcos de pau-brasil. Cumpriu-se lealmente o trato, e Diogo, restituído aos seus domínios, fortificou a sua pequena capital.[11]

Simão de Vasc., *Cr. da Comp.* 1, § 35. Brito Freire, § 135-138

Progressos dos colonos

Mas o governo português todo absorvido pelos negócios da Índia pouco pensava num país em que todos os benefícios que se colhessem deveriam provir da agricultura, e não do comércio com os naturais; e comércio era o que ele buscava com a mesma ânsia com que os espanhóis buscavam o ouro. Deixou-se o Brasil aberto como terreno maninho,[12] e todo o cuidado que lhe prestou a corte foi já por meio de representações feitas pelo embaixador em

Paris, e a que nunca se atendia, já tratando-os como inimigos, quando os encontrava, evitar que os franceses ali traficassem. Os particulares porém, entregues a si mesmos, se estabeleciam pelos portos e ilhas ao longo da costa, e vilas e aldeias iam surgindo.

Divide-se o Brasil em capitanias

Por cerca de trinta anos ainda depois da sua descoberta foi assim descuidado o país; durante este tempo adquiriu ele importância bastante para merecer alguma consideração da corte, que, para favorecer-lhe a colonização, adotou o plano que tão bom efeito surtira na Madeira e nos Açores, o de dividi-lo em capitanias hereditárias, concedendo-as com alçada no crime e no cível de jurisdição tão ampla, que de fato se tornava ilimitada, a pessoas que quisessem aventurar na empresa meios suficientes. Pareceu este sistema o mais fácil e o menos dispendioso ao governo. A diferença entre ilhas desertas e um continente povoado, não se metera em conta. Os capitães de ilhas facilmente podiam colonizar terras, onde nenhuma oposição encontravam, e sem dificuldade se socorriam mutuamente quando o pedia o caso; se lhes falhavam os meios, fácil lhes era contrair empréstimos até em Portugal, que tão perto ficavam aquelas partes, que quase se olhavam como dentro do reino. Mas quando D. João dividiu a costa do Brasil em grandes capitanias, cada uma de cinqüenta léguas pouco mais ou menos de extensão à beira-mar, grandes tribos selvagens ocupavam o país; Portugal ficava longe, e os estabelecimentos tão distantes entre si, que um não poderia socorrer o outro.

Manuel Severino de Faria. *Vida de João de Barros*, **pág. 15**

Capitania de S. Vicente

O primeiro que duma desta capitanias tomou conta, foi Martim Afonso de Sousa[13] cujo nome ocorre freqüente na história da Índia portuguesa, de que mais tarde foi governador, o varão famoso nos fastos da Igreja católica por ter levado ao Oriente S. Francisco Xavier. Ele e o irmão Pedro Lopes de Sousa, obtida para cada um a sua capitania, ajuntaram considerável armamento, com que foram explorar o país, e fundar em pessoa os seus estabelecimentos. Principiou Martim Afonso por examinar a costa algures perto do Rio de Janeiro, a que deu o nome por tê-lo descoberto no primeiro dia daquele mês,[14] e prosseguindo para o sul até ao Prata, foi nomeando os lugares que de caminho explorava, pelos dias[15] em que fazia as descobertas.[16]

Bem explorada a costa, escolheu para sede do seu estabelecimento uma destas ilhas, que como Goa estão separadas da terra firme por um braço de mar. A sua lat. é 24½ S., e seu nome indígena Guaíbe, assim chamada duma árvore que ali crescia em grande abundância. Quando os índios dos lugares circunvizinhos o viram ali principiar a edificar, confederaram-se para expulsar os invasores, pedindo auxílio a Tibiriçá, chefe que dominava nas planícies de Piratininga, e que entre a sua tribo era o mais poderoso. Sucedeu que um português náufrago por nome João Ramalho vivia havia muito anos debaixo da proteção deste régulo, que lhe dera uma de suas filhas. Ramalho logo viu que os novos vindos deveriam ser seus conterrâneos, talvez alguma armada, que indo para a Índia, ali fosse dar pela força do temporal. Persuadiu o seu protetor a socorrê-los em vez de atacá-los, e indo ter com Martim Afonso e os goianases concluiu um tratado de aliança.

Anais do Rio de Jan. Mss. C. 1

Em muitas circunstâncias essenciais se distinguia de seus selvagens vizinhos esta tribo. Observava ela uma prática lutuosa que lhe era peculiar: quando morria alguém enforcava-se um certo número dos seus amigos ou parentes, pessoas do mesmo sexo, e quanto era possível da idade do falecido, para que no outro mundo tivesse companhia adequada. Se não se ofereciam bastantes vítimas voluntárias, à força se preenchia o número. Por morte dum chefe, sacrificavam-se os seus vassalos e não os seus parentes. Não observavam porém os goianases outro rito algum cruel. Viviam em cavernas subterrâneas onde tinham fogo a arder de dia e de noite: não era pois para se esconderem que eles preferiam estas incômodas habitações. Dormiam em cima de peles e camas de folhas e não em redes. Nem cultivavam a terra, nem criavam animais, fiando-se inteiramente na pesca, na caça e nas frutas silvestres para seu sustento. Os carijós lhes entendiam a língua, que era diversa da dos tamoios, e com ambos estavam eles em guerra. Era uma raça simples, fácil em acreditar tudo, e pois que tratava sempre os portugueses onde quer que os encontrava, podemos com razão presumir que os primeiros colonos se não portariam mal com ela. Conheceu-se que não fora bem escolhido o primeiro lugar para assento da cidade, e os colonos mudaram-se para a vizinha ilha de S. Vicente, donde veio o nome à capitania.

Os goianases

Notícias do Brasil **Mss. L. 1, c. 63**

Gaspar da M. de Deus, 1, § 58

Anais do Rio de Jan. Mss. C. 10 *Not. do Brasil,* **Mss. 1, c. 60, Sim. de Vasc. C. 1, § 61**

Fez Martim Afonso uma malograda expedição[17] para o sul pelo sertão dentro em busca de minas, voltando com a perda de oitenta europeus. A todos os outros respeitos foi afortunada a sua colônia. Aqui se plantaram as primeiras canas-de-açúcar,[18] aqui se criou o primeiro gado e daqui se proveram de uma e outras coisas as demais capitanias. Se a honra de haver introduzido a cana no Brasil reverte ao fundador da colônia, ninguém o diz; se houvera sido uma batalha ou uma carnificina teria sido consignada para memória eterna. Quem assim beneficia a humanidade, é deificado numa idade de selvageria; noutra de ilustração recebe o devido tributo de louvor; mas em todos os graus intermediários de barbaria e semibarbaria passam desapercebidas estas ações. Chamado por el-rei depois de algum tempo, teve Martim Afonso de ir à Índia; mas quando voltou a Portugal, de lá se mostrou solícito pela prosperidade da sua capitania, mandando-lhe colonos e socorros, e em estado florescente a transmitiu por morte a seu filho.

Plantam-se as primeiras canas-de-açúcar

Trigo e cevada, diminuto consumo tinham, onde tanto agradava o sustento do país; o pouco grão que se colhia era para gulodices e hóstias. Fabricava-se aqui marmelada, que se mandava para as outras capitanias. Encontraram-se aqui ostras de tão desmarcado tamanho, que suas conchas servem de pratos, e uma vez quando um bispo da Bahia visitou esta província, em uma delas lhe lavaram os pés, como numa bacia.

Notícias, **Mss. 1, 62**

Toda a costa é mui abundante de crustáceos que os indígenas em certas estações vinham do interior a recolher: construíam seus ranchos em algum lugar enxuto entre as florestas de mangues, vivendo unicamente de peixes por todo o tempo da pesca, cujo produto, secando-o, consigo levavam. Tanto havia durado esta prática, que das conchas se haviam formado ostreiras, sobre as quais, acumulando-se a terra, tinham nascido e crescido árvores até perfeita madureza. Estas eminências, chamadas ostreiras, têm fornecido toda a cal que desde a sua fundação até ao dia de hoje se tem empregado na capitania. Em algumas delas se transformam as ostras em pedras calcárias, noutras não mudam de forma: freqüentemente se encontram ali instrumentos e vasos de barro quebrados dos índios e poços dos mortos,

Gaspar da M. de Deus, 1, § 29, 30

pois os que pereciam durante a estação da pesca eram atirados para estes montes e cobertos de ostras.

Sto. Amaro e Itamaracá

Foi Pero Lopes de Sousa menos afortunado que seu irmão. Preferiu ele ter em duas datas as suas cinqüenta léguas de costa. Uma, que tomou o nome de Santo Amaro, confinava com São Vicente, acercando-se tanto do estabelecimento principal, que entre as duas vilas não mediavam mais de três léguas de modo que se não pertencessem a dois irmãos, mal teriam se dado uns com os outros os respectivos colonos. Enquanto assim estiveram as coisas para todos foi de vantagem a vizinhança; entre os quais se não davam os mesmos laços, tornou-se isto coisa de intermináveis litígios. Itamaracá, a outra data, ficava entre Pernambuco e Paraíba, muitos graus mais perto da Linha. Aqui teve Pero Lopes alguns duros conflitos com os pitiguares, que o sitiaram na sua cidade; mas afinal logrou repeli-los das vizinhanças. Pouco depois pereceu num naufrágio.

R. Pita, 2, § 106

***Notícias*, Mss. 1, c. 14, 61**

B. Teles, C. C. 3, 1, 5

Paraíba

Companheiro de Pero Lopes, com quem naufragara no rio da Prata, tinha sido um fidalgo, por nome Pedro Góis, nem isto nem o desastroso fim do amigo o fizeram perder o ânimo. Gostou do Brasil e pediu uma capitania quando el-rei delas estava dispondo com mão tão pródiga. Parece que não gozava ele de grande influência na corte, pois que lhe restringiram a concessão a trinta léguas de costa, entre as capitanias de S. Vicente e do Espírito Santo, e se o espaço duma à outra não se estendesse tanto, com o que fosse, se contentaria. Empregou Pedro Góis toda a sua fazenda nesta empresa e ainda um certo Martim Ferreira, que ali pretendia fundar engenhos de açúcar por conta de ambos, adiantou muitas mil coroas. Fez-se a expedição de vela para o rio Paraíba do Sul, engenhos de açúcar por conta de ambos, adiantou muitas mil onde Góis se fortificou, e pôs à sua capitania o nome de S. Tomé, vivendo dois anos em paz com os goiatacases. Rebentou então a guerra, que durou cinco anos com grande perda para ele: fez-se a paz, que os selvagens não tardaram a romper, pois que nenhum motivo há para supor que neste caso fossem agressores os portugueses, tão interessados na guarda do tratado. Fracos e inteiramente desanimados estavam os colonos: começaram a clamar

***Notícias*, Mss. 1, 44**

que se abandonasse o estabelecimento, e Góis teve de ceder a seus clamores. Do Espírito Santo se obtiveram navios para conduzi-los, e extinguiu-se o nome da capitania.

Os goiatacases

Era a tribo, que expeliu Góis, provavelmente do mesmo tronco dos goianases,[19] e como eles não devoravam os seus prisioneiros, eram mais formosos que os outros selvagens, e o seu idioma, dizem, mais bárbaro, o que talvez queira dizer que alguns dos seus sons eram de mais difícil pronúncia. Raça valente, não se batiam nas selvas nem de emboscada, mas em campo raso. A nado se atiravam ao mar, levando na mão um pau curto, agudo em ambas as pontas, com esta arma atacavam um tubarão, metiam-lhe na goela, sufocavam-no, puxavam-no para terra, comiam-lhe a carne, e dos dentes faziam ponteiras para as suas setas.

Notícias, **Mss. 1, 45**

Espírito Santo

Confinava então a capitania do Espírito Santo com a de Santo Amaro, pois que a do Rio de Janeiro só mais tarde foi colonizada. Havia ela sido pedida e obtida por Vasco Fernandes Coutinho, fidalgo que, tendo passado os melhores anos da vida na Índia, onde juntara uma fortuna, toda a arriscou e perdeu nesta tentativa de colonização. Deviam os seus limites principiar onde pelo sul terminassem os de Porto Seguro. Aparelhou ele mui grande expedição, em que se embarcaram não menos de cinqüenta fidalgos e homens da casa real. D. Simão de Castelo Branco e D. Jorge de Meneses com ele foram como degradados. Chamavam a este último O das Molucas, onde fora governador. Não poucas crueldades praticavam então os portugueses nas ilhas de especiaria, e para que um homem abastado de boa família por elas fosse degradado, grandes deviam ser as atrocidades que cometera. Próspera foi a viagem, e chegados ao lugar do seu destino, começaram os colonos a edificar uma vila, que tomou o invocação de N. S. da Vitória, ainda antes de se pelejar a batalha. Não tardou porém que o nome assaz se justificasse, e os goianases, os primeiros inimigos que se apresentaram, foram, como todos, derrotados nos primeiros conflitos. Com ardor se prosseguiu na edificação; plantaram-se canas, estabeleceram-se engenhos de açúcar, e Coutinho, vendo que tudo assim lhe prosperava, foi a Lisboa recrutar mais colonos e procurar materiais e instrumentos para uma expedição terra a dentro em busca de minas.

Os papanases

Haviam os papanases sido senhores da costa desta capitania e da imediata, mas os goitacases e tupiniquins[20] os tinham repelido. O idioma dos papanases era apenas entendido por estes inimigos, apesar das suas longas guerras. Eram caçadores e pescadores, e dormiam no chão em cima de folhas. Se um deles matava outro, era entregue aos parentes do morto, e na presença dos de ambas as partes imediatamente estrangulado e enterrado. Todos faziam clamorosas lamentações no ato da execução; e depois banqueteavam-se e bebiam juntos por muitos dias, até que da inimizade não restava vestígio. Ainda que a morte tivesse sido acidental, o castigo era o mesmo. Se o delinqüente se evadia, era o filho, a filha, ou o parente mais chegado em sangue, em seu lugar, mas o substituto em lugar de perder a vida, ficava sendo escravo do herdeiro do morto.

Notícias, **Ms., 1, 46**

Porto Seguro

A vizinha capitania de Porto Seguro foi dada a Pedro do Campo Tourinho, natural de Viana da Foz do Lima, de família nobre, e intrépido navegante. Vendeu quanto em Portugal possuía, para aventurá-lo nesta empresa, e embarcou com mulher e família e grande número de bons colonos, como os chamam, e como sem dúvida merecem ser chamados, se eles todos os recrutou na sua própria província, o que é provável. Tomaram terra no porto onde supunham que Cabral tomara posse do Brasil, e ali se fortificaram num lugar, que guarda o nome de Porto Seguro, e que ainda é a capital da capitania.[21] Opuseram os tupiniquins ao princípio alguma resistência. Senhoreavam o país desde o rio Camamu ate ao Circara, numa extensão de quase cinco graus; e nesta e nas duas capitanias confinantes tiveram os primeiros colonos de disputar-lhes o terreno. Não tardou porém que se fizesse a paz e os tupiniquins lealmente a guardaram. Andavam às vezes em guerra com os tupinais, mas, oriundas do mesmo tronco, não se olhavam estas tribos como inimigas naturais e perpétuas, e considerados como meras circunstâncias acidentais, não deixavam estes conflitos após si o ódio; afinal numa só se fundiram as duas nações. De todos os indígenas brasileiros passam estes por terem sido os mais mansos e fiéis, infatigáveis e valentes. Aos dos tupinambás se assemelhavam os seus hábitos e linguagem; mas havia

B. Teles, C. C. 3, 1, § 6

1531

Os tupiniquins

tanto que eles se tinham separado, que do tronco comum nenhuma memória restava, e inimizade de morte os dividia. Eram os tupinambás os mais poderosos; apertados por eles dum lado, do outro pelos terríveis aimorés, e aproveitando menos com a amizade dos portugueses do que sofrendo da sua tirania, pouco a pouco foram abandonando as suas terras. Jamais faltaram homens que erguessem a voz contra o cruel proceder dos seus patrícios; mas tão geral era a culpa, que nacional se tornou o delito.

Não cabe a Tourinho esta pecha; possuía influência bastante sobre os indígenas para reuni-los em aldeias, e bem se deixa ver daqui que os tratava bem e prudentemente. Estabeleceram-se engenhos de açúcar com tão feliz resultado que produziam quantidade não pequena que exportar para a mãe pátria. Não se pôde ali criar gado bovino por causa duma erva, que se diz lhe fazia hemorróidas, de que morria;[22] contudo cavalos, jumentos e cabras nada sofriam disto. A doença não era provavelmente imputada à verdadeira causa.

Notícias, **Mss. 1, 36.**

Ilhéus

Deve a capitania das Ilhas[23] o seu inaplicável nome ao *Rio dos Ilhéus,* assim chamado porque na foz lhe ficam três ilhas. Foi Jorge de Figueiredo Correia, escrivão da fazenda d'el-Rei D. João III, o seu primeiro donatário. O ofício, que servia, lhe tolhia ir em pessoa tomar posse da sua concessão, pelo que mandou por si um cavaleiro castelhano, de nome Francisco Romero. Fundeou este no porto de Tinharé e principiou a sua nova vila no morro de S. Paulo, donde contudo depois julgou avisado removê-la para a sua atual situação. Chamou-se primeiramente S. Jorge, em honra do senhor da terra; mas a mesma imprópria denominação que havia sido dada à capitania não tardou a aplicar-se à sua capital. Fáceis foram os tupiniquins em fazer a paz com os novos colonos, e sendo de todas as tribos brasileiras a mais tratável com eles viveram em termos amigáveis, e bem depressa prosperou o novo estabelecimento. O filho do originário donatário da capitania a vendeu a Lucas Giraldes, que em melhorá-la despendeu avultado cabedal, com que tanto a fez florescer, que não tardaram a ver-se ali trabalhar oito ou nove engenhos de açúcar.

Notícias, **Mss. C. 3, § 53, 54**

Sim. de Vasc., *C. C.*
Bahia
1531 a 1540

Toda a costa, desde o caudaloso rio de São Francisco até a ponta do Padrão da Bahia, foi doada a Francisco Pereira Coutinho, fidalgo que se distinguira no serviço da

Índia, e mais tarde se acrescentou à concessão a própria baía com todas as suas enseadas. Fixou ele o seu estabelecimento sobre a baía no sítio agora dito *Vila Velha,* onde foi a residência do *Caramuru.* Com duas filhas deste se casaram dois dos seus companheiros, que eram de boa casa, e como por amor se afeiçoaram os índios aos portugueses, tudo foi bem.

Notícias, **Mss. 1, 28. Sim. de Vasc.** *C. C.* **1, § 34**

É a baía de Todos os Santos, onde mais tarde se erigiu a capital do Brasil, inquestionavelmente um dos melhores portos do mundo. Aqui como no Rio de Janeiro, sobre a mesma costa parece o mar ter entrado pela terra dentro; ou, o que é mais provável, algum lago grande, rompendo a sua barreira, se abriu caminho para o oceano. A entrada, que mede quase três léguas de largo, olha para o sul, tendo o continente à direita, e a comprida ilha de *Itaparica* à esquerda. Quem por ela penetra vê-se numa enseada que para o norte e poente se alarga na extensão dum grau, e que insinuando-se em todas as direções, por toda a parte forma seios, onde as ondas dormem tranqüilas e profundas. Muitos rios navegáveis ali vão desaguar, e mais de cem ilhas salpicam este novo mediterrâneo.

J. de Laet, 15, 22. Sim. de Vasc. *C. C.* **1, § 28. Lindley, pág. 239**

Revoluções no Recôncavo

Guardavam os indígenas memória de três revoluções neste recôncavo, como se denomina a baía com todos os seus golfos e sacos. Até onde lembrança de homem podia remontar entre selvagens, possuíam-no os tapuias; mas sendo esta parte do Brasil a todos os respeitos um dos lugares formosos debaixo do céu, era também um país por demais apetecido para ser gozado em paz, onde a lei do mais forte era o único direito. Expeliram-nos pois os tupinais, que por muitos anos na posse do terreno se mantiveram, sofrendo sempre pelo lado do interior a guerra dos antigos senhores do solo. Afinal vieram da outra margem do rio de São Francisco tupinambás, que da mesma forma expulsaram os tupinais, os quais arremessando-se sobre os tapuias, de novo os levaram adiante de si. Eram estes últimos conquistadores os que senhoreavam o país ao chegarem os portugueses: mas tinham brigado entre si. Os que habitavam entre os rios S. Francisco e Real viviam em mortal inimizade com os que ficavam mais perto da baía, e os dum lado desta

Notícias, **Mss. 2, c. 50-51**

com os do outro; hostilizavam-se por mar e por terra e de parte a parte devoravam os prisioneiros.

Rebentou novo conflito entre os que habitavam do lado oriental da baía: foi causa a que em idades bárbaras, heróicas ou semibárbaras tanta matéria tem fornecido à história e à poesia. A filha dum cacique fora roubada contra vontade do autor de seus dias; recusou o roubador restituí-la, e não sendo arroz poderoso para compeli-lo, retirou-se o pai com toda a sua horda para a ilha de Itaparica. A ele se reuniram sendo assaz poderoso para compeli-lo, retirou-se o pai com as tribos do rio Paraguaçu, e entre os dois bandos se travou guerra de morte. Das freqüentes emboscadas e conflitos de que foi teatro, tira o seu nome a *Ilha do Medo.* Multiplicaram-se espalhando-se por toda a costa dos Ilhéus os emigrados, e com todo o seu rancor se perpetuou a guerra.

Expulsão de Coutinho

Tal era na Bahia o estado das coisas entre os tupinambás, quando Coutinho ali fundou o seu estabelecimento. Tinha o fidalgo servido na Índia, que não era escola onde se aprendesse a humanidade, nem a prudência política. O filho dum dos chefes indígenas foi morto pelos portugueses; não nos transmitiu a história a narração das circunstâncias deste ato, que foi injusto. Caro pagou Coutinho o seu crime. Aqueles ferozes selvagens, então os mais terríveis de todas as tribos brasileiras, queimaram-lhe os engenhos de açúcar, destruíram-lhe as plantações, mataram-lhe um filho bastardo, cortaram-lhe o abastecimento de víveres e até a água, de modo que as provisões lhe haviam de vir dos Ilhéus, e após uma guerra de mais de sete anos, obrigaram-no a ele e aos destroços da sua colônia, a abandonar o Recôncavo. Seguiu Caramuru a sorte dos seus compatriotas, com os quais se retirou para a vizinha capitania dos Ilhéus. Idos eles, principiaram os tupinambás a sentir a falta desses artigos que estavam já costumados a obter do tráfico, e que de objetos de luxo haviam deixado converterem-se em necessidades. Entabularam-se negociações, compuseram-se as coisas, e Coutinho embarcou para voltar numa caravela, e o Caramuru em outra. Dentro da barra naufragaram nos baixios de Itaparica; todos saltaram para terra, e todos ali foram traiçoeiramente trucidados. Só Caramuru e a tripulação do seu navio foram poupados, prova de quão assisadamente ele se houvera sempre para com os indígenas. Vol-

Jaboatão, § 104

tou para a sua antiga residência na baía.[24] A mulher e filhos de Coutinho não pereceram com ele; provavelmente tinham ficado nos Ilhéus, mas todos os despojos da Índia e patrimônio antigo estavam exauridos, e eles, vendo-se na miséria, tiveram de procurar asilo no hospital.

Notícias, **Mss. 1, 28. Sim. de Vasc.** *C. C.* **1, § 34**

Pernambuco

Por estes mesmos tempos se formou outra capitania, a de Pernambuco. Um navio de Marselha ali havia estabelecido previamente uma feitoria, deixando nela setenta homens, pensando manter a possessão. Mas o navio foi apresado na volta, e sabendo-se assim em Lisboa do ocorrido imediatamente se tomaram medidas, para reaver o lugar. O donatário Duarte Coelho Pereira o pediu em recompensa dos seus serviços na Índia. Concedeu-se-lhe a linha de costa entre os rios S. Francisco e Juraçá: foi ele próprio com mulher e filhos e muitos dos seus parentes principiar a colônia, desembarcando no porto de Pernambuco. A entrada é por um comprido recife, o que o nome indígena implica. *Oh, que linda situação para se fundar uma vila!* exclamou Duarte Coelho ao vê-la, e daqui se chamou a cidade Olinda.[25]

Carta d'el-rei D. João III *Provas da Hist. General*, **T. 6, pág. 318**

Os caetés

Possuíam a costa os caetés, tribo notável pelo uso que faziam de canoas, formadas duma espécie de pele comprida e forte entrançada com a madeira.[26] Faziam-nas grandes bastante para levarem dez ou doze pessoas. Diz-se que eram mais brutais do que as outras tribos, pois que entre eles pouca afeição natural se percebia. Conta-se o exemplo de um, que sendo escravo dos portugueses, atirou a filha ainda criança ao rio, por que chorava, este fato único só provaria brutalidade individual, mas refere-se como exemplo do insensível caráter genético.

Notícias, **Mss. 1, 19**

A esta gente, diz Rocha Pita, teve Duarte Coelho de arrancar às polegadas o que fora concedido às léguas. Os selvagens o atacaram, sitiando-o na sua nova vila. Capitaneavam-nos os franceses que comerciavam para aquela costa. Grande era a sua multidão e se o cabo português fosse menos experimentado na guerra, ou menos hábil nos estratagemas, exterminada teria sido provavelmente a sua colônia. Foi ele ferido durante o assédio, morta muito da sua gente, e a praça reduzida à última extremidade; mas afinal rechaçou o inimigo, e feita uma aliança com os tobaiarés, teve força e ânimo bastante

Os tobaiarés

para aproveitar a vitória. Foram estes últimos índios a primeira tribo brasileira que se ligou com os portugueses. Um dos seus caciques, Tabira, possuía grandes talentos militares, e era o flagelo das hordas inimigas: introduzia-se pessoalmente entre elas, para lhes espionar os acampamentos, e escutar-lhe os projetos. Deviam pois estas tribos ser do mesmo tronco e falar a mesma língua. Dispunha emboscadas, dava assaltos de noite, e trazia os inimigos em contínuo sobressalto. Por fim reuniram eles todas as suas forças, e vindo sobre Tabira, o cercaram. Fez este uma surtida: uma seta lhe vazou um olho; arrancou-a ele e com ela o globo. Voltando-se para os seus, disse que para bater os inimigos lhe era de sobra o outro, e de fato completamente os derrotou apesar da superioridade do número. Outro destes tobaiarés era Itagibe, o Braço de Ferro, que se distinguiu combatendo pela mesma parcialidade; e Piragibe, o Braço de Peixe (se com esta inimaginável significação se traduziu bem o nome), tais serviços prestou aos portugueses, que com a ordem de Cristo e uma pensão lhos galardoaram.

S. Vasc. *C. C.* **1, § 100, 103**

Alguns anos de paz se seguiram e de prosperidade. Rebentou então outra guerra, provocada, como de costume, pelo mau proceder dos colonos. É esta a primeira entre portugueses e indígenas de que a História nos transmitiu algumas particularidades, e estas são curiosas. Refere-as Hans Staden, o primeiro que escreveu uma relação dos sucessos do Brasil.

Hans Staden

Era Hans, cujas ulteriores aventuras formaram uma parte desta história, filho dum bom homem de Homberg, no território de Hesse. Projetara ele fazer fortuna na Índia e nesse intento embarcou na Holanda numa frota mercante, que ia a Setúbal buscar sal; mas ao chegar a Portugal eram partidas já as naus da Índia, pelo que aceitou o posto de artilheiro a bordo dum navio, que seguia para o Brasil numa viagem mercante, conduzindo degradados para Pernambuco. Ia de conserva um barco mais pequeno; bem providos ambos de apetrechos bélicos: levavam ordem de atacar toda a embarcação francesa que achassem traficando naquelas paragens. Em oitenta e oito dias dobraram o Cabo de Santo Agostinho, em princípios de 1548, e entraram no porto de Pernambuco.[27] Ali entregou o capitão a Coelho os seus criminosos, para ir trafi-

1548

28 de janeiro

car onde melhor lhe conviesse. Sucedeu porém que exatamente por este tempo se levantaram os índios contra os portugueses, dispondo-se já a sitiar o estabelecimento de Iguaraçu que não ficava mui distante. Esperando ser ele próprio atacado, não podia Coelho dar-lhe socorro, pelo que pediu que estes navios o prestassem, e efetivamente foi Hans com quarenta homens mandado em auxílio dos cercados.

Cerco de Iguaraçu

Estava Iguaraçu edificada nas matas sobre uma angra, se metia obra de duas léguas pela terra dentro: a sua guarnição, incluindo este reforço, consistia em noventa europeus, e trinta escravos, uns dos quais negros e outros indígenas. Avaliava-se a força que os investia em oito mil, número provavelmente exagerado. Além da paliçada, que os portugueses tinham adotado dos índios, nenhuma fortificação mais havia. Ergueram os sitiantes dois grosseiros baluartes de árvores, a que se acolhiam de noite com receio de algum ataque repentino.

Quando viam as peças apontadas contra si, atiravam-se ao chão. De vez em quando aproximavam-se da paliçada, arremessando por sobre ela os seus dardos ao acaso, contando que na queda alguém feririam; atiravam contra as casas setas incendiadas com algodão encerado, e nunca se acercavam que não fosse ameaçando em altos gritos devorar os seus inimigos.

Não tardou que os portugueses sentissem falta de mantimento, pois era costume tirar da terra todos os dias, ou pelo menos um dia sim, outro não, a mandioca, de que faziam o pão, e agora bloqueados como se viam, não podiam sair a fazer este serviço necessário. Mandaram-se dois botes em busca de vitualhas à ilha de Itamaracá, que fica à estrada da enseada, e onde havia outro estabelecimento, e Hans foi da partida. Num lugar, onde o golfo se aperta, haviam os selvagens tentado obstruir a navegação, atravessando ali grandes árvores: este obstáculo removeram-no os portugueses à viva força, mas enquanto assim se demoravam, vazava a maré, que antes de eles chegarem a Itamaracá os deixou em seco. Em lugar de atacá-los ergueram os selvagens um monte de lenha seca entre os botes e a praia, e pondo-lhe fogo, lançaram na chama uma espécie de pimenta que ali nasce abundante e produz um fumo pungente, com que pensavam sufocar ou doutra qualquer forma vexar os contrários. Um sopro de vento do lado oposto inutilizaria o artifício, mas

nem isso foi preciso porque a lenha não ardeu, e enchendo a maré, pondo-os outra vez a nado, seguiram os portugueses para Itamaracá, onde os supriram do que careciam.

Entretanto haviam os selvagens cortado quase de lado a lado duas árvores gigantescas, que cresciam ao pé da angra, onde ela era mais estreita, amarrando-as com fibras compridas e líneas duma planta que chamam *cipó*. Quando aproximando-se perceberam os dos botes este obstáculo, chamaram pelos de dentro do forte, que viessem socorrê-los, pois o lugar ficava ao alcance da voz, embora o arvoredo o ocultasse à vista; sabiam os selvagens o que isto queria dizer, e apenas ouviram gritar, principiaram a fazer o mesmo, abafando as vozes aos inimigos. O mais que puderam fazer os portugueses, foi tentarem uns confundir a atenção dos índios, enquanto os remadores com todas as suas forças se valiam dos remos. Favoreceu-os a fortuna; uma das árvores baqueou em sentido oblíquo sobre a margem, a outra caiu atrás dum dos batéis, e esmigalhou-o na queda.[28] Durava o cerco havia já um mês; os selvagens viram malograda a esperança de reduzir a praça pela fome, e exausta a sua perseverança, fizeram a paz e retiraram-se. Não perderam os portugueses um só homem nem muitos os sitiantes. Depois desta fácil guerra continuou a colônia a prosperar durante o resto da vida de Duarte Coelho.

H. Staden, in De Bry, p. 1, c. 24

Expedição de Aires da Cunha ao Maranhão

João de Barros, o grande historiador, obteve a capitania do Maranhão. Não eram muitos os seus meios, e para aumentar o capital, dividiu a sua concessão com Fernão Àlvares de Andrade, pai do cronista, e com Aires da Cunha. Formaram eles um plano de conquista e colonização, e em escala muito maior do que nenhum dos outros até então feitos para a América portuguesa foi o seu armamento. Alistaram-se novecentos homens, dos quais cento e trinta a cavalo, e equiparam-se dez navios. Tomou Aires da Cunha o comando e dois filhos de Barros o acompanharam. Toda a frota foi naufragar nuns baixios, que se supôs ficarem na embocadura do imenso rio, realmente lhe demoram mais de cem léguas ao sul, ilha em que se salvaram os sobreviventes, e que ora, graças a este erro, é conhecida pelo nome de Maranhão.[29] Fizeram paz com os tapuias, que então a habitavam, e enquanto ali aguardavam socorro, mandaram ao circunvizinho labirinto de ilhas, canais e rios trafi-

car mantimentos, do que se colige que alguns dos seus efeitos devem ter sido salvos. Foi Aires da Cunha um dos que pereceram. Longo tempo viveram em grande miséria os que escaparam, antes que pudessem mandar novas da sua situação ao estabelecimento mais vizinho. Barros mandou-lhes auxílio, apenas soube do desastre, mas chegou tarde esse socorro. A gente abandonara a ilha, e ambos os filhos do historiador tinham sido mortos pelos pitaguares no rio Pequeno. Portou-se o pai como de varão tão grande era de esperar; pagou todas as dívidas que deixara Aires da Cunha e os que com ele pereceram; e pela artilharia e petrechos se constituiu devedor à coroa de cerca de seiscentos mil-réis, que passados muitos anos lhe foram perdoados por D. Sebastião, ato de generosidade tão tardia, que de generoso mal lhe cabe o nome.

Barros, 1, 6, 1. *Notícias*, Mss. 1, 6, 10. M. Severino, *Vida de Barros,* pág. 17. Ant. Galvão, pág. 76

Desta expedição ficou um homem entre os selvagens. Era ferreiro, de todas as profissões a mais útil em semelhante situação, e das peças dos cascos naufragados arrojadas à praia, extraiu ele ferro bastante, para si próprio tornar grande personagem e obter para mulheres as filhas de muitos caciques vizinhos. Do seu nome chamaram os índios aos portugueses *Peros*,[30] supondo ser esta a designação genérica; e daqui veio a fábula de ter existido uma tribo guerreira entre os rios Moni e Itapicuru, descendente dos que sobreviveram a este grande naufrágio, e que além de ter barbas como os avós, com os seus nomes os faziam lembrar.

Berredo, 1, § 48-50. Simão Estácio da Silveira, F. Marcos de Guadalaxan ali citado. Dom. Teixeira. ***Vida de Gomes Freire,*** **2, 2, § 15**

NOTAS DO CAPÍTULO II

1. A razão era porque a ambição de fazerem descobertas por si mesmos levava às vezes os capitães subalternos a fugirem aos trabalhos da expedição separando-se voluntariamente da frota. Exemplo disto encontram-se freqüentes na história das descobertas marítimas.

2. Ninguém devia traficar com os índios enquanto o Vedor e Escrivão não acabassem de o fazer para o rei: depois todos poderiam abrir o seu mercado, mas metade do

lucro havia de ser para o fisco. As caixas que a cada um se permitia levar, não deviam exceder cinco palmos em comprimento e três em altura. *Herrera,* 1, 7, 1.

3. Tal parecem os indígenas havê-lo reputado, chamando-o Paranaguaçu o Grande Rio semelhante ao mar. *Argentina.* Ms.

4. Aos timbus imputava isto o ms. *Argentina;* Azara (t. 2, pág. 6) e Funes (t. 1, pág. 3) dizem que foram charruas; mas é absolutamente impossível determinar que horda de selvagens possuía então esta parte da costa.

5. Diz Damião de Góis, que um piloto português, por nome João Díaz Solis, que por crimes fugira da pátria, persuadira alguns mercadores, castelhanos, que seria boa especulação aparelhar dois navios para uma viagem mercantil a Santa Cruz do Brasil. Fê-la ele e voltou em 1517. Queixou-se D. Manuel a Carlos V, que com muito rigor mandou punir os delinqüentes como quebrantadores da paz dos dois reinos. *Cr. d'el-rei D. Manuel,* 4, 20.

   Tão pouca atenção mereceram aos cronistas portugueses as coisas do Brasil, que não posso remediá-lo que não desconfie referir-se isto à viagem de Solis.

   Nascera este em Nebrissa, segundo Pedro Mártir (2, 10), que o chama *Astur Ovetensis,* por outra João Diaz de Solis. Significando isto um asturiano de Oviedo, envolve uma contradição, se o antigo tradutor não caiu num erro que por falta de original não posso averiguar. Estes Solises e Pinzones, diz Antônio Galvão (p. 47), foram grandes descobridores naquelas partes, até que nelas perderam afinal as vidas e as fazendas.

6. Vide a respeito o *Diário* de Antônio Pigafetta, companheiro de Fernando de Magalhães na primeira viagem de circunavegação da Terra. (P.B.B)

7. Provavelmente segundo o costume dos navegantes portugueses, e não por julgá-los semelhante no Paraíso, como diz Vasconcelos. Desconfio, como disse numa nota anterior, que foi Vespúcio o primeiro que entrou nesta enseada e lhe pôs o nome.

8. Herrera (5, 8, 8) precisa a data. Um navio da expedição de Simão de Alcáçova voltou ao Brasil, depois de se ter a tripulação levantado e assassinado o capitão, e entrou com grande falta de mantimentos na Bahia, onde, diz o autor, foi socorrido por um português, que tendo ali naufragado, vivia havia vinte e cinco anos entre os índios. Foi isto em 1535. Herrera diz que com ele estavam mais oito inculcando evidentemente que tinha ele alguma autoridade no país. Deve isto ter sido depois da morte de Coutinho.

   Disputam os escritores portugueses se Diogo Álvares ia para a Índia ou não, quando naufragou. Se esta data é exata, não ia; pois das três frotas daquele ano nenhuma sofreu perda no referido lugar.

9. É Jaboatão (Preâmb., ∫ 32) o único que dá à palavra diferente explicação; diz ele, que significa moréia, espécie de cobra grande do mar, que se encontra nas cavernas dos rochedos naquelas paragens, e especialmente no rio Vermelho, onde afirma que Diogo Álvares naufragara. Numa destas cavernas foi ele encontrado pelos sel-

vagens, exclamando a filha do cacique: *Caramuru Guazu.* É isto menos provável do que terem lhe dado os índios, achando-o prestante nas suas guerras, um nome no gosto tupi.

10. E não por ser o de Catarina de Medicis, como a maior parte dos portugueses erradamente dizem. Jaboatão (§ 33) claramente o prova.

11. Depois da luminosa dissertação do Sr. Varnhagen denominada *"O Caramuru perante a História"* bem averiguado ficou que as romanescas aventuras de Diogo Álvares Correia não passam de uma lenda popular, fundada em um fato verídico. Admitido o naufrágio, e subseqüente presença de Diogo Álvares entre tupinambás, e os relevantes serviços por ele prestados ao primeiro donatário da Bahia, Francisco Pereira Coutinho, contesta o Sr. Varnhagen com muito boas razões a sua ida à França no tempo de Henrique II, e o batismo da Paraguaçu, tendo por madrinha a rainha Catarina de Medicis, e a doação por esta feita dos seus domínios a D. João III, que nessa época reinava em Portugal.
Para mais cabal conhecimento deste ponto remetemos o leitor para a supramencionada dissertação inserta no tomo X da *Revista trimensal do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil.* (F.P.)

12. Vieira nas suas Cartas menciona uma tradição popular de que D. Manuel, receando o dano do comércio da Índia, mandara arrancar no Brasil todas as plantas de especiaria, escapando apenas o gengibre por estar debaixo da terra. Parece porém não se haver considerado a impossibilidade de executar semelhante ordem em todo continente.

13. Martim Afonso de Sousa veio para o Brasil (saiu de Lisboa em dezembro de 1530) com o duplo objetivo de combater os contrabandistas franceses que infestavam o nosso litoral, carregando pau-brasil, e dar início regular à colonização. Depois de viajar longamente pela costa, aportou em S. Vicente, onde já existia um povoado com dez ou doze casas e uma torre para dar combate aos índios. Havia ali *coisas da terra e galinhas e porcos de Espanha.* Era lugar já bastante freqüentado por quantos demandavam os mares do Sul.
Quando D. João III dividiu o Brasil em capitanias, Martim Afonso já se encontrava no Brasil e fundado, em S. Vicente, a primeira colônia regular da América Portuguesa.
Sobre o assunto, vide *Memórias de Martim Afonso de Sousa,* com instrução de nossa autoria, – e *Diário da Navegação de Pero Lopes de Sousa,* introdução de J. P. Leite Cordeiro. Ambos os trabalhos estão publicados nos *Cadernos de História* da Editora Obelisco. (P.B.B.)

14. Não foi Martim Afonso de Sousa, e sim Gonçalo Coelho, comandante da primeira esquadrilha exploradora (1501) que pôs o impróprio nome de Rio de Janeiro à majestosa baía que os tamoios denominavam de *Guanabara,* ou *Niterói.* (F.P.)

15. Correspondem-se estes nomes por sua ordem e provável intervalo de tempo. Rio de Janeiro no 1º, ilha Grande dos Magos a 6, ilha de S. Sebastião a 20, S. Vicente a 22. *Flumen: Genabara, similitudine locut sic apellatum,* diz Nic Barré. Serve-se Tuanus das

mesmas palavras, escrevendo, creio eu, com estas cartas diante dos olhos. Lery dá a verdadeira razão do nome, dizendo que os selvagens a chamavam Guanabara. Não me maravilharia achar aquela primeira etimologia fundada nesta corrupção brasileira, alegada em prova de terem sido os franceses os primeiros descobridores do lugar. Vasconcelos diz que os indígenas o chamavam Nitero. *Vida do P. Anchieta,* 1. 2, c. 1, § 2. Um marco posto por Martim Afonso na ilha de Cardoso, defronte da de Cananéia, foi descoberto em 1767 pelo coronel Af. Botelho e Sampaio e Sousa, que levantava a planta do lugar, para erigir um forte. Fr. Gaspar da Madre de Deus, cap. 1, § 52.

16. Ao mesmo Gonçalo Coelho deve-se atribuir a série de denominações mencionadas pelo autor. (F.P.)

17. Esta expedição foi comandada por Francisco Chaves, que se encontrava em S. Vicente quando Martim Afonso ali chegou. Francisco Chaves, bem informado e corajoso, se propôs a penetrar o Sul, em busca de índios e metais preciosos. Martim Afonso aceitou a proposta e forneceu-lhe 80 homens armados de arcabuzes e bestas. Esta expedição deveria estar de volta decorridos dez meses, mas nunca mais retornou, supondo-se que seus integrantes tenham sido aniquilados pelos índios. Admitindo desta forma, como certa, a destruição por parte dos selvagens e com base nos testemunhos, temos que o desastre se deu perto do rio Iguaçu, mas não na sua nascente, como querem uns, e sim onde esse rio se aproxima do Paraná. Cabeça de Vaca, na expedição rumo ao Paraguai, apenas 9 anos depois do sucedido ouviu, e isto foi registrado, que no local onde o rio Iguaçu desemboca no rio Paraná, os índios tinham atacado e aniquilado os portugueses que Martim Afonso tinha mandado descobrir aquelas terras. O cronista se refere especialmente aos portugueses mandados por Martim Afonso de Sousa, ou seja, os comandados por Francisco Chaves, e quanto ao lugar é bastante claro revelar que era onde o Iguaçu se lança no Paraná. (P.B.B.)

18. Tinham sido trazidas da Madeira. Diz Jaboatão (§ 48) que elas se acharam aqui, e só aqui, no Brasil. É o único escritor que dá a cana como indígena neste país: mal se pode crer porém que ela se encontrasse tanto ao sul.

19. Tomá-los-ia pelos mesmos, se em outra ocasião se não referissem, separadamente, as duas tribos. Além desta razão para admitir que eram hordas diferentes, temos o fato de não habitarem debaixo da terra os goiatacases.

20. João de Laet diz que de todos os selvagens eram estes os mais irreligiosos, obstinados e vingativos. Está isto em perfeito antagonismo com o caráter que lhes atribui o autor das *Noticias,* que, sobre mais antiga, é melhor autoridade, por que escrevia o que vira e aprendera no país; mas talvez a linguagem de Laet queira dizer que eles tomaram partido pelos portugueses contra os holandeses.

21. Este primeiro volume foi escrito em 1810.

22. Stedman (vol. 1, 336) menciona o *dunçane,* como o chamam os negros de Surinam. É um arbusto de folhas grandes e verdes, que nasce nos lugares baixos e pantanosos e

dá morte instantânea a todo o animal que o come. As ovelhas e os novilhos são apaixonados pelas suas folhas, mas a maior parte dos animais, diz ele, sabem instintivamente no seu sustento distinguir o veneno.

23. Nunca se chamou esta capitania das *Ilhas,* e sim de S. *Jorge dos Ilhéus.*

24. Marcgrave dá Quirimurê como nome da capitania da Bahia neste tempo. É provavelmente a mesma designação de Caramuru dada pelos selvagens ao domicílio deste, em memória sua.

25. Cremos antes, com o Sr. Varnhagen, que foi este nome derivado de alguma povoação de Portugal de grata recordação para o donatário. (F.P.)

26. Eram de uma palha comprida, como a das esteiras de taboa que há em Santarém; a qual ajuntavam em molhos, muito apertada com umas varas muito fortes e rijas, e brandas para apertar. *Notícias* Mss, 1, 19.

27. Hans chama a cidade Marnos, e o comandante *Artus* Coelho. Talvez tomasse o nome de Duarte por este, que lhe devia ser mais familiar; ou então teria Duarte algum irmão assim chamado. Marim era o nome duma aldeia indígena no lugar onde mais tarde se edificou Olinda, que ainda por algum tempo se ficou chamando da mesma forma. B. Freire, § 326. Jaboatão, § 123.

28. Os paiaguás ainda usam deste estratagema. *Lettres édif,* pág. 8. 266.

29. Nenhuma dúvida pode haver de que fosse esta a origem do nome, embora meio século depois deste acontecimento se chamasse a *Ilha das Vacas.*

30. Às vezes quer parecer-me que outra fosse a origem do nome, e que os indígenas quisessem chamar *perros* os seus inimigos.

. . . .

Capítulo III

VIAGEM DE SEBASTIÃO CABOT – DÁ NOME AO RIO DA PRATA, E DEMORA-SE ALI CINCO ANOS – OBTÉM D. PEDRO DE MENDOZA CONCESSÃO DA CONQUISTA – FUNDAÇÃO DE BUENOS AIRES – GUERRA COM OS QUIRANDIS – FOME – BUENOS AIRES QUEIMADA PELOS SELVAGENS – FUNDA-SE BOA ESPERANÇA – OS TIMBUÉS – EMBARCA MENDOZA PARA A ESPANHA E MORRE EM VIAGEM – SOBE AIOLAS O PARAGUAI – OS CARIJÓS – TOMAM-LHES OS ESPANHÓIS A ALDEIA, A QUE PÕEM NOME ASSUNÇÃO – OS AGACÊS – SOBE AIOLAS EM BUSCA DOS CARCARISOS, POVO QUE SE DIZIA POSSUIR OURO E PRATA – ESPERA-O IRALA O MAIS QUE PODE, E VOLTA DEPOIS A ASSUNÇÃO – MAU PROCEDER DE FRANCISCO RUIZ – BUENA ESPERANZA SITIADA E ABANDONADA – ENVIAM-SE REFORÇOS SOB O COMANDO DE CABRERA – MARCHA IRALA EM BUSCA DE AIOLAS – AVERIGUA-SE A MORTE DO COMANDANTE – OS PAIAGUÁS – ABANDONAM OS ESPANHÓIS BUENOS AIRES CONCENTRANDO TODAS AS SUAS FORÇAS EM ASSUNÇÃO

1525

Viagem de Sebastião Cabot

ENTRETANTO haviam os espanhóis tomado posse do grande rio descoberto por Juan Diaz de Solis. Para outro fim se organizara a expedição que isto efetuou. Dos navios que com Magalhães havia dado vela, um voltara carregado de especiarias das Molucas; e à vista da preciosa mercadoria, esqueceram-se os perigos e as dificuldades de obtê-la. Resolveram alguns mercadores de Sevilha cometer a empresa por este novo caminho, e persuadiram a tomar o comando da frota Sebastião Cabot, que, tendo deixado a Inglaterra, era então primeiro-piloto[1] do rei de Espanha. A vintena dos lucros da viagem havia de ser aplicada ao resgate

dos cativos, um dos modos de caridade mais vulgares e benéficos em países expostos aos ataques de piratas. Devia demandar Tarsis e Ofir, Bataia e Cipango de Marco Pólo. Fez-se ele de vela debaixo das mais desfavoráveis circunstâncias nos primeiros dias de abril de 1525, levando quatro navios. Já os deputados ou a comissão dos mercadores aventureiros estavam descontentes dele e tê-lo-iam substituído por outro, se pudessem fazê-lo sem retardar a expedição. Muitos dos de bordo estavam igualmente dispostos a rebaixar os seus talentos e contrariar as suas medidas. Diz-se que pela sua imprevidência principiaram a faltar os víveres, antes de se chegar ao Brasil; mas as habilitações marítimas de Cabot já anteriormente haviam sido experimentadas e reconhecidas, e é impossível que vitualhas embarcadas para uma viagem das Molucas, se consumissem, por imprevidência, antes de os navios alcançarem a costa do Brasil, porém sumamente provável que os que as meteram nos navios tivessem especial cuidado em fazer com que escasseassem, ou que aqueles da tripulação que não queriam ir até ao estreito as destruíssem deliberadamente.

Tocou Cabot num lugar da costa chamado Ilha[2] dos Patos, onde refrescou; e pagando a boa vontade manifestada pelos indígenas com a ousada vilania dum antigo descobridor, consigo levou quatro deles à força. Continuando a crescer o descontentamento da gente, mandou ele, na esperança de rebatê-lo, lançar numa ilha deserta três dos principais da frota. Não bastou porém este ato de crueldade para restabelecer a subordinação, e chegado ao rio da Prata, o de Solis, como então se chamava, teve de abandonar toda a idéia de seguir para o mar do Sul. Nem ele tinha víveres suficientes para tentar a empresa, nem a sua gente o teria acompanhado. Começou esta porém a obedecer-lhe de boa mente ao que parece, apenas ele transigiu sobre tal ponto.

Sobe Cabot o Prata

Não era Cabot homem para voltar sem nada haver feito. Entrou no rio e por ele subiu trinta léguas até que chegou a uma ilha pequena, que chamou de São Gabriel. Ali lançou ferro, e seguindo por mais sete léguas com os botes, descobriu para os navios estação segura num confluente, a que pôs nome de São Salvador, e hoje é o rio de São João. Para ali se levaram os navios, descarregando-os, por não ter a embocadura fundo bastante para de outra forma lhes dar

entrada. Lá encontrou um dos companheiros de Solis, por nome Francisco Puerto, que os selvagens haviam poupado. Ergueu um forte, guarneceu-o com a gente precisa, e com o resto dos botes seguiu avante numa caravela rasa, pensando que, apesar de frustrado o objeto principal da sua expedição, poderia dela fazer resultar algum proveito, explorando a torrente. Chegando ao Uruguai ordenou a João Álvares Ramon, que o subisse numa das suas embarcações. No quarto dia foi este dar num baixo perto de duas ilhas grandes, perdendo o navio. Ele e parte da sua gente tentaram voltar por terra, mas os charruas lho impediram: os outros salvaram-se no bote.

Funes, 1, 7

Argentina, **Ms.**

Trinta léguas mais acima chegou Cabot à foz do Carcaranha, assim chamado dum cacique vizinho; mostraram-se tratáveis os indígenas, e ele levantou ali bom forte, a que deu a invocação de Santo Espírito, mas que tomou o seu próprio nome. Continuou a subir até que foi dar à confluência do Paraguai e Paraná. Sendo este o maior, por ele tomou até ao lago de Santa Ana, mas achando que a navegação sobre ser por demais difícil levava direita ao Brasil, voltou e subiu trinta e três léguas pelo Paraguai,[3] onde afinal encontrou o primeiro povo agrícola. Mas se esta gente cultivava as suas terras, também sabia defendê-las. Da propriedade nascera o patriotismo; possuíam alguma coisa, por combater, e tão bem o fizeram, que deixando vinte e cinco mortos e três prisioneiros, tiveram os espanhóis de retroceder.

Herrera, 3, 9, 3

Viagem de Diego García

Enquanto Cabot tomava posse da terra, para que não fosse inteiramente inútil a sua expedição, vinham já da Espanha em viagem outros navios, destinados para este mesmo serviço, sob o comando de Diego García.[4] Vinha de piloto Rodrigo de Area, que se comprometera a fazer para ali segunda viagem, sem que instruísse outros pilotos na navegação das paragens que porventura descobrisse. Uma das instruções era fazer todo o possível por achar Juan de Cartagena e o sacerdote francês que Magalhães deixara em terra. Dum galeão de cem toneladas, uma pinaça de vinte e cinco, e um bergantim com o madeiramento para outro, se compunha a frota. Passou ela os perigosos baixios que chamam *Abrolhos,*[5] palavra que por si mesma está dizendo com quanta

Herrera, 3, 10, 1

vigilância cumpre evitá-los. Escapando a este risco, chegou à baía de São Vicente, onde um português, que tinha o grau de bacharel, a abasteceu de carne, peixe e outros gêneros, que o país oferecia, dando-lhe demais um genro seu, que servisse de intérprete no rio Solis. Tocou depois a frota na ilha dos Patos, onde os indígenas, queixando-se do mau procedimento de Cabot, só pagaram o mal com o bem. Afinal entrou no rio, e armado o outro bergantim, para ele se passou a expedição.

Não tardaram a aparecer notícias dos espanhóis. A gente de Cabot, que ali ficara com dois navios, supôs, ao avistar o bergantim, que os três indivíduos que o comandante mandara lançar numa ilha deserta, vinham agora contra ele, e tomando armas prepararam-se para a defesa. Mas Garcia ainda reconheceu a tempo Antão de Grajeda, que ali comandava, e tudo se passou em boa amizade. Acabavam de chegar novas de Cabot, que muito longe rio acima estava pelejando com os índios, a quem já matara uns trezentos. Eram estes os agacés, então nação formidável. Tinham-lhe eles dado batalha fluvial com trezentas canoas, e embora derrotados, haviam levado consigo três prisioneiros, dois dos quais João Fuster (provavelmente um alemão) e Heitor de Acuña foram mais tarde remidos. Mandou Garcia o seu navio para trás, sob pretexto, que não era próprio para explorar o rio, mas o motivo real foi ter ele secretamente fretado ao seu amigo, o português de S. Vicente, este barco de cem toneladas para levar a Portugal oitocentos escravos!

Funes, 1, 9

Dali seguiu com sessenta homens em dois bergantins até ao segundo forte, cujo comandante, Gregório Caro, intimou aquela descoberta. Respondeu Caro que tinha o forte pelo rei de Castela e por Sebastião Cabot, mas que estava às ordens dele García, a quem pedia que, se seguindo mais para cima, encontrasse Cabot morto (o que se principiava então a recear), resgatasse quaisquer prisioneiros tomados pelos índios, que havia de ser embolsado do que com isto despendesse. Também lhe pediu que na volta o levasse consigo, a ele e à sua gente. Garcia porém, subindo mais cem léguas, encontrou Cabot, que tratava com os guaranis sobre o lugar onde depois se fundou a cidade de Assunção, e ambos voltaram para o forte de cima.

Herrera, 4, 1, 1.
Funes, 1, 9

Trouxeram consigo um pouco de ouro, e maior porção de prata[6] que por ser a primeira vista

Toma o rio o nome de: da Prata

na América, fez que dela se chamasse o rio, suplantada a memória de Solis por esta errônea designação. Mandou Cabot à Espanha amostras deste metal, dos indígenas, e de tudo quanto achara, pedindo ao rei que lhe enviasse reforços, e lhe concedesse o estabelecer-se ali. Foi favoravelmente acolhida a sua súplica, e os mercadores que haviam aprontado a primeira expedição foram convidados a carregar com parte das despesas de segunda; a isto porém se recusaram mais dispostos a perder o cabedal, de que já se haviam despedido, do que a arriscar o que tinham seguro. Resolveu pois a corte tomar sobre si o cometimento. Nestas coisas são sempre mais morosos os governos do que os particulares, e semanas e meses se passam antes que se enviem socorros a colonos novos, que a toda a hora os estão esperando, e morrendo à míngua enquanto esperam.

Os guaranis expelem os espanhóis

Cabot tratara bem os guaranis, a tribo mais vizinha dos seus estabelecimentos. Ficavam-lhe as aldeias destes selvagens dispersas em torno dos seus fortes, e dois anos viveu com eles em termos amigáveis. A gente de Garcia não se achava debaixo da mesma disciplina tão necessária e ofendeu os indígenas. Eram os guaranis nação orgulhosa: chamavam escravos os que não falavam com eles a mesma língua na peleja. O ouro e prata que deles obtivera Cabot eram despojos trazidos do Peru, aonde haviam penetrado no reinado Guainacapa, pai do último Inca. Disfarçou este povo, como tinha de costume, o seu ressentimento, até podê-lo demonstrar eficazmente.

Concentraram em segredo as suas forças, e caindo sobre o forte ao romper da alva, puseram-lhe fogo. Da mesma forma destruíram S. Salvador, e Cabot cansado de aguardar reforços, e julgando que seria em vão tentar manter o país contra tão resoluto inimigo,[7] evacuou-o, depois de o ter possuído por cinco anos.[8]

Com Cabot voltou à Europa um português por nome Gonçalo da Costa. Dele teve a corte de Portugal informações sobre o rio da Prata, e preparou um armamento de quatrocentos homens, não contados os colonos voluntários para aquelas partes. Procurou-se conservar em segredo o fim da expedição, propalando que ela se propunha expulsar do Brasil os franceses. Suspeitando porém a corte de Espanha o verdadeiro destino, contra ele protestou, pelo que se abandonou o projeto.

Herrera, 4, 10, 6

Expedição de D. P. Mendoza, *Argentina*, **C. 4, st. 2**

Não tardou muito que D. Pedro de Mendoza, cavaleiro de Guadix e da casa real, projetasse um estabelecimento em maior escala. Enriquecera ele no saque de Roma. Tantas vezes têm sido mal gastas as riquezas mal adquiridas, que não há língua em que esta verdade não passasse a provérbio; não o haviam saciado os despojos da Cidade Eterna, e sonhando com outros Méxicos e Cuscos, obteve uma concessão de todo o país do rio da Prata até ao estreito, para seu governo, com autorização de passar através do continente para o Mar do Sul. Obrigou-se a levar em duas viagens, e dentro de dois anos, à sua própria custa, mil homens, cem cavalos e éguas, e provisões para um ano, concedendo-lhe o rei o título de adiantado, e um saldo de mil ducados por toda a vida, com dois mil mais tirados do produto da conquista, como ajuda de custo. Devia levantar três fortalezas, e ser alcaide perpétuo da primeira; seus herdeiros depois dele deviam ser primeiros alguazis do lugar onde fixasse a sua residência, e passados três anos ser-lhe-ia lícito transferir a tarefa de completar a colonização e a conquista, quer ao seu herdeiro, quer a outro, que lhe aprouvesse, e com ele os privilégios anexos, se dentro de dois anos aprovasse o rei a escolha. O que era resgate dum rei prisioneiro pertencia de direito à coroa; mas, para mais animar a empresa, cerceou-se esta prerrogativa em benefício dele e dos seus soldados, que a deviam compartir, deduzido primeiramente o quinto real, e depois um sexto; se porém o rei em questão fosse morto em batalha, metade dos despojos pertenceria à coroa. Fizera-se esta lei em saudosa recordação do resgate de Atabalipa. Havia Mendoza de levar consigo oito religiosos. Quem nada tem que perder, arrisca fácil a existência; mas que um homem como este fosse aventurar riquezas, que contentariam o mais desesperado jogador da sua vida, é um dos muitos indícios de quão geral e irresistivelmente o contagioso espírito aventureiro prevalecia naquela época.

1534

Comprometera-se Mendoza a levar quinhentos homens na primeira viagem; tal era porém a sua reputação, e tal o ardor de ver o rio da *prata,* que mais voluntários se apresentaram do que lhe era possível aceitar, vendo-se obrigado a apressar a partida para fugir à enorme despesa, que semelhante hoste lhe fazia. Consistiu em onze navios e oitocentos homens[9] a força com que se fez de vela. Tão brilhante armamento jamais largara das praias da Europa

com proa na América; mas os que assistiram à partida observaram, diz-se, que cumpriria rezar por estes aventureiros o ofício dos defuntos.

Após próspera viagem chegou a expedição ao Rio de Janeiro, onde se deteve quinze dias, durante os quais uma contração dos nervos tornou paralítico o adiantado, que nomeou João Osório para comandar em seu lugar. Arranjadas assim as coisas seguiu a frota para o seu destino, e ancorando junto da ilha S. Gabriel dentro do Prata, lançou D. Pedro de Sousa os fundamentos duma cidade, que pela salubridade do clima chamou Nuestra Senõra de Buenos Aires. Pouco tardou que alguns oficiais invejosos lhe não inspirassem ciúmes de Osório; e prestando fracos ouvidos a acusações pérfidas, ordenou-lhes que, caindo sobre ele o matassem, e arrastado o cadáver até à praça pública, ali o proclamassem traidor.[10] Perpetrou-se o assassínio, e assim ficou a expedição privada de um soldado honrado, generoso e bom, como os historiadores o descrevem.

Fundação de Buenos Aires

Ainda a experiência não ensinara aos espanhóis, que em país de selvagens deve um número crescido de colonos perecer à míngua, se de outra parte lhes não vem o sustento, enquanto por si mesmos o não podem colher da terra. Eram os quirandiés, que possuíam o terreno todo à volta deste novo estabelecimento, uma tribo nômada, que onde não achava água, matava a sede comendo uma raiz chamada *cardos,* ou chupando o sangue dos animais que matava. Cerca de trezentos destes índios haviam armado as suas portáteis habitações a quatro léguas do lugar escolhido por Mendoza para a sua vila. Agradaram-lhes os novos hóspedes, e por espaço de quinze dias trouxeram peixe e carne ao acampamento; no décimo sexto não apareceram, e alguns espanhóis, que Mendoza mandou a saber deles, e a trazer víveres, voltaram feridos e com as mãos vazias. Vendo isto, ordenou o adiantado a seu irmão D. Diogo, que tomando trezentos infantes e trinta cavalos, fosse assaltar a aldeia, e matar ou aprisionar toda a horda. Haviam os quirandiés feito retirar mulheres e crianças, e reunido um corpo de aliados, estavam prontos para a defesa.

Guerra com os quirandiés

Eram-lhes armas arcos, setas e *tardés,* tridentes de pontas de pedra de meio comprimento de lança. Contra a cavalaria serviam-se duma comprida correia com um seixo redondo em cada extremidade. Com isto costumavam laçar a caça: atiravam-no com mira certeira às

pernas do animal, à volta das quais enroscando-se a correia o fazia cair.[11] Em todas as guerras anteriores com os índios havia sido a cavalaria a força principal, e às vezes a salvação dos espanhóis; este excelente modo de ataque inutilizou-a porém completamente. Não podiam defender-se os cavaleiros; o comandante e seis fidalgos foram derrubados e mortos, e todo o troço teria sido exterminado, se o resto não fugisse com tempo, protegido pela infantaria. Cerca de vinte peões foram mortos a *tardés*. Não era porém possível que este povo, fraco como era, resistisse a armas européias e a soldados como os espanhóis: afinal cederam, deixando mortos muitos dos seus irmãos, mas nem um só prisioneiro. Na tomada aldeia acharam os conquistadores abundância de farinha, peixe, peles de lontra, redes de pescar e o que chamam manteiga de peixe, que era provavelmente azeite coalhado. Ficaram cem homens para pescar com as redes apreendidas, e o resto voltou para o acampamento.

Fome em Buenos Aires

Mau capitão era Mendoza para semelhante expedição. Imprevidente, descansava sobre os indígenas do cuidado de abastecer-se de víveres, e imprudente foi desavir-se com eles sem necessidade. Seis onças de pão tinham sido a ração diária logo depois da sua chegada: agora foi preciso reduzi-la a três onças de farinha e um peixe de três em três dias. Demarcou-se a cidade, para cuja defesa se principiou a erguer um muro de barro da altura duma lança e de três pés de espessura. A construção era má, e o que num dia se levantava, caía no outro; ainda os soldados não haviam aprendido esta parte do seu ofício. Edificou-se dentro do recinto uma casa forte para o adiantado. Entretanto principiaram a faltar-lhes as forças à míngua de alimento. Ratos, cobras, lagartos e répteis de todo tamanho comível não tardaram a extinguir-se por todas aquelas cercanias. Três homens furtaram um cavalo e comeram. Foram postos a tormento para confessarem o fato, e depois enforcados; ficaram na forca os cadáveres e no dia seguinte tinha desaparecido toda a carne da barriga para baixo.

Um comeu o cadáver de seu irmão; outros assassinavam os seus camaradas de rancho para, dando-os por doentes, receberem quanto pudessem ocultar o caso, a ração que lhes tocava.[12] Enorme foi a mortalidade. Mendoza, vendo que todos pereceriam se ali permanecessem, mandou Jorge Luchsan, um dos seus aventureiros alemães ou fla-

mengos, pelo rio acima e quatro bergantins em busca de comestíveis. Onde quer chegavam os espanhóis, fugiam diante deles os indígenas queimando o que consigo não podiam levar. Metade da gente morreu de fome, e todos teriam perecido, se não tivesse dado com uma tribo, que lhes deu o milho estritamente necessário para a volta.

Herrera, 5, 9, 10. Schmidel, C. 1-9

Uma só derrota não desacorçoara os quirandiés; conseguiram persuadir os bartenés, zechuras e timbués a fazerem causa comum com eles, e com uma força, que os sitiados no seu susto orçaram em 22.000 homens, embora não chegasse provavelmente nem a um terço, vieram, de repente, investir a cidade. Não eram menos engenhosamente adaptadas ao seu atual propósito as armas de que se serviam do que as que tão eficazes haviam provado contra a cavalaria. Atiraram eles setas, diz-se que, incendiando-se na ponta ao partirem do arco, ardiam até ao fim com inextinguível fogo, ateando-o em tudo que tocavam. Com estes foguetes diabólicos queimaram os ranchos de palha dos colonos, consumindo-os todos. Foi a casa de pedra do adiantado o único edifício que escapou à destruição. Ao mesmo tempo e com as mesmas armas atacaram os navios, queimando quatro; os outros três ainda em tempo puderam pôr-se a distância segura, repelindo com a sua artilharia os selvagens. Trinta espanhóis pouco mais ou menos morreram no combate.

Buenos Aires queimada pelos selvagens

1536

Deixando, para reparar o estabelecimento, parte da sua desfalcada força nos navios, com provisões suficientes para curtir fome durante um ano, subiu o adiantado o rio com o resto no bergantim e nas embarcações menores. Mas, achando-se inteiramente incapaz de carregar com as fadigas do comando, delegou a sua autoridade em João de Aiolas; de fato estava ele então morrendo da mais ascorosa e terrível moléstia, com que jamais os vícios dos homens infeccionaram a natureza humana. Cerca de oitenta e quatro léguas rio acima chegaram a uma ilha dos timbués, que os receberam bem. Mendoza presenteou-lhes o cacique, Ichera Wasu,[13] com uma camisa, uma carapuça vermelha, um machado, e mais algumas bagatelas, recebendo em troca peixe e caça bastante para salvar a vida aos seus. Vivia esta tribo exclusivamente da pesca e da caça.

Funda-se Buena Esperanza

Argentina, **C. 4, st. 22**

Usava de canoas compridas. Os homens andavam nus e com pedras enfeitavam ambas as ventas. Traziam as mulheres saia de algodão até ao joelho, e talhavam na cara lanhos de beleza. Ali levantaram os espanhóis os seus tabernáculos, e chamaram o lugar *Buena Esperanza*. Um Gonçalo Romero,[14] que fora dos companheiros de Cabot e tinha vivido entre os selvagens, veio reunir-se a eles. Contou que mais acima havia grandes e ricos estabelecimentos, e resolveu-se que Aiolas fosse com os bergantins em busca deles.

Volta de Mendoza à Espanha

Entretanto voltara Mendoza, agora completamente estropiado, a Buenos Aires, aonde encontrou morta grande parte da sua gente, e os que ainda viviam a lutar com a fome e toda a casta de miséria. A chegada de Gonçalo Mendoza, que logo no princípio da escassez de víveres, fora mandado à costa do Brasil, com diligência e provisões, veio minorar-lhes os sofrimentos. Destruído o estabelecimento de Cabot, emigrara parte da sua gente para o Brasil, onde numa baía chamada Iguá, vinte e quatro léguas distante de S. Vicente, principiaram a fazer plantações, continuando a viver por dois anos em termos amigáveis com os indígenas vizinhos e com os portugueses. Suscitaram-se então questões e, segundo a versão castelhana (única que temos), resolveram os portugueses cair sobre eles, e expulsarem-nos do país: disto tiveram aviso, surpreenderam os futuros invasores, saquearam a cidade de S. Vicente, incorporando-se-lhes alguns portugueses descontentes daquela nascente colônia, seguiram em dois navios para a ilha da Santa Catarina. Ali começaram estes aventureiros novo estabelecimento; mas tal era o seu espírito inquieto e vagabundo, que Gonçalo de Mendoza ao chegar ali facilmente os persuadiu a abandonar as casas que acabavam de construir, e os campos que já principiavam a dar-lhes cômoda subsistência, embarcando-se todos com ele para o rio da Prata a tomarem o seu quinhão no metal, que o nome prometia. Levaram considerável cópia de mantimentos e iam bem armados e municionados. Acompanharam-nos alguns índios brasileiros com suas famílias; e eles próprios familiarizados como estavam com a língua e hábitos dos indígenas, foram de relevantíssima utilidade aos outros aventureiros com quem se ligaram.

À vista de tão oportuno socorro rendeu Mendoza graças a Deus derramando lágrimas de alegria. Aguardou ainda um pouco na esperança de ouvir boas novas de Aiolas, e afinal mandou João de Salazar

com segundo destacamento em busca dele. Piorava de dia em dia a sua saúde, e esvaíam-se-lhe as esperanças; tinha ele perdido o irmão nesta expedição e gasto mais de quarenta mil ducados da sua fazenda, nem eram grandes as probabilidades de fortuito reembolso. Tudo isto o moveu a voltar à Espanha, deixando Francisco Ruiz a comandar em Buenos Aires, e nomeando Aiolas governador, caso voltasse, e Salazar na falta dele. As instruções eram que, apenas chegasse um destes, examinasse as provisões restantes, não abonando ração a quem por si mesmo pudesse manter-se, nem a mulher que se não empregasse na lavagem de roupas, ou em qualquer outro serviço necessário: que metesse os navios no fundo, ou deles dispusesse de qualquer outra forma, atravessando, se o julgasse conveniente, o continente até ao Peru, onde, em nome do adiantado solicitaria a amizade de Pizarro e Almagro, se os encontrasse; e que se este último estivesse disposto a dar-lhe cento e cinqüenta mil ducados pela cessão do seu governo, como dera a Pedro de Alvarado, os aceitasse, ou mesmo cem mil que fossem salvos e se chegasse a conhecer evidentemente mais vantajoso não fechar o negócio com semelhante oferta. Quão arraigada não devia estar a sua fé nos despojos, depois de quatro anos de contínuas decepções e misérias!... Além disto recomendava ao seu sucessor, que se aprouvesse a Deus deparar-lhe alguma jóia, ou pedra preciosa, não deixasse de remeter-lha a ele Mendoza, como algum alívio nas suas atribulações. Também lhe ordenava que no caminho do Peru, quer sobre o Paraguai quer alhures, fundasse um estabelecimento, por onde pudessem vir novas suas.

Schmidel, 14. Herrera, 6, 3, 17-18

Deixadas estas prescrições, embarcou Mendoza, sonhando ainda com ouro e jóias. Na viagem tanta fome passaram, que ele se viu obrigado a matar uma cadela favorita, que em todos os seus trabalhos o acompanhara. Comia ele este triste prato, quando perdeu os sentidos: principiou a delirar e em dois dias estava morto.

Rui Dias de Gusmán. ***Argentina*, Ms.**

Sobe Aiolas o Paraguai

Entretanto subiu Aiolas[15] o rio com quatrocentos homens em demanda do Paraguai, e dos países ricos de que ouvira falar, onde o milho e as maçãs cresciam em abundância, e raízes de que os naturais faziam vinho; onde peixe e carne andavam a rodo, e as ovelhas eram do tamanho de mulas. No caminho

encontraram à margem do rio uma serpente digna de ter feito parar segundo exército; media quarenta e cinco pés de comprida, era da grossura dum homem, e negra a pele e mosqueada de vermelho e amarelo escuro. Foi morta à bala. Declararam os indígenas que nunca haviam visto outra maior, e que estas cobras eram muito perigosas, pois na água os enlaçavam levando-os ao fundo e devorando-os. Cortaram-na eles em pedaços, e cozida ou assada a comeram, mas não estavam então os espanhóis tão esfomeados, que tomassem parte no banquete.

Antes de chegar ao Paraguai perdeu Aiolas um dos seus navios e sendo impossível receber a gente dele a bordo dos outros teve esta de caminhar por terra, sofrendo tanto de atravessar pântanos, pauis e lagoas, que se uma tribo amiga lhes não houvesse fornecido víveres, todos teriam perecido.

Assim já pacificamente, já abrindo caminho à força de armas e sofrendo todas as misérias da fadiga e da fome, avançou a expedição quase trezentas léguas rio acima, até que chegou à nação chamada dos carijós,[16] que apesar de tão ferozes como os seus vizinhos, eram a certos respeitos menos selvagens. Cultivavam o milho, plantavam batata-doce, e uma raiz,[17] que tinha o gosto da castanha, e de que faziam uma bebida alcoólica bem como do mel, fervendo-o. E aqui encontraram os espanhóis os porcos, as avestruzes e os carneiros[18] do tamanho de mulas, de que haviam ouvido falar. Os habitantes eram baixos de estatura, porém refeitos, e traziam nos lábios uma pedra comprida. Devoraram todos os prisioneiros, exceto a única mulher, e se esta recusava prostituir-se comiam-na também. Tinham os carijós uma aldeia chamada Lamperé sobre a margem oriental do rio, quatro léguas acima do lugar onde o ramo principal do Pilcomaio deságua no Paraguai. Cercavam-na duas paliçadas da altura a que podia chegar um homem com a espada. Os postes eram da grossura da barriga dum homem, colocados a doze passos uns dos outros. É difícil imaginar de que proveito eles poderiam ser assim afastados entre si: talvez a fortificação não tivesse sido concluída. Tinham aberto poços, guarnecidos de estacas agudas no fundo, e cobertos, para servirem de ratoeiras aos invasores a quem se propunham resistir.

Tomam os espanhóis a aldeia, a que dão o nome de Assunção

Ao avançar contra a aldeia, achou Aiolas o inimigo formado em linha de batalha. Mandaram-lhe

os índios dizer que tornasse a embarcar, e volvesse ao seu próprio país o mais depressa possível, que para isso lhe dariam os víveres precisos, e tudo de que carecesse. Mas os espanhóis não tinham vindo como visitas; quatro anos haviam vivido miseravelmente de peixe e carne, e encontrando finalmente terras cultivadas, estavam resolvidos a tomar posse delas. Assim o explicaram aos carijós, asseverando-lhes que vinham como amigos. Não quiseram os indígenas saber de tal amizade; mas ao dispararem-se as espingardas, aterrados de verem os seus cair sem um golpe, e tão horrivelmente feridos sem saberem como, fugiram precipitadamente, ficando na fuga muitos deles pilhados nas próprias ratoeiras que haviam armado ao inimigo. Apesar disto defenderam a sua aldeia, matando dezesseis espanhóis; mas ao terceiro dia pediram paz porque as mulheres e as crianças estavam com eles. Prometeram obedecer em tudo aos conquistadores, mimosearam Aiolas com seis veados e sete raparigas, e a cada soldado deram duas mulheres. Feita a paz nestes termos, puseram os espanhóis à aldeia o nome de Assunção, em honra da Virgem, e memória do dia em que a tomaram.

Schmidel, C. 15-21

O primeiro serviço em que foram empregados os carijós, foi na construção de um forte de madeira, terra e pedras, para segurança da sua própria sujeição. Depois ofereceram-se a ajudar os espanhóis contra os agacés, modo indireto de pedir a estes mesmos auxílio contra um inimigo antigo. Eram os agacés nação de pescadores e caçadores, que pintavam o corpo com uma cor azul indelével, extraída duma raiz. Ficavam os seus estabelecimentos mais trinta léguas rio abaixo, pelejavam melhor por água do que por terra, e tinham vexado os espanhóis na sua passagem, matando-lhes quinze. Dando pois voluntariamente rédeas ao próprio ressentimento, e conjuntamente ao dos seus novos súditos, desceu Aiolas o rio, e atacou-os repentinamente antes de amanhecer. Segundo o seu costume, não deixaram os carijós viva alma. Tomaram quinhentas canoas, e queimaram todos os estabelecimentos a que puderam chegar. Alguns da tribo estavam casualmente ausentes, escapando assim à mortandade: ao voltarem, passado um mês, puseram-se debaixo da proteção dos espanhóis, o que Aiolas concedeu, não lhe permitindo as leis das conquistas declará-los escravos, senão depois de por três vezes se terem *rebelado,* como se dizia. Os cuere-

Os agacés

magbás, a tribo mais vizinha desta, traziam uma pena de papagaio atravessada no nariz.

Schmidel, 22, 19

Seis meses se demorou Aiolas na Assunção. Informaram-no os carijós que além das fronteiras do território deles, que se estendia a oitenta léguas pelo Paraguai acima, principiavam as terras dos paiaguás, povo que possuía a *algarroba, caroba, acácia* ou *árvore dos gafanhotos,* de que faziam uma farinha, que comiam com peixe, e também um licor doce como mosto. Passado este país, ficava o dos carcarisos, nação mais rica, que ele resolveu ir visitar, e deixando cem homens na Assunção seguiu rio acima com o resto. Os paiaguás não opuseram resistência; sabendo do que sucedera aos vizinhos, adotaram política mais prudente. Perguntou-lhes Aiolas pelos carcarisos, ao que responderam que tinham ouvido falar deles; que habitavam muitos mais terra adentro, numa província onde abundavam o ouro e a prata; que era um povo tão instruído como os estrangeiros que por eles perguntavam, e que havia ali cópia de provisões de todo o gênero. Era isto, acrescentaram eles, o que ouviam dizer, que ver, ainda daquela nação não tinham visto ninguém. Pediu Aiolas guias, que mostrassem o caminho, e facilmente se lhe deram. Desmantelou três dos seus navios, e deixando nos outros dois cinqüenta sob o comando de Domingo Martinês de Irala, que naquele porto, que chamou Candelária, o esperaram quatro meses, findos os quais sem ele voltar, desceriam à Assunção. Depois, levando consigo trezentos índios, que trouxera para carregarem os víveres e bagagens, encetou a sua marcha para o poente com cerca de duzentos homens.

Sai Aiolas em busca dos carcarisos

Schmidel, 23, 24

Passaram os quatro meses e mais dois aguardou Irala debalde. Pediam os navios calafeto, e na falta de estopa empregou ele as camisas da sua gente. Mas ao mantimento não há achar coisa que o substitua: viviam os paiaguás do suprimento casual de seus rios e florestas, mas tendo de reparti-lo com cinqüenta espanhóis, facilmente se deixa supor que não tardasse isto a escassear. Aturou Irala esta miséria enquanto pôde e depois voltou à Assunção a reparar as embarcações e refazer-se de provisões, volvendo imediatamente à Candelária. Não aparecera Aiolas, nem dele se sabiam novas; não queriam os paiaguás fornecer vitualhas, nem os espanhóis as podiam haver à força como fariam entre um povo agrícola. Ali o aguardava ines-

Volta Irala à Assunção

perada calamidade. Tinham os gafanhotos devorado as plantações de milho, e nenhum mantimento se podia haver além do que pela guerra se extorquia às tribos vizinhas, cujos campos tinham escapado a esta visitação assoladora.

Herrera, 6, 3, 17

Neste comenos saíra Juan de Salazar em procura de Aiolas, como Mendoza lhe ordenara. Tocou primeiramente na ilha da Buena Esperanza, onde os timbués continuavam a viver em pé amigável com os colonos espanhóis, a quem haviam ensinado o seu sistema de pesca, de modo que já estes proviam melhor à própria subsistência. Salazar seguiu viagem, mas tal era a dificuldade de achar que comer, que volvendo atrás antes de chegar à Assunção, regressou a Buenos Aires. Resolveu então Francisco Ruiz, que Mendoza ali deixara comandando, sair ele próprio com maiores forças à mesma busca, e empreendeu a expedição com duzentos homens embarcados em seis navios, à miserável ração de seis onças de milho por dia. Após severos sofrimentos chegaram à Assunção, onde Irala e os carijós estavam vivendo de rapina; e tão escassa era esta que estirados pelos caminhos se viam os cadáveres dos que haviam morrido de fome. Não era isto estação para duzentos aventureiros esfomeados. Dispuseram-se a regressar, mas Irala pediu a Francisco Ruiz, que achando-se podres incapazes de serviço os seus próprios batéis, lhe deixasse um dos dele, em que tornasse a ir à Candelária, esperando sempre encontrar o seu comandante. Respondeu Ruiz que o faria, se Irala se lhe reconhecesse subordinado. Revelava isto premeditação de usurpar o governo. Tinha Irala em seu poder o ato pelo qual Aiolas lhe conferia o comando durante a sua ausência, mas sendo as suas forças inferiores à destes recém-chegados, prudentemente se absteve de produzi-lo. Se de outra forma tivesse procedido, assevera-se que Francisco Ruiz o teria morto, pois que os descobridores espanhóis em tão pouco estimavam as vidas uns dos outros como as dos índios. Evitou o perigo dizendo que se o outro apresentasse algum documento de Aiolas, que o revestisse da autoridade, lhe prestaria obediência. Parece que isto se julgou razoável; foi-lhe dado o navio, e Ruiz voltou a Buena Esperanza.

1537
Vem F. Ruiz a Assunção

Herrera, 6, 3, 18

Ali desfez este homem a amizade que por tanto tempo subsistira entre colonos e naturais. Com auxílio de um padre e de um secre-

tário, ignora-se o motivo, traiçoeira e perversamente pôs a tormentos e fez morrer alguns dos timbués; depois, deixando uma guarnição de cento e vinte homens num fortim, chamado Corpus Christi, partiram os malvados, escapando à vingança que recaiu sobre os seus conterrâneos. Um cacique dos timbués, que vivera em grande intimidade com os espanhóis, aconselhou-o que não deixasse ficar um só, pois que todos iam ser mortos ou expulsos da ilha. O conselho só deu em resultado prometer ele voltar depressa, mas foi um meio de iludir a guarnição. Alguns dias depois veio um irmão deste cacique pedir alguns homens para o escoltarem a ele e à sua família, que desejava vir e estabelecer-se entre os europeus. Seis homens eram o que pedia, mas o comandante, usando de mais cautela do que deveria supor-se, mandou cinqüenta arcabuzeiros, bem armados, e com recomendação de não se descuidarem. Foram estes mui bem acolhidos com grande cordialidade aparente, mas apenas se haviam assentado para comer, caíram sobre eles os timbués, rebentando em grande número dos vizinhos ranchos, onde estavam escondidos, e tão bem havia sido o plano concebido, tão habilmente foi executado, que dos cinqüenta apenas escapou um. Imediatamente foram os vencedores pôr cerco ao forte, assaltando-o de dia e de noite por duas semanas. No décimo quinto dia pegou fogo nas habitações. Fez o capitão uma surtida e caiu numa emboscada, sendo cercado e morto por uma partida armada de compridas lanças, cujos ferros eram as espadas tiradas aos que pereciam. Ainda em bem para os espanhóis, que não a tinham os sitiantes provisões suficientes para continuarem o bloqueio, vendo-se por isso obrigados a retirarem-se para se proverem de outras. Entretanto Francisco Ruiz, prevendo as conseqüências do seu errado proceder, enviara dois bergantins, em que todos embarcaram para Buenos Aires, abandonando a estação.

Imprudência de F. Ruiz

Cerco e abandono de Buena Esperanza

Herrera, 6, 3, 18. Schmidel, 27, 28

Quando a Sevilha chegou o navio a cujo bordo morrera Mendoza, já dois estavam de verga dalto prontos a fazerem-se de vela com reforços para ele, nos termos do seu contrato, e segundo as providências que dera para seu cumprimento. Estes navios mandou-os o rei sair debaixo do comando de Alonso Cabrera, permitindo-lhes seguir até ao estreito em viagem mercantil, se porventura achassem abandonados os estabele-

Enviam-se reforços às ordens de Cabrera

cimentos do Prata. Também enviou um galeão carregado de armas e munições. As primeiras ordens da corte haviam sido que, em caso de não ter o adiantado nomeado sucessor, escolhessem os soldados um, mas ao saber-se que ele designara Aiolas, confirmou-se esta nomeação. Foram nesta expedição seis franciscanos, e levavam o perdão d'el-rei aos espanhóis, que tendo comido carne humana no delírio da fome, haviam fugido para os selvagens com receio do castigo: menor mal pareceu perdoar-lhes do que deixá-los privados de toda a comunhão cristã. Chegou um destes navios, chamado a *Marañona*, a Buenos Aires quinze dias depois da evacuação, de Buena Esperanza: o outro, com duzentos homens a bordo entrara na ilha de Santa Catarina, na costa do Brasil, para onde se mandou uma caravela a saber dele, e carregar de arroz, mandioca, farinha, milho, e quaisquer outros gêneros que a terra oferecesse. Na volta naufragou esta embarcação já dentro do rio, salvando-se de toda a tripulação apenas seis, agarrados com o mastro. Um destes seis foi Hulderico Schmidel, aventureiro alemão, que acompanhara Mendoza e escreveu a história destas transações.

Herrera, 6, 3, 18

1538

Schmidel, 29-30

Saíram os franciscanos a pregar entre os indígenas, e Cabrera com Francisco Ruiz e o corpo principal dos espanhóis seguiu para a Assunção. Nenhuma nova havia ainda de Aiolas, e poucas dúvidas podiam restar sobre a sua morte; cumpria regular a questão da sucessão, e Irala, animado por Cabrera, que, esperando obter parte neles, lhe prestava o seu apoio contra Francisco Ruiz, apresentou os seus poderes. Mas quando Cabrera viu que o novo governador não estava disposto a sofrer um igual, instigou os oficiais da coroa a exigirem que se fizessem mais diligências para saber de Aiolas. Não carecia Irala de quem nisto o esporeasse; e com nove navios e quatrocentos homens, a maior força que até então tinha penetrado tanto terra adentro, de novo seguiu para a Candelária. Ali nada se sabia; continuaram os espanhóis a subir o rio até que numa canoa encontraram seis índios, que por sinais lhes deram a entender que os companheiros estavam no sertão, morando numa casa-forte, que haviam construído e cavando ouro e prata. A esta boa nova, partiram duzentos a reunir-se àqueles, levando por guias estes selvagens. Após um dia de marcha tornaram-se maus os caminhos, pois começavam as inundações; era preciso avançar

Marcha Irala em busca de Aiolas

com água pela barriga e às vezes pelos peitos, sendo freqüente não aparecer um palmo de terra seca, onde repousar de noite. Afinal principiando a exaurirem-se-lhes forças e mantimento, renunciaram a desesperada tentativa, em que gastaram um mês até volverem aos bergantins.

Herrera, 6, 7, 5

Averigua-se a morte de Aiolas

Dois dias depois da sua volta chegou um índio, que deu a primeira notícia positiva da sorte de Aiolas e da sua gente. Pertencia o selvagem, segundo dizia, à tribo dos xanés, que amigavelmente haviam recebido os espanhóis, informando-os de que os xemeneus e carcarais,[19] que residiam ainda mais para o sertão, faziam uso de metais preciosos. Seguiram os europeus para o país indicado; lá chegaram, viram as suas riquezas, mas encontrando resistência, retrocederam, pensando voltar com maiores forças. Deu-lhes o cacique dos xanés então muito ouro e prata, e para o levarem índios, dos quais o narrador era um. Chegaram à Candelária, onde Irala os devia esperar, mas o prazo era vencido havia muito, e eles vinham de todo exaustos e extenuados da longa marcha por um país deserto. Os paiaguás lhes deram os emboras da sua chegada, convidando-os, visto não estarem ali os bergantins, a serem seus hóspedes até que voltasse Irala. Fiaram-se os espanhóis deste gentio, e atraídos a um pântano, ali foram mortos até ao último, com todos os seus índios, sendo este o único que escapara.

Herrera, 6, 7, 5. Schmidel, 25

Os paiaguás

Nem podia Irala por causa das inundações tirar então vingança, nem eram os paiaguás fáceis de atingir em tempo algum. Esta nação, que ainda por dois séculos devia ser a praga do Paraguai, dividia-se em duas tribos, sariguês e tacambus: infestava a primeira o rio acima da Assunção, por muito mais de duzentas léguas até ao Lago de Xaraiés, enquanto a segunda levava as suas depredações a maior distância ainda pelo rio abaixo até ao Paraná. Não houve jamais piratas d'água doce tão atrevidos e daninhos como estes selvagens quase anfíbios. Às vezes aproximavam-se do navio na escuridão, e viravam-no de modo que fosse encalhar, pois não havia no rio escolho nem banco de areia, que eles não conhecessem. Outros nadavam desapercebidos até ao barco, com a cabeça só fora d'água, e num instante o abordavam por todos os lados. Levavam as suas canoas ordinariamente três pessoas, eram extremamente

leves, e de mui formoso trabalho. Quando perseguidos e alcançados, voltavam-nas, e delas se serviam na água como de paveses, contra as armas dos inimigos; apenas passado o perigo, endireitavam-nas dum toque, e seguiam avante. Não eram menos insidiosos por terra do que por água. Armavam ciladas aos caçadores, atraindo-os com o grito imitado do animal que estes buscavam, fosse ave ou quadrúpede; quando se tratava de partidas mais numerosas, enganavam-nas, oferecendo-se para seus guias, dando-lhes mantimento e frutas, e levando-os assim até as terem em seu poder, para caírem então sobre elas de improviso. Ainda durante o século passado se não podia navegar o Paraguai sem imenso risco da parte destes selvagens. Moravam de preferência nas ilhas, baías e angras, e ali escondidos por trás das árvores, esperavam a sua presa. Suas mulheres são belas, porém de baixa estatura, e de pés tão extremamente pequenos, que têm sido comparados aos das chinesas. Supõe-se que provenha isto do seu peculiar gênero de vida, passando tanto tempo em estreitas canoas e jamais viajando de outra forma.

Solis, I. 6, art. 19

Buenos Aires abandonada

Durante a inundação, impossível era castigar os paiaguás pelo assassinato de Aiolas e dos seus companheiros, nem Irala podia fazer outra coisa senão voltar. Algum tempo depois caíram dos daquela tribo prisioneiros dos carijós: pô-los ele a tormentos até que, culpados ou não, confessaram o fato, e então, com a verdadeira barbaridade dum descobridor, assou-os vivos! Mas não eram menos empreendedores que cruéis estes conquistadores; o ouro e prata recolhido por Aiolas, embora destes tesouros só ouvissem falar, excitou-lhes a cobiça, e resolvidos a seguir-lhe os passos, e prosseguir nas suas descobertas até ao coração do sertão, entenderam dever abandonar[20] Buenos Aires, concentrando em Assunção todas as suas forças.[21] Assim se fez pois, sendo Irala o comandante, em virtude dos poderes que lhe conferira Aiolas, e do título mais valioso da escolha dos soldados, que para todos, diz Hulderico Schmidel, ele se mostrara sempre justo e benévolo, mas especialmente para estes. Há razões para acreditar que toda a sua justiça e benevolência se cifrava neles. À chamada responderam seiscentos homens... nem um quarto dos que haviam deixado a Espanha, pela conquista do Prata.

Schmidel, C. 26, Herrera, 6, 7, 5

Arg. **Ms**

NOTAS DO CAPÍTULO III

1. Américo Vespucci tinha provavelmente morrido.*
   * Vespucci morreu em 1512 (P.B.B.)

2. Puerto de Patos a chama Funes (1, 6) que a coloca na lat. de 27º, ponto a que, segundo ele, se estendiam as fronteiras dos guaranis, então senhores de quase toda a costa.

3. Paraguai, diz Techo, significa Rio Coroado, assim chamado por que os indígenas de ambas as margens traziam coroas de penas. Parece antes ser a mesma palavra que *Paraguaçu,* o Rio Grande. As línguas guarani e tupi são radicalmente as mesmas, e do Pará ao Paraná se designa com o mesmo termo a idéia de rio.

4. Charlevoix faz dele um português mandado pelo capitão-general do Brasil a reconhecer o país, e tomar posse dele para o rei de Portugal.
   Nem o Brasil teve capitão-general, senão muitos anos depois, nem por este tempo se fundou ali nenhuma das suas capitanias.

5. Abre os olhos. *Los bajos que llaman de Abre el ojo,* diz Herrera.

6. Não eram estes tesouros produção do país; tornaram-se porém fatal engodo para mais que um desgraçado aventureiro, *tantam enim annis ille vano suo inanique nomine de se expectationem excitarat,* diz Peramas, *Prol, ad Sex Sacerd.*

7. Conta Rui Dias de Guzmán *(Argentina* Ms.) que Cabot mandou quatro espanhóis, sob o comando dum chamado César, de Santespírito ao Peru. Chegaram eles àquele país, deram ao Inca uma embaixada do rei de Espanha, e foram por ele bem recebidos, sendo despedidos com presentes. Ao voltarem a Santespírito, tinha já partido Cabot, visto o que, pareceu-lhes melhor volver ao Peru, do que ficar entre selvagens; mas à sua segunda chegada àquele reino, reencontraram ali Pizarro e Atabalipe prisioneiro. Rui Dias diz ter esta narração de Gonzalo Saens Garzón, um dos conquistadores do Peru, homem já velho e então estabelecido em Tucumán, que em Lima vira César. Se a história fosse verídica, mal se concebe que os diferentes historiadores daquela conquista a omitissem. O próprio nome de César é mais uma razão para duvidar.

8. Techo diz que ele deixou uma guarnição em Santespírito, e passa depois a contar a história de Lúcia Miranda, Sebastião Hurtado seu marido, e Manzora, chefe dos timbués. Este cacique, diz a história, enamorou-se de Lúcia, e para possuí-la, resolveu exterminar todos os espanhóis. Apoderou-se pois do forte à traição, matando todos que ali achou, exceto quatro mulheres, e outros tantos rapazes, mas ele mesmo caiu. Sucedeu-lhe seu irmão Siripus, que a seu turno se apaixonou por Lúcia, sobre a qual porém não houve persuasão, que prevalecesse. Passando algum tempo voltou o marido, que estava ausente quando fora surpreendido o forte; vendo os es-

tragos presumiu a causa, e foi entregar-se aos timbués, para que o levassem aonde estava a esposa. Quis Siripus mandar matá-lo, mas a instâncias de Lúcia deixou-lhe a vida, jurando porém que se ela o reconhecesse por marido, ambos morreriam. Surpreendidos os dois juntos, foi queimada, e Sebastião como o santo seu patrono, amarrado a uma árvore e crivado de setas. A prosa argentina é talvez a primeira autoridade em que este conto se apóia. Não há quiçá na história americana anedota que mais vezes fosse repetida do que esta, tão contrária aos hábitos dos índios, que em si mesma traz a melhor refutação.

9. Schmidel diz 14 navios, 2.500 espanhóis e 150 alemães e holandeses. Funes o seguiu às cegas nesta estatística, não advertindo que Schmidel, sobre excessivamente inexato em todas as coisas, escrevia de memória passados já muitos anos; que Herrera tinha à mão os documentos mais autênticos, sendo um dos historiadores mais fidedignos; e que é absurdo supor que Mendoza, que contratara levar 1.000 homens à sua custa em duas viagens, só numa conduzisse 2.650!
   Nenhuma outra parte das Índias espanholas se pode gloriar de contar tantos fidalgos entre os seus primeiros conquistadores como o Paraguai. Iam nesta expedição de Mendoza trinta e dois morgados: era um dos aventureiros irmão de Santa Teresa. Se era o mesmo, que na infância tomara parte nos sentimentos românticos desta tão entusiástica e tão interessante senhora, e, com ela formava planos de se retirar a uma ermida, ou ir entre os infiéis buscar a palma do martírio, quanto melhor não fora que o Senhor o houvesse chamado, enquanto o coração estava cheio de tão virtuosos propósitos, do que ter vindo a ser testemunha, e sócio dos sofrimentos e, provavelmente, também dos crimes desta misérrima jornada!

10. Schmidel diz que os dois eram irmãos. Cunhados seria possível, mas o caso é já bastante feio, independentemente desta circunstância agravante.

11. Usavam os peruvianos duma arma semelhante, mas de três pernas, segundo Herrera, que diz que eles a inventaram contra a cavalaria (5, 8, 4). Em outro lugar (4, 2, 10) torna a falar nela, dando-lhe o mesmo nome, *Ayllos,* mas descrevendo-a de modo diverso, como lanças ou varas com certas cordas a elas atadas, para apanhar homens como numa rede ou laço. Ovale (3, 7) diz que a que usavam os pampas tinha a bola de pedra só numa ponta, e na outra uma de couro, ou qualquer outra substância leve, pela qual segurava o índio a correia, fazendo-a girar à volta da cabeça para fazer a pontaria. A bola de pedra é perfeitamente redonda e polida.

12. Funes imputa esta crueldade a Francisco Ruíz de Galán, lugar-tenente de Mendoza. Se Schimidel (c. 7), que refere a circunstância num de seus curiosos impressos, de Herrera se vê que foi um ato do próprio Mendoza. O Deão de Córdova imputa também a Francisco Ruíz uma decisão perfeitamente acorde com os costumes depravados destes aventureiros... *obligado en rigor de justicia a una mujer a que se prostituyse a un marinero, o le restituyese el pez que bajo este pacto le había dado.* Lê-se a história na *Argentina poética* (pág. 14 da Coleção de Barcia).

13. Esta palavra Wasu, grande, prova que a tribo era do mesmo tronco dos tupinambás.

14. Talvez um dos três que foram feitos prisioneiros no Paraguai (*vid. supra*). Rui Dias (Arg., Ms.), diz que do cativeiro destes homens resultou grande bem, pois foram entregues muitos anos depois, quando já conheciam a fundo a língua e o país. Dá ele aos outros dois os nomes de João de Fuster e Heitor de Acuña: ambos estes obtiveram comendas na Assunção.

15. Rui Dias (*Argentina*, Ms.) diz que ele, como Cabot, entrou primeiramente no Paraná, subindo-o até encalhar nos mesmos baixos.

16. Diz Herrera (5, 10, 15) que é este o povo que em outras partes das Índias se chamavam Caraíbas. Mas é provável que os ilhéus aplicassem este nome indiscriminadamente a todas as tribos antropófagas.

17. Mandioca.

18. Schmidel conta (c. 44) que montado numa destas *armidas*, como ele as chama, fez quarenta léguas. Não podemos acreditar nisto, pois que não tem por si melhor autoridade; enquanto que Garcilaso diz que a carga do *huanacu* ou lhama grande regula de três a quatro arrobas. Já este animal se não encontra no Paraguai. Parece que a civilização dos peruvianos se ia estendendo pelo centro da América do Sul além das suas conquistas, quando chegaram os espanhóis; resultando assim mais mal do que bem da queda dos Incas.

19. Provavelmente o mesmo que carcarisos.

20. Refere Rui Dias (*Arg.*, Ms.) um exemplo ridículo da miséria a que ali estavam reduzidos os colonos. Pela sua fraqueza e grande mortalidade que tinha havido, caiu sobre eles *una furiosa plaga de tigres, onzas y leones... de tal manera que para salir a hacer sus necesidades era necesario que saliese número de gente, pára resguardo de los que salian a ellas.*

21. Teve esta força considerável aumento com a tripulação dum navio genovês de Varasa, fortaleza, segundo Rui Dias, entre Gênova e Saona. Dirigia-se este barco para Lima pelo estreito, com mercadorias no valor de 50,000 ducados, e chegara já ao Mar do Sul, quando o mau tempo o obrigou a retroceder. Tendo o capitão ouvido que os espanhóis haviam formado um estabelecimento no Prata, entrou ali. Perto de Buenos Aires encalhou num baixo e perdeu-se com a maior parte do carregamento. Toda a tripulação se reuniu aos espanhóis.

. . . .

Capítulo IV

EXPEDIÇÃO DE DIEGO DE ORDAS – SAI GONÇALO PIZARRO EM BUSCA DO EL DOURADO – VIAGEM DE ORELLANA – TENTATIVA DE LUÍS DE MELO PARA ESTABELECER-SE NO MARANHÃO

1530

Expedição de Diego de Ordas

ESTAVA O Maranhão, que tão fatal fora a João de Barros, destinado a ser por muitos anos teatro de aventuras e desgraças. Já um aventureiro ali vira malogradas as esperanças antes da desastrosa expedição. Fora este Diego de Ordas, o mesmo que na história do México deixou memorável nome, por ter subido a montanha ardente de Popocatepec. Mas nem a glória que assim ganhara, nem o seu quinhão nos despojos daquele país, o haviam saciado: pois é da natureza da ambição e juntamente o seu castigo, não descansar jamais. Requereu a comissão de conquistar e colonizar o país do Cabo de la Vela para o nascente, numa extensão de duzentas léguas, o que se lhe concedeu, sob condição de procurar explorar a costa até ao Maranhão, sem ultrapassar contudo os limites do Rei de Portugal. Deu-se-lhe o título de governador com um soldo de 725,000 maravedis, dos quais havia de pagar um alcaide-mor, um médico, um cirurgião, um boticário, trinta peões e dez escudeiros. Foi além

disto nomeado adiantado e capitão-general por toda a vida, dando-se-lhe mais a vara de alguazil-mor também vitalício. Permitiu-se-lhe erigir quatro fortalezas onde lhe parecesse acertado, que seriam levantadas à sua custa, mas cujo comando seria dele e dos seus herdeiros, com os vencimentos ordinários. Igualmente se lhe asseguraram mil ducados anuais durante a vida, como ajuda de custo para as suas despesas, e a vintena dos direitos reais nas suas conquistas, contanto que não passasse de outros mil ducados. Concedeu-se-lhe o privilégio de conservar as suas possessões na Nova Espanha, embora nelas não residisse. Dar-se-lhe-iam vinte e cinco éguas e outros tantos cavalos da coudelaria real na Jamaica, e poderia tomar cinqüenta escravos e 300.000 maravedis, para prover de artilharia e munições, permitindo-se-lhe mais estabelecer um hospital, e aceitar as esmolas que para essa fundação lhe dessem. Tão vantajosos termos mal se teriam concedido, a não ter sido a alta reputação que Ordas já adquirira.

Herrera, 4, 10, 9

Levantam-se para esta jornada quatrocentos homens. Saiu Ordas de Sevilha em princípios de 1531, e em Tenerife se lhe reuniram três irmãos Silvas com duzentos infantes; são os espanhóis das Canárias uma raça ativa e aventureira, que tem fornecido às colônias os melhores habitantes. Dali seguiu para o Maranhão, onde tomou uma canoa com quatro indígenas. Traziam estes consigo duas pedras, que aos espanhóis pareceram esmeraldas, sendo uma do tamanho da mão dum homem; e as informações foram que a alguns dias de jornada pelo rio acima havia uma rocha inteira destas pedras. Tinham também dois bolos de farinha, semelhantes a sabão, e como amassado com bálsamo, que diziam ser apanhados dos ramos das árvores de incenso, de que havia uma floresta a cerca de quarenta léguas pelo rio acima. Tentou Ordas subi-lo, mas achou a navegação por demais difícil, e depois de se ter visto em risco iminente entre os baixos e corredeiras, e perdido um dos seus navios, resolveu procurar fortuna em outra parte. Foi primeiramente a Periá, onde quis intrometer-se nas conquistas já feitas por outrem. Depois, tendo recebido de Madri uma severa reprimenda com ordem de escolher as suas duzentas léguas a partir ou do Cabo de la Vela para o Maranhão, ou deste para aquele, entrou no Orinoco, então chamado Viapari, dum cacique cujo território ficava sobre as suas margens. Desta tentativa

1531

1532

não se saiu melhor do que da precedente; teimou contudo em invernar no rio, até que perdida afinal grande parte da sua gente em naufrágios e outros desastres, abandonou a empresa, fez-se de vela para a Espanha, e morreu em viagem ou pouco depois da chegada.

Herrera, 4, 10, 9-10, 5, 1, 11. P. Simon, 2, c. 17-26

Teve esta expedição lugar uns poucos anos antes da de Aires da Cunha, e dos filhos de João de Barros; alguns anos depois navegava-se o Maranhão das montanhas de Quito até ao oceano.

Segurada, como ele imaginava, a autoridade da sua família no Peru, pela execução do seu antigo amigo, camarada e benfeitor, entregou Pizarro o governo de Quito a seu irmão Gonçalo, homem ainda mais sanguinário e infame do que ele. Ao nascente daquela cidade dizia-se que ficava um país mui rico, em que abundava a canela. Apenas investido no seu governo, dispôs-se Gonçalo a tomar posse desta terra de especiaria, e ir depois conquistar o *El Dorado*, antecipando Belalcazar, que fora à Espanha solicitar a concessão daquelas partes. Para semelhante empresa não faltavam aventureiros. Partiu ele pois com cerca de duzentos infantes, cem cavalos, quatro mil índios, para servirem de bestas de carga ao exército, e obra de quatro mil porcos e carneiros da Índia.

1541

Expedição de Gonçalo Pizarro em busca do El Dorado

Entrou primeiramente na província dos quixos, último povo que os Incas haviam subjugado. Resistiram eles aos espanhóis, mas sentindo a própria inferioridade, fugiram de monte, levando consigo mulheres e crianças, que nem uma mais se viu. Enquanto ali fazia alto o exército, ocorreu violento terremoto, que derribou as habitações dos indígenas, abrindo a terra em muitas partes. Era isto apenas o prelúdio do que ele havia de sofrer dos elementos. Seguiram-se terríveis tempestades de raios e trovões, acompanhados de chuva tal, que um rio, além do qual costumavam os espanhóis ir procurar provisões, deixou de ser vadeável, principiando a fazer sentir-se a fome. Abandonando afinal esta estação, atravessaram um ramo das Cordilheiras, onde muitos dos índios lhes morreram gelados: ali deixaram os víveres e o gado em pé para, movendo-se mais depressa, salvarem as próprias vidas. Era despovoado o país a que desceram. Foram abrindo caminho por entre as matas, até que chegaram ao vale de Zumaque, que fica nas fraldas dum vulcão, a trinta

léguas de Quito. Ali acharam habitações e mantimento, e ali se reuniu a eles Francisco de Orellana, cavaleiro natural de Truxilo, com trinta cavalos. Partira este de Quito atrás deles, sofrendo ainda mais na marcha, pois achou já o país devastado pelos que iam adiante. Nomeou-o Gonçalo seu tenente-general, e deixando o grosso da sua gente em Zumaque, com setenta peões avançou para o nascente, a reconhecer o país da especiaria.

Achou as árvores de especiaria, cujo produto parecendo-se com a canela do Oriente em gosto, era contudo de inferior qualidade. Abundavam ali, dando as cultivadas melhor especiaria do que as que cresciam bravas. Delas tiravam os naturais um artigo considerável de tráfico, trocando por víveres o que colhiam, e pelos poucos vestidos de que usavam. Era ele um pobre povo inofensivo, que com pouco se contentava. A sua pobreza foi para Gonçalo uma decepção, que ao mesmo tempo o indignou. Inquiriu-os ele sobre se estas árvores cresciam em algum outro país, ao que responderam que não, o que sabiam por virem ali outras tribos em busca do produto. Mas quando lhes perguntou que países ficavam além, e eles nenhuma razão lhes puderam dar do *El Dorado*, desse áureo reino, alvo de seus desejos, então com a alma dum verdadeiro Pizarro, nome que jamais se pronunciará sem horror, pô-los a tormentos para extorquir-lhes uma confissão do que ignoravam, nem podiam ter motivos de ocultar. Queimou alguns em vida, e outros também em vida os atirou a seus cães, molossos cervais ensinados de propósito a nutrirem-se de carne humana!

Pedro de Cieza, C. 40

De noite cresceu tanto e tão repentinamente um rio, sobre cujas margens se alojara, que a muito custo pôde com os seus companheiros escapar à inundação. Voltou então a Zumaque. Durante dois meses que ali se detiveram os espanhóis, choveu sem cessar,[1] de modo que nunca estavam enxutos, apodrecendo-lhes no corpo a roupa. Os naturais, já familiarizados com este inconveniente, andavam nus, o que em clima tão quente lhes não era penoso.

Não tardou Gonçalo a sentir os maus efeitos da sua crueldade. Correra a notícia de tribo em tribo, e quando ele perguntava pelos países ricos que buscava, os pobres indígenas, não se atrevendo a contradizer-lhe a esperança, iludiam-no, e diziam-lhe que seguisse avante. Chegaram afinal os espanhóis à margem dum rio profundo e largo, ao

longo da qual foram marchando. Num lugar viram precipitar-se a corrente duma altura de alguns centenares de pés, e quarenta léguas mais abaixo contrair-se entre dois precipícios numa largura de vinte pés apenas. Iam os rochedos topetar com as nuvens: duzentas braças de elevação lhes calcularam os europeus. Mas já por cinqüenta léguas haviam seguido o curso do rio, sem acharem lugar onde atravessá-lo, até que resolveram lançar-lhe uma ponte de rocha a rocha. Os naturais, que da outra margem tentaram embargar-lhes o intento, depressa foram postos em fuga. Infinita dificuldade houve em atravessar a primeira trave; conseguido isto foi comparativamente fácil o resto. Um soldado orou ao contemplar o abismo debaixo dos pés, e nele se precipitou.

Mas, se grandes haviam sido os seus sofrimentos na região montanhosa e nas florestas, maiores os aguardavam aqui. Tinham de vadear pântanos, passar lagoas, lagos e savanas inundadas, sobre apanharem outra vez excessivas chuvas. Estavam quase exaustas as suas provisões, e principiavam os espanhóis a devorar os seus cães de guerra. Resolveu-se construir um bergantim, que levasse os doentes, e os passasse a todos duma margem para a outra, quando a oposta parecesse mais praticável, ou mais abundante o país. Por causa da chuva tiveram de construir choças, onde fazer carvão; forjaram quanto ferro levaram consigo, incluindo os freios e estribos dos cavalos, que se matavam como acepipes para os doentes; colheram resina, que lhes servisse de alcatrão, e em lugar de estopa empregaram os próprios vestidos já podres. Era isto obra de grande trabalho e dificuldade para os soldados, que concluído e deitado à água o navio, julgaram terminadas as suas misérias.

Mas ainda as tribulações continuaram a ser grandes. Ainda lhes era mister romper caminho por entre o emaranhado mato dos morros, e as canas das terras baixas, e atravessar campos inundados, tendo muitas vezes homens e cavalos de nadar, enquanto os do bergantim lançavam ferro, para que a corrente os não levasse mais depressa do que podiam segui-los pela margem os companheiros. Com a costumada tirania, levava Gonçalo consigo prisioneiros todos os caciques que podia colher à mão, que suas tribos tivessem fugido diante deles, quer o houvessem acolhido com amizade, com a única diferença de que aqueles, de quem receava se evadisse, os punha a ferros. Em parte por medo, e em parte para desviarem de seus próprios territórios semelhantes hóspedes, afirmavam estes pri-

sioneiros, que na frente ficavam regiões ricas e fertilíssimas, informação em que pelo mesmo fundamento todos os indígenas concordavam. Diziam a Gonçalo que chegaria a esta região, seguindo sempre o curso do rio até que outro maior viesse reunir-se-lhe. Um dia, estes caciques, que havia muito espreitavam a ocasião propícia, atiraram-se à água acorrentados como estavam, e ganhando a margem oposta, iludiram todas as pesquisas. Achava-se então a expedição, no dizer dos índios, a oitenta léguas da junção dos dois rios, e era extrema a fome que reinava. Já mais de mil peruvianos haviam perecido. Como o melhor meio de sair do aperto, ordenou Gonçalo a Orellana, que tomando cinqüenta homens, descesse no bergantim até ao fértil país de que falavam os naturais, e carregado ali de provisões, voltasse o mais depressa possível em socorro do exército.

Herrera, 8, 6-7. Zarate, L. 4, c. 1-4. Garcilaso, 2, 3, c. 2-3. Acuña en *El Marañon y Amazonas*, **L. 2, c. 10. Pizarro y Orellana,** *Vida de G. Pizarro*, **C. 2**

Engrossada com as águas que muitos rios lhe traziam do lado do meio-dia, deslizava-se rápida a corrente. No segundo dia, deu o navio contra um tronco, que lhe meteu uma prancha dentro: foi preciso alá-lo para terra e consertá-lo. Era pelo Coca que navegavam, e em três dias entraram no Napo; avaliando os espanhóis em mais de cem as inculcadas oitenta léguas dos índios. Inabitado era o país que haviam percorrido, nem sinais encontraram de cultura ou de população. Que fazer? Voltar contra aquela corrente tão forte era quase impossível com semelhante embarcação, e fracos como estavam os homens por falta de alimento suficiente; e se ali aguardava o exército já extenuados de fome, que tinham de esperar, senão a morte? Seria perderem-se sem proveito para os companheiros. Orellana ponderou isto aos seus: o argumento era forte e concludente. Demais tinha ele concebido a aventurosa esperança de seguir aquele grande rio por meio do continente, e voltando à Espanha requerer lá a conquista dos países que atravessasse. O dominicano Fr. Gaspar de Carvajal, e Hernán Sanchez de Vargas, jovem fidalgo de Badajoz, opuseram-se ao projeto, representando-lhe a miséria em que se veria o exército, quando, chegando ao ajustado ponto de reunião, visse falhar-lhe a última esperança. Orellana mandou pôr este último em terra entre os dois rios numa região deserta, onde aguardasse o exército, e segundo todas as probabilidades[2] perecesse de fome muito antes que este chegasse. Depois renunciando à comissão que Gonçalo Pizarro lhe

dera, recebeu de novo o comando da eleição da sua gente, para que assim pudesse fazer descobertas para si mesmo, e não em nome de outrem, de quem houvesse uma autoridade dele. Não fora a oposição de Fr. Gaspar tão veemente como a de Sanchez, nem talvez tão sincera, assim o devemos suspeitar, vendo-o depois prestar o seu testemunho a todas as falsidades alegadas por Orellana. Disse ele missa segundo a fórmula prescrita para os marinheiros em viagem, e entregaram-se todos à corrente que os levava.

Foi no último dia de dezembro que se encetou esta viagem, uma das mais atrevidas que jamais se têm empreendido. Já a limitadíssima provisão de víveres trazidos do exército estava exausta, e a gente comia os cintos de couro e as solas dos sapatos com as ervas que mais próprias pareciam. A 8 de janeiro, abandonada já quase toda a esperança de vida, ouviram os espanhóis um tambor indiano, som de alegria, pois fossem o que fossem os selvagens, bem sabiam aqueles agora que só por culpa própria morreriam de fome. Ao romper dalva, vigiando atentos, descobriram quatro canoas, que recuaram ao avistarem o bergantim, e logo apareceu uma aldeia, onde grande cópia de naturais estava reunida, e preparada a defender-se. Para negociar estavam os espanhóis famintos demais. Fê-los Orellana desembarcar, colocando-se em linha de batalha; atacaram eles os índios como quem esfomeado se bate por comer, e pondo-os imediatamente em debandada, acharam pronto fornecimento. Enquanto saboreavam os frutos da vitória, meteram-se os índios nas suas canoas e aproximaram-se, mais para satisfazer a curiosidade do que o ressentimento. Falou-lhes Orellana num idioma indígena, que entenderam em parte, e até alguns, cobrando ânimo, se chegaram; deu-lhes ele algumas bugiarias européias, e perguntando pelo cacique, veio este sem hesitar, agradou-se muito dos presentes que lhe couberam e ofereceu-se para suprir tudo que dele dependesse. Pediram-se comestíveis, e logo tiveram pavões, perdizes, peixe e outras coisas em grande abundância. No dia seguinte apareceram treze caciques a ver os estrangeiros: estavam vistosamente ornados de plumas e ouro, trazendo ao peito chapas deste metal. Recebeu-os Orellana cortesmente, intimou-os a reconhecerem a soberania da coroa de Castela, aproveitou-se como de costume da sua ignorância para afirmar que consentiam, e divertiu-os com a cerimônia de tomar-lhes posse do país em nome do Imperador.

A relação que Orellana e Fr. Gaspar fizeram da sua viagem é a alguns respeitos palpavelmente falsa, como se vai ver. O seu fim era exagerar as riquezas das províncias que haviam descoberto. Não é provável que estas tribos possuíssem ouro algum, pois que nenhuma das do Maranhão estava assaz adiantada para dele fazer uso. Em toda a parte onde os índios americanos se serviam deste metal, encontraram-se habitações fixas, hábitos de vida sedentária, governo regular, sacerdotes reunidos em corporação, e uma religião cerimoniada. Tribos nômades apanharão um grão de ouro, como fariam com uma pedra de cor, e o trarão pelo seu brilho; mas hão de deixar de ser errantes para dele fazerem chapas ou utensílios. Um destes caciques, segundo contou o frade, declarou que havia no sertão uma nação rica e poderosa, e que mais rio abaixo se encontraria outro país rico habitado por amazonas.

Sete espanhóis ali morreram em conseqüência da fome que haviam curtido. O capitão, a quem não faltava nenhuma das qualidades exigidas por tão desesperada empresa, entendeu que achando-se em termos tão amigáveis com os naturais, era este o lugar azado para construir melhor bergantim do que o frágil barco em que vinham e que seria incapaz de serviço ao entrar no mar. Dois homens, que nunca antes haviam tentado o ofício de ferreiro, encarregaram-se das obras de ferro, um terceiro empreendeu fazer carvão, e de algumas botas, que felizmente haviam escapado à caçarola, engenhou-se um fole. Meteram todos mão à obra, sendo Orellana o primeiro, que a nenhum trabalho se poupava. Em vinte dias fizeram dois mil pregos[3], e puseram-se logo a caminho, não julgando prudente cansar a hospitalidade dos seus novos amigos. Desarrazoada havia sido a demora, pois que pregos se podiam haver feito conjuntamente com o bergantim, e neste meio tempo consumiram-se as novas provisões. Vinte léguas mais abaixo desaguava do norte na torrente grande um rio mais pequeno: descia ele rápido e no lugar da junção de modo tal revolvia as águas, que os espanhóis se tiveram por perdidos. Dali seguiram, segundo o seu cálculo, por mais duzentas léguas, lutando com muitas dificuldades e perigos, por meio dum país inabitado. Afinal tornaram a avistar habitações. Mandou Orellana vinte homens à terra com ordem de não assustarem os naturais; encontraram um povo dócil, que admirou os estrangeiros, dando-lhes tartarugas e papagaios para sustento: de ambos os lados do rio encontraram os espanhóis a mesma

boa vontade. É agora bem povoado o país por onde avançavam. No dia seguinte saíram-lhes ao encontro canoas, cuja tripulação lhes deu tartarugas, perdizes e peixes, agradando-se tanto os índios do que receberam em troca, que convidaram o comandante a ir a terra ver o seu chefe Apariá. Assim o fez Orellana, dirigindo a este cacique e aos seus súditos um discurso sobre a religião cristã e o rei da Espanha, prática que por todos foi escutada com muita atenção, segundo ele disse. Ponderou-se Apariá que se iam ver as amazonas, que ele chamava cunhapuirás, ou poderosos caudilhos,[4] vissem bem quão poucos eram contra nação tão numerosa. Pediu então Orellana que se convocassem todos os caciques da província e reunidos vinte, repetiu-lhes os tópicos acima, concluindo por dizer, que sendo todos filhos do Sol, todos deviam ser amigos. Ficaram eles encantados com o reconhecimento desta fraternidade, e mais ainda com verem os espanhóis erigir uma cruz, e praticar a cerimônia de tomar posse do país. E aqui, achando o povo hospitaleiro, e abundante o mantimento, construiu Orellana o seu novo bergantim. Havia entre a tripulação um escultor de madeira, que agora nesta ocupação mais rude, mas também mais útil, se tornou singularmente prestimoso. Calafetou-se o navio com algodão, fornecendo os indígenas o pez, e em trinta e cinco dias caiu à água.

Herrera, 6, 9, 2

Estavam nisto empregados os espanhóis, quando chegaram quatro índios, vestidos e enfeitados, e de alta estatura; descia-lhes o cabelo até à cintura. Devia pois pertencer à tribo a que depois se pôs o nome de encabelados, pelo comprimento de cabelos, que tanto homens como mulheres deixavam crescer livremente, às vezes até abaixo do joelho. Dirigindo-se a Orellana com muita deferência depuseram mantimento diante dele, dizendo que vinham enviados por um poderoso chefe, a saber quem eram estes estrangeiros, e para onde iam. Fez-lhes este o mesmo devoto sermão sobre a religião cristã, supremacia do papa, e poder do rei de Castela despedindo-os depois com presentes. Passara-se a primavera antes da partida dos espanhóis. Fr. Gaspar e outro padre, que ia na expedição, confessaram toda a gente, pregaram-lhe, e exortaram-na a arrostar valentemente todas as dificuldades até ao fim. A 24 de abril embarcaram todos de novo; pelo espaço de oitenta léguas eram as margens povoadas de tribos tratáveis; dali para baixo tomava o

Acuña en *El Marañon y Amazonas*, **L. 2, c. 10**

rio por entre montanhas desertas, onde se deram por felizes com terem ervas e milho torrado de que se alimentassem, pois que nem sequer aparecia um lugar em que se pudesse pescar. A 6 de maio, chegaram a um sítio que parecia ter sido habitado anteriormente, e ali fizeram alto para matar algum peixe. O escultor viu em cima duma árvore junto ao rio um iguana, animal grande da família dos lagartos: fez-lhe pontaria com uma besta e a garrucha caiu na água. Apanhou-se, logo depois, um peixe grande, que a tinha já no bucho.

Passados mais seis dias, estavam na populosa província de Maquiparo, que confinava com as terras dum cacique chamado Aomaguá. Aqui tomou Orellana o nome da tribo pelo do seu chefe, pois que os omaguás naquelas partes[5] estavam então estabelecidos, e provavelmente caiu no erro oposto a respeito da designação anterior, dizendo-se mais adiante que Maquiparo[6] é o nome do cacique. Uma manhã viram os espanhóis uma frota de canoas a atacá-los; traziam os índios escudos feitos das peles do caimão, do boi marinho ou da anta, e entre rufos de tambor e gritos de guerra ameaçavam devorar os estrangeiros. Colocaram estes bem perto os seus dois navios, para que melhor se defendessem, mas quando quiseram fazer uso da pólvora, acharam-na úmida; não lhes restavam pois senão as bestas em que confiar, e fazendo delas o melhor uso que puderam, continuaram a descer o rio, pelejando sempre. Pouco depois chegaram a uma aldeia de índios, cujos habitantes estavam em grande massa reunidos à beira do rio; desembarcou metade dos espanhóis, ficando o resto a bordo para sustentar o combate fluvial. Levaram eles os índios adiante de si até à aldeia, mas vendo que era uma povoação mui grande, e mui numerosos os selvagens, voltou o comandante do destacamento para onde estava Orellana, a dar a sua parte. Enviou-se um reforço de treze homens, e tomada então a aldeia, volviam os vencedores carregados de provisões, quando foram atacados por uns dois mil índios, dos quais só após um renhido combate de duas horas puderam livrar-se, recolhendo-se aos bergantins. Dezoito da partida foram feridos, entre os quais Pedro d'Ampudia, que morreu. Não havia nem cirurgião, nem remédios para eles, pelo que só recitar salmos sobre as feridas se podia, tratamento que nada tinha de desusado, e tanto mais racional do que os métodos então em voga, que não admira, que em geral dele se colhessem melhores resultados.[7]

Apenas embarcados os despojos, largaram os espanhóis rio abaixo. Todo o país estava já então alvorotado contra eles. Milhares de índios cobriam as duas margens, e não podendo alcançar os estrangeiros, com gritos e vozes animavam os das canoas. Toda a noite durou a perseguição, afrouxando porém pela manhã; então os aventureiros, rendidos às fadigas da véspera, desembarcaram para uma ilha deserta, onde repousassem e aprontassem a comida, o que não podiam fazer sobre nenhuma das margens, ambas povoadas e ambas hostis. Apareceram outra vez as canoas, e Orellana vendo que os índios saltavam em terra para atacá-lo, à toda pressa se recolheu aos navios. Ali mesmo todos os esforços lhe foram precisos para se salvar. Era como se toda a força da província se houvesse coligado contra ele, com todas as suas canoas. Aí vinham avançando sempre, rufando seus rudes tambores, tocando buzinas e trombetas com tremendos clamores de guerra. Viam-se entre eles quatro conjuradores, besuntados os corpos com certo ungüento, a cuspir cinzas para os espanhóis, e atirando água na direção destes, como quem asperge água benta com hissope. Todo o empenho deles era abordar os bergantins; mas já os espanhóis tinham secado alguma pólvora, e um dos arcabuzeiros, por nome Cales, mirando certeiro o chefe dos índios, meteu-lhe uma bala no peito. Juntou-se em torno deste o seu povo, e enquanto assim estavam entretidos, já os bergantins iam longe. Por dois dias e outras tantas noites continuou contudo ainda a caça, até que se transpuseram os limites territoriais deste poderoso cacique Maquiparo. Quando Orellana viu que ninguém mais o perseguia, resolveu desembarcar e descansar. Saltaram pois os espanhóis em terra, expulsaram duma aldeia pequena os seus habitantes, e ali se detiveram por três dias.

Herrera, 6, 9, 2

A distância das fronteiras de Apariá até este lugar, orçaram-na eles em trezentas e quarenta léguas, das quais duzentas despovoadas. Partiam desta aldeia muitos caminhos, o que indicava uma forma de governo mais formidável, do que os espanhóis poderiam arrostar, pelo que lhes não pareceu prudente demorarem-se mais embarcando pois boa provisão de frutas, e biscoito feito de milho e de mandioca, despojos do lugar, largaram outra vez no domingo depois da Ascensão. Duas léguas mais adiante vinha ao rio reunir-se outro de considerável magnitude, a que puseram nome de Rio de la Trindad, pelas três ilhas que tinha na

boca. Estava bem povoado o país, e abundavam as frutas; mas tantas canoas saíram a recebê-los, que os espanhóis se não atreveram a deixar o meio do álveo. No dia seguinte, vendo um estabelecimento pequeno deliciosamente situado, aventuraram-se a ir a terra, e facilmente forçaram a praça; ali acharam grande cópia de víveres numa espécie de casa de recreio, algumas jarras e cântaros de excelente barro, além doutros vasos, vidrados e muito bem pintados. Encontraram também ouro e prata, dizendo os índios que havia no país grande cópia destas coisas. Igualmente se viam ali dois ídolos tecidos de ramos de palmeira de estranho feitio; eram de gigantesco tamanho, e à volta das partes mais grossas dos braços e pernas estavam largos círculos de forma afunilada como a guarda duma lança. Partiam daquele sítio duas estradas reais. Por cada uma delas caminhou Orellana meia légua, mas vendo que cada vez se alargavam mais, não julgou prudente passar a noite em terra achando-se num país semelhante. Nem ele nem a sua gente deviam pensar agora em enriquecer, mas em salvar as vidas e descobrir o que, volvendo, pudessem conquistar. Mais de cem léguas velejaram eles ainda por esta populosa região, guardando sempre o meio da corrente, para se conservarem a distância segura da terra. Depois entraram nos domínios doutro cacique, chamado Paguana, onde foram recebidos como amigos; fértil era o país, o povo parecido com os peruvianos.

No domingo do Espírito Santo, passaram por uma grande povoação, com muitas ruas, que todas iam dar ao rio; por elas saíram os habitantes metendo-se nas canoas a atacar os bergantins mas prontos se retiraram ao sentirem os efeitos das armas de fogo e das bestas. O dia seguinte levou os espanhóis ao derradeiro lugar no território de Paguana entrando eles então num país pertencente a um povo guerreiro, cujo nome não puderam saber. À tarde do domingo da Trindade assaltaram um estabelecimento, onde os habitantes se serviam de grandes paveses, como armas defensivas. Pouco abaixo daqui vinha do sul um rio desembocar na torrente principal; eram suas águas, disseram eles, negras como tinta de escrever, e formavam ainda por mais de vinte léguas uma linha escura, sem se mesclarem com as outras. Passaram por muitas povoaçõezinhas, assaltando uma em busca de mantimento: estava cercada duma muralha de madeira, cuja porta tiveram de forçar. Não podia isto ser senão a paliçada do costume. Já ia tão largo o rio, que duma margem

se não via para a outra. Em outro lugar, acharam vários vestidos de penas, dizendo-lhes um índio, que apresaram, que serviam estes trajos para as solenidades, e que era aquele o país das amazonas. Por onde quer que passavam, gritava-lhes de terra o povo, como desafiando-os. A 7 de junho entraram sem oposição numa aldeia, não se vendo ali senão mulheres; proveram-se bem de peixes, e Orellana, cedendo à importunidade dos soldados, consentiu em passar a noite em terra, por ser véspera do Corpo de Deus. Ao escurecer voltaram dos campos os habitantes da aldeia, e, achando semelhantes hóspedes, tentaram expulsá-los. Os espanhóis, depressa, os puseram em fuga, mas Orellana insistiu prudentemente no reembarque e imediata partida.

Para lá deste, morava povo mais afável; chegaram depois a uma grande povoação, onde viram sete pelourinhos com cabeças humanas espetadas em lanças. Partiam dali estradas calçadas com fileiras de árvores plantadas de um e outro lado. No dia seguinte, chegaram a outro lugar semelhante, onde a míngua de provisões os obrigou a saltar em terra: percebendo-lhes o desígnio, puseram-se os naturais de emboscadas, e furiosos os acometeram. Morto porém o seu chefe com um tiro de besta, levaram os espanhóis consigo grande cópia de tartarugas, patos, papagaios e milho. Com este oportuno suprimento seguiram para uma ilha, onde comessem e refrescassem. Uma mulher de agradável presença, que dali levaram, disse-lhes que havia muitos homens como eles no interior, e que um dos caciques indígenas tinha duas mulheres brancas, que havia trazido duma terra, que ficava mais rio abaixo.

Eram estas mulheres provavelmente restos do naufrágio da expedição de Aires da Cunha. Durante os quatro dias seguintes, que tanto lhes duraram os víveres, não tentaram os espanhóis desembarque algum, tendo passado por um estabelecimento, do qual dizia a mulher partia o caminho para onde estavam os homens brancos. No lugar seguinte, em que forragearam, acharam milho e cevada, de que os naturais preparavam uma espécie de cerveja; também viram o que chamaram taverna deste licor, bom pano de algodão, e um oratório, em que estavam penduradas armas e duas coberturas de cabeça variegadas, semelhantes a mitras episcopais no feitio. Dormiram num outeiro da margem oposta, sendo inquietados por índios em canoas.

A 22 de junho, avistaram muitas povoações grandes do lado esquerdo, mas tão forte era a corrente, que os espanhóis a não puderam cruzar. Desde então nunca deixaram de ver aldeias habitadas por pescadores. Ao voltarem um ângulo do rio, alongou-se diante deles a perder de vista o país coberto de muitos estabelecimentos, cujo povo, avisado da chegada deles, se havia reunido evidentemente com intenções hostis. Mostrou-lhes Orellana vários dixes, de que se burlaram, mas ele teimou em aproximar-se para haver provisões por bem ou por mal. Partiu de terra uma nuvem de setas, de que ficaram feridos cinco espanhóis, sendo Fr. Gaspar um deles. Desembarcaram contudo, seguindo-se renhida peleja, em que os índios se não mostraram acobardados com a mortandade que entre eles se fazia. Fr. Gaspar afirmou que dez ou doze amazonas[8] combatiam à frente deste povo, sujeito à nação delas, e que tão desesperadamente batalhava, por que todo aquele, que fugisse do conflito, teria sido morto por estes tiranos femininos. Descreveu ele estas mulheres como altíssimas, e de robustos membros, brancas de pele, cabelos compridos, lisos e passados à volta da cabeça; o único artigo de vestuário era um cinto, e de armas lhes serviam arcos e setas. Mortas sete ou oito dentre elas, fugiram os índios. Um trombeta, que os espanhóis fizeram prisioneiro, deu-lhes muitas informações a respeito do sertão; de todos os lados porém rebentavam partidas tais, que Orellana se deu pressa em embarcar, sem fazer presa alguma. Tinham estes aventureiros viajado, segundo o seu cálculo, mil e quatrocentas léguas. A alguma distância deste perigoso passo encontraram outra povoação grande, onde, não vendo selvagem algum, insistiu a soldadesca com o seu comandante para que desembarcasse. Disse-lhes ele, que se o povo não aparecia, estaria seguramente de emboscada, e assim foi. Apenas os bergantins chegaram assaz perto, surgiram os indígenas, disparando uma multidão de flechas. Em bem foi para os navios terem sido pavesados ao deixarem o país de Maquiparo, ou muito teriam sofrido agora: assim mesmo perdeu Fr. Gaspar um olho, e fortuna fora para a sua reputação de veracidade, se ambos os houvera perdido antes de ter visto as suas amazonas brancas. Sobre a margem meridional já as cidades ou aldeias em parte nenhuma distavam mais de meia légua uma da outra, nem menos povoado era o interior do país segundo asseveraram aos espanhóis. Tendo entrado nesta província, no dia de S. João, deu-lhe Orellana o nome do santo.

Calculou-lhe a extensão em cento e cinqüenta léguas de borda rio, habitada, observando-a com especial solicitude, como país, que um dia esperava fazer seu: eram terras altas, com muitas savanas, e florestas de sobreiros e carvalhos de várias espécies. No meio do rio ficavam numerosas ilhas, em que pensou saltar, reputando-as inabitadas; de repente porém largaram dali algumas duzentas canoas, cada uma com seus trinta ou quarenta homens, alguns dos quais levantaram discordante ruído de tambores, trombetas, rabecas de três cordas, e uns instrumentos que pareciam gaitas ou órgãos de boca, enquanto todos atacavam os bergantins. Apesar de rechaçarem estes inimigos, viram-se tão apertados os espanhóis, que em nenhuma destas ilhas puderam tomar mantimentos. O terreno delas parecia elevado, fértil e delicioso, e a maior media cinqüenta léguas de largura. Assim que as canoas desistiram da caça, desembarcou Orellana num bosque de carvalhos, onde por meio dum vocabulário, que compusera, interrogou um prisioneiro. Dele soube que era este país sujeito a mulheres, que viviam à moda das amazonas dos antigos, e possuíam ouro e prata em abundância. Havia nos seus domínios cinco templos do sol, todos cobertos de chapas de ouro; de pedra eram suas casas, e muradas suas cidades. Herrera observa com razão, que não era possível que Orellana na sua viagem compusesse um vocabulário[9], com auxílio do qual se entendesse uma exposição como esta. A verdade é que tendo, como Raleigh, achado um país que julgou digno de conquistar-se e colonizar-se, inventou a seu respeito as falsidades que melhor poderiam tentar aventureiros a acompanhá-lo na projetada empresa. Umas poucas mulheres tinham sido vistas a combater com arco e setas, coisa comezinha na América; os seus templos do Sol, trouxera-os ele do Peru, e afirmava existirem aqui, porque aqui esperava e contava encontrá-los; a cobiça e a credulidade o faziam mentiroso.

Aqui pensaram agora os espanhóis entrar outra vez em país desabitado, mas de repente lhes apareceram do lado esquerdo grandes e vistosos estabelecimentos em terrenos elevados. Não quis Orellana aproximar-se, desejoso de evitar o perigo quando o perigo era evitável. Meteram-se os naturais nas suas canoas, e vieram até ao meio do rio, para verem os bergantins, não para os atacarem. O prisioneiro declarou que por mais de cem léguas se estendia esta província, vassala dum cacique chamado Caripuna, que possuía muita prata. Afinal chegaram a uma

aldeia, em que se julgaram assaz fortes para obterem provisões. Defenderam-se os habitantes, matando Antonio de Carranza. Não tardou a descobrir-se que de setas envenenadas. Deram os espanhóis fundo à sombra duma floresta, levantando barricadas, que os protegessem contra tão terríveis armas: ali lhes pareceu que já se percebia a maré.[10]

Com mais um dia de viagem chegaram a umas ilhas desabitadas, onde com infinita alegria conheceram que não se haviam iludido, sendo ali já fora de dúvida os sinais do fluxo e refluxo. Dum ramo pequeno do rio saíram duas flotilhas de canoas que intrepidamente os assaltaram: de grande préstimo foram então as barricadas, a favor das quais foi repelido o inimigo, não porém sem que Gaspar de Soria recebesse uma ligeira ferida de seta, morrendo dentro de vinte e quatro horas, tão ativo era o veneno. Pertencia esta terra sobre a margem direita a um cacique chamado Chipaio. Segunda vez voltaram as canoas à carga, mas um biscainho, por nome Perucho, lhes derrubou o chefe com tiro certeiro, o que, como de costume, pôs termo à ação. Cruzaram então os espanhóis o rio para o lado do norte, por ser demasiado povoado o do sul. Era esta outra margem deserta, mas bem se deixava ver que no sertão não faltariam habitantes. Ali descansaram três dias, mandando Orellana um troço da sua gente uma légua pela terra a dentro, a explorar o país: as informações foram que tinham aparecido muitos indígenas, a caçar, segundo parecia, e que a região era boa e fértil.

Herrera, 6, 9, 5

A partir daquele lugar eram as terras baixas, não se atrevendo os espanhóis a desembarcar senão em alguma das ilhas ermas, por entre as quais velejaram duzentas léguas, segundo o seu cálculo, subindo a maré com muita força. Um dia, ao irem saltar numa delas, bateu o bergantim mais pequeno contra o tronco duma árvore, que lhe arrombou uma prancha, e adernou. Apesar disto desembacaram em busca de víveres, mas atacados em grande força pelos habitantes tiveram de retirar-se, e ao chegarem aos navios viram que a vazante lhes deixara em seco o único que lhes restava em estado navegável. Dividiu logo Orellana a sua gente em duas partidas, uma que pelejasse, enquanto a outra, metendo-se à água, endireitava o bergantim velho, pondo-lhe nova prancha. Tudo isto se fez em três horas, findas as quais cansados de combater os deixaram os índios em paz. Embarcaram então as provisões, que tinham po-

dido conquistar, e fizeram-se ao meio do rio, para passarem a noite em segurança. No dia seguinte, encontraram um ermo, onde Orellana fez alto, para reparar ambas as embarcações. Levou isto dezoito dias, por ter sido preciso fazer pregos: durante este tempo muito os acossou a fome, sendo-lhes delicioso manjar uma anta morta, que sacaram do rio. Ao aproximarem-se do mar, outra vez se detiveram quinze dias em preparativos para a viagem marítima; de ervas fizeram cordas, e velas das mantas em que dormiam, sustentando-se de ostras em todo esse tempo. A 8 de agosto, tornaram a dar à vela, ancorando com pedras quando enchia a maré, que às vezes subia com tanta valentia, que fazia garrar estas mal amanhadas âncoras. Felizmente eram ali os naturais de gênio mais brando do que os que ultimamente tinham tratado; destes houveram raízes e milho, e tendo aprovisionado os navios com o que puderam, prepararam-se para atravessar o oceano nestes frágeis batéis, com miserável aparelho e mantimento insuficiente, sem piloto, bússola, nem conhecimento da costa.

Foi a 26 de agosto que os espanhóis saíram barra fora, passando entre duas ilhas, que uma da outra distava quatro léguas. A extensão da viagem do lugar onde haviam embarcado, até entrarem no mar, computaram-na em mil e oitocentas léguas. Até ali fora-lhes sempre favorável o tempo, nem agora lhes falhou. Singraram para o norte ao longo da costa, mantendo-se dela apenas na distância que exigia a própria segurança. De noite perderam-se os dois bergantins de vista: o maior foi cair no golfo de Periá, donde nem a toda força dos remos pôde mais sair por sete dias, nutrindo-se a gente duma espécie de ameixa chamada hogos, único alimento que pôde encontrar. Afinal, arrastados por essas tremendas correntes que Colombo chamou Bocas del Dragón, foram os espanhóis dar à Ilha de Cubagua a 11 de setembro, sem saberem onde estavam. Dois dias antes, chegara ao mesmo lugar o bergantim velho. Ali foram recebidos com os emboras que suas maravilhosas aventuras bem mereciam, e Orellana largou para Espanha a dar ao rei conta das suas descobertas.

Herrera, 6, 9, 6

Foi admitida a desculpa que ele deu por ter abandonado o seu comandante. Solicitou a concessão da conquista dos países que explorara, oferecendo-se para levar consigo à sua custa cem cavalos, duzentos peões, oito religiosos, e materiais para construir bergantins: foi aceita a

Empreende Orellana a conquista do rio

oferta. Deu-se o nome de Nueva Andalucía à província que ele devia governar, ficando as ilhas fora da sua jurisdição; havia de converter os ilhéus, podendo traficar com eles, querendo, mas não conquistar, nem fundar estabelecimento algum entre eles. Também se lhe recomendou que não violasse o território português. Tendo tudo prometido, levantou ele fundos e aventureiros para a expedição, achando até uma mulher que o acompanhasse, e em maio de 1544 saiu de San Lucar com quatro navios e quatrocentos homens.[11]

1544

Mas a roda da fortuna de Orellana havia voltado. Ficou três meses em Tenerife, e dois em Cabo Verde, onde deixou noventa e oito homens mortos e cinqüenta por inválidos. Seguindo com três navios, achou ventos ponteiros, que o detiveram até que a bordo se acabou a água; e se não tivessem sido as grandes chuvas, todos teriam perecido. Neste aperto voltou um navio atrás com setenta homens e onze cavalos a bordo, e nunca mais dele se soube. Os dois restantes entraram afinal no rio. Procuraram-se víveres em algumas ilhas perto da foz, e ali quis a gente desembarcar para refrescar-se a si e aos cavalos, mas Orellana o não consentiu, dizendo que o país era muito povoado. Cerca de cem léguas mais acima, fez alto a expedição, para construir um bergantim; eram escassas as provisões, e morreram mais cinqüenta e sete homens, que não estavam, como os seus camaradas anteriores, afeitos ao clima, nem habituados às provações do Novo Mundo. Desfez-se um navio, para haver materiais, e trinta léguas mais adiante tornou-se o outro inavegável, pelo que foi igualmente desfeito, servindo as suas tábuas para se construir um saveiro. Foi isto serviço para trinta pessoas em sete semanas. Entretanto procurou Orellana achar o braço principal do rio, que havia sido fácil seguir, descendo ao impulso da corrente, mas que ele agora debalde procurou durante trinta dias entre um labirinto de canais. Voltando da sua infrutífera exploração, sentiu-se doente, e disse à sua gente que voltava para a Ponta de São João, onde mais fácil acharia a corrente principal, e onde iriam procurar, concluída a obra. E partiu. A gente, que havia tratado bem os indígenas, e portanto nunca sentira falta de provisões, deitou afinal a embarcação à água. Um cacique a acompanhou com seis canoas até as ilhas de Caritan e Marribiuque, consignando-a então aos cuidados do cacique deste último lugar,

que lhe serviu de guia ainda por trinta léguas. Ali julgaram os espanhóis ter achado três canais principais, mas os calafates tinham desempenhado mal o seu ofício, e o saveiro fazia água: os remadores não podiam mais, e as velas estavam quase incapazes de servir. Todas estas causas reunidas os induziram a voltar. A quarenta léguas da foz do rio encontraram uma província, que os naturais chamavam Cornao, e os europeus supuseram terra firme; formavam-na extensas savanas, cortadas por um rio. Com muita afabilidade os receberam os habitantes, mimoseando-os com peixe, patos, aves, milho, farinha de mandioca, batatas e inhames. Cem dos da partida resolveram-se a ficar ali entre os selvagens. Provavelmente contavam com a morte de Orellana, aliás não teriam procedido tão independentemente em lugar do obedecer às suas ordens.

Morte de Orellana

O resto dos espanhóis, saindo barra fora, foram costeando para o norte, até à ilha de Margarida, onde encontraram o bergantim, e da boca da sua viúva souberam da morte de Orellana. Tendo buscado em vão a corrente principal, e sentindo crescer a enfermidade, resolvera ele abandonar a expedição e regressar à Europa. Enquanto procurava provisões para a viagem, haviam-lhe os índios morto dezessete homens; o pesar e a doença lhe puseram termo à vida ainda dentro do rio. A viúva e os outros sobreviventes fizeram-se então de vela para Margarida.

Herrera, 7, 9, 9

Tal foi a sorte de Orellana, que como descobridor excedeu todos os seus conterrâneos; como conquistador foi infeliz, tanto melhor para ele agora. Nem queimou índios vivos, nem os atirou aos cães de guerra; e talvez que à hora da morte rendesse ele graças a Deus, que nunca lhe havia dado poder para cometer estas atrocidades, de que não creio se possa absolver conquistador algum. O grande rio que ele explorou, do seu nome se chamou algum dia, e ainda com ele se encontra em mapas antigos. Por esse nome o distinguirei, pois o que o de Amazonas se funda numa ficção, e o outro, que também lhe dão de Maranhão, causaria alguma confusão, pertencendo conjuntamente a uma província e à ilha onde está situada a respectiva capital, as quais ambas, mais de uma vez, terei de mencionar no correr desta história. Tudo isto seriam razões bastantes para preferir o nome de Orellana, ainda que não fosse uma sa-

tisfação render justiça à memória dum homem, restituindo-lhe a sua bem merecida honra.[12]

Tentativa de Luís de Melo da Silva

Pouco depois do malogro desta expedição, entrou Luís de Melo da Silva no rio, tendo sido impelido para o norte, ao sair de Pernambuco. Apanhou um dos indígenas, agradando-lhe muito quanto viu do país, e quanto deste prisioneiro pôde tirar. Ao chegar à Ilha de Santa Margarida, achou os destroços da partida de Orellana. Não tinham os próprios sofrimentos abatido tanto essa gente, que deixasse ela de aconselhar ao capitão português a repetição duma tentativa que tão desgraçada fora. Chegado a Portugal, requereu ele autorização para fundar ali um estabelecimento; cedeu João de Barros dos seus direitos à capitania; prestou o rei ajuda a Luís de Melo, cujos meios privados teriam sido insuficientes, e com três naus e duas caravelas, fez-se este de vela.[13] Perdeu-se a expedição nos baixios como se havia perdido a de Aires da Cunha. Escapou uma das caravelas que recolheu o comandante, salvando-lhe a vida. Voltou ele a Lisboa, foi à Índia, enriqueceu ali, e após vinte e cinco anos de rude serviço, embarcou para a mãe pátria com a resolução de mais uma vez aventurar-se a si e a sua fazenda na tentativa de fundar a capitania do Maranhão. Mas do navio *São Francisco*, em que ele ia, nunca mais se souberam novas, depois da sua partida da Índia.

1573
***Notícias*, Mss. 1, c. 4. Berredo, § 82-3**

NOTAS DO CAPÍTULO IV

1. Cresce naquelas chuvosas regiões uma árvore cuja madeira branca é tão seca, que imediatamente depois de cortada arde como um archote, de todo consumir-se. *Enteramente nos diò la vida bailar esta madera,* diz Pedro de Cieza. Deve esta árvore ser o *Espinillo* ou Gandubaí de Azara.
   O P. Manuel Rodrigues diz que esta terra insalubre não foi habitada por livre escolha, mas povoada por tribos, que ali buscaram refúgio contra a opressão dos Incas.

2. Contudo ainda o exército veio achá-lo vivo, tendo-se sustentado de ervas.

3. Foi isto perder ferro e tempo, pois que tornos de pau teriam servido melhor para o efeito. Nem se sabe donde veio o ferro, pois que Gonçalo Pizarro já tivera tanta

dificuldade em achar o preciso para o primeiro navio. Talvez desfizessem os arcabuzes, como para o mesmo fim praticou o remanescente do exército de Soto. Gacilaso, 1. 6, c. 4.

4. Parece esta palavra ter sido mal traduzida, e abonar alguma coisa à história das amazonas, pois cunhã em língua tupi significa mulher.
   Poderosas mulheres é pois provavelmente o sentido.

5. Erradamente supõe Condamine que eles, fugindo do reino da Nova Granada diante dos espanhóis, ali se haviam acoutado. Ainda a conquista do reino não tivera lugar, sendo pelo contrário ainda tradição entre os omáguas de Quito, que o seu berço fora o Maranhão, fugindo à vista do navio de Orellana muitas tribos, umas para as terras baixas dos rios, outras para o rio Negro na direção de Orinoco, e do novo reino de Granada. (Hervas, citando uma carta e Velasco, t. 1, pág. 266.) Também erra Condamine quando diz que a língua desta nação nenhuma semelhança tinha nem com a peruviana nem com a brasileira. É radicalmente a mesma que a dos guaranis e tupis. (Hervas, t. 1, pág. 30, 121.) Confirma Acuña a autoridade de Hervas, chamando esta tribo numa nota marginal: *Nación descendiente de los Quixos. El Marañon y Amazonas*, 1. 2, e. 10.
   Dá-se de diferentes modos a origem do nome destes selvagens. Acuña diz: *Omaguas, impropio nombre, que les pusieran, quitándoles el nativo, por su habitación, que es a la parte de ajuera, que eso quiere decir aguas.* (*El Marañon y Amazonas*, 1, 2, c. 1) Condamine diz que significa cabeças-chatas na língua do Peru.

6. Na subseqüente viagem de Orsúa se menciona a província de Michifaro.

7. Sanjurge, soldado da expedição de Hernando Soto, efetuara grandes curas com auxílio de óleo, lã e salmos, mas tendo-se perdido todo o óleo durante a retirada, abandonou ele a clínica, como de nenhum préstimo sem aquela droga. Afinal porém foi ele mesmo ferido, e como havia jurado não se sujeitar à crueza do cirurgião, tomou lardo em vez de óleo, desfiou um casaco velho para suprir a lã, e pôs-se a recitar os salmos. Em quatro dias estava curado, visto o que declarou que toda a virtude estava nas palavras da Escritura, e pediu perdão por ter deixado perecer tantos, persuadido de que óleo e lã suja eram essenciais ao curativo. Garcilaso, 1. 5, pág. 2, c. 5. Refere-se este autor perluxamente o caso na sua interessantíssima história da expedição de Soto. Herrera, que o repete (7, 7, 5), tem a mesma fé que este salmista, e conclui dizendo: *Era este hombre casto, buen Cristiano, temeroso de Dios, gran ayudador de todos, y curioso en otras tales virtudes.*

8. É divertido ver como esta história se engrandeceu, onde só por tradição era conhecida. Nas *Notícias do Brasil* diz-se que Orellana se bateu com um poderoso exército de mulheres. 1, c. 4.

9. Condamine preparou um vocabulário, antes de empreender a viagem pelo rio abaixo. Escreveu todas as perguntas que lhe poderia ser preciso dirigir, mas esqueceu-se de pôr também as respostas. P. 111.

10. Fr. Gaspar disse que um pássaro, que os havia seguido por mais de mil léguas, gritando sempre *huis, huis*, casas, todas as vezes que se aproximavam de habitações, aqui gritou *huy, huy* (que o bom frade se esqueceu de explicar o que era) e desapareceu. *Cuenta otras cosas maravillosas*, diz Herrera, que parece ter tido diante dos olhos a narração do dominicano.

11. Tem-se feito a Orellana uma acusação grave: Gonçalo Pizarro embarcara no bergantim um grande tesouro em ouro e esmeraldas, de que ele se apropriou para seu uso particular. É isto muito pouco provável. Nem ouro nem pedras preciosas havia Gonçalo encontrado na sua expedição, e para que fim poderia ele tê-las trazido consigo do Peru? Pizarro e Orellana nenhuma menção fazem desta imputação, que certo não teriam omitido, se fora bem fundada. É opinião deste escritor, que só a deserção do bergantim pôde impedir seu segundo tio Gonçalo de conquistar o mais rico império que jamais se descobrira na América. (*Varones ilustres del Nuevo Mundo, Vida de G. Pizarro*, e. 2.)

12. Apesar disto mudei na tradução o nome de Orellana para o de Amazonas, por ser o único por que é hoje conhecido o rio. (Nota do tradutor)

13. Rocha Pita (2, § 40-42) coloca esta expedição antes da de Aires da Cunha. Diz ele também que os filhos de João de Barros voltaram a Portugal. Não aponta datas, e, como de costume, tão pouco cuidado lhe dá a exatidão dos fatos como a ordem dos tempos.

. . . .

Capítulo V

SUCEDE CABEZA DE VACA A MENDOZA NO PRATA – MARCHA DE SANTA CATARINA POR TERRA – PARTINDO DE ASSUNÇÃO SOBRE O PARAGUAI E METE-SE AO SERTÃO NA DIREÇÃO DO PERU, EM BUSCA DE OURO – VOLTAM OS ESPANHÓIS POR FALTA DE MANTIMENTO, AMOTINAM-SE CONTRA ELE, E MANDAM-NO PRESO PARA A ESPANHA

DEPOIS DOS desastres de D. Pedro de Mendoza pareceria que nenhum aventureiro teria mais arrojo de arriscar a fazenda em semelhante empresa: foi contudo o lugar vago de adiantado[1] requerido por Álvaro Núñez Cabeza de Vaca, de todo aquele de quem menos se devia presumir que fosse expor-se aos perigos de semelhante expedição, como quem por dez anos havia sido escravo entre as ferozes tribos da Flórida. Concedeu-se-lhe o posto na suposição de que era perdido Aiolas, a quem contudo passaria o governo, segundo a nomeação de Mendoza, se porventura ainda aparecesse, caso em que Cabeza de Vaca seria o segundo no comando. Obrigou-se este a gastar de sua casa oito mil ducados nos preparativos, e a 2 de novembro de 1540 fez-se de vela com duas naus e uma caravela, levando quatrocentos soldados, todos com armas dobradas.[2] Principiou o maior dos navios a fazer água arruinando-se muitas provisões, e vendo-se a gente obrigada a dar às bombas

dia e noite até chegar a Cabo Verde; ali se descarregou o barco, e o mestre, que era o melhor mergulhador de toda a Espanha, tapou o rombo. Observou-se, como coisa quase milagrosa, que da armada ninguém morreu, apesar de demorar-se ela vinte e cinco dias naquelas ilhas.

Passada a Linha, examinou-se o estado da aguada; achou-se que de cem pipas restavam três, para dar de beber a quatrocentos homens e trinta cavalos, visto o que mandou o adiantado proejar à terra mais próxima. Três dias se seguiu o novo rumo. Um soldado, que embarcara adoentado, trouxera consigo um grilo, que com sua voz o divertisse; mas com não pequena mágoa do dono, guardara o inseto durante a viagem o mais absoluto silêncio. Agora na quarta manhã principiou o grilo de repente a levantar zumbido agudo, aventando a terra, como imediatamente se supôs. Tão descuidada era a vigia que se fazia, que quando assim admoestados olharam os marinheiros o mar, viram a distância dum tiro de besta uns rochedos, nos quais infalivelmente se teriam perdido, se não fora o animal. Tiveram apenas tempo de deitar ferro. Dali foram seguindo a costa, cantando o grilo todas as noites, como se estivera em terra, até que chegaram à Ilha de Santa Catarina, onde desembarcaram. De quarenta e seis cavalos, vinte tinham morrido na viagem.

1541

Mar. 29.
Comentários, **C. 2**

Resolve marchar por terra

Tomou Cabeza de Vaca posse desta ilha e da costa Brasil desde Canauca, que fica a cinqüenta léguas mais ao norte em 25º da lat. sul, para a coroa de Castela. Sabendo dos naturais que a algumas léguas dali estavam dois franciscanos,[3] mandou-os buscar. Eram Fr. Bernaldo de Armentos e Fr. Alonso Lebrón, homens que pouco aptos se mostraram para o serviço que haviam empreendido; a partida que estava com eles tinha provocado os índios, queimando-lhes algumas casas, e o adiantado restabeleceu a paz entre todos. Mandou a Buenos Aires a caravela, que lhe trouxe notícias do estado dos estabelecimentos; mas a estação era desfavorável, e não podendo entrar no rio, voltou o barco. Sucedeu porém chegarem à ilha nove espanhóis num bote; segundo contaram vinham de Buenos Aires, fugindo aos maus-tratos,[4] e por eles se soube da morte de Aiolas. Estas novas determinaram Cabeza de Vaca a marchar por terra para a Assunção. Mandou adiante o feitor Pedro Dorantes a explorar o caminho, e esperou catorze semanas até que este voltou; então pôs-se em marcha, contra o

parecer de alguns dos seus oficiais, que instavam por que se fosse nos navios até Buenos Aires. Mas ele julgou que seria mais rápida a jornada por terra, e além disto desejava conhecer o país; o que de fato era indo-se por um estabelecimento espanhol o mais avisado. Os frades, que ele quis tornar a mandar para a sua missão, preferiram acompanhá-lo, e administrar na Assunção os seus serviços espirituais. Deixou pois cento e quarenta homens debaixo de Pedro Estopiñán Cabeza de Vaca, que fossem nos navios, e para si tomou duzentos e cinqüenta besteiros e arcabuzeiros, e vinte e seis cavalos. Imediatamente após a saída atravessou o rio Itabucu, tomando posse da província.

Comentários, **3-6**

Ninguém mais qualificado para comandar em tal marcha do que este adiantado, pela triste experiência que na Flórida adquirira destas viagens e da índole dos índios. Levou consigo dezesseis quintais de ferro em barra, distribuídos pelos soldados em porções de quatro arráteis para cada um; onde quer que faziam alto, armava-se uma forja, em que se fabricavam machados, facas, cunhas, fateixas, etc., para escambo. Excelente precaução havia sido a sua quando mandou Dorantes adiante a explorar o caminho, pois pelo relatório do feitor sabia agora quanto tempo gastaria até chegar a país habitado.

18 de outubro Principia Cabeça de Vaca a sua marcha

1541

Ruy Díaz de Guzmán. *Argentina*, **Ms.**

Dezenove dias marcharam os espanhóis por florestas e montanhas, tendo muitas vezes de desbastar o caminho por onde passassem; finalmente, quando as provisões acabavam de exaurir-se, chegaram à primeira aldeia. Eram senhores desta parte do sertão os guaranis, uma das tribos mais numerosas e adiantadas. Cultivavam a mandioca e o milho, que lhes davam duas colheitas por ano; criavam aves e patos, e tinham papagaios em casa; mas como as tribos com eles aparentadas, eram antropófagas, sendo esta abominável prática, à semelhança do tráfico de escravos, primeiramente a conseqüência, e depois a causa das guerras, houve-se Cabeza de Vaca para eles com prudente benevolência; os presentes que pelos caciques distribuiu, e o generoso preço que pagou pelos gêneros alimentícios, valeram-lhe melhor tratamento e mais abundante fornecimento do que teria devido ao respeitável aspecto do seu exército, se só nele houvesse confiado.

Os guaranis

A 1º de dezembro chegou a expedição ao Iguaçu, ou Água Grande, e em dois dias mais ao Tibagi, que corre por um leito de rocha sobre lajes quadradas tão regulares, como se artificialmente tivesse sido calçado. Não era fundo este rio, mas tão rápida a sua corrente, e escorregadio este pavimento, que os cavalos o não teriam atravessado, se os não houvessem ligado uns aos outros. Neste mesmo dia encontraram os espanhóis um tal Miguel, índio brasileiro convertido, que da Assunção, onde residira algum tempo, voltava ao país natal. Ofereceu-se este para volver atrás e servir-lhes de guia, o que aceitando, despediu o adiantado os índios de Santa Catarina, que ali o haviam acompanhado.

Comentários, **6-7**

Foram estes os meios por que Cabeza de Vaca pôde manter-se em pé amigável com os guaranis. Jamais permitiu que a sua gente entrasse nos ranchos deles, nem que ninguém comprasse coisa alguma para si mesmo; alguns, que lhes entendiam a língua, foram nomeados comissários para este efeito, e tudo se fazia à custa dele. Haviam os cavalos incutido terror aos indígenas. Suplicaram estes ao adiantado, que dissesse aos tremendos animais, que não se encolerizassem, e teriam sustento em abundância; efetivamente lhes trouxeram mel e aves e tudo quanto lhes pareceu que poderia servir como penhor de paz. Não eram contudo estes quadrúpedes menos objeto de curiosidade do que de medo, e de longe vinham mulheres e crianças a admirá-los.

No dia 7 chegaram os espanhóis ao Taquari, rio considerável como provavelmente todos, a que os índios deram nome, sendo inumeráveis os mais pequenos. A 14 passaram os limites da região povoada, tendo mais uma vez de lutar com matagais, pântanos e serras. Só num dia tiveram de fazer dezoito pontes para os cavalos. Uma cana espinhosa muito lhes dificultou a marcha nestas paragens: vinte homens iam sempre adiante para a cortarem. Por cima da cabeça tão densos se entrelaçavam freqüentemente os ramos, que vedavam inteiramente a vista do céu. No fim de cinco dias deste afã, chegaram outra vez a uma aldeia de guaranis, onde foram providos de aves, mel, batatas, milho e farinha feita do pinheiro-pedra,[5] alimento com que nenhum dos aventureiros espanhóis até então deparara. Atinge esta árvore naquele país prodigiosa altura; quatro homens lhe não abarcavam o tronco, quando era de grossura regular. Gostam muito os macacos dos pinhões desta árvore: tre-

pam por elas, balançam-se seguros pela cauda e com os pés ou com as mãos deitam ao chão a pinha. Mas os porcos-do-mato sabem disto muito bem, põem-se por baixo e ao cair a fruta, apanham-na e vão-na comendo enquanto os macacos de cima lhes arreganham os dentes. Naquele lugar, que tinha nome Tuguí, fez o adiantado alto por alguns dias, em honra do Natal; por outras ocasiões, embora instado para deixar descansar a gente sempre o recusara, e agora, pelos maus efeitos dum curto repouso, todos conheceram quão necessário era o exercício para preservar a saúde.

Comentários, **7-9.**
Herrera, 7, 2, 9

Um rio serpejante, cujas formosas margens se cobriam de ciprestes e cedros, muito trabalho lhes deu para o cruzarem e recruzarem por quatro dias. Eram ali as batatas de três espécies, brancas, amarelas e vermelhas, todas grandes e excelentes: abundava também o mel. Com o ano novo tornaram a entrar num deserto, onde pela primeira vez lhes falhou o mantimento. Acharam porém um ótimo no que em outra ocasião teriam rejeitado. Vive nas juntas duma espécie de cana um verme branco do tamanho do dedo mínimo dum homem, e tão gordo, que se pode frigir na própria banha; comem os índios estes vermes, e os espanhóis, obrigados agora a provarem, confessaram que eram saborosos. Cresciam ali também outras canas, que continham boa água. Em seis dias avistaram outra vez habitações. Ali foi preciso repreender os dois franciscanos: tinham levado consigo em despeito das ordens do adiantado um inútil enxame de conversos, moços e velhos, e com eles entenderam que deviam adiantar-se ao exército, e ir comendo as provisões. Os espanhóis teriam corrido com eles, e com o seu cortejo, se Cabeza de Vaca o houvera consentido. Contentou-se com proibir-lhes expressamente que continuassem na mesma: fizeram tanto caso desta, como da primeira proibição, e naquele lugar aventuraram-se a apartar-se da partida, e seguir seu próprio caminho. Teve o comandante, porém, a humanidade de mandar atrás deles, obrigando-os a voltar, aliás não teriam tardado a encontrar a sorte que parece terem merecido.

1542

Comentários, **9**

A 14 chegaram os espanhóis às margens do Iguaçu, rio que se diz ser tão largo como o Guadalquivir. Eram os habitantes ali os mais ricos de todas aquelas regiões; e esta palavra se lhes aplica no seu sentido mais filosófico e verdadeiro. Viviam no mais fértil país, e não havia

quem na abundância não tivesse o seu quinhão. Dali destacou Cabeza de Vaca dois índios adiante com cartas para a Assunção, anunciando a sua chegada, e quatro homens dos seus, que não estavam em estado de seguir, deixou-os atrás com Francisco Orejón, que da mordedura dum cão ficara coxo. Voou adiante dele a nova da sua chegada, e por toda a parte comeu a sua gente os bons frutos da ordem exemplar que ele havia feito guardar. Saíam-lhes os naturais ao encontro, aprontando os caminhos, quando os espanhóis se aproximavam; as velhas os recebiam com grande alegria, coisa de não pequena conseqüência, pois eram elas tidas em alta veneração, ao contrário dos velhos. No último dia de janeiro chegaram ao mesmo rio Iguaçu, do qual havia já tanto tempo tinham atravessado um ramo do mesmo nome. Vai esta corrente, conhecida também pelo nome de rio Grande de Curitiba, desaguar no Paraná. Uma partida de portugueses, enviada por Martim Afonso de Sousa a explorar o país, havia sucumbido aos golpes dos indígenas, ao atravessar este rio. Informado de que a tribo, que habitava sobre o Pequeri, lhe preparava igual acolhimento, resolveu o adiantado descer o rio com parte do exército, enquanto o resto marchava pela ribeira, até chegar ao Paraná. Compraram-se aos indígenas canoas, em que ele se meteu com oitenta homens. Apenas haviam encetado a viagem, quando o redemoinho da corrente os arrebatou. Parece que os naturais desejavam a destruição dos estrangeiros, pois achavam-se perto das medonhas cachoeiras do Iguaçu.

Comentários, **10, 11**

Cachoeiras de Iguaçu

Este rio, que tranqüilamente corre por entre florestas de gigantescas árvores, conservando no curso uma largura uniforme de cerca de uma milha, toma a direção do sul umas três milhas antes da sua queda, sendo aqui de quatrocentas e oitenta e duas braças a sua largura contraída, de doze a vinte pés a sua profundidade, e pouco elevadas as suas margens.

Ao aproximar-se da catarata apertam-lhe algumas ilhotas, e muitos rochedos e cachopos destacados do lado esquerdo, o canal, que se inclina um pouco para o poente. Pouco mais abaixo principiam as águas do canal do meio a sua descida. Segue o ramo menos fundo o seu curso ao longo da riba oriental por entre recifes e rochas, caindo ora em cataratas ora em lençóis até que, apertado daquele lado pela margem, dá o seu último salto duma saliência pequena, a duzentas e oitenta braças

de distância do primeiro ponto da queda. Caem as águas primeiramente sobre um rochedo, que se projeta cerca de vinte pés, e dali se precipitam na bacia grande, que fica vinte e oito braças abaixo do nível de cima. O ramo ocidental parece repousar, depois de quebrado o curso, numa baía formada pela ponta saliente duma ilha, atirando-se depois em dupla catarata à bacia comum. Mede este canal trinta e três braças de largo, e do ponto onde daquele lado principia a descida até à última queda vão seiscentas e cinqüenta e seis. Acima da queda sobe a água cinco pés nas cheias, e abaixo dela vinte e cinco. A largura do canal oposto à ilha é de quarenta braças, e de sessenta e cinco uma légua abaixo da catadupa, distância até onde continuam as águas em estado de agitação. Vêem-se enormes troncos de árvores flutuar por ali abaixo, levados em rodopio às bordas da bacia, ou ficar atravessados entre os recifes e penedos soltos, ou apanhados pelas numerosas ilhas, que ficam no meio da corrente, e alguns na própria cachoeira, dividindo e subdividindo-lhe as águas numa infinidade de canais. Da bacia se escapa o rio com irresistível força através de rochas de granito, de oitenta e cem pés de alto, aqui pardas, ali dum vermelho carregado, tirante a púrpura. Nenhum peixe, segundo se diz, pode aproximar-se deste tremendo sítio. Espesso vapor dali se eleva até dez braças de altura quando o dia está claro, e até vinte e mais de manhã, quando o céu está encoberto. Do Paraná se avista esta nuvem, ouvindo-se distintamente o estrondo da queda numa distância de doze milhas em linha reta.[6]

Pela crescente rapidez da corrente, percebendo o perigo, ouvindo o ruído das cachoeiras, ainda os espanhóis aferraram à margem em tempo, e levando as canoas com grande dificuldade meia légua por terra, tornaram a embarcar e ambas as partidas chegaram a salvamento ao lugar da reunião.

Passagem do Paraná

O Paraná, cuja violentíssima torrente tinham agora de atravessar, mede um bom tiro de besta de orla a orla. Sobre ambas as margens estava reunido grande número de guaranis com os corpos variegados de muitas cores, e besuntados de ocre: de penas de papagaios eram seus cocares, fazendo gosto ver a garbosa vista que metiam, diz o cronista. Mandou Cabeza de Vaca os seus intérpretes a conciliá-los, e ganha com presentes a boa vontade dos caciques, ajudaram-no eles na passagem do rio. Fizeram-se jangadas para os

cavalos, prendendo duas canoas uma à outra. Havia na água muitos redemoinhos. Virou-se uma canoa, sendo um espanhol levado pela correnteza, que o tragou. Ali contava o adiantado encontrar bergantins da Assunção à sua espera, para lhe segurarem esta passagem, onde os guaranis tanto o podiam haver apertado, e receberem à borda os inválidos de tão longa e penosa marcha. Nenhum porém apareceu; havia cerca de trinta doentes que não podiam ir mais longe, nem era prudente demorar-se com eles entre uma tribo suspeita de hostil, e conhecida por traiçoeira. Resolveu-se pois mandá-los nas mesmas jangadas pelo Paraná abaixo, confiados aos cuidados de Francisco, índio convertido, que habitava as margens deste rio. Um cacique, por nome Iguarou, encarregou-se de conduzi-los; ficava o lugar do destino a quatro dias de viagem, e para escolta deram-se cinqüenta homens.

Comentários, **11-13**

Chegada a Assunção

Avaliava-se em nove dias a jornada por terra, que restava ainda. Praticou Cabeza de Vaca a cerimônia de tomar posse do Paraná, formalidade que ele parece não ter omitido em ocasião nenhuma, e seguiu avante. Eram piores os caminhos pelos muitos rios e pantanais que havia de atravessar; mas os indígenas falavam ainda a mesma língua, e continuaram a mostrar-se amigos. Divide uma serra as terras que ficam entre o Paraná e o Paraguai. Para o lado do sul é suave e gradual o seu pendor, e claros são todos os rios que despeja na primeira destas correntes; mas para o lado do norte é escarpada a encosta; as águas precipitam-se sobre um terreno pantanoso e coberto de limo, donde vão turbar as do Paraná. Chegou um mensageiro da Assunção. Disse que em tal miséria se achavam ali os espanhóis, que embora houvessem recebido as cartas do adiantado, não podiam dar crédito a novas de tanta alegria, enquanto com os próprios olhos o não vissem. Por este homem soube-se da evacuação de Buenos Aires; soube-se também que os espanhóis dela se arrependiam, pois que não achando lugar algum de refúgio os navios que chegassem, perdidas eram todas as esperanças de socorro. Com esta notícia mais apressou Cabeza de Vaca a marcha, para poder mandar auxílio aos seus navios, que o abandono daquele estabelecimento devia ter posto em grande apuro. Os guaranis, lhe saíram ao encontro, trazendo consigo mulheres e filhos, o mais seguro penhor de amizade; preparavam-lhe os caminhos,

e supriam-no abundantemente de tudo o necessário. Muitos dentre eles lhe dirigiram a palavra em espanhol. Finalmente a 11 de março entrou na Assunção, onde, vistos os seus poderes, foi recebido como governador. Entregou-se-lhe a vara da justiça; ele nomeou novos oficiais, e geral parecia o contentamento pela sua chegada.

Comentários, **12-13**

Perigo dos doentes e da sua escolta

Entretanto em grande risco se haviam visto os doentes e a sua escolta. Apenas partira o adiantado, tentaram os índios, que nada mais tinham que recear do seu poder, nem que esperar da sua generosidade, a aprisionar-lhe o destacamento. Um troço o perseguiu em canoas, enquanto da margem outro procurava puxar as jangadas para terra com o auxilio de compridos ganchos, e se o conseguisse, não tardariam os espanhóis a ver-se esmagados pelos números. Dia e noite continuou por duas semanas esta vexatória guerra, sendo o mais que os europeus podiam fazer, cobrir-se o melhor que lhes era possível, guardar o meio do rio, e deixar-se levar pela corrente. Muitas vezes os remoinhos lhes punham em perigo as vidas, e só inauditos esforços os puderam livrar de ir dar à ribeira, onde inevitável teria sido a sua perda. Afinal, tendo sabido da sua aproximação, veio-lhes o índio Francisco em auxílio, levando-os para uma ilha que tinha, onde lhes sararam as feridas, e eles se restabeleceram das fadigas e da fome. Cabeza de Vaca mandou bergantins a buscá-los, e trinta dias depois dele estavam na Assunção.

Comentários, **14**

Ruy Díaz de Guzmán, Ms.

Até aqui singularmente feliz havia sido a jornada. Imediatamente depois da sua chegada despachara o adiantado dois bergantins para Buenos Aires, a socorrer os navios, e mandou construir outros dois a toda pressa, que seguissem aqueles, e restabelecessem o importante posto sem o qual nenhuma colonização no interior poderia ser segura. Pois, não só precisavam dos navios, depois da viagem da Europa, achar um porto onde refrescassem e desembarcassem os doentes, mas também era necessário construir bergantins antes de seguir rio acima. Como, porém, se faria isto onde nenhumas provisões havia, sobre serem hostis os naturais? Forneceu-se para a cerimônia da missa um odre de vinho ao destacamento, que rece-

Ordem de restabelecer Buenos Aires

Comentários, **15**

beu ordens terminantes de não provocar nem ofender os índios no seu caminho.

Os guaranis

No modo de matar um prisioneiro, divergiam das tribos brasileiras os guaranis que habitavam as cercanias da Assunção. As mulheres o amarravam. Depois era enfeitado com todos os adornos de plumas e rosários de ossos, e levado a dançar por uma hora. Então um guerreiro o derribava, dando-lhe com a *macana*, ou espada de pau, manuseada com ambas as mãos, um golpe nos rins e outro nas tíbias. Depois de assim lançado por terra punham-se três rapazinhos de seis anos de idade pouco mais ou menos a martelar-lhe na cabeça, com machadinhas,[7] assistindo a isto os pais e parentes das crianças, que as exortavam a serem valentes, e a aprender como se mata um inimigo. Diz-se que os crânios desta gente eram tão duros, que bastando um golpe de *macana* para derribar um boi, eram precisos cinco ou seis para lançar por terra um homem, o que numa dessas matanças vibrava o primeiro golpe, tomava desde então o nome da sua vítima. Reuniu Cabeza de Vaca estes guaranis, e fez-lhes saber que como vassalos do rei de Espanha deviam renunciar a estas abominações, aprender a conhecer a Deus, e abraçar a fé cristã.

Comentários, **16**

Os agacés

Era o Paraguai infestado por uma tribo caçadora e pescadora, chamada de agacés,[8] que eram piratas ou bandoleiros, excedendo em crueldade os paiaguás. Costumavam eles quando com as suas esquadras volantes de canoas faziam alguns prisioneiros, levá-los de tempos a tempos ao lugar da sua residência, e dar-lhes tratos na presença dos parentes, mulheres ou filhos, até que estes comprassem a cessação dos tormentos. De ordinário acabavam por matá-los afinal, deixando-lhes as cabeças postas em espeques à margem do rio. A chegada do adiantado aterrou esta raça danada, que veio pedir-lhe paz. Concedeu-a ele com condição de entregarem todos os prisioneiros que tinham em seu poder, e prometerem mesmo entrar, senão de dia, na parte do rio que banhava o território destes.

Comentários, **17**

Os guaicurus

Os aliados dos espanhóis queixavam-se também do mal que lhes faziam os guaicurus, tribo muito temida. Eram caçadores estes selvagens, pelo que não tinham domicílio certo. As esteiras de que faziam suas tendas, fáceis se removiam

de um lugar para outro, depois de exausta toda a caça em derredor, e poucos animais lhes escapavam, pois se falhavam as setas, eram apanhados na carreira por mais velozes que fossem. Em novembro recolhiam a casca da algarroba, que punham de conserva em farinha, preparando depois daqui uma bebida forte. Tinha cada cacique os seus limites, que às vezes ultrapassava, caçando ou pescando, o que era permitido aos da mesma nação, mas não aos confiantes de diferente tronco. Prestavam a um chefe honras singulares; quando estava para escarrar, estendiam os que ficavam perto as mãos em que recebessem a saliva.

Comentários, **19. Jolis, C. 6, A. 11. Techo em Churchill, pág. 32**

Para um guaicuru ser admitido à ordem de guerreiro, devia dar prova do seu valor, mostrando que podia sofrer a dor como se a ela fosse insensível. É o que faziam cortando-se e picando-se nas partes mais delicadas. Educavam-se os rapazes ensinando-os a blasonar destas demonstrações de fortaleza, e a travar com fúria real guerras simuladas. Costumavam dar de noite os seus assaltos, escolhendo sempre as mais escuras. Era distintivo de classe o modo de cortar o cabelo. Os homens andavam nus, disfarçando, contudo, de alguma forma a nudez com o pintarem o corpo. Os que corresponderiam aos peralvilhos na Europa, traziam na cabeça uma rede. As mulheres vestiam-se decentemente de peles ou panos da cintura para baixo, e para cima pintavam-se com os homens. Quando se enterrava um cacique suicidavam-se alguns dos seus para lhe fazerem companhia; outros eram mortos sem que se lhes consultasse a vontade. Nos cemitérios erigiam-se aos finados cabanas, que se reparavam quando era preciso, e onde se depositavam víveres, roupas, e tudo de que poderia carecer o espírito. Os enacagás, uma das tribos em que esta nação se divide, são abominados pelas outras, por não terem escrúpulo em abrir as sepulturas em busca do que se enterra com os mortos. Criam estes índios que as almas dos maus passavam a animar feras.

Matavam todas as crianças disformes, ilegítimas, ou gêmeas, provavelmente pela idéia de que por força haviam de sair fracas. Costume ainda mais bárbaro era o de não criar uma mãe mais do que um filho, procurando abortar, ou matando todos os outros, logo depois de nascidos. Ao único que ficava faziam-se porém todas as vontades e desejos, por mais caprichosos que fossem. Observava-se uma espécie de mono-

gamia, pela qual não podia o homem ter mais do que uma mulher ao mesmo tempo, embora lhe fosse lícito mudar de consorte, quantas vezes quisesse; é isto contudo melhor do que a poligamia sem escravizar as mulheres, razão talvez por que são tratadas com respeito. Neste notável e importante ponto, diferiam os guaicurus da maior parte dos selvagens; e se as mulheres dos inimigos lhes caíam nas mãos, nem as retinham prisioneiras, nem as ofendiam de modo algum.

Comentários, **16. Techo em Churchill, pág. 32. Jolis, C. 6, A. 11**

Marcha Cabeza de Vaca contra os guaicurus

Com ridícula formalidade investigou Cabeza de Vaca a verdade dos artigos contra esta nação. Inquiriu testemunhas sobre o fato das hostilidades cometidas pelos guaicurus, e convidou os frades a pronunciarem sentença de guerra contra eles, como inimigos capitais. Mandou depois dois espanhóis, que lhes entendiam a língua, acompanhados dum padre e duma guarda suficiente, intimá-los a fazerem paz com os guaranis, e prestarem obediência ao rei de Castela, intimação que por três vezes deviam repetir. Com escárnio foram recebidos os mensageiros, e rechaçados à força, visto o que, marchou o adiantado contra eles com duzentos homens e doze cavalos. Reuniu-se para esta jornada um exército tal de guaranis, que oito horas levaram a atravessar o rio em duzentas canoas. Efetuada a passagem, e no ato de entrarem no território inimigo, pediram ao adiantado licença para lhe oferecerem os presentes em tais ocasiões acostumados. Cada cacique lhe deu um arco pintado e uma seta também pintada, cujas penas eram de papagaio, e cada homem trouxe uma flecha, gastando-se toda a tarde nesta cerimônia. Iam estes aliados besuntados de ocre e pintados de várias cores. Traziam contas ao pescoço, cocares da mais rica plumagem, e na testa uma chapa, ao que parecia de cobre brunido, e que, segundo eles, devia cegar os olhos dos inimigos, e confundi-los. Até aqui haviam eles de emas ou avestruzes americanos, e de toda a espécie de caça abastecido o exército, mas agora que pisavam país hostil, não caçavam mais, na esperança de pilharem de surpresa o inimigo.

Coment. **20-22. Herrera, 7, 6, 14**

Pouco confiavam os espanhóis nos seus aliados, dos quais se precaviam tanto como do próprio inimigo. Na segunda noite penetrou um jaguar ou tigre da América do Sul, no campo dos guaranis; suscitou-se um tumulto, e os espanhóis, suspeitando traição, tocaram alarma,

e aos brados de Santiago atacaram os selvagens, que imediatamente meteram pernas. Apenas descoberta a causa do alvoroço, foi Cabeza de Vaca ter com eles, e só com grande dificuldade logrou convencê-los do engano, e reconciliá-los. Ele próprio escapara por pouco na confusão; duas balas de mosquete lhe roçaram pela face, o que ele imputou a desígnio e não a acaso, persuadido como estava de que Irala, suspirando pela autoridade de que ele o privara, não escrupulizaria nos meios de reavê-la.

Comentários, 24

Acabava naquele momento de restabelecer-se a ordem quando chegou um dos esculcas com a nova de que os guaicurus, que tinham andado vagueando, estavam armando suas tendas a três léguas de distância. Era cerca de meia-noite; o adiantado pôs-se imediatamente em marcha para cair sobre eles ao romper do dia, mandando fazer com giz uma cruz nas costas e peito dos aliados, que não fosse algum ser ferido por engano. Chegaram todos ao lugar ainda com escuro e esperaram a alvorada para atacar. Haveria ali suas vinte tendas de esteira, se tendas podiam chamar-se, de quinhentos passos de comprimento cada uma. Orçou-se em quatro mil o número dos combatentes que teria a horda.[9]

Mandou Cabeza de Vaca deixar um caminho por onde pudesse fugir o inimigo, que ele queria intimidar, não destruir. Enfreados como estavam encheram-se de erva as bocas aos cavalos, para que não rinchassem. No meio destas precauções tremiam de medo os guaranis, que nem a presença de tais aliados podia inspirar-lhes confiança contra tão formidável tribo, e próxima estava já a hora da provação. Enquanto Cabeza de Vaca os exortava a cobrarem ânimo, e atacarem valentemente os seus inimigos, ergueram os guaicurus o seu canto matutino ao rufar dos tambores. Era um hino de exultação; desafiavam todas as nações a virem medir-se com eles, se o ousassem, pois diziam: se somos poucos, somos mais bravos do que nenhum outro povo, e senhores da terra, de toda a caça das florestas e de todos os rios, e de quantos peixes neles vivem. Todos os dias tal era o seu cântico antes do romper d'alva, e aos primeiros raios de luz da aurora saíam todos fora, prostrando-se por terra, provavelmente em adoração do sol nascente. Segundo este costume, saíram eles também agora com fachos nas mãos; viram os morrões acesos dos arcabuzeiros, nem tardaram a descobrir o exército que contra eles vinha, mas em lugar de retrocederem assustados, perguntaram

intrepidamente quem se atrevia aproximar-se-lhes das tendas. Respondeu um cacique guarani: Heitor sou (era o nome com que havia sido batizado), e com o meu povo venho a tomar-vos contas do que tendes morto. Tal era a frase com que eles exprimiam a vingança. Em má hora vindes, responderam os guaicurus, pois ireis atrás deles. E arremessando os archotes aos espanhóis, foram tomar as armas, e voltando em um instante os investiram, como se os animasse o maior desprezo dos seus contrários.

Recuaram os guaranis, e teriam fugido, se o ousassem. Entretanto tinham-se posto aos cavalos os peitorais recamados de guizos, e Cabeza de Vaca carregou à sua frente. A este inesperado modo de ataque, e à vista de animais nunca vistos antes, pôs-se o inimigo imediatamente em fuga, incendiando as tendas. Assegurou-lhes o fumo a retirada, e tirando disto vantagem, mataram dois espanhóis e doze índios, levando-lhes as cabeças como troféus. Com singular mas bárbara destreza praticavam eles este modo de matar e decapitar a um tempo; agarravam o inimigo pelos cabelos, serravam à volta do pescoço, e andando-lhe com a cabeça à roda, a arrancavam com pasmosa facilidade. O instrumento que para esta operação lhes servia, era a queixada da palometa. Não há outro animal assim pequeno, provido de tão formidáveis dentes como este peixe. Apesar de não passar de duas ou três libras o seu peso ordinário, e ter de largo metade do comprimento, ataca ele homens na água, sendo naquela parte da América muito mais temido do que o jacaré. Contém cada queixada catorze dentes, tão agudos e cortantes que os abiponés tosquiam com as duas os seus carneiros. Um destes bravos índios resolveu, como Eleazar com o elefante, ver o que eram estes animais, e se eram vulneráveis; tomou pois um pelo pescoço, e varou-o de lado a lado com três setas, sem que os espanhóis o pudessem fazer abrir mão da presa, senão depois de morto. Em geral porém era costume desta tribo, quando se via tão oprimida pelo número, que nenhuma esperança de vitória lhe restasse, entregar-se, sem tentar inútil resistência. Talvez aos olhos destes selvagens parecesse mais honroso ser imolado num banquete, do que perecer na batalha. Fizeram os espanhóis cerca de quatrocentos prisioneiros homens, mulheres e crianças, e puseram-se em marcha para os seus quartéis. Toda a vigilância era pouca para proteger os guaranis, pois mal um destes

Comentários, **25-26**

aliados pilhava uma pena, uma seta, um pedaço de alguma das tendas de esteira, ou qualquer coisa que houvesse pertencido ao inimigo, lá ia ele levado caminho do seu país todo ancho com o seu troféu de vitória. Esta loucura fez cair muitos nas mãos dos guaicurus, que não perdiam ocasião de os picar na volta.

Os iapirués

Ao chegar à Assunção achou o adiantado seis iapirués ali detidos prisioneiros. De gigantesca estatura era a sua tribo, caçadores e pescadores, e inimigos tanto dos guaranis como dos guaicurus, dos quais muito temiam os últimos. Assim tendo ouvido que os espanhóis marchavam contra estes, haviam enviado aqueles deputados com oferta de aliança e auxílio, mas Gonçalo de Mendoza, que ficara comandando a praça, os prendera, desconfiando que fossem espias. Cabeza de Vaca conversou com eles por meio de um intérprete, achou que suas intenções eram amigáveis, e despediu-os com favorável resposta. Passados poucos dias vieram os chefes da tribo à Assunção, onde deixaram em reféns alguns de seus filhos, que o adiantado mandou doutrinar na religião cristã. Bem quisera ele mandar para entre estes selvagens alguns religiosos; declarando porém impossível tirar-se daí algum proveito recusaram-se estes à missão. O que é verdade é que havia ali uma récua indigna de frades, sem zelo nem probidade, infinitamente mais cobiçosos de quinhoarem os despojos dos índios, do que ávidos de lhes dissiparem as trevas da idolatria.

Comentários, **27**

Paz com os guaicurus

Depois pôs em liberdade um dos guaicurus, e disse-lhe que nenhum dos prisioneiros seria reduzido à escravidão, ordenando-lhe que fosse trazer os seus irmãos, para se fazer a paz. Acudiu toda a horda ao convite com a maior confiança, mandando vinte homens aquém do rio como seus representantes, enquanto o resto ficava da outra banda com mulheres e crianças. Assentaram-se os deputados em um pé, à sua moda, e disseram que até então eles e seus avós estavam costumados a vencer todos os inimigos, mas que tendo os espanhóis agora desbaratado a eles, coisa que nunca esperaram, estavam prontos a servir os seus vencedores. Recebeu-os Cabeza de Vaca com afabilidade, explicando-lhe o direito que sobre todo o país assistia ao rei de Castela; entenderam-lhes eles porém melhor os presentes e a soltura dos seus irmãos, presos não só os espanhóis, mas também os guaranis.

Desde então foram os guaicurus por muito tempo os mais profícuos aliados da Espanha mostrando-se tão fiéis na paz como destemidos na guerra. Todos os oito dias traziam à venda provisões, que consistiam em caça conservada por um processo que chamavam barbacoa, em peixes, e uma espécie de manteiga, que não podia ser senão banha, ou azeite coalhado. Também traziam peles curtidas, e pano feito de uma espécie de entrecasca, e pintado de muitas cores. Em troca recebiam dos guaranis milho, mandioca e mandubis, produtos da sua agricultura. Estes mercados ou feiras agradavam-lhes tanto agora, como antes a guerra. Porfiavam sobre quem passaria primeiro o rio com sua canoa carregada, das quais costumavam vir duzentas; muitas vezes abalroavam elas e viravam-se, acidente que servia de risota a atores e espectadores. Vociferavam tanto no comércio como na batalha, mas tudo se levava de bom humor. Quão depressa teriam os romanos tornado semelhante povo tão civilizado como eles próprios.[10]

Comentários, **20-31**

Enquanto o adiantado andava ausente nesta jornada, tinham os agacés quebrantado a paz. Apenas partira que as mulheres deixadas como reféns haviam fugido de Assunção, indo dizer-lhes que a cidade ficara sem defesa. Tentaram eles pois pôr-lhe fogo, mas sendo em tempo pressentido pelas sentinelas, foram devastando os campos, e levando consigo muitos prisioneiros. Fez-se-lhes o processo mal voltou Cabeza de Vaca, e o resultado foi declarar-se-lhes guerra a ferro e fogo, sendo alguns que estavam presos sentenciados à forca. Mas estes, que haviam de pagar as culpas da sua tribo, esconderam algumas facas, e ao irem-nos buscar para a execução, puseram-se em defesa, ferindo várias pessoas. Chegou porém reforço, e dois agacés foram mortos na cadeia, sendo os demais executados na forma da sentença.

Comentários, **28-33**

Entretanto chegaram os navios que de Santa Catarina traziam o resto da expedição a Buenos Aires, onde em lugar de um estabelecimento dos seus conterrâneos e dos socorros que esperavam, acharam um poste alto, em que haviam talhadas estas palavras: *Está aqui uma carta*. Estava a missiva enterrada debaixo dele em um vaso de barro, e dizia que os espanhóis, abandonado o lugar, se tinham retirado para a Assunção. Pôs isto em grande apuro e perigo os recém-chegados. Os naturais os molestavam, as provisões faltavam, e uma partida de vinte e cinco,

apoderando-se da lancha, fugiu para o Brasil a escapar à fome. Nem é para maravilhar que esta se temesse em Buenos Aires! Chegasse um dia mais tarde o auxílio que lhes enviou o adiantado, e todos teriam perecido; porquanto nessa noite mesmo os atacaram os índios em grande força, e lhes incendiaram o acampamento, podendo apenas a muito custo serem rechaçados, apesar do reforço chegado aos espanhóis. Principiaram estes a reedificar a cidade, mas sem proveito; era chuvosa a estação, e a água desfazia os muros mais depressa do que se erguiam. Afinal, renunciando à empresa, seguiram para a Assunção.

3 de fev. de 1543

Em princípios do ano seguinte pegou fogo neste estabelecimento, ardendo duzentas casas, e escapando apenas cinqüenta, que um regato separava das outras. Perderam os espanhóis neste incêndio a maior parte dos seus apetrechos e provisões. Começaram contudo imediatamente a reedificar a cidade, fazendo, por ordem do adiantado, de barro e não de madeira as suas habitações, para que segunda vez se não desse semelhante calamidade.

Comentários, **37-38**

Ninguém duvidava que Aiolas tivesse encontrado ouro no sertão, antes de sucumbir aos paiaguás. Preparou-se Cabeza de Vaca para seguir-lhe os passos continuando a descoberta. Mandou fazer uma caravela, que com despachos pudesse mandar à Espanha; e dez bergantins para o rio; e ordenou a Irala que subisse a corrente para ver em que direção mais facilmente se penetraria no país. Partiram ao mesmo tempo dois destacamentos por terra para o mesmo serviço, mas ambos voltaram sem informações satisfatórias. Um tinha sido abandonado pelos seus índios, e o outro divagara por um deserto, até que pareceu inútil ir mais longe, sustentando-se na volta ambos das fibras de uma certa planta, sem outro líquido mais do que o suco que espremiam das ervas. Entretanto subia Irala o rio desde 20 de outubro até 6 de janeiro, chegando então a um povo chamado cacociés xanesés, que cultivava a terra, e criava patos para aplicação singular. Eram as casas infestadas de uma espécie de grilo, que vivia na palha, e roía todas as peles e outros artigos de vestuário, se os donos os não punham a bom recado dentro de vasos de barro bem tapados. Ora os patos eram criados para devorarem estes insetos. Ali viu Irala ouro; penetrou um pouco mais pelo país adentro, e

Patos criados para devorarem grilos

não achando lugar mais azado, donde principiar a marcha, com esta nova regressou à Assunção.

Comentários, **34, 39**

Facção contra o adiantado

Ainda o adiantado não dera princípio à jornada, quando já contra ele se formava uma facção, urdida pelos dois franciscanos que trouxera do Brasil. Empreenderam estes dois vagabundos voltar a Santa Catarina, pelo mesmo caminho que tinham levado, acompanhados de trinta e cinco jovens, filhas dos caciques da terra, que as haviam dado em reféns. Não queriam as raparigas ir, e queixaram-se aos pais; foram estes, quando a caravana acabava de partir, ter com Cabeza de Vaca, que lhe mandou no encalço, sendo os fugitivos ainda apanhados e reconduzidos. Os frades escaparam ao castigo, na sua qualidade de gente da Igreja, salvando em tais casos a pele de ovelha o lobo, mas alguns oficiais d'el-rei, implicados na deserção, foram metidos na cadeia, e ali deixados. Melhor teria sido para o adiantado proceder com mais resolução, e mandá-los todos presos para a Espanha.

Comentários, **43**

Empreende Cabeza de Vaca uma jornada no interior

Saiu ele. Duzentos homens e doze cavalos iam por terra; outros tantos com seis cavalos, por água. Compunha-se a flotilha de dez bergantins e cento e vinte canoas com mil e duzentos índios. Em um lugar chamado Ipananie encontraram um guarani, que por alguns anos vivera escravo dos paiaguás, cuja língua entendia portanto. Consentiu este voluntariamente em acompanhá-los como intérprete, e seguiram todos para o Porto da Candelária, onde Aiolas fora morto. Até ali fora esta uma jornada de divertimento; aos que iam por terra não faltava caça; o rio abundava em peixes, e capiguarás, ou porcos fluviais, que vivem na água de dia, retirando-se de noite para as margens. Andam em manadas, e o ruído que fazem assemelha-se ao urrar do asno. Eram precisas seis canoas para pescar estes animais. Quando um vinha à terra para respirar, ia metade dos pescadores postar-se acima do lugar, e a outra metade abaixo, deixando entre si boa distância; quando o bicho tornava a aparecer, atirava-se-lhe, repetindo-se a operação todas as vezes que a presa se mostrava, até flutuar o corpo morto.

Dobrizhoffer, 1, 331. *Comentários*, **44-48**

Vieram à ribeira alguns paiaguás. Foi o intérprete ter com eles, que lhe perguntaram se era esta gente a mesma que anteriormente en-

Oferecem-se os paiaguás a restituir o que haviam tomado de Aiolas

trara no seu país. Asseverando-se-lhes que eram novos hóspedes, resolveu-se um a ir a bordo do bergantim do adiantado. Disse este selvagem, que o seu cacique o enviara a significar o desejo que tinha de ser amigo dos espanhóis, e que tudo que havia sido tomado a Aiolas, estava fielmente guardado para eles, consistindo em sessenta cargas de homem de braceletes, coroas, machados e vasos pequenos de ouro e prata. Tudo isto oferecia o cacique restituir, pedindo que se esquecesse o que estava feito, como tendo sucedido na guerra, e que lhe aceitassem a sua aliança. Exercia o chefe desta horda de pescadores um grande poder, poucas vezes visto entre selvagens da América. Se algum do seu povo o ofendia, tomava ele um arco, e flechava o delinqüente, até deixá-lo morto; depois mandava chamar a viúva do morto, dava-lhe um fio de contas, ou um par de plumas, para consolá-la da morte do marido. Quando escarrava, rendia-se-lhe a mesma nojenta demonstração de respeito, que entre os

Fogem para o sertão

guaicurus. Deu-se favorável resposta ao enviado, que prometeu voltar no dia seguinte com o cacique. Passou porém esse e outro dia, sem que ninguém aparecesse. Disse o intérprete que era esta uma tribo manhosa, que só oferecera paz, para ganhar tempo de fugir com mulheres e crianças; presumia que eles não parariam antes de chegar ao lago dos matarais, horda que haviam destruído, tomando-lhes as terras. À vista desta probabilidade seguiu o adiantado avante: por toda a margem foi achando vestígios dos paiaguás, e quando no oitavo dia entrou no lago, encontrou ali as canoas metidas no fundo, mas não avistou viva alma. Dali a pouco passou por um bosque de cássia-fístula. Mais rio acima morava a tribo dos guaxarapos. Temendo ofendê-los ou assustá-los, se aparecesse com toda a sua força, tomou

Comentários, **49-50**

Cabeza de Vaca com metade dela a dianteira, ordenando a Gonçalo de Mendoza que vagarosamente o seguisse com o resto.

Garcia, o aventureiro português

Esta nação o recebeu em paz. Residia ela perto de um lugar, onde um rio, chamado então Iapanema,[11] cai no Paraguai, levando-lhe uma veia de água de metade da largura da corrente principal, e pasmosamente rápida. Fora por ali, contaram ao adiantado alguns velhos, que Garcia, um português, entrara no país, abrindo caminho à testa de um exército de índios, tendo

apenas cinco cristãos consigo. Ia na sua companhia um mulato, por nome Pacheco, que regressando ao país dum certo cacique chamado Guaiani, foi morto por este. Garcia, disseram eles, voltou ao Brasil, mas não por aquele caminho; muitos dos seus ficaram atrás, sendo provável que os espanhóis topassem com alguns, dos quais obteriam informações acerca da terra que buscavam.

Vida das tribos aquáticas

Mais acima encontrou o adiantado outra tribo do mesmo tronco, cujas canoas de pequenas só levavam dois remos, mas tão destramente manejadas que pareciam voar sobre a água. O mais veloz bergantim de doze remos, embora ajudado das velas, e construído de cedro, a madeira mais leve que há, não vencia um destes esquifes. Quando o Paraguai corre pelo seu canal ordinário, armam estas tribos aquáticas suas tendas sobre a margem dele, e vivem de peixe, cantando e dançando toda a boa estação, de dia e de noite, como povo que tem quem lhe prepare o sustento, sem necessidade de pensar no porvir. Principiam em janeiro as inundações, que por mais de cem léguas de largura transformam em um mar todas as terras baixas. Têm então estes selvagens prontas as canoas, cada uma das quais tem seu lar de barro; e metida em uma destas arcas se entrega cada família às águas do dilúvio. Embarca-se também a tenda. Assim vivem cerca de três meses, achando provisões nas terras altas, aonde, quando sobe a cheia, vão matar os animais que ali se refugiam. Quando as águas voltam ao seu canal costumado, tornam os selvagens também aos seus antigos lugares de moradia, armam de novo as casas, e dançam e cantam outra estação de bom tempo. Deixa a inundação sempre tanto peixe após si que enquanto está secando a terra, torna-se a atmosfera pestilencial para naturais e estrangeiros: mas em abril tudo melhora. Esta nação não tem chefe. As cordas das redes fazem-se ali duns filamentos de plantas, batidas e espadelados na água por quinze dias, e então assedados numa espécie de concha dentada, depois de brancos como neve.

Comentários, **50-52**

Acima dos estabelecimentos deste povo corre o rio, apertado entre rochas, com mais rapidez do que em outra alguma parte, mas os bergantins venceram a corrente.[12] Mais acima dividia-se o rio; ou antes reuniam-se três ramos; vinha um do norte, dum lago grande, que os naturais chamavam rio Negro, os outros dois não tardavam a confundir

suas águas. Daí a pouco entrou o adiantado num labirinto tal de correntes e lagoas, que perdeu inteiramente o fio do Paraguai.

Nascentes do Paraguai

Nasce este rio nas montanhas do que chamaram os portugueses *distrito defeso dos diamantes*, no território do Mato Grosso, em lat. 14º S. e long. 322º L. do meridiano de Paris. Enquanto correm entre serras, têm suas águas um gosto acre e salgado, ainda que extremamente cristalinas, cobrindo as margens duma crosta espessa, que dá às raízes das árvores a semelhança de rocha. Depois demitidos em si o Cipotuva,[13] que é a nascente mais setentrional do Prata, o Cabaçal e o Jauru, sai o Paraguai das montanhas em 16º 43' lat. S.[14] E aqui entra ele nessa vasta extensão de terreno inundado, designado nos mapas com o nome de lago Xaraiés, do da tribo principal, que Cabeza de Vaca ali achou estabelecida, mas que os paulistas, que freqüentemente atravessam toda esta parte do interior, chamam Pantanais. Em junho estão estas planícies florentes, o que quer dizer, que são tão profundas as águas, que já não é preciso procurar a veia do rio, podendo-se navegá-las em todas as direções. As ilhas que têm arvoredo são habitadas por uma espécie de macaco barbudo, notavelmente parecido com o homem. Matam-no por causa da pele, coberta dum velo preto e acetinado; quanto mais magro o animal, maior o seu valor, por que então é mais basto o seu pêlo, e mais fácil e melhor se curte a pele. As fêmeas e as crias são de cor mais clara. São bichos sociáveis. Um bando deles se chama coro, pela circunstância referida por Lineu, de cantarem em concerto ao nascer e ao pôr-do-sol. Desprovidos de outra defesa, possuem uma voz capaz de aterrar os próprios homens, que não estejam acostumados ao medonho som. A parte da garganta que vulgarmente chamamos pomo-de-adão, é óssea em vez de cartilaginosa, e formada à guisa de pandeiro, com o lado oco para dentro. Tão forte pois é o seu grito de terror, que pode ser ouvido milhas em redondo. É um som baixo em oitavas, e durante o pasmo que este inesperado e monstruoso berro produz, acha o macaco de ordinário tempo para a fuga.

Quando o rio se espraia, deixam-lhe os peixes o leito, em busca duma certa fruta: apenas a sentem cair na água, correm a apanhá-la quando vem à tona, e na sua avidez saltam ao ar. Sugeriu este hábito um curioso estratagema à onça; trepa a algum ramo debruçado sobre as águas, ferindo-se de vez em quando com a cauda, e imitando assim o

som que ao cair produz a fruta, e quando o peixe salta para apanhá-la, é a onça que com a pata o apanha a ele. Passa este animal com facilidade por sobre as plantas aquáticas que em muitas partes obstruem a navegação dos Pantanais. Deve procurar-se a veia do rio entre as ilhas flutuantes de árvores e arbustos, que parecem represá-la; mas a corrente as traz; seguem-lhe elas o curso, e descendo pouco a pouco, deixam-na franca.

Notícias do lago Xaraiés, Ms

Era à orla meridional desta terra de águas, que Cabeza de Vaca havia chegado. Os que entre eles viviam muitas vezes se perdiam nestes intrincados canais. Aquele, que ele seguiu, ficava à esquerda, e levou-o para oeste. À entrada cortou árvores, e erigiu três cruzes altas, para que o resto da flotilha, que vinha atrás, visse o curso que ele tomara. Chamavam os naturais Igurta, ou a Boa Água, a esta corrente. Em lugar de cair no Paraguai parece ser outro ramo das mesmas inumeráveis nascentes, pois até ali tinham os espanhóis subido a corrente, e agora era esta a seu favor. Assim foram seguindo por estes rios e lagoas, até que chegaram a um baixio, além do qual ficava logo o lugar, que Irala reconhecera, chamando-o Porto dos Reis, por que no dia dos Três Reis Magos o havia avistado. Tinha o baixio dois tiros de mosquete de comprimento: foi preciso saltar fora dos bergantins, e levá-los arrastados.

Comentários, **52, 53**

Três tribos habitavam aqueles lugares: os sacociés, xaquesés e xanesés, fugitivos, que ali se haviam estabelecido. Deixara-os Irala de bom humor, pelo que grande alegria houve entre eles com a chegada destes novos estrangeiros, que consigo traziam tão almejados artigos de comércio. Fez-lhes Cabeza de Vaca a costumada arenga sobre pecado original, papa e rei de Castela; ergueu uma cruz debaixo de algumas palmeiras à beira d’água, e na presença do tabelião público da província tomou posse do país. Ele e os seus se aquartelaram à margem do lago, não querendo estes índios consentir que ninguém lhes entrasse nas habitações.

Os sacociés, xaquesés e xanesés

Comentários, **53**

Cultivavam estas tribos milho, mandioca e mandubi. De noite recolhiam a sua criação: os patos para lhes matarem os grilos e os pássaros para que os livrassem dos morcegos vampiros. Este vampiro, de corpo maior do que o duma rola, é, para os países que

Morcego vampiro

infesta, uma praga mais pesada do que a das fabulosas harpias. Nem homem nem animal está seguro dele. As partes do homem que ele costuma atacar são o polegar, o nariz e com preferência a todas as outras o dedo grande do pé; a sua mordedura não desperta do sono o padecente, e ele continua a chupar como uma sanguessuga, até encher-se. Cabeza de Vaca foi mordido no dedo grande do pé por um destes morcegos. Uma frialdade na perna o acordou pela manhã: achou a cama ensangüentada e procurava a ferida, quando os circunstantes, rindo, lhes explicaram que inimigo o havia vulnerado. Tinham os espanhóis levado consigo seis porcas de leite para propagarem a raça no país: estes vampiros roeram-lhes as tetas a todas, sendo preciso matá-las, juntamente com as crias. A muito custo se livraram os cavalos deste daninho bicho, que gostava de filar-lhes as orelhas, sendo fácil imaginar quanto semelhante penduricalho devia aterrar um animal, que parece ser de todos o que mais violentamente se deixa agitar pelo medo.

Comentários, **54**

Formigas

As formigas, essa grande praga do Brasil, eram aqui ainda mais incômodas, posto que menos nocivas. Havia as de duas espécies, vermelhas e pretas, ambas mui grandes, causando a ferretoada de qualquer delas tão insuportável dor por espaço de vinte e quatro horas, que o padecente se estorcia pelo chão, gemendo e grunhindo. Não se conhecia remédio, mas a força do veneno consumia-se sem deixar maus efeitos. Bem piores conseqüências tinha a picada duma espécie de peixe; batia este com tal força, que atravessava o pé dum homem. Para o veneno havia um antídoto, mas levava tempo antes que sarasse a ferida.

Comentários, **54**

Prevalecia entre estas tribos a hedionda moda de estender as orelhas.[15] Conseguiam isto usando em lugar de brincos cabaças, cujo tamanho iam aumentando pouco a pouco, até que pelo buraco, donde pendiam, podia caber o punho dum homem, caindo sobre os ombros a extremidade inferior da orelha, costume este que assentaria bem num sacerdote de Anúbis. Como estas orelhas abertas ofereceriam ao inimigo uma presa por demais fácil, tapam-nas eles quando entram em combate, ou amarram-nas atrás da cabeça. Eram estas tribos sociáveis, mas não viviam promiscuamente, tendo antes cada família a sua habitação própria, das quais conteria a aldeia umas oitocentas. As mulheres fiavam al-

godão. Tinham ídolos de madeira, quando até ali ainda nenhuma nação se tinha encontrado nem no Brasil nem no Paraguai que fosse, rigorosamente idólatra. Cabeza de Vaca queimou-lhes estes ídolos: prognosticaram os selvagens a vingança dos deuses por este ultraje, mas vendo que ela se não seguia ao delito, não se mostraram ressentidos pelo fato. Os espanhóis pela sua parte supuseram que o Diabo metera pernas apenas vira erguido um altar e celebrar-se a missa.

Comentários, **54**

Mais notícias de Garcia

A cerca de quatro léguas daqui encontraram-se duas aldeias de xanesés, trazidos do seu país natal por Garcia, o português; ali haviam tomado mulheres, aliando-se assim com os naturais. Muitos vieram ter com os espanhóis, alegrando-se de verem patrícios de Garcia, de quem se lembravam com saudades. De um destes homens que teria os seus cinqüenta anos, obtiveram-se mais algumas informações sobre esta memorável jornada. Rezavam elas, em suma, que o resto dos companheiros de Garcia haviam sucumbido às mãos dos guaranis, e que por este motivo não tinham podido aqueles selvagens, únicos que escaparam, voltar pelo mesmo caminho que os havia trazido, nem conheciam outro. Os sacociés, os tinham recebido bem no seu infortúnio, e entre estes haviam ficado. Referiu o narrador as diferentes tribos do país de onde vinha: todas eram agrícolas, e criavam ovelhas grandes e aves domésticas. Mulheres eram artigo de escambo. Ofereceu-se o chefe destes xanesés a guiar até lá os espanhóis, dizendo que nada almejava tanto como volver à pátria com mulher e filhos.

Comentários, **56**

Manda Cabeza de Vaca uma missão aos xaraiés

Ao saber que havia guaranis na terra, mandou o adiantado uma partida de índios desta nação com alguns espanhóis a procurá-los, e pedir-lhes guias; mas depois de batido o país dez léguas em redondo, apareceram apenas habitações desertas. A isto disseram os xanesés que era muito provável, pois que eles com seus aliados os havia guerreado ultimamente, matando muitos, e expelindo da terra os outros que tivessem ido talvez reunir-se a uma tribo do mesmo tronco, que habitava nos confins dos xaraiés, nação que possuía ouro e prata, recebendo estes metais de outra, que morava mais para cima. Todo este país era despovoado, acrescentaram eles. A pergunta imediata foi

que distância haveria até lá. Por terra quatro ou cinco dias de marcha, mas por desgraçados caminhos, onde haveria que atravessar pântanos, sem por isso deixar de sofrer sede. Por água poderiam as canoas chegar lá em oito ou dez. Foram logo para ali despachados Heitor de Acuña e Antón Correa, que falavam guarani, com dois desta tribo e dez sacociés, levando consigo artigos de escambo e uma carapuça vermelha para cada cacique.

Comentários, **57-58**

Chegaram os mensageiros no primeiro dia a uma hedionda tribo chamada dos artanesés; as mulheres pintavam o corpo e lanhavam as faces, e os homens rivalizavam com os seus vizinhos em aformosear o lábio inferior e alargar as orelhas. No lábio traziam a casca de uma fruta do tamanho de um prato grande. Deu-lhes, contudo, este feio povo, mantimento, e um guia para conduzi-los. Terrível foi à jornada do dia seguinte, por meio de grandes pauis, onde se atolavam até ao joelho a cada passo; e o sol, que não secara o lodo, aquecera-o, contudo a ponto que se tornava doloroso o andar. Também muito sofreram da sede, pois embora os índios levassem água em cabaças, acabou-se ela muito antes de meio caminho. Passou-se à noite num pedaço de terreno seco entre os pântanos. No dia seguinte a mesma casta de solo, que patinhar a custo, mas de espaço a espaço lá aparecia um lago, em que se podia beber, e uma árvore, a cuja sombra se podia descansar um pouco. Ali se consumiu o resto das provisões. Faltava ainda um dia de jornada, e nela uma légua de tremedal, de onde os viandantes, atolados até meio corpo, não esperavam mais sair; vencido, porém este brejo, tornou-se boa a estrada. Logo depois do meio-dia encontraram vinte xaraiés, cujo cacique, sabendo da chegada dos visitantes, havia-lhes mandado gente ao encontro com pão de milho, uma bebida feita do mesmo cereal, patos cozidos e peixe. Uma hora antes de anoitecer chegaram todos à aldeia; saindo quatrocentas ou quinhentas pessoas a recebê-los, vistosamente enfeitadas de penas de papagaio, e de um avental em forma de leque formado de contas brancas. Vinham as mulheres vestidas de algodão.

Os artanesés

Jornada para os xaraiés

Foram os mensageiros levados à presença do cacique, que estava sentado numa tenda de algodão, no centro da área da aldeia, pronto para recebê-los, tendo em torno de si os anciões. Faz-se lugar para passarem os enviados, a quem ele fez sinal que se assentassem em dois escabelos.

Mandou depois chamar um guarani, que estava naturalizado entre aquele povo, e por boca deste intérprete disse que muito folgava de tê-los ali, havendo nutrido por longo tempo grande desejo de ver os cristãos, que sempre tivera por amigos e parentes, desde que Garcia estivera no país. Também almejava ver-lhes o chefe, que ouvia dizer ser generoso com os índios, e dar-lhes muitas coisas boas e disse que se vinham por algo, haviam de tê-lo. Responderam os espanhóis que só queriam saber quão longe era até ao país desse povo que tinha ouro e prata, e que nações ficavam no caminho; vinham também a vê-lo, e assegurá-lo de que o adiantado muito o desejava por amigo. Replicou o velho cacique que muito o alegraria esta amizade. O caminho para esses estabelecimentos por que perguntavam, não podia ele dizê-lo, pois que na estação chuvosa ficava inundada toda a terra, e quando as águas se retiravam tornava-se impraticável. Mas que o guarani, que servia de intérprete, tinha estado lá, e ele o mandaria ao adiantado a referir-lhe tudo o que soubesse. Pediram então os espanhóis um guia que os levasse aos guaranis; mas ele replicou que estava em guerra com aquele povo, e que sendo amigo dos cristãos, não deviam estes ir ter com seus inimigos, nem travar com eles amizade. Contudo, se insistiam, dar-lhes-ia quem os conduzisse até lá no dia seguinte. Entretanto fizera-se noite. O velho cacique levou os mensageiros para casa, deu-lhes de comer, mostrou a cada um a sua rede, e ofereceu-lhes mulheres, segundo o costume brutal de hospitalidade de selvagens: mas os espanhóis recusaram, agradecendo este mimo, desculpando-se com as fadigas da marcha.

Comentários, **59**

Uma hora antes do amanhecer acordou-os o som de trombetas e tambores: mandou o chefe abrir a sua porta e viram eles cerca de seiscentos homens armados em guerra. É este, disse ele, o modo por que o meu povo visita os guaranis; eles vos conduzirão com segurança, e com segurança tornarão a trazer-vos, aliás, seríeis mortos, por serdes meus amigos. Vendo os espanhóis que de outra forma lhes não era possível ir, e que persistindo na sua tenção ofenderiam provavelmente os xaraiés, declararam que regressariam a dar de tudo conta ao adiantado, e que voltariam com as suas instruções. Com isto muito se deu por satisfeito o cacique ancião; passaram ainda aquele dia com ele os seus hóspedes, e deram-lhe os artigos de escambo, que traziam, bem como a carapuça vermelha, seu presente particular: agradável foi aos europeus a admira-

ção do selvagem a esta oferta. Em troca deu-lhes ele cocares de ricas plumas para o adiantado, e assim se separaram uns dos outros, mutuamente satisfeitos.

Era o nome ou título do cacique Camire; a sua aldeia continha cerca de mil casas[16] e quatro estabelecimentos vizinhos estavam sujeitos à sua autoridade. Viviam os xaraiés em famílias separadas, ornando os homens o lábio inferior à moda dos artanasés: mais singular é que trouxessem bigodes. Fiavam as mulheres algodão, de que faziam estofos finos como seda, em que teciam figuras de animais, desperdício de talento, pois o fim destes artefatos era servirem de mantas de noite, quando a estação o exigia. Ambos os sexos se pintavam do pescoço aos joelhos com uma cor azul, que se davam com tão admirável perfeição,[17] que um alemão, que viu estes índios, duvidou que o melhor artista da Alemanha excedesse a limpeza e o intrincado desenho. Faziam duas colheitas por ano. Também a eles os perseguia o grilo, pelo que criavam em casa patos, que os livrassem deste daninho inseto.

Schmidel, 36. *Comentários* **59, 60.**

Grande expedição dos guaranis ao Peru

Acompanhou o intérprete guarani os espanhóis na sua volta. Referiu ele a Cabeça de Vaca que nascera em Itali, aldeia sobre o Paraguai. Sendo ainda rapaz empreenderam os seus conterrâneos uma grande jornada, em que ele foi com seu pai. Saquearam os primeiros estabelecimentos, levando consigo baixela e ornatos de ouro e prata; por algum tempo assim foram marchando ovantes e vitoriosos, mas afinal todo o país se reuniu contra eles, fazendo-os sofrer uma terrível derrota. Então tomou-lhes o inimigo a retaguarda, apoderou-se dos desfiladeiros e cortou-lhes a retirada, de sorte que de toda aquela multidão escapariam apenas uns duzentos. Destes a maior parte não se atreveu a tentar a volta à pátria, temendo os guaxarapos e outras tribos, cujos territórios era de mister atravessar, e fixou a sua residência entre as montanhas. Ele, porém, com mais alguns haviam diligenciado por ganhar o país natal, mas descobertos no caminho por estas tribos hostis, todos, exceto ele, tinham sido imolados. Na fuga fora cair entre os xaraiés, que, tratando-o com bondade, o haviam admitido a fazer parte da nação.

Perguntou-lhe Cabeza de Vaca se ele saberia achar o caminho desses povos, que os seus conterrâneos haviam atacado. Respondeu que

os seus tinham aberto caminho por entre matos, derrubando árvores que servissem de marcos, mas que isto devia ter desaparecido havia muito, apagando a nova vegetação todos os vestígios. Queria contudo parecer-lhe que atinaria com a direção. Seguia esta ao lado de um cabeço redondo, que ficava então à vista de Porto dos Reis, achando-se os primeiros estabelecimentos, se bem se recordava, a cinco dias de jornada. À pergunta se havia lá ouro respondeu afirmativamente; os seus patrícios tinham ali roubado baixela, gorjais, arrecadas, braceletes, coroas, machadinhos, e vasos pequenos tanto de ouro como de prata. Depois destas tentadoras informações, declarou-se pronto a ir com os espanhóis, guiando-os o melhor que pudesse, sendo a isto que o seu cacique o mandara.

Comentários, **60**

Prossegue Cabeza de Vaca a marcha

Ordenou Cabeza de Vaca a este homem que olhasse bem à verdade do que dizia; não havia porém motivo para suspeitar fraude, e resolveu ele cometer a jornada, tomando trezentos homens e provisões para vinte dias. Cem espanhóis, com duas vezes outros tantos guaranis deixou de guarda aos bergantins, sob o comando de Juan Romero. Começavam os naturais das cercanias de Porto dos Reis a mostrarem-se enfadados dos seus hóspedes. Gonzalo de Mendoza, que com o resto da sua força já fizera junção com o adiantado, havia sido acometido em caminho pelos guaxarapos; um dos seus provocara a luta, que tinha custado a vida a cinco espanhóis. Olhavam os guaxarapos isto como uma vitória, e cobrando novos brios, convidavam os seus amigos sacociés a virem acabar com estes estrangeiros, que nem eram valentes, nem tinham tão duros os cascos. Parece que nada animou tanto estas tribos como a suposta descoberta, que o crânio dos espanhóis não era tão rijo como o delas: não se lembravam que um capelo de ferro era mais sólido ainda.[18]

Comentários, **60, 58**

26 de nov. Marcha para o Peru

Por aprazíveis arvoredos passou-se o primeiro dia de jornada, seguindo uma vereda, ainda que pouco trilhada, e ao lado de umas fontes se dormiu à noite. Na outra manhã foi preciso abrir caminho, e quanto mais se avançava, mais espessa e emaranhada era a floresta: uma erva bastíssima e de grande altura também não estorvava pouco a marcha. O acampamento da segunda noite foi ao pé de um lago, onde tanto abundava o peixe, que se apanhava à mão. Teve o guia ordem

de trepar árvores e subir eminências, para melhor se orientar, e afirmou que era verdadeira a direção que se ia seguindo. Nas árvores se achou mel, nem faltava caça, mas o ruído da marcha a espantava, de modo que pouco aproveitou este recurso. De todas as frutas que se comeram, uma única provou mal: foi o bago de uma árvore semelhante à murta. Produziam as palmeiras um fruto, de que se comia o caroço e não a polpa, partida a casca ao meio. Disto faziam os índios uma farinha de excelente qualidade.

Comentários, **61**

O quinto dia de marcha levou a um riacho d'água quente, que brotava de um cerro. Era clara e boa, e nela viviam peixes apesar da elevada temperatura. Aqui confessou o guia, que vinha errado; os antigos marcos eram idos; havia muitos anos que ele por ali passara e não sabia mais que caminho tomar. Na outra manhã porém, tendo sempre a expedição seguido avante, dois guaranis se abalançaram a aproximar-se. Eram ainda dos que, escapados à grande derrota de que falava o guia, se haviam retirado para o mais denso dos matagais, e ínvias serranias. Perto lhes ficava o rancho, nem tardou que aparecesse a totalidade desta relíquia de um grande exército, composta de quatorze pessoas apenas, das quais a mais velha teria trinta e cinco anos. Eram crianças, segundo diziam, ao tempo da destruição da sua tribo, e sabiam que alguns da sua raça viviam perto dos xaraiés, com quem guerreavam. Dois dias de jornada mais adiante havia outra família formada de dez pessoas, cujo chefe conhecia o caminho do país por que perguntavam os espanhóis, pois muitas vezes ali havia ido.

Cabeza de Vaca fez esta gente feliz, distribuindo por ela alguns presentes, e tratou de dar agora com a segunda família, onde estava seguro de achar um guia. Mandou adiante um intérprete com dois espanhóis e outros tantos índios, para perguntar ali pelo caminho e distância, e no outro dia vagarosamente os foi seguindo. No terceiro encontrou um dos índios, que voltava com uma carta, dizendo que da choça do guarani, de onde fora escrita, havia dezesseis dias de viagem por balsas e ervaçais altíssimos até um elevado rochedo chamado Tapuaguazu, de cujo cimo muita terra cultivada se avistava. Tão ruim era o caminho para esta habitação, que os mensageiros se haviam visto obrigados a andar de gatas grande parte dele, dizendo o chefe da família guarani, que para além era pior ainda. Viria este porém com o intérprete narrar ao

adiantado quanto sabia. À vista disto retirou-se Cabeza de Vaca para as tendas, onde se passara a noite, e ali esperou por eles, até que chegaram no outro dia de tarde.

Comentários, **62-63**

Disse o guarani que bem sabia o caminho para Tapuaguazu, aonde muitas vezes fora por setas, de que havia ali abundância.[19] Do alto da rocha era visível o fumo do país habitado, mas havia tempos já que ele não ia, tendo na última jornada visto fumegar da parte de aquém, de onde conhecera que voltara o povo a habitar estas terras, desde a grande invasão abandonadas e desertas. Seria jornada para dezesseis dias, e péssimos os caminhos por entre matas, que forçoso seria picar. Consultado se queria ir como guia, respondeu que voluntariamente, apesar do muito que temia a gente daquelas partes.

Ouvido o que reuniu Cabeza de Vaca o seu clero e capitães, pedindo-lhes conselho sobre o que se faria. Responderam que as tropas com demasiada confiança descansando na asserção do guia, de que em cinco dias estariam em país habitado, haviam poupado não pouco os víveres, que a muitos já nada restava, apesar de ter trazido cada homem duas arrobas de farinha. Apenas restaria mantimento para seis dias.

Bem sabido era quão pouco havia que fiar nas informações dos índios: em lugar de dezesseis dias de jornada podia a distância sair muito maior, e perecer de fome toda a partida como não raro havia sucedido já nestas descobertas. Parecia-lhes pois melhor aviso voltarem a Porto dos Reis, onde haviam deixado os bergantins, e proverem-se ali para a expedição, agora que com melhores dados podiam calcular o mantimento preciso. Respondeu Cabeza de Vaca que impossível era haver provisões no porto, onde nem o milho estava maduro ainda, nem os naturais possuíam coisa alguma que pudessem fornecer; além disto cumpria recordar o que se lhes havia dito sobre não deverem tardar as inundações. Persistiu o conselho na sua opinião: não era fácil resolver qual dos males era menor, se avançar, se retroceder, e o comandante vendo contra si todos os votos, julgou prudente ceder. Ofereceram-se porém Francisco Ribeira e seis outros, a ir a Tapuaguazu com o guarani e onze índios; ameaçados estes com severo castigo se desertassem antes da volta, partiram todos para esta aventura.

Comentários, **64, 65**

Escassez no Porto dos Reis

Em oito dias voltou Cabeza de Vaca ao Porto dos Reis, onde achou que os naturais, instiga-

dos pelos guaxarapos, principiavam a mostrar má vontade; tinham deixado de fornecer víveres aos espanhóis e ameaçavam atacá-los. Reuniu ele os caciques, deu-lhes carapuças vermelhas e com palavras doces e boas promessas lhes foi pacificando os ânimos; sobre o que declararam eles pela sua parte, que seriam amigos dos espanhóis, e expulsariam os guaxarapos e todos os seus inimigos.

A falta de alimento não era porém de fácil remédio; provisões de boca só havia já as que estavam a bordo dos bergantins, e que muito poupadas não dariam para mais de doze dias. Mandaram-se os intérpretes a todas as aldeias circunvizinhas à cata de comestíveis; mas nenhum havia à venda, achando-se o mantimento então de escasso acima de todo o preço. Perguntou o adiantado aos principais indígenas onde acharia víveres. Responderam que os arianicosiés, tribo que habitava as margens de um lago grande a nove léguas dali, os tinham em abundância. Convocou o comandante outra vez o seu conselho, expondo-lhe a situação. A gente, disse, estava prestes a dispersar-se pelo país, comendo do que achasse. Que se faria? Responderam que outro remédio não havia, senão mandar a maior parte da tropa para os lugares onde havia víveres, que se comprariam se os naturais quisessem vendê-los, ou se tomariam à força em caso contrário: pois quando apertava a fome era lícito tirar o alimento até de sobre o altar.

Com 120 espanhóis e 600 índios flecheiros partiu pois Gonzalo de Mendoza para os arianicosiés. Consultados por Cabeza de Vaca também os naturais haviam informado que tendo principiado a crescer as águas, poderiam os bergantins subir agora o rio Igatu até à terra dos xaraiés, que estavam providos de víveres. Havia também muitos rios grandes e serpejantes que vinham desaguar no Igatu, e nas margens deles habitavam tribos ricamente abastecidas. À vista disto despachou-se Hernando Ribera com cinqüenta e dois homens num bergantim, que fosse inquirir os xaraiés sobre as terras que ficavam além deles, passando depois a explorar as águas. Levou ordem de nem ele nem nenhum dos seus desembarcar, mas somente o intérprete com dois companheiros, evitando-se assim quanto fosse possível toda a ocasião de disputa.

Comentários, **65-68**

Vai Mendoza ter com os arianicosiés em busca de mantimentos

Chegado ao país dos arianicosiés, mandou Mendoza um intérprete com contas, canivetes, anzóis e

barras de ferro, que eram muito pretendidas, como amostras dos tesouros que trouxera para traficar com eles; responderam porém que nada dariam aos espanhóis, e ameaçaram matá-los, se incontinênti não lhes despejassem a terra. Os guaxarapos, que já tinham morto cristãos, os ajudariam contra os espanhóis, que eles bem sabiam terem a cabeça mole. Aventurou Mendoza segunda embaixada, que a muito custo voltou a salvamento. Desembarcou então com toda a sua força, e sendo recebido com a mesma hostilidade, matou aos índios dois homens: fugiu o resto, e ele apoderou-se de grande porção de milho, mandioca, mandubis, e outras raízes e ervas, que lhes achou nos ranchos. Soltou um prisioneiro, que fosse convidar os outros a voltarem às suas habitações, dizendo que pagaria tudo quanto havia tomado; mas não foi possível reconciliá-los. Acometeram-lhe o campo, puseram fogo a suas próprias casas, e convocaram todos os aliados em seu auxílio. Mendoza mandou pedir ao adiantado instruções sobre o modo por que devia haver-se, e a resposta foi que continuasse a empregar todos os meios de pacificar os índios.

Comentários, **58**

Volta de F. Ribera

Oito dos guaranis que haviam acompanhado Francisco Ribera na sua aventureira jornada a Tapuaguazu, estavam já de volta, e Cabeza de Vaca o dava por perdido com os seus companheiros. Mas a 20 de janeiro chegaram; vinham todos feridos, e foi esta a história que contaram: vinte e um dias haviam eles e o seu guia caminhado para o poente, por país de tão difícil travessia, que por vezes não puderam romper mais de uma légua pelo mato em todo o dia, tendo havido dois em que nem metade desta distância avançaram. Não faltavam antas, nem javalis que as índias matavam com setas, sendo tanta a caça miúda que a cacete se apanhava. Abundavam também o mel e as frutas, de modo que se houvesse prosseguido não sofreria o exército falta de víveres.

No vigésimo primeiro dia chegaram a um rio que corria para o ocidente, indo, segundo dizia o guia, passar por Tapuaguazu: logo adiante descobriram pegadas de caçadores, e avistaram alguns campos de milho que acabavam de ser ceifados. Ali, sem dar-lhes tempo de se esconderem, saiu-lhes ao encontro um índio; trazia brincos de ouro nas orelhas, e um ornato de prata no lábio inferior. Não lhe compreenderam a linguagem, mas, tomando Ribera pela mão, fez-lhe sinal a ele e seus com-

panheiros para que o seguissem. Levou-os a uma casa grande de madeira e palha; estavam-na as mulheres esvaziando, mas ao verem os espanhóis abriram um rombo no lado de palha, por onde antes quiseram arremessar os objetos, do que passar por perto dos estrangeiros. Entre as coisas que assim removiam havia muitos ornatos e utensílios de prata, tirados de enormes jarras.

Mandou o dono da casa sentar os hóspedes, dando-lhes a beber por cabaças cerveja de milho tirada de grandes vasos de barro, enterrados no chão até ao gargalo. Serviam-nos dois escravos. Orejones de nação, que lhes deram a entender que havia alguns cristãos a três dias de jornada dali, entre um povo chamado paizunóis, e mostraram-lhes à vista o alto píncaro Tapuaguazu. Entretanto iam-se os índios reunindo à porta, vistosamente pintados e cobertos de plumas, trazendo arcos e setas como prontos para a guerra, visto o que tomou também iguais armas o dono da casa. De uma a outra parte passavam mensagens, que fizeram suspeitar aos espanhóis que o país se levantava contra eles. Então lhes aconselhou o hóspede, que se dessem pressa em voltar pelo caminho que haviam trazido, antes que maior multidão se reunisse. Já uns trezentos se haviam juntado, e tentaram embargar-lhes o passo; romperam os cristãos por entre os índios, mas estariam apenas à distância de pedrada, quando estes, erguendo um alarido, despediram contra eles suas flechas, perseguindo-os até entrarem na floresta. Ali se defenderam os espanhóis, retirando-se os assaltantes, supondo quiçá na suposição de que teriam aqueles no mato companheiros que os ajudassem.

Não havia na partida um só que não estivesse ferido; mas o caminho estava agora aberto, e se haviam gasto vinte e um dias, marchando do lugar onde os deixara o adiantado, não precisaram mais de doze para voltarem todos a Porto dos Reis, distância que calcularam em setenta léguas. Um lago, que na ida haviam vadeado com água pelos joelhos, acharam-no na volta tão inchado, que se espraiava mais de uma légua por sobre as margens, tendo de atravessá-lo em jangadas, com grande risco e dificuldade. Era isto tudo quanto haviam descoberto, exceto que o povo que tão rudemente os expelira de suas terras, se chamava tarapecociés, e possuía patos mansos e volateria em abundância.

Comentários, **70**

Ouvem os espanhóis falar em ouro e prata

Deram estas informações o fio para se obterem notícias mais exatas. Havia ali alguns tarapecociés, destroços do heterogêneo exército de Garcia. Grande pena é não se ter conservado a história deste aventureiro português;[20] homem deve ele ter sido de extraordinários dotes, para com só cinco europeus ter levantado um exército, e penetrado até mais de meio do continente sul-americano; e o respeito em que sua memória era tida, mostra que assim como em prudência e valor deve ter igualado os maiores dentre os conquistadores também provavelmente os excedeu em humanidade. Inquiriram-se imediatamente destes selvagens; mostrou-se-lhes uma das setas que Ribera trouxera, e à sua vista, expandindo-se-lhes os rostos, disseram que vinha da sua pátria. Perguntou-lhes Cabeza de Vaca, por que tentaria a sua nação matar mensageiros que só haviam ido a vê-la e conversar com a gente da terra. Responderam que a sua tribo não era inimiga dos cristãos, que antes olhava como amigos, desde que Garcia ali estivera traficando. A razão de assim haver agora acometido os espanhóis, devia ser por ter visto com eles guaranis, raça odiosa, que em outro tempo lhe invadira as terras e assolara as fronteiras. Mas que se os mensageiros houvessem levado um intérprete, bem recebidos por um povo, cujo hábito não era tratar como inimigo quem vinha como amigo, teriam sido regalados com mantimento, ouro e prata. À pergunta donde vinham este ouro e prata, e trocados por que, responderam que dos paizunoés, que ficavam a três dias de jornada, e que a seu turno haviam estes metais dos xanesés, ximinoés, carcaraés e cadireés, tribos que deles tinham fartura. Mostrando-se-lhes um castiçal de cobre polido, e perguntando-se-lhes se o metal amarelo era como aquele, responderam que não, que era o outro mais loiro e brando nem tinham tão desagradável cheiro; apresentando-se-lhes então um anel de ouro, disseram que era o mesmo. Por igual forma ao mostrar-se-lhes uma vasilha de estanho, disseram que o seu metal branco era mais claro e rijo, e sem cheiro; e vendo uma taça de prata, declararam que em seu país tinham braceletes, coroas e machadinhas como aquilo.

Comentários, **79**

Tudo isto resolveu o adiantado a tentar de novo a marcha, pelo que mandou chamar Gonzalo de Mendoza com toda a sua gente, para se aprontarem. Principiara porém a estação doentia, e tão gerais se tornaram as terçãs, que já não havia com saúde quem montasse as guardas.

Valeram-se da oportunidade os naturais. Logo principiaram por porem mãos em cinco espanhóis, que com uns cinqüenta guaranis pescavam a muito curta distância do acampamento, e cortados em postas distribuíram a carne pelos guaxarapos e outros aliados seus. Dali vieram atrevidamente investir com os espanhóis nas suas trincheiras, matando-lhes uns sessenta, antes de poderem ser rechaçados. Fracos porém como estavam os europeus, não tardaram a tirar vingança, contendo os selvagens em respeito.

Voltou então Hernando Ribera de sua expedição, mas achou o adiantado por demais doente para ouvir-lhe a relação. Três meses passaram todos neste estado miserável; menos falhos de mantimento do que antes, é verdade, pois Mendoza algum trouxera consigo, mas a enfermidade, longe de diminuir, recrudescia, e os mosquitos se haviam tornado ainda mais intolerável praga do que as maleitas. Afinal extenuados de sofrer, resolveram voltar à Assunção. A corrente os levou lá em doze dias, e ainda em bem lhes foi correrem-lhes as águas de feição, pois nem tinham forças para remar, nem teriam podido defender-se. Ainda assim só aos canhões, que nos bergantins levavam, deveram o escaparem aos terríveis guaxarapos.

Comentários, **71-73**

Rebelião contra Cabeza de Vaca

Ofendera Cabeza de Vaca alguns dos seus, não lhes permitindo trazer umas cem índias, que os pais destas lhes haviam dado, como meio de cativar-lhes as boas graças. Em todas as ocasiões se esforçara ele por abolir a prática infame de fazer dos homens escravos e das mulheres concubinas,[21] e isto o tornara impopular. Afirma ele que Irala e os principais da sua parcialidade premeditavam tornar-se independentes da Espanha, sendo esta a razão mais forte por que haviam abandonado Buenos Aires. Não é a acusação muito provável; mas nem por isso é menos certo que a distância de toda a autoridade eficaz os animava a respeitarem pouco os decretos do rei. Quinze dias depois da volta, uma partida dos principais oficiais apoderou-se do adiantado,[22] que a moléstia conserva encerrado na sua câmara, e pondo-o a ferros, proclamou Irala governador. Tinha Cabeza de Vaca ainda amigos, que conseguiram pôr em comunicação com ele por intermédio de uma escrava, apesar de ser esta revistada, todas as vezes que entrava na prisão, a ponto de a porem nua. A tira de papel, que ela levava, ia enrolada, coberta de cera preta, e segura com dois fios da mesma

cor à sola do pé. Ofereceram-se eles para à força o porem em liberdade, mas ele tendo sido ameaçado de morte, caso se fizesse a menor tentativa para soltá-lo, proibiu, certo de que a ameaça seria cumprida.

Comentários, **74-77**

Foi esta sedição causa de grandes desordens. Muitos dos naturais, que descansavam na proteção do adiantado, e principiavam a adotar a religião e a língua dos colonos, fugiram. Mais de cinqüenta espanhóis que lhe eram afeiçoados, partiram por terra caminho do Brasil para subtraírem-se aos intoleráveis insultos e escárnio da facção triunfante. Os frades lá acusaram Cabeza de Vaca; e sem a menor oposição do novo governador levaram consigo as suas irmãs conversas. Afinal, depois de terem tido o adiantado encarcerado por onze meses, mandaram-no os seus inimigos preso para a Espanha. O veador Alonso Cabrera e o tesoureiro Garcia Vanegas, também foram ser-lhe acusadores. Oito anos foi Cabeza de Vaca retido na corte antes que a sua causa entrasse em julgamento, morrendo neste meio tempo os seus acusadores, um miseravelmente, e o outro doido furioso. Por fim foi absolvido de toda a culpa e pena, mas nem o reintegraram no seu governo, nem de modo algum o indenizaram dos prejuízos sofridos. Infelizmente para ele morreu pouco depois da sua chegada o bispo de Cuenca, então presidente do Conselho das Índias, que teria feito justiça sumária a seus inimigos; pois este ministro declarara que delitos como este deviam ser punidos capitalmente, e não mais com multas.[23]

É remetido preso para a Espanha

Comentários, **78, 84. Herrera, 7, 9, 13**

NOTAS DO CAPÍTULO V

1. *Adelantado* em espanhol, isto é, governador.
   Sua missão – escreve Romário Martins *(Bandeiras e Bandeirantes em Terras do Paraná)* – era de "tomar posse para a coroa de Castela das terras do ocidente da linha limítrofe com as de Portugal, na América"; "aportou em Cananéia, que considerava porto espanhol e em São Francisco, desembarcando a 29 de março de 1541 na ilha de Santa Catarina, das três localidades se apossando em nome do seu rei." (P.B.B.)

2. *Todos los que se ofrecieron a ir en la jornada llevaron las armas dobladas.* Coment., c. 1.
   Fazia parte das instruções, *que ningún Governador echasse cavallo a yegua.* Herrera, 7, 2,

8. A razão foi talvez para que os soldados que montavam éguas, não ficassem temporariamente privados dos serviços de suas cavalgaduras e obrigados a andar a pé.

3. Provavelmente dos que haviam ido com Alonso Cabrera.

4. A explicação que de si deram parece ter sido falsa, pois que Buenos Aires tinha sido abandonada: também de Irala fizeram queixas, que se tornam suspeitas na boca de Cabeza de Vaca.

5. Diz Falkner que cresce esta árvore nas Cordilheiras do Chile. A madeira é muito rija, branca e durável. A pinha duas vezes maior do que as que dão os pinheiros na Europa, e os pinhões do tamanho de tâmaras com uma casca mais fina. A fruta é comprida e grossa, com quatro ângulos rombos. Cozendo estes pinhões preparavam os índios para longas jornadas, ou para conservar em casa provisões, que tinham um sabor de amêndoa, mas não tão oleoso. Produz esta árvore considerável porção de terebintina, que se forma numa massa um tanto mais dura do que a resina ordinária, mas muito mais clara e transparente, embora não tão amarela. Os espanhóis servem-se dela como incenso, de que lhe dão o nome. Azara chama esta árvore Curiy, mas o nome indígena é Curiyeh.

6. É tirado isto de uma descrição das cachoeiras manuscrita em língua espanhola. Demorou-se o autor oito dias no local para fazer observações; possuía todas as habilitações para poder ser exato nos seus apontamentos, e podemos confiar no que diz. A posição exata da catarata é em 25º 42' 20" lat. S, e 3º 47' 50" long. L. de Buenos Aires.

7. *De cobre,* dizem os comentários; mas deve haver erro, pois que naquela parte do país se não encontra metal de qualidade alguma.

8. Azara (P. 2, p. 119) diz que os paiaguás se dividiam em dois ramos, cadigué e mágach, sendo agacé a corrupção espanhola do último destes nomes, derivado do de um cacique.

9. Deve haver aqui exageração gorda: segundo esta conta devia cada dormitório, com velhos, mulheres e crianças, conter pelo menos quinhentas pessoas. Compridas como bazares deviam ser tais tendas, e infinitamente mais incômodas de armar do que muitas pequenas.

10. Divide Jolis os guaicurus, ou mbaias, como freqüentemente os chamam, em sete tribos: 1ª os guetiadegodis, ou habitantes das montanhas, que separam o seu território dos chiquitos; 2ª e 3ª dois ramos, chamados ambos cadiguegodis, nome derivado do riacho Cadiguegui, junto do qual moravam; 4ª os lichagotegodeguis, habitantes da Terra Vermelha, que vivem sobre o rio Tareiri; 5ª os apachodegoguis, habitantes da planície das Abestruzes; 6ª os eiibegodeguis ou Boreais, também chamados enacagás, ou os escondidos, que habitam as margens do Mboimboi, supondo Jolis que a última denominação lhes veio de acreditarem que viviam primeiramente debaixo da terra, até que um cão lhes abrisse caminho, por onde saíssem; 7ª a gotocoguegodeguis, os que moram entre as canas. Fica o território destes entre Mboimboi e o Iguari. L. 6, art. 11.

Ou estes nomes foram descuidadamente escritos, ou bárbaros como são, implicam uma regra singular de transformação na composição das palavras. Atualmente são os guaicurus uma nação eqüestre.

11. O autor coloca a foz deste rio em lat. 12º 3'. Suporia eu que este Iapanema era o próprio Paraguai, e o outro, a que ele dá este nome, o Cuiabá, se esta suposição fosse conciliável com o curso posterior que se assinala ao rio. A passagem original diz assim: *En aquel parage el Governador estaba con los Indios, estaba oiro río, que veda por la tierra adentro, que seria tan ancho, como la mitad del río Paraguai, mas corría con tanta fuerza que era espanto, este río desaguaba en el Paraguai, que venha de hacia el Brasil.* Não há meio de explicar a dificuldade, senão admitindo que o autor, por falta de memória, tomasse a mão direita pela esquerda.
12. Aqui tanto abundavam os *dourados,* que só um homem apanhou quarenta. Disse-se que o caldo deste peixe curava toda a afecção escorbútica ou leprosa. Acrescenta o escritor que é… *muy hermoso pescado para comer.*
13. *O Zuputuba* do mapa espanhol.
14. Na sua junção com o último rio vê-se uma pirâmide de mármore com estas inscrições. Do lado do oriente: *sub Joane Lusitanorum Rege Fidelissimo.* Do do meio-dia: *Justitiae et Pax osculatae sunt.* Do ocidente: *Sub Ferdinando VI Hispaniarum Rege Catolico.* E do norte: *Ex Pactis Finium Regendorum Conventis Madriti Ibidus – Januari MDCCL.* O tratado acabou, mas o monumento dura. *Notícias do Lago Xaraiés.* Ms.
15. Alguns franceses aprisionados na esquadra de L'Eissegue em 1806 na costa de São Domingos, tinham-se desfigurado tanto quanto estes selvagens, e pelo mesmo princípio. Cultivavam os bigodes, até que de um e outro lado se lhes destacavam das faces mais de um pé; e isto, segundo disse um dos oficiais, *pour être terrible.* Era o mesmo que o velho Ronsard na sua *Franciada* chama: "Cruel de port, de moustache et de coeur."
16. Ribera diz mil casas… os *Comentários* mil habitantes. Em tais casos costuma o cálculo inferior ser o mais seguro, mas de mil habitantes não se podiam tirar seiscentos combatentes.
17. *Las mujeres se labran todo el cuerpo hasta los rostros con unas agujas, picándose las carnes, haciendo en ellas mil labores y dibujos, con guarniciones en forma de camisas y jubones con sus mangas y cuellos; con cuyas labores, como ellas son blancos y las pinturas negras y azules, salen muy bien.* Rui Díaz. *Argent.*, Ms.
18. Tinha o elmo outro préstimo grande: podia servir de caçarola. Nele cozinhavam os descobridores às vezes as ervas que podiam apanhar para sua miserável refeição. Herrera, 7, 9, 24.

    O Fidalgo d'Elvas refere outro expediente curioso a que estes soldados se viam reduzidos. Quando queriam fazer pão do seu milho, moíam-no entre duas pedras e peneiravam a farinha pelas malhas de suas cotas.

19. Se queria isto dizer que ali tinham ficado muitas pelo chão depois da batalha em que pereceu a tribo dele, ou simplesmente que cresciam ali juncos, é o que se não explica.

20. As poucas notícias que de Garcia alcançou Cabeza de Vaca, é só o que se sabe positivo a este respeito. Os jesuítas Nicholas del Incho e Juan Patrício Fernández as repetem, com o extraordinário erro de dizerem que esta expedição se fizera no reinado de D. João II... antes de descoberto o Brasil. Nem pode ser errata por D. João III, pois que eles a fazem anterior à queda dos Incas, como de fato provavelmente o foi. Ambos dizem que Garcia foi traiçoeiramente morto pela sua gente.

    Chamam-no Aleixo Garcia, e Techo diz que ele tinha sido enviado por Martim Afonso de Sousa, que depois mandou com Jorge Sedenho sessenta portugueses em busca dele. Ao chegarem perto do Paraguai, os mesmos índios, que tinham assassinado Garcia, lhes mataram o comandante pondo em fuga o resto da partida. Na volta embarcaram-nos os índios do Paraná em canoas comidas do bicho, cobertas de barro em vez de breu, e chegados ao meio do rio tiraram a massa, e nadando para terra, deixaram os portugueses ir ao fundo. Esta história é manifestamente fabulosa. Em outro lugar acrescenta o autor que os índios de Garcia, receosos da vingança dos portugueses, voltaram ao rico país a que ele os havia levado, achando ali a nação dos xiriguanos, que por tanto tempo foram o flagelo dos espanhóis. Solis observa com justeza que o fato de fazer Garcilaso menção desta tribo no tempo do Inca Yupanqui, contradiz esta relação. L. 6, art. 2. Rui Díaz de Gusmán, na *Argentina,* põe esta jornada no ano de 1526. Segundo este escritor também Garcia foi enviado de São Vicente por Martim Afonso, em razão da sua proficiência nas línguas guarani, tupi e tamaia.

    Alcançou o Paraná e o Paraguai, e à testa de uma força indiana penetrou até aos confins do Peru, donde, apesar de rechaçados pelos charcas, voltou carregado de despojos. Chegando outra vez ao Paraguai, mandou Garcia dois dos seus três companheiros adiante com amostras das riquezas do país. Voltaram estes salvos a São Vicente; entretanto foi ele assassinado; e os mesmos índios que o tinham morto fizeram outro tanto a Sedenho e à sua gente, que seguia as pegadas daquele. Haja o que houver de verdade nos outros pontos desta narração, é impossível que Martim Afonso pudesse em 1526 despachar aventureiros de São Vicente, aonde só chegou cinco anos mais tarde.

    O *Mercurio Peruviano* (8 de maio de 1721, t. 2, pág. 21) diz que Garcia com o seu exército de xiriguanos penetrou até ao vale de Tarija, e que os seus selvagens sequazes o mataram por não quererem tornar a sair de tão delicioso país. O escritor chama-o um português do Paraguai, e diz que o seu nome, como o de Erostrato, merecia ficar sepultado em esquecimento eterno. Seria difícil provar que Garcia fosse pior do que os conquistadores espanhóis; e do que fez claramente se vê, que em habilidade e gênio empreendedor deve ter sido igual ao maior dentre eles. O *Mercurio* não cita autoridade alguma e provavelmente erra, colocando esta jornada depois da conquista do Peru, como seguramente o faz quando diz que Garcia e o

seu exército não poupavam espanhol, índio nem mestiço... ainda mesmo que aparecesse algum espanhol, mestiços não os havia por certo para matar.*

*Afonso de Taunay ensina na *História Geral das Bandeiras Paulistas:* "Às primeiras expedições de devassa de terras paulistas ligam-se os nomes de dois célebres aventureiros, Aleixo Garcia e Ulrico Schmidel. Foi o primeiro, por ordem cronológica, Aleixo Garcia." E na *História das Bandeiras Paulistas* diz: "Do seu território [São Paulo] partiram as entradas famosas dos protobandeirantes, a do obscuro Aleixo Garcia, em 1526, a que se seguiram a catastrófica jornada de Pero Lopo, em 1531, e a de Cabeza de Vaca, em 1541." (P.B.B.)

21. *Mazaracas* as chamavam no Paraguai os espanhóis, do nome do melhor peixe que ali se encontra, e que os índios prezam sobre todas as coisas. *Argentina,* c. 4, art. 42. Diz D. Martín que alguns chamavam a Assunção o paraíso de Mafoma, pelas muitas mulheres que havia na cidade. Acrescenta que no seu tempo existiam ali mais de quatro mil raparigas.

    Y así, lector curioso, si quisieres
    El número saber de las doncellas,
    De cuatro mil ya passan como estrellas

    C. 2, est. 45

22. Diz Rui Díaz de Gusmán que foi Felipe de Cáceres o principal motor desta sedição; que Irala estava então ausente; e que para de volta à Assunção tomar posse do comando até chegarem novas ordens de S. M., foi preciso levarem-no em uma cadeira à *Plaza,* tão extenuado estava pela disenteria. Mas Rui Díaz era neto de Irala, e toda a narração que faz destes sucessos traz o cunho da parcialidade.

23. Dois escritores autênticos narram a história dos feitos de Cabeza de Vaca no Paraguai: Pedro Fernández, que com ele ali esteve, escrevendo os *Comentários* por ordem do adiantado, sobre os materiais que este lhe fornecia e de ciência própria; e Schmidel, que posto fosse também testemunha ocular, escreve mais sumariamente, e com manifesta má vontade ao governador, tendo sido dos que contra ele se levantaram. Entre as duas narrações nenhuma diferença há em matéria de fato, nem se pode supor que alguma coisa de importância deixasse de ser referida por algum dos dois.

Capítulo VI

JORNADA DE HERNANDO DE RIBERA; OUVE FALAR NAS AMAZONAS, E MARCHA EM BUSCA DELAS ATRAVÉS DO PAÍS INUNDADO – DESORDENS NA ASSUNÇÃO – VENCE IRALA OS CARIJÓS, E TENTA OUTRA VEZ ATRAVESSAR O PAÍS – CHEGA AOS CONFINS DO PERU, FAZ EM SEGREDO O SEU CONVÊNIO COM O PRESIDENTE, E VOLTA – DIEGO CENTENO NOMEADO GOVERNADOR; MORRE, E CONTINUA IRALA COM O GOVERNO

JÁ SE DISSE que à volta de Hernando de Ribera da sua expedição estava o adiantado tão doente que não pôde ouvir-lhe a relação, pelo que nenhumas medidas se tomaram. Ribera porém mandou para Espanha uma narração das suas aventuras, e Hulderick Schmidel, que fora um dos seus companheiros, publicou outra na Alemanha. A história que contam é mais um exemplo das esperanças, credulidade e desesperada perseverança dos descobridores.

1543
Jornada de Her. Ribera

Partiu Ribera a 20 de dezembro do Porto dos Reis em direção aos xaraiés levando oitenta homens num bergantim. Encontrou uma tribo chamada jacarés, que destes animais, de que tinham estranho medo, derivavam o nome; acreditavam que este bicho matava com o hálito,

que a sua vista era letal, e que o único meio de dar cabo de algum era pôr-lhe diante um espelho,[1] para que morresse com o reflexo do próprio olhar de basilisco. Deram estes selvagens guias a Ribera, e mandaram com ele oito canoas que pescando e caçando o proviam abundantemente de sustento. Gastara ele nove dias para alcançar esta tribo, e outros tantos lhe foram precisos para vencer as trinta e seis léguas que a separavam dos xaraiés. Saiu o velho Camiré com muitos dos seus a recebê-lo numa vasta planície a uma légua da aldeia. Haviam-lhe preparado um caminho de oito passos de largura, onde se não deixara uma pedrinha nem uma aresta, mas só flores e ervas frescas. À volta dos europeus iam músicos tocando uma espécie da flauta. Apenas o cacique deu aos espanhóis os emboras da sua chegada, abriu logo uma caçada, que valeu logo cinqüenta veados e emas. Foram os hóspedes aquartelados dois a dois na aldeia, onde se demoraram quatro dias. Perguntou-lhes então Camiré o que buscavam: achando-se num país farto, responderam esquecidos da necessidade em que ficavam o adiantado e os seus patrícios: ouro e prata. Deu-lhes ele, ouvido isto, alguns dixes de prata,[2] e um pratinho de ouro, dizendo que era tudo quanto tinha, e que isto mesmo o havia conquistado às amazonas.

As amazonas

Talvez na América do Sul existisse alguma tribo cujo nome tivesse no som sua tal ou qual afinidade com a palavra amazonas, e que isto seduzisse os descobridores na sua ignorância e credulidade. Mas a maior parte das informações que obtiveram acerca deste povo, só se explica supondo que os indígenas dariam sempre as respostas que percebiam serem as mais agradáveis, e que aqueles próprios sob a forma de perguntas forneciam as notícias que imaginavam receber em retruque, concordando os índios no que entendiam mal ou nem sequer percebiam. Deste costume muito têm sempre que queixar-se os missionários. Assim deve ter sido provavelmente que ouviram a Camiré como as amazonas se cortavam o seio direito, como os vizinhos varões as visitavam três ou quatro vezes no ano, como elas mandavam os rapazes aos pais guardando as filhas; como viviam numa ilha grande no meio de um lago, e como da terra firme tiravam ouro e prata em muita abundância. Como ir dar com estas guerreiras, foi a pergunta imediata, por água ou por terra? Só por terra, foi a resposta; mas era jornada para dois meses, e chegar lá atualmente seria impossí-

vel, estando, como estava inundado o país. A isto não quiseram atender os espanhóis, pedindo unicamente índios, que lhes levassem as bagagens. Deu o cacique vinte ao capitão e a cada homem cinco, e aí se põem estes furiosos aventureiros a caminho por terras alagadas!

Marcha pelo país inundado

Oito dias marcharam com água pelos joelhos, e às vezes até à cintura: valeu-lhes terem aprendido a fazer uso das redes, aliás teria sido inteiramente impraticável semelhante jornada. Para poderem acender lume, com que preparar a comida, tinham de levantar um rude bailéu, necessariamente tão pouco seguro, que não raro, atacando-se nele o fogo, iguarias e tudo caía na água. Chegaram assim aos siberis, tribo da mesma língua e costumes dos xaraiés, da qual souberam que teriam mais quatro dias que andar por água, e depois cinco por terra, até aos urtuesés; mas que mais avisado seria voltarem atrás, pois que para tal expedição não eram assaz numerosos. Ali obtiveram guias, e mais uma semana foram patinhando por água tão quente que não se podia beber, caindo incessante a chuva. No nono dia chegaram aos urtuesés.

Que distância havia até à terra das amazonas? Jornada para um mês e ainda por país inundado. Mas ali encontraram um obstáculo insuperável. Por dois anos sucessivos tinham os gafanhotos devorado tudo quanto haviam achado, e à fome que haviam ocasionado sucedera a peste. Não havia conseguir mantimento; mas a isto julgaram os espanhóis dever a salvação, aliás mal teriam escapado das mãos da mais numerosa tribo que tinham ainda encontrado.

Schmidel, 27

Vieram alguns índios das nações vizinhas a ver os estrangeiros. Traziam cocares à moda do Peru, e chapas de metal, que na relação de Ribera se chamam *chafalonia*. A este povo pediram os espanhóis mais novas das amazonas. Ribera jura solenemente que repete com fidelidade as informações que obteve, não por meio de perguntas, mas espontaneamente dadas. Afirma que estes índios lhe falaram de uma nação de mulheres, governadas por uma dentre si, e tão guerreiras, que de todos os vizinhos eram temidas: possuíam fartura de metal tanto amarelo como branco, de que eram feitos os seus tambores e todos os utensílios de suas casas. Viviam do lado ocidental de um grande lago, chamado Mansão do Sol, porque ali se mergulhava este astro. Aquém do seu país ficava uma nação de pigmeus, a quem faziam perpétua

Amazonas

guerra, e além, um povo de negros barbados, que andavam vestidos, habitavam casas de pedra e cal, e tinham também grande cópia de metais amarelo e branco. Para o oeste-sudoeste havia igualmente vastos estabelecimentos de um povo rico e civilizado, que empregava um animal lanígero como besta de carga e para o serviço da agricultura, e entre o qual viviam cristãos. Como sabiam disto? Tinham ouvido dizer às tribos que habitavam mais longe, que um povo branco e barbado, montando animais grandes, tinha estado nos desertos que ficam naquela direção, e dos quais por falta de água tinham tido de retirar-se.

H. Ribera

Todos os índios daquele país, disseram os informantes, comunicavam entre si, e assim sabiam que muito longe dali, além das montanhas, havia um grande lago salgado, em que navegavam gigantescas canoas. Esta narração, expurgada do fabuloso, é assaz notável. O fato de haver no sertão da América do Sul alguma notícia das suas praias, pressupõe relações internas não fáceis de se explicarem.

Volta para os xaraiés

Deu o cacique dos urtuesés a Ribera quatro braceletes grandes de prata, e outras tantas testeiras de ouro, que se traziam como sinais de distinção; e em troca recebeu um presente de canivetes, contas, e várias fradulagens das que se fabricam em Nuremberg. Feitas assim amigáveis despedidas, volveram os espanhóis atrás, pois que não teriam achado mantimento, seguindo avante. Pelo caminho viram-se reduzidos a viver de palmitos e raízes, e tanto em conseqüência desta dieta, como de terem tanto andado meio metidos na água, caiu a maior parte deles doente ao chegarem aos xaraiés. Ali foram bem nutridos, fizeram tão bom negócio em prata e nos finos tecidos de algodão que as mulheres preparavam, que Schmidel avalia o lucro em nada menos de duzentos ducados por cabeça.

Ao voltarem a Porto dos Reis, doente como estava pôs-se o adiantado furioso por ter Ribera, em despeito das suas ordens, seguido para uma jornada de descoberta, deixando o exército em tão grande apuro, e à espera de socorros. Mandou pois meter o comandante em ferros, e aos soldados tomou quanto haviam ganho na aventura. Uma espécie de motim foi a conseqüência e Cabeza de Vaca julgou mais prudente ceder. Faz honra a Ribera não se ter ressentido desta merecida cólera nem tomado parte na sedição contra o adiantado.

Schmidel, 37-38

De oitenta homens, que o haviam acompanhado nesta terrível marcha, só trinta se restabeleceram dos seus efeitos. Schmidel adquiriu uma hidropisia, que em bem para a história e para ele próprio, não se tornou fatal.

Mau proceder dos espanhóis

Tudo pusera em confusão a insurreição contra Cabeza de Vaca. Até então tinham vivido de acordo Irala e os oficiais do rei; não tardaram porém a desavir-se sobre a sua usurpada autoridade, pois se estes haviam eleito governador aquele, havia sido para eles mesmos o governarem. Esta luta entre o poder civil e militar repetiu-se em quase todas as conquistas, enquanto se não formou completamente o plano da legislação colonial. Dividiam-se os espanhóis da Assunção em duas parcialidades, cada uma das quais fazia o maior mal que podia. Aos partidários de ambos os bandos se permitia tratarem os índios como bem lhes parecia, nem estes eram refreados na sua maldita antropofagia, consentindo os chefes em tudo que podia dar-lhes alguma força. Muitas vezes estiveram a ponto de decidir a questão à ponta da espada: mas a isto obstou provavelmente da parte dos oficiais civis o medo da popularidade de Irala entre os soldados, e da parte deste uma prudente hesitação em enfraquecer a colônia. Vendo estas dissensões, aliaram-se carijós e agacés para caírem sobre os espanhóis e livrarem deles o país. O perigo intimidou a facção civil, e Irala teve liberdade de exercer um poder que não podia achar-se em mãos mais hábeis. Fez aliança com os japerós, batacis, tribos que podiam pôr em campo uns cinco mil combatentes; e com mil destes e cerca de trezentos espanhóis, distribuídos de modo que cada europeu tivesse por auxiliares três naturais, marchou contra os carijós, dos quais um poderoso exército se reunira debaixo das ordens do cacique Machkarias. Avançaram até meia légua de distância do inimigo, fazendo então alto para passarem a noite, fatigados como vinham de uma longa marcha debaixo de incessante chuva. Às seis da manhã investiram com os carijós, que depois de três horas de combate fugiram para a sua praça forte, chamada Fremidiere,[3] deixando no campo muitos centos dos seus, cujas cabeças os japerós levaram consigo, para esfoladas pendurarem as máscaras como troféus. Estava o posto, para que o inimigo se retirou, fortificado com três paliçadas, e muitos poços encobertos, e tão bem foi defendido, que por três dias o assaltou Irala em vão.

Submete Irala os carijós

Feitos então quatrocentos paveses de peles de anta, mandou de outros tantos índios assim acobertados cortar as estacadas com machados, e entre dois e dois ia um arcabuzeiro. Surtiu o desejado efeito este modo de ataque; após algumas horas entraram os assaltantes na praça, matando mulheres e crianças, e fazendo grande carniçaria. Escapou contudo a maior parte, que se retirou para outro lugar forte chamado Carieba, até onde os vencedores, tendo recebido um reforço de duzentos espanhóis e quinhentos aliados, perseguiram os fugitivos. Era esta espécie de praça fortificada pelo mesmo sistema da outra, tendo os carijós além disto arranjado umas máquinas, que segundo a descrição de Schmidel, eram como ratoeiras, cada uma das quais, se surtisse efeito, teria apanhado vinte ou trinta homens. Quatro dias os sitiaram os espanhóis sem resultado. Então um carijó, que havia sido em outro tempo chefe da aldeia, veio disfarçadamente ter com eles, oferecendo-se para entregá-la à traição, se lhe prometiam não a incendiarem. Ajustado isto mostrou ele duas veredas, que pela floresta levavam ao lugar, e assim foi este tomado de surpresa. As mulheres e crianças tinham sido previamente escondidas nas matas, servindo de lição a primeira matança. Apesar de tudo fez-se ali segunda, e os que a ela escaparam, fugiram para um cacique por nome Dabero, devastando o país que atravessavam, para dificultarem a perseguição. Mas dali voltaram os espanhóis a Assunção, de onde descendo o rio com novas forças, foram em seguimento deles: veio reunir-se-lhes com mil homens o chefe que atraiçoara Carieba, e Dabero derrotado tornou a submeter-se a um jugo que era já impossível sacudir.

Schmidel, 41-43

Terminada esta guerra, ficaram os espanhóis em paz por dois anos, durante os quais nenhum socorro receberam da metrópole. Então Irala, para que não se prolongasse o ócio, propôs-lhes renovar a tentativa em que haviam falhado os dois predecessores, e averiguar se era ou não possível achar ouro e prata. Com alegria foi aceita a proposta. Deixou D. Francisco de Mendoza a comandar na sua ausência, e partiu com trezentos e cinqüenta espanhóis e dois mil dos ultimamente subjugados carijós. Subiram todos o rio em sete bergantins e duzentas canoas, seguindo por terra com duzentos e cinqüenta cavalos e gente, que por falta de embarcações não podia ir por água. O lugar da junção era à vista do alto cabeço chamado São Fer-

Entra Irala no sertão

nando, o mesmo provavelmente pelo qual os guaranis haviam guiado Cabeza de Vaca. Ficaram cinqüenta espanhóis em dois bergantins, com recomendação de serem mais cautelosos do que Aiolas fora, e mandados para trás os outros navios, principiou Irala a marcha.

Schmidel, 44

Oito dias andaram sem achar habitantes. No nono achando-se a trinta e seis léguas além do monte de São Fernando, chegaram aos meperós, raça alta e robusta de caçadores e pescadores. Quatro dias depois encontraram os mapais, tribo muito mais adiantada em escravidão e civilização. O povo tinha de servir os chefes, como os servos da gleba nos tempos feudais; eram agricultores; faziam uma espécie de prados e tinham domesticado a lhama. As mulheres eram formosas, e viviam isentas dos penosos trabalhos que os selvagens costumam impor ao sexo mais fraco; seu único emprego era fiar, tecer algodão e preparar a comida. Saíram estes mapais a saudar os espanhóis, presenteando Irala com quatro grinaldas de prata, outras tantas testeiras do mesmo metal e três raparigas. Dispuseram os espanhóis as suas sentinelas e foram repousar. No meio da noite deu Irala pela falta das raparigas, e suspeitando imediatamente traição, mandou pôr tudo em armas. Efetivamente foram logo atacados, mas achando-se assim preparados repeliram com grande mortandade os agressores, perseguindo-os dois dias e duas noites sem descansar mais de quatro ou cinco horas. No terceiro dia, continuando sempre a perseguição, caíram os espanhóis no meio de uma grande horda da mesma nação, que, não suspeitando hostilidade, foi surpreendida, pagando as culpas dos conterrâneos. Os que não foram mortos ficaram prisioneiros, sendo estes tão numerosos que só a Schmidel couberam dezenove, como quinhão na presa.[4] Depois desta vitória, se tal nome merece, descansaram os espanhóis oito dias, não lhes faltando que comer.

Mapais

Schmidel, 44-45

Em seguida chegaram aos zemiés, espécie de hilotes daquela tribo. Belo país era este para um exército de semelhantes aventureiros o atravessar: amadurecia ali o milho em todas as estações, e para onde quer que se olhasse viam-se prontas as colheitas. Seis léguas mais longe ficavam os toanas, tribo também vassala dos mapais, cujo domínio parece ter-se estendido naquela direção até aos confins da terra povoada. Atravessadas quatorze

Os zemiés

Os toanas

léguas de desertos, chegaram os espanhóis aos peionás. Saiu-lhes o cacique ao encontro, pedindo insistentemente a Irala que não entrasse na aldeia, mas ali mesmo armasse as suas tendas. Não lhe prestou ouvidos o espanhol, que entrando na povoação, nela se aquartelou por três dias. Era muito fértil o país, ainda que faltava água, bem como ouro e prata, artigos que Schmidel põe a par daquele, como coisas de igual necessidade. Julgou-se prudente não perguntar por estes metais, não fossem as tribos, que ficavam adiante, sabendo o que os aventureiros buscavam, esconder os seus tesouros e fugir. Um guia ali tomado os levou por um caminho, onde havia água, até aos maiegonis, quatro léguas mais longe; passado ali um dia e obtido um intérprete e outro guia, andaram os espanhóis mais oito léguas, até chegarem aos marronos, nação populosa. Entre estes se detiveram dois dias. O pouso seguinte foi entre os parobios, quatro léguas adiante. Havia grande falta de víveres, o que não obstou a que Irala e os seus pilhantes se demorassem um dia a devorar o que acharam. O povo imediato, chamado dos simanos, e que ficava a doze léguas de distância, pôs-se na defensiva. Estava a sua aldeia sobre uma eminência, bem fortificada com sua cerca de espinhos. Vendo que não podiam resistir às armas de fogo, incendiaram as suas habitações e fugiram; mas o país era cultivado e nos campos apareceram frutos que apreender.

Os peionás

Os maiegonis

Os marronos.

Os parobios

Os simanos

Schmidel, 45

Após uma marcha de quatro dias na razão de outras tantas léguas por cada um, chegaram os espanhóis de improviso a uma aldeia de barconos. Teriam os habitantes fugido se não os convencessem de que nada deviam recear de estrangeiros, que nenhumas intenções hostis traziam; assim congraçados apresentaram volataria, aves aquáticas, ovelhas (lhamas ou vigonhas certamente), avestruzes e veados em grande cópia, dando-se por contentes com terem os espanhóis de hóspedes quatro dias. Partiram estes carregados de provisões, e em três dias na costumada marcha de quatro léguas diárias, chegaram aos leibanos, com quem passaram apenas uma noite, pois que os gafanhotos lhes haviam depenado os campos. Em quatro dias mais de igual marcha alcançaram os carchuonos, que tinham sofrido da mesma praga, bem que não tão severamente; e ali souberam que nas trinta léguas

Os barconos

Os leibanos

Os carchuonos

mais próximas não achariam água. Se não tivesse tido conhecimento desta circunstância, todos teriam provavelmente perecido. Levando pois água consigo, encetaram uma marcha, que durou seis dias; alguns espanhóis morreram de sede, apesar do suprimento que levavam, e se muitos mais não se finaram, a uma planta o deveram, que no Brasil se chama *craúta;* retém a chuva e o orvalho nas folhas, como num reservatório.

Os suboris

Afinal alcançaram o estabelecimento dos suboris; era noite e principiou o povo a fugir até que um intérprete o assegurou das pacíficas intenções dos estrangeiros. Pouco alívio ali acharam os espanhóis: os suboris e seus vizinhos não raro se faziam a guerra por causa da água. Tinha havido três meses de seca, de modo que exaurido estava o depósito de água da chuva que soíam guardar. Não tinha a maior parte da gente outra bebida além do sumo da raiz de *mandepora,* que era branco como leite. Quando havia água, fazia-se desta raiz um licor fermentado; agora reputava-se feliz quem com o simples suco podia ir entretendo a vida. Não havia águas correntes e apenas uma fonte. A esta foi Schmidel postado como sentinela para distribuir por medida o que ela dava; já se não pensava em ouro e prata, o único grito era: Água!

Schmidel, 46

Aqui principiaram os aventureiros a perder o ânimo; discutiram entre si se seguiriam avante ou volveriam atrás, e decidiram a questão à sorte. Foi esta por que se avançasse.

Tendo vivido dois dias à custa da nascente dos suboris, principiaram uma marcha de outros seis dias, levando guias, que afirmavam encontrarem-se no caminho dois córregos. Fugiram os guias no correr da noite; foram porém os espanhóis assaz felizes para atinarem com o caminho, e chegaram aos peisenos, seguindo as informações que haviam tirado. Recebeu-os esta tribo como inimigos, sem querer dar ouvidos a persuasões. Depressa puseram eles estes selvagens em fuga, mas nem por isso viram terminar seus sofrimentos. De alguns prisioneiros feitos na ação souberam que Aiolas deixara três homens por doentes naquele lugar, onde havia apenas quatro dias tinham sido mortos a instigações dos suboris. Quinze dias ali se demorou Irala indagando para onde fugira a horda, desejoso de tomar vingança; e tendo afinal descoberto alguns nos bosques, atacou-os, matou muitos e reduziu o resto à escravidão. Seguiram-se

Os peisenos

Schmidel, 46

os maigenos a quatro dias de jornada. Ficava-lhes a aldeia num outeiro, rodeada duma cerca de espinhos da altura a que um homem pode chegar com a espada. Recusaram receber os espanhóis, a quem mataram doze, além de alguns carijós, antes que se pudesse forçar o lugar: então incendiaram as casas e fugiram. A perda aqui sofrida exacerbou os carijós, mais valorosos no serviço dos espanhóis do que haviam sido em defender-se deles; respiravam só vingança e quinhentos dentre eles se partiram em segredo a tomá-la, pensando mostrarem que não careciam do auxílio dos estrangeiros, das suas armas de fogo, nem dos seus cavalos. A três léguas do acampamento foram cair no meio dum grande troço de maigenos; seguiu-se desesperado batalhar, e só depois de verem mortos trezentos dos seus mandaram os carijós pedir socorro, pois cercados de todos os lados não podiam avançar nem recuar. Fugiram os maigenos apenas a cavalaria apareceu à vista, e os aliados sobreviventes voltaram ao campo muito satisfeitos da sua proeza.

Os maigenos

Schmidel, 47

Ali fez alto o exército por doze dias, tendo achado abastança de víveres. Depois marchou treze dias sem descanso, calculando os que entendiam de estrelas, que neste tempo se haviam feito cinqüenta e duas léguas. Estacionava aqui uma tribo dos carcolhiés. Em nove dias mais chegaram os espanhóis a uma região coberta de sal, que parecia neve; demoraram-se dois dias, e duvidosos do rumo que seguiriam, tomaram à direita, chegando em quatro dias a outra borda da mesma nação. Cinqüenta espanhóis e outros tantos carijós foram mandados adiante a procurarem na aldeia mantimento e alojamento: ao entrarem nela, inquietaram-se vendo uma povoação maior do que nenhuma que naqueles países haviam encontrado, e a toda a pressa mandaram recado a Irala, pedindo-lhe que adiantando-se viesse apoiá-los. O aspecto de toda a força tornou submissos os habitantes. Ambos os sexos traziam pedras no lábio inferior; trajavam as mulheres vestidos de algodão sem mangas, fiavam e empregavam-se em misteres caseiros; a agricultura era tarefa dos homens. Tomaram os espanhóis guias, que no terceiro dia lhes fugiram. Seguiram porém sem eles até que avistaram um rio chamado Machcasiés,[5] que se descreve como medindo meia légua de largura. Fizeram-se jangadas de troncos, e trançados de canas para esta perigosa passagem, em que apesar disto se perderam quatro

Os carcolhiés

Chegam as conquistas espanholas

homens. A quatro léguas além do rio ficava uma aldeia, de onde saíram alguns índios ao encontro dos europeus, saudando-os na sua própria língua. Pertenciam estes a um espanhol por nome Pedro Ansures, fundador da cidade de Chuquisaca. E ali, tendo alcançado os estabelecimentos da sua nação do lado do sul do continente,[6] fizeram alto os aventureiros, após uma marcha de trezentas e setenta e duas léguas, segundo os seus próprios cálculos. Imediatamente se mandou à sede do governo notícia da sua chegada.

Funes, 1, 129. Schmidel, 47-48

Governava então o Peru o licenciado Pedro de la Gasca. Pouco havia ainda que ele derrotara Gonzalo Pizarro fazendo-o supliciar juntamente com os sanguinários chefes da sua parcialidade. Com razão julgou ele em tal momento perigoso a chegada de um troço de gente tanto tempo acostumada a uma vida licenciosa, e mandou a Irala ordem de não avançar, aguardando ulteriores instruções no lugar onde se achava. Receava ele que, rebentando nova insurreição, se bandeassem estes aventureiros com os partidánios de Pizarro, o que, no dizer de Schmidel, com certeza teriam feito. Irala despachou Nuflo de Chaves a conferenciar com o governador, que conhecendo bem o que de tão longe atraíra o usurpador, mandou-lhe ouro bastante, com que pudesse ir-se contente. Os soldados nada souberam destes conchavos. Se o soubéramos, diz Schmidel, tê-lo-íamos amarrado de mãos e pés, e mandado para o Peru. Tudo o que transpirou deste negócio, foi que tinham de voltar pelo mesmo caminho, para o demarcarem bem.

Conchavo secreto entre Irala e o Governador do Peru

C. 48

A província em que os espanhóis haviam entrado era a mais fértil que tinham visto mesmo naquele ubérrimo país. Mal se podia rachar uma árvore, sem que da fenda manasse o mais fino mel,[7] tão numerosa era uma espécie de abelha pequena sem ferrão. A gente nada mais almejava do que ficar ali: possuíam os naturais vasos de prata, que os nossos aventureiros miravam com ávidos olhos, mas sem ousar tocá-los, porque o povo era súdito da Espanha. Conseguira porém já o comandante o seu fim, satisfeita a ambição, saciada a avareza. Tinha aberto uma comunicação com o Peru, desenganara-se que nas regiões intermediárias nenhuns reinos dourados havia que saquear, e assegurara-se em segredo o que buscava. Ainda outra causa militava para

Volta Irala

induzi-lo a voltar o mais depressa possível. Diego Centeno estava designado por Pedro de la Gasca para governador do Prata, e de todas as terras dali até às fronteiras de Cuzco e Charcas. Recebendo pois ordem de voltar pelo mesmo caminho, obedecia talvez Irala de boa mente, para preparar as coisas à feição da sua usurpação. Por conseguinte fez por ter a sua gente falha de provisões e conservá-la na ignorância da nomeação de Centeno. Schmidel declara que os seus camaradas não teriam saído da província, se houvessem sabido isto, mas a fome forçou-os à obediência.

Schmidel, 49

Ao tornarem a passar pelos carcochiés, acharam os espanhóis a aldeia abandonada. Mandou Irala convidar os naturais a que se recolhessem: a resposta foi que, se os cristãos não despejavam o país ligeiros e voluntários, depressa o fariam corridos e forçados. Muitos dos seus o aconselharam que com isto se não desse por ofendido, pois se premeditava estabelecer comunicações entre o Prata e o Peru, todas as hostilidades seriam impolíticas, fazendo com que mais se não encontrassem provisões no caminho. Não o entendeu ele assim; ou porque quisesse incutir terror à tribo, ou talvez porque quisesse mesmo provocar o mal que os seus oficiais receavam, tolhendo a marcha ao sucessor. Fez pois grande matança nestes índios, capturou uns mil, e deixou-se ficar dois meses na aldeia. Foi este na volta o único sucesso notável. Em toda a jornada gastou-se ano e meio, trazendo os espanhóis consigo cerca de doze mil escravos,[8] homens, mulheres e crianças, prova bastante da devastação que teriam feito na marcha.

Schmidel, 49

Desordens na Assunção

Ao chegar aos bergantins souberam que Diego de Abrego usurpara o governo, decapitando publicamente Francisco de Mendoza. Deixara este fidalgo a Espanha com seu parente D. Pedro, por ter num acesso de ciúme assassinado a mulher e o capelão de sua casa. Seguiu-o porém a vingança divina, e no aniversário do assassinato padeceu ele próprio morte violenta e não merecida. Sobre o cadafalso fez de seu crime confissão pública, exprimindo a esperança que Deus, que assim lhe impunha neste mundo condigna pena, lhe perdoaria no outro. Recusou Abrego a entrada da Assunção a Irala, que imediatamente lhe pôs cerco. Fossem quais fossem os crimes deste intrépido aventureiro, era ele popular no seu governo; e Abrego, vendo que a gente lhe desertava, fugiu com cin-

Charlevoix, T. 1, pág. 112

qüenta sequazes, continuando uma espécie de guerra de bandoleiros, até que lhe deram caça à quadrilha. Foi ele próprio encontrado nas florestas, só e cego, e de um golpe de arpéu lhe pôs o alguazil que o descobrira termo às misérias.

Schmidel, 50.
Herrera, 8, 2, 17

Foi a história de Irala escrita por seus inimigos. Acusam-no estes de muitas atrocidades, de que poucos ou nenhuns conquistadores se conservaram puros; mas da própria narração se evidencia que era homem de grandes cometimentos e muita prudência. Levada a cabo a jornada do Peru, e aberta assim uma comunicação entre as duas costas da América do Sul, mandou ele Nuflo Chaves[9] a pôr termo às guerras que nos confins do Brasil principiavam a fazer-se na sua qualidade de fronteiros os índios súditos das duas coroas. Assim o executou este, demarcando-se pela primeira vez os limites entre as colônias portuguesa e espanhola.

1542

Dividiu também Irala o país em *repartimientos,* como nas outras conquistas se havia feito, sistema pelo qual se repartiam as terras e a sua população indígena entre os senhores europeus, como à própria Europa sucedera outrora debaixo dos seus conquistadores góticos eslavônicos; com a diferença porém de ser na América ainda mais intolerável a servidão, e insuperável o abismo entre senhor e escravo. Segundo as leis castelhanas não podiam estes *repartimientos* ser dados senão a espanhóis, mas Irala sentindo a fraqueza da sua força européia, abalançou-se a quebrar a restrição, e distribuiu-os indiscriminadamente por aventureiros de todas as nações. Imputam-lhe como crime este ato de sabedoria, e como um estratagema para fortificar-se na própria usurpação. Não lhe faltam crimes por que responder, nem a sua ambição foi além do desejo de manter-se no governo; posto em que, não se tendo descoberto minas no país, lhe pareceu pouco provável darem-lhe sucessor. Longe de tentar fazer-se independente, requereu à corte, que mandasse visitadores a sindicarem do seu proceder; conhecendo talvez que o requerimento seria o melhor meio de evitar a medida. Continuaram entretanto os colonos nos hábitos lascivos e cruéis que caracterizam os criolos de toda a casta. Poucos ou nenhuns esforços empregou o governador para coibi-los, cônscio porventura de que nada conseguiria, ou talvez por pensar que tudo ia uma maravilha, tendo o Criador destinado os povos de cor para servirem os brancos, e ficarem à mercê da sua luxúria e avareza.

Herrera, 8, 2, 17

Tudo favoreceu Irala. Centeno, que pelo presidente Gasca fora nomeado para substitui-lo, morreu quando já se preparava para ir tomar posse do governo. Foi a sua morte uma calamidade para o Paraguai, que nele perdeu um homem leal, honrado e humano, de reconhecido mérito e talentos, numa palavra, um dos melhores conquistadores. Os seus despachos foram levados à Assunção por uma escolta de quarenta homens, às ordens dos capitães Pedro Segura, Francisco Cortou, Pedro Sotelo, e Alonso Martim Truxilo, com os quais voltaram os negociadores de Irala Nuflo Chaves, Miguel de Rutia, Pedro de Oriate e Ruiz Garcia de Mosquera. Trouxeram eles desta jornada, o que a torna memorável, ovelhas e cabras, as primeiras de uma e outra espécie, que se introduziram no Paraguai, tendo sido de mais a mais estes animais que no caminho lhes salvaram as vidas. Vendo os índios quão poucos os cristãos eram em número, tinham resolvido surpreendê-los durante o sono; mas na ajustada noite estiveram inquietos os bodes, e o barulho que fizeram aterrou os selvagens, que desistiram da empresa.

Funes, 1, 136

Pelo mesmo tempo aceitava também Juan de Senabria na Espanha este governo, preparava uma expedição, e morria ao ficar ela pronta. Anuiu seu filho Diego aos termos que o pai assinara quando vivo, e fez-se de vela. Perdeu os navios, chegando apenas alguns dos seus à Assunção, para onde marcharam por terra da foz do Prata. Contudo para os que estudam a história do Brasil foi importante esta viagem, pois Hans Staden, um dos que nela vieram engodados por mentirosos boatos sobre as riquezas do país, ali se estabeleceu depois de ter naufragado. As suas aventuras nos conduzem outra vez às colônias portuguesas, e oferecem-nos as primeiras e as melhores notícias sobre os selvagens indígenas.

NOTAS DO CAPÍTULO VI

1. Teriam eles então espelhos de pedra como os mexicanos *(Clavigero,* 1.*7,* § 56), ou barro tão vidrado, que servia para este efeito? Ou, o que é mais provável, procuravam eles pedaços de vidro vulcânico, que sendo opaco na massa, forma um verdadeiro espelho? Spallanzi (*Viagens pelas duas Sicílias*) diz que nem uma dificuldade há em que os peruvianos, cortado e polido, se servissem deste vidro, para o fim indicado.

2. A pouca prata, que os espanhóis acharam naquelas partes, tinha vindo das cercanias do Potosi, traficado de tribo em tribo. *Pedro de Cieça,* c. 115.

3. Assim escreve Schmidel a palavra, ainda que nenhuma destas tribos empregava a letra F.

4. Havia também mulheres entre eles, diz o aventureiro alemão, e não muito velhas.

5. Schmidel é às vezes extremamente incorreto na ortografia dos seus nomes, sem que haja remédio senão segui-lo. Da parte de semelhante aventureiro não é isto que admira, mas o ter ele escrito.

6. Pelo mesmo tempo pouco mais ou menos uma partida saída do Peru atravessava o país ao Paraguai. Durante a curta administração de Vaca de Castro mandara este governador, desejoso de livrar o país de alguns espíritos turbulentos, Diego de Roxas à conquista e descoberta do sertão entre o Chile e o Prata. Deixando a província de Charcas, entraram estes aventureiros na planície, e tendo alcançado os vales de Salta e Calchaqui, foi Roxas morto num recontro com os naturais. Suscitaram-se disputas sobre a sucessão no comando, e tendo sido o mais forte, ordenou Francisco de Mendoza ao seu competidor, que com os seus sequazes voltasse ao Chile, enquanto ele prosseguia no plano original da descoberta. Atravessando o rio Estero, encontrou uma tribo, que habitava em casas subterrâneas, e que o recebeu como amigo. Desta horda, chamada dos conrechingorés, soube que para o sul ficava uma província, com o nome de Iungulo, extraordinariamente rica de ouro e prata. Rui Díaz de Guzmán supôs que seria o país que no Prata se chama Cesars, o Eldorado destas conquistas austrais. Também contaram estes selvagens a Mendoza que para o lado do nascente, homens como ele navegavam um imenso rio em grandes barcos, ouvido o que preferiu ir em busca dos seus conterrâneos. Seguiu para o rio Carcaranã, que de longe descobriu pelos vapores, que lhe marcavam o curso. Era cheio de ilhas, cobertas de plantas aquáticas, oferecendo deliciosos panoramas. Ali soube dos indígenas a morte de Aiolas, a deposição de Cabeza de Vaca, e o estado dos espanhóis no Paraguai. Seguindo o curso do rio até à sua junção com o outro maior, chegou às ruínas de Santespírito: na ribeira estava erguida uma cruz com uma inscrição, que dizia haver ali cartas enterradas. Continham estas algumas instruções de Irala sobre as precauções necessárias para subir o rio, e a notícia de que em uma das ilhas havia provisões escondidas na terra. Mendoza quis então atravessar o rio, e seguir pela margem oriental até Assunção, mas a sua gente conspirou, assassinou-o numa noite, e voltou ao Peru, onde chegou exatamente quando Carvajal acabava de bater Diego de Centeno, e reunindo-se em nome do rei a um troço da parcialidade deste caudilho, contribuiu para a derrota de Gonzalo Pizarro. *Argentina,* Ms.

7. Neste mel consistia o principal alimento do famoso Francisco de Carvajal, que, ao ser supliciado com oitenta anos de idade, tinha ainda todo o vigor e atividade da mocidade. Bebia-o como vinho. *Pedro de Cieça,* c. 99.

8. Schmidel teve cinqüenta à sua parte.

9. "Nuflo Chaves à frente de tropas que lhe foram confiadas pelo governador Irala, partiu de Assunção em setembro com o duplo objetivo de castigar os tupis e conter os portugueses do Brasil em suas incursões." (Romário Martins, obra citada.) (P.B.B.)

. . . .

Capítulo VII

EMBARCA HANS STADEN COM SENABRIA PARA O PARAGUAI, E CHEGA A SANTA CATARINA – NAUFRAGA EM SÃO VICENTE – FEITO ARTILHEIRO EM SANTO AMARO, CAI PRISIONEIRO DOS TUPINAMBÁS – CERIMÔNIAS DESTES COM UM PRISIONEIRO; SUPERSTIÇÕES E ARMAS – CONSEGUE STADEN ESCAPAR-SE

ACHAVA-SE Hans Staden em Sevilha quando Senabria preparava a sua expedição ao Paraguai. Os que tinham interesse em recrutar aventureiros espalhavam mentirosos boatos sobre as riquezas que abundavam naquele afortunado país, e Hans, como muitos outros, mordeu no dourado anzol. Não tardou o navio em que ele ia a separar-se do resto da frota, perdendo depois o rumo por ignorância do piloto. Afinal, após uma desastrosa viagem de seis meses, descobriram os navegantes terra pelos 28º lat. S., sem saberem onde estavam; enquanto bordejavam à vista da costa em busca de porto, levantou-se um temporal, que soprando diretamente do mar, só deixava esperar ruína certa. Nestas circunstâncias fizeram o que mais ajuizado podia fazer-se; encheram de pólvora os barris, calafetando-os o melhor que puderam, e a eles amarraram mosquetes, para que os que lograssem aferrar a terra tivessem ao menos a probabili-

1549

24 de nov. 1549

dade de achar lá armas. Ficava-lhes pela proa um recife debaixo da água; todos os esforços para fugir dele foram baldados, vento e corrente os impeliam direitos à penedia e quando julgavam já dar em cheio sobre ela, descobriu um marinheiro um porto, em que entraram a salvamento. Uma canoa, que os viu chegar, largou imediatamente, desaparecendo por trás de uma ilha; mas eles, sem a perseguirem, deitaram ferro, rendendo graças a Deus que deles se havia amerceado.

De tarde veio a bordo uma partida de indígenas que não se puderam fazer compreender, mas que se partiram muito contentes com alguns canivetes e anzóis. Logo depois chegou um bote com dois portugueses. Disseram estes que mui esperto devera ser o piloto que com semelhante tempo entrara naquele porto, coisa a que eles se não teriam atrevido, peritos como eram da localidade. Habitavam São Vicente, que ficava a dezoito léguas daquele surgidouro chamado Suprawai[1]; a razão de haverem fugido de manhã ao avistarem a nau, fora terem-na suposto francesa. Perguntaram os espanhóis a que distância estavam da ilha de Santa Catarina, que tencionavam demandar, como ajustado ponto de reunião. Ficava a trinta léguas ao sul, mas que se acautelassem dos carijós, que nela habitavam. Eram tupiniquins os naturais dali, de quem nada tinham que arrecear-se.

H. Staden, em de Bry, P. 2, c. 6, 7

Chegam a Sta. Catarina

Para Santa Catarina pois se fizeram de vela os espanhóis; passaram-na porém por ignorância da costa, e depois impelidos para trás por um vendaval do sul, não puderam mais, ao amainar o vento, tornar a achar o porto donde haviam saído. Depararam porém com outra enseada, e deliciosa, que ela era, onde fundearam, indo o capitão no bote explorá-la. Alargava o rio ao passo que avançava o escaler; debalde se volviam olhos em torno na esperança de descobrir fumo; afinal num vale solitário entre outeiros se descortinaram algumas choças, mas estavam desertas e em ruínas. Crescia entretanto a noite; do rio se erguia uma ilha, e averiguado o melhor que se pôde estar desabitada, saltou nela a gente, acendeu fogo, cortou uma palmeira, ceou-lhe a rama, e deitou-se a dormir. Ao romper do dia recomeçaram as pesquisas; um da partida imaginou ver uma cruz sobre um rochedo; outros o julgaram impossível; aproximaram-se todos e efetivamente viram uma grande cruz de pau solidamente cravada na rocha, e de um de cujos braços pendia meio tampo do barril com uma

inscrição ilegível. Levaram-no consigo, e continuando um da tripulação durante o trajeto a parafusar sobre o dístico, afinal letra por letra o foi decifrando; dizia assim: *Si viene por ventura aqui la armada de Su Majestade tiren un tiro y averan recado.* Atrás volveram logo ao pé da cruz, e disparando um falconete de novo se recolheram ao batel. Imediatamente viram remar para eles cinco canoas cheias de selvagens, a cujo aspecto apontaram as armas, receosos de um ataque. Ao aproximarem-se as canoas descobriram entre os índios um homem vestido e barbado, no que o reconheceram por cristão, gritando-lhe que fizesse alto. Adiantou-se ele só na sua canoa. A primeira pergunta que lhe fizeram foi onde estavam? Schirmirein, respondeu ele, era o nome indígena do porto, mas os que o haviam descoberto chamavam-no Santa Catarina. Deram os espanhóis então graças a Deus por terem descoberto o lugar que procuravam, crendo com muita fé ser isto devido às suas orações por ter acontecido no dia da santa do mesmo nome. Tinha este homem sido enviado da Assunção havia três anos para viver aqui com os carijós, e persuadi-los a que cultivassem mandioca, com que abastecer os navios que demandando o Prata, tocassem neste porto. Mais uma prova esta da previdência de Irala.

Staden. P. 2 c. 8, 2

Foi então Hans numa das canoas a trazer o navio para cima. Ao avistarem-no só entre selvagens, gritaram-lhe de bordo, perguntando pelos camaradas, e porque sem eles vinha. A esta pergunta não deu ele resposta, tendo-lhe recomendado o capitão que mostrasse o triste semblante, para ver o que fazia a tripulação. Então clamou esta, que sem nenhuma dúvida haviam sido mortos os outros, e que era isto agora manha para apanhá-la a ela, e correram todos às armas. Riu-se Hans do estratagema, e subindo a bordo mandou embora a canoa. Levou ele o navio para cima, e ali se esperou pelas duas outras naus. Acutia era o nome desta aldeia dos carijós, e Juan Hernandez de Bilbao o do espanhol que com eles vivia, podendo considerar-se o primeiro colono de Santa Catarina. A troco de anzóis se obteve peixe e farinha de mandioca em abundância.

1552

Staden, P. 2,

Naufrágio de um dos navios

Três semanas depois chegou o navio que trazia Senabria a bordo; do outro nunca mais se soube. Abasteceram-se para seis meses, mas mesmo ao irem continuar a viagem, naufragou ainda dentro do porto o navio transporte.

Forneceram os carijós mantimento até que se viram assaz ricos de canivetes, anzóis, e outros que tais tesouros; depois desapareceram, deixando os espanhóis que vivessem de ostras, lagartos, ratos do campo, e do mais que pudessem haver à mão. No fim de dois anos passados a braços com todas estas dificuldades chegaram a uma resolução que muito bem podiam ter tomado desde princípio, a saber partir a maior parte por terra para a Assunção, seguindo o resto no único navio o que lhes ficava. Pôs-se em marcha a partida de terra, e todos os que no caminho não morreram de fome, chegaram ao lugar do seu destino; quando a outra quis embarcar viu-se que o barco os não podia levar todos. Que fazer? São Vicente ficava a setenta léguas, e ali se resolveu mandar buscar um navio maior em que pudessem demandar o Prata. Ninguém entendia de navegação, mas houve um tal Romano que fantasiou poder servir de piloto.

Staden, P. 2, c. 11, 12

Mandaram a S. Vicente e perde-se o navio

Era Hans um dos da tripulação. Ao segundo dia chegaram à ilha dos Alcatrases, onde ventos contrários os obrigaram a dar fundo. Acharam ali água doce, casas abandonadas e vasos de barro quebrados, e matando quantos quiseram dos pobres pássaros de que tinha nome a ilha, quebraram neles e nos seus ovos o longo jejum. Mas acabado o festim, levantou-se rijo o vento sul, e com grande risco se fez o barco ao largo. Ao romper dalva não se descobria mais a ilha, mas não tardou a avistar-se outra terra; entendeu Romano que devia ser São Vicente, e para ali aproaram, mas a névoa e as nuvens não permitiam ver se era este realmente o lugar que se buscava. Raivava entretanto o pampeiro, e o mar rolava vagalhões tremendos. Quando nos achávamos no cimo duma onda, diz Hans, parecia que debaixo de nós se abria um precipício, e o navio arfava tanto que foi preciso alijar ao mar tudo que se pôde para solevá-lo, sempre na esperança de aferrar o porto. Clareou o céu, e Romano afirmou que ficava o surgidouro à vista, mas que iam direitos sobre uns rochedos que lhe guardavam a entrada. Nenhum porto havia ali, mas quanto à perda do navio não se enganara o improvisado nauta. O vento o lançou de encontro à costa, e nada mais restava do que encomendar-se à mercê de Deus. Ao primeiro choque fez-se pedaços o barco. Da tripulação alguns saltaram à água, outros agarraram-se a destroços da embarcação, e todos chegaram à praia a salvo.

Ali estavam eles, molhados, gelados, sem alimento, sem fogo, nem meios de haver uma ou outra coisa sem saberem onde estavam, e receosos dos selvagens. Um francês que era da partida deu uma corrida para esquentar-se, e por entre o mato descobriu o que quer que fosse que semelhava casas de cristãos; esta vista mais depressa ainda o fez correr. Era efetivamente uma feitoria portuguesa chamada Itanhaém[2]. Apenas os moradores lhe ouviram a narrativa, saíram em busca dos náufragos, e trazendo-os para casa, deram-lhes roupas e comida. Estavam estes na terra firme a duas milhas apenas de São Vicente, para onde se passaram, logo que lhe permitiram as forças, que voltavam; ali eram recebidos como têm direito a sê-lo homens em tais circunstâncias e sustentados a expensas públicas, enquanto buscavam meios de proverem a própria subsistência. O resto da partida que ficara à espera em Santa Catarina, mandou-se buscar.

Staden, P. 2, c. 12

Salvam-se na costa perto de S. Vicente

Staden, P. 2, c. 13

Havia então em São Vicente dois estabelecimentos fortificados, além de diferentes engenhos de açúcar. Viviam aliados dos portugueses os tupiniquins,[3] que povoavam a costa vizinha; mas esta tribo amiga guerreava ao sul os carijós, e ao norte os tupinambás, inimigos ativos e terríveis, estes últimos não só dela mas também dos portugueses. A cinco milhas de São Vicente e meio caminho entre a terra firme e Santo Amaro, fica a ilha da Bertioga. Era aqui que costumavam reunir-se os tupinambás antes de marcharem ao combate; resolveram pois cinco irmãos,[4] filhos de Diogo de Braga e duma índia, segurar o lugar, e com seus amigos indígenas tinham ali feito uma aldeia dois anos antes do naufrágio de Hans, fortificando-a à moda dos naturais. Tinham estes irmãos aprendido ambas as línguas na sua infância, e conheciam perfeitamente quanto tocava aos indígenas, o que considerando-se eles a si próprios portugueses os tornava excelentes súditos para a colônia. Vendo formado ali um estabelecimento, passaram-se alguns colonos para ele, por ser de muita vantagem a sua situação. Nada porém poderia contrabalançar o mal da vizinhança dos tupinambás, cujas fronteiras ficavam a pouco mais duma légua de distância.

Estado de S. Vicente

Forma-se um estabelecimento em Bertioga

Staden, P. 2, c. 14
P. 3, c. 15

Um dia antes do romper dalva, como usavam em seus fossados, vieram estes selvagens em setenta canoas atacar o arraial. Com galhardia e felicidade se defenderam numa casa de barro os cinco irmãos e outros cristãos, que com eles estavam, e que seriam oito. Tão boa sorte não tiveram os tupiniquins, que tendo-se bravamente batido enquanto lhes aturaram as forças, foram afinal assoberbados. Puseram-lhes os vencedores fogo às casas, devoraram ali mesmo seus prisioneiros, e foram-se em triunfo. Não se tinha Bertioga mostrado de tão pouca valia, para ser resignadamente abandonada; reedificaram-na os portugueses, fortificando-a melhor. Começaram então a confiar por demais na proteção que nela tinham, julgou-se necessário segurar Santo Amaro também, que ficava do outro lado da água. Principiaram-se as obras, mas tinham ficado incompletas por não ter aparecido quem se aventurasse a aceitar o posto de artilheiro, que nestes fortins era quem comandava. Vendo os colonos que Hans era alemão e tinha o seu tanto de entendido na artilharia, instaram com ele para que tomasse aquele comando, oferecendo-lhe soldo avantajado, e prometendo o favor real; que o rei, diziam eles, nunca deixava de galardoar os que nestas colônias se tornavam úteis. Consentiu Hans em encarregar-se do posto por quatro meses, dentro dos quais devia chegar Tomé de Sousa, o primeiro governador-geral do Brasil. Tão essencial tinha parecido este forte à segurança dos estabelecimentos, que a seu respeito se tinha representado à corte, constando que quando chegasse governador mandaria ali levantar uma fortaleza de pedra.

Erige-se um forte em Bertioga

E também em Sto. Amaro

Hans feito artilheiro

Não era serviço de pequeno risco defender com só dois camaradas semiconcluídas obras de barro e madeira. Tentaram os selvagens por vezes surpreender de noite a guarnição. Mas ela estava sempre vigilante; veio o governador, examinou o lugar, aprovou a situação, e deu as esperadas ordens para construção dum forte de pedra. Queria Hans agora resignar o posto, tendo expirado o tempo por que se obrigara a servir; mas o governador pediu-lhe que nele se conservasse, outro tanto fizeram os moradores vizinhos, e ele alistou-se por mais dois anos, recebendo um papel que os artilheiros reais tinham direito de exigir, e que lhe garantia no fim do tempo de serviço a volta a Portugal na primeira nau, para lá receber os seus soldos. Duas vezes no

Staden, P. 3, c. 15, 16

ano principalmente era preciso redobrar de vigilância. Em agosto subiam os rios os peixes que os indígenas chamavam *brati* e os portugueses *liuzes,* apanhavam deles grande quantidade os selvagens, e secando-os ao fogo, preservavam-no quer inteiros, quer reduzidos a pó. Ora pouco antes desta pesca, quando os depósitos principiavam a exaurir-se, costumavam os índios atacar os vizinhos para lhes roubarem as provisões. Em novembro maior era ainda o perigo, quando amadurece a fruta do *anati*,[5] de que preparavam uma das suas bebidas inebriantes. Era este o carnaval dos selvagens brasileiros, e nunca se aproximava a festa sem que lhes fizessem alguma correria em busca de prisioneiros para imolar nela.

Staden, P. 3, c. 17

Tinha Hans um alemão seu amigo estabelecido em São Vicente como feitor de alguns engenhos de açúcar pertencentes a Giuseppe Adorno,[6] genovês. Heliodoro se chamava, e era filho de Eobano, o poeta alemão de grande nomeada no seu tempo; oriundo do mesmo país de Hans, recebera-o ele na sua casa depois do naufrágio com esse afeto fraternal que todo o homem sente por um compatrício que encontra em tão remotas terras. Veio este Heliodoro com outro amigo a visitar Hans no seu castelo. Outro mercado não havia a que este mandasse por comestíveis com que regalar os hóspedes, senão as matas mas essas bem providas. Os javalis eram os melhores de todo o país, e tão numerosos que se matavam unicamente pelas peles, de que se preparava um couro preferível ao de vaca para botas e assentos de cadeiras. Tinha Hans um escravo carijó que para ele caçava, e de quem nunca receou acompanhar-se nas florestas; mandou-o pois a matar caça no bosque, e no dia seguinte foi ter com ele para ver o que tinha feito. Levantou-se o grito de guerra, e num instante viu-se o artilheiro cercado dos tupinambás. Logo dando-se por perdido, exclamou: Senhor, nas tuas mãos encomendo o meu espírito!

Cai em poder dos tupinambás

Mal teve tempo de concluir a oração antes de ser derribado por terra: golpes e setas choviam sobre ele de todos os lados, mas só lhe fizeram uma ferida na coxa.

Staden, P. 4, c. 18

A primeira coisa foi pô-lo nu; chapéu, capote, gibão, camisa, tudo lhe foi arrancado, apoderando-se cada um do que podia apanhar. Para esta parte da presa era a posse título suficiente; mas o corpo ou

cadáver de Hans, como os selvagens o consideravam, era coisa de mais conseqüência. Suscitou-se disputa sobre quem primeiro pusera as mãos no prisioneiro, e os que naquela não tomavam parte, entretinham-se a bater neste com os arcos. Decidiu-se afinal que pertencia ele a dois irmãos; tomaram-no então em braços, e o mais depressa que puderam o foram levando para as canoas, que estavam varadas em terra e escondidas na folhagem. Um grande número de selvagens que ficara de guarda avançou agora ao encontro de seus irmãos triunfantes, mostrando os dentes a Hans e mordendo-se os braços para que visse o que o esperava. Adiante dele ia o cacique da partida, levando a *iwara pemme,* ou maça com que matam os prisioneiros, e gritando-lhe: Agora *Pero* (nome genérico que davam aos portugueses), és um vilíssimo escravo! Agora estás nas nossas mãos! Agora pagarás pelos nossos irmãos, que tens imolado! Amarraram-lhe então os pulsos mas levantou-se nova altercação sobre o que fariam com ele. Não eram todos do mesmo lugar de residência os apresadores; nenhum outro prisioneiro se fizera, e os que deviam voltar a casa sem nenhum, clamavam contra o arbítrio de entregar-se aos dois irmãos o único que havia, vivia bastante tempo no Brasil para entender quanto se dizia e quanto se ia fazer; recitava fervorosamente as suas orações, olhos fitos na fatal maça. Pôs o cacique termo à disputa, dizendo: levá-lo-emos vivo para casa, onde nossas mulheres se regozijem com ele, e fá-lo-emos um *Kaawy-pepike.*[7] Queria isto dizer que seria morto, pela grande festa dos bêbados. Passaram-lhe pois quatro cordas à volta do pescoço, amarraram-nas aos lados e extremidades duma canoa, e largaram.

Staden, P. 4, c. 18

Vida de Anchieta, **4, 13, § 5**

Não longe ficava uma ilhota, em que faziam sua criação os pássaros marinhos chamados guarás. A penugem das crias é cor de cinza; no primeiro ano são castanhas as penas, tornando-se depois dum vermelho claro e brilhante. Eram estas penas encarnadas o ornato favorito de todas as tribos selvagens. Perguntaram os tupinambás ao seu cativo se os tupiniquins tinham ido naquela estação buscar estas aves ao choco, e apesar da resposta afirmativa, dirigiram-se para a ilha. Antes de lá chegarem, viram canoas, que os vinham perseguindo. Fugira o escravo de Hans, ao ver cair prisioneiro seu senhor, e tendo ido dar rebate, corriam agora os tupiniquins com alguns portugueses a dar socorro. Gritaram aos tupinambás

que parassem e combatessem, se eram homens. Provocados por este desafio, viraram estes de bordo, e soltando as mãos ao prisioneiro, e dando-lhe pólvora e bala, que tinham dos franceses, obrigaram-no a carregar a própria espingarda e fazer fogo contra os seus amigos; as cordas passadas à roda do pescoço impediam-no de atirar-se à água. Não tardaram porém a cair em si, e receando que maiores forças viessem sobre eles, trataram de safar-se. Ao passarem a tiro de peça diante de Bertioga, dispararam-lhes dois, que os não alcançaram; largaram logo botes a dar-lhes caça, mais os tupinambás arrancavam a voga, como quem tem a vida em perigo, e deixaram-nos todos atrás.

Staden, P. 4, c. 19

Sete léguas além de Bertioga saltaram numa ilha, onde queriam passar a noite. As faces de Hans estavam tão inchadas dos golpes recebidos que ele não podia ver; tampouco não podia ter-se de pé, em razão da ferida na coxa, e assim estava estendido por terra, e eles todos à volta a dizerem-lhe como o comeriam. Achando-me nesta condição, diz ele, principiei a pensar o que nunca antes fizera com bastante madureza, quão miserável é esta vida, e quão cheia de penas e vicissitudes! E começou a entoar o salmo CXXX *De profundis.* Oh! exclamaram os índios, como ele lamenta o seu triste fado! Não sendo estação conveniente o lugar que haviam escolhido, passaram-se os naturais para a terra firme, onde tinham umas choças abandonadas, alaram as canoas para a praia, e acenderam uma fogueira, para junto da qual levaram o prisioneiro. Deitaram-no numa rede, amarraram a uma árvore as cordas que ainda lhe conservavam à volta do pescoço, e na sua alegria diziam-lhe de espaço a espaço no correr da noite, que era ele sua preia. Levantando-se no dia seguinte uma tempestade, convidaram-no a rezar por eles. Obedeceu Hans, pedindo a Deus que mostrasse aos selvagens que suas preces eram escutadas, e logo os ouviu dizer que rareavam as nuvens, pois ele jazia no fundo duma canoa, sem poder erguer a cabeça, de arrochado que ia. Atribuindo esta mudança de tempo à virtude das suas orações, por ela rendeu graças ao Céu. Segunda noite se passou como a primeira, e os selvagens se congratularam de que na outra manhã chegariam a casa. "Eu porém não me congratulava a mim mesmo", diz ele.

Na terceira tarde chegaram os tupinambás à sua taba, ou aldeia, chamada Uvatibi. Compunha-se de sete casas; raras vezes uma aldeia con-

tinha mais, cada rancho porém abrigava vinte ou trinta famílias, por via de regra todas aparentadas. Medem estas casas quatorze pés de largo, e cento e cinqüenta de comprimento mais ou menos, segundo o número da parentela. Tem cada família seu lar e sua dormida própria, mas sem nenhuma separação entre si. É de oito pés a altura regular do teto, convexo, e bem entrançado de folhas de palmeira. Dispõem-se estes ranchos de modo que rodeiem uma área, em que se imolam os prisioneiros, e para a qual tem cada uma três portas. Está a aldeia cercada primeiramente duma paliçada unida, em que se deixam seteiras para fazer os tiros, e construída de modo que forma alternadamente dois lados dum triângulo e três dum quadrado; por fora desta corre outra de paus altos e fortes, não tão unidos com os da interna, nem tão separados, que permitam a passagem pelos intervalos. À entrada colocam-se algumas cabeças de prisioneiros devorados, postas em espeques, para decoração destes pilares.

Cerimônias que se fazem com um prisioneiro

Ao chegarem as canoas estavam as mulheres cavando mandioca. Hans teve ordem de gritar na língua tupi: Aqui estou, vindo para ser vosso manjar. Aí saiu logo toda a população, velhos, mulheres, crianças, todos. Foi Hans entregue às mulheres, que nestas ocasiões se mostravam, se tanto é possível, ainda mais cruéis do que os homens. Bateram-no com os punhos fechados, arrancaram-lhe a barba, nomeando a cada soco e a cada puxão um dos seus que tinha sido morto, e dizendo que era por sua intenção. Também as crianças tinham licença para o atormentarem à vontade, e todas manifestavam a alegria de que estavam possuídas do pensarem na festa que se preparava. Regalavam-se entretanto os homens com libações de *kaawy*. Depois trouxeram para fora as matracas, que olham como oráculos, agradecendo-lhes o haverem dito verdade que eles não voltariam sem presa. Durou isto cerca de meia hora, durante a qual esteve Hans à mercê das mulheres e crianças. Vieram então os dois irmãos Iepipo Wasu e Alkindar Miri, aos quais ele havia sido adjudicado, dizer-lhe que o tio deles, Iperu[8] Wasu dera no ano anterior um prisioneiro a Alkindar, para que o matasse e tivesse a glória de dar uma festa, mas com a condição de pagá-lo com o primeiro inimigo que capturasse. Era Hans o primeiro, e assim a Iperu Wasu cabia a glória de dar com ele uma festa. Explicada assim a causa, acrescentaram que as raparigas vi-

nham já, para o levarem ao *aprasse*. O que isto de *aprasse* queria dizer, não o sabia ele, mas que não podia ser nada bom, até aí chegava.

Vieram elas com efeito, e pelas cordas que tinha ainda em torno do pescoço o levaram para a área: foram os homens seu caminho e todas as mulheres se reuniram à volta dele. Tinha Hans sido posto inteiramente nu no ato da captura: elas voltaram-no de todos os lados até satisfazerem a curiosidade, e depois enquanto umas o tomavam nos braços, puxavam as outras as cordas, quase até o estrangularem. Então, diz ele, pensei no que nosso Senhor sofreu dos pérfidos judeus e isto me deu forças e resignação. Em seguida levaram-no para casa do cacique Uratinge Wasu, o Passarola Branca; à entrada se tinha erguido um banco de terra, e ali o assentaram, sustentando-o para que não caísse. Aqui esperava ele que fosse o lugar do suplício, e volvendo os olhos em torno para ver se estaria pronta a maça do sacrifício, perguntou se tinha agora de morrer. Ainda não, foi a resposta. Acercou-se então uma mulher com um pedaço de vidro quebrado posto em um cabo; com este instrumento lhe rapou as sobrancelhas, e principiava já a estender às barbas a mesma operação, quando Hans se opôs, dizendo que queria morrer com elas. Não insistiram por então as mulheres, mas alguns dias depois cortaram-lhas com um par de tesouras francesas.

Staden, P. 4, c. 22

Dali o levaram diante da porta do tabernáculo, onde se guardava a *maracá* ou matraca de adivinhação; amarraram-lhe um fio de matraquinhas à volta de cada perna, e na cabeça lhe puseram um cocar quadrado de penas direitas. Duas mulheres se lhe colocaram de cada lado, ordenando-lhe que dançasse ao som das cantigas delas. Mal podia ele ter-se, tanto lhe doía a ferida, mas que não dançasse! E havia de ser com compasso nos seus movimentos, para que os tornozelos matraqueassem com cadência. Era esta dança o *aprasse* e parece ter sido uma cerimônia religiosa em honra da *maracá*. Concluída ela, foi o prisioneiro entregue nas mãos de Iperu Wasu em pagamento do que lhe devia o sobrinho. Dele soube Hans que tinha ainda algum tempo para viver.

Staden, P. 4, C. 23, 24

Trouxeram-se agora para fora todas as *maracás*. Da fruta do mesmo nome, espécie de abóbora ou cabaça capaz de conter três quartilhos, se faz este oráculo familiar das tribos brasileiras.

A maracá

Sim. de Vasc.
Cr. da Comp.
Not., Ant. **2, § 16**

Espetam-na em um pau; seguram-lhe às vezes do topo cabelo humano, e para representar a boca abrem-lhe uma fenda, pela qual os seus bonzos, a que dão o nome de *pajés,* fazem sair as respostas. Dentro lhe metem alguns seixos para matraquear, e das penas vermelhas do guarás lhe fazem uma coroa.

Defende-se com não ser português

Cada homem tinha a sua *maracá*. Foram todas dispostas em círculo e no meio teve Hans de assentar-se, começando os selvagens a dirigir-se a elas, cantando, e dizendo que a sua predição se realizara, que prometera um prisioneiro português, e eis aí que eles haviam trazido um para casa. Ouvido isto, tomou Hans a palavra, e negou que o vaticínio nele se verificasse. Mentia a *maracá* se o chamava português, porquanto era ele alemão, e os alemães eram amigos e aliados dos franceses. Responderam os tupinambás com calma, que era ele o mentiroso, pois amigo e aliado dos franceses como fora viver entre os portugueses? Bem sabemos, disseram, que os franceses são tão inimigos dos portugueses como nós mesmos; todos os anos vêm aqui, e nos trazem canivetes, tesouras, machados, pentes e espelhos, em troca do que lhes damos madeira, algodão, pimenta e plumas. Os portugueses são um povo muito diferente. Quando chegaram pela primeira vez ao país, foram logo ter com os nossos inimigos, fazendo aliança com eles, e erigindo entre eles cidades, em que residem; depois vieram aqui, para traficarem conosco, como fazem agora os franceses, e quando os nossos, não cuidados do perigo, foram a bordo como hóspedes, eles aprisionaram todos, e levando-os consigo os entregaram aos nossos inimigos, que os devorassem. Muitos dos nossos irmãos têm depois disto sido mortos às suas balas, e deles sofremos muito dano.

Contaram-lhe então os dois irmãos que o pai, levado o braço por um pelouro, morrera da ferida, pelo que nele vingavam agora aquela morte. Hans protestou contra; nenhuma razão podia haver, dizia de, para nele se vingar tal morte; não era português, mas naufragando em um navio castelhano, fora assim arremessado ao meio daquele povo. Não eram os tupinambás inteiramente destituídos de todo o sentimento de justiça. Havia entre eles um rapaz, que caíra uma vez no poder dos tupiniquins; tinham estes surpreendido uma taba e capturado os habitantes; os adultos, haviam-nos comido, e as crianças reduziram-nas à es-

cravidão, cabendo este rapazinho a um galego de Bertioga. Conhecia este a Hans, e portanto foi chamado para testemunha. Depôs ele que ali naufragara uma nau pertencente aos castelhanos, que eram inimigos dos portugueses, tendo-se achado nela este estrangeiro; mas que era isto o mais que sabia. Ao ver os selvagens procederem a inquirição sobre a exceção peremptória que apresentara, concebeu Hans alguma esperança de salvação. Sabia que deviam existir no país alguns intérpretes franceses ali deixados com o fim de irem juntando pimenta para o tráfico; repetiu pois que era amigo e irmão deles, e protestou contra ser comido antes de visto e reconhecido por alguém daquela nação. Pareceu isto razoável, pelo que foi posto em estreita custódia até que aparecesse oportunidade de submetê-lo à prova requerida.

Staden, P. 4, c. 24, 25

O intérprete o declara português

Não tardou muito que a Uvatibi viesse um destes intérpretes; correram os selvagens aonde estava o prisioneiro. Aí chegou um francês, clamaram, e agora vamos ver se és da nação dele ou não. Grande foi o seu júbilo ao ouvir estas palavras. Pensava que o homem fosse cristão, e que por nenhum respeito falaria contra ele. Foi introduzido o intérprete, que era um jovem normando, e que se dirigia a ele em francês na presença dos índios. A resposta de Hans nenhuma dúvida deixava sobre não ser ele daquela nação; não podiam os tupinambás percebê-los, mas o miserável imediatamente lhes disse na própria língua deles: Matai o birbante e comei-o, é um português tão inimigo nosso como vosso. Pelo amor de Deus o conjurou Hans que dele tivesse dó, e o salvasse de ser devorado, mas o francês respondeu-lhe, que comido havia de ser. Então, diz ele, recordei-me as palavras do profeta Jeremias: Maldito quem nos homens põe sua esperança. Tinha ele sobre os ombros um vestido de linha, que os selvagens lhe haviam dado, por única coberta: na sua agonia arremessou-o aos pés do francês, exclamando: Se devo morrer, para que preservar estas minhas carnes, que têm de servir-lhes de pasto! Os índios o tornaram a deitar na sua rede. Deus me é testemunha, diz ele, quanta não foi então a minha dor. E com voz sentida pus-me a cantar um hino, já não há dúvida, vociferaram os selvagens, que é um português, pois está berrando com medo da morte. Resolveu-se que morreria, e aprontou-se tudo para a cerimônia.

Staden, P. 4, c. 26

Enquanto assim vivia nesta miséria, conta Hans, experimentei a verdade do ditado, que nunca uma desgraça vem só. O novo mal que motivou esta reflexão foi uma violenta dor de dentes, intensa a ponto de torná-lo cadavérico, segundo ele próprio refere; mas o medo e o sofrimento eram bastantes para de per si produzirem este efeito, sem a dor de dentes. Observou o senhor dele com inquietação o seu fastio, e ao saber a causa apresentou um instrumento de pau, com que se dispunha a livrá-lo do dente;[9] Hans gritou que a dor era passada já; seguiu-se uma luta, em que ele conseguiu eximir-se da operação. O senhor porém o admoestou com bondade que comesse, dizendo-lhe que se continuava a emagrecer, em vez de engordar como convinha, seria preciso comê-lo antes do tempo.

Staden, P. 4, c. 27

Passados alguns dias foi Hans mandado chamar por Cunhambebe, cacique de toda a tribo, e por então residente na aldeia desta Arirab. Ao aproximar-se ouviu grande estrondo de buzinas e algazarra, e à entrada viu fixadas em altos postes quinze cabeças de margaiás últimamente comidos. Depois de lhe terem mostrado significativamente este troféu, adiantou-se um guarda e batendo à porta da casa do cacique, gritou: Aqui trazemos o teu escravo português, para que o vejas. Bebia o chefe com os seus companheiros, e todos, esquentados com a bebida, encararam Hans severamente, bradando-lhe: Oh, inimigo, estás aqui! Aqui estou, respondeu ele, mas não inimigo; e eles deram-lhe do seu licor.

Staden, P. 4, c. 28

Tinha Hans ouvido falar deste régulo, que era famoso no seu tempo, e um cruel antropófago. Dirigindo-se pois à personagem que pelo grande colar de conchas lhe pareceu ser ele, perguntou-lhe se não era o grão Cunhambebe. Recebendo resposta afirmativa, principiou a elogiá-lo o melhor que pôde, dizendo-lhe quanto o seu nome era celebrado, e quão dignas dos maiores encômios eram suas proezas. A mais vã das mulheres não se houvera extasiado tanto com estas lisonjas. Ergueu-se o selvagem, impando de prazer, e pôs-se a marchar diante do seu preso para melhor se deixar admirar. Voltando finalmente ao seu lugar perguntou o que os tupiniquins e portugueses forjavam contra ele, e por que Hans lhe fizera fogo da fortaleza, pois sabia quem tinha sido o artilheiro. Respondeu Hans que ali o haviam posto os portugueses com ordem de fazer o seu ofício; mas o cacique retrucou que também ele de-

via ser português, pois que não entendia o francês, do que era testemunho o filho dele Cunhambebe, o Francês, como o chamava. Hans admitiu isto, alegando que por falta de uso desaprendera a língua. Tenho comido cinco portugueses, disse o feroz tupinambá, e todos eles se pretendiam franceses. Em seguida perguntou que conceito dele faziam os portugueses, e se muito o temiam. Respondeu Hans que no dano recebido tinham os de Portugal bom padrão por onde medir o homem que ele era; mas Bertioga estava agora muito fortificada. Ah! exclamaram os índios, nas matas nos havemos de esconder e apanhar outros, como te apanhamos a ti.

Disse então Hans ao cacique que os tupiniquins não tardariam a vir com vinte e cinco canoas atacá-lo. Não fez escrúpulo desta espécie de traição na esperança de com ela cativar a boa vontade de seus donos e salvar a vida. Entretanto toda a *kaawy* se exaurira naquela casa; passaram-se pois para outra os bebedores, ordenando ao cativo que os seguisse; amarrou-lhe o filho de Cunhambebe as pernas uma à outra, e fizeram-no saltar enquanto eles riam e gritavam:

Vede o nosso manjar a pular. Dirigiu-se ele a Iperu Wasu, perguntando se era ali que devia morrer. A resposta foi que não, mas que tudo isto se praticava sempre com os escravos estrangeiros. Tendo-o visto dançar, ordenaram-lhe agora que cantasse; cantou um hino; exigiram eles a interpretação; que eram louvores a Deus foi a resposta. Principiaram eles então a escarnecer do Deus dos cristãos: as blasfêmias dos idólatras arrepiaram as carnes de Hans, que no seu coração admirou a longanimidade do Senhor para com esta gente. No dia seguinte, estando a aldeia já farta de vê-lo, foi despedido o prisioneiro. Recomendou Cunhambebe aos apresadores que o guardassem bem, e todos o foram perseguindo com novos chascos e remoques, e que brevemente se trataria da festa. Mas o dono dele deu-se-lhe grande trabalho para consolá-lo, asseverando que ainda estava longe a época.

Staden, P. 4, c. 28

Fizeram os tupiniquins a sua expedição, e sucedeu ser Uvatibi o lugar que investiram. Conjurou Hans os seus apresadores que o soltassem, e dando-lhe arco e setas veriam como combatia por eles, apesar de o terem por inimigo. Isto fazia ele na esperança de poder romper pela estacada, e acolher-se ao meio dos seus amigos. Deixaram-no combater,

mas vigiavam-no tão cautelosos que impossível lhe foi levar a cabo o intento; falhando o golpe com que esperavam levar de surpresa a praça, e encontrando vigorosa resistência, recolheram-se os invasores às suas canoas, e retiraram-se. Frustraram-se as esperanças do pobre Hans, nem dos seus serviços colheu a menor gratidão. Tornaram a metê-lo no seu calabouço apenas terminado o assalto; e de tarde trouxeram-no para a área, fecharam à volta dele o círculo, e fixaram o dia de matá-lo, insultando-o como de costume com suas expressões de feroz alegria. Era no céu a lua, e fitando nela tristes olhos, pediu ele a Deus que lhe pusesse um termo feliz a estes sofrimentos. Iepipo Wasu, que era um dos chefes da horda, e nessa qualidade convocara a assembléia, vendo quão atento o cristão tinha a vista erguida, perguntou-lhe para que olhava. Já Hans não rezava; contemplava a cara da Lua, fantasiava-a irada. Sua alma estava quebrada, seu espírito abatido pelo contínuo terror, e naquele momento estava-lhe parecendo, diz ele, que era aborrecido de Deus e de todas as coisas por Deus criadas. A pergunta só a meio o despertou do seu fantasiar, e ele respondeu que era claro estar irada a Lua. Quis o selvagem saber contra quem, e então Hans como caindo em si, replicou que ela lhe olhava para a casa. Pô-lo isto furioso, e Hans julgou prudente dizer que talvez a Lua fitasse olhos tão coléricos sobre os carijós, opinião a que assentiu o chefe, imprecando que ela os exterminasse todos.

Staden, P. 4, c. 29, 30

Na manhã vieram novas de terem os tupiniquins incendiado a taba de Mambucaba, abandonada à aproximação deles. Preparou-se Iepipo para ir com a maior parte dos seus ajudar os habitantes a reedificarem-na: recomendou a Iperu Wasu que vigiasse bem o preso, e prometeu trazer barro e farinha de mandioca para a festa. Estando ele assim ausente chegou de Bertioga um navio, deu fundo perto da costa e disparou um tiro. Tinham os tupiniquins visto Hans na batalha, e dado aviso do lugar onde estava, sabido o que se despachara este barco a obter o seu resgate se fosse possível. Olha, disseram-lhe os seus apresadores, teus amigos os portugueses vieram saber de ti, e oferecer resgate. A isto respondeu ele que talvez fosse seu irmão, que também vivia entre os portugueses; e isto o dizia para remover a suspeita de que fosse ele desta nação. Foi uma partida a bordo, e às inquirições que se fizeram, deu respostas tais que o patrão se fez outra vez na volta do mar, dando Hans

por já comido. Viu este o barco dar à vela, enquanto os canibais exultavam sobre ele, exclamando: Apanhamo-lo! apanhamo-lo! É ele o que queríamos que fosse! Os outros mandaram navios atrás dele!

Staden, P. 4, c. 32

E esperava-se de volta a cada hora a partida de Mambucaba. Hans ouviu um clamoroso uivar na choça de Iepipo Wasu; é costume dos selvagens do Brasil quando após uma ausência de alguns dias lhes volvem os amigos, saudá-los com lágrimas e lamentos; assim pensou que eram chegados os da expedição, e com eles a sua última hora. Disseram-lhe porém que um dos irmãos de Iepipo volvera só, ficando doentes todos os outros; com o que secretamente se alegrou, esperando que Deus o salvaria milagrosamente. Não tardou a apresentar-se o recém-vindo, e assentando-se-lhe ao lado, principiou a lastimar a sorte do seu irmão e parentes, que todos tinham caído feridos de moléstia, pelo que vinha a pedir-lhe que orasse por eles, pois Iepipo cria que o Deus dos cristãos fizera isto na sua cólera. Respondeu Hans que o seu Deus estava em verdade iroso por quererem comer um homem que nem era inimigo, nem português, mas que faria o que pudesse com suas orações, se o chefe voltasse à casa. Tornou-lhe o irmão que estava o outro por demais doente para isso, mas que bem sabia que Hans o curaria, contanto que rezasse. Insistiu o prisioneiro que se Iepipo tivesse forças para recolher-se à sua residência, ali o curaria. À casa voltaram pois todos. Iepipo chamou Hans e falou-lhe assim: Disseste-me que a Lua olhava irada para a minha casa, e agora vê-nos prostrados pela doença. Foi o teu Deus que fez isto em cólera. Tinha Hans esquecido a conversa a respeito da Lua; vendo agora que assim lha recordavam, ele próprio a acreditou como tendo sido profética, e respondeu que se Deus estava irado, era por quererem eles comer quem não era seu inimigo. Prometeu então o chefe que ele não seria comido, se os curasse todos.

Nestes protestos não tinha Hans mais que medíocre confiança; era para recear a volta do apetite daquele antropófago mas não o era menos a sua morte, pois o resto da horda suporia autor dela o seu prisioneiro, e provavelmente o mataria para que não causasse mais malefícios. Tentou pois, satisfazendo-lhes os desejos e não sem ter ele próprio alguma fé no remédio, a imposição das mãos. Morreu primeiro uma criança; depois a mãe de Iepipo, velha, que em Mambucaba se tinha entretido

com fazer púcaros para a festa; também morreram dois dos seus irmãos; mais um dos filhos, ao todo oito pessoas da família. Em lugar de abalar a fé do selvagem em Hans, só serviu isto de fazer com que mais instasse com este, que o salvasse a ele e sua mulher. Disse-lhe o improvisado médico podia ter alguma esperança se estava em verdade resolvido a não sofrer que o comessem em caso nenhum, aliás que a abandonasse toda. O enfermo protestou que a menor intenção não tinha de comê-lo, e convocando toda a horda, proibiu-lhe que jamais ameaçasse com a morte o prisioneiro, nem sequer pensasse em matá-lo. Esta epidemia fizera de Hans uma personagem terrível; um dos chefes o viu ameaçá-lo em sonhos, e de manhã logo veio procurá-lo, prometendo-lhe com todas as veras, contanto que o poupasse, não só nunca ser causa da sua morte, mas nem mesmo em caso de ter ele de sofrê-la, comer de suas carnes um único bocado. Outro que nunca se restabelecera de uma indigestão do último português que comera, sonhou também com ele e da mesma sorte veio suplicar-lhe que não o exterminasse. As próprias velhas, que o haviam atormentado demônios, agora o vinham afagar, mães carinhosas chamando-o filho, e pedindo-lhe as suas graças. Juraram que todo o mal que lhe tinham feito, ou meditado fazer-lhes, fora por engano, tendo-o suposto um dos portugueses, povo que odiavam. Mas haviam comido muitos destes, e nunca o seu Deus por tal se indignara contra elas. A barba, que Hans com tanta mágoa perdera, apareceu agora também como bom testemunho em seu favor; era vermelha como a de um francês e elas viam que as dos portugueses eram negras. Foi esta uma doença de bom agouro para ele; Iepipo e sua mulher recuperaram a saúde, e já se não falava mais na festa, mas sem que por isso afrouxasse a vigilância com que era guardado.

Staden, P. 4, c. 33, 35

Passado algum tempo voltou a Uvatibi o intérprete francês; tinha andado a juntar pimenta e plumas, e ia agora caminho do porto onde deviam vir os navios. Contou-lhe Hans toda a sua história, pedindo-lhe que dissesse aos selvagens quem ele realmente era, e consigo o levasse; e o conjurou que se sentia em si a menor centelha de humanidade cristã, ou alguma esperança de salvação, não se tornasse réu da sua morte. Respondeu o homem que o havia tomado por um dos portugueses, e que estes eram tão cruéis que enforcavam todo o francês que apanhavam no país. Agora porém disse aos tupinambás que se equivocara,

que o prisioneiro era um alemão e amigo dos franceses, e propôs levá-lo em sua companhia. Tão longe não ia a gratidão dos índios. Não, replicaram, nem por isso menos é ele nosso escravo, capturado como foi entre os portugueses. Venha seu pai ou seus irmãos por ele em um navio; tragam machados, tesouras, navalhas, pentes e espelhos, com que resgatá-lo, e então irá. Assim lhes afiançou o francês que se faria, e prometeu a Hans ser seu amigo quando chegassem os barcos.

Ido o intérprete, perguntou Alkindar ao preso se este homem era seu compatrício, e sendo-lhe respondido que sim: por que então, disse, não te deu ele um canivete, ou outra coisa assim, com que me fizesses um mimo? Parecia que os benéficos efeitos da epidemia se iam desvanecendo. A senhora dele dizia que Anhangá ou o espírito mau vinha visitá-la de noite, perguntando onde estava a maçã dos sacrifícios, e por que a haviam escondido. Alguns principiavam a murmurar com dizer que portuguesa ou francesa o sabor da carne era o mesmo.

Staden, P. 4, c. 36

Estavam os habitantes de Tickquaripe, que ficava a breve distancia, para matar um escravo margaiá; uma partida de Uvatibi foi à festa e levou Hans consigo. Na véspera do sacrifício foi este ter com a vitima, e disse-lhe que a sua hora estava prestes a soar. Sorriu-se o homem, e respondeu: sim, tudo está pronto, exceto a *muçarana* (corda de algodão, que se lhe devia passar à volta do corpo); mas as *muçaranas* aqui são muito outras do que nós as temos no nosso país. E pôs-se a falar do que ia ter lugar no dia seguinte, como se tratasse dum banquete em que ele fosse conviva. Deixou-o Hans, e sentou-se a ler um livro português, que os selvagens, tendo havido duma presa feita pelos franceses, lhe tinham dado; mas incapazes de desviar deste margaiá o próprio pensamento, e talvez não satisfeito com o que lhe dissera, foi de novo ter com ele, para acrescentar: não vás pensar, amigo, que vim aqui para ajudar a comer-te, pois sou eu também prisioneiro e meus donos me trouxeram. E tratando de dar-lhe a melhor consolação, explicou-lhe como, apesar de ter de ser comido o corpo, entraria a alma em melhor mundo, para ser bem-aventurada. Perguntou o selvagem se era isto verdade, pois que ele nunca vira Deus. Na outra vida o verás, replicou Hans. De noite levantou-se um temporal desfeito. Clamaram logo os índios que era obra daquele maldito exconjurador para salvar o prisioneiro, sendo amigos marga-

iás e portugueses. Ontem o vimos, diziam, a voltar as peles de trovão, com o que queriam designar as folhas do seu livro. Felizmente para ele clareou pela manhã, e celebrou-se sem interrupção a festa.

Staden, P. 4, c. 37

Volviam por água Hans e seu senhor; o vento era violento e ponteiro e a chuva incessante; todos convidaram o preso a que lhes desse bom tempo. Vinha na canoa um rapazinho, que da festa trouxera um osso em que ia agora roendo; disse-lhe Hans que o deitasse fora, mas não houve quem não clamasse que era aquilo um delicioso acepipe. Continuou o tempo úmido e tempestuoso, de modo que, gastos três dias no caminho, que não era para mais de um, tiveram os índios de alar para terra as canoas, e ir por terra o resto. Cada um tomou o mantimento, que tinha antes de pôr-se em marcha, e acabado e bem polido já o osso, longe o arremessou o rapaz. Foram-se dispersando as nuvens, e Hans perguntou se não falara verdade, afirmando que Deus estava irado com aquele menino, por comer carne humana. Mas os selvagens replicaram que nenhum mal teria acontecido, se o cristão não tivera visto comer o tal osso, e olhando-o assim como a causa imediata, não remontaram a outra mais acima.

Staden, P. 4, c. 38

Tráfico em tempo de guerra

Vividos assim cinco meses neste duro cativeiro, chegou de São Vicente outro navio, porquanto portugueses e tupinambás costumavam comerciar e guerreavam-se simultaneamente entre si. Careciam aqueles de farinha de mandioca para os numerosos escravos que tinham nos engenhos de açúcar; quando um navio, saído à procura deste gênero, chegava a um ponto, tirava um tiro. Dirigiam-se então a ele dois selvagens numa canoa, mostravam o que tinham à venda, e ajustava-se o preço em navalhas, anzóis, ou no que para isso havia a bordo. Em distância pairavam outras canoas, até concluir-se lisamente o escambo; apenas feito isto, e recolhidos os dois corretores, principiava o combate, bárbaro mas conveniente arranjo. Ao afastarem-se os dois traficantes, perguntaram os portugueses se Hans vivia ainda, dizendo que estava a bordo o irmão, que trazia algumas coisas para ele. Quando o prisioneiro soube disto, pediu que o deixassem falar com o irmão, dizendo que era para que o pai mandasse um navio por ele e mercadorias para o resgate; nem os portugueses entenderiam a conversa. Isto o dizia ele porque os tupinambás tinham ajus-

tado uma expedição do lado de Bertioga, para agosto seguinte, e receava que lhe suspeitassem intenção de dar notícia deste plano. Eles acreditaram na sua simplicidade e levaram-no até tiro de pedra do navio. Gritou Hans logo que só lhe falasse um, pois havia afirmado que ninguém senão seu irmão podia entendê-lo. Um dos seus amigos, encarregando-se deste papel, contou-lhe como vinham enviados a ver se o podiam remir, devendo, se fosse rejeitada a proposta, apoderar-se de alguns tupinambás, que por ele pudessem trocar. Pediu-lhes pelo amor de Deus, que nenhum destes meios tentassem, mas que dissessem que era um francês e lhe dessem alguns anzóis e canivetes. Prontamente o fizeram eles, indo algumas canoas tomar os objetos. Revelou-lhes então Hans a projetada expedição, e eles pela sua parte o informaram que seus aliados se dispunham a atacar outra vez Uvatibi, e que não perdesse o ânimo. Deu-se por findo o parlamentar. Hans deu a seus senhores os canivetes e anzóis, prometendo-lhes muito mais quando viesse o navio buscá-lo, pois havia contado a seu irmão quão bem era ali tratado. Os selvagens foram também de opinião que o tinham tratado com muita bondade, mas ainda lhe mostrariam maior agora que era claro ser ele francês de alguma importância: permitiram-lhe pois acompanhá-los às florestas e tomar parte nas suas ocupações ordinárias.

Staden, P. 4, c. 39

Havia na aldeia um escravo carijó, que o tendo sido dos portugueses, fugira para os tupinambás, com os quais vivia já há três anos, mais tempo do que Hans estava no Brasil; apesar disto por algum estranho teiró, que lhe tinha, não cessava de instigar seus senhores a matarem-no, declarando tê-lo visto por muitas vezes fazer fogo contra os tupinambás, por sinal que fora até o matador dum dos seus caciques. Caiu este homem doente, e foi Hans convidado por seu senhor a sangrá-lo, com promessa dum quinhão na caça, que se matasse, se o curasse. O instrumento de sangrar era um dente agudo, com que, não estando acostumado a manejá-lo, não pôde Hans abrir a veia. Disseram então os selvagens que era homem perdido, e que nada mais havia, senão matá-lo, para que não fosse, morrendo, tornar-se incomível. Indignado representou Hans que bem podia o enfermo restabelecer-se, mas nada valeu. Tiraram-no da rede, dois homens o mantiveram direito, pois estava tão mal que nem podia ter-se nem dar acordo do que com ele faziam, e o dono lhe partiu o crânio. Tratou ainda Hans de

dissuadi-los que o comessem, fazendo-lhes ver que o corpo estava amarelo da moléstia, e podia causar peste: mas eles o mais que fizeram por este respeito, foi deitarem fora a cabeça e os intestinos e devoraram o resto. Não deixou Hans também de observar-lhes que este escravo, que sempre fora sadio, só caíra doente quando principiou a maquinar-lhe a morte.

Staden, P. 4, c. 40

Chegado era agora o tempo da jornada para que os tupinambás se preparavam havia três meses; contava ele que o deixariam em casa só com as mulheres, e então fugiria. Antes de vindo o dia da partida, chegou um bote dum navio francês, que estava na baía do Rio de Janeiro; vinha a mercadejar pimenta, macacos e papagaios. Saltou em terra um homem que falava a linguagem dos tupinambás, e Hans pediu-lhe que o levasse para bordo; mas seus donos não o deixaram ir, resolvidos a haver por ele bom resgate. Quis Hans então que os índios fossem com ele ao navio, mas também isso lhe recusaram, dizendo que aquela gente não era sua amiga, porquanto o tendo visto tão nu, não lhe dera um vestido com que se cobrir. Mas os seus estavam a bordo do navio, insistiu ele. O navio, retrucaram os selvagens, não daria à vela antes de finda a expedição, e então seria ainda muito tempo de lá o levarem. Mas ao ver largar o bote, não pôde Hans reprimir o seu veemente desejo de liberdade; saltou para frente, e correu na direção do escaler ao longo da praia. Perseguiram-no os selvagens, alguns o alcançaram, ele os repele a golpes, deixa todos atrás, mete-se ao mar e nada para o batel. Recusam os franceses recebê-lo com receio de ofenderem os índios, e Hans, resignando-se ainda uma vez com a sua má estrela, teve de nadar para terra. Ao verem-no voltar, exultaram os tupinambás, mas ele afetou-se colérico por terem-no julgado capaz de fugir, quando fora unicamente dizer aos seus conterrâneos que preparassem um bom presente para quando se fosse a bordo.

Foge a nado para um bote francês que recusa recebê-lo

Staden, P. 4, c. 41

De muitas cerimônias são precedidas as expedições hostis. A cada momento se dirigiam os velhos aos moços, exortando-os a irem à guerra. Um orador idoso, quer percorrendo toda a aldeia, quer sentado na sua rede exclamava: "Como! É este o exemplo que nos deixaram nossos pais, que assim esperdicemos nossos dias em casa! Eles que

Cerimônia antes de partir para a guerra

saíam, pelejavam e conquistavam, matavam e devoraram? Sofremos que os inimigos, que antes não podiam suportar o nosso aspecto, venham agora bater às nossas portas, e nos tragam a guerra a casa...” E batendo nas espáduas e quadris, acrescentava: “Não, não, tupinambás! Saiamos, matemos, comamos!» Duravam às vezes horas os discursos deste jaez, escutados com a mais religiosa atenção. Em todas as tabas da tribo se consultava sobre a escolha do lugar, a que devia dirigir-se o ataque, e fixava-se o tempo para a reunião e partida.

De Lery, C. 13

Cerimônias religiosas dos tupinambás

Uma vez por ano corriam os pajés todas as aldeias. Mandavam aviso da sua vinda, para que lhes preparassem os caminhos. As mulheres do lugar que deviam receber esta visita, iam duas a duas por todas as casas, confessando em altas vozes todos os delitos cometidos contra seus maridos, e pedindo perdão deles; e chegados os pajés, eram acolhidos com danças e cantares. Pretendiam que o espírito vindo dos confins do mundo, lhes dava o poder de fazer a maracá responder às perguntas, e predizer os sucessos. Limpava-se a casa, excluíam-se mulheres e crianças, e apresentavam os homens as suas maracás adornadas de penas vermelhas, para que a estas se conferisse o dom da fala. Assentavam-se os pajés no topo da sala, tendo a sua própria maracá erguida diante deles: perto dela se fixavam as outras, e cada homem dava o seu presente aos charlatões para que não fosse esquecida a sua. Concluída esta parte essencialíssima do negócio, eram as maracás fumegadas com *petun* por meio duma cana comprida; toma então o pajé uma, leva-a à boca, e manda-a falar; parece sair dela uma voz aguda e fraca, que os selvagens acreditam ser a do espírito, e os bonzos os mandam ir à guerra e vencer os inimigos, pois que aos gênios, que habitam a maracá, apraz que os satisfaçam com a carne dos prisioneiros. Cada um toma então o seu oráculo, chama o seu querido filho, e vai cuidadosamente repô-lo no seu lugar. Do Orinoco ao Prata não têm os selvagens algum outro objeto visível a que prestem culto.

Div. Av., **ff. 39**

Em algumas ocasiões faz-se ainda maior cerimônia, a que João de Lery assistiu uma vez por acaso. Tinham ele e outros franceses ido de manhã cedo a uma aldeia de tupinambás, pensando almoçar ali. Acharam todos os moradores, em número de seiscentos mais ou menos, reunidos na área: entraram os homens numa casa, as mulheres em outra,

as crianças em terceira, e os pajés intimaram às mulheres que não saíssem, mas escutassem atentas a cantar, e com elas meteram os franceses. Logo se ouviu um som, que partia da casa onde estavam os homens: cantavam *He-he-he-he,* que as mulheres repetiam da mesma forma. Não era o canto ao princípio em clave muito alta, mas continuou por um quarto de hora inteiro, subindo sempre, até tornar-se um grito prolongado e horrível. Não cessavam os cantores entretanto de saltar, arquejando-lhes os peitos e espumando as bocas, até que alguns caíram sem sentidos, chegando de Lery a acreditar que estavam todos realmente possessos. As crianças erguiam também a mesma berraria por conta própria; e os três franceses não se viam em pequena aflição, como era natural, sem saberem o que o demo mais se lembraria de fazer. Após curta pausa principiaram os homens a cantar no mais doce e delicioso tom. De Lery sentiu um encanto tal que resolveu ir vê-los; e embora as mulheres procurassem detê-lo, e um intérprete normando lhe dissesse que em sete anos, que tantos vivia já entre os índios, jamais ousara assistir ao que ali se passava, ele, confiando na sua intimidade com alguns dos chefes, saiu e praticou no telhado um rombo, pelo qual com seus companheiros viu toda a cerimônia.

Estavam os homens postos em três círculos distintos. Todos se inclinavam para diante, o braço direito passado atrás das costas, o esquerdo pendente; agitavam a perna direita, e nesta atitude dançavam e cantavam; de indefinível doçura era o seu canto, e de espaço a espaço todos batiam com o pé direito, e cuspiam no chão. No centro de cada círculo se viam três ou quatro pajés, numa mão a maracá, e na outra um cachimbo ou antes cana oca, com *petun;* matraqueavam com os oráculos, e sopravam o fumo para sobre os homens, dizendo: recebei o espírito da bravura, com que vençais os inimigos. Durou isto duas horas. Era um hino em comemoração dos avós daquele canto; choravam-nos, mas exprimiam a esperança de, quando a seu turno passassem as montanhas, dançar e exultar com eles; depois era um bramido de vingança contra os inimigos, que não tardariam a conquistar e devorar, a maracá o prometera. O resto do cântico, se ao intérprete normando se pode dar crédito, referia uma rude tradição do Dilúvio.

Ainda por outros modos de adivinhação devia porém confirmar-se a autoridade dos sacerdotes e oráculos. Consul-

De Lery, C. 15

tavam-se certas mulheres, que tinham recebido o dom da profecia. Este era o modo de conferir tal faculdade. Com *petun* fumegava o pajé a aspirante, mandando-a depois gritar quanto pudesse, e saltar a bom saltar, e dar voltas em redondo, berrando sempre até cair sem sentidos. Tanto que ela voltasse a si afirmava o bonzo que ela estivera morta e ele a ressuscitara, e desde então era mulher esperta. Quando também estas adivinhas prometiam a vitória, restava para os sonhos o último apelo. Se muitos da tribo sonhavam com comer os inimigos, era sinal seguro de triunfo; mas se ainda maior número sonhava que eram eles próprios os comidos, desistia-se da jornada.

Por meados de agosto pôs-se Cunhambebe em marcha com trinta canoas, levando cada uma seus vinte e oito homens. Teve Hans de acompanhá-los; iam para Bertioga e projetavam-se porém de emboscada e apanhar outros, como o haviam apanhado a ele. Levava cada um sua corda passada à volta do corpo, com que amarrar os prisioneiros que fizessem.

Armas

Além disto uma arma de pau, chamada *macaná,* tinha de cinco a seis pés de comprimento, e rematava em forma de colher, porém a largura no centro teria a grossura dum dedo, mas eram cortantes os dois lados. Feita do pau-ferro do Brasil, não era menos tremenda que uma acha de batalha esta arma; e tão destramente a manejavam os índios, que de Lery observa que um tupinambá assim armado daria que fazer a dois soldados de espada. Da mesma madeira eram os arcos, já vermelhos, já pretos, mais compridos e grossos do que se usavam no velho continente, nem havia europeu que os vergasse. De corda lhe servia uma planta chamada *tocon,* e apesar de delgada, tão rija, que a tirar por ela a não partira um cavalo. Menos de vara não mediam as setas, curiosamente fabricadas de três pedaços, sendo de junco o do meio e de madeira pesada e dura os das extremidades. Com algodão lhes grudavam as penas, e ou era de osso a ponta, ou duma folha de junco seco, cortada pelo feitio duma lanceta antiga, ou da espada uma espécie de peixe. Incomparáveis flecheiros eram aqueles selvagens. Com licença dos ingleses, diz de Lery, que tanto primam nesta arte, devo dizer que um tupinambá atiraria doze setas antes que um bretão despedisse seis. As armas de fogo os aterravam, enquanto lhes não compreenderam a natureza; mas logo que perceberam que era mister carregar o mosquete para que tornasse a servir,

em pouca conta tiveram tal arma, dizendo que, enquanto se preparava uma, faziam eles as balas mais formidáveis do que os seus próprios farpões, dos quais não havia escudo, nem couraça que livrasse. O que é verdade é que nas suas mãos não eram tão letais as armas de fogo, como apontadas contra eles: os franceses lhes vendiam pólvora, mas era tal, que três selvagens carregavam um cano até a boca, um o sustentava, outro fazia a pontaria, e um terceiro lhe chegava a mecha, sem que houvesse risco de explosão,[10] peles de anta, do tamanho e figura dum tambor, lhes serviam de escudos. Eram de casca de árvore as canoas, e eles as remavam de pé, tomando a pá pelo meio, impelindo a folha larga para trás na água. Não se davam pressa, antes se iam divertindo pelo caminho, ou paravam a pescar à foz dos rios, uns soprando buzina, outros uma rude trombeta formada duma espécie de cabaça comprida, outros tocando flautas fabricadas de ossos de inimigos.

Quando na primeira noite mandou Cunhambebe fazer alto, saíram a terreiro as maracás; ao som delas dançaram todos até muito avançada hora, quando o cacique deu ordem de recolher e ir sonhar. Também a Hans se ordenou que sonhasse, mas, dizendo ele, que não havia verdade em sonhos, pediram-lhe que conseguisse do seu deus fartura de prisioneiros para eles. Ao nascer do sol almoçou-se peixe, após o que contou cada um o seu sonho; o assunto de todos é fácil de imaginar-se: sangue e matança e banquetes antropófagos. Tremia de esperança o pobre que encontrassem estes índios a expedição bem mais poderosa, que aparelhavam os tupiniquins, ou que, chegado ao lugar da ação, lhe fosse possível a fuga. Infelizmente, em lugar disto, surpreenderam cinco canoas de Bertioga, que, após porfiada caça alcançaram. Conhecia Hans toda a malfadada tripulação, entre a qual vinham seis mamelucos cristãos como então se chamava a raça mesclada. Ao encurtarem a distância que os separava da praia, erguiam os tupinambás suas frautas de ossos de gente, e faziam soar seus colares de dentes humanos, vozeando e exultando com a certeza da vitória. Apesar da disparidade do número, por duas horas não deixaram os mamelucos aproximar-se o inimigo, até que caindo mortalmente feridos dois, e acabando-se aos outros as setas e armas de arremesso, foram feitos prisioneiros.

Apenas posta em seguro a presa, fizeram os vencedores força de remo para o lugar onde na última noite haviam ar-

Staden, P. 4, c. 42

mado as redes. Ali foram mortos e feitos em postas os prisioneiros, que estavam mortalmente feridos. Cravaram-se no chão quatro forcados, nestes se atravessam estacas, e neste engenho secou-se antes que não se assou a carne. Esta máquina de madeira se chamava *bucan,* e *bucanado* o alimento assim defumado e seco, donde veio o nome a essa raça extraordinária de *bucaneiros,* que por tanto tempo foram o flagício dos espanhóis na América do Sul. Naquela noite se imolaram dois cristãos, Jorge Ferreira, filho do capitão de Bertioga, e um tal Jerônimo, parente de dois outros prisioneiros.

Dormiam os selvagens, e Hans foi ter com os sobreviventes; entre os quais se achavam Diogo e Domingos Braga, dois irmãos, que foram dos primeiros que se estabeleceram em Bertioga, e ambos amigos íntimos dele. A primeira pergunta dos desgraçados foi se seriam comidos. Pouco conforto tinha Hans que dar-lhes, nem lhes disse senão que seria o que Deus quisesse, em quem deviam pôr toda a sua esperança, pois à sua divina bondade havia aprazado deixá-lo viver a ele até então como viam. Perguntaram pelo seu parente Jerônimo. O corpo do sem ventura estava então no *bucan,* e parte do de Ferreira já devorada. À vista disto desataram a chorar. Disse-lhe Hans que não havia por que desesperar, já que o viam milagrosamente guardado oito meses; e não muito arrazoadamente tratou de convencê-los de que, no pior dos casos, não podia a coisa ser tão dura para quem, nascido no Brasil, estava acostumado a estes cruéis e bárbaros hábitos, do que o teria sido para ele, estrangeiro vindo duma parte do mundo onde tal se não praticava. Poderia ele ter fugido naquela noite mas receou que a sua fuga provocaria os tupinambás a matarem imediatamente os prisioneiros, pelo que era do seu dever aguardar outros meios de salvação, pois que impossível não era libertar consigo os novos companheiros de infortúnio. Ter assim pensado e assim obrado, granjeou-lhe um título à estima das gentes.

No dia seguinte dirigiu-se ele à tenda de Cunhambebe, a quem perguntou o que se propunha fazer dos cristãos. Comê-los, foi a resposta. Todos foram em vir com os nossos inimigos, quando podiam ter ficado em casa, e como todos morreram. E proibiu a Hans que tivesse relações com eles. Aconselhou este, que se esperasse resgate, mas o selvagem não quis saber do conselho. Havia ao lado um cesto cheio de carne humana, do qual tomando um dedo assado, o pôs o cacique à

boca de Hans, perguntando-lhe se comeria. Respondeu o europeu que nem as feras devoravam as da própria espécie. Cravando os dentes na iguaria, exclamou o índio: "Pois eu sou um jaguar, e gosto disto."

Staden, P. 4, c. 43-44

De tarde ordenou Cunhambebe que lhe apresentassem todos os prisioneiros. Num terreno plano entre as matas e o rio formaram os apresadores um círculo, no centro do qual os colocaram: ao som das maracás ergueu-se o canto. Terminado este, disseram os tupiniquins: como valentes vínhamos do nosso país, a atacar-vos, a vós, nossos inimigos, e matar-vos, e comer-vos: vossa foi a vitória, e tendes-nos nas mãos. Não importa; os bravos morrem valentemente no país dos inimigos. Ampla é a nossa pátria, e povoam-na guerreiros, que não deixarão sem vingança a nossa morte. A isto tornaram os tupinambás: tendes aprisionado e devorado muitos dos nossos, e agora em vós os vingamos.

No terceiro dia chegaram os vencedores às suas próprias fronteiras, onde, repartidos os prisioneiros, se separaram. Oito selvagens e três cristãos couberam em partilha a Uvatibi. O resto, que ficava dos dois, já *bucanados,* foi levado para casa e guardado para uma festa solene; por três semanas esteve parte de Jerônimo pendente sobre a lareira da casa, em que residia Hans. A este não o quiseram levar ao navio sem que se acabasse a festa, e antes disso fez-se de vela a embarcação. Nenhuma esperança lhes restava agora, senão a consolação, que lhe davam, de virem navios todos os anos. Veio porém um tempo em que ele deu graças à Providência por esta benéfica contrariedade. Tinha este baixel capturado no Rio de Janeiro outro português, e dado aos selvagens um dos prisioneiros, para que o devorassem: sua era também a tripulação do bote, que recusara recolher Hans quando a nado fugia de terra, e o intérprete normando, que aconselhara os tupinambás a que o comessem, igualmente a bordo. Pois bem, talvez seja alguma satisfação para o leitor, como o foi para Hans, saber que a vingança de Deus pesava sobre estes desalmados, e que todos os tragou o oceano.

Staden, P. 4, c. 51 P. 5 c. 54

Foi agora Hans traspassado a outro senhor, um cacique da aldeia de Tacvarasutibi. Antes de deixar Uvatibi deu aos prisioneiros portugueses as melhores instruções que pôde, sobre o caminho que deviam seguir, se achassem meios de escápula. Foi despedido duma aldeia com grande reputação de predizer su-

cessos futuros, curar moléstias e arranjar bom tempo; e com o respeito devido a tão eminentes qualidades recebido na outra. Logo disse ao novo senhor que seu irmão tinha de vir por ele; e felizmente ouviu-se passados quinze dias um tiro de peça na vizinha baía do Rio de Janeiro. Pediu ele que o levassem a bordo do navio, mas os selvagens nenhuma pressa tinham. Soube porém o capitão que ele estava ali e mandou dois homens a ver de que modo o livrariam de tão triste cativeiro. Disse-lhes Hans que um devia fazer-se de irmão dele, e dizer que havia trazido mercadorias para ele, obter-lhe permissão de ir a bordo, e fingir que tinha de ficar no país até o outro ano para preparar um carregamento, já que era agora o amigo dos tupinambás.

Staden, P. 5, c. 52

Se fora boa a combinação do plano, melhor foi a execução. Hans e o seu senhor foram a bordo, e ali ficaram cinco dias: então perguntou o selvagem pelas mercadorias, e quis volver para terra. Mandou Hans mostrar-lhe, declarando-se pronto a acompanhá-lo, mas pediu mais algum tempo para banquetear com os amigos; e assim engodando-o com comes e bebes, foram entretendo o cacique a bordo até que o barco completou o carregamento. Então, estando a ponto de dar à vela, agradeceu o capitão ao tupinambá o bem que lhe tratara o seu conterrâneo, e disse que os convidara, para dar-lhe a ele presentes em reconhecimento, e também para confiar mais mercadorias ao cuidado de Hans, que devia ficar no país como feitor e intérprete. Mas este tinha dez irmãos a bordo, que dele se não podiam mais separar, agora que o tinham tornado a encontrar. Dez da tripulação representaram bem os seus papéis; insistiram com Hans que volvesse à pátria, para que o pai lhe visse o rosto antes de expirar. Nada melhor se podia haver imaginado para libertar o cativo, deixando satisfeito o senhor. O capitão disse que desejava que Hans ficasse no país, mas que muitos em número eram os irmãos, e ele um só. Pela sua parte protestou Hans que ficaria da melhor vontade mas os irmãos o não deixavam. Sobre ele choraram o honrado tupinambá e sua mulher, receberam um rico presente de pentes, navalhas e espelhos, e partiram mais que contentes.

Escapuliu-se Hans

Staden, P. 5 c. 53

Foi assim que Hans Staden recuperou a liberdade, após tantas decepções e perigos. Teve ainda a infelicidade de sair mal ferido duma ação com esse mesmo

navio português, que tinha já sido enviado a tratar do seu resgate. Restabeleceu-se porém, alcançou a pátria, e escreveu a história das suas aventuras. Livro de grande valor é este, nem as notícias posteriores acerca das tribos brasileiras ampliam, só repetem as informações que ele contém.

NOTAS DO CAPÍTULO VII

1. Superagui se chama a ilha que forma ao norte a entrada da baía de Paranaguá.
2. Se Fr. Gaspar da Madre de Deus tivesse lido esta viagem, saberia que havia naquele lugar um estabelecimento em 1555, o que ele nega.
3. Parece que os goianases tinham deixado o país.
4. Os cinco irmãos mamelucos eram: João, Diogo, Domingos, Francisco e André Braga. Os tupinambás, com setenta canoas, atacaram o estabelecimento de madrugada, como seu costume. (P.B.B.)
5. Talvez cajueiro.
6. Entre os primeiros colonos destes lugares figuram três irmãos Adorno, dos quais um se passou para a Bahia, onde casou com uma filha do Caramuru. São numerosíssimos os descendentes deste trio. *Gaspar da M. de Deus,* pág. 52.*

* Os irmãos Adorno eram: José, Francisco, Antônio, Rafael e Paulo. Havia também, um outro Francisco, que era tio dos nomeados, e que se fez jesuíta. Vieram para o Brasil com Martim Afonso de Sousa, "lá como reconhecidos técnicos da cultura da cana e da indústria do açúcar, para realizá-las em terras vicentinas, levando para isso, subentendidamente, o necessário aparelhamento", conforme Francisco Martins dos Santos, *Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo*, número dedicado ao transcurso do IV Centenário da Paz de Iperig (Ubatuba) – 1563-1963. (P.B.B.)

7. Como diríamos um porco de São Martinho, ou um cordeiro pascal.
8. Harcourt faz menção de um cacique chamado Ipero no país dos arracooris, perto do Wiapoc. *(Harleian Miscellany,* vol. 3, 184.) Aqui temos pois a língua tupi a estender-se até à Guiana.
9. Nas *Notícias,* Ms., se diz (2, 51), que os dentes destas tribos não eram susceptíveis de se deteriorarem. Mas a prontidão com que neste caso se recomendou a extração, implica certamente o conhecimento da dor de dentes.
10. Dos milagres, que relata Simão de Vasconcelos, alguns se explicam pela qualidade da pólvora.

. . . .

Capítulo VIII

TOMÉ DE SOUSA GOVERNADOR-GERAL DO BRASIL – LEVA PARA A AMÉRICA OS PRIMEIROS JESUÍTAS A CONVERTER OS NATURAIS – OBSTÁCULOS QUE ENCONTRAM – ANTROPOFAGIA – LÍNGUA E ESTADO DAS TRIBOS TUPIS

Males do sistema vigente no Brasil

Cast. Lus. **L. 1, § 18**

MEIO SÉCULO tinha decorrido da conquista do Brasil; e tanto capital havia ali já enterrado, que principiaram estas colônias a olhar-se como possessões de não pequena monta. Cada governador de capitania exercia ilimitada autoridade, o que equivale a dizer que também abusava dela. Estavam a propriedade, a honra e as vidas dos colonos à mercê destes senhores, e gemia o povo sob a opressão intolerável.[1] Chegaram as queixas aos ouvidos do rei; pesou este as vantagens que prometia o país, especialmente para o cultivo do açúcar, e o perigo de lograrem os franceses estabelecerem-se ali, ganhando os naturais à sua parcialidade; e resolveu revogar os poderes dos diferentes donatários, deixando-os na posse de suas concessões, e nomear um governador-geral[2] com plena alçada civil e militar. Foi Tomé de Sousa o escolhido para este elevado cargo, fidalgo, bem que bastardo, experimentado nas guerras da África e da

Nomeia-se um governador-geral. *Notícias,* **Mss. 2, 2**

Ásia. Levou instruções para fundar na baía de Todos os Santos uma cidade, forte bastante não só para impor respeito aos indígenas, mas também para poder resistir aos ataques de qualquer inimigo mais formidável; sábia previsão esta de competências européias. Devia chamar-se de São Salvador[3] e estabelecer-se ali a sede do governo: uma pomba branca com três folhas de oliveira no bico em campo verde,[4] foram as armas dadas à nova cidade. Aparelhou-se uma expedição composta de três galeões, duas caravelas e um bergantim, indo na armada trezentas e vinte pessoas ao soldo d'el-rei, quatrocentos degredados[5] e duzentos e oitenta colonos, perfazendo todos o número de mil. Foi Pedro de Góis, o mal-aventurado donatário da Paraíba, como capitão da frota: assim teve ao menos a satisfação de ver erguer-se uma capital no país, que ele tanto amava, e em que vira naufragar sua fortuna. Embarcaram nesta expedição seis jesuítas, os primeiros que viram o Novo Mundo.

Andrada. *Crôn. d'el-Rei D. João III,* **4, 32.** *Notícias*, **Mss. P. 2, c. 5; Id. 2, 1, Id. 1, 44**

Era D. João III o grande benfeitor dos jesuítas, seu primeiro, seguríssimo e mais útil amigo. Já mandara São Francisco Xavier ao Oriente, e agora principiavam a dar-lhe cuidado as almas dos seus súditos brasileiros. Supersticioso até ao último ponto, tinha João III também verdadeira devoção; sua mal dirigida fé fazia dele um escravo de fórmulas absurdas, e tornava-o cruel e intolerante para os que seguiam outro credo; mas tanto produzia o mal como o bem. Um zelo leal e sincero o animava de derramar a sua religião por entre os pagãos; e cristianismo, ainda quando desfigurado e aviltado pela superstição, é sempre pelos preceitos morais intrínsecos e dele inseparáveis uma grande e poderosa alavanca da civilização, um grande e inestimável benefício. Confiou ele agora este encargo a Fr. Simão Rodrigues,[6] um dos primeiros discípulos de Loiola, e que tinha introduzido a ordem em Portugal, tornando-se grande favorito d'el-rei. Desde muito que o Padre Simão ambicionava uma missão entre o gentio. Escolhido já antes para companheiro de Xavier, havia ele sido detido em Lisboa por serviços menos brilhantes, embora não menos importantes para a Companhia; e agora esperava que, concluída a sua obra em Portugal, onde bem arraigada ficava a ordem, se lhe permitisse dedicar o resto da vida aos selvagens do Brasil.

Mostra-se o rei solícito pela conversão dos brasileiros

Nomeia-se uma missão jesuítica

Pesaroso como ficava por separar-se dele, cedeu o rei a suas veementes instâncias: anuiu Loiola, e resolveu-se que ele partiria tanto que Fr. Martinho de Santa Cruz voltasse de Roma, aonde fora por matéria de muito subido alcance para a província jesuítica em Portugal. Morreu Martinho, e tão grande peso de negócios devolveu a sua morte sobre o padre Simão tornando tão indispensável a sua presença na província, que forçoso lhe foi abandonar a esperança de ser o apóstolo do Brasil. Nomeou pois chefe da missão em seu lugar o Padre Manuel da Nóbrega, a quem deu por companheiros os padres João de Aspilcueta, Antônio Pires, Leonardo Nunes, e os irmãos leigos Vicente Rodrigues e Diogo Jácomo. Tão grande parte tomaram os jesuítas na história da América do Sul, que estes primeiros nomes se tornam dignos de memória. Era Nóbrega português e de nobre família. Vendo fugir-lhe uma honra colegial, a que era candidato, e a que se julgava com melhor direito do que o seu feliz rival, renunciou ao mundo numa veleidade de desgosto;[7] mas mal pensava ele então que esta renúncia devia fazê-lo representar nesse mesmo mundo um papel muito mais importante, do que de outra forma lhe caberia com todos os seus talentos e lisonjeiras esperanças. Em abril de 1549 chegou a armada à Bahia. Vivia então o velho Caramuru tranqüilo e sossegado a breve distância da deserta cidade de Coutinho.[8] De grande préstimo foi ele ao governador, conciliando-lhe os ânimos dos tupinambás, enquanto Marcos[9] Álvares, um de seus filhos, estabelecia por igual forma boa harmonia com os tapuias. Reuniram-se os índios em grande número para verem o desembarque, mas tiveram de depor os arcos antes que se aproximassem, sendo este o penhor de paz. Aquartelaram-se os portugueses no velho estabelecimento, como num campo forte, mas Tomé de Sousa não gostou da situação; celebrou-se a missa do Espírito Santo antes de se passar a escolher outra melhor, fixando-se a escolha num lugar, meia légua dali, abundante de fontes e quase cercado de água. Vencidos da influência do Caramuru, do bom proceder do governador, e dos tesouros trazidos para escambo, trabalharam os tupinambás voluntários nas edificações. Duas baterias se ergueram do lado do mar, e quatro do da terra; principi-

Primeiros jesuítas na América do Sul

Vasc. *Cr. Comp.* **1, § 5-7. B. Teles** *C. da Comp.* **L. 3, c. 2**

Funda-se a cidade de S. Salvador. *Notícias*, **Ms. P. 2, c. 2**

Nóbrega. *Div. Avis*. **33. Andrada, 4, 32**

ou-se uma sé, um colégio para os jesuítas, um palácio para o governador e uma alfândega; tinha el-rei tomado a si a colônia e tudo se fez nessa conformidade. Em quatro meses[10] estavam em pé um cento de casas, e muitas plantações de cana-de-açúcar nas vizinhanças. Por este tempo foi um dos colonos morto a oito léguas da nova cidade por um indígena, circunstância que pôs em grave risco o recente estabelecimento. Não podia o governador deixar passar o delito, sem exigir a entrega do delinqüente, que fora isso dar calor aos naturais, ensinando-os a desprezarem-lhe o poder; e se os tupinambás acaso protegessem o criminoso, não estava ainda a fortaleza em estado de defesa. Felizmente tinha sido o selvagem manifestamente o agressor, pois que foi entregue; e amarrado à boca de uma peça o mandou Tomé de Sousa atirar pelos ares, desfeito em pedaços.[11] Mais humano para o padecente, mais terrível para os espectadores, não há suplício imaginável. Encheu de terror os tupinambás e foi útil lição aos colonos, que se abstiveram de meterem-se imprudentes entre os índios. Em pouco tempo estava erguida uma muralha de barro, como fortificação provisória suficiente para tal inimigo.

Nóbrega. *Notícias*, **Ms. 2, c. 3-4**

No ano seguinte chegaram suprimentos de toda a espécie, e calculou-se 300.000 cruzados a despesa total dos dois armamentos. Veio no terceiro ano nova armada, na qual mandava a rainha muitas órfãs de família nobre, educadas no respectivo convento; haviam de ser dadas em casamento aos oficiais e receber da fazenda real negros, vacas e éguas de criação. Vinham também rapazes órfãos, para serem educados pelos jesuítas; e ano após ano chegavam navios com suprimentos e reforços. Tão vigorosas medidas asseguravam o bom resultado; rapidamente cresceu a nova colônia, e da sua prosperidade participaram as demais capitanias. Todas as visitou o governador, proveu às suas fortificações, e regulou-lhes a administração da justiça.

S. Vasc. *C. C.* **1, § 94.** *Div. Avis.* **45, 49**

Notícias, **Ms. 2, c. 4**

Proceder dos jesuítas

Desde logo principiou da parte dos jesuítas para com os naturais esse sistema de beneficência de que estes jamais se afastaram até a sua extinção como ordem. Grandes e numerosos eram os obstáculos à cometida empresa. Aqui não podiam eles, como judiciosamente haviam feito no Oriente, acomodar a ensinada doutrina à crença estabelecida no país, com

o que persuadiam o povo que antes reformavam e elucidavam uma religião antiga, do que pregavam outra nova, levando assim o gentio a conformar-se com o que reputavam essência do cristianismo, conformando-se eles próprios com o que lhes podia sofrer a latitudinária prudência. Mas a religião, o orgulho, e a alegria dos selvagens brasileiros eram as suas festas antropófagas, e não tendo os europeus até então procurado refrear este costume entre os seus aliados, mais difícil se tornava extirpá-lo. Já se viu como um intérprete francês aconselhava os tupinambás, a que comessem Hans como português, e os portugueses permitiam da mesma forma que os seus aliados olhassem os inimigos como feras, que cumpria destruir e devorar. Ainda mais; como estes banquetes tornavam mais exterminadora a guerra, parecia-lhes boa política acoroçoá-los, e por esta política, se reprimia, como de costume, o horror natural da humanidade, e se tinham em nada os mais santos mandamentos da religião.

Antropofagia

Sacerdotes, guerreiros, mulheres e crianças, todos olhavam esta prática abominável com igual deleite, com igual interesse. Era o triunfo do vencedor, era um sacrifício expiatório aos manes dos irmãos trucidados; era a festa pública em que as velhas assoalhavam os seus mistérios domésticos; era o dia de júbilo para os rapazes. Se o demônio da mitologia romana inventasse um escolho em que se partissem os esforços para converter estes povos, não o achara melhor nem mais eficaz; por isso também lhe atribuíram os jesuítas todo o mérito da invenção.

Já na história de Hans Staden se representaram os primeiros atos desta tragédia; tinham-lhe rapado a barba e as sobrancelhas, e passara ele pela cerimônia da dança: as cenas finais seguiam-se nesta ordem.

Cerimônia que se observam com um cativo

Enquanto se faziam os preparativos da festa, designava-se uma mulher para guardar o prisioneiro e coabitar com ele, sem que o apresador escrupulizasse em dar para isto a irmã ou a filha. Era opinião deles que o filho provinha unicamente do pai, recebendo assim nutrição e nascimento da mãe, nada mais porém.[12] Desta opinião se tirava uma horrível conseqüência; deixava-se crescer a prole de um cativo: as circunstâncias do lugar do seu nascimento e criação nenhum sentimento humano a favor dela provocavam; não se es-

Staden, L. 2, c. 29
De Lery, C. 14

Conseqüências da teoria da geração

quecia que era do sangue e carne dos inimigos, e logo que se achava para isso nas condições mais favoráveis, era morta e devorada.[13]

Oficiava como matador o mais próximo parente da mãe, à qual cabia o primeiro bocado. Mas a natureza humana participa tanto dessa bondade original, de que procede, que jamais pode perverter-se totalmente. Muitas vezes as mulheres tomavam substâncias, que provocavam o aborto, não querendo passar pela miséria de verem trucidada a prole; e não raro favoreciam a fuga dos tristes maridos de alguns dias, pondo-lhes comida nos bosques, e até escapulindo-se com eles. Freqüentemente sucedeu isto a prisioneiros portugueses; os índios brasileiros porém julgavam desonrosa a fuga, nem era fácil persuadi-los a tomarem-na. Também por vezes se achava uma mãe, que resoluta defendia o filho, até vê-lo em estado de vencer o caminho para a tribo paterna.

Notícias, **Ms. 2, 69. Herrera, 4, 3, 13**

Notícias, **Ms. 2, 69**

Preparavam as mulheres seus vasos de barro, faziam o licor para a festa, e torciam a *muçurana,* ou comprida corda de algodão, com que se ligava a vítima. Nada havia em que se dessem tanto trabalho como em fazer estas cordas; de tão maravilhoso entrançado as fabricavam algumas tribos, que se supõe seria cada uma produto da indústria de um ano. Uniam-se algumas em um laço, de um intrincado apuro, de que poucos vinham a cabo. Depois de prontas mergulhavam-se numa espécie de visco branco, secavam-se e cuidadosamente enroladas guardavam-se num vaso novo pintado. Algumas das principais personagens vestiam-se para a cerimônia; cobriam o corpo de goma, com que seguravam penas miúdas[14] primorosamente coordenadas por suas cores. Faziam fios de plumas, com que ornavam a *ywarapemme,* ou clava do sacrifício, enfeitavam-na com braceletes de conchas, e untavam-lhe a folha de goma, sobre que espargiam um pó fino, feito de cascas de ovos cor de cinza. Com um ponteiro traçava neste pó uma das mulheres qualquer figura informe, enquanto todos dançavam à volta dela; passando-se depois a decorar a cabeça e rosto da vítima pelo modelo da maçã. Pendurava-se então a

Anon, em Purchas, P. 1295

Pedro Correia. *Div. Avis.* **ff. 142. De Lery, 8**

arma, e principiava a festa de beber, a que assistia o prisioneiro, tomando parte também nas libações.

Staden, L. 2, c. 29

Era de descanso o dia seguinte: os efeitos da embriaguez provavelmente assim o tornavam necessário, erigia-se contudo na área uma choça para o cativo, e ali passava ele, sob boa guarda, a última noite da sua vida. De manhã seis ou sete mulheres das mais velhas, não raro, segundo se diz, de cem e cento e vinte anos de idade, o esperavam à porta: iam nuas, mas besuntadas de vermelho e amarelo, com colares e cintos. Levava cada uma seu pote, em que receber o quinhão que lhe coubesse no sangue e entranhas desta nova vítima; e faziam tinir estes vasos uns contra os outros ao dançarem e uivarem à volta do desgraçado. Demolia-se a cabana, e limpava-se a área. As mulheres traziam para fora a *muçurana* dentro da sua urna, e depunham-lha aos pés: entoavam um canto de morte, em que o resto as acompanhava, enquanto os homens passavam o laço à volta do pescoço da vítima, apanhavam as pontas, e as deitavam ao braço da mulher, que tinha o preso a seu cargo, e que às vezes precisava de quem a ajudasse a suportar o peso. Aludia o canto ao preso do laço: somos, dizia a letra, os que alongam o pescoço do pássaro; e em outro lugar burlava-se do pobre, que não podia soltar-se: se fores um papagaio, daninho aos nossos campos, baterás as asas e fugirás.

Vasc. *Vida d'Almeida,* **3, 3, 96**

Anon, em Purchas, P. 1295

Agora tomavam vários homens as pontas da *muçurana* puxando para todos os lados e deixando sempre no meio o prisioneiro. Durante todas as cerimônias mostrava-se este tão disposto a morrer, como eles a matarem-no, e insultava-os, dizendo-lhes quão bravamente pelejara contra eles, e gritando a um que lhe derribara o pai, a outra que lhe *bucanara* o filho. Depois de ter isto durado arrazoado espaço, ordenava-se-lhe que se fartasse de contemplar o sol, pois que não mais o veria. Ao lado lhe punham pedras e cacos de cântaros, e diziam-lhe que antes de morrer vingasse a sua morte, e que peado como estava pelas cordas com que de todos os lados o puxavam, e cobertos como os sacrificadores estavam com seus escudos, ele não raro fazia à custa destes. Concluído isto acendia-se-lhe diante a fogueira em que se lhe haviam de assar os membros. Saía depois ao terreiro uma mulher com a *ywarapemme,* à roda da qual tinha havido de cantar e dançar desde o romper dalva; trazia-a

também dançando e berrando, e ia brincar com ela à cara da vítima. Um dos homens lha tomava da mão, e apresentava-a direita ao cativo, que a visse bem. Descia agora à área o que devia servir de magarefe, com quatorze ou quinze amigos escolhidos, vestidos de goma e penas ou de goma e cinza. Ele próprio vinha sempre emplumado. O que tinha a clava apresentava-a a esta principal personagem da festa; mas o cacique da horda intervinha, tomava-a ele mesmo, e passando-a com muitos gestos extravagantes para diante e para trás por entre as pernas, e assim a entregava ao matador, que se adiantava então para o prisioneiro, dizendo: olha, aqui estou eu, que vou matar-te, porque tu e o teu povo tendes morto e devorado muitos dos nossos irmãos. Dava o outro em resposta: é o azar da vida; muitos são os meus amigos, e eles me vingarão. Feito isto, o canibal brasileiro (muito mais clemente do que as tribos setentrionais antropófagas) atordoava a vítima ou fendia-lhe o crânio de um só golpe.

Staden, L. 2, c. 29
De Lery, C. 15

Imediatamente se apoderavam do corpo as mulheres, que arrastando-o para a fogueira ali o escaldavam e esfolavam. A que coabitara com o prisioneiro, exprimia algumas lágrimas poucas sobre ele, e fazia consistir o seu pundonor em alcançar sendo possível, o primeiro bocado. Os braços cortavam-nos rente pelos ombros, e as pernas acima do joelho, e tomando cada uma o seu membro, dançavam quatro mulheres à volta da área. Abria-se então o tronco. Deixavam-se os intestinos às mulheres, que os ferviam e comiam em caldo; cabia-lhes igualmente a cabeça; mas a língua e miolos eram quinhão das crianças, que também se besuntavam de sangue. O dedo polegar punha-se de parte, pelo préstimo que tinha na flecharia, arte a respeito da qual eram os índios singularmente supersticiosos: o que dele se fazia não é liquido, sabe-se só que não era comido como o resto. As partes carnosas iam para o *bucan,* e depois de curadas freqüentemente se guardavam para outras festas.

A todas estas operações presidiam as velhas, que pelo muito valor que adquiriam por estas ocasiões, exultavam sempre como verdadeiros demônios sobre um prisioneiro. Punham-se ao lado do *bucan,* aparando a gordura, que caía para que nada se perdesse, e lambendo os dedos neste maldito mister. Não havia parte do corpo que não se devorasse; e para que todos os presentes provassem do seu inimigo, se eram muito numerosos, cozia-se numa enorme caldeira um dedo da mão ou

do pé, e servia-se o caldo à roda. A cada cacique[15] que ou pela distância a que se achava, ou por doente não podia comparecer, mandava-se um pedaço, de ordinário uma mão, ou pelo menos um dedo. Os ossos dos braços e pernas guardavam-se para fazer flautas; os dentes se enfiavam em colares; o crânio se arvorava à entrada da aldeia, ou servia de taça para os banquetes, à maneira dos antigos escandinavos.

Vasc. *Vida d'Almeida,* **3, 2, § 7**

Div. Av. **57**

Em memória honrosa do seu feito, tomava um cognome o autor da festa, e suas parentas corriam por toda a casa, proclamando-lhe o novo título. O cacique da horda fazia nos braços do matador acima do cotovelo escarificações, que deixavam indelével marca, e era esta a condecoração a que mirava toda a ambição, era o mais honroso distintivo. Alguns sarjavam o peito, braços e coxas nestas ocasiões, e esfregavam as incisões com um pó negro, cuja mancha nunca mais se apagava. Depois disto metia-se o herói da festa na sua rede e punha-se todo o dia a atirar ao alvo com um arco pequeno, receoso de que a matança lhe tivesse feito perder a arte de flechar. Entre algumas tribos esfregavam-lhe o pulso com um dos olhos do morto, e penduravam-lhe do braço a boca à guisa de bracelete.

De Lery, C. 7, 14

Staden, L. 2, c. 29.

Tinham os selvagens aprendido a olhar a carne humana como a mais preciosa das iguarias.[16] Por mais deliciosos porém que se reputassem estes banquetes, o maior sabor vinha-lhes sempre da vingança satisfeita; e era este sentimento, e o pundonor a ele ligado, que os jesuítas acharam mais difícil de extirpar. Da vingança tinham os indígenas brasileiros feito sua paixão predominante, exercendo-a pelo mais mesquinho motivo, para com os que davam pasto e força a uma propensão já por si assaz forte. Comiam o réptil que os molestara, não brincando, como o macaco, mas confessadamente pelo gosto da vingança. Se um dava uma topada em uma pedra, enfurecia-se contra ela, e mordia-a como um cão; se uma seta o vinha ferir, arrancava-a e troncava-lhe a haste. Quando apanhavam em uma cova alguma fera, matavam-na pouco a pouco, para a fazerem sofrer o mais que podiam. Tinham até exclamações próprias que usavam para exprimir o triunfo e o prazer que sentiam ao verem ou ouvirem relatar o martírio de um inimigo.

Nóbrega. *Div. Avis.* **ff. 34. De Lery, C. 10, 13, 9. Luís Figueira,** *Arte da Língua Brasílica,* **147**

Costumes das tribos tupis

Nem todos os indígenas brasileiros eram antropófagos. Parece que a raça tupi trouxe do interior este costume, que se encontra em todos os ramos deste tronco.[17] Foi por eles que os jesuítas deram princípio à obra da conversão. Já muito se tem dito incidentalmente acerca dos hábitos destes selvagens, e será talvez aqui o lugar de acrescentar o mais que a este respeito se pôde colher.

Língua

Hervas, *Int.*, **art. 3, § 13, Tr. 1, § 3**

Os tupis do Brasil, os guaranis do Paraguai, e os omáguas do Peru (entre os quais e os guaranis mais próximos, medeia, diz Hervas, um caos de nações) todos falam dialetos da mesma língua, de que se podem achar vestígios por uma extensão de setenta graus.[18] A língua mãe é a guarani, que é a mais artificial, como a grega o é mais que a latina, e esta mais do que nenhum dos dialetos modernos que de suas ruínas nasceram. Traz em si o cunho de língua primitiva, pois abunda em monossílabos; exprime a mesma palavra diferentes idéias, como no chinês, segundo é diversamente acentuada; e afirma-se que cada termo se explica a si mesmo, o que provavelmente quer dizer que muitos são onomatópicos, e que os compostos e derivados se formam regularmente. Contudo pela variedade dos seus acentos é a mais difícil de todas as línguas americanas.

P. Tomé. *Let. Edif.*, **T. 8, pág. 239. Hervas,** *Tr.* **2, c. 3, § 162**

Guerreiro, *Rel. An.* **1603, P. 111**

Dezesseis[19] tribos ou nações conta Hervas, que formavam dialetos desta língua, e cinqüenta e uma,[20] cujas línguas são diversas; mas destas últimas muitas não tinham sido ainda assaz estudadas, nem se averiguou ainda número das suas raízes. Falava-se tupi por toda a costa do Brasil, e muito pelo sertão adentro, provavelmente por sobre uma superfície muito maior do que nenhuma outra das línguas americanas. Uma particularidade notável deste idioma é nunca aparecer *b* no princípio de uma palavra sem um *m* anteposto, e serem *mb, nb, nd* e *ng* as únicas consoantes que se empregam juntas. Não tem *f, l* nem *rr.*[21] Esta deficiência da língua tupi forneceu aos autores portugueses um conceito favorito, repetido por uns após os outros, que os selvagens não tinham nenhuma destas letras, por que também não tinham *fé, lei,* nem *rei.* Anchieta diz que eles não têm *s* nem *z*, usando em seu

Anchieta. *Arte da Língua do Brasil,* **P. 1**

lugar o *ç*; a academia espanhola descartou-se deste caráter, substituindo-lhe o *z*, mas a língua portuguesa ainda o conserva. A superabundância de vogais em um idioma é talvez o mais decisivo sinal do seu estado simples e imperfeito, pois revela ignorância da variedade de sons que podemos pronunciar. Explica isto como podem existir entre as tribos sul-americanas tantas línguas manifestamente cognatas, contudo tão dessemelhantes, que uma horda não entende a outra. As consoantes são os pilares, os ossos para assim dizer, do discurso; tirai-as, e a mais leve alteração transtorna a forma e o contexto dos materiais fluidos que restam.

Os nomes dos algarismos são extremamente bárbaros[22] nem passam de cinco. Os números maiores exprimem-se com auxílio dos dedos.[23]

Tupã é a palavra com que designam Pai, o Ente Supremo e Trovão;[24] fácil é a transição da primeira para a última significação, e daqui compôs a bárbara vaidade de algumas tribos um nome para si mesmas. Nestas palavras se compreende e explica conjuntamente toda a teologia daqueles selvagens. Nenhuma prece dirigiam eles a este Pai Universal, que não era objeto nem de temor nem de esperança. O diabolismo tinha raízes mais fundas: sonhos, sombras, pesadelos e delírio engendraram superstições, que uma espécie de velhacos têm sistematicamente aumentado e fortificado. Os *pajés,*[25] como os chamavam, eram ao mesmo tempo charlatões, politiqueiros e sacerdotes: o ritual do seu caráter sacerdotal reduzia-se a fazer a *maracá* e as momices respectivas; mas há razão para crer que os segredos da sua astúcia eram de caráter mais audaz. Os que mais intimamente conviveram com os selvagens brasileiros têm asseverado que estes eram ainda em vida terrivelmente atormentados pelo Demônio.[26] Histórias semelhantes nos vêm de tantas partes do mundo, corroboradas por tão numerosos e irrecusáveis testemunhos, que só a presunçosa ignorância, que desdenhosa declara falso o que não compreende pronto, as pode rejeitar. O chefe de um dormitório costumava às vezes de madrugada, correndo sem ser visto à roda das redes, arranhar com o dente de um peixe as pernas às crianças. Isto porém o fazia para que estas mais facilmente se deixassem aterrar quando depois lhes dissessem que aí vinha o papão, tutu ou coco. Ora o que faziam às crianças, é de crer que os *pajés* lhes fi-

Pajés

H. Staden, 2, 20

zessem a eles próprios; mal se pode pôr em dúvida que estes lhes apareciam debaixo de disfarces hediondos e medonhos, espancando-os e atormentando-os quando era propícia a ocasião. Nada podia haver que diabos desta espécie tanto temessem como a luz; isto o tinham descoberto os selvagens, e conservavam toda a noite o fogo a arder em casa, sendo disto a principal razão não se poderem aproximar do lume os espíritos malignos; nem todas as vezes que podiam evitá-lo, se aventuravam os índios jamais no escuro sem um facho aceso.

Div. Avis. **39, H. Staden, 2, 7**

Viviam os *pajés* só em cabanas escuras, cujas portas eram extremamente pequenas, não ousando ninguém transpor-lhes os umbrais. Tudo o que pediam se lhes dava. Pregavam que era pecado abominável recusar-lhes a filha, ou qualquer coisa que exigissem; e poucos ousavam incorrer no pecado, pois se os *pajés* prediziam a morte de alguém que os tivesse ofendido, imediatamente se recolhia o delinqüente à sua rede, em tão viva expectação de partir-se da vida, que nem comia nem bebia, sendo assim a predição uma sentença que a fé se encarregava de executar. Como benzedeiros praticavam os *pajés* o que é de estilo entre os conjuradores selvagens; chupavam a parte afetada, e apresentavam um pedaço de pau, osso ou outra qualquer substância estranha, pretendendo havê-la extraído com a operação.

Notícias, **Ms. 2, 64, 2, 66**

Os jesuítas, que acharam São Tomé no Oriente, também lhe descobriram os vestígios no Ocidente. O Tomé Caromandei foi um sírio, quem seria porém o do Brasil?

S. Tomás Apóstolo

Dos tupinambás soube Nóbrega que duas pessoas, uma das quais chamavam Zomé (Sumé), lhes haviam ensinado o uso da mandioca. Seus avós, contavam eles, desavieram-se com estes benfeitores e contra eles dispararam setas; mas as flechas, volvendo atrás, vieram matar os que as haviam despedido, e as florestas abriram caminho a Zomé para a sua fuga, e os rios separaram suas águas para lhe darem passagem. Acrescentavam que este lhes havia prometido voltar, e mostravam as milagrosas pegadas que deixara impressas na praia. O nome segundo todas as probabilidades, é uma corrupção do Zemi do Haiti, divindade, ou pessoa divinizada. No Paraguai chamavam-no Paizume, palavra composta, com que designavam os seus sacerdotes.

Div. Avis. **ff. 34, 41**

Atentamente ouvida uma exposição do sistema cristão, disse um velho tupinambá aos franceses que as mesmas doutrinas ali tinham sido já pregadas, tantas luas havia que o número se não podia recordar, por um estrangeiro vestido como eles, e também barbado. Suas palavras não tinham sido escutadas, e após ele veio logo outro, que entregou uma espada como sinal de maldição. A memória disto, ajuntou o narrador, passou de pais a filhos. O que há aqui mais singular é a referência a tempos anteriores à época da espada; onde quer que se descobre alguma tradição de uma idade de ouro, implica ela conjuntamente um reconhecimento e uma prova de degradação da raça.

De Lery, C. 16

Thevet fala no Grão Caraíba, que os índios tinham em tanta veneração como os turcos a Mafoma, e que lhe ensinou tanto o uso do fogo como o das raízes alimentícias. Deu a mandioca a uma rapariga, e mostrou-lhe como cortá-la em lascas, e prepará-la. Se Thevet tivesse procurado identificar esta personagem com S. Tomé, a sua conhecida velhacaria lhe teria desacreditado o testemunho; mas ele nada sabia desta hipótese (que em verdade ainda então não estava inventada), e parece certo que tradições semelhantes corriam entre os selvagens a respeito de um, que fora o maior benfeitor da sua raça.

Thevet, ff. 46, 51

A mandioca

Se Ceres mereceu um lugar na mitologia da Grécia, com muito maior razão se devia esperar a deificação de quem ensinou aos seus irmãos o uso da mandioca. Esta raiz comida crua, ou de qualquer modo que lhe não extraia o suco que tem, é veneno letal; ora dificilmente se concebe como selvagens poderão jamais descobrir que daqui se prepara um alimento sadio. O modo por que procedem, é raspando-a com casca de ostras, ou com um instrumento feito de pedrinhas agudas encabadas num pedaço de casca de árvore, até reduzi-la a uma polpa delgada; esta polpa esfrega-se ou mói-se com uma pedra, e espremido cuidadosamente o sumo, evapora-se pelo fogo o resto de umidade que fica. Este processo em si passava por ser operação nociva à saúde, e os escravos, a quem ele incumbia, tomavam no alimento as flores do *nhambi* e a raiz do *urucu* para fortificarem o coração e o estômago. Não tardaram os portugueses a construir moinhos e prensas para este efeito. Costumavam espremer a

***Notícias*, Ms. 2, 35. De Lery, C. 8 Thevet, ff. 111**

Piso, L. 4, c. 2

Notícias, **Ms. 2, 35. Piso, P. 48**

mandioca em lojas subterrâneas e lugares, onde menos probabilidade houvesse de algum acidente funesto; diz-se porém que naqueles locais se achava um inseto branco, gerado por este suco letal,[27] e ele próprio não menos letal, com que as indígenas envenenavam às vezes os maridos, e os escravos os senhores, misturando-lhos na comida. Um cataplasma de mandioca com seu suco era reputada excelente remédio para postemas; também se administrava contra lombrigas, mas de que modo não se diz; e aplicava-se igualmente a feridas antigas, para comer-lhes a carne chagada. Para alguns venenos, e para a mordedura de certas cobras, passava por ser antídoto incomparável. O simples suco servia para limpar o ferro. A qualidade venenosa limita-se à raiz, pois que as folhas da planta comem-se, e até o próprio líquido pode tornar-se inocente com fervuras, e fermentado reduzir-se a vinagre, ou coalhar-se até ficar doce bastante para servir de mel.

Notícias, **Ms. 2, 35**

Monardes, ff. 103

Marcgraff, que desta importante raiz nos deu a mais minuciosa notícia, distingue-lhe vinte e três espécies, nove das quais têm a palavra *mandibi* composta nos nomes, que as designam, principiando os das outras todas *aipi*. Mas nem ele, nem nenhum dos autores que têm escrito sobre o Brasil, falam duma espécie, que perfeitamente inóxia no seu estado de crueza, é descrita por esse homem eminente e interessantíssimo escritor, o capitão Filipe Beaver, como cultivada na África e desconhecida nas Índias ocidentais. É contudo indígena do continente espanhol e atualmente sob o nome de macaxeira vulgar no Brasil, onde a sua existência explica algumas asserções, que aliás seriam contraditórias. Porquanto nas *Noticias* se diz que o gado come estas raízes, e com elas se dá bem, e logo adiante se acrescenta que o sumo é mortal para todos os animais; e Lery, depois de fazer-nos, do veneno, a mesma pintura terrível que debuxam os demais autores, diz que o suco, que no seu aspecto se assemelha ao leite, endurece ao sol, e a coalhada se prepara como ovos. O sedimento que deposita o sumo, é esse artigo de dieta para inválidos tão bem conhecido pelo seu nome indígena de *tapioca*.

Monardes, ff. 103. *Notícias*, **Ms. 2, 35**

De Lery, C. 9

Piso, L. 4, c. 2

Id

Não há cuidados que possam preservar por três dias a raiz crua, e a menor umidade estraga a farinha. Piso observa que viu origina-

rem-se entre as tropas terríveis males por a comerem neste estado. Dois modos de preparação havia, com os quais melhor se conservava. Talhavam-se as raízes debaixo de água e depois eram secas ao fogo; quando delas se queria fazer uso, reduziam-se a um pó fino, que, batido com água, tornava-se qual creme de amêndoas: o outro método era macerar a raiz em água até ficar pútrida e depois curá-la ao fumo; e assim, pisado em almofariz, dava uma farinha tão branca como a de trigo. Os selvagens desta sorte a preparavam freqüentemente. A preparação mais delicada porém era passá-la por uma peneira, e pôr a polpa imediatamente ao lume num vaso de barro; assim se granulava, e quente ou fria, era excelente.

Notícias, **Ms. 2, 38**

Staden, 2, 11

Notícias, **2, 35**

Rude e sumário era o sistema indígena de cultivar esta planta; derrubavam as árvores, deixavam-nas secar, queimavam-nas então, e plantavam a mandioca por entre os troncos. Comiam a farinha seca dum modo inimitável; porquanto, tomando-a entre os dedos, atiravam-na à boca tão limpamente, que um só grão não caía fora. Jamais houve europeu, que tentasse fazer esta habilidade, sem empoar a cara ou os vestidos, com grande risota dos índios. Quando falhava a mandioca, recorriam estes à urucuriba, espécie de palmeira, cuja madeira, rachada, socada e pulverizada, dava uma sorte de farinha, que se chamava de-pau; nome que, estritamente significativo no seu emprego originário, se aplica agora com menos propriedade à farinha da mandioca.

Staden, P. 2, c. 11

De Lery, C. 9

Marcgraff, 3, 6

Também fornecia a mandioca aos naturais a bebida para os seus banquetes. Preparavam-na por um processo curioso, que o homem da natureza tem às vezes sido assaz engenhoso para inventar, mas nunca esperto bastante para rejeitar. Lascadas as raízes, ferviam-se até ficarem macias, e punham-se a esfriar. Mastigavam-nas depois as raparigas,[28] após o que voltavam ao vaso, onde, cobertas de água, eram postas outra vez a ferver, sendo entretanto mexidas incessantemente. Concluída esta operação, que era assaz longa, vazava-se o líquido restante em enormes cântaros de barro, enterrados os quais até ao meio no chão da casa, e bem tapados, manifestava-se a fermentação no curso de dois dias. Tinham os índios a estranha superstição de cre-

Bebidas fermentadas

Staden, 2, 15

De Lery, 9, 13

rem que preparado por homens, para nada prestaria este licor. Chegado o dia da bacanal acendiam as mulheres fogueiras à volta destas talhas, e serviam a poção quente em malgas que cantando e dançando vinham os homens receber, e enxugavam sempre duma assentada. Por estas ocasiões fumavam tabaco, uns em cachimbos de barros, outros na casca duma fruta, para esse efeito ocada; ou então enrolavam-se três ou quatro folhas secas dentro duma maior, à guisa de charutos. Enquanto os mais velhos bebiam, dançavam em torno os mancebos solteiros, com castanholas nos tornozelos e nas mãos a *maracá*.

Marcgraff, 57. Claude d'Abbeville, ff. 304

Nestas partidas de libações, jamais os índios comiam, nem cansavam de beber enquanto lhes restava uma única gota do seu licor; exausto quanto havia numa casa, passavam-se para a imediata e assim por diante até terem bebido o que havia na aldeia inteira; e estas festas faziam-se de ordinário uma vez por mês. De Lery foi testemunha de uma, que durou três dias e três noites. Havia duas espécies desta bebida, chamadas *caou-in* e *kaawy,* vermelha e branca, e que deviam ser feitas de raízes diferentes. No sabor diz-se que arremedavam o leite.

De Lery, 9

Por toda a parte, onde se cultiva a mandioca, é esta a bebida, com que os selvagens habitualmente se embrutecem nas suas orgias. Muitas das tribos brasileiras preparavam porém com o caju um licor melhor.[29] Pode o cajueiro dizer-se a árvore mais útil da América. É belo de ver-se a sua pompa, diz Vasconcelos, quando ela em julho e agosto se está revestindo do brilhante verde da sua folhagem; e quando no nosso outono europeu ela se cobre de flores brancas e rosadas, e nos três meses seguintes verga ao peso de seus frutos, que semelham jóias pendentes. Têm suas folhas um cheiro aromático, suas flores exalam deliciosa fragrância, sua sombra é fresca, e em extremo agradável. Ressuma-lhe do tronco uma resina em nada somenos da do Senegal, e tão abundante, que imita gotas de chuva que caíssem na árvore: usavam-na os índios como medicina, moída e dissolvida em água. Não é mui vulgar no sertão, mas perto da costa, léguas e léguas de terras, que aliás seriam estéreis, se vêem cobertas desta árvore admirável; e quanto mais arenoso o terreno, e seca a estação, mais ela parece dar-se bem. A posse dum sítio onde ela crescesse em abundância, tinha importância tal, que às vezes

Caju

provocava guerras. A fruta é esponjosa e cheia dum sumo delicioso; de qualquer forma é excelente; tanto no seu estado natural, como seca e posta em conserva. A semente que em forma de fava dá na extremidade do fruto, é bem conhecida na Inglaterra sob o nome de castanha-de-caju e muitas vezes ia dar às praias de Cornualhes antes da descoberta da América. Muitas tribos contavam os seus anos pela frutificação do cajueiro, pondo de cada vez uma castanha de parte. A época da colheita era um tempo de folgança e alegria como a vindina em outros climas. Extraía-se simplesmente o líquido, ia espremendo a fruta na mão, já pisando-a num almofariz de madeira; o seu sabor é forte e inebriante, e em seis meses torna-se vinagre, sem contudo perder de todo o paladar vinoso. Espremido assim o suco, secava-se a polpa, e reduzia-se a farinha, que os naturais preferiam a qualquer outra, reservando-a como o melhor acepipe. A madeira é rija, e tem sido muito usada para cavernas de botes grandes, prática que deve ter diminuído consideravelmente o número destas inestimáveis árvores. A casca exterior é de cor escura, a interior mais clara. As folhas são de melancólico aspecto na estação chuvosa. Quão preciosa não seria esta árvore nos desertos da Arábia e da África!

Sim. de Vasc. *Cr. da Comp. Not. Ant.* **2, § 81-84. Piso, L. 4, c. 6. Marcgraff, 3, 2**

Amigos como os indígenas brasileiros eram de bebidas fermentadas, nem por isso eram menos caprichosos na escolha da água, do que nós o somos na do vinho, admirando a imprudência ou ignorância dos europeus, que pareciam indiferentes a respeito da qualidade da que bebiam. Preferiam a mais doce, leve, a que nenhum sedimento deixava, e tinham-na em vasos de barro poroso, para que se conservasse fresca com o constante transudar. Água pura exposta ao orvalho da manhã ou ao ar, era um remédio favorito dos empíricos tanto indígenas como portugueses; supunha-se que o ar e o orvalho a temperavam, separando-lhe as partes terrestres das aéreas, filosofia que não pode ser de origem selvagem.

Piso, P. 11

Piso, P. 18

Conhecimentos tóxicos

Estranhas coisas se contam a respeito dos conhecimentos que os índios tinham em matéria de venenos;[30] que as símplices peçonhas lhes fossem familiares, facilmente se acredita, pois muitas deviam ter descoberto no curso de suas longas experiências sobre as ervas, a que a fome compeliria o selvagem, ainda que a própria curiosidade o não instigasse, e o desejo instintivo de achar remédios para as moléstias. Mas que conhecessem formas recônditas de veneno, é em verda-

de digno de notar-se, pois que são atributos estes de um povo altamente civilizado e altamente vicioso. Diz-se que tão obstinados eram em guardar o segredo destas letais receitas, como oficiosos em indicar antídotos. Mas embora haja motivo para suspeitar que estes conhecimentos fossem às vezes, como a feitiçaria, um poder tremendo, inculcado pelos velhacos depois de admitido pelos crédulos, nem por isso deixa de ser fato averiguado que estas peçonhas eram conhecidas de algumas das mais broncas tribos da América do Sul. Talvez esta ciência lhe viesse por tradição de algum estado de civilização de muitas eras já perdidas, e cuja existência mal há sido suspeitada até aos nossos dias, tão poucos vestígios se lhe têm por ora descoberto. Todos os remédios eram símplices. O físico holandês Piso percebeu esta diferença essencial entre a farmácia indiana e a sua própria; nem a este hábil observador escapou a superioridade do princípio da teoria selvagem, recomendando-a afincadamente.

Piso, P. 40

Humboldt, *Narrat. Pessoal*, **5, 514-522**

Piso, P. 81

Cerimônias por nascimento duma criança

Já fica referida a terrível conseqüência que da sua teoria da geração deduziam os índios: deu esta terra também origem a um costume ridículo, que reina sobre grande parte da América do Sul, e que em outras eras se encontrava entre os selvagens da Europa e da Ásia. Apenas a mulher dá à luz, logo o marido se mete na rede,[31] cobre-se muito bem e dali não sai enquanto à criança não cai o cordão umbilical; tão íntima se considera a união entre ele e a sua progênie, que é preciso prestar a um os maiores cuidados para que não sofra a outra.[32] A primeira operação que se fazia à criança, era achatar-lhe o nariz, esmagando-o com o dedo polegar; depois furava-lhe o lábio, se era rapaz; o pai pintava-o de preto e encarnado, e punha-lhe ao lado na rede uma *macana* pequena e o seu arquinho e seta, dizendo-lhe: Quando cresceres, meu filho, sê forte, e vinga-te dos teus inimigos! Às vezes juntava-se a isto um feixe de ervas, como símbolo dos que havia de matar e devorar. O sistema europeu de enfaixar e embalar as crianças pareceu monstruoso a estes homens da natureza. Lavavam-nas a miúdo em água fria, não tanto por amor da limpeza, como para fazê-las robustas e fortes. Singular superstição era a de não matar o marido nenhuma fêmea de animal, enquanto a mulher andava grávida, pois se sucedia andar prenche a dita fêmea, morreria também a criança como castigo do pecado

Notícias, **2, 57**

De Lery, C. 8. *Notícias*, **2, 57**

De Lery, C. 16

Piso, P. 6

cometido contra o mistério da vida. Análogo a este sentimento era o horror com que olhavam o comer ovos; não se podia sofrer, diziam, que se comesse a ave antes de chocada; as mulheres, principalmente, jamais consentiriam que alguém o fizesse na presença delas. Idéia ainda mais ridícula era que o homem tem direito a uma cauda, e com ela nasceria, se o pai do noivo não tivesse a precaução de cortar alguns paus, por ocasião do casamento deste, cerceando assim este apêndice aos futuros netos.

De Lery, C. 11.
Thevet, ff. 83

Mal nascia a criança logo se lhe punha nome. Hans Staden achou-se presente numa destas ocasiões: convocou o pai os mais próximos vizinhos de dormitório, pedindo-lhes para o filho um nome viril e terrível; não lhe agradando nenhum dos propostos, declarou que ia escolher o de um dos seus quatro antepassados, o que daria fortuna ao rapaz, e repetindo-os em voz alta, fixou a escolha. Ao chegar à idade de ir à guerra, dava-se outro nome ao mancebo, que aos seus títulos ia acrescentando um por inimigo, que trazia para casa, a ser imolado.

Nomes

Staden, P. 2, c. 18
P. 2, c. 22

Também a mulher tomava adicional apelido quando o marido dava uma festa antropófaga. De objetivos visíveis[33] se tiravam os cognomes, determinando o orgulho ou a ferocidade à escolha. O epíteto *grande* freqüentemente se compunha com o nome.[34]

Digno se torna de reparo nunca ou quase nunca brigarem entre si os rapazes, apesar de não inculcarem outros princípios que não os de ódio e vingança. Raro são rixosos os selvagens, quando sóbrios, e tão habitual era entre os tupinambás o sentimento do mútuo bem-querer-se, que parece não o perdiam, nem quando ébrios. Um ano viveu de Lery entre eles, sem que presenciasse mais que duas pendências; sossegados e sem intervirem se mantinham os circunstantes, mas se em algumas destas raras ocasiões qualquer injúria se irrogava, executavam sem piedade os parentes do ofendido a pena de talião. Havia na língua deles uma palavra com que designar o amigo amado qual irmão; escreve-se *tóurassap*.[35] Os que assim se entre-apelidavam tudo tinham em comum; tão sagrado como o da consangüinidade se reputava o laço, não podendo um desposar a filha ou irmã do outro.

Harmonia em que viviam os índios

De Lery, C. 18

C. 20

Casamentos

Nenhum mancebo se casava antes de ter aprisionado um inimigo, nem era admitido a tomar parte nas festas de beber enquanto solteiro. Mal uma rapariga se tornava viripotente, cortavam-lhe o cabelo, e escarificavam-lhe as costas, tendo ela de trazer um colar de dentes de animais, até que de novo lhe crescessem as tranças. À volta do tronco e das partes carnosas de um e outro braço lhe passavam cordas de algodão, símbolo da virgindade, e se alguma que não fosse donzela as trazia, cria-se que o *anhangá* a levaria. Parece isto ter sido superstição gratuita; não podia ter sido inventada para guarda da castidade das mulheres até ao casamento, pois que esta se quebrava sem receio, nem era a incontinência olhada como desonra.[36] A castidade, como a caridade, é uma das virtudes da civilização; as sementes acham-se em nós, mas não produzem sem cultura o fruto. O costume de se arrebanharem em grandes dormitórios sem compartimentos, produzia entre os índios um efeito óbvio e pernicioso; desaparecia toda a decência, e a conseqüência era a promíscua luxúria, que a seu turno provocava os mais abomináveis ultrajes contra a natureza. Se o homem se cansava duma mulher, dava-a a quem a quisesse, e tomava quantas apetecia. Tinha a primeira seus privilégios; tocava-lhe um lugar separado no dormitório, e um campo que cultivava para seu próprio uso. Não a tolhiam porém estas prerrogativas que não invejasse as que a suplantavam; e as mulheres que se viam desprezadas, imitando na devassidão os homens se consolavam. De ciúmes parecem nada ter sabido os maridos; nem é talvez sentimento que sem amor possa existir, e o amor é já uma delicadeza da vida civilizada. Prevalecia o costume judaico de tomar o irmão, ou o mais próximo parente para mulher a viúva do finado.

Notícias, 2, 52
Staden, 2, 20

Notícias, 2, 59; 2, 58

Modas das mulheres

Pela maneira por que cortavam os cabelos, se distinguiam algumas tribos. Do comprimento dos seus se desvaneciam as mulheres, que ora soltos os deixavam voar, ora os amarravam rentes à raiz numa ou duas caudas. Gostavam de penteá-los. Para isto lhes servia a casca duma certa fruta, até que os portugueses e os franceses lhes mostraram pentes, de que vivamente se namoraram. Pintavam as faces de vermelho, azul e amarelo, principiando por um ponto no meio, e tirando uma linha espiral, até as cobrirem todas: era isto porém menos magnífico do que a

Staden, 2, 17
Notícias, 2, 44

pele e brilhante plumagem cor de laranja do peito do tucano, que os homens guardavam de ambos os lados do rosto. Também os lugares das sobrancelhas e pestanas tão desarrazoadamente arrancadas, se pintavam. Era-lhes o colar ornato vedado, contando-se tanto este como as pedras faciais e labiais, entre os privilégios viris; mas permitiam-se-lhes os braceletes, e as primeiras palavras que costumavam dirigir a um francês eram: "*Mair,*[37] tu és um bom homem; dá-me contas."

De Lery, C. 8

Rente adiante e cortado pela linha das orelhas usavam os homens o corredio, sedoso e negro cabelo, que atrás lhes caía em ângulos retos sobre os ombros, cortado também a fio direito. Os cocares eram de aprumadas penas do mais brilhante colorido, que reviradas na parte posterior, caíam semelhando um colar. O achatamento artificial do nariz, bem como o cuidado com que arrancavam as sobrancelhas e pestanas (bem como as barbas e quanto pêlo tinham no corpo) hediondamente os desfigurava; vindo ainda o modo selvagem, por que, supondo aformoseá-las, tornavam disformes as faces, agravar esta procurada fealdade. Pendentes das orelhas penduravam ossos brancos; furadas as faces, nelas engastavam outros ossos; e abrindo uma fenda longitudinal debaixo do lábio inferior, faziam-se segunda boca, pela qual, quando punham de parte o apendículo pétreo, ósseo, ou lígneo, soíam passar de tempos a tempos a língua. Contudo o mais singular adorno de que usavam era um suplemento traseiro, chamado *enduape*. Fazia-se pendendo os canos das penas de avestruz ao centro dum círculo, de modo que formasse uma roseta; e em lugar de transferir para a cabeça, à moda dos europeus, uma plumagem de enfeite, que a natureza colocou na outra extremidade, penduravam-na atrás, exatamente no lugar onde teria nascido se o homem fosse empenado como a ema.

Lery, C. 8.
Staden, 2, 16

Condição das mulheres

Quanto mais brutal a tribo, tanto pior é sempre o tratamento das mulheres. A muitos respeitos eram os tupinambás uma raça melhorada: às mulheres cabia um tanto mais do que o seu eqüitativo quinhão no trabalho, mas não eram tratadas com bruteza, nem era no todo desgraçada a sua sorte. Plantavam e secavam a mandioca, semeavam e colhiam o milho. Cria-se que plantado por homens não cresceria o amendoim.[38] Gostavam os tupinambás de guiarem-se nos seus atos por uma teoria física; sendo provável

***Notícias*, 2, 36**

que nesta repartição dos trabalhos agrícolas partissem da mesma hipótese que os selvagens muito mais rudes do Orinoco, que a explicaram a Gumilla. Pai, diziam eles, não entendes o nosso costume, e por isso o desaprovas. Sabem as mulheres como dar à luz, coisa que nós outros ignoramos. Quando são elas que semeiam e plantam, produz o pé de milho duas ou três espigas, a raiz da mandioca dois ou três cestos cheios, e tudo se multiplica da mesma forma debaixo de suas mãos. Por quê? porque as mulheres sabem como dar fruto, e fazer com que as sementes e raízes o dêem igualmente.

Gumilla, C. 45

Lery na edição latina, C. 18

Fiar e tecer (tinham uma espécie de tear) era propriamente ofício das mulheres. Tirado da casca o algodão, reduzia-se a fio; não se empregava roca, e o fuso tinha cerca dum pé de comprimento e um dedo de grossura; passava por uma bolinha e no cimo se prendia o fio. Faziam-no as mulheres girar entre os dedos, e fiando o atiravam ao ar, sem que este trabalho as privasse de irem caminhando. Assim preparavam cordas grossas bastante para suas redes, e também fios tão finos, que um colete deles tecido, que de Lery levou para França, foi ali tomado por seda. Suja a rede, o que depressa devia acontecer com o fumo das eternas fogueiras, lavavam-na e coravam-na com uma espécie de cabaço, que cortado em pedaços, fervido e mexido, levantava escuma, e empregado como sabão, fazia o algodão alvo de neve.

De Lery, C. 18

Vasos de barro. Staden, 2, 14. *Notícias*, Ms. do Lago de Xaraiés Dobrizhoffer

Hábeis oleiras eram as mulheres. Secavam ao sol os vasos, e depois virando-os cobriam-nos de casca de árvore, a que punham fogo, cozendo-os assim suficientemente.[39] A grande perfeição tem muitas tribos americanas levado esta arte, havendo algumas que enterram os seus mortos em vasos da altura do corpo, que neles fica a prumo. Com auxílio de um certo líquido branco vidravam os tupinambás tão primorosamente o interior dos seus utensílios, que os oleiros da França o não fariam melhor. A parte exterior acabava-se geralmente com menos cuidado; mas as vasilhas em que se guardavam os comestíveis, pintavam-se aqui sempre com volutas e arabescos, intrincadamente entrelaçados e limpamente executados, mas sem seguir padrão algum; nem havia quem soubesse copiar o que uma vez fizera. Estava esta olaria geralmente em uso, e observa De Lery que a este respeito estavam os selva-

De Lery, C. 18

gens mais providos do que muita gente na França. Também faziam cestos tecidos de junco ou de palha.

Nem aos homens faltava engenho. Cortavam o tronco da goaiambira, árvore que terá a grossura da perna dum homem, em pedaços de dez ou doze palmos, a que tiravam a casca inteira, servindo-lhes esta de aljava para as setas e estojo para os arcos. Também faziam canoas duma só casca. A árvore que para isto servia, chama-a Staden *yga-ywera;* tiravam-lhe a casca numa só peça, e mantendo direito o meio, com o auxílio de travessas, e curvando e contraindo as duas extremidades a fogo, estava pronto o bote. Tinha a casca uma polegada de grossura, a canoa de ordinário quatro pés de larga e seus quarenta de comprida, podendo algumas levar até trinta pessoas. Raro se afastavam da costa mais de meia légua, desembarcando e alando a canoa para a praia, se o tempo era tempestuoso.

Notícias, **2, 37**

Staden, 2, 25

Grande destreza revelavam os vários modos por que pescavam, sendo contudo notável que não aplicassem a este mister as redes, quando delas se serviam para dormir. Flechavam o peixe, e se algum maior levava consigo a seta, mergulhava o pescador seis braças e mais no seu alcance. Tão familiar era a água a estes índios, que apanhavam peixes à mão, nem receavam atacar os maiores no seu próprio elemento. Outro método era baterem uns a água, enquanto outros se mantinham prontos com cabaças, cortadas à feição de canecas, para meterem por baixo do peixe miúdo, ao vir este à superfície atordoado ou espantado. Para pescar à cana serviam-se de espinhos, até que os europeus lhes forneceram anzóis – eram estes o maior presente que se podia fazer às crianças. És um bom homem, dá-me anzóis, era a sua habitual saudação, e se não obtinham o que pediam, vingavam-se os selvagens índios, dizendo: não prestas para nada, é preciso matar-te. Quando iam os índios pescar com anzóis, era numa jangada feita de cinco ou seis paus da grossura dum braço cada um, amarrados com cipó; nesta fábrica de largura apenas suficiente para sustê-los, e assentavam com as pernas estendidas, e remavam para o mar. Às vezes represavam um riacho – e envenenavam a água. Esta arte, ainda que universalmente conhecida entre os índios americanos, parece nenhures ter sido geralmente praticada; em parte talvez por se ter descoberto que era fatal

2, 8. Lery, C. 12
Notícias, **2, 63**

Damião de Góis, 1, 56

Lery, 11.
Notícias, **2, 62**

à criação, e em parte também porque não exigindo esforço algum de destreza também não dava o prazer e incerteza da perseguição. Preservava-se o peixe, curando-o ao fumeiro, e reduzindo-o depois a pó.[40]

Animais domésticos. Lery, 11. ***Notícias*, 2, 45, 46. Thevet. FF. 21**

Em caçar macacos para os seus fregueses europeus, menos engenhosos se mostravam os índios; não sabiam inventar coisa melhor do que flechar o animal, e depois curar-lhe a ferida. Gostavam em extremo de domesticar pássaros e ensinar os papagaios a falar. Gozavam algumas destas aves de liberdade plena, voando para onde lhes aprazia, mas acudindo prontas ao chamado de quem as mantinha. Lagartos viviam impunes nos ranchos, bem como uma espécie grande de cobra inóxia. Introduzidos pelos portugueses depressa se vulgarizaram os cães, e em menos de meio século depois da descoberta do Novo Mundo encontravam-se entre todas as tribos sul-americanas as aves caseiras oriundas da Europa.

Sabiam os tupinambás pintar penas com pau-brasil: e metiam-nas em grandes canas ocas tapadas com cera, para guardá-las dum inseto daninho chamado *araners,* e que dava cabo do couro, com grande rapidez. Couraças e escudos ficavam pelados num momento, e uma só noite que se deixasse insepulto o cadáver dum animal, no outro dia apareciam os ossos limpos.

Lery, 11

Modo de tratar os estrangeiros

O hóspede que chegava a qualquer aldeia, ia logo, se era estrangeiro, direito à casa do cacique, à entrada de cujo cubículo de dormir se lhe armava uma rede. Vinha então este interrogá-lo, enquanto os mais se assentavam em roda, escutando. Consultavam depois os velhos em segredo a respeito do recém-chegado, se seria um inimigo que iria espionar-lhes a fraqueza: um espião pouca probabilidade tinha de escapar à penetração dos inquiridores, e se era descoberto, morria. Mas se já anteriormente tinha ali sido hóspede, ia para a casa, onde pousara, e cujo dono tinha o privilégio de exercer para todo o sempre os direitos da hospitalidade. Cedia-lhe o chefe da família a rede de seu uso próprio, e a mulher trazia-lhe que comer, antes de dirigir-lhe pergunta alguma. Vinha então o mulherio, e sentando-se à volta no chão, escondidas nas mãos as faces, principiava a lamentar-se, acompanhando o hóspede estas lamentações e derramando às vezes lágrimas verdadeiras. É mui geral entre os índios este costume, mais natural do que talvez pareça à primeira vista: porquanto o primeiro sentimento que

se agita é o do lapso de tempo decorrido desde a última entrevista, dos amigos perdidos neste intervalo, e das mudanças e vicissitudes da vida humana. Terminadas estas condolências, principiavam os encômios do hóspede: "Deste-te ao trabalho de vir-nos ver? És um bom homem! És um homem honrado!" Se era um europeu: – "Trouxeste-nos muitas coisas boas, de que muito carecíamos?"

Lery, C. 18

"Nossos avós", diziam os tupinambás, "nada que prestasse nos deixaram: quanto deles nos proveio atiramo-lo fora, por que o que nos trazeis é muito melhor. Quanto mais feliz não é a nossa condição, do que foi a deles! Mais vastas são as nossas plantações agora. Já as crianças não choram, quando as rapamos!" Tesouras para cortar cabelo, e pinças para arrancar as barbas e as sobrancelhas eram avidamente procuradas, e os espelhos sobremaneira encantavam. Digno de reparo se torna não terem os selvagens mostrado propensão para o furto. Quando de Lery lhes fez a primeira visita, tomou-lhe um o chapéu, pondo-o na própria cabeça; cingiu outro a espada; e um terceiro se ataviou com o capote. Inquietou-se ele um pouco, vendo-se assim despojado, mas era este o costume, nem tardou que tudo lhe fosse restituído. Eram gratos e lembravam-se das dádivas recebidas, ainda depois de tê-las o doador esquecido. Eram francos e generosos, tão prontos a dar como a pedir; quanto continha a choça estava às ordens do hóspede, e quem vinha podia compartir a refeição.[41] De boa vontade e até com prazer se mostravam serviçais; se um europeu, que lhes merecia afeição, cansava viajando na companhia deles, alegres o tomavam às costas.

Lery, C. 18
Marcgraff, 8, 6

***Notícias*, 2, 63**

Uma das mais negras sombras do caráter dos selvagens era mostrarem-se insensíveis aos doentes, esquecendo-se até de dar-lhes de comer, quando reputavam desesperado o caso, desse modo que muitos morriam de fome, que escapariam talvez da moléstia. Diz-se até que às vezes os levavam a enterrar antes de mortos, e que algumas pessoas ainda se restabeleciam depois de descidas nas macas à sepultura. A vista do sepulcro devia provocar um salutar esforço na natureza, quando este era possível ainda, mas o fato implica também ter havido alguém, que sentindo compaixão, procurava salvar o padecente. Rijos laços prendiam todos os membros do cadáver, para que erguendo-se não viesse com suas visitas

Tratamento dos doentes

Thevet, ff. 70.
***Notícias*, 2, 69**

atormentar os amigos; e quem em seu poder tinha qualquer coisa que houvesse pertencido ao defunto, apresentava-a, para enterrar-se com ele, não fosse o morto vir reclamá-la. Era o mais próximo parente que cavava a sepultura; quando morria a mulher era ao marido que incumbia este dever. Ajudava ele a depositá-la na cova, aberta dentro de casa e no próprio lugar que havia ocupado a falecida. Era um poço redondo, em que se colocava o corpo numa rede limpa e em posição de quem está sentado, com mantimento diante de si; pois criam algumas nações que os espíritos iam folgar entre as montanhas, voltando ali para comer e repousar.

Nóbrega. *Div. Avis.*, **ff. 34, 40**

Enterro dum cacique

Com maior pompa se enterrava um cacique. De mel se lhe untava o cadáver, e revestia-se de penas. Especavam-se os lados da sepultura para formar abóbada deixando-se espaço suficiente em que estender a rede. Ao lado do finado se lhe punham a *maracá,* e as suas armas, e também alimento e água e o cachimbo; por baixo se acendia uma fogueira como se vivesse o corpo, fechava-se a abóbada, cobria-se, e a família continuava como dantes a morar em cima da sepultura. Cria-se que o *anhangá* vinha e devorava o morto, se lhe não deixavam provisões, e esta superstição, confirmavam-na os intérpretes franceses, que costumavam ir furtar os comestíveis. Continuavam estas oferendas até se calcular que estaria já desfeito o corpo e portanto livre de perigo. Uma ave noturna há, do tamanho duma pomba, de sombria plumagem e voz tristonha, a que os tupinambás jamais fazem mal, nem sofreriam que outros lho fizessem, julgando-a enviada por seus falecidos parentes e amigos, para, lamentando-se com eles, consolá-los. Quis o acaso que De Lery estivesse uma noite a gracejar falando com um de seus compatriotas, enquanto uma horda destes selvagens escutava atenta o piar melancólico da ave sagrada. Um velho o repreendeu, dizendo: “Cala a boca, nem nos perturbes, enquanto escutamos os felizes mensageiros de nossos antepassados: que todas as vezes que os ouvimos se nos alegra a alma, e nossos corações se fortificam.” Cortavam as mulheres o cabelo em demonstração de luto, e de preto pintavam todo o corpo. Assim que o cabelo tornava a crescer até aos olhos, cortavam-no outra vez como sinal de que findava o luto; o viúvo pelo contrário deixava-o crescer. Todos os parentes se

Lery, C. 12

Luto

enfarruscavam, e cada um ao expiar o termo do seu luto dava uma festa, em que com cantos se louvava o morto.

São estes índios uma raça mais forte do que nós, diz De Lery, mais robusta e sadia, e menos sujeita a enfermidades. Poucos aleijados se encontram entre eles, e embora haja muitos que chegam aos 120 anos de idade, raros são os que encanecem. Mostra isto a temperatura daquelas regiões, onde nem o frio nem o calor aflige, e as árvores e ervas são sempre verdes: e os habitantes, vivendo isentos de todo o cuidado, parecem ter molhado os lábios na fonte da mocidade. A respeito desta longevidade, que os índios freqüentemente atingiam, e da verde e vigorosa velhice que desfrutavam, todos os testemunhos concordam, antigos e modernos. Vivendo quase animais no estado da natureza, tinham os seus sentidos essa gudeza que destroem os hábitos da vida civilizada.[42] Se um tupinambá se perdia nas florestas deitava-se no chão e farejava o fogo, que pelo olfato percebia a meia légua de distância, e depois trepava à árvore mais alta, e procurava avistar fumo, que descobria de mais longe do que alcançava o melhor presbita europeu. Mas caminho, por onde uma vez houvesse passado, a todo o tempo o reconhece por uma espécie de faculdade canina. Estes dois quanto mais rudes as tribos em tanto maior grau os possuíam mas entre elas não devemos por certo classificar a raça tupi.

Lery, C. 8

Notícias, **2, 67**

Uma causa, que aos índios retardava o progresso, era a prática de mudarem freqüentemente de habitações. Jamais se demoravam num lugar mais do que lhes durava o telhado de folhas de palmeira com que cobriam passar a chuva, em lugar de o repararem, emigravam. Não o faziam por que estivesse exausto o terreno adjacente, mas por suporem que a mudança de residência era essencial à saúde, e que se abandonassem os hábitos de seus avós, pereceriam. Nestas migrações eram as mulheres as bestas de carga, que levavam as redes, olaria, pilões e almofarizes de madeira, e todos os mais haveres. Só de suas armas se carrega o esposo, enquanto a companheira põe às costas um cesto, seguro por uma corda, que passa pela testa, e outra à cabeça, vazios, um dos quais serve de sela à criança, que escarranchada nele se encarapita. Assim equipada leva ela ainda o papagaio numa mão, conduzindo o cão pela outra. Se chove durante a marcha, fincados na terra dois espeques,

Notícias, **2, 64**

sobre eles se corre um telhado de folhas de palmeira, abrigo bastante contra vento e tempo, por uma noite.

Marcgraff, 8, 7

Um dos motivos por que os tupis se não haviam adiantado mais, era também o estado dos seus *pajés*. Os católicos, que em todas as religiões exceto a sua, não vêem senão a obra do Demônio; e os filosofistas que em nenhuma vêem senão erro e decepção, têm porfiado uns com os outros em pintar os efeitos horríveis do sacerdócio. Contudo tem sido este unicamente, que às vezes tem reerguido o homem degradado até ao estado selvagem. Ao descobrir-se a América, achava-se a civilização das suas diferentes nações exatamente na proporção do poder que tinham os seus sacerdotes, e da veneração em que eram tidos; nem esta autoridade sacerdotal era conseqüência, mas causa do estado adiantado da sociedade. Enquanto o preste não passa dum charlatão, continua selvagem o povo, o seu triunfo não é mais do que a ascendência de vulgar velhacaria sobre a força bruta, e embora temido, não é ele respeitado. Mas quando se ergue um espírito superior, que combinando velhas fábulas e mal-lembradas verdades com as fantasias da própria imaginação, assenta os fundamentos dum sistema mitológico, desde esse momento principia o progresso da sua tribo. Um culto ritual faz nascer artes para seu embelezamento e apoio; arraigam-se hábitos de vida sedentária apenas se funda um templo, e à volta do altar a cidade cresce.

Considerados como superiores a todos os outros depressa aprendem os homens que se destinam ao serviço divino, isentos de todas as ocupações ordinárias, a assim se reputarem a si mesmos, e de fato tais se tornam. Sobra-lhes tempo para adquirirem instruções e pensar pelo povo: é entre esta classe que em todos os países têm brotado os rudimentos da ciência; nem jamais acima do estado selvagem se ergueu nação, que não tivesse primeiro um sacerdócio regular.

Proceder dos jesuítas

Tal era o povo que os jesuítas se propuseram converter. Principiaram por cativar as afeições das crianças à força de bugiarias que lhes davam; com estas relações aprendiam eles próprios algumas noções da língua, a habilitavam depressa os pequerruchos ao mister de intérpretes. Visitavam os enfermos, e se acreditavam que todo aquele que borrifassem à hora da morte, era uma alma arrancada às garras de Satanás, não eram perdidos nos vivos os caridosos ofícios que acompanhavam estas conversões. À sua chegada ao Brasil

haviam sido os portugueses recebidos com júbilo pelos naturais; mais tanto que aos originários possuidores do terreno pareceram que os hóspedes se iam tornando senhores, tomaram armas, e suspensas as intestinas dissensões, tentaram expeli-los. Armas de fogo européias depressa os rechaçaram, a política européia depressa lhes rompeu a efêmera aliança. Mas nem a paz com os colonos portugueses garantia a estes a segurança; quando é permitido reduzir inimigos à escravidão, não há amigos seguros. Debalde partiam de Portugal decretos humanos; enquanto se reconhecera atroz princípio, de que podem haver circunstâncias que constituam legitimamente o homem escravo do homem, fraco escudo serão todas as leis e formalidades contra a violência e a avareza. À chegada dos jesuítas muitas tribos andavam em armas contra esta opressão, que primeiro pela notícia de terem vindo homens, amigos e protetores dos índios, e depois por experimentarem-lhes os bons ofícios, vieram entregar seus arcos ao governador, suplicando-lhe que como aliados os recebesse.

Nenhuma habilitação para o seu ofício faltava a estes missionários. Eram zelosos da salvação das almas; tinham-se desprendido de todos os laços que nos ligam à vida, e assim não temiam o martírio como antes o ambicionavam.

Acreditavam do íntimo da alma na verdade do que pregavam, e estavam eles mesmos convencidos de que aspergindo um selvagem moribundo, e repetindo sobre ele uma fórmula de palavras, que lhe eram ininteligíveis, remiam-no de tormentos eternos, a que de outra sorte estava inevitavelmente, e segundo as noções que tinham da justiça divina, merecidamente condenado. Nem se pode pôr em dúvida que faziam às vezes milagres sobre os doentes; pois se acreditavam que o padecente podia ser milagrosamente curado, e este próprio assim o esperava, não raro supriria a fé à virtude em que confiavam.

Principiaram Nóbrega e os companheiros a sua obra pelas hordas que demoravam nas vizinhanças de São Salvador; persuadiam-nas a viver em paz, reconciliavam inveteradas inimizades, e logravam evitar a embriaguez e fazer prometer a monogamia; mas extirpar a antropofagia não o puderam: o delírio de banquetear sobre a carne de um inimigo era por demais forte para se renunciar. Vãos foram todos os esforços para acabar com este hábito. Um dia ouviram os padres o alarido e regozijo

dos selvagens em um destes sacrifícios; irromperam na área ao momento mesmo em que acabava de ser derribado o prisioneiro, e as velhas arrastavam o corpo à fogueira; arrancaram-lhe das garras, e à vista de toda a horda, estupefata de tanta coragem, o levaram. Não tardaram as mulheres a instigar à vingança deste insulto os guerreiros, que deitaram atrás dos missionários, a quem apenas haviam deixado tempo de enterrar secretamente o cadáver. Recebendo disto aviso, mandou o governador buscar os jesuítas à malhada de barro que habitavam no sítio onde devia mais tarde erguer-se o seu magnífico colégio. Não os achando ali estiveram os selvagens a ponto de atacar a cidade, tendo de reunir à toa a sua força o governador, que em parte com a demonstração das armas de fogo, e em parte por boas palavras logrou contudo induzi-los à retirada.

Passado o perigo, levantaram os próprios portugueses alto brado contra os jesuítas, que com fanático zelo tinham posto em risco a cidade, nem tardariam a fazer de todos os naturais outros tantos inimigos. Mas não era Tomé de Sousa homem que por tão míope política se deixasse aterrar de proteger e acoroçoar Nóbrega; nem tardou muito que estes mesmos selvagens, lembrados da verdadeira bondade com que sempre pelos jesuítas haviam sido tratados, e de que eram estes os melhores amigos dos índios, não viessem pedir-lhes perdão, e rogar ao governador que ordenasse aos padres que lhes perdoassem e continuassem a visitá-los, prometendo eles nunca mais repetirem as suas festas de homem. Mas demasiado deliciosa era a prática, para de uma vez ser posta de parte, e continuou em segredo. Quando os padres chegaram a obter sobre os indígenas autoridade bastante para se fazerem temer, empregavam as crianças como espias, que lhes denunciassem os criminosos.

Sim. de Vasc., *Cr. da Comp.* **1, § 51, 53**

Um dos jesuítas porém conseguiu abolir eficazmente este costume entre algumas Bordas, disciplinando-se diante das portas dos índios até manar-lhe o sangue, e dizendo que assim se atormentava para desviar o castigo que Deus aliás lhes infligiria por um pecado que bradava aos Céus. Não puderam resistir, confessando que era mau o que tinham feito, decretaram severas penas contra quem de novo o praticasse. Entre outras tribos porém por felizes se davam os missionários, quando lhes deixavam acesso aos prisioneiros, para instruí-los na fé salvadora antes de marcharem à

Tomé de Sousa, *Div. Avis.*, **ff. 156**

morte. Mas principiou a meter-se na cabeça os selvagens, que a água do batismo estragava o sabor da carne, e não mais consentiram que lhes batizassem. Levavam então os jesuítas lenços molhados, ou umedeciam a orla ou mangas do hábito, de onde pudessem espremer sobre a cabeça da vítima água suficiente para preencher-se a condição de salvação, sem a qual estavam persuadidos que seria o fogo eterno a partilha do desgraçado. Que não crerá o homem, se do seu Criador pode crer estas coisas!

Pedro Correia, *Div. Avis.* **ff. 240**

Vasc. *Cr. da Comp.* **1, § 54, 137**

Se, superando todas as dificuldades, logravam os padres afinal converter uma horda, tampouco era esta conversão o efeito da razão e do sentimento, que a menor circunstância fazia recair os prosélitos do antigo paganismo. Manifestou-se entre eles uma epidemia; disseram que era a moléstia devida às águas do batismo, e todos os conversos, que Nóbrega e seus companheiros operários com tanto trabalho haviam recrutado, os teriam abandonado e fugido para as selvas, se ele não empenhasse a sua palavra de que o mal em breve cessaria. Felizmente cedeu ele efetivamente às sangrias, remédio a que os índios não estavam acostumados. Pouco depois veio uma tosse catarral ceifar muitos, e também isto foi imputado ao batismo. Os próprios jesuítas não atribuíam a este maior virtude, do que os selvagens faziam em sentido oposto; uma só calamidade os não visitava, cuja origem se não buscasse logo nestas gotas de água misteriosa. Muitas tribos a supuseram fatal às crianças; a ansiedade com que os missionários batizam os moribundos, e especialmente os recém-nascidos, que não prometem viver, ocasionou esta idéia.

S. Vasc. *C. C. 1,* **§ 57**

Principiaram agora as nações vizinhas a olhar com horror os jesuítas, como homens que consigo traziam a peste: mal viam aproximar-se um, logo toda a horda se reunia, queimando-lhe no caminho sal e pimenta, fumigação que passava por boa contra pragas e espíritos malignos, e para não deixar entrar a morte. Uns ao verem vir os padres tomavam todos os seus haveres e abandonavam as habitações; outros saíam-lhes ao encontro, dizem os jesuítas, tremendo como varas verdes ao soprar do vento, pedindo-lhes que seguissem avante, sem lhes fazer mal, e mostrando-lhes o caminho. Os pajés, como é fácil de supor, envidavam todos os esforços contra os

S. Vasc. *C. C. 1,* **§ 115**

concorrentes que lhe vinham estragar o negócio, e persuadiam os índios que estes lhes metiam nas entranhas navalhas, tesouras e outras coisas assim, com que os faziam morrer; feitiçaria em que os selvagens parecem ter geralmente acreditado.

Quanto mais adentro penetravam os jesuítas no país, mais forte encontravam este sentimento de terror. Mas afinal cedeu à sua perseverança, e a superstição dos naturais levou-os então ao extremo oposto; traziam suas provisões para serem benzidas, e onde contavam que passaria um padre, lá se iam postar para receberem a bênção.

Tomé de Sousa, *Div. Avis.*, **ff. 158**

Assim que podiam faziam os jesuítas pelos neófitos erguer na aldeia uma capela, que ainda que tosca os prendia à localidade, e estabeleciam uma escola para as crianças, que catequizavam na sua própria língua, ensinando-as a dizer o *Pai Nosso* sobre os doentes, dos quais um só se não restabelecia, cuja cura não fosse por todos atribuída a milagre, se tinha observado esta receita. Também as instruíam na leitura e escrita, empregando, diz Nóbrega, a mesma persuasão com que o inimigo venceu o homem: sereis quais deuses conhecedores do bem e do mal. Admirável parecia esta ciência aos índios, que por isso vivamente desejavam obtê-la, prova irrefragável de quão fácil teria sido civilizar esta raça.

Nóbrega, *Div. Avis.*, **ff. 34**

Dentre os missionários era Aspilcueta o mais hábil escolástico; foi o primeiro que compôs um catecismo na língua tupi, transladando para ela orações. Apenas se tornou esse senhor do idioma para nele se exprimir com fluidez e valentia adotou o sistema dos pajés, e principiou a cantar os mistérios da fé, correndo à roda dos ouvintes batendo os pés palmeando e imitando todos os tons e gestos que mais costumavam afetá-los.

Nóbrega abrira perto da cidade uma escola, onde instruíam-se filhos dos naturais, os órfãos mandados de Portugal, e os mestiços, aqui chamados mamelucos. Aprendiam a ler, escrever e contar; a ajudar à missa e a cantar os ofícios, e eram muitas vezes levados em procissão pela cidade. Produzia isto muito salutar efeito, porquanto eram os naturais apaixonados pela música, tão apaixonados que Nóbrega principiou a esperar que a fábula de Orfeu seria o protótipo da sua missão, e que com cantos converteria os genti-

S. Vasc. *C., C.* **1, § 95, 118**

os do Brasil. Costumava levar consigo quatro ou cinco destes meninos de coro nas suas expedições de catequese, e ao aproximarem-se de uma povoação, ia um adiante com o crucifixo, e entravam todos a cantar a ladainha. Quais cobras se deixavam os selvagens vencer da voz do encantador; recebiam-no alegres, e ao partir ele com a mesma cerimônia, seguiam as crianças a música. Pôs em solfa o catequismo, o credo e as orações ordinárias, e tão forte era a tentação de aprender a cantar, que os tupizitos fugiam às vezes aos pais para se entregarem nas mãos dos jesuítas.

Ant. Pires, *Div. Avis.*, **ff. 44**

Maiores dificuldades encontravam os padres no proceder dos seus compatrícios, do que nos hábitos e disposição dos indígenas. No meio século que a colonização do Brasil ficara entregue ao acaso, tinham os colonos vivido quase sem lei nem religião. Muitos nunca mais se haviam confessado nem tinham comungado desde que estavam no país; os mandamentos da Igreja não se cumpriam por falta de clero que administrasse os sacramentos, e com as cerimônias se haviam esquecido os preceitos morais. Crimes aliás fáceis de se reprimirem no princípio, tinham com a freqüência degenerado em hábitos agora já por demais robustos, para serem sufocados. Havia sem dúvida indivíduos em que se podia fazer reviver o senso moral, mas na grande maioria estava ele aniquilado sobre aqueles homens ainda o medo das galés podia alguma coisa, o temor de Deus nada. Estava em voga entre eles um sistema de concubinato, pior que poligamia dos selvagens. Estes tinham tantas mulheres, quantas queriam ser suas esposas; aqueles tantas, quantas podiam escravizar.

Indelével estigma marca os europeus nas suas relações com todas as raças que reputam inferiores: a luxúria e a avareza perpetuamente se contradizem. O fazendeiro toma hoje uma escrava por concubina, e amanhã a vende como se fora de outra espécie e mais vil; uma besta de trabalho. Se ela é em verdade um animal inferior, que diremos da primeira ação? Se é um ente igual a ele, uma alma imortal, que diremos da segunda? De qualquer modo há sempre um crime cometido contra a natureza humana.

Nóbrega e seus companheiros nobremente recusaram administrar os sacramentos da Igreja aos que retinham índias por meretrizes

e índios por escravos. Este proceder resoluto e cristão reconduzia muitos ao bom caminho; uns porque as consciências não haviam ainda morrido neles, dormitando apenas; outros por mundanos respeitos, julgando os jesuítas armados de autoridade secular além da espiritual. Sobre estes últimos não podia pois o bom efeito ser senão passageiro. Poderosa como é a religião católica, mais potente é ainda a avareza; e em despeito de todos os esforços de alguns dos melhores e mais hábeis homens, de que a ordem jesuítica, tão fértil em varões ilustres, se pôde jamais gloriar, continuou a prática de escravizar os naturais.

Depressa principiou a crescer o número dos jesuítas; também se admitiram alguns coadjutores leigos, que conhecendo a fundo os costumes e língua dos índios, e chorando amargamente os crimes que contra estes haviam cometido, possuíam as melhores habilitações de conhecimentos e zelo. A armada do ano seguinte ao da chegada dos primeiros padres, trouxe outros quatro, e para Nóbrega o título de vice-provincial do Brasil, sujeito à província de Portugal. Dois anos mais tarde chegou como bispo do Brasil D. Pedro Fernandes Sardinha, com presbíteros, cônegos e dignitários, e alfaias de toda a espécie para a sua catedral: tinha estudado em Paris, onde se doutorara, servido de vigário-geral na Índia, e em má hora, vinha agora despachado para a Bahia. Naquele tempo não se podiam mandar colonos melhores do que o clero, pois que a ninguém se confiava esta missão, que não se distinguisse pela sua aptidão especial para o ministério. Não se haviam ainda construído os favos, nem acumulado o mel para os zangões da superstição.

Ansiosamente aguardava Nóbrega a chegada do bispo. Nenhum demônio, dizia ele, o havia perseguido tanto a ele e a seus companheiros, como alguns dos eclesiásticos que eles vieram achar no país. Acoroçoavam estas sevandijas os colonos em todas as suas abominações, mantendo abertamente que era ilícito escravizar os naturais, pois que eram bestas, e depois servir-se das mulheres como barregãs, pois que eram escravas. Era esta a doutrina que em público pregavam, e bem podia Nóbrega dizer que eles faziam o ofício do Demônio. Opuseram-se aos jesuítas com a mais requintada virulência; se estava em jogo

o seu interesse! Nem podiam tolerar a presença de homens que diziam missa e celebravam todas as cerimônias da religião, de graça.

Div. Avis. **ff. 49, 50**

No governo de Tomé de Sousa foram quatro colonos sem licença sua traficar em uma das ilhas da baía, onde tinham travado relações com algumas mulheres do país. Haviam estes ilhéus andado antigamente em guerra com os portugueses, mas depois se fizera a paz: sobreveio-lhes porém um acesso de vingança, provavelmente não sem provocação, e matando todos os quatro cristãos, os comeram. Veio-se a descobrir o caso; uma partida de portugueses atacou os selvagens, tomando uma mulher e dois velhos, que foram executados como tios dos principais delinqüentes. Abandonaram os habitantes a ilha, mas tendo ali deixado muitas provisões, voltaram com um corpo de aliados das montanhas, esperançosos de poderem manter-se com este auxílio. Contra eles mandou o governador marchar toda a força que pôde reunir, ficando apenas com a guarnição precisa para a cidade. Foi Nóbrega na jornada, levando um crucifixo, que infundiu nos selvagens pavor, nos cristãos valentia. Fugiram aqueles sem resistência, queimaram estes duas aldeias nesta e numa ilha próxima. Aterrados ficaram os naturais, e ter-se-iam sujeitado a todas as condições, se tivessem podido crer que houvesse condições que lhes fossem guardadas.

Ant. Pires, *Div. Avis.*, **ff. 45**

No mesmo governo saíram alguns aventureiros à descoberta de minas. Conjetura Vasconcelos, que eles se dirigiriam ao sertão de Porto Seguro ou Espírito Santo; voltaram porém nada feito.

S. Vasc. *C. C.* **1, § 120, 122**

NOTAS DO CAPÍTULO VIII

1. Tal é a linguagem de Fr. Rafael de Jesus. Todos os outros escritores ou dizem simplesmente que o sistema era mau, ou que a el-rei aprouve mudá-lo.
2. Fr. Gaspar da Madre de Deus, 1, § 15, é de opinião que Martim Afonso trouxera o título de governador da *Nova Lusitânia*, porque o vê chamado *governador das terras do Brasil*, numa escritura, e *governador em todas as terras do Brasil* em outra, ambas lavradas

em São Vicente. A conclusão não parece necessária, antes é certo que os diferentes capitães exerciam autoridade inteiramente independentes uns dos outros.*

* Quando veio para cá, o foi, de fato, como capitão-mor das terras do Brasil, pois as capitanias ainda não estavam criadas. Com a divisão do Brasil em capitanias sim, cada capitão passou a exercer sua autoridade independente uns dos outros conforme diz a nota. (P.B.B.)

3. Cidade do *Salvador*, a chamam todos os documentos contemporâneos, e não de *São Salvador*. (F.P.)
4. Azul e não verde era o campo das armas concedidas à futura cidade. (F.P.)
5. *Boa droga ou semente para novas fundações, e de que nasceram nestas conquistas os principais e maiores abortos de vícios, escândalos e desordens*, exclama Jaboatão nesta ocasião arrastado por um sentimento filho tanto do seu bom senso, como da sua profissão, § 107.
6. O autor equivoca-se dando ao P. Simão Rodrigues o tratamento de Frei: porquanto não eram jesuítas frades e sim clérigos regulares. (F.P.)
7. *Determinou despicar-se com o mundo, afrontá-lo e repudiá-lo, como o mundo o fizera com ele*. Sim. de Vasc. *C. C.* 1, § 9.
8. Não era ainda cidade. Esta foi elevada a tal dignidade com a chegada de Tomé de Sousa para sede do primeiro governo-geral do Brasil e, logo depois, do bispado.
9. Marcos se chamou um dos filhos naturais de Caramuru, pelo que talvez fosse filho de mãe tupuia. Jaboatão nos dá o estrato de um manuscrito, que reputa coevo com Tomé de Sousa, e que conta uma narração da família deste aventureiro.
10. A carta de Nóbrega é datada de 10 de agosto.
11. Não foi um índio apenas e sim dois morubixabas. (P.B.B.)
12. De curiosa maneira a sua linguagem o exemplifica. O pai chamava *Tairá* o filho e *Tagirá* a filha, a mãe chamava os ambos *Membirá*. O vocabulário dado por Marcgraff com auxílio de Manuel de Morais, parco como é, indica a etimologia destas palavras, explicando-lhes a diferença. *Tagni* significa sangue, e *Membirá* produzir; quer pois a palavra paterna dizer *filho do meu sangue*, enquanto a materna diz *filho, que produzi*. Seguiam os antigos egípcios a mesma opinião, pelo que nos diz Diodoro que nenhum dos seus filhos se reputava bastardo, entendendo-se que a mãe nada fornecia, senão o lugar e a nutrição. Por uma estranha inferência desta teoria chamavam machas as árvores frutíferas, e fêmeas as estéreis. *Diodorus Siculus*. B. 1, e. 6.
13. *Cunhamebirás se chamavam estas festas, que quer dizer filho de um inimigo*, segundo as *Notícias do Brasil,* 2, 69. A significação literal é filho *de uma mulher*, que no sistema dos índios indica o mesmo. O diálogo, que De Lery refere, fora-lhe dado por um intérprete, que vivera sete anos entre os tupinambás, e era muito versado no grego, língua de onde, dizia ele, se derivavam muitas palavras destes selvagens. Não é pouco estranho que um homem que entendia grego se visse em tal situação: exceto contudo nestes vocábulos, *cunhá* e *youn*, não posso achar analogia notável.

14. É esta pois uma das modas primordiais dos americanos. De Lery supõe que os primeiros que viram estes selvagens empenados a alguma distância, tomariam por cabelo as penas, de onde nasceria o erro de os representarem como peludos. Mas esta opinião prevalecia antes da descoberta da América, e o selvagem das antigas mascaradas derivava provavelmente dos sátiros a sua arte.

15. Os selvagens do Brasil denominavam os seus maiores de *mombixabas* e não de *caciques.* (F.P.)

16. Um jesuíta encontrou um dia uma mulher na extrema baliza da idade e já em artigo de morte. Depois de catequizada, e instruída na doutrina cristã segundo cria o bom do padre, que já lhe reputava curada a alma, pôs-se ele a perguntar se haveria alguma qualidade de alimento que ela pudesse tomar. Minha avó, disse, empregando o tratamento que por cortesia se dava às velhas, se eu vos desse agora um poucochinho de açúcar, ou alguma das belas coisas que trazemos dalém mar, parece-vos que comereis ?... Ah! meu neto, tornou-lhe a velha neófita, o estômago tudo me rejeita. Não há senão uma coisa que creio poderia debicar. Se eu tivesse a mãozinha de um rapaz tapuia bem pequeno e tenro, parece-me que lhe chuparia os ossinhos; – mas, ai de mim, não há quem saia a caçar-me um! Vasc. *Cr. da Comp.,* 1, § 49.

17. Estranhas noções devia o abade Raynal ter a respeito das tribos americanas em geral, e em particular das brasileiras, quando disse, que os portugueses não deveriam ter empregado outros meios por introduzir entre elas a civilização, senão *l'attrait du plus impérieux des sens.* Indignado contra a lembrança da guerra, pergunta o sentimental abade:
    "N'aurait-il pas eté plus humain, plus utile, et moins dispendieux, de faire passer dans chacune de ces régions lointaines quelques centaines de jeunes hommes, quelques centaines de jeunes femmes? Les hommes auraient épousé les femmes, les femmes sauraient épousé les hommes de la contrée. La consanguinité, le plus prompt et le plus fort des liens, aurait bientôt fait des étrangers et des naturels du pays, une seule et même famille. Point d'armes, point de soldats; mais beaucoup de jeunes femmes pour les hommes, et beaucoup de jeunes hommes pour les femmes. T. 4, pág. 234-5.
    Eis aqui na verdade a colonização posta ao alcance da mais curta inteligência. Ponho esta passagem aqui debaixo dos olhos do leitor, enquanto ele tem frescos na memória os costumes dos selvagens brasileiros, para que veja em que tristes absurdos podem cair os homens, quando escrevem sem conhecimento nem reflexão. Apresentando-a também como uma amostra escolhida de filosofia moral e sentimental.

18. Esta dispersão é talvez devida aos espanhóis e portugueses. Algumas hordas fugiram dos paulistas. Os omáguas de Quito dizem que o seu tronco morava sobre o Amazonas, mas que muitas tribos à vista dos navios enviados por Gonzalo Pizarro haviam fugido, algumas para as terras baixas do mesmo rio, outras para o rio Tocantins, outras pelo rio Negro, para o Orinoco e Novo Reino de Granada. Al. Velasco, numa carta a Hervas. *Cat. de las lenguas,* t. I, c. 5, 87.

19. Os carijós, tamoios, tupiniquins, timininas, tobaiares, tupinais, amoipiras (nome derivado da palavra guarani *amboipíri*, povo da banda dalém), ibiraiares, caetés, potiguares, tupinambás, apantos, tupigoais, aroboiares e rarigoarais, que com outras hordas do Amazonas passam por tribos dos tupis e tocantins.

20. Os goiatacases, aimorés, guaganás, goanases e iuguaruanas, tribos que por serem inimigas umas das outras se supôs falarem diferentes línguas, conclusão que está longe de ser necessária; os cararins e anaces, que vivem cerca de Ubiapaba; os aroás, à foz do Pará; os teremembres, na costa entre os rios Parnaíba e Ceará; os paiacus, do Ceará; os greus, no sertão dos Ilhéus; os quiriris, que outrora infestavam a Bahia; os curumarés, habitantes de uma ilha no Araguaia, confluente do Tocantins (*Auhius* é o nome que dão ao Ente Supremo, e que sempre pronunciam com respeito); os tapirapês e acroas, na mesma ilha, que tem vinte léguas de comprimento; os bacurés ou goacures, no Mato Grosso, provavelmente os guaicurus do Paraguai; os parasis do mesmo país; os barbudos ao nordeste de Cuiabá, provavelmente nome português, que se lhes pôs para indicar que tinham barba; os bororos a leste de Cuiabá; os potentas, maramonis, paiaiás; os curatis de Ibiapa; os cururus fronteiros dos corumarés, e que se supõem serem do mesmo tronco; os barbudos do Maranhão, os caraiás do Pindaré, na mesma província; os iacaraiabas, araios, gaiapas; os cavaleiros e imares sobre o Tacuari, afluente do Paraguai (aqueles passam por serem um ramo dos guaicurus e estes dos guachichos); os coroados, assim chamados pelo modo por que cortam o cabelo; os machacaris e camamachos, nas imediações da serra, que corre paralela com a costa, entre 18º e 20º de lat. S.: os pataxós ao norte destes últimos; os guegues, timbiras, acroamirins, paracatis, jeicos e amapurus habitantes do vasto país do Piauí, que então fazia parte do governo do Maranhão; os guanarés, aranhis e caicaíses, pertencentes às missões do Amazonas; os aturaris e menharis, do Rio Grande do Norte, que se supõem serem um ramo dos aimorés.
    Nenhuma destas tribos fala um dialeto qualquer da língua guarani ou tupi, e embora alguns dos seus nomes tenham uma significação neste idioma, provém isto unicamente de terem-lhes sido postos pelos tupis. Hervas encontrou mais outras setenta tribos brasileiras referidas nos papéis dos missionários jesuítas, mas sem notícia alguma sobre a sua língua, pelo que as não pôde classificar: dos missionários de outras ordens nenhumas observações obteve. Supõe contudo que no Brasil se poderão falar umas cento e cinqüenta línguas bárbaras, como têm calculado alguns escritores.

21. O Inca Garcilaso também diz que este som fala no quíchua ou língua geral do Peru... *no hay pronunciación de rr duplicada en principio de parte, ni en medio de la dición, sino que siempre se hay de pronunciar sencilla*. – "Advertencias acerca de la lengua general de los *índios del Peru*", que servem de introdução aos seus *Comentários Reales*.

22. *Auge-pe, moconein, mossaput, oioicondie, econecoinbo.* De Lery, 1. 20. Não tem pois Condamine razão em afirmar que, para exprimirem qualquer número acima de três, têm os índios de recorrer ao português. P. 65.

23. As tribos do Orinoco contam até cinco, passam a cinco e um, cinco e dois até dois cincos, e assim por diante até quatro cincos. É uma numeração digitária, sendo notável o ponto até onde a levam os achaguás. Entre eles *abacaje* quer dizer cinco, e os dedos de uma mão; *tucha macaje*, dez, ou todos os dedos; *abacatacay* vinte, ou os dedos de mãos e pés; *incha matacacay,* quarenta, dedos de duas pessoas; e desta arte, diz Gumilla (c. 48), chegam a 200, 6000 e 10000 dedos, numa algaravia, que com trabalho e atenção chega afinal a compreender-se.
   Herrera (4, 10, 4) descreve uma curiosa aritmética usada no Iucatán. Contam ali por cincos, até vinte, depois por vintes até cem, depois até 400, depois até 8000, e daqui até ao infinito. Esta numeração, que Herrera não explica com muita clareza, funda-se em cincos para as somas pequenas, depois em vintes e cinco-vintes ou centos para as maiores, contando por vintenas como nós por dezenas; assim 20 vezes 20 são 400, 20 vezes 400 são 8000 e assim por diante. Parece ser este o único exemplo de numeração vigesimal. O *score* inglês é o que mais se assemelha a isto.
24. Não me recordo de nenhuma superstição, que atribua o trovão ao gênio do mal. Parece ter-se considerado sempre como uma manifestação de poder, muitas vezes de cólera, mas nunca de maldade.
25. Em todas as partes da Guiana se encontra esta palavra *pajé* e a sua analogia com o *powan* dos selvagens da Nova Inglaterra, torna-se digna de reparo. O termo *caraíba*, com que se designa às vezes o sacerdote, significa o poder sacerdotal. Marcgraff. 8, 11. Dobrizhoffer, t.2, § 81.
26. *Miserrimi nostri Barbari*, escreve De Lery, *in hac etiam vita misere ab Cacodaemone torquentur*. Quem quiser ver como a um viajante verídico se podem dar as aparências de mentiroso, olhe para as gravuras com que De Bry ilustrou esta passagem, pág. 223, representando diferentes variedades do Cacodaemon.
   Anhangá, Jurupari e Kaagere são nomes que se dão ao espírito do mal. O primeiro é o *Aiguam* de De Lery.
27. Piso refere que este licor se conservava até tornar-se pútrido, sendo então que nele se encontrava o tal verme. *Tapuru* o chamavam, secava-se e administrava-se em pó.
28. A *chicha*, ou bebida de milho, preparava-se da mesma forma, com a diferença que muitas tribos só admitiam a esse mister as mulheres velhas, por lhes parecer que as moças estavam infetadas de humores impuros. Dobrizhoffer, t. 1, 465.
29. Marcgraff faz menção de nove espécies de licor fermentado que os índios brasileiros preparavam sendo uma de pinhões, para isso apanhados antes de maduros (*Notícias*, Ms., 2, 41); o suco da fruta ainda verde aplicava-se como um corrosivo para as feridas empregando-o também os europeus para limpar espadas ferrugentas.
30. O veneno de que uma porção tão diminuta, que se pode trazer debaixo de uma unha, é bastante para produzir a morte, prepara-se, diz Gumilla, de uma espécie de formigão, cujo corpo é raiado de preto, amarelo e vermelho. Cortam-se pelo meio estes insetos, e deita-se fora a parte da cabeça; o resto torra-se a lume brando, e a

gordura, que sobe à superfície, é a peçonha. Um índio disse à Gumilla que esta substância se não pode ter dentro de uma cama, pois penetra através dela, sendo preciso um osso de tigre, macaco ou leão. C. 38.

O *curare* é um veneno que só a tribo dos caverres no Orenoco prepara. É um xarope sem gosto, que se pode tomar sem perigo; mas Gumilla afirma, que apenas uma seta nele molhada arranha o corpo, segue-se morte instantânea; coalha logo o sangue, arrefece o corpo, e cobre-se de uma escuma amarela e fria. É isto porém pouco provável, e o que ele diz do antídoto manifestamente falso, a saber que tendo alguém um grão de sal na boca, nenhum efeito produzirá o veneno.

Os panches experimentavam os seus venenos em uma mulher velha ou num cão. *Herrera*, 7, 5, 5.

O que é notável é que as tribos que nas suas setas usam contra as feras dos venenos mais ativos nunca os empregam contra os inimigos, *Merc. Per.* N. 79.

Pauw diz (*Recherches*, t. 2, pág. 310): "Algumas setas experimentaram-se na Europa cento e cinqüenta anos depois de envenenadas na América, e, com pasmo dos que faziam a experiência, achou-se que o veneno muito pouco perdera da sua intensidade."

31. Talvez desta extravagância nascesse a fábula, que Paul numa nota qualifica como exageração, mas de que aproveita no texto, o que lhe convinha. *Dans toute une province du Brésil, dit l'auteur des* Recherches Historiques, pág. 372, *les hommes seuls allaitent les enfants, les femmes n'y ayant presque pas de sein, ni de lait.* Paul assevera que este fato é tirado *des relations du Brésil*, mas em nenhuma das que li o encontrei. Não duvido porém que algum viajante mentiroso contasse isto.

32. Entendem eles que o que fazem afeta a criança. Conta Dobrizhoffer a história de um espanhol, que ofereceu uma pitada de rapé a um cacique, que, assim estava recolhido à sua rede, e perguntando-lhe por que rejeitava uma coisa de que antes tanto gostava, ouviu em resposta: "Não sabes que minha mulher teve ontem o seu bom sucesso? Como queres então que eu tome rapé, quando seria tão perigoso para o meu filho espirrar eu?"

33. Sucedeu ter o nome de Lery significação no idioma selvagem. Sabendo-o o intérprete que introduziu o viajante entre os tupinambás, aconselhou-o que, no perguntarem-lhe pelo nome, respondesse *Lery-ousson*, Grã Ostra. Por isso mais o estimaram aqueles, dizendo que com tão excelente nome não haviam ainda encontrado francês. C. 11.

34. Estranha era a nomenclatura usada entre o povo de Misteco, que dela deduzia superstição não menos estranha. Introduziam-se números nos nomes, não podendo o homem desposar mulher, cujo nome fosse de numeração igual ou superior à sua: por exemplo, diz Herrera, se ela se chamava Quatro Rosas, e ele Três ou Quatro Leões, não podiam casar.

"Observei", diz o P. Andrés Péres de Ribas, "quando fui batizar esta nação [as tribos hiaquis de Cinaloa], que apenas aparecia um índio, que não tivesse o nome deriva-

do das mortes que havia perpetrado, ou designativo do modo por que as fizera, como o que matou quatro, cinco ou dez, o que matou na floresta, no caminho, na plantação. E embora entre outras nações se encontrem apelidos semelhantes, são em muito menor número." L. 5, c. 1, pág. 285.

35. Erradamente sem dúvida, pois que a língua destes selvagens desconhece o *r*.

36. Um missionário do Brasil, que Lafitau encontrou em Roma, asseverou-lhe que *les Brésiliens étaient si délicats sur la réputation, que si une fille avait manqué à son honneur, non-seulement elle ne trouverait plus à se marier, mais elle ne viverait pas même en surelé au milieu de sa parenté*. T. 1, pág. 582.
Lafitau observa que todos os outros testemunhos contradizem esta asserção. Contudo não é improvável que o missionário falasse verdade, a respeito das tribos com que lidara.

37. Provavelmente modo por que pronunciavam a palavra francesa *maistre*, que não é a seu turno menor corrupção da latina *magister*.

38. Espécie de *amendon da terra, que os portugueses chamam* AMENDÕES, diz o original. Suponho será amendoim, como traduzi. (*Nota do Tradutor*.)

39. Nos mercados de Cholula se vendiam em grande quantidade vasos de barro tão fino e tão formoso como os de Faenza na Itália. Nada tanto como isto surpreendeu os espanhóis, diz Herrera, 2, 7, 2.

40. O que o punha a seguro da putrefação e dos vermes, mas não de uma espécie de traça extremamente destruidora. *Missões Moravas*, 3,56.

41. Excelente povo para os franciscanos, observa o autor das *Notícias*.

42. Claude d'Abbeville diz que eles sabiam distinguir pelo olfato duas pessoas de diferentes tribos. F.F. 311. Os que foram com ele para França avistaram terra muito antes que ninguém a bordo, e muitas vezes quando os franceses imaginavam vê-la, diziam eles que era apenas negrume do céu. FF. 312.
Numa carta de Nóbrega, lemos: "Cá há clérigos, mas é a escória que de lá vem... Não se devia consentir embarcar sacerdotes sem ser sua vida muito aprovada, porque estes estorvam quanto se edifica."
As *Cartas Jesuíticas* são documentos dos mais preciosos para o estudo do século XVI. A idéia benemérita da publicação dessas cartas pela Comissão do IV Centenário de São Paulo foi o prof. Sérgio Buarque de Holanda. (P.B.B.)

. . . .

Capítulo IX

D. DUARTE DA COSTA, GOVERNADOR – ANCHIETA – ERIGE-SE O BRASIL EM PROVÍNCIA JESUÍTICA – ESTABELECE-SE UMA ESCOLA EM PIRATININGA – MORTE DE D. JOÃO III – MEM DE SÁ, GOVERNADOR – EXPEDIÇÃO DOS FRANCESES AO RIO DE JANEIRO DEBAIXO DO COMANDO DE VILLEGAGNON – ATACAM-LHES OS PORTUGUESES A ILHA E DESTROEM-LHES AS OBRAS – GUERRA COM OS TAMOIOS – NÓBREGA E ANCHIETA NEGOCIAM COM ELES A PAZ – DERROTA FINAL DOS FRANCESES NO RIO DE JANEIRO, E FUNDAÇÃO DA CIDADE DE SÃO SEBASTIÃO

1533
D. da Costa, governador.
Notícias, **Ms. 2, 3.**
Chega Anchieta ao Brasil

APÓS quatro anos de governo pediu Tomé de Sousa a sua excusa, e foi D. Duarte da Costa despachado seu sucessor. Com o novo governador vieram sete jesuítas, entre os quais Luís da Grã, que fora reitor do colégio de Coimbra, e José de Anchieta, então coadjutor temporal apenas, mas destinado a ser celebrado na história jesuítica como o taumaturgo[1] do Novo Mundo. Já Loiola, o patriarca, como o chamam, da Companhia, ou antes Lainez, cuja mão de mestre punha em movimento toda a máquina, percebera a importância desta missão, e delegando novos poderes em Nóbrega, erigira o Brasil em Província independente, nomeando-o a ele e a Luís da Grã provinciais conjuntos. Não tendo porém

Erige-se o Brasil em Província jesuítica

ainda nenhum destes padres tomado o quarto grau, que era o último e mais alto da ordem, recomendou-se-lhes que o recebessem agora das mãos do Ordinário; e dentre os seus companheiros escolhessem consultores, um dos quais os devia acompanhar em todas as jornadas.

S. Vasc. *C. C. 1,* **§ 147.**

Estabelecimento em Piratininga

Elevado ao poder, foi o primeiro ato de Nóbrega fundar um colégio nas planícies de Piratininga.[2] Uma necessidade se tornava este estabelecimento agora que a sociedade era já numerosa; tinha muitas crianças de ambas as cores que sustentar, e as esmolas de que subsistia não eram suficientes para o alimento de todos num só lugar. A dez léguas do mar ficava o sítio escolhido, e a trinta de S. Vicente, sobre a grande cordilheira que se estende ao correr da costa. Era o caminho de íngreme e difícil subida[3], interrompida por chapadas de terreno plano, e assim continuava por oito léguas, até que aos olhos se mostrava um país encantador naquela temperada região do ar. Havia aqui lagos, rios, arroios e fontes, com rochedos e montanhas, que ainda se erguiam sobranceiras, tão fértil a terra, quanto podiam torná-la um solo rico e o mais feliz de todos os climas. As melhores frutas da Europa ali se dão, a uva, a maçã, o pêssego, o figo, a cereja, a amora, o melão, a melancia, e abundam em caça os bosques.

Vasc. *C. C.* **1, § 148**

Treze da Companhia foram, debaixo da obediência de Manuel Paiva, mandados colonizar este sítio, onde já Nóbrega tinha previamente estacionado alguns dos seus conversos. Com eles foi Anchieta como mestre-escola. Celebrou-se a primeira missa pela festa da conversão de S. Paulo[4] e desta circunstância, como de bom agouro, deram ao colégio o nome do Santo, nome que se estendeu à cidade que ali foi crescendo, e se tornou famosa na história da América do Sul. Ainda os planos de Piratininga não tinham sido melhorados pela cultura européia; a natureza em verdade os prepara para um paraíso terrestre, mas qual ela os deixara, assim estavam, não assistidos da arte humana. "E aqui estamos", diz Anchieta numa carta escrita a Loiola, "às vezes mais de vinte dos nossos numa barraquinha de caniço e barro, coberta de palha, quatorze pés de comprimento, dez de largura. É isto a escola, é a enfermaria, o dormitório, refeitório, cozinha, dispensa. Não invejamos porém as mais espaçosas mansões que nossos irmãos habitam em outras partes, que Nosso Senhor

Ago. de 1554

Jesus Cristo ainda em mais apertado lugar se viu, quando foi do seu agrado nascer entre brutos numa manjedoura; e muito mais apertado então quando se dignou morrer por nós na cruz."

Por falta de espaço não era porém que Anchieta, seus irmãos e pupilos assim viviam apinhados. Arrebanhavam-se assim, para se resguardarem do frio, contra o qual estavam miseravelmente providos. Fogo, sim, tinham-no, mas com ele também fumo que farte, faltando-lhes chaminé; e parecendo às vezes o frio o mais suportável dos dois males, estudavam ao ar livre. Dormiam em redes, nem tinham roupa de cama. De porta lhes servia uma esteira pendurada à entrada. Os vestidos também haviam sido calculados para região menos vizinha do céu, pois eram de algodão os poucos que tinham, e andavam sem calças nem sandálias. Mesa lhes eram folhas de bananeira e guardanapos, diz Anchieta, bem se excusam onde nada há que se coma, pois de fato alimentavam-se apenas do que os índios lhes davam, às vezes esmolas de farinha de mandioca, e mais raro algum peixe dos córregos, alguma caça das selvas.

Vasc. *C. C.* **1, § 153. D.** *Vida de Anchieta*, **1, 5, 1**

Trabalhos de Anchieta

Muitos discípulos, tanto *criolos* como mestiços, ali vinham das próximas aldeias. Ensinava-lhes Anchieta o latim e deles aprendia o tupinambá, de que compôs uma gramática e um vocabulário, os primeiros que se fizeram. Dia e noite trabalhava incansável no desempenho dos deveres do seu cargo este homem, cuja vida tão honrosa para ele e para a ordem, bem podia dispensar o maquinismo dos milagres. Não havia livros para os pupilos; escrevia ele a cada um a sua lição numa folha separada depois de concluída a tarefa do dia, e às vezes vinha a manhã surpreendê-lo antes de completado o trabalho. As cantigas profanas, que andavam em voga, parodiou-as em hinos portugueses, castelhanos e tupinambás; pela mesma transformação passaram na própria língua as baladas dos naturais. Quanto lho não agradeceríamos mais, se no-las houvesse conservado na sua íntegra! Também formulou no mesmo idioma para uso dos confessores, interrogações próprias para todas as ocasiões, e para os catecúmenos escreveu diálogos, em que se explicava toda a fé católica.

"Sirvo", diz ele, "de médico e barbeiro, medicando e sangrando os índios, e alguns se restabeleceram com os meus cuidados, quando já se não contava com as suas vidas, tendo outros morrido da mesma enfer-

midade. Além destes empregos aprendi outra profissão, que a necessidade me ensinou, a de fazer alpercatas; sou agora bom obreiro neste ofício, e muitas tenho feito para os irmãos, pois com sapatos de couro não se pode viajar nestes desertos!" Os cordões para estas alpercatas faziam-se duma espécie de cardo bravo, que era mister preparar para o efeito, e que também servia para as disciplinas a que todas as sextas-feiras se aplicavam os pobres rapazes, a quem se ensinava que atormentar-se a si mesmo é uma virtude cristã. Para sangrar não tinha o bom padre outro instrumento além dum canivete de aparar penas. Suscitaram-se escrúpulos a respeito deste ramo da sua profissão, pois que ao clero é proibido derramar sangue;[5] consultado Loiola, respondeu que a caridade se estendia a tudo.

Vasc. *V. de Anchieta,* **L. 1, c. 10**

Ataque contra Piratininga

A três léguas de Piratininga ficava uma aldeia, chamada de Santo André, e habitada principalmente por mestiços. Longe de ser um vínculo que unisse as duas raças, era esta casta mais desesperadamente infensa aos naturais do que os próprios portugueses. Odiavam os jesuítas, que combatiam o costume do país, como o diziam, intervindo no que chamavam a liberdade de fazer escravos. A redução e civilização dos índios olhavam-na estes miseráveis como necessariamente destrutiva dos seus interesses, e excogitaram engenhoso meio de criar nos selvagens prejuízos contra o cristianismo. Só a cobardia, lhes diziam, os induzia a deixarem-se batizar; temiam encontrar o inimigo no campo, e acolhiam-se sob a égide da Igreja.

De todas as exprobrações era esta a mais pungente que a um índio podia fazer-se. Acrescentavam que eram os jesuítas uma cáfila de indivíduos expulsados do seu país por vagabundos, e que para homens que sabiam servir-se do arco, era uma vergonha deixar-se governar por eles. Instigadas por estes malvados[6], avançaram algumas tribos vizinhas sobre Piratininga, mas saindo-lhes ao encontro os conversos, foram derrotadas. De noite voltaram ao campo de batalha para levar os cadáveres dos inimigos, e com eles se banquetearem. Achando a terra revolvida de fresco, e concluindo que os corpos ali deviam estar enterrados, cavaram e achando-os, os levaram. Ao romper o dia, chegados às suas aldeias, reconheceram as feições dos seus próprios mortos, e a almejada festa trocou-se em lamentos.

Vasc. *C. C.* **1, § 163-166**

Tão disposto como o seu predecessor não estava D. Duarte a cooperar com o clero nas suas vistas benévolas. Procedera o bispo contra os colonos delinqüentes com um rigor que o governador deveria ter secundado, assim houvesse ele entendido os verdadeiros interesses da colônia; mas de converso o contrariou, protestando que usurpara o prelado os direitos da Coroa. Pouco se pode tirar a limpo a respeito desta controvérsia; refere-se que o bispo andava à testa de um bando, e o governador e seu filho de outro, o que originou entre os dois muita inimizade, e na cidade muitos tumultos. Fr. Antônio Pires os reconciliou, persuadindo o filho a pedir perdão ao bispo, coisa difícil de conseguir-se de mancebo tão pundonoroso. Prova a submissão que era este o culpado. De pouco valeu porém a reconciliação, pois que no ano seguinte se embarcou o bispo para Portugal, a expor ao rei o seu caso. Naufragou nos baixos de S. Francisco, que ficam sobre a costa, numa angra entre o rio S. Francisco e Currupé. Saltou para terra a tripulação, mas caiu nas mãos dos caetés, que desapiedadamente mataram e devoraram homens, mulheres e crianças, cem pessoas brancas ao todo, com seus escravos. Só dois índios e um português, que lhes entendia a língua, escaparam para trazer a nova.

Desavença entre governador e bispo

Ant. Pires, *Div. Avis.*, **247**

Rocha Pita, 3, § 8

Matam os caetés o bispo

Vasc. *C. C.* **2, § 18**

É tradição comum, diz o historiador jesuíta, que desde aquele dia nenhuma beleza natural nasceu mais no sítio onde foi assassinado o bispo; adornado de ervas e árvores e flores até então, é agora ermo e estéril, como as montanhas de Gilboé, depois que nas suas lamentações as amaldiçoou Davi. Fácil era esta história de inventar e com tanta fé como edificação se acreditaria depressa em qualquer outra parte do Brasil, que não no próprio lugar. A vingança que se tomou dos caetés, remove deles a nossa indignação para sobre os seus cruéis perseguidores. O povo inteiro com toda a sua descendência foi condenado à escravidão, decreto iníquo, que não só confundia o inocente com o culpado, mas até oferecia pretexto para escravizar todo e qualquer índio. Bastava afirmar que pertencia a esta tribo precita, e o acusador era juiz na sua causa. Ao perceberem-se estas conseqüências, mitigou-se a sentença, de cujo rigor se eximiram todos os que se convertessem, e como isto ainda não aproveitasse, revogaram-na afinal inteira-

mente; mas antes deste ato de tardia justiça já quase a tribo toda estava exterminada.

Vasc., *C. C.* 3, § 43

No governo de D. Duarte da Costa faleceu D. João III. Seguiu-lhe a rainha regente por alguns tempos os planos de engrandecimento do Brasil, pelo que se lhe não percebeu imediatamente a perda. No ano seguinte viu Mem de Sá, irmão de Francisco de Sá Miranda, o poeta, render D. Duarte. Tinha sido nomeado em vida d'el-rei, e na provisão se dizia, teria o governo não só pelo termo ordinário de três anos, mas por todo o tempo que aprouvesse a S. M. Desembarcando, fechou-se o novo governador com os jesuítas, e segundo estes dizem levou oito dias a estudar com Nóbrega os exercícios espirituais de Loiola. Injuriam eles Mem de Sá e a si próprios se difamam, inculcando que este tempo de retiro não foi empregado em obter do melhor político, que nele havia, informações sobre o estado do país.

1557

Morte de João III

Mem de Sá, governador

O primeiro cuidado do governador foi proibir aos indígenas aliados comerem carne humana, e fazerem a guerra, salvo por motivo que ele e o seu conselho previamente aprovassem; e reuni-los em aldeias, onde haviam de edificar igrejas para os já convertidos, e casas para os seus mestres jesuítas. Contra estas medidas grandes clamores ergueram, não os naturais, mas os próprios colonos, que não podiam ver os selvagens considerados como entes racionais e humanos. Invectivaram os atos do governador como violações da liberdade dos índios; disseram que era absurdo proibir a tigres que comessem carne humana; que quanto mais eles entre si guerreassem, tanto melhor para os portugueses; e que reuni-los em vastas aldeias, era organizar exércitos, com que não tardaria que estes tivessem de medir-se. A tais argumentos fácil era a resposta, e quanto a qualquer perigo, que pudesse dar-se, diziam com razão os jesuítas, que mais o deviam temer os que haviam de viver entre esses mesmos índios, e contudo de nada se arreceavam. Um cacique se opôs ao decreto: foi Cururupebe, o *Sapo Inchado.* Declarou este ousadamente, que em despeito dos portugueses havia de comer os seus inimigos, e até os comeria eles também, se tentassem impedir-lho. Fez Mem de Sá marchar contra este selvagem uma força, que caiu de noite sobre a sua gente,

Brado contra as suas medidas a favor dos naturais

Vasc. *C. C.* 2, § 50-54

derrotou-a, aprisionou-o a ele e trouxe-o para a cidade, onde o *Sapo* foi posto em boa custódia.

Se por um lado se promulgavam estas leis, por outro se mandavam pôr em liberdade todos os índios indevidamente escravizados. Um colono poderoso recusou obedecer: Mem de Sá mandou cercar-lhe a casa e arrasá-la, se recalcitrasse mais um momento. Esta justiça sumária seguida como foi de geral e enérgica execução do édito, convenceu os aliados das boas intenções do governador para com eles. Depressa devia ter visto mais uma prova. Estando a pescar foram três índios aprisionados pelos seus inimigos, levados e comidos. Mandou Mem de Sá recado à tribo agressora, que entregasse os criminosos, para serem executados. Teriam anuído os caciques, mas poderosas eram as pessoas implicadas no negócio; as hordas vizinhas fizeram causa comum com elas; duzentas tribos que povoavam as margens do Paraguaçu, uniram-se em defesa do seu hábito favorito, e a resposta foi que, se o governador queria os delinqüentes, fosse lá buscá-los. Foi o que ele resolveu fazer, malgrado a oposição dos colonos. Com ele se puseram em campo índios aliados, um jesuíta à frente, e a cruz por estandarte. Encontraram o inimigo bem postado e em força considerável, mas puseram-no em fuga. Depois da batalha descobriu-se que a um dos mortos se cortara um braço; como evidentemente não podia isto ter sido feito, senão por um dos aliados para comê-lo em segredo, mandou o governador proclamar que aquele braço havia de ser posto ao pé do corpo, antes que o exército tomasse alimento, ou repousasse da batalha. Na manhã seguinte foi o inimigo perseguido, e sofreu nova e mais severa derrota, após a qual entregou os criminosos, e pediu aliança com as mesmas condições que as outras tribos.

Medidas vigorosas contra os índios refratários

Vac., *C. C.* 2, § 55-59

Expedição de Villegagnon ao Brasil

Contra mais formidável inimigo teve Mem de Sá de voltar agora as armas. Desde os tempos da primeira descoberta haviam os franceses freqüentado a costa do Brasil; agora tentavam estabelecer-se no Rio de Janeiro, capitaneados por Nicolau Durand de Villegagnon, natural da Provença, e cavaleiro de Malta. Era este aventureiro um atrevido e experimentado marinheiro. Quando os escoceses resolveram mandar para França a sua jovem rainha Maria, e com razão se receava que os ingleses a aprisionassem, Villegagnon,

que comandava uma esquadra de galés francesas em Leith, fingiu partir para a sua terra; em lugar disto porém deu volta à Escócia, navegação que para aqueles vasos se reputava impraticável, tomou a rainha na costa ocidental, e a salvo a pôs na Bretanha. Em muitas ocasiões de iguais provas de valor e habilidade, e para soldado daquelas eras tinha o raro mérito de possuir não pequena dose de instrução.

Este homem, por intermédio de Coligny, representou a Henrique II que era da honra e interesse da França empreender uma expedição à América; que tal tentativa distrairia a atenção e debilitaria a força dos espanhóis, que dali tiravam tão avultada parte de suas riquezas; que os naturais gemiam sob intolerável jugo e que para eles seria um bem, e para o mundo uma glória libertá-los e abrir à Europa o comércio da América. Não sei por que lógica se podia isto aplicar ao Brasil, país que não era da Espanha, nem aos portugueses, povo que não estava em guerra com a França. Tal era contudo o pretexto público[7] e Coligny deixou-se levar a prestar toda a sua influência a este projeto, por lhe prometer Villegagnon em segredo, que abriria na colônia um asilo aos protestantes.

Thuanus, 6, 1, 460

Já Villegagnon tinha feito anteriormente uma viagem ao Brasil,[8] entabulado relações com os naturais, e escolhido local para o seu estabelecimento. A pedido do almirante deu-lhe agora Henrique II duas naus de duzentas toneladas, e munições e gêneros de metade deste peso. Levantou-se uma companhia de artífices, soldados, e nobres aventureiros, e do Havre de Grace, então chamado *Franciscópolis*, em honra de seu fundador Francisco I, partiu a expedição. Abriu a galé de Villegagnon com um tufão, que caiu, e teve de arribar a Dieppe; mal tendo o porto água para navios de tanto calado, e continuando o vendaval, houve na entrada grande dificuldade; mas os habitantes, que tinham adquirido honrosa reputação pela sua atividade nestas ocasiões, vieram em socorro dos navegantes, e rebocaram-no para dentro. Entretanto tinham os artífices, soldados e nobres aventureiros experimentado o enjôo do mar, e aproveitando o ensejo, abandonaram a expedição; a esta deserção se pode atribuir em parte o malogro final desta jornada.

1556
Brito Freire, § 51

Após longa e penosa navegação entrou Villegagnon no Rio de Janeiro; bem combinado havia sido o plano da expedi-

O Rio de Janeiro

ção, o lugar bem escolhido, e hostis aos portugueses e dispostas a favor dos franceses, com quem havia muito já traficavam, as tribos indígenas.

N. Barré

Parece o Rio de Janeiro, como a Bahia, ter sido outrora albufeira de água doce que rompesse a sua barreira. Vão as ondas quase banhar as fraldas da serra dos Órgãos, assim chamada duma tal ou qual semelhança, que nas suas formas se quis achar, e uma das mais altas e agrestes partes da Cordilheira cinge em circuito toda a baía. Fica a entrada entre duas rochas altíssimas, por um estreito de meia milha de largura; tão apertado passo defende esta enseada que mede dezessete léguas de circunferência. Mesmo no meio do estreito ergue-se um rochedo, que terá seus cem pés de comprido sobre sessenta de largo, e do qual Villegagnon tomou posse, construindo ali um forte de madeira. Assim tivesse ele podido manter-se neste posto, que não haveriam os franceses provavelmente perdido pé no Brasil; mas para isso não se erguia a penedia assaz acima da superfície das ondas, que crescendo dali o expulsaram. A sua chegada reuniram-se algumas centenas de naturais, que acendendo fogos de alegria ofereceram quanto tinham a estes aliados, vindos a protegê-los contra os portugueses.

Vasc., *Vida de Anchieta,* **2, 1, 2. Pimentel, 305**

Chegada dos franceses, França Antártica

Com a costumada arrogância olharam os franceses logo como próprio todo o continente, dando-lhe por isso o nome de *França Antártica*.[9] Quando assim na imaginação tomavam posse da América Meridional, compunha-se de oitenta homens a sua força; era o seu capitão demasiado prudente para arriscar-se sobre a terra firme, e todo o território da Antártica França se reduziu a uma ilha[10] de uma milha de circunferência, para a qual ele se passou, quando o penedo se tornou insustentável. Perto da entrada do porto fica esta ilha, toda cercada de cachopos, e com um único desembarque. De cada lado deste embarcadouro se erguem duas eminenciazinhas, que o dominam; fortificou-as o caudilho francês, fixando no centro da ilha a própria residência sobre um cabeço de penedia de cinqüenta pés de altura, em que escavou um paiol. A este posto fortificado deu o nome de *Forte Coligny*, em honra do seu patrono. Apenas assim se havia estabelecido, mandou ao almirante aviso da sua chegada, das riquezas do país e das boas disposições dos naturais, pedindo reforços e alguns bons teólogos de Genebra.

N. Barré. Lery, C. 6. Thuanus, 1, 401. Vasc., *C. C.* **2, 77**

Conspiração contra Villegagnon

Por mais conveniente que a ilha a outros respeitos pudesse ser para um estabelecimento, tinha o grande defeito da falta de água. Parcamente havia sido a expedição munida de munições e vitualhas; e logo depois da chegada foi preciso suspender a ração de licor, não tardando a suceder o mesmo à de biscoito. Teve pois a gente de subsistir unicamente com os alimentos do país antes de ter tempo de acostumar-se a eles, nem de convencer-se da necessidade da mudança. A conseqüência foi tornarem-se descontentes os artífices. Trouxera o comandante como intérprete um desalmado normando, que com a língua aprendera a ferocidade dos selvagens, entre os quais vivera sete anos. Coabitava este homem com uma cabocla; a lei da nova colônia permitia os casamentos mistos com mulheres do país, mas toda a convivência ilícita com elas era vedada; em virtude deste decreto, teve o intérprete de ou casar com a sua amasia, ou despedi-la. Poderia supor-se, que como semelhante homem em nenhum respeito teria as restrições do matrimônio, também nenhuma objeção poria à cerimônia. Mas por tão ofendido se deu, que principiou a conspirar contra Villegagnon, sendo-lhe fácil aliciar todos os artífices e mercenários, uns trinta em número. A primeira proposta deste malvado aos seus associados foi envenenarem todos os outros; nisto porém não quiseram consentir alguns dos conspiradores. Lembrou então fazê-los voar, pois que dormiam por cima do paiol: objetou-se-lhe que desta sorte tudo quanto tinham trazido iria igualmente pelos ares, sem lhes restar nada com que cativar as boas graças dos selvagens, e traficar com eles. Resolveu-se pois assassiná-los uma noite. Havia ali três escoceses, que Villegagnon, conhecendo-lhes a fidelidade, os reservara para guarda da sua pessoa; tentaram os conspiradores corrompê-los, mas eles revelaram a traição a Barré, e quatro dos cabeças do motim foram imediatamente agarrados e postos aos ferros. Um conseguiu arrastar-se até a orla da praia e atirar-se ao mar; os outros três foram enforcados, e o resto dos culpados condenados a trabalhos forçados como escravos.

O intérprete escapara. Todos os colegas naquela parte do país, que seriam uns vinte, coligaram-se, procurando indispor os naturais contra os franceses, na esperança de assim os obrigarem a levantar ferro. Neste intuito propalaram que uma febre contagiosa, que reinava entre os índios, lhes fora mandada por Villegagnon; ele a trouxera,[11] e nas

suas orações públicas a agradecia a Deus como um castigo providencial, que enfraquecendo os selvagens, o fazia forte a ele. Este embuste dos intérpretes ia-lhes aproveitando ao princípio, e a fortuna dos estrangeiros foi terem estabelecido numa ilha o seu posto. Mas a prudência do comandante em breve restabeleceu a paz.

Proceder para com os selvagens

Nas suas relações com os selvagens fez Villegagnon quanto pôde para dissuadi-los de comerem os prisioneiros; mas pouco valeram estes esforços, nem os franceses escrupulizaram em fornecer aos seus amigos correntes de ferro com que segurar as vítimas, sem deixar-lhes a menor possibilidade de fuga.

Entre os seus artigos de tráfico tinham vestidos das mais garridas cores, vermelhos, verdes e amarelos, feitos ao mais apurado gosto dos fregueses. O selvagem é quase sempre peralvilho; não era raro vê-lo enfurnado como um peru a pavonear-se de um lado para o outro metido numas calças de enorme circunferência, ou numa jórnea de mangas de diferentes cores, que o deixava nu do ventre para baixo. Mas depressa se enfadavam de tal constrangimento, e arrojavam de si estas travancas, ansiosos por verem outra vez em liberdade os membros. Às mulheres nunca foi possível convencê-las a porem em si o menor trapo, posto que grande abundância deles se houvesse trazido, que servissem de isca à feminil vaidade, de tanto prazer, que achavam em mergulhar na água, o que faziam dez vezes ao dia, não podiam sofrer o costume de andar vestidas, que lhes era estorvo aos freqüentes banhos. Até as próprias escravas que Villegagnon comprava, e que ele e os seus calvinistas no zelo contra toda a imoralidade, fustigavam para que se deixassem vestir, de noite tiravam tudo, e nuas passavam pela ilha gozando a consolação de sentir a frescura do ar, antes de se deitarem a dormir.

De Lery, 8

Chega um reforço de colonos e pregadores

Entretanto não se cansava Coligny de buscar para a sua colônia suprimentos espirituais e corporais. Filipe de Corguilerai, senhor Du Pont, huguenote, que fora seu vizinho em Chatilon-sobre-o-Loing, e se retirara para Genebra, a pedidos do almirante e do clero daquela cidade, consentiu, apesar de velho e enfermo, em deixar os filhos, e cometer tão remota e arriscada aventura. Se a igreja de Genebra assim tomou a peito

este negócio, foi por ter-lhe Villegagnon asseverado que o seu feito principal era estabelecer naquele país a religião reformada, para o que pedia o seu auxílio. O próprio Calvino, Pedro Richier e Guilherme Chartier, muitos aventureiros ilustres se deixaram induzir a acompanhar estes famosos ministros do seu próprio credo, entre os quais Jean de Lery, a quem devemos preciosas notícias sobre a tribo brasileira que assim teve ocasião de observar.

Aparelharam-se às expensas da coroa três naus, em que embarcaram duzentos e noventa homens, seis rapazes, que deviam aprender a língua dos naturais, e cinco raparigas debaixo da obediência duma matrona; de vê-las, conta-se, ficaram embasbacados os tupinambás. Comandava a expedição Bois-le-Comte, sobrinho de Villegagnon. Navio, que encontravam no seu rumo, fosse de amigo ou inimigo, saqueavam-no, se eram eles os mais fortes. Na altura de Tenerife tomaram um vaso português, prometendo ao capitão restituir-lho, se lhes desse traça como se apoderassem de outro; o homem com egoísmo, mais para esperar-se do que para relevar-se, meteu-se num bote com vinte destes piratas, e capturou um barco espanhol carregado de sal. Puseram então os franceses todos os seus prisioneiros, portugueses e espanhóis, a bordo da primeira presa, tomaram-lhes o bote e as provisões de toda a espécie, fizeram pedaços as velas, e neste estado os entregaram à mercê das vagas. Digamo-lo em honra de Lery, refere ele isto com justo horror e indignação, e muitos dos seus companheiros em vão protestaram contra.[12]

Lery, C. 2

Proceder teológico de Villegagnon

Entrada a barra, desembarcaram na ilha os aventureiros, rendendo graças a Deus por os haver trazido a salvamento. Em seguida apresentaram a Villegagnon, a quem Du Pont declarou, que em virtude de suas cartas escritas para Genebra, haviam vindo estabelecer no país uma igreja reformada. Respondeu o comandante, que de todo o coração havia desejado vê-los, esperando que a sua Igreja excederia em pureza todas as demais, pois que era intenção sua abrir aos pobres fiéis, perseguidos na França, Espanha e mais partes da Europa, um asilo, onde adorassem a Deus, como ele manda, sem receio de rei, imperador, nem potentado algum. Preparou-se imediatamente uma sala para o serviço divino, em que Richier pregou no mesmo dia, enquanto Viilegagnon, com grande edificação dos recém-chegados, escutava com a

maior devoção, ora gemendo profundo, ora juntando as mãos, e erguendo os olhos ao céu com todos os gestos beatos dum santarrão jubilado. Deu-se ordem para que todas as tardes depois do trabalho houvesse preces públicas, e todos os dias da semana um sermão, e aos domingos dois, devendo cada um durar uma hora; e declarou-se que se poria a disciplina eclesiástica em execução contra todos os delinqüentes. Um certo João Cointa, que dava pelo nome de Monsieur Hector, e fora anteriormente doutor da Sorbone, passou por apertado interrogatório acerca das suas opiniões, e pediu fazer pública abjuração dos erros do papismo. O próprio Villegagnon fez outro tanto, edificando os pregadores com o seu dom de oração. Richier chegou a declarar que era o comandante um segundo S. Paulo, e que nunca ouvira discorrer melhor sobre religião e reforma.

Disputas com os pregadores

Mas Villegagnon era de gênio disputador; invocando a autoridade de S. Cipriano e S. Clemente, insistiu em que com o vinho sacramental se devia misturar água; e sustentou que juntamente com esta se devia empregar no batismo o sal e o óleo. Com o *Duns Scotus* na mão estava sempre pronto a questionar com todos sobre tudo. Protestava não aceitar a doutrina da transubstanciação, mas também não acedia a nenhuma opinião sobre esta matéria; e afinal, depois de muita discussão mandou à França um dos missionários a propor a questão aos mais eminentes dentre os doutores huguenotes, e especialmente ao próprio Calvino, a cujo juízo prometeu sujeitar-se. Carregado de pau-brasil e outros produtos do país ia o navio que levava o encarregado desta curiosa missão; levava também dez selvagenzinhos de presente ao rei. Tinham sido aprisionados na guerra pelos índios aliados dos franceses, comprados por estes, e depois de solenemente benzidos pelo pastor Richier no fim dum sermão, embarcados como frutos da missão. Henrique II os distribuiu pelos nobres da sua corte.

Lery, C. 8

As raparigas, que tinham vindo da França para suprirem de mulheres alguns colonos, logo acharam maridos. Cointa casou com uma, que por morte dum parente herdou uma grande fortuna em navalhas, pentes, espelhos, abovila de várias cores, anzóis e outros artigos de tráfico com os selvagens. Suscitou-se agora uma questão, que os fundadores da colônia deveriam ter considerado antes de deixar a Europa. Na falta de mulheres européias, queriam alguns aventureiros contentar-se

com tupinambás. Mas Villegagnon exigiu que, se alguém quisesse casar com mulher indígena, havia esta de ser primeiramente doutrinada e batizada; e declarou que se com algumas delas houvesse quem formasse conexão ilícita seria punido de morte.[13] Esta severidade contribuiu sem dúvida para tornar impopular o comandante, que teria caído vítima do ressentimento assim provocado, se não descobrisse ainda em tempo uma conspiração contra os seus dias.[14] Em bem teria sido para ele haver morrido às mãos dos conspiradores; deixaria melhor reputação e menos manchada de crimes a sua memória.

Traição de Villegagnon

Mas Viilegagnon era um vil traidor, e enganara Coligny. O zelo que inculcava pela religião reformada, mentido era para apanhar ao almirante o seu dinheiro e o seu crédito; conseguido isto, e parecendo-lhe de maior vantagem seguir a parcialidade oposta, ou comprado como se diz pelo cardeal Guise,[15] tirou a máscara, desaveio-se com os ministros huguenotes, e com tanta tirania e intolerância se houve, que os que tinham emigrado para a França Antártica a gozar da liberdade de consciência, acharam-se sob um jugo mais ferrenho do que o na pátria os oprimia. Pediram pois licença para voltar à França, e ele deu ao capitão dum navio autorização por escrito para levá-los. Mas quando subiram a bordo, em tal estado acharam a embarcação que cinco quiseram antes voltar para terra, do que meter-se nela ao mar. Jean de Lery foi um dos outros, que, preferindo a morte à tirania deste homem, seguiram viagem. Depois de terem lutado com os extremos horrores da fome, entraram em Henebone.[16] Dera-lhes Villegagnon uma caixa de cartas, envoltas em pano encerado como era então costume; havia entre elas uma dirigida aos principais magistrados do primeiro porto que aferrassem, e na qual este digno amigo dos Guises denunciava os homens, que convidara para irem no Brasil gozar do pacífico exercício da religião reformada, como hereges, réus de fogueira. Sucedeu inclinarem-se os magistrados de Henebone ao calvinismo, frustrando-se assim a diabólica maldade de Villegagnon, e descobrindo-se-lhe a traição. Dos cinco que haviam receado confiar-se a um navio tão mal aparelhado e pouco navegável, três foram mandados supliciar por este perseguidor encarniçado. Outros dos huguenotes fugiram para os portugueses, onde tiveram de apostatar, professando uma religião que tanto desprezavam como aborreciam.

Thuanus

Negligência do governo português 1556

Apesar de tão zelosos do comércio brasileiro, que tratavam como piratas todos os contrabandistas, deixaram os portugueses quatro anos esta colônia francesa não molestada; e se não fora a traição de Villegagnon ao seu próprio partido, seria quiçá o Rio de Janeiro hoje a capital duma possessão da França. Um corpo de aventureiros flamengos estava prestes já a embarcar para o Brasil, aguardando unicamente as notícias da capitania, que trazia de Lery; e dez mil franceses teriam emigrado, se os desígnios de Coligny fundando a sua colônia, não houvessem sido tão perversamente atraiçoados. Não escapava aos jesuítas o perigo, e afinal logrou Nóbrega despertar a corte de Lisboa. Duarte da Costa recebeu ordem de reconhecer o estado das fortificações francesas, quando a devia ter tido de arrasá-las; e em conseqüência da parte que mandou, deram-se a Mem de Sá instruções para atacar e expulsar os franceses. Mas quando este se dispunha a executá-las, apareceram homens assaz imbecis para levantarem oposição; pretendiam que era mais prudente sofrer ainda algum tempo mais a agressão, do que aventurar uma derrota, que era de recear-se, comparadas a solidez da fortaleza francesa, os suprimentos que recebia dos navios da mesma nação, que freqüentavam o porto, e o número dos aliados, com a pobreza do estado em navios, armas e apetrechos bélicos. Ante a energia de Nóbrega teve de render a timidez destes conselhos pusilânimes. Aparelharam-se para a jornada duas naus de guerra e oito ou nove navios mercantes. O comando assumiu-o o governador, ainda que solicitado para não expor sua pessoa, e Nóbrega o acompanhou; pois Mem de Sá, dando a melhor prova do seu bom senso com esta deferência que assim mostrava a talentos superiores, e maior experiência, nada empreendia sem os seus conselhos. Outro motivo ou pretexto da presença do provincial dos jesuítas numa expedição tão pouco acorde com seus deveres missionários, forneceram-no os médicos, recomendando-lhe, como remédio contra os escarros de sangue, que lançava, remoção para o clima menos cálido de São Vicente.

Lery, C. 20

Notícias, **1, 52**

Vasc. ***C. C.*** **2, § 74-76**

Expedição contra os franceses

Nos primeiros dias do novo ano de 1760 chegou a armada ao Rio de Janeiro. Era intenção do governador entrar pelas horas mortas da noite e surpreender a ilha; mas pressentido pelas sentinelas,

1560

teve de lançar ferro fora da barra. Aperceberam-se os franceses imediatamente para a defesa, abandonando os navios, acolhendo-se aos seus fortes com oitocentos flecheiros indígenas. Só agora viu Mem de Sá que lhe faltavam canoas, e embarcações de pouco calado, além de homens que conhecessem o porto. Foi Nóbrega enviado a S. Vicente, onde solicitasse o auxílio dos moradores, e cumprida a comissão com a usual habilidade, despachou dali um bom bergantim, canoas e botes carregados de provisões, e tripulados por portugueses, mestiços e naturais, gente prática da costa, e amestrada na guerra com tupinambás e tamoios. Vinham dois jesuítas[17] conduzindo o reforço.

Com este auxílio entrou Mem de Sá no porto, e ganhou o embarcadouro da ilha. Dois dias e duas noites bateram em vão fortalezas, cujas muralhas e baluartes eram de rocha sólida, e gastas assim sem proveito a pólvora e as balas, e recebidas muitas feridas, dispunham-se já a reembarcar a artilharia e a tocar a retirada. Mas se até então pouco talento haviam mostrado em dirigir o ataque, não faltava aos portugueses ânimo nem esforço, e o pejo de voltar duma malograda empresa, instigou-os a desesperado cometimento. Investiram e tomaram as obras exteriores, que dominavam o desembarque, e assaltado o rochedo em que se escavara o paiol, também o levaram de vencida. Intimidados os franceses, abandonaram na noite seguinte, eles e os tamoios, os demais postos, e metendo-se nos seus botes, fugiram, uns para as naus, outros para a terra firme. Um índio convertido, que no batismo recebera o nome de Martim Afonso, tão honrosamente se distinguiu neste feito de armas, que em recompensa teve uma pensão e a ordem de Cristo.[18]

Arrasam-se as fortificações francesas

Para se manterem na ilha que haviam tomado, faleciam forças aos portugueses; arrasadas todas as obras dos franceses, fizeram-se pois de vela, levando toda a artilharia e provisões, que encontraram, para o porto de Santos, onde a incansável diligência de Nóbrega tudo havia preparado para alívio dos feridos e doentes, e conforto dos sãos.

Villegagnon estava então em França, aonde fora no intuito de trazer uma armada de sete naus, com que interceptar a frota da Índia, tomar e destruir todos os estabelecimentos dos portugueses em terras do Brasil. Não lho permitiram as dissensões internas daquele reino; os católicos estavam por demais ocupados para atendê-lo, e os huguenotes,

que poderiam fornecer-lhe os meios de executar o seu plano, havia-os ele atraiçoado. Blasonava que nem todo o poder da Espanha ou do Grão-Turco o forçaria a decampar; e numa carta à sua corte, exprimia Mem de Sá o receio que, se os franceses voltassem a ocupar a sua ilha, se realizasse a bravata. "Villegagnon (dizia ele) não trata como nós os gentios. É com eles generoso em excesso, e guarda-lhes rigorosa justiça; se algum dos seus comete um delito, é enforcado sem cerimônia, de modo que, temido destes, é amado dos naturais. Mandou-o adestrar no uso das armas; aquela tribo é numerosa e uma das mais bravas, pelo que poderá ele tornar-se em breve extremamente poderoso."

Julho de 1560

Anais do Rio de Janeiro, **Ms., C. 7**

Estando Mem de Sá em Santos, mandou por insinuação do seu grande conselheiro, remover para Piratininga a cidade de Santo André.[19] Situada na ourela dos bosques, ficava ela exposta às correrias das tribos hostis, que povoavam as margens do Paraíba; mas na nova sede tanto floresceu, que não tardou a tornar-se o ponto mais considerável daquelas partes. Transferiu-se ao mesmo tempo para S. Vicente o colégio de Piratininga, e como a estrada para este último lugar, ou antes para S. Paulo, era infestada dos tamoios, abriram os jesuítas outra com grandes fadigas numa direção segura.

Vasc., *C. C.* **2, § 8**

Com corridas de touros, favorito mas bárbaro jogo de portugueses e espanhóis, raro, ou talvez nunca antes celebrado no Brasil, foi festejada a volta do governador a S. Salvador. Pouco porém descansou ele da guerra. As capitanias de Ilhéus e de Porto Seguro sofriam horrivelmente dos aimorés, novo inimigo, de todas as tribos brasileiras a mais selvagem e terrível. Diz-se que fora este povo originariamente um ramo dos tapuias, que possuíra outrora no sertão uma linha de terra, paralela à costa, do rio de S. Francisco ao Cabo Frio, e que os tupiniquins e tupinambás o haviam rechaçado ainda mais para o interior, onde multiplicara, enquanto os portugueses receavam as tribos marítimas. Segundo a mesma tradição, tinha este povo vivido tanto tempo separado das nações afins, que já estas lhes não entendiam a linguagem. Tal era a opinião corrente sobre a origem dos aimorés; mas não há idioma que possa passar por tal mudança sem se incorporar em

Nauf. da nau *S. Pedro. Hist. Mar.* **T. 1, pág. 373**

Os aimorés

outro radicalmente diverso; e como estes índios eram de mais alta estatura do que os seus vizinhos, mais arrazoado parece supor que viriam do sul, onde os naturais são de mais alentada raça e hábitos mais rudes. Dizem que era a sua pronúncia extraordinariamente dura e gutural, e de som tão profundo como se partisse do peito. Tinham o costume comum da maior parte das tribos americanas, mas não das brasileiras, de se depilarem todo o corpo, exceto a cabeça, onde traziam o cabelo curto, servindo-se duma espécie de navalha, feita de cana, e de corte tão fino quase como o do aço. Não tinham nem vestidos nem habitações. Nus como animais, como animais se deitavam a dormir pelas florestas, e como brutos corriam de gatas por entre sarçais, através dos quais impossível era segui-los. Na estação chuvosa comiam debaixo de árvores, alcançando-lhes apenas o engenho a formarem com os ramos uma espécie de tejadilho. Viviam de frutas silvestres, do que matavam com suas setas, a que, diz Vasconcelos, não escapava uma mosca, e dos inimigos, que degolavam, não com as outras tribos, em festas triunfais, mas habitualmente e para sustento, olhando-os como animais, em que podiam cevar-se. Se tinham fogo, como que meio assavam as suas viandas; se o não tinham, com a mesma apetência as devoravam cruas. Tão selvagem e bravio, como os hábitos da vida, era o modo de fazer a guerra; não tinham chefe nem caudilho; jamais se reuniam em troços grandes; jamais arrostavam face a face um inimigo, mas como bestas feras se punham à mira, e dentre as balsas e brechas faziam o mortal tiro. A um respeito levavam todas as outras tribos grande vantagem a esta, que sendo sertaneja não sabia nadar; e tal era a sua ignorância ou horror à água, que qualquer corrente, que não se pudesse vadear, era contra estes selvagens defesa bastante. Facilmente se supõe que para semelhantes homens devia ser intolerável a escravidão; aprisionados pelos portugueses recusavam comer, morrendo deste o mais lento e deliberado dos suicídios.

Notícias, **1, 32.**
Vasc., *C. C.* **2, 93**

Incapazes de resistirem a semelhante inimigo, fugiram diante dele os tupiniquins, deixando com a sua fuga a descoberto e expostos os Ilhéus e Porto Seguro. Invocaram os moradores das duas capitanias a proteção de Mem de Sá; embarcou este em pessoa com forças adequadas, velejou para o porto dos Ilhéus, e dali marchou para o lugar aonde se dizia que se tinham acolhido os selvagens. Ficava no caminho um panta-

nal ou labirinto de águas, que era mister transpor; descobriu-se que os aimorés o haviam atravessado por uma ponte de árvores singelas, que excedia uma milha de comprimento, e por ela passou também o exército. Alcançaram de noite os selvagens, caíram sobre eles, mataram homens, mulheres e crianças, não poupando fôlego vivo, e, para tornarem mais completa a vitória, puseram fogo às matas. Voltava Mem de Sá em triunfo, e chegara já à costa, quando duma cilada rebentou um bando de aimorés; foram porém levados de roldão ao mar. Os aliados, tão ativos na água como em terra, perseguiram-nos, afogando os que não quiseram aprisionar. Alcançada esta segunda vitória, entrou o governador nos Ilhéus indo direito à igreja de Nossa Senhora render graças pelo auxílio divino. Muitos dias se não passaram sem que se visse à praia coberta de índios. Tinham os aimorés reunido grande força tanto da sua própria nação como dos montanheses, e vinham tomar vingança: Outra vez foram derrotados, humilhando-se então, e pedindo paz, que lhes foi concedida nos termos usuais. Acrescenta-se que nesta expedição destruiu e queimou Mem de Sá trezentas aldeias de selvagens, forçando os que se não queriam submeter à lei da Igreja, a retirarem-se a mais de sessenta léguas para o interior; sem que mesmo nesta distância se julgassem seguros do ferro e fogo dos portugueses. Há sem dúvida grande exageração nesta narrativa, e provavelmente até alguma falsidade; estas aldeias não podiam ser de aimorés, nem se pode razoavelmente supor que fossem eles os vencidos de que se trata, pois que para arrostarem em campo os portugueses, era preciso que tivessem previamente trocado por outros esses hábitos de guerrear, que unanimemente se lhes atribuem; nem com estas vitórias se alcançou vantagem alguma permanente, pois que em mui poucos anos estava quase destruída a capitania dos Ilhéus.

Vasc., *C. C.* **2, 95-97**

Auxiliados como agora eram por um governador zeloso e hábil, prosseguiam os jesuítas com grande fruto nos seus trabalhos: tinham formado já cinco estabelecimentos ou aldeias de índios convertidos, e no correr deste ano adicionaram mais seis ao número. Mas enquanto assim viam num ponto coroados do melhor êxito os seus esforços, em outro se tornavam cada vez mais formidáveis os selvagens. Mem de Sá fizera apenas metade da sua obra no Rio de Janeiro. À terra firme se haviam acolhido os franceses, que ele expulsara da ilha de

Villegagnon, e auxiliados e de alguma forma disciplinados por eles, faziam agora os tamoios pagar caro aos portugueses os males que deles haviam recebido. Eram estes índios um ramo do grande tronco tupi, mas não reconheciam por parentes senão os tupinambás, sendo inimigos de todas as outras tribos, especialmente dos goitacases e goianases, a quem faziam guerra de morte nas bandas de S. Vicente. Todas as suas povoações estavam bem fortificadas com paliçadas melhor que as dos tupinambás, com quem eles se assemelhavam na maior parte dos hábitos. O que mais notável os tornava era o seu talento poético improvisador, pelo qual eram recebidos com grandes honras, onde quer que iam. Das serras molestavam os que moravam nas cercanias de Piratininga e da costa quantos lhes ficavam ao alcance das canoas. Nesta sangrenta visitação reconheciam os jesuítas a justa vingança do Céu, pois quanto agora sofriam, tudo o haviam merecido os portugueses. Os tamoios teriam sido amigos fiéis, se estivessem seguros dos caçadores de escravos; tornara-os hostis a injustiça, e agora eram os mais tremendos inimigos; comiam quantos prisioneiros faziam, exceto as mulheres, que queriam reservar para concubinas. Uma que estava grávida pouparam-na até ao parto, devorando então mãe e filho. Não satisfeitos com a vingança, visavam agora desarraigar do país os portugueses, e mal se pode duvidar que, se os dez mil huguenotes, ou um décimo deste número, que teriam vindo colonizar o Brasil, se nele lhe fosse licito professar livremente a sua religião, houvessem efetivamente emigrado, talvez se desse o caso, apertados como se viam por outro lado os colonos pelos terríveis aimorés. Reuniram os portugueses a força que puderam, para atacá-los, e foram miseravelmente derrotados; à vista disto fizeram as tribos, que até então se haviam conservado neutras, causa comum com os vencedores, e os tupis do sertão, que eram aliados dos portugueses, renunciaram à amizade, e imitaram-nas.

Os tamoios

Notícias, 1, 58

Sim. de Vasc., *Cr. da C.,* **2, 113**

1562

Um exército imenso das nações confederadas se reuniu para investir S. Paulo, que esperavam surpreender; mas um índio, que antes tinha sido batizado pelos jesuítas, desertou, e veio revelar o desígnio. Todos os indígenas convertidos da vizinhança se juntaram imediatamente na cidade debaixo de Martim Afonso (*Tibiriçá*)[20] que era o chefe naquelas partes. O ir-

mão e o sobrinho Jagoanharo (*o Cão Bravo*) lá lhe andavam entre os confederados. Era o Cão um dos caciques, e mandou recado ao tio, pedindo-lhe que não se expusesse à ruína, mas abandonasse os portugueses, trazendo quanto lhe pertencia. Tão confiados vinham na vitória, que as velhas não haviam esquecido seus alguidares para o banquete antropófago.

Foram os jesuítas que salvaram Piratininga; debaixo dos estandartes da Igreja saíram a campo os seus discípulos, e batalhando como os primeiros sarracenos, na inteira fé de que o paraíso ia ser sua partilha, foi invencível o seu ímpeto. O Cão foi morto quando tentava forçar uma igreja, em que as mulheres se haviam asilado. Seu tio, Martim Afonso, portou-se com o costumado valor e com uma ferocidade que a conversão não rebatera. Dois dos vencidos clamavam que eram catecúmenos, e clamavam por seus pais espirituais, que os protegessem, mas ele respondendo que tal crime não tinha perdão, esmigalhava-lhes os crânios a ambos.

Sim. de Vasc., *Cr. da C.* 2, § 132-139

Não tardou que este esforçado guerreiro morresse duma disenteria trazida a Piratininga pelos escravos dos portugueses das povoações vizinhas. Os jesuítas falam dele com os devidos encômios e gratidão, como de quem primeiro ali os recebera, lhes deram terras, os ajudara toda a sua vida, e finalmente os salvara deste último e mais instante perigo.[21]

Os tamoios assolam o Espírito Santo

Em outras partes triunfavam os selvagens. Nas suas compridas canoas de vinte remos, iludiam os tamoios toda a perseguição, e impunes assolavam as costas. Voltando de Portugal à sua capitania do Espírito Santo, que deixara em estado florescente, achou-a Coutinho quase destruída. Atacada de um lado pelos tupinambás, e pelos goianases por outro, estavam queimados os engenhos de açúcar e sitiada a cidade. Meneses, que ficara com o comando, tinha sido morto; e a mesma sorte coubera a D. Simeão de Castelo Branco, seu sucessor. Com as novas forças que trazia, lutou Coutinho alguns anos por fazer frente ao inimigo, até que as solicitações dos colonos e a consciência da própria fraqueza, o moveram a pedir auxílio ao governador. Mandou-lhe Mem de Sá seu próprio filho Fernão com uma esquadrilha de barcos costeiros.

1563

Desembarcaram as tropas auxiliares na foz do rio Quiricaré, onde fizeram junção com as forças da capitania, e caíram em cima dos selvagens matando bastante. Antes que os

vencedores pudessem reembarcar, refez-se o inimigo, atacou-os, pô-los em desordem, e derrotou-os com grande perda, contando-se entre os mortos o próprio Fernão de Sá. Com ele caíram dois filhos do Caramuru.

Sim. de Vasc., *Cr. da C.* **2,14, 144. Jaboatão, §43**

Nunca as calamidades vêm desacompanhadas. As bexigas, introduzidas na ilha de Itaparica, e dali em São Salvador, espalharam-se por toda a costa na direção do norte, e mais de trinta mil índios dos convertidos pelos jesuítas foram vítimas da terrível enfermidade.

Durante a guerra dos tamoios pregava Nóbrega bem alto do púlpito e nas praças públicas que o inimigo triunfava, por que da sua parte tinha a justiça pelo que Deus o ajudava. Os portugueses, dizia, tinham em despeito dos tratados dados sobre eles, escravizado alguns, e deixado os aliados devorarem os outros; e esta vingança era um castigo da justiça divina. Afinal ele e Anchieta, consultado primeiramente o governador, resolveram meter-se entre as mãos destes selvagens, na esperança de efetuarem pazes. De mais perigosa embaixada nunca ninguém se encarregara. Francisco Adorno[22], fidalgo genovês, um dos homens ricos do Brasil, levou-os num de seus próprios navios. Apenas o barco se aproximou da costa, coalhou-se o mar de canoas, que vinham atacá-lo; mas ao verem os hábitos dos jesuítas, souberam os tamoios que tinham diante de si os homens, cujas vidas eram inocentes, e que, amigos de Deus, eram os protetores dos índios; esta, posto que linguagem dos jesuítas, é aqui também a da verdade. Anchieta os arengou no seu próprio idioma; e apesar de todas as traições e perfídias que haviam sofrido, tanta era a confiança destes selvagens no caráter da Companhia, que muitos subiram a bordo, escutaram o que se lhes propunha, e levaram o navio a porto seguro.

Saem Nóbrega e Anchieta a negociar a paz

No dia seguinte vieram os caciques de dois aldeamentos a tratar com estes embaixadores; mandaram a S. Vicente doze mancebos como reféns e levaram Nóbrega e Anchieta para terra a um lugar chamado *Iperoig*[23], onde Coaquira, velho cacique, os recebeu por hóspedes. Ali edificaram uma igreja, conforme puderam, coberta de folhas de palmeira, e todos os dias diziam missa. Com estas cerimônias infundiram veneração nos selvagens, e com os mistérios que pregavam, excitavam-lhes a admiração e o respeito com a decência e santidade da vida, e

cativaram-lhes o amor, manifestando a todos uma boa vontade despida de interesse, de que todo o seu proceder no Brasil foi sempre testemunho. É mais do que provável fosse esta embaixada a salvação das colônias portuguesas. Disseram-lhes os hóspedes que novo e mais tremendo ataque se preparava; que duzentas canoas estavam prontas para assolar a costa, e que quantos flecheiros povoavam as margens do Paraíba se haviam coligado, jurando não depor as armas antes de se terem, destruída a capitania, tornado mais uma vez senhores do país. Ainda era possível conjurar o perigo. Muitas das hordas confederadas ouviram com grande desprazer que se tinham recebido propostas de paz, e um cacique, por nome Aimbire, saiu com dez canoas a quebrar o tratado. Dera ele uma filha a um francês, e além desta aliança com os inimigos dos portugueses, tinha motivo ainda mais forte para odiá-los, pois já uma vez lhes caíra nas mãos numa caçada de escravos; haviam-no posto a ferros, e arrastado para bordo, mas ele, acorrentado como estava, atirara-se à água, e escapara a nado.[24] No dia imediato à sua chegada, houve uma conferência, para resolver se se aceitaria ou não a paz oferecida. Aimbire exigiu, como preliminar, que três caciques, que separando-se da confederação, haviam seguido a parcialidade dos portugueses, fossem entregues para serem comidos. Os jesuítas responderam que era impossível anuir a esta exigência. Os caciques em questão eram membros da Igreja de Deus e amigos dos portugueses; o primeiro dever que os seus conterrâneos guardavam, era manter ilesa a fé prometida e a firmeza com que o fariam nesta conjuntura, devia ser aos que iam ter; porquanto se doutra sorte procedessem com fundamento se devia concluir que quem quebrava a fé aos amigos, a não guardaria aos inimigos. A resposta de Aimbire foi que, se os portugueses não entregavam estes homens, que lhe haviam morto e devorado tantos dos seus amigos, não haveria pazes; e como falava em nome de grande parte das hordas do Rio de Janeiro, parecia terminada a conferência. Mas tomando-o pela mão, o velho Pindobuçu (o *Grão Palmeira*), régulo da aldeia, em que se reunira a assembléia, e usando da autoridade que lhe conferia a idade, impediu-o de cometer qualquer ato de violência a que parecia inclinar-se. Nóbrega julgou mais prudente procrastinar; concordou em que se levasse a exigência ao conhecimento do governador de S. Vicente, e Aimbire quis ir apresentá-la em pessoa; era intenção sua, não conseguindo o seu fim imediato, pro-

mover uma disputa, e romper as negociações. Nóbrega pela sua parte tinha necessidade de dar conta do que havia sabido, e o seu pedido ao governo foi que por nenhum respeito se anuísse a tão ímpia proposta fossem quais fossem para ele e seu companheiro as conseqüências da recusa.

Entretanto o filho do Grão Palmeira, Paranapuçu (*o Grão Mar*), que estava ausente à chegada dos jesuítas, ouvira do ascendente que estes lhe haviam ganho sobre o pai, e deu-se pressa em recolher-se a casa para matá-los, dizendo que estava velho o autor de seus dias, e por isso o pouparia. Viram Nóbrega e Anchieta a canoa, que se aproximava, nem tardaram a perceber que se lhes fazia pontaria; fugiram a bom fugir, enfiaram pela casa do Grão Palmeira, que infelizmente estava fora, e ali de joelhos principiaram os ofícios da tarde do Santíssimo Sacramento, sendo o dia seguinte festa do Corpo de Deus. À eficácia destas orações, e à eloqüência de Anchieta atribuíram a salvação; pois o selvagem redondamente lhes disse, que viera a matá-los, mas que vendo que casta de homens eram, desistira do intento.

Sim. Vasc. de *C. C.* 3, § 13 e 14

Vai Nóbrega a S. Vicente

Estavam havia dois meses em Iperoig, quando o governo provincial de S. Vicente os mandou chamar para conferir com eles antes de se ajustarem pazes finais com os tamoios: mas estes não julgaram prudente deixar ir ambos os reféns, e concordou-se que ficaria Anchieta. A continência destes padres, quando segundo o costume se lhes ofereciam mulheres, muito maravilhara os seus hóspedes, que perguntaram a Nóbrega como era que parecia aborrecê-lo o que todos os homens ardentemente desejavam. Tirou ele de sob o hábito umas disciplinas, e mostrando-as, disse que, atormentando a carne, a mantinha em sujeição. Nóbrega estava velho já e alquebrado de contínuo trabalho; mas Anchieta, na flor da virilidade, vendo-se assim deixado só e sem um bordão a que arrimar-se, se lhe escorregasse o pé, fez voto à Virgem de compor-lhe um poema sobre a vida dela[25] na esperança de manter a própria pureza, tendo o pensamento sempre fixo na mais pura das mulheres. Não era ligeiro cometimento cantar os cânticos de Sião em terra estranha; papel não o tinha, faltavam-lhe penas, tinta não a havia; assim passeando pela praia ia fazendo os seus versos, e escrevendo-os na areia, e dia por dia os entregava à memória.

Voto de Anchieta

À sua chegada a S. Vicente achou Nóbrega a fortaleza levada de assalto, o capitão morto, e toda a sua família raptada pelos selvagens. Um dos jesuítas obteve dos naturais o nome de Abaré Bebé (*o Padre Voador*),[26] pela rapidez com que corria dum lugar a outro, quando o seu dever o chamava. Nóbrega não merecia menos igual apelido. Não descansou enquanto não levou os deputados dos tamoios a Itanhaém, e ali os reconciliou com os indígenas reduzidos; depois a Piratininga, onde da mesma sorte teve lugar uma solene reconciliação na Igreja, estabelecendo a paz entre todas as diferentes hordas daquele círculo. Foi isto obra de três meses, durante os quais não correu Anchieta poucos perigos entre os selvagens. Os que eram contrários à paz almejavam romper as tréguas, chegando a fixar dia para o comerem, se antes disso não regressasse a embaixada. Insofrida de mais longa inatividade, empreendeu uma partida uma expedição hostil, da qual trouxe alguns portugueses prisioneiros. Anchieta estipulou-lhes o resgate; mas este não chegou com a presteza que queriam os apresadores, pelo que determinaram comer os seus cativos. Não restava agora ao jesuíta outro recurso, senão a profecia; e ousadamente prometeu que o resgate chegaria na manhã seguinte antes de certa hora. Chegou de fato o bote. Tinha o padre aventurado um prognóstico feliz, e ao que parece não mui difícil, acerca das pessoas que deviam vir, e da espécie de resgate que trariam, o que ele não podia muito bem ignorar, como quem tinha feito o trato; tal qual foi o vaticínio porém, acha-se registrado entre os milagres do seu autor. Predição mais atrevida foi a de que não seria comido, feita quando esta sorte o ameaçava de perto: mas nada arriscava com a asserção, e contribuiu ela provavelmente para preservar-lhe os dias.

Vasc. *C. C.* **3, § 24 e 25**

Que Anchieta podia fazer milagres era artigo de fé entre portugueses e índios, cada um conforme às suas próprias superstições. Os primeiros mandaram depois dele morto volumes de atestados para Roma, chamaram-no o *Taumaturgo do Novo Mundo,* e procuraram fazê-lo canonizar[27] mas nunca ele derivou tão substancial benefício do seu caráter milagroso como agora, que se achava nas mãos dos tamoios. Chamaram-no estes o *Grão Pajé dos Cristãos*, e diziam que havia nele um poder que suspendia o braço dos homens; e esta opinião salvou-lhe a vida.

Os índios, que tinham ido com Nóbrega a S. Vicente, voltaram de improviso, descontentes e temerosos; tinha-lhes dito um escravo, que

se lhes maquinava a morte, e dando inteiro crédito à falsa notícia, haviam fugido; nesta criança os confirmava, diziam, o ter um dos companheiros de Aimbire sido assassinado por um tal Domingos Braga.[28] Ouvido isto, concluiu a gente do Rio de Janeiro que o tratado estava quebrado, como desejava, e voltou às suas próprias aldeias. Teriam levado Anchieta, se o Grão Palmeira o não protegesse. Outra partida só se absteve de matá-lo, pelo reputar conjurador, argumento que Grão Palmeira fez valer com feliz resultado, reforçando-o com toda a sua autoridade, e uma ameaça de vingança. Achava-se com ele um certo Antônio Dias, que viera a resgatar a mulher e os filhos; sucedeu ser pedreiro, e a alegação que lhe salvou a vida, foi edificar ele as casas dos *pajés* cristãos, e do seu Deus que por isso o protegeria. Anchieta ganhara as afeições daqueles, com quem havia já tanto convivia, porquanto, além das suas profecias e esconjuros, curava-lhes as doenças tanto com a lanceta, como o não menos eficaz instrumento da fé. Seu nunca desmentido zelo pela salvação destas almas também não podia deixar de infundir respeito, nos que por força lhe haviam de reconhecer a sinceridade. Nascera uma criança disforme e a mãe imediatamente a enterrara. Anchieta correra a abrir o sepulcro e a aspergi-la antes que estivesse morta de todo. Outra vez foi ainda mais proveitoso o seu zelo. Uma mulher que durante a prenhez mudara de marido, tivera o seu bom sucesso; a criança nascida em tais circunstâncias, chamavam-se *marabá,* que significava fruto misto e duvidoso,[29] e era costume enterrá-la viva: teve ele porém tempo de salvar ainda esta depois de já coberta de terra, e pôde induzir a mãe a criá-la, prevalecendo o respeito, que todos lhe tinham, sobre esta prática desumana.

Paz com os tamoios

Afinal tornou a aparecer esse mesmo tamoio, que se dizia ter sido assassinado por Domingos; e a origem dum boato, que em tão grave risco pusera o missionário, soube-se ter sido haver o índio fugido para os bosques com medo do mestiço. Pouco depois ultimaram-se os termos da paz, e Anchieta deixou Iperoig, após uma residência de cinco meses. O primeiro lazer dedicou-o ao cumprimento do seu voto escrevendo o poema que compusera na areia, e que em mais de cinco mil versos latinos abrange toda a história da Virgem.[30]

Vasc., *C. C.* 5, 31; 3, 35

Peste e fome

Já as bexigas haviam ceifado no Recôncavo três quartos dos indígenas. À peste seguiu-se a fome, nem foi esta o efeito daquela, parecendo andar derramando pela atmosfera algum princípio destruidor tanto da vida animal como da vegetal; murchavam e caíam os frutos antes de maduros.[31] A conseqüência foi segunda mortalidade: dos doze aldeamentos que os jesuítas haviam formado, seis extinguiram-se, tantos dos seus habitantes morreram, ou fugiram para o sertão. Os portugueses, com verdadeiro espírito de quem trafica em carne humana, aproveitando-se da miséria dos vizinhos, a troco de comestíveis compravam escravos.

Mesa da Consciência

Uns se vendiam a si mesmos, outros os próprios filhos, outros os filhos alheios furtados. A validade destas compras tornou-se caso de consciência, e ao tribunal desta em Lisboa[32] se afetou a questão. O fim deste tribunal é achar desculpas a coisas que abertamente se contrapunham a essa lei, que é a vontade de Deus revelada, e desse sentimento moral, que quando não pervertido é o seu infalível comentador: a decisão foi que em caso extremo pode um homem legalmente vender-se a si ou seus filhos para comer. O direito de comprar jamais se pôs em dúvida, posto que os compradores parece não ter ficado inteiramente sem escrúpulos a este respeito, nem sem algum salutar pressentimento de remorsos à hora da morte. O governador, o bispo, o ouvidor-geral, e Luís da Grã, agora único Provincial (Nóbrega por sua idade e enfermidades tinha sido dispensado deste encargo), reuniram-se ao chegar esta resposta, e promulgaram-na para tranqüilizar esses conscienciosos traficantes de escravos, que não queriam crer que o prato de lentilhas fosse preço suficiente para pagar o melhor direito inato do homem, enquanto os casuístas lhes não aprovaram a barganha. Levantou-se porém outra dificuldade: muitos destes escravos não tinham sido vendidos, nem por eles nem por seus pais, pelo que não era possível compreendê-los na sentença; mas os donos também não queriam abrir mão deles. Deixá-los ir reunirem-se às hordas não catequizadas, pareceu perigoso, e um santo escrúpulo se suscitou sobre a probabilidade de eles apostatarem, se os punham em liberdade. O resultado foi um compromisso entre a consciência e a velhacaria: disse-se a estes escravos que eram efetivamente livres, mas que deviam enquanto vivos servir os seus possuidores, recebendo soldos anuais; e se fugissem, seriam persegui-

Vasc. *C. C.* 3, § 41 e 42

dos, reconduzidos à cidade, castigados, e multados com a perda do salário dum ano; os senhores por outro lado não os haviam de vender, doar, trocar, nem levar para fora do Brasil. Estas medidas nada aproveitaram aos oprimidos; os possuidores ajuntaram o perjúrio aos demais crimes, e quando registravam um escravo, faziam-no jurar o que lhes aprazia ditar.

Passada a fome, voltaram muitos dos conversos aos aldeamentos dos jesuítas, e os que não puderam achar as mulheres bem queriam tomar outras; mas como não era fácil de averiguar se as primeiras eram falecidas, não se lhes permitiu tornarem a casar, senão após considerável lapso de tempo. Esta circunstância os desgostou, pondo os missionários em grande embaraço.

1564

Nem à rainha regente nem ao seu conselho agradara o não se haver Mem de Sá mantido na posse da ilha de Villegagnon; e assim que se soube da paz que Nóbrega e Anchieta haviam concluído com os tamoios, resolveu o governo não perder o ensejo de firmar pé no Rio de Janeiro, excluindo finalmente os franceses. Despachou pois Estácio de Sá, sobrinho do governador, para a Bahia com dois galeões e ordem ao tio, que lhe prestasse para esta jornada as forças da colônia. Reuniu Mem de Sá os vasos que pôde, e recomendou a Estácio que entrasse na barra do Rio de Janeiro, reconhecesse a força do inimigo e o número das suas naus, e se houvesse fundamento para contar com a vitória, o atraísse ao mar alto; mas que em caso nenhum quebrasse a paz com os tamoios, e que se pudesse haver os conselhos de Nóbrega, nada de importância sem eles empreendesse.

Vasc. 3, 56 e 57. *Vida de Anch.* 2, 10, § 1, 2

Chegou Estácio de Sá em fevereiro ao lugar do seu destino, e logo mandou uma barca a S. Vicente, com um pedido a Nóbrega, que viesse o quanto antes ter com ele. Feito isto soube que naquelas partes tinham os tamoios quebrado as pazes, aliando-se outra vez com os patrícios dele prisioneiro. Esta notícia nem por todos foi acreditada, mas depressa se confirmou: uma partida de botes penetrou na barra para fazer aguada, e um que se adiantara aos mais subindo um curso de água doce, foi atacado por sete canoas, perdendo quatro homens antes de poder safar-se. Não havia lugar por onde pudessem ser acometidos os navios franceses que não estivesse coberto pelos tamoios, cujas canoas coalhavam a baía.

Expedição de Estácio de Sá contra os franceses

Ensaiou Estácio com pouca vantagem algumas ligeiras escaramuças; viu que o inimigo não sairia ao mar, que não podia desembarcar por falta de embarcações próprias, e em verdade que as suas forças não bastavam para a empresa; e tendo sabido dum prisioneiro, que para ele fugiu, que S. Vicente estava também em guerra com os selvagens, julgou mais acertado seguir para ali, robustecer aquela capitania, consultar com Nóbrega (cuja demora atribuía às hostilidades que lá se passariam), e reforçar-se a si próprio. Fez-se pois de vela no mês de abril. À meia-noite do dia seguinte entrou Nóbrega com um vendaval no porto, e deitou ferro, contente por ter escapado à tormenta. Cuidava achar ali a armada, mas ao raiar a aurora só viu por todos os lados as canoas do inimigo; o vento, que o atirara para dentro, soprava ainda, e fugir era impossível; já a gente se dava por perdida encomendando a Deus as almas, quando de improviso apareceram velas à barra, e Estácio, repelido também o tufão, veio com suas naus ancorar nas mesmas águas.

No dia seguinte, que era domingo de Páscoa, saltou toda a gente em terra na ilha de Villegagnon, onde Nóbrega pregou um sermão de graças pela sua salvação providencial. Estácio consultou com ele sobre o que devia fazer-se e o resultado foi confirmar-se a resolução já tomada pelo comandante de refazer-se em S. Vicente, embarcar materiais, e prover-se de embarcações de remo, sem as quais muitos postos, que seria mister ganhar, nem sequer se poderiam atacar.

Obsta Nóbrega a que se abandone a empresa

Fizeram-se pois de vela e chegaram a Santos. Aqui se viu que os tamoios de Iperoig, com quem Nóbrega e Anchieta haviam estado, se conservavam fiéis aos seus compromissos; muitos tinham vindo ajudar os portugueses, e Cunhambebe, que votava a Anchieta especial amizade, postara-se com todo o seu povo nas fronteiras dos tupis, em defesa dos amigos. Mas os colonos não estavam dispostos a fazer sacrifícios além dos necessários à própria e imediata conservação; engrandeciam o poder dos franceses e dos seus aliados, e insistiam na dificuldade da empresa com persuasão tal, que Estácio vacilou, dizendo a Nóbrega: que contas, padre, darei a Deus e ao rei, se este armamento se perde? Senhor, replicou o jesuíta, de tudo darei contas a Deus, e se for necessário irei também perante el-rei responder por vós.

Resolvido o capitão, era preciso animar os soldados; com sua política os ganhou. Levou-os a Piratininga, onde o aspecto de tantos índios convertidos, disciplinados e prontos para a guerra, lhes infundiu coragem e confiança, e onde a presença de tantos cristãos contribuiu para reduzir outros selvagens que durante a visita vieram trazer os seus arcos, fazer pazes e pedir mantimento, oferecendo o seu auxílio para a premeditada empresa.

Vasc. *C. C.* 3, § 60-63

Grande parte das necessárias forças e materiais ali se levantaram. Depois desceu Nóbrega até à costa, e correu todas as povoações, pregando ao povo a necessidade de levar a cabo a expedição, e prometendo em nome do governador perdão dos delitos temporais a quem nela se embarcasse. E numa colônia continuamente suprida de degradados não era este perdão mercê que se desprezasse. Alistaram-se mestiços e índios, aparelharam-se canoas, aprontaram-se apetrechos; também da Bahia e do Espírito Santo vieram contingentes, chegando-se a reunir uma força, como os que se opunham à jornada nunca haviam julgado possível levantar-se. Levaram estes preparativos até fins do ano. Em janeiro ficou de verga d'alto a armada, composta de seis naus,[33] número proporcionado de embarcações miúdas, e nove canoas de índios e mamelucos, com os quais Nóbrega mandou Anchieta e outro jesuíta, como os melhores cabos sobre tal gente. A 20 de janeiro, dia de São Sebastião, saiu de Bertioga expedição, que tomou por patrono este santo, lisonjeando o jovem rei, e unindo assim a religião à lealdade. Foi contrário o tempo; as canoas e embarcações ligeiras não puderam ganhar a barra do Rio de Janeiro, senão em princípios de março, tendo então ainda de esperar pela capitânia e pelos transportes, que vinham vindo vagarosos, arfando contra ventos ponteiros. Esta demora esgotou a paciência aos índios, mormente por principiarem a acabar-se-lhes as provisões, e assim declararam a Anchieta que não haviam de ficar ali para morrerem de fome. À vista disto recorreu ele outra vez a essas ousadas promessas, que os historiadores consignam de tão boa mente como milagres; os transportes, disse, chegariam antes de tal hora, e logo atrás deles o capitão. Há boas razões para supor que ele se tivesse ido por atalaia, pois achava-se ausente quando os aliados tomaram esta resolução de retirada, e concluíra apenas a profecia quando os navios apareceram à vista.

Volta ao Rio de Janeiro

1565

Vasc. *C. C.* 3, § 64-73

A frota reunida entrou agora a barra, desembarcando as tropas no lugar depois dito Vila Velha, perto do Pão de Açúcar, que com outro rochedo as protegia pelos flancos. Ali se entrincheiraram. Explorado o terreno, reconheceu-se que não havia à mão senão água estagnada, e essa tão pesada e má, que se reputou insalubre; mas José Adorno, um dos colonos genoveses, e Pedro Martim Namorado com a sua gente se encarregaram de abrir na areia um poço que supriu as necessidades. Mal se haviam os portugueses fortificado, quando os tamoios os atacaram. Caiu-lhes nas mãos um índio convertido, e em lugar de o levarem preso a uma árvore o fizeram alvo dos flecheiros. Com isto cuidavam intimidar-lhe os companheiros, mas só os exasperaram; fizeram estes uma surtida, puseram o inimigo em fuga, e tomaram-lhe as canoas. Seis dias mais tarde soube-se que os tamoios com vinte e sete canoas se haviam emboscado num sítio, por onde os portugueses de necessidade haviam de passar: foram estes apercebidos para o combate, e sofreram aqueles segunda derrota. Estas insignificantes vitórias animaram os cristãos, que ovantes na esperança do triunfo, cantavam o verso da Escritura: "Partidos são os arcos dos poderosos, e os que tropeçavam estão cingidos de fortaleza." E bem podiam falar nos arcos dos poderosos, que os sustentava, e ainda às vezes, atravessando o corpo, ia perfurar uma árvore, ficando-lhe a vibrar no tronco.

6 de março

Samuel, 1, 2, 4

Vasc. *C. C.* 3, 74

1566

Com pouco vigor se prosseguia na guerra. Depois de gasto mais de ano em ócio, ou escaramuças sem resultado,[34] veio Nóbrega ao campo, do qual despachou Anchieta para a Bahia, onde se ordenasse, pois ainda não era mais que coadjutor temporal, e olhasse pelos negócios da Companhia. Objeto de maior monta havia que tratar com o governador. Nóbrega representava-lhe que nada poderia fazer-se com tão diminutas forças, e que ou se havia de envidar mais um esforço para levar a empresa a cabo ou seria mister abandoná-la. Mem de Sá levantou todos os socorros que pôde, e com eles chegou em pessoa aos 18 de janeiro do ano seguinte de 1567, vinte e quatro meses menos dois dias depois que a expedição partira de S. Vicente.

1567

Vitória dos portugueses

Estando tão próximo o dia de S. Sebastião transferiu-se o ataque até a bem-aventurada manhã, para investir então Uraçumiri, o forte dos franceses. Foi o lugar levado de

assalto, e dos tamoios não escapou um só: morreram dois franceses, e cinco que caíram prisioneiros, foram enforcados, segundo o feroz sistema de guerra que os europeus seguiam na América. Avançaram os vencedores imediatamente sobre Paranapucuí, outra fortaleza inimiga, que ficava na *ilha dos Gatos*,[35] onde tiveram de bater em brecha as fortificações, que eram extraordinariamente sólidas. Mas Estácio de Sá recebeu na primeira ação uma flechada no rosto, morrendo da ferida um mês depois. Em seu lugar foi nomeado capitão-mor Salvador Correia de Sá, parente dele. Dos franceses poucos caíram nestes conflitos; tinham no porto quatro navios, e nestes, vendo assim totalmente derrotados os aliados, velejaram para Pernambuco, tomando posse do Recife, onde resolveram estabelecer-se. Esta escolha de local prova quanto eles haviam explorado bem a costa, e com quanto tino eram traçados os planos, para cuja execução só faltava a necessária força. Mas Olinda, então uma das mais florescentes cidades do Brasil, ficava demasiado perto: o comandante daquela praça os atacou, compelindo-os mais uma vez à fuga. Um deles, antes de embarcar, deu expansão ao desacoroçoamento que lhes inspirava o desesperado estado dos seus negócios, talhando numa rocha estas palavras: *Le monde va de pis en pis*,[36] "vão as coisas de mal a pior".

Morte de Estácio de Sá

Rocha Pita, 2, 63

Jamais guerra em que tão pequenos esforços se fizessem, e tão poucas forças empregassem de parte a parte, foi tão fértil de importantes conseqüências. A corte de França andava por demais ocupada em queimar e trucidar huguenotes para poder pensar no Brasil; e Coligny, vendo abortar os seus projetos pela vil traição de Villegagnon, já não atendia à colônia. O dia de emigrar da pátria era passado, e os que deviam colonizar o Rio de Janeiro empunhavam armas contra um inimigo sanguinário e implacável na defesa de quanto é caro ao homem. Portugal estava quase tão desatento como a França. A morte de D. João III fora para o Brasil irremediável perda; porquanto posto que a rainha regente algum tempo seguisse as pegadas do finado monarca, era com menos zelo e diminuído poder; e quando se viu forçada a resignar a administração nas mãos do cardeal D. Henrique, revelou este a mesma falta total de resolução e atividade, que mais tarde manifestou no seu curto e triste reinado. Tivesse sido Mem de Sá menos enérgico no cumpri-

Fundação de S. Sebastião

mento dos seus deveres, ou Nóbrega menos hábil e menos incansável, e esta cidade, que é hoje a capital do Brasil, seria francesa agora.

Imediatamente após esta vitória lançou o governador, conforme as instruções que tinha, os fundamentos de nova cidade que chamou de S. Sebastião em louvor do santo sob cujo patronato se haviam posto em campo, e em honra d'el-rei. Principiou também a fortificar os dois lados da barra. Todas estas obras foram feitas pelos índios, debaixo da direção dos jesuítas, sem que o estado despendesse um real. No meio da cidade se assinou à Companhia terreno para um colégio, dotado em nome do rei com bens suficientes para sustentação de cinqüenta irmãos, dotação que bem haviam merecido, e que no ano seguinte foi confirmada em Lisboa. Com todas as formalidades do estilo se deu ao alcaide-mor posse da nova cidade. O governador entregou-lhe as chaves das portas, feito o que, entrou, fechou-as e também os dois postigos, aferrolhando tudo, enquanto Mem de Sá se conservava da parte de fora. Então o alcaide chamou por ele, perguntando se queria entrar e quem era; ao que o outro tornou que era o comandante daquela cidade de S. Sebastião em nome d'el-rei, e que queria entrar. Abriram-se as portas em reconhecimento de que era ele o capitão-mor daquela cidade e fortaleza por el-rei de Portugal.

An. do Rio de Jan., **Ms., C. 8**

Com sangue inocente nodoou Mem de Sá os fundamentos da sua cidade. Entre os huguenotes que se tinham visto obrigados a fugir à perseguição de Villegagnon, havia um, cujo nome parece mais inglês do que francês: escrevem-no os portugueses João Bolés.[37] Era homem de bastante instrução, bem versado no grego e hebraico. Luís da Grã fez com que o prendessem com três dos seus companheiros, um dos quais fingiu fazer-se católico; os outros foram metidos numa enxovia, e nela estava Bolés, havia já oito anos, quando o mandaram para o Rio de Janeiro, onde com o seu martírio aterrasse alguns compatrícios, que porventura naquelas partes tivessem ficado escondidos. Gabam-se os jesuítas de que Anchieta o convencera de seus erros, reconciliando-o com a santa Igreja católica; mas a história que contam parece mostrar que, com a promessa de pouparem-lhe a vida, ou pelo menos de lhe tornarem menos cruel a morte, o tentaram apostatar. Porquanto quando o levaram ao lugar do suplício, titubeando o carrasco no seu sangrento ofício, interveio Anchieta pressuroso, mostrando-lhe como jus-

Executa-se um protestante

tificar o herege o mais depressa possível, com receio, disse-se, que este, sendo homem obstinado e recentemente convertido, perdesse a paciência, e com ela a alma. O sacerdote que dalguma forma acelera a execução da morte, fica *ipso facto*, suspenso das ordens: e por isso entre as ações virtuosas de Anchieta lhe conta o biógrafo esta.[38]

S. Vasc., *C. C.* **3, 116.** *Vida de Anch.***, 2, 14, § 67**

Atacam os franceses S. Lourenço

Os índios reduzidos, que tinham ajudado na conquista foram estabelecidos perto da cidade em terras dos jesuítas, o aldeamento prosperou, tornando-se excelente posto avançado contra os tamoios e contrabandistas franceses e ingleses. O capitão índio Martim Afonso[39] foi postado com o seu povo a uma légua da cidade, num lugar agora dito S. Lourenço.

Contra este caudilho nutriam os tamoios ódio de morte, ardendo por tomá-lo vivo, para o devorarem. Sucedeu chegarem ao Cabo Frio quatro navios franceses, talvez os mesmos que já haviam sido sucessivamente expulsos do Rio de Janeiro e do Recife: pediram-lhes os selvagens ajuda contra o inimigo comum. Mem de Sá voltara a S. Salvador; em S. Sebastião não havia força que pudesse assoberbá-los, nem para os franceses era coisa inaudita entregar prisioneiros aos seus aliados antropófagos. Entraram à barra sem oposição, achando-se os fortes ainda incompletos e desguarnecidos de artilharia. O governador Salvador Correia mandou pedir auxílio a S. Vicente, e sabendo qual era o fim principal do inimigo, despachou a Martim Afonso os socorros que pôde, preparando-se também para defender a cidade, que não era ainda murada.

Não era Martim Afonso dos que facilmente esmorecem. Teve tempo de fazer sair as mulheres e crianças antes que desembarcassem os franceses e os tamoios; e felizmente para ele ainda estes diferiam o assalto para a manhã seguinte. De noite chegou o pequeno reforço que Salvador Correia podia dispensar, e resolveu-se fazer uma surtida e surpreender o inimigo: veio o mais brilhante sucesso coroar este arrojo. Entretanto tinha a maré deixado em seco os navios, que haviam descambado tanto, que era impossível fazer jogar a artilharia; foram pois os portugueses fazendo fogo muito a gosto com um falcão pedreiro, sua única peça, e apenas cresceu a maré, safaram-se os franceses, tendo so-

frido considerável perda. Foi este o último rebate que deram no Rio de Janeiro.

Tanto que chegaram de S. Vicente os reforços, perseguiu Salvador Correia os franceses até o Cabo Frio: eram idos, mas lá estava outro navio de duzentas toneladas, bem tripulado, e montando tantas peças, que a gente nada se temeu duma esquadrilha de canoas. Valente e brava foi a defesa. O próprio Salvador Correia, tentando subir a bordo, três vezes os seus índios o salvaram, posto que armado de todas as peças. O capitão francês mantinha-se na tolda, revestido de completa armadura, e uma espada em cada mão. Um dos aliados dos portugueses, irritado de ver resvalarem-lhe dele as setas, perguntou se não havia lugar a que mirar; à viseira, lhe responderam, e a primeira flecha foi atravessar um olho do francês, deixando-o morto. Não tardou o navio a render-se, servindo suas peças para fortificar a barra. Quando el-rei D. Sebastião soube do galhardo proceder de Martim Afonso, mandou-lhe presentes, entre os quais um vestido do seu próprio uso, em sinal de particular estima.

S. Vasc., *C. C.* **3, § 129-136**

Os franceses expelidos da Paraíba

Outra partida de franceses tentou estabelecer-se na Paraíba, onde por algum tempo fizeram lucrativo tráfico, tornando-se formidáveis pela sua aliança com os naturais. Despachou-se Martim Leitão a reduzir estes selvagens, dando-se-lhe alguns jesuítas, os melhores voluntários neste serviço. Estava o inimigo tão entrincheirado que forçá-lo era impossível; mas um dos padres por sobre a paliçada saltou ao meio deles, mais seguro no seu hábito do que o seria debaixo da mais rija armadura. Escutaram-lhe os índios as razões, depuseram as armas, e expeliram os franceses. Colonizou-se a Paraíba, aldearam-se os índios, e estabeleceram-se uns oito ou nove engenhos de açúcar. Veio um novo capitão, à feição dos caçadores de escravos; expulsou os padres, perseguiu-lhes e dispersou-lhes os catecúmenos, e com a rapidez com que crescera, declinou a colônia.

Colonizam-na os portugueses

Rel. An. **1603, Ff. 113**

1572

Tentativa dum estabelecimento inglês na Paraíba do Sul

Também os ingleses tratavam por estes tempos de se estabelecerem no Brasil: e mais atinados na escolha do local, senão mais favorecidos da fortuna, fi-

xaram-se em grande número na Paraíba do Sul. Ali se ligaram com as mulheres do país, e com mais uma geração poderiam os anglo-tupis mestiços vir a ser perigosos vizinhos, se o governador de S. Sebastião, seguindo aferrado o sistema da sua corte, os não tivesse no quinto ano da sua residência atacado e exterminado. Os que escaparam à desapiedada guerra que os portugueses faziam a todo o entrelopo, fugiram para o sertão, e ou foram comidos pelos selvagens, como se crê, ou viveram e morreram entre eles, asselvajando-se também.

NOTAS DO CAPÍTULO IX

1. Aqui achará o leitor a história de Anchieta. Sobre a mitologia da sua vida* alguma coisa se encontrará mais adiante (vol. 2), onde se dá notícia da biografia deste fazedor de milagres por Simão de Vasconcelos.

   * Lembramos ainda ao leitor que Southey é protestante e que por isso chama mitologia os portentosos feitos da vida de Anchieta. (P.F.)

2. Assim se chamava a residência de Tibiriçá, desse régulo que era o sogro de João Ramalho, fizera aliança com Martim Afonso de Sousa, e com o nome deste se batizara. Piratinim ou Piratininga era nome dum rio, que vai cair no Tietê, antigamente o rio Grande; daí se chamou assim primeiramente o estabelecimento à sua margem, e depois o distrito inteiro. Fr. Gaspar da Madre de Deus, *Memór, para a Hist. de S. Vicente,* pág. 160.

3. Um século mais tarde, aberto já um caminho na melhor direção, assim o descreve Simão de Vasconcelos: "o mais do espaço não é caminhar, é trepar de pés e de mãos, aferrados às raízes das árvores, e por entre quebradas tais e tais despenhadeiros, que confesso de mim, que a primeira vez que passei por aqui, me tremeram as carnes, olhando para baixo. A profundeza dos vales é espantosa: a diversidade dos montes uns sobre outros, parece tirar a esperança de chegar ao fim! Quando cuidais que chegais ao cume de um, achai-vos ao pé de outro não menor! e é isto na parte já trilhada e escolhida. Verdade é que recompensava eu o trabalho desta subida de quando em quando; porque assentado sobre um daqueles penedos, donde via o mais alto cume, lançando os olhos para baixo me parecia que olhava do céu da Lua, e que via, todo o globo da Terra posto debaixo de meus pés: e com notável formosura, pela variedade de vistas, do mar, da terra, dos campos, dos bosques e serranias tudo vário e sobremaneira aprazível. Se se houvera de medir o grande diâmetro desta serra, houvéramos de achar melhor de oito léguas; por que suposto que vai fazendo em paragens algumas chãs a modo de tabuleiros, sempre vai subindo, e tomando à mesma aspereza, ainda que em nome diversa, chamada em uma das paragens Praná Piacá Miri, e

logo em outra Cabaru Parangaba: e tudo é a mesma serrania. E finalmente vai subindo sempre até chegar ao raso dos campos, e à segunda região do ar, e onde corre tão delgado, que parece se não podem fartar os que de novo vão a ela."

4. Fundação de São Paulo, 25 de janeiro de 1554. Cassiano Ricardo, falando de Nóbrega e Anchieta, no caso da fundação de São Paulo: "Já os mestres o disseram: um não existiria sem o outro; não é possível separar Nóbrega de Anchieta, fundadores de São Paulo. Ou melhor: acrescente-se o nome de Tibiriçá, sem o qual não se explicará jamais o ato da fundação." (P.B.B.)

5. Era por isto que, entregando um herege, para ser castigado, pedia o clero, que não se derramasse sangue... e depois cantava um *Te Deum* com toda a paz de consciência, vendo-o queimar vivo.*

   *Como é fácil de conhecer, é o autor exagerado e injusto neste seu juízo. (F.P.)

6. Ou pelo Diabo, diz Vasconcelos. Não é bem líquido por quem. *C.C.* 1, § 164.

7. Lescarbot diz de Villegagnon: *Il jette l'oeil el son désir sur les terres du Brésil, qui n'estoient encores occupées par aucuns chrétiens, en intention d'y mener des colonies françoises, sans troubler l'Hespagnol en ce qu'il avoit découvert et possédoit.* P. 146.

8. Esta viagem a que se refere Southey, sem dúvida levado pelo testemunho de Rocha Pita, parece não se ter verificado: ao menos nem uma menção dela fazem Thevet e Lery. (F.P.)

9. Nic. Barré data a sua carta: *Ad flumen Genabara, in Brasilia, Franciae Antarcticae, Provincia,* e Thevet intitula o seu livro, *Les Singularitez de la França Antarctique, autrement nommé Amérique,* assim chamada, diz, *pour être partie peuplée, partie découvert par nos pilottes.*

10. A respeito deste estabelecimento faz Lescarbot algumas arrazoadas observações: *Je reconnois un grand défaut, soit au chevalier de Villegagnon, soit en ceux qui l'avoient envoyé. Car que sert de prendre tant de entièrement? Et pour la posséder il faut se comper en la terre ferme et la bien cultiver; car en vain babiterat on un pays s'il n'y a de quoi vivre. Que si ou n'est assez fort pour s'en faire à croire, et commander aux peuples qui occupente le pays, c'est folie d'entreprendre, et s'exposer à tant de dangers. Il y a assez de prisons partout, sans aller rechercher si loin.* P. 156.

11. Em outro lugar diz Barré que o navio de Villegagnon vinha infetado.

12. O modo de fazer a guerra era naqueles tempos mais atroz ainda do que nos antigos: os vencidos costumavam ser imolados e às vezes com circunstâncias de requintada crueldade. De Lery acusa espanhóis e portugueses de haverem esfolado vivos alguns franceses apreendidos a traficar na América... Se é verdade, foi a maldade perpetrada sobre o terrível princípio de talião. Sempre têm sido os franceses um povo cruel; e é certo que tendo em 1526 alguns piratas tomado uma nau portuguesa, que vinha da Índia, já quase à vista da costa, saquearam-na, e puseram-lhe fogo com quanta gente tinha a bordo, umas mil pessoas, das quais não escapou uma. Um piloto português, que fora um dos piratas, o confessou à hora da morte, dei-

xando seis mil coroas, seu quinhão no saque, ao rei de Portugal, como restituição. O irmão do capitão francês, aprisionado mais tarde na mesma costa, teve igual sorte, sendo queimado com toda a sua tripulação! Andrade*, Cr. del-*R*. D. João III*, 1, 67.

13. Só à força de muitas instâncias foi possível levá-lo a comutar esta pena em prisão e trabalhos forçados a favor dum intérprete normando, que encontrou entre os selvagens. De Lery louva-o por este rigor. E Lescarbot (posto que não huguenote), raciocinando da mesma forma sobre a matéria, cita não só o conselho de S. Paulo contra o casamento com infiéis, mas até a lei Mosaica, que diz: *não lavrarás com um boi e um burro emparelhados.*

14. Acusam Villegagnon de crueldade, e não sem razão; deu tratos a alguns margaias, comprados aos seus aliados, e tão desumanamente o fez, que melhor lhes fora terem sido mortos e comidos pelos captores. Mas é um pouco desarrazoado censurá-lo, como fez De Lery, por ter assistido ao dar bastonadas a um homem, que conspirara para assassiná-lo.

15. Cláudio de Guise, cardeal de Lorena. (F.P.)

16. Diz de Lery que o navio *Jacques* em que ele e seus companheiros de infortúnio voltaram à França, aportara a Blauet na Bretanha. (F.P.)

17. Eram estes os PP. Fernão Luís e Gaspar Lourenço. (F.P.)

18. Ararigbóia era o seu nome indígena, e capitaneava os valentes tupinambás, que ocupavam o país a que hoje denominamos de Província de Espírito Santo. (F.P.)

19. Há equívoco: S. André nunca foi cidade, e sim vila. (F.P.)

20. Tibiriçá adotou o nome de Martim Afonso de Sousa e passou a chamar-se Martim Afonso Tibiriçá. (P.B.B.)

21. Tibiriçá morre no Dia da Natividade, ou seja, no dia 25 de dezembro de 1562. Anchieta em carta datada de 16 de abril de 1563, diz que toda a Capitania ficou com grande sentimento de sua morte "pela falta que sentem, pois este era o que sustentava todos os outros, conhecendo-se-lhes muito obrigados pelo trabalho que tomou em defender a terra; mais que todos, creio que lhe devemos nós, os da Companhia, e por isso determinou dar-lhe em conta não só de benfeitor, mas ainda de fundador e conservador da Casa de Piratininga e de nossas vidas; porque havendo ele ajudado a fazê-las com suas próprias mãos, e havendo-nos ajudado a sustentar logo, no princípio de sua fundação, quando não havia portugueses alguns, agora o quis Deus fazer nosso defensor, e pôs em sua mão a vida de dez irmãos, que no tempo da guerra nos achávamos em Piratininga, e todo o mais povo dos portugueses; e pôs em suas mãos, digo, porque todos os daquela Comarca, que se recolheram, conosco, dependiam dele; e se quisesse consentir na maldade dos seus "como eles mal pensavam pouco houvera em nos matar e comer".(P.B.B.)

22. Trata-se de José Adorno e não de Francisco Adorno. (P.B.B.)

23. Iperoig, hoje Ubatuba. (P.B.B.)

24. Querem os jesuítas que este Aimbire fosse tão feroz, que quando uma das suas vinte mulheres lhe fazia qualquer coisa que não era do seu agrado, abria-a de alto abaixo. Dizem também que ele viera a Iperoig com intenção de matar Nóbrega e Anchieta, e todos os portugueses que tripulavam a barca que os trouxera. Mas o ulterior proceder deste chefe parece desmentir a acusação.

25. *De Beata Virgine* é o nome do poema escrito em latim. (P.B.B.)

26. Leonardo Nunes. (P.B.B.)

27. O processo de canonização de Anchieta ainda continua, sendo seus grandes conhecedores e propugnadores da causa os padres Hélio Abranches Viotti e Fernando Pereira de Castro. (P.B.B.)

28. Provavelmente o mesmo de que Hans Staden faz menção entre os prisioneiros a quem ensinara a direção que deviam seguir, se lograssem fugir, e de quem mais tarde ouviu dizer, que assim o fizera.

29. As salivas do Orinoco jamais criam gêmeos, pois que nunca a mãe deixa de matar um dos dois. Isto o faz porque o marido reputa impossível ser ele o pai das duas crianças, e porque as outras mulheres a insultariam, chamando-a parenta dos morcegos.

30. *En tibi quae vovi, Mater sanctissima, cuondam*
Carmina, cum saevo cingerer hoste latus;
Dum mea Tamuyas praesentia mitigat hostes,
Tractoque tranquillum pacis inermis opus.
Hic tua materno me gratia fovit amore.
*Te corpus tutum mensque regente fuit.**

* *"Eis os versos que outrora, Mãe Santíssima, Te prometi em voto, Vendo-me cercado de feros inimigos. Enquanto entre tamaios conjurados, Pobre refém, tratava as suspirados pazes, Tua graça me acou-lhe em teu materno manto, E teu poder me protegeu intactos corpo e alma" (tradução do P. Armando Cardoso.) (P. B. B.).*

Não é este poema destituído d'alguns fulgores de paixão e poesia, embora louve e implore a Virgem por todo o A.B.C.

31. Nas *Lettres èàif.,* t. 9, pág. 379, se encontra um caso semelhante:
La peste ayant cessé d'affliger nos néophytes, s'etoit répandue dans les campagnes; le bled qui étoit dejà en fleurs se trouva tout corrompa par l'infection de l'air.

32. Tribunal da Mesa da Consciência.

33. Pela palavra não se deve entender embarcação de alto bordo. (F.P.)

34. Observou–se em todos os tiroteios, que as balas dos franceses, muitas vezes, acertavam sem fazer ferida. Este milagre facilmente se explica... a pólvora era da que tinham trazido para tráfico. E boa que fosse, ter-se-ia deteriorado após tão longa estada num clima úmido, efeito experimentado pelas tropas inglesas nas Índias ocidentais. Para fazer maior o milagre, observa Anchieta, e após ele Vasconcelos, quão

facilmente se curavam as feridas feitas a tiro. Um cirurgião, Ambrósio Fernandes, arrogou-se todo o mérito destas curas, e no primeiro recontro foi morto, como para mostrar que só à Virgem e a S. Sebastião eram elas devidas. *Vasc.*, C. C. 3, § 80.

35. Hoje conhecida pela denominação de ilha do Governador. (F.P.)

36. Esta cacografia é provavelmente antes dele do que de Rocha Pita, pois evidentemente foi escrita de ouvido.

37. Pensamos que se chamava ele Jean du Bordel, como escreve Lery, e não Boles como o denominam os cronistas portugueses. (F.P.).

38. Só no fanatismo da época pode achar explicação esta conduta dum tão respeitável varão como Anchieta. (F.P.)*
*"Nesta estada [no Rio] autores jesuítas inserem a história de Bolés, o Jean Cointa na narrativa de Lery, francês, fidalgo e herege condenado à pena última. O carrasco mostrava-se bisonho no ofício: o herege reconciliado de fresco, podia explodir em blasfêmias e reincidir nas mesmas erronias. Anchieta, para evitar a perda de uma alma que conquistara, substituía o carrasco. Desta história pouco edificante, têm-se aproveitado incréus e protestantes. Será verdadeira? Manca pelo menos num ponto capital: Bolés não morreu no Rio, mas na Índia, para onde foi mandado depois de anos de vida ruidosa no Brasil e de um processo no Santo Ofício de Lisboa. Se vítima houve não foi certamente ele." (Capistrano de Abreu, "A obra de Anchieta no Brasil", *Ensaios e Estudos*.) (P.B.B.)

39. Talvez filho de Tibiriçá, cuja morte acima fica relatada.*
*Engana-se o autor: este Martim Afonso não tinha nenhum parentesco com Tibiriçá, e não era outro senão o esforçado Tupinunó Marigbóia de quem já falamos. (F.P.)

. . . .

Capítulo X

LUÍS DE VASCONCELOS NOMEADO GOVERNADOR – MARTÍRIO DOS QUARENTA JESUÍTAS – MORTE DE VASCONCELOS – MORTE DE NÓBREGA E MEM DE SÁ – LUÍS DE BRITO, GOVERNADOR – ABANDONO EM QUE FICAM AS COLÔNIAS – DIVISÃO DO BRASIL EM DOIS GOVERNOS, E SUA REUNIÃO – DERROTA FINAL DOS TAMOIOS – EXPEDIÇÃO EM BUSCA DE MINAS – PORTUGAL USURPADO POR FILIPE II – ESTADO DO BRASIL NESTA ÉPOCA

ASSUMIRA agora D. Sebastião com quatorze anos de idade as rédeas do governo. Por dois anos ele prorrogou ainda a administração de Mem de Sá, que tão longa e brilhante havia sido, e depois lhe deu por sucessor D. Luís de Vasconcelos. Foi com o novo governador, grande reforço de jesuítas, debaixo da obediência de Fr. Inácio de Azevedo, que já estivera como visitador no Brasil, para onde ia agora provincial. Era Azevedo o morgado de uma família distinta: em 1547 entrara para a ordem em que já tinha ocupado vários cargos, antes de para este tão elevado e importante ser nomeado pelo famoso Francisco de Borja, então geral e depois santo. Pio V concedeu indulgência plenária a quantos a acompanhas-

1569

Luís de Vasc. nomeado governador

Rocha Pita, 3, 46

Azevedo nomeado Provincial

sem, lhe deu algumas relíquias preciosas, entre as quais a cabeça de uma das onze mil virgens; e, como especial favor, permitiu-lhe mandar tirar uma cópia do retrato de Nossa Senhora feito por S. Lucas, graça de que ainda não havia exemplo. O geral autorizou-o a levar de Portugal os missionários, que a província pudesse dispensar, e de cada uma das outras, por onde passasse, três voluntários.

Separa-se da armada a *Santiago*

Com trinta e nove irmãos se embarcou Azevedo; Pedro Dias com vinte na capitania, e Francisco de Castro com mais dez na nau das órfãs, assim chamada porque levava porção de raparigas, cujos pais tinham morrido da peste, pelo que as mandava a corte para se casarem no Brasil e ali se estabelecerem. Além destes havia a bordo alguns noviços que deviam ser experimentados durante a viagem, e depois, se fossem achados dignos, admitidos à Companhia. De sete galeões e uma caravela se compunha a armada. Chegou esta à Madeira, e ali resolveu o governador esperar monção, temendo as calmarias de Guiné. Azevedo fretara metade da *Santiago* para si e para os companheiros; mas quis a sua má sina que a outra metade do carregamento tivesse de ficar na Ilha da Palma (uma das Canárias), recebendo-se ali nova carga para o Brasil. O capitão portanto, conformando-se com as ordens do seu armador, pediu e obteve licença para ir àquela ilha. Curta como era a travessia, nem por isso deixava de ter seus perigos, pois que piratas franceses infestavam sem cessar aquelas paragens; os irmãos suplicaram a Azevedo que se passasse para outra nau, não se expondo assim desnecessariamente. A isto não anuiu ele pela sua parte, mas a todos os companheiros, que dela quisessem aproveitar-se, deu licença para o fazerem; e quatro noviços aceitaram a graça. Foram seus lugares ocupados por outros quatro, sôfregos do martírio, ambição que não tardaram a ver satisfeita.

Azevedo e os seus companheiros mortos às mãos dos franceses

No dia seguinte ao da partida do mal agourado navio, apareceram cinco velas francesas à vista da Madeira. D. Luís saiu ao mar, e procurou travar combate; mas o ofício daqueles corsários era saquear e não pelejar quando podiam evitá-lo, pelo que se fizeram no rumo das Canárias. Era uma esquadra da Rochela, comandada por Jacques Sore, natural do condado d'Eu na Normandia, e huguenote; homem tão pouco disposto a mostrar piedade a padres católicos, como estes o teriam estado a

usar de caridade para com ele. Levava a *Santiago* a dianteira a estes inimigos, e em sete dias ganhou a altura da ilha; mas a travessia soprava rija, e não podendo montar a cidade, teve o navio de entrar num porto perto de Terçacorte. Dali até Palma havia apenas três léguas por terra, mas por mar era muito maior a distância. Um colono francês, que tinha sido condiscípulo de Azevedo no Porto, bem o aconselhou a ele e aos seus companheiros, que não se aventurassem no navio, mas antes fossem por terra, pois que facilmente poderiam cair nas mãos dos piratas. Foi perdido o conselho, e todos embarcaram. Velejou a *Santiago* com vento escasso um dia de manhã, e na outra madrugada estava sobre Palma, três léguas ao mar, com os franceses à vista. De nada serviu aos portugueses a resistência, e Jacques Sore fez aos jesuítas o que eles lhe teriam feito e a toda a sua seita, despachou-os para o outro mundo.[1] Um dos noviços escapou, por estar com vestidos seculares; o resto foi alijado, uns vivos, outros mortos, outros moribundos.

Vasc. *C. C.* **4, § 25-111. Teles,** *C. C.* **4, 9**

Sorte dos outros missionários

Depressa chegou esta nova à Madeira, onde os demais missionários celebraram o triunfo dos companheiros, triunfo em que muitos deles ainda deviam ter parte. Apesar de ter esperado pela boa estação, sofreu a armada terrivelmente do clima pestilencial de Cabo Verde; e quando após longa e deplorável viagem chegou à vista do Brasil, ventava tão rijo ao correr da costa, que ela, não podendo nem dobrar o Cabo de Santo Agostinho, nem aferrar a terra, foi acossada até Nova Espanha, onde o temporal a dispersou. Uma nau alcançou Espanhola, outra Cuba; o que foi feito das outras não o referem os historiadores: apenas se sabe que, depois de outra infrutuosa tentativa de chegar ao seu destino, veio a frota arribada aos Açores. Iam já trabalhados do mar e dos ventos os navios, e tão reduzida a tripulação, que quando D. Luís tentou de novo a sua má fortuna, um só galeão bastou para lhe conter os tristes restos da sua força. Estavam com ele quatorze jesuítas, de que era principal Pedro Dias. Não havia uma semana que se deixara a Madeira, quando apareceram um corsário inglês e quatro franceses, às ordens de João Cadevile, bearnês, que como Jacques Sore era huguenote e pirata. Desesperada e impossível era a resistência mas os portugueses bateram-se; o governador caiu na ação,[2] e Pedro Dias e seus irmãos pagaram pela

Vasc. *C. C.* **4, § 112-114. Cienfuegos,** *Vida de S. Fr. de Borja,* **L. 5, c. 12**

intolerância a crueldade da sua desapiedada Igreja.[3] Dos sessenta e nove missionários que Azevedo levara de Lisboa, um único, que ficara num dos portos em que a armada entrara, chegou ao Brasil. Nunca a Companhia, nem antes nem depois, sofreu duma assentada tão grande perda, ou, na sua linguagem, que era conjuntamente a da política e do fanatismo, nunca obtivera tão glorioso triunfo. O maquinismo dos milagres veio em breve juntar-se a uma história, que para causar impressão, não carecia do auxílio da falsidade. Primeiro disse-se e depois jurou-se, que morto Azevedo não puderam os hereges arrancar-lhe das mãos o retrato da Virgem... cópia mais milagrosa ainda do que o milagroso original; que o seu cadáver, arrojado ao mar, estendera os mortos braços, colocando-se na postura dum crucificado; que os piratas içaram o corpo outra vez a bordo, amarraram-lhe os membros, tirando-os à força daquela odiosa atitude, e tornaram a atirá-lo à água; então ergueu-se ele direito sobre as ondas, estendeu de novo os braços da mesma forma, segurando a pintura à guisa de estandarte, e assim continuou até que a esquadra herege se perdeu no horizonte, vendo-o então os prisioneiros na *Santiago* afundar-se a pique. Pouco depois, passando um navio católico pelo lugar do martírio, tornou a subir o corpo na mesma postura, pôs o retrato a bordo, e volveu a mergulhar-se; e esta pintura, com os ensangüentados dedos de Azevedo nela impressos, mostravam-na em S. Salvador os jesuítas com heróica impudência, e venerava-a o povo com fé implícita. Entre historiadores civis e eclesiásticos a diferença é esta: narram os primeiros mais perluxos os sucessos dos seus próprios dias, tendo sempre os escritores posteriores de condensar e resumir os materiais que lhes deixaram os predecessores; mas debaixo das mãos dos segundos vai a matéria engrossando sempre com a mentira, que cada um acarreta para o acervo.

Milagres que acompanham este grande martírio

Cienfuegos, 5, 11

Não chegou Nóbrega a ouvir a sorte de Azevedo e dos seus companheiros. Morreu quatro meses depois do assassínio destes aos cinqüenta e três anos de sua vida, gasto de trabalhos e fadigas incessantes. Quis a sua boa estrela colocá-lo num país, onde só os bons princípios da sua ordem podiam ser postos em ação. Não há ninguém a cujos talentos deva o Brasil tantos e tão permanentes serviços, e devemos olhá-lo como

Morte de Nóbrega

o fundador desse sistema, tão eficazmente seguido pelos jesuítas no Paraguai; sistema o mais fecundo em bons resultados, que é compatível com a fraude pia. Na véspera da sua morte saiu Nóbrega a despedir-se dos seus amigos, como se partisse para uma jornada; perguntavam-lhe para onde ia e respondia: para casa... para a minha pátria. Não houve vida mais ativa, nem mais pia, nem mais utilmente empregada; nem os erros da sua crença tornavam menos certa a esperança triunfal com que terminou.

Ao saber-se em Lisboa da morte de D. Luís de Vasconcelos, foi nomeado Luís Brito de Almeida para suceder-lhe no governo do Brasil. A Mem de Sá alcançou-lhe a vida apenas para ver chegar o seu sucessor, e depois o abandonou, após uma hábil e próspera administração de quatorze anos. Nos seus últimos dias coube-lhe a mortificação de ver descuidado pela mãe-pátria o país que governara. Mal se havia visto a rainha viúva obrigada a ceder o passo ao cardeal D. Henrique, que tudo principiou a declinar debaixo do governo imbecil deste homem. Dez anos mais que D. João III houvesse vivido, tais medidas se estavam tomando, que por toda a parte se teriam levantado cidades, vilas e fortalezas; agora em lugar de erguerem-se novas fábricas caíam as antigas. As frotas anuais, que soíam trazer colonos jovens, sadios e industriosos, cessaram, nem a mãe-pátria parecia curar mais destas colônias. Não só se não empregavam meios para promover-lhes o progresso, e assegurar-lhes a prosperidade, mas até eram tratadas com tanta ingratidão como desleixo deixando-se esquecidos e sem galardão serviços passados. Nada se fazia pelos filhos dos colonos que haviam perecido na expulsão dos franceses, serviço da mais vital importância até para a existência dos portugueses na América, e pela máxima parte devido a voluntários, que militavam à sua própria custa. Os descendentes destes, vendo consumida a fazenda, e desatendidas as suas reclamações, não poderiam estar mui dispostos a renovarem iguais sacrifícios em casos de igual necessidade. Não sucedeu Luís de Brito em toda a autoridade do seu predecessor. Tão rápido fora o crescimento da colônia sob a hábil administração de Mem de Sá, a proteção de D. João III e da sua viúva após ele, que pareceu agora acertado dividi-la em dois governos, sen-

Morte de Mem de Sá

Luís de Brito governador

Notícias, **Ms. Prólogo**

Divide-se o Brasil em dois governos

do S. Sebastião a sede do novo que principiava na capitania de Porto Seguro, e se estendia até aos últimos limites austrais. Deu-se esta metade ao Dr. Antônio Salema, que de Pernambuco para ali foi promovido. Continuavam ainda os franceses a traficar no Cabo Frio, conservando-se os tamoios sempre fiéis à aliança com eles. Salema resolveu expurgar destes inimigos o seu distrito. Reuniu uma força de quatrocentos portugueses e setecentos índios[4] e com Cristóvão de Barros, que se assinalara na expulsão dos franceses do Rio de Janeiro, acometeu os tamoios e seus aliados europeus. Fortes paliçadas lhes defendiam as aldeias; os selvagens resistiram valentemente com arcos e arcabuzes, e duvidosa teria sido provavelmente a vitória, se Salema, seguindo a costumada crueldade destas guerras, tivesse recusado quartel aos franceses. Prometeu-lhes porém as vidas salvas, e eles submeteram-se. Entre os tamoios fez-se tremenda matança; a sua perda em mortos e cativos orça-se em oito ou dez mil, e foi tão pesada, que as relíquias desta formidável tribo, abandonando a costa, retiraram-se para as serranias.[5]

Derrota final dos tamoios

Notícias, **1, 55**

Entretanto dirigia o governador da Bahia a sua atenção para as descobertas pelo sertão. Era opinião corrente que no interior da capitania de Porto Seguro, onde partia com o Espírito Santo, havia minas de pedras preciosas. Para averiguá-lo foi Sebastião Fernandes Tourinho despachado com uma partida de aventureiros. Subiram o rio Doce, e tendo seguido para o poente pelo espaço de três meses[6] ora por terra, ora por água, descobriram uns rochedos, em que havia umas pedras de cor entre o verde e o azul, que tomaram por turquesas: disseram-lhes os naturais que no cimo desta rocha se encontraram outras de cor mais brilhante, e algumas, que segundo a descrição, deviam conter ouro. Ao sopé duma montanha coberta de arvoredo, acharam uma esmeralda e uma safira, ambas perfeitas na sua espécie; e setenta léguas mais adiante chegaram a outras serras, que davam pedras verdes. Cinco léguas além ficavam montes, em que, no dizer dos naturais, havia pedras maiores, vermelhas e verdes; e ainda para lá um serro composto todo de fino cristal (assim o contam) em que os mesmos naturais afirmaram encontrarem-se pedras azuis e verdes, excessivamente duras e brilhantes. Com estas notícias voltou Tourinho.

Expedição de Tourinho em busca de minas

Expedição de Adorno em busca do mesmo. *Notícias*, **1, 37. Vasc.** *C. C.* **3, 51**

Mandaram então Antônio Dias Adorno com a segunda expedição; e deram-lhe cento e cinqüenta brancos, e quatrocentos escravos e índios aliados, com os quais subiu o rio das Caravelas. Parece que na volta se dividiu a gente, pois alguma desceu o rio Grande em canoas de casca de árvore. Trouxe Adorno a confirmação da relação de Tourinho, acrescentando apenas que para o nascente da serra de cristal havia esmeraldas e safiras para o poente. As amostras que trazia eram imperfeitas. Brito mandou-as ao rei, com as que Tourinho trouxera, mas nenhuma atenção se prestou então a estas informações, e os maus dias de Portugal já vinham próximos. Confiou-se terceira expedição a Diogo Martins Cão, cuja alcunha de *Mata-Negros* o designa por homem mau e cruel, por mais empreendedor que possa ter sido. Após ele foi Marcos de Azevedo Coutinho, que trouxe avultado número de pedras. Os seus descendentes, e também muitas outras pessoas, tentaram chegar a estas minas, mas as picadas abertas encobrira-as de novo a vegetação, e ninguém mais atinou com o caminho. Brito principiou também a procurar cobre, mas em breve desistiu. Desta desistência se maravilharam os baianos, que diziam ficar a sessenta léguas para o sertão uma serra, em que este metal jazia em grossas barras à superfície, e afirmavam haver à metade desta distância montanhas em que se podia encontrar ferro, mais fino que o aço de Milão.

Vasc. *Not. Ant.*, **1, § 51-55**

Notícias, **2, 75**

Estabelecimento fundado no rio Real e logo abandonado

Rechaçados dos portos que antigamente freqüentavam, traficavam agora os franceses em Porto Real, e para também dali os excluir, vieram ordens de Portugal que se formasse naquele lugar um estabelecimento. A Garcia de Ávila se cometeu este serviço; era ele da Bahia, e consistia a sua riqueza em grandes rebanhos, que pastavam nas terras baixas da baía de Fatuapara e do rio de Jacuípe. Dez manadas de bois e cavalos eram suas, e tinha ele formado no Recôncavo um considerável estabelecimento,[7] com uma igreja de pedra de invocação de Nossa Senhora, onde mantinha um capelão, a que recorda ainda o seu nome. Levantou-se na Bahia e nos Ilhéus um bom troço de aventureiros, que foram colonizar três léguas dentro da barra. O local fora mal escolhido; não havia navio de mais de sessenta toneladas que pudesse ali entrar; e a terra, até onde

chegava a maré, que seriam seis ou sete léguas, para pouco mais servia, senão para gado. Brito teve em breve de vir ajudar os colonos contra os selvagens, a quem deu uma lição severa, mas a colônia não lhe agradou pelo que nela recolheu. Não era possível mantê-la sem um forte, e ele não o construiu, porque a administração se lhe aproximava do seu termo. Nas plantações dos naturais tinham-se encontrado boas canas-de-açúcar, nem em qualquer outra época teria sido a situação tão de leve abandonada.

Notícias, **1, 24. R. Pita, 3, § 61 e 62**

A divisão do Brasil em dois governos provara mal, e dois anos antes de expirar o termo da administração de Brito tornou-se o do Rio de Janeiro outra vez sujeito ao da Bahia. Foi Diogo Lourenço da Veiga o novo governador.[8] O ano da sua chegada foi esse ano fatal a Portugal, em que D. Sebastião com toda a flor do seu reino sucumbiu nos desertos da África. Este sucesso pudera ter produzido para o Brasil as mais extraordinárias conseqüências. Filipe II de Espanha, enquanto com os demais pretendentes amargurava os últimos tristes dias da vida de D. Henrique, instando por que decidisse a questão da sucessão, oferecia todas estas colônias com absoluta soberania e o título de rei ao duque de Bragança, se quisesse desistir das suas pretensões à coroa de Portugal. Nem ele, fazendo a oferta, nem o duque, rejeitando-a, lhe calculavam o alcance. Os franceses fizeram uma tentativa política para se aproveitarem das perturbações que se seguiram; mandaram três navios ao Rio de Janeiro, e recado ao governador Salvador Correia de Sá, dizendo-se vindos com cartas de D. Antônio, prior do Crato, que chamavam rei de Portugal. Não quis ele receber as cartas, nem deixá-los entrar, e a barra estava já demasiado fortificada para que a forçassem.

Reúnem-se os dois governos

1578

Diogo Lourenço da Veiga, governador

Ericeira, *Port. Rest.*, **T. 1, p. 16**

O Brasil oferecido ao duque de Bragança

Tentativa do prior do Crato sobre o Brasil

Assim terminou a tentativa de D. Antônio sobre o Brasil menos desastrosamente do que nenhuma das suas outras empresas. Mas se o prior do Crato tivesse compreendido a própria fraqueza, e possuído um gênio digno da posição a que aspirava, poderia sem resistência ter-se estabelecido neste grande império. O mais hábil dos seus partidários, D. Pedro da Cunha, verdadeiro português da heróica têmpera antiga era

capitão do porto de Lisboa, e tinha as naus às suas ordens, vendo quanto era impossível, que D. Antônio, tendo só por si a gentalha da capital, resistisse a Alba e ao seu exército instou com ele para que, embarcando-se com quantos quisessem seguir-lhe a fortuna, fosse com o título de rei de Portugal estabelecer-se no Brasil, onde era certo que as demais potências por ciúme da Espanha pelas vantagens do comércio, o reconheceriam e apoiariam. Mas este bom e magnífico conselho, como com justo orgulho o chama o descendente de D. Pedro, não foi ouvido, e D. Antônio morreu na França, miserável fugitivo.

D. Luís da Cunha, carta a Marco Antônio, Ms.

A introdução dos carmelitas no Brasil, que na cidade de Santos fundaram seu primeiro convento, assinala o governo de Veiga. Conduziu Fr. Domingos Freire este enxame de zangões, cujas celas não tardaram a encher-se de mel por outros trabalhado.[9] No ano seguinte trouxe Fr. Antônio Ventura uma caterva de beneditinos, que se estabeleceram em S. Salvador. Veiga morreu ainda antes de acabado o ano. Apesar de estar ele mui avançado em idade nenhuma providência se havia tomado para semelhante contingência; sentindo-se moribundo, com aprovação da nobreza e povo investiu da sua autoridade o senado da câmara e o ouvidor-geral Cosme Rangel de Macedo.[10] Dois anos esteve a governança nestas mãos até que veio Manuel Teles Barreto tomá-la nas suas.

Os carmelitas

1580

Beneditinos

1581

R. Pita, 3, § 68, 81-82

Foi por este tempo que se escreveu essa narrativa sobre o Brasil, a que tantas vezes se tem referido esta história, como a melhor, mais antiga e às vezes única autoridade em muitos fatos capitais. Dezessete anos residira o autor neste país, onde possuía na Bahia alguns engenhos de açúcar. Escreveu os dados no próprio teatro dos acontecimentos e depois os coordenou em Madri para apresentá-los a D. Cristóvão de Moura, o ministro português, com o deliberado propósito de inteirá-lo do estado verdadeiro desta colônia, sua grande importância, e imprudentíssima segurança. Tomando por base estas mui curiosas e ainda não impressas memórias, não será ocioso descrever aqui o estado do Brasil, tal qual então era, acrescentando o mais que de outras fontes for possível coligir.[11]

Estado do Brasil nesta época

S. Salvador

Oitocentas famílias contava nesta época a cidade de S. Salvador, e pouco mais de duas mil todo o Recôncavo; e incluindo negros e índios, podiam-se pôr em campo quinhentos cavalos e dois mil infantes. Para defesa da cidade havia quarenta peças pequenas de artilharia e outras tantas maiores; destas estavam algumas assentadas na barra, onde era tão largo o canal, que elas nada poderiam aproveitar. Se o serviço d'el-rei o exigia, podiam reunir-se mais de mil e quatrocentas embarcações de diferentes tamanhos, entre as quais cem capazes de montar artilharia, e mais de trezentos caravelões;[12] não havia no Recôncavo homem que não tivesse o seu bote ou a sua canoa, nem engenho de açúcar que possuísse menos de quatro. "Se vivesse ainda D. João III, que está na glória", diz o memorialista, "amava ele tanto este país, e com especialidade a Bahia, que do Brasil teria feito um dos melhores reinos do mundo, e de S. Salvador uma das mais nobres cidades dos seus domínios." A catedral tinha um cabildo pomposo mas pobre, composto de cinco dignitários, seis cônegos, dois cônegos menores, quatro capelães, um cura com seu coadjutor, quatro coristas e um maestro do coro; mas poucos destes ministros tinham ordens maiores, nem tinha o bispo de gastar pouco das suas rendas para prover-se de sacerdotes que fizessem o serviço regular. A razão desta falta era terem os cônegos escassos trinta mil réis por ano, trinta e cinco os dignitários, e quarenta o deão; valendo muito mais ser capelão da Misericórdia ou d'algum engenho de açúcar com bons sessenta mil réis e cama e mesa. Também de alfaias e paramentos sofria grande míngua a sé, do que, diz o autor, deve ser sabedor S. M., que com este encargo percebe os décimos, pelo que lhe toca prover de remédio esta necessidade. Havia na cidade e Recôncavo sessenta e duas igrejas, dezesseis das quais eram freguesias; nove tinham vigários pagos por el-rei e as outras curas, sustentados pelos paroquianos. A maior parte destas igrejas tinham seus capelães e confrarias como em Lisboa. Afora isto mais três mosteiros. Que mundo eclesiástico para tal população!

Notícias, **Ms. 2, 8**

Notícias, **Ms. 2, 13**

Força do Recôncavo

Notícias, **2, 3**

Estabelecimento dos jesuítas

D. Sebastião edificara e dotara três colégios para os jesuítas, de sorte que podia a Companhia receber noviços, recrutando-se para o serviço do Brasil.

Com estes estabelecimentos proporcionava também instituições de educação aos brasileiros mais abastados. O colégio maior era o da capital, e continha de ordinário setenta pessoas, entre padres, estudantes, noviços e leigos. Os mestres ou regentes, como os chamavam, eram seis em número, um dos quais se empregava em ensinar as crianças a ler e escrever; dois eram professores de latim, e os outros três ledores de filosofia, moral, teologia casuística e escolástica. Os dois outros colégios ficavam em S. Sebastião e Pernambuco; o primeiro costumava conter quarenta a cinqüenta membros residentes, e o segundo de vinte e cinco a trinta. Outros colégios menores, chamados residências tinham-nos homens pios e benfeitores erguido para os jesuítas, sendo os mais importantes os de Porto Seguro, S. Vicente, S. Paulo e Espírito Santo. Em cada aldeia de índios convertidos estacionavam dois jesuítas, por via de regra um padre e seu acólito; de tempos a tempos voltavam ao colégio ou residência a que pertenciam, sendo rendidos por outros.

P. Pierre du Jaric. Part. 2, 308-9, 315

Duas léguas em redondo de S. Salvador estava o país coberto de boas plantações, como os casais de Portugal. O número dos engenhos de açúcar no Recôncavo era de trinta e seis sem açudes, e com eles, havia vinte e um, e quinze tocados por bois, estando então quatro em construção; oito estabelecimentos de preparar melaço eram também empresas mui lucrativas. Exportavam-se anualmente mais de cento e vinte mil arrobas de açúcar, além do que ia em doces, artigo mui procurado entre os portugueses. O gado vacum, trazido do Cabo Verde, multiplicava prodigiosamente; fabricava-se manteiga e queijo, e do leite se fazia o mesmo uso que na mãe pátria, pouco influindo nisto o clima. Também da mesma procedência se haviam importado e se continuavam a importar cavalos, apesar de se reproduzirem rapidamente: havia quem na sua manada tivesse quarenta ou cinqüenta éguas de criação. O preço destes animais regulava de dez a doze mil réis por cabeça, mas levados a Pernambuco valiam trinta ducados ou sessenta cruzados. Ovelhas e cabras também não faltavam trazidas do mesmo Cabo Verde e da Europa, e do seu leite se fazia manteiga e queijo.

Engenhos de açúcar no Recôncavo

Notícias, **2, 30**

Gado

Notícias, **2, 31**

Laranjas e limões, introduzidos pelos portugueses, tinham-se tornado abundantes, particularmente os limões, e também maiores. Dizia o ditado, que casa a cuja porta apareciam de manhã muitas cascas de laranjas não entrava nela o médico. Caroços de tâmaras trazidos de Portugal haviam produzido palmeiras. Transplantado produzia o cacaueiro bem por alguns anos principiando então a murchar; é isto, diziam, obra dum inseto. Pouco valor porém se ligava a esta árvore num país tão abundante das mais deliciosas frutas. As romãs e melões, que aliás se teriam dado bem, destruíam-nos as formigas quase completamente; outro tanto sucedia à videira; folhas e fruto desapareciam numa noite, devoradas por este inseto daninho, e tanto o vinho para a missa como a farinha para as hóstias, era mister virem de Portugal. Tão numerosas eram as formigas, e tão grande o estrago que causavam, que os portugueses chamavam este bicho o rei do Brasil; Piso porém diz que com fogo ou água era fácil afugentá-las e que o mal que faziam, de alguma forma o compensavam com guerrearem sem cessar todos os outros insetos. Em algumas partes da América do Sul saem elas periodicamente em exércitos de tantos milhões, que por sobre as folhas caídas se lhes ouve a alguma distância o estrépito da marcha. Os habitantes, que conhecem a estação, estão já alertas, e abandonam as casas, que estes tremendos mas bem-vindos hóspedes lhes limpam de centopéias, escorpiões, lacraias, cobras e todo o bicho vivente, feito o que, vão seguindo seu caminho.

Frutas. De Lery, 13. Piso, P. 10

Formigas

Marcgraff, 7, 6

A. de Uloa, *Not. Amer.*, 7, § 39

São tão numerosos ainda mesmo nas mais povoadas e melhor cultivadas regiões do Brasil estes insetos, que seus esquadrões enegrecem as paredes da casa, que de noite invadem pondo em perigo os moradores: retiram-se porém a toda a pressa, se entre eles se atira um pedaço de papel a arder As tribos indianas que faziam plantações, costumavam atrair para as imediações o tamanduá, ou papa-formigas; mas os portugueses parecem não ter considerado quanto seria de conveniência própria proteger e até domesticar este útil e inofensivo animal, em vez de extermina-lo por mero gosto. São pois as formigas, posto que já não tão formidáveis como quando era menos cultivado o país, ainda excessivamente daninhas a campos e quintais. Ainda bem que as vermelhas e pretas fa-

Koster, 289. Dobrizhoffer, 1, 378. Vasc. *Vid. d'Almeida*, 4, 6

Koster, 288

zem entre si guerra de morte, as pretas pequenas, por mais valentes e menos destruidoras, tomam-nas os homens ao seu serviço, deixando-as em paz fazer suas casas nas árvores frutíferas, que defendem contra as outras espécies. Nem o homem, com todos os recursos da ciência, logrou jamais mover corpos, em peso e volume tão desproporcionados com o seu próprio tamanho e forças, como

Koster, 288

estes pequeníssimos insetos, com incansável indústria e esforços prodigiosos, acarretam para os seus ninhos. Quando os montículos em que se havia plantado a mandioca mais seguros pareciam, cheias de água da recente chuva as valas em torno, viam-se as formigas lançar com folhas uma ponte, por onde passassem. Há no Paraguai uma espécie pequena e preta, que nos terrenos baixos levanta outeiros cônicos de terra, de três pés de altura, e mui perto uns dos outros: durante as inundações periódicas abandonam estes insetos os seus montinhos e com maravilhosa sagacidade agarram-se uns aos outros em massas circulares dum pé de diâmetro e quatro polegadas de espessura, segurando-se-os dum

Azara, 1, 107

lado a alguma erva ou raminho, e assim ficam flutuando até que as águas se retiram.

Uma espécie maior compensa dalguma sorte os estragos que faz. Preenchido o fim da sua existência são as formigas machas e fêmeas expulsas pelas neutras ou operárias, a quem toca prover as necessidades da república, e homens e aves se põem à cata delas, quando desferem o vôo. Por estas ocasiões as tribos tupis, enchendo de água uns fossos, com que se punham fora do alcance da parte guerreira daquela sociedade, apanhavam em vasos de barro o enxame fraco e indefeso apenas se levantava

Anchieta, *Epíst.*, § 31. Jolis, 270

do chão, para aproveitarem a enxúndia. Esta, que se contém numa bolha branca por cima do corpo, é olhada como delicioso acepipe tanto por espanhóis como por índios no Paraguai e Tucumán; tendo um italiano chegado a compará-la com a me-

Gumila, C. 47

lhor manteiga. Mas os tupis do Brasil e as tribos do Orinoco frigiam os insetos na própria gordura, e neste estado os reputavam os jesuítas são e saborosíssimo alimento.

Outra praga tinham os colonos no cupim, espécie de formiga pequena, que se criava nas árvores, mas que, como muitos outros insetos, não tardou a descobrir as vantagens da convivência com os homens, e mudando-se para as habitações destes, principiou a construir suas descon-

formes casas nas traves dos edifícios, nutrindo-se de madeira. Tem-se observado que o cupim não dá em lugar que fosse untado com melaço; bem como se tem notado com proveito que há certas espécies de madeira que lhe são menos agradáveis ao paladar. Os planos do Paraná estão em algumas partes tão cobertos das pirâmides que ergue este inseto, que não há cavalo que por ali passe. Os espanhóis assam-nas, e delas fazem fornos. Também as pulverizam, fazendo do pó para suas casas um pavimento, que se torna duro como pedra, e em que, dizem, não se entranha pulga nem inseto algum. Naquelas regiões do sertão investe o cupim casas e igrejas, com dente muito mais para temer-se do que o do dragão de Vantlei. Dobrizhoffer, chamado uma vez a ajudar a especar uma capela, que este inseto havia minado pelos alicerces, precipitou-se nela, e ficou enterrado até aos ombros numa das minas, diante do altar. Outra praga, que não perseguia menos os brasileiros, era um inseto chamado *broca,* semelhante a uma pulga, e que voava sem asas aparentes: furava toda a vasilha de madeira, que contivesse qualquer líquido, exceto azeite, causando assim grandes prejuízos, mormente em terras colonizadas de novo. As cobras eram especialmente nocivas aos pombais, onde comiam ovos e borrachos.

Koster, 290

Dobrizhoffer, 1, 375-6. Jolis, 270
Notícias, **2, 45; 2, 31**

Descobrira-se ultimamente na Bahia chá,[13] de que, diz o autor do manuscrito, só poderia tirar grande lucro. Também ali crescia o café. A menção que se faz destes artigos, numa época em que eram tão pouco conhecidos na Europa, que talvez nem os nomes se lhes tivessem ouvido além das fronteiras de Portugal, torna-se digna de nota, e mostra quão cedo haviam adquirido os portugueses os costumes do Oriente. O gengibre, trazido da ilha de S. Tomás, aclimatara-se tão bem, que já, em 1573, se apuravam quatro mil arrobas deste produto; era melhor do que o que vinha da Índia, embora a arte de secá-lo não fosse tão perfeita; fazia-se grande uso desta raiz nas conservas, mas como afetava o comércio do Oriente, foi a sua cultura proibida com essa mesquinha política que se propõe como fim principal a renda imediata.

Chá e café indígenas no Brasil
Notícias, **2, 44**

Proíbe-se o cultivo da raiz do gengibre

Notícias, **2, 32**

Cana-de-açúcar indígena

Dos Ilhéus tinha sido trazida para a Bahia a cana-de-açúcar, mas era esta também indígena no Brasil, e crescia abundante no Rio de Janeiro, onde os franceses, que não sabiam como extrair-lhe o açúcar, faziam dela uma agradável bebida, mergulhando-a em água, nem os maravilhou pouco verem que, conservada por algum tempo esta infusão, servia também como vinagre. Não se menciona o tabaco como artigo de comércio nesta época, mas já o seu uso devia ir-se generalizando, pois que em princípios do século seguinte se vendia na França, levado do Brasil, por uma coroa a libra.[14]

Notícias, **2, 31**
Lery, C. 13
Lescarbot, P. 848

Não se dava no país o linho. Mas palmeira brava oferecia um substituto; também a casca da *embira* fornecia cordas e cabos, servindo ainda melhor para amarras, por durar mais debaixo d'água. Até mechas para arcabuzes daqui se faziam.

Naufr. da nau *S. Paulo. Hist. Trag. Mar.* **1, pág. 373**

As sementes da embira mascavam-se em jejum como um corroborante, aplicavam-se pisadas contra a mordedura da cobra; e serviam como pimenta para fins culinários. As plantas parasitas sem folhas, designadas pelo nome genérico de *timbó,* serviam para obras entrançadas, como cestos, chapéus, além de que também delas se faziam cordas. O suco tinha aplicação no curtimento; pisadas e lançadas nos lagos e rios, tingem estas plantas duma cor escura a água e embebedam ou envenenam o peixe. Forma o timbó uma característica singular dos panoramas campestres no Brasil. Enrola-se nas árvores, trepa por elas, desce outra vez até ao chão, ganha raízes, e de novo rebentando, atravessa de ramo para ramo, e de árvore para árvore, para onde quer que o vento o leva, até que os seus festões enredam a floresta inteira, tornando-a impérvia. Vão os macacos viajando por estas grinaldas selvagens, prendem-se delas com as caudas, e executam peloticas, que fariam enraivecer de inveja o volatim mais destro.

Piso, 4, 20
Stedman, 1, 175; 1, 242

E tanto chega às vezes a emaranhar-se este vegetal cordame, que forma uma rede, por onde não rompem nem aves nem quadrúpedes. Triangulares, quadradas ou redondas atingem algumas destas plantas a grossura da perna dum homem; vão crescendo com nós e torcicolos, e toda a espécie de contorções; facilmente vergam em todos os sentidos, mas que-

brá-las é impossível. Não raro move a árvore que a sustenta, pelo que as chamam os espanhóis *matapalos;* e às vezes se conservam erguidas como uma coluna torcida, depois de já desfeito entre seus fatais abraços o tronco, que estrangulam. Há algumas que, feridas, vertem uma água fria, pura e saudável; e estas crescem nos fétidos paus das margens do Orinoco, ou em terras arenosas, onde sem este recurso pereceria à sede o viajante. Também a hera trepa aos cimos das mais altaneiras árvores, cobrindo a floresta com um dossel do mais brilhante verde. Aberta uma azinhaga, fica esta sombra sobremaneira deliciosa.

Gumila, C. 47
Stedman, 1, 277

Piso, P. 6.

Havia no Recôncavo extensos terrenos, que produziam salitre; diz o autor das *Noticias* que dele se podiam mandar navios cheios para a Espanha, em lugar de trazê-lo da Alemanha a tão grande custo. Cal só havia a que de cascas de ostras se fabricava, como em S. Vicente; eram estas porém em abundância tal, que delas se carregavam barcos a toda a vez e hora que se queria. Com nenhuma parte do mundo foi o mar tão pródigo, como a Bahia. O alimento mais usado nos engenhos de açúcar eram caranguejos, tubarões e xaréus; as ovas destes últimos salgavam-se, prensavam-se e secavam-se para as viagens, sendo mui estimadas neste estado. Do fígado de tubarão se extraía azeite em considerável quantidade. Não eram raras as baleias; e muitas vezes aparecia o âmbar-gris. Um dos primeiros colonos recebeu quatro arrobas desta substância em dote de sua mulher. No Ceará era ainda mais abundante. Os indígenas o reputavam alimento da baleia, recebido no estômago e vomitado; e esta opinião, que tão de perto se aproxima da verdade, foi compartida pelos portugueses, por terem-se encontrado dezesseis arrobas deste âmbar, parte perfeito e parte corrompido, isto é, em estado imperfeito, no estômago dum enorme peixe, que viera à praia na Bahia. Todos os pássaros são ávidos de âmbar-gris, e em ocasiões de temporal muitas vezes o devoravam, antes que os homens pudessem recolhê-lo.

Notícias, **2, 75**

2, 48

Peixes

Rocha Pita, 1, § 71

Âmbar-gris

Sim. Vasc. *Not. Ant.* **2, § 97.**
Piso, P. 10

Se em alguma parte existem homens, isto é, macacos marinhos,[15] como observa Lery, é certamente aqui. Não vejo razão suficien-

te para recusar testemunhos positivos da existência destes animais, pois que a analogia da natureza os torna prováveis. Os naturais chamam-no *upapiara,* e representam-nos como monstros malévolos, que no verão entram pelos rios, e se encontram um homem a nadar, ou a pescar numa dessas jangadas em que o pescador se senta, ficando-lhe meio corpo na água, leva-o ao fundo, mais para brincar do que para comer, pois que os cadáveres têm aparecido depois arranhados e desfarrapados.[16]

Notícias, **4, 47**

Boatos de minas de esmeralda

Nos rios do Recôncavo rolavam depois das chuvas pedaços de cristal, e pedras que semelhavam diamantes. Também aqui corriam boatos de minas de esmeraldas e safiras, nascidos dos contos dos mamelucos e índios. Dizia-se que ficava muito pelo sertão adentro, nas fraldas de uma serra, do seu lado oriental, engastadas em cristal; na encosta ocidental das mesmas embutidas, mas cor de púrpura escura, que passavam também por preciosas. E os naturais afirmavam que havia perto outro serro, onde pedras pequenas se encontravam, que eram de um vermelho claro e singular brilho.

Notícias, **2, 75**

Povo da Bahia

Mais de cem pessoas se contavam na Bahia cuja renda regulava de três a cinco mil cruzados e a propriedade de vinte a sessenta mil. Suas mulheres não arrastavam senão sedas. O povo distinguia-se em geral pela extravagância dos seus trajares; até homens das classes mais baixas passeavam pelas ruas com calças de damasco de cetim: suas mulheres traziam vasquinhas e gibões da mesma fazenda, e carregavam-se de ouro. As casas estavam não menos que as pessoas perdulariamente alfaiadas. Havia colono que possuía baixela de ouro no valor de dois e de três mil cruzados. No mercado de São Salvador nunca faltava pão feito de farinha portuguesa, nem diferentes qualidades de vinhos da Madeira e das Canárias. Menos que a Bahia não florescia Pernambuco. Morto o primeiro donatário, haviam os naturais formado uma confederação geral contra os portugueses. Mal soubera disto mandara a rainha regente a Duarte Coelho de Albuquerque, sucessor nos direitos de seu pai, que partisse imediatamente a socorrer em pessoa a capitania: e ele pediu-lhe que ordenasse a seu irmão Jorge de Albuquerque Coelho, que o acompanhasse. Chegaram a Olinda em 1560; foram os jesuítas chamados a conselho com os ho-

Pernambuco

mens bons da cidade, e apesar de contar apenas vinte anos de idade, foi o irmão mais moço eleito general e conquistador da terra. Esta última designação fê-la ele boa com cinco anos de contínuo guerrear. Quando os dois irmãos chegaram a Olinda, não se aventuravam os habitantes a duas léguas da cidade; no fim destes cinco anos eram seguros todo o lanço da costa e o país até quinze e vinte léguas pelo sertão adentro. Ganha uma vez esta vantagem, nunca mais se perdeu. Diz-se nas *Notícias*, que os caetés tinham sido metidos cinqüenta léguas pelo interior, isto é, que tinham abandonado o país; e que apesar de ter Duarte Coelho gasto muitos mil cruzados com a sua capitania, fora bem empregado o dinheiro, pois que de renda das pescarias e dos engenhos do açúcar percebia agora o filho a melhor de dez mil cruzados. Continha Olinda suas setecentas famílias, não contadas as casas dispersas pelas vizinhanças, nem os engenhos, cada um dos quais tinha de vinte a trinta moradores. Podiam pôr-se em campo três mil homens, dos quais quatrocentos de cavalo. De quatro a cinco mil escravos africanos, além dos indígenas, se empregavam nesta capitania, que tinha mais de cem colonos, cuja renda orçava de mil a cinco mil cruzados, afora alguns que a tinham de oito a dez mil. Volta daqui riquíssimo para Portugal, diz o autor das *Notícias*, quem de lá viera pobre e desgraçado. A educação estava confiada aos jesuítas, que ensinavam os elementos rudimentais da instrução e o latim, lendo também sobre casuística. Esta espécie de teologia moral, como a chamavam, vogava extraordinariamente em Olinda, nem tinham os jesuítas tanto que fazer em qualquer outro ramo dos seus deveres profissionais, como em resolver casos de consciência[17] aos mercados e traficantes do lugar. A seu cuidado e mesmo contígua à cidade, tinham uma aldeia grande de índios convertidos que não contavam menos de mil almas. Todos os anos vinham a Pernambuco quarenta e cinco navios, mais ou menos a carregar de açúcar e pau-brasil, que era da melhor qualidade, e por vinte mil cruzados se tomava de arrendamento à coroa. E esta importante capitania estava para assim dizer desprovida de obras de defesa! Bem previa o autor das *Notícias* o perigo, quando, concluindo a sua, ponderava ao governo a necessidade de segurá-la bem.

Bento Teix. Pinto
Hist. Trág. Mar.
T. 2, pág. 8

Olinda

Notícias, **1, 16**

Supunha-se nesta época que nenhum tráfico era possível entre Bahia e Pernambuco por causa dos ventos regulares. Havia porém

por terra entre São Salvador e Olinda uma troça tal de malvados e assassinos, que recomendando a fundação de um estabelecimento sobre o rio Sergipe, uma das razões que alegou o autor das *Notícias*, foi que assim se cortaria até certo ponto esta corrente de criminosos de uma capitania para a outra.

Também São Vicente continuava a florescer. Achava-se esta capitania já bastante ao sul para produzir trigo e cevada, pouco porém se cultivavam, por contentarem-se os colonos com o alimento do país; apenas se semeava algum grão daquele primeiro cereal, para hóstias e bolinhos. Fazia-se marmelada, que se vendia para as outras partes do Brasil. Estas capitanias de clima mais temperado não eram visitadas da praga das formigas, e podiam produzir vinho: alguns colonos havia ali, que colhiam por ano três ou quatro pipas, que ferviam, para evitar a azedia. Também em São Paulo principiavam a aparecer vinhas; e ainda há, diz o manuscrito, melhores frutas nesta capitania e na de Santo Amaro, que são ouro e prata, se buscassem as minas.

S. Vicente

Depois do desbarato de Fernão de Sá restabeleceu-se o Espírito Santo, mas não sem que Coutinho ficasse inteiramente arruinado na contenda. Gasto todo o cabedal de sua casa, e a fazenda adquirida na Índia, a tão extrema pobreza se viu reduzido, que teve de mendigar o pão para seu sustento. Não sei, diz o autor, se ele ao morrer valia uma mortalha. Passou para o filho a capitania com todos os direitos e títulos, sua única herança. Em pior estado se via ainda Porto Seguro. Morto Tourinho, tudo foi decaindo com o desgoverno do filho; deixou este uma filha, que não chegou a casar, vendendo o seu direito ao primeiro duque de Aveiro a troco de uma pensão anual de cem mil-réis. O cabedal e influência de que dispunha o novo proprietário reergueram a colônia, para o que também não pouco contribuiu uma residência de jesuítas, pois onde quer que apareciam estes padres, reuniam em torno de si reduzidos os naturais. Mas então principiaram os aimorés suas devastações e ao tempo de escreverem-se as *Notícias* um só engenho ficava ainda em pé, achando-se quase despovoada a capitania. Duas vezes também em um ano rebentou o incêndio na principal vila, consumindo o segundo o que escapara ao

Notícias, **1, 62; 2, 32**

Espírito Santo

Notícias, **1, 52**

Porto Seguro

primeiro. Preparavam-se ali águas-de-cheiro, da mais fina qualidade, que se iam vender a São Salvador.

B. Teles, *C. C.* **3, 1, § 6**

Terrivelmente tiveram os primeiros colonos de sofrer das *chiguas*. Este inseto, que parece ter sido ali mais formidável do que nas ilhas produtoras de açúcar, introduzia-se entre as unhas e a carne de ambas as mãos e pés chegando a atacar todas as juntas. Diz Lery, que por maior cuidado que tivesse em livrar-se destes bichos, mais de vinte lhe extraíram em um dia. Muitas pessoas, antes de conhecerem o remédio, perderam os pés da mais horrenda forma. Os naturais untavam as partes, que mais expostas andavam a esta praga, com um azeite vermelho e espesso,[18] espremido do *courouq*, fruta que na casca se parece com a castanha. Por felizes se deram os franceses, quando souberam deste preservativo. Para feridas e contusões era o mesmo óleo soberano ungüento.

Notícias, **2, 46**
Staden, 2, 33.
Lery, C. 11

Moléstias,
Piso, P. 8

Saudáveis como são os ares do Brasil, tornavam-se fatais a muitos, cujos hábitos de vida e costumes haviam sido contraídos em temperatura diferente, como às próprias plantas, diz Piso, é freqüentemente fatal a mudança embora transplantadas para solo mais rico e mais feliz clima. E aquele, acrescenta o mesmo autor, que neste país quer atingir ditosa velhice, se abstenha do uso diário de carnes e vinho. Observa este homem sagaz, que a mistura e cruzamento de três raças diversas, européia, americana e africana, tinha engendrado novas moléstias, ou pelo menos novas compleições, com que tanto se modificavam as enfermidades antigas, que o mais hábil físico ficava perplexo à vista de desconhecidos sintomas. Entre a classes baixas era endêmica uma doença do fígado, e tão peculiarmente sua, como a gota o é das ricas. Grassava especialmente nos meses chuvosos; estranha voracidade atormentava o doente, cujo aspecto era macilento e cadavérico. Moléstias de olhos eram também vulgares, mormente entre soldados e pobres; a mais freqüente era essa meia cegueira,[19] que os europeus freqüentemente experimentam entre os trópicos; os remédios eram fumo de tabaco, carvão da casca da guabiraba, ou alvaiade em leite humano, então muito apregoada como medicinal. Outra enfermidade comum era a que vulgarmente se chamava *ar,* supondo-se este a causa do mal, e a que Piso dá o nome de estupor[20] parece ter sido aborrecimento geral, uma sensação de peso e relaxação

em todo o corpo: contra isto recorria-se a um banho, ou antes a um madouro de esterco de cavalo, incenso e mirra. Fricções e unturas eram bons meios preventivos, e também remédios eficazes, adotados dos indígenas. Porém a moléstia mais terrível no Brasil era uma úlcera maligna no ânus: o melhor remédio era ópio. Se não se atalhava depressa a úlcera no seu progresso, tornava-se fatal, nem houve jamais gênero de morte mais asqueroso, ou mais doloroso.

Óleos, ungüentos e emplastros passavam por menos eficazes aqui contra feridas e úlceras do que na Europa, preferindo-se fricções de ervas adstringentes. A gordura do caimão era muito procurada como remédio. Contra afecções da garganta e do peito usavam os portugueses de uma mistura de sumo de laranja e cana-de-açúcar com *album-graecum,* e contra as bexigas, grandes doses de fezes de cavalo pulverizada e tomada em qualquer líquido. Médicos que recorrem a tais remédios, nem matam, nem curam. Os charlatães muitas vezes faziam uma e outra coisa; empregavam efusões de água fria no princípio da febre, e Piso[21] acredita no conhecimento que tinham de drogas eficazes. Nos primeiros tempos poucas crianças chegavam a criar as portuguesas; de três não escapava uma; mas afinal aprenderam dos selvagens a prescindir do peso dos cueiros e faixas, a deixar a cabeça livre, fazer freqüente uso de banhos frios, e não se considerou mais o clima como mortífero para os recém-nascidos. Nestas coisas e no conhecimento das ervas, que é o mais que nos podem ensinar, pouco temos por ora aprendido dos selvagens.

Eram estas as doenças que no Brasil reinavam entre os colonos durante o primeiro século depois da descoberta; não há exemplo de terem os homens brancos sofrido tão pouco na natureza física, transplantados além dos limites que lhes foram assinados. A natureza moral sofreu mais; a deterioração contudo proveio de causas, algumas das quais eram temporárias e todas removíveis, como em verdade poucas causas há de males morais, que se não deixem remediar. Os mesmos crimes que em Portugal eram freqüentes, mais vulgares se tornaram no Brasil, porque sempre as colônias recebem os fugitivos e degradados da mãe pátria; devedores fraudulentos ali se refugiavam, e homens que abandonavam suas próprias mulheres ou roubavam as alheias. Florescia ali o assassínio como em Portugal e em todos os países católicos: um modo de vingança geralmente praticado, raro punido, e olhado sem horror, por que a con-

fissão e absolvição facilmente levavam a culpa. Punham o exemplo da injustiça e capacidade os próprios governadores, que tratando unicamente de se enriquecerem,[22] durante os três anos que lhes durava o ofício, não curavam dos meios.

Milagres de Anchieta, *passim*

Entretanto crescia uma raça de homens, ferozes sim e intratáveis, mas que com a mistura do sangue indígena, adquiriam uma atividade constitucional e incansável. Enquanto os espanhóis no Paraguai se deixavam ficar onde os pusera Irala tratavam de resto as descobertas que os primeiros conquistadores haviam feito, indiferentes viam perder-se cobertas de nova vegetação as picadas que estes tinham aberto, e quase esqueciam os hábitos e a própria língua da Espanha, continuaram os brasileiros por dois séculos a explorar o país; meses e anos passavam estes obstinados aventureiros pelas florestas e serranias a caçar escravos ou a procurar ouro e prata, seguindo as indicações dos índios. E afinal lograram assegurar-se a si e à casa de Bragança as mais ricas minas, e maior extensão da América do Sul, de toda a terra habitável a região mais formosa.

Debrizhoffer

NOTAS DO CAPÍTULO X

1. O autor é sumamente injusto neste lugar: os jesuítas não teriam jamais feito a Sore o que este lhes fez, porque padres católicos não se poderiam manchar com as crueldades de um corsário calvinista. O fato de João du Bordel, e alguns outros que se possam citar são exceções condenadas pelos próprios escritores eclesiásticos. (F.P.)
2. Rocha Pita diz que D. Luís morreu de doença no mar. Admira este lapso, por implicar ignorância do martírio de Pedro Dias e seus companheiros, única ordem de fatos que se podia supor não escapasse a um historiador como ele.
3. Admira que os preconceitos religiosos obriguem a Southey a cometer tão brava injustiça como a que resulta destas palavras. (F.P.)
4. Neste e noutros passos, Southey faz referências a portugueses e índios, incluindo entre aqueles ou estes os mamelucos, e entre os primeiros os descendentes de portugueses nascidos no Brasil. Em outros lugares fala apenas *brasileiros* ou *portugueses.* (P.B.B.)

5. Salema escreveu uma relação desta expedição, a que o autor das *Notícias.,* se refere, dizendo que por isso se julga dispensado de tratar mais profusamente o assunto. Mas destas obras nenhuma foi impressa, e da primeira, se porventura ainda existe, não pude alcançar manuscrito algum. Rocha Pita, negligente e ignorante, como de costume,* nem faz menção desta derrota total dos tamoios, apesar da importância do fato, nem da divisão do governo. E Vasconcelos não leva a sua crônica além da morte de Nóbrega.
   * É para estranhar que Southey trate deste modo a Rocha Pita cujos enganos e omissões são desculpáveis pela deficiência de documentos que em seu tempo existia. (F.P.)

6. No manuscrito *Notícias do Brasil* assim se lhes descreve o curso. Do rio Doce entraram no Mandij; ali desembarcaram, e transpostas vinte léguas para O. S. O. chegaram a uma lagoa grande, chamada dos naturais Boca de Mando Mandij, ou, segundo outra versão, a Boca do Mar, pela sua grandeza. Daqui desceram um rio para o Doce; o seu curso era O., e a quarenta léguas desta lagoa havia uma catarata. Andaram trinta léguas ao correr deste rio, e depois, deixando-o, se seguiram para o poente por quarenta dias, em que andaram outras setenta, e chegaram ao lugar onde o rio caía no Doce. Aqui fizeram canoas de casca de árvore, cada uma para vinte homens, e subiram o rio até à sua junção com o Aceci, pelo qual navegaram ainda quatro léguas, deixando então as embarcações e tomando para N. O. por onze dias. Atravessaram o Aceci, e seguindo-lhe a margem por cinqüenta léguas, acharam os rochedos com as supostas turquesas. Foi isto escrito tão proximamente depois da expedição, que é provável que a geografia seja a mais exata que se pode esperar.

7. Duas prodigiosas serpentes infestavam esta fazenda de criação. O feitor matou uma e achou-lhe no ventre noventa e três leitões, que pesavam juntos oito arrobas. *Notícias,* Ms. 2, 46.

8. *Que não buliu neste negócio por respeitos que não se devem declarar,* diz o autor das *Notícias,* referindo-se ao rio Real.

9. O autor parece ignorar os importantes serviços que à civilização do Brasil prestaram os carmelitas e beneditinos. (F.P.)

10. Foi também convidado o bispo para fazer parte do governo interino. (F.P.)

11. A obra a que se refere Southey é o *Tratado Descritivo sobre o Brasil* publicado pela primeira vez na *Coleção das Notícias para a História e Geografia das Nações Ultramarinas que vivem nos domínios portugueses,* ordenada pela Academia Real das Ciências de Lisboa, tom. 3, pág. 1. Existe segunda edição presidida pelo Sr. Varnhagen e feita a expensas o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e enriquecida de muitas reflexões e notas do mesmo distinto historiador e F. P.

12. As caravelas e caravelões tinham velas quadradas, não como as galés, que as traziam triangulares.

13. É o chá também indígena no Haiti, onde parece ter sido descoberto por P. Le Breton em princípios do século passado.

No Paraguai e no Peru chamam-no *paico.* Monardes atribui-lhe a mesma virtude, porque ainda ali o empregam: as folhas reduzidas a pó, e tomadas no vinho, tiram a dor de pedra na bexiga, quando provém de hidropisia ou frialdade, e cozidas, e postas em cima da dor como cataplasma, também a tiram. A identidade deste arbusto com o chá da China, não é conhecida no Paraguai mas reconheceu-a o jesuíta inglês Falkner, e alguns padres da mesma Companhia naquela província, quando semearam em Faenza a árvore do chá. *Jolis,* 1. 2, art. 4. Já no princípio do século se conhecia esta planta em Lima, e dela se fazia uso. *Lettres édifiantes.*

14. Vide a segunda parte da *Cultura e Opulência do Brasil,* de Antonil. O tabaco não teve a importância do açúcar mas se tornou mais famoso. Seu cultivo se iniciou na Bahia, discretamente, e, por fim, alastrou-se, interessou agricultores e comerciantes e tornou-se um grande negócio, escrevemos nos *Cadernos de História,* em seu nº 5. (P.B.B.)

15. O mesmo dizia Paracelso antes de Lery: *Concedi fas est quod in mari animalia quaesque homini similia reperiantur; quae etsi quidem hominem ad vivam non exprimant ipsi tamen quam animalibus caetris similiora sunt. Caeterorum autem brutorum more anima carent seu mente. Illa sese habent ut simia ad hominem; et aliud non sunt quam simiae maris, diversi generis.* V. 2, pág. 478. Edição de Gênova.
A fantástica teoria da origem destes animais não é indigna do seu autor. Todos os corpos, diz ele, que perecem na água, *ab animalibus marinis devorantur et obsvmuntur jam si, sperma in exallatione constitutum mersione periret, et a pisce devoratum, iterum in se ipse exalteretur, operatio arte oliqua fieret a natura piscis et spermatis. Ex quo colligi potest, maximam animalium partem humanam formam referentium, hoc modo produce.* Por este motivo elogia ele a prática dos enterramentos; mas esquece que mundo de monstros apesar desta prática, se a teoria fosse verdadeira, devia haver, onde quer que existissem feras e campos de batalha.

16. Jaboatão (§ 71), transcrevendo de um manuscrito a que dá crédito, diz, que nos rios do Cairu há monstros marinhos, que os indígenas chamam *igbaheapina,* diabos cabeludos, ou coisas más, crendo-os espíritos malfazejos. Descrevem-nos como do tamanho de crianças de três para quatro anos, da cor dos índios, excessivamente feios, e com cabelos poucos na cabeça.*
* Geral era em todo o Brasil a crença nos monstros marinhos; e por isso não fez Soans (a que se refere Southey) senão conformar-se com a idéia recebida. Pensa o P. Varnhagen que os assaltos atribuídos a esses monstros deveriam ser obra dos tubarões, ou jacarés. (F.P.)

17. Tão singular parece hoje este fato, que transcreverei a autoridade:
Pour le regard des autres fonctions propres de leur institut, ils s'y employent ici même qu'en autres lieux, mais principalement à resoudre les doubtes et dificultés, qui se présentent en contracts des marchands; parce que c'est une ville grand traffic; et ceux qui ont la crainte de Dieu devant les yeux, et qui aiment plus le salut de leur âme, que les biens de ce monde mal-acquis, leur vont demander conseil en leurs affaires. En quoy l'on a fait, par la grace de Dieu, beaucoup de proffit,

empechant plusieurs monopoles, contracts usuraires, et autres telles mechancetez par trop ordinaires au commerce. Mais je laisse à part tout ceci, et beaucoup d'autres choses d'édification, qu'on a fait à l'endroit des Portugais: parce que mon intention n'es que d'écrire ce qui est advenu en la conversion des infidèles. Jarric., 2, 352.

P. Pierre do Jarric segue nesta parte da sua história provavelmente alguns desses volumes das *Relações anuais,* que não pude haver à mão. Até onde tive ocasião de confrontá-lo cinge-se ele fielmente a esta autoridade.

18. Este azeite, diz Lery, era entre eles tão estimado, como entre nós o que chamamos Santo Óleo. O nosso cirurgião ao voltar à França levou consigo doze vasos grandes dele, *e outros tantos de gordura humana, que aparava quando os selvagens cozinhavam os seus prisioneiros!* C. 11.

19. *Evening-blindness.*

20. Entre as doenças crônicas, é comum no Brasil a que "ataca os nervos e produz profundo torpor nos membros". (Piso, obra citada.) (P.B.B,)

21. *Semper enim condonandum est empiricis, utpote exquisitiorbus in exhibendis mechamentis, quam in distinguendis morborum causis.* 2, 12.

22. Assim o diz Sarmiento, sobre a autoridade de *una persona principal,* y *el hombre más poderoso del Brasil,* cujas palavras originais transcreve. P. 555.

. . . .

Capítulo XI

DISPUTAS NAS FRONTEIRAS DO BRASIL – ASSUNÇÃO ERIGIDA EM BISPADO – EXPEDIÇÃO DE CHAVES – OS CHIQUITOS – MORTE DE IRALA – MARCHA DE VERGARA PARA O PERU, E SUA DEPOSIÇÃO – MORTE DE CHAVES – OS ITATINES – CASERES REMETIDO PRESO PARA A PÁTRIA – PARTE ZÁRATE DA ESPANHA A TOMAR CONTA DO GOVERNO; MAU PROCEDER E SOFRIMENTOS DO SEU ARMAMENTO – DEPOSIÇÃO E MORTE DO SEU SUCESSOR MENDIETA – FUNDA-SE BUENOS AIRES PELA TERCEIRA E ÚLTIMA VEZ

O Paraguai

NÃO EMPARELHOU com o do Brasil o progresso do Paraguai, mais é porém para pasmar ter esta colônia continuado a existir, do que não ter florescido, tão remota como se achava do mar e de todo o estabelecimento espanhol. Em bem houvera sido para o Paraguai, se a igual distância ficasse dos portugueses. Viviam os guaranis do Paraná de contínuo atassalhados pelos tapuias da fronteira brasileira, capitaneados pelos caçadores de escravos. Recorreram à proteção de Irala, que saindo em seu socorro, repeliu os invasores, e obrigou-os a prometer que deixariam em paz os súditos d'el-rei da Espanha. Para segurar porém a fronteira e abrir com o mar mais pronta comunicação, julgou dever fundar ali uma cidade, e apenas de

Disputas na fronteira do Brasil

Estabelecimento em Guaíra

volta à Assunção, despachou Garcia Rodrigues de Vergara com oitenta

1554

homens para este serviço. Ficava sobre o Paraná a situação escolhida para o novo estabelecimento, acima das cachoeiras grandes. Vergara o chamou Outiveros, da sua própria terra natal na Espanha, mas prevaleceu o nome Guaíra, da província em que ficava. Passados alguns anos, removeu-o Rui Dias Melgarejo três léguas mais para cima, e para a margem oposta, perto donde o Pequeri vai morrer

Charlevoix, 1, 123

no Paraná, e desde então se ficou chamando Ciudad Real.[1]

Revelaram da parte dos espanhóis estas medidas uma intenção de manter através do Brasil comunicações com a Europa, objeto de muita monta antes de se ter podido fundar um estabelecimento em Buenos Aires; pois raro sucederia, que da Assunção descesse um navio aparelhado para atravessar o Atlântico. Penoso e arriscado caminho era porém este. Dezoito anos tinha já Hulderico Schmidel passado longe da pátria, quando ditada pelo irmão recebeu uma carta, pedindo-lhe com muita instância que regressasse. A Irala a mostrou, requerendo a sua baixa; foi-lhe esta a princípio negada... homem tão talado para a sua vocação, mal se podia dispensar; mas como alegasse seus longos e leais serviços, quanto padecera, e quantas vezes barateara a vida pelo seu comandante, concedeu-lha este nos termos mais honrosos, encarregando-o de despachos para o rei, nos quais dava conta do estado da província, e recomendava o portador como digno da real munificência. Preparava-se Schmidel para a partida, quando do Brasil chegou uma pessoa com notícias de que havia lá um navio recentemente vindo de Lisboa, e ele deu-se pressa na esperança de aproveitar o ensejo de voltar à Europa. Partiu pois com vinte carijós, que em duas canoas lhe levassem a bagagem; e descido o Paraguai quase cinqüenta léguas, reuniram-se-lhe dois desertores portugueses e quatro espanhóis. Subiram todos o Paraná cem léguas, segundo o seu cálculo, principiando então a marcha por terra.

Os primeiros tupis, com que toparam, eram amigos, mas advertiram-nos que se precavessem de outra horda, cuja aldeia se chamava Carieseba. Em despeito desta admoestação e do conselho dos mais, entraram dois europeus no aldeamento em busca de mantimento, embora não faltassem provisões com que continuar. Saíram então uns cinqüenta índios, vestidos como cristãos convertidos, e parando a cerca de trinta

passos falaram numa linguagem que pouco diferia da dos carijós. Schmidel, que bem sabia que este falar a tal distância era sinal suspeito, perguntou pelos seus camaradas; a resposta foi que ficavam na aldeia e mandavam a convidar os companheiros que os seguissem. Não se deixando iludir por traição tão calva, excusaram-se estes, visto o que, despediram os tupis uma nuvem de flechas, saindo logo toda a força da taba a atacar os viajantes. Tinham os aventureiros coberto o flanco por um bosque; restavam-lhes ainda quatro arcabuzes, e como os índios são sempre mais atentos à própria conservação na batalha, do que a vexar o inimigo, manteve Schmidel por quatro dias o campo, retirando-se na quarta noite disfarçadamente para as selvas, quando já os tupis estavam cansados de tão longo e contínuo assaltar, e a sua própria gente tinha consumido todas as provisões.

Oito dias foram marchando pelas florestas, rompendo caminho conforme podiam, e vivendo de mel e de raízes, pois que com medo dos tupis não aventuravam a caçar, nem a disparar um tiro; e estes oito dias olhou-os Schmidel como os mais miseráveis, que em todo o curso de suas aventuras havia passado. Tinha lutado com não somenos dificuldades e privações, mas nunca viajara ainda com susto e tremendo. Ao nono dia alcançaram país habitado, onde acharam mantimento, posto que não ousassem entrar em aldeia. Após longa e dolorosa jornada, durante a qual era o mel a única substância que sempre se obtinha em abundância, chegou a partida a um estabelecimento cristão, onde um, a quem Schmidel dá o nome de João de Reinviele, era o capitão; quarenta anos tinha ocupado este ofício, e agora, como não o confirmassem nele por toda a vida, tomara armas, e reunira cinco mil índios num só dia, antes que o rei de Portugal pudesse achar dois. À chegada dos viajantes estava ele ausente, ajustando estas diferenças; o filho recebeu-os hospitaleiro, mas Schmidel e seus companheiros viam nestes cristãos uma espécie de bandoleiros, e deram-se por felizes quando das mãos lhes escaparam a salvo; embora fossem bem tratados, nem haja motivo para supor que se maquinasse algum sinistro intento. Este lugar então o estabelecimento mais sertanejo dos portugueses,[2] naquela direção ficava a vinte léguas de São Vicente, aonde Schmidel chegou após uma marcha de seis meses. Voltou à Espanha a salvamento, entregou os despachos ao rei em pessoa, e contou-lhe, diz ele, com a fidelidade que pôde, quanto sabia dos

negócios do Paraguai. Se Irala tivesse esse empenho, que lhe atribuem,[3]

Bispado da Assunção

de ocultar ao governo espanhol o seu proceder, não se teria por certo fiado deste alemão tão simples, de quem com algumas perguntas capciosas tudo se pudera arrancar.

Schmidel, 6, 51, 52

Pouco depois da sua fundação passou Assunção por lugar de tanta importância, que em 1547 Paulo III a erigiu em bispado, com o nome de cidade do Rio da Prata, que nem autoridade tal conseguiu fazer aceitar e correr, o primeiro bispo não chegou a pôr pé na sua diocese, e sendo transferido para o Novo Reino, sete anos depois da sua consagração, deu-se-lhe por sucessor Pedro de la Torre, franciscano como ele. Boa ordem devia ter Irala estabelecido, pois que entradas no Prata as naus que traziam o bispo, logo com fogos de sinal se transmitiu a Assunção a nova. Por esta armada recebeu o governador uma nomeação legal para o posto que havia tanto ocupava. Conjuntamente lhe vieram instruções, que, da forma praticada nas demais conquistas, repartisse pelos conquistadores os índios. Este sistema devastador já ele o encetara, mas agora como fossem mais os reclamantes do que os satisfeitos, pareceu mais avisado fundar novos estabelecimentos, e mandou-se Melgarejo para Guaíra, e Chaves com duzentos e vinte europeus e três mil e quinhentos índios a colonizar entre os xaraiés.

Entra Chaves na província dos chiquitos

Era Chaves um aventureiro do cunho do próprio Irala. Sem a menor intenção de cumpri-las recebera ele as ordens não achando entre os xaraiés lugar algum propício, porque nenhum achar queria, seguiu para o poente em direção ao Peru, e entrou no que se chama agora país dos chiquitos. Estende-se esta província de leste a oeste cento e quarenta léguas, entre as terras baixas dos xaraiés e a província de Santa Cruz de la Sierra.

Coleti

Pelo norte separam-na do país dos moxos as montanhas dos tapacuras; para o sul vai topar com as serras dos zamucos, e da antiga cidade de Santa Cruz de La Sierra. Dois rios a regam, o Guapai, que, nascendo nos montes de Chuquisaca, volteia a atual cidade de Santa Cruz, e tomando depois para o noroeste vai coleando pelas planícies até

Juan Patrício Fenandez, C. 2. Muratori, T. 2, pág. 172

morrer no Mamoré; e Ubai, ou São Miguel, e o outro, que das cordilheiras do Peru trazendo a origem, percorre as terras dos chiriguanos,

onde o chamam Parapitui, passa à vista de Santa Cruz a Velha, e engrossado já com avultado cabedal de águas, recebe-o o Aporé, que a seu turno vai perder-se no Mamoré, formando o Madeira. Ficam de dezembro a maio inundados os terrenos, provendo-se então de peixe os naturais que sabem como envenenar as águas; mas a maior parte do país é montanhosa.

Chiquitos

O nome de chiquitos ou pequenotes deram-no os espanhóis aos habitantes, por terem estes tão baixas as portas de suas casas, que por elas se não entrava senão de rastos. A este estranho costume assinavam eles duas razões: os inimigos não podiam disparar-lhes setas de noite, e preservava-os isto dos mosquitos e outras pragas análogas da América do Sul. A denominação porém é singularmente imprópria, pois que estes índios antes excedem a estatura mediana, do que ficam abaixo dela. Os homens andam nus, exceto os caciques, que trajam uma como túnica de algodão com meias mangas, igual à de que usam as mulheres, com a única diferença de ser mais longa a destas. Adornam-se de fios de pedras coloridas passadas à roda do pescoço e pernas, e de um cendal, se tal nome merece, de plumas cujas cores com muita arte e gosto combinam. Também nas orelhas metiam penas, e um pedaço de estanho no lábio inferior. O que de mais destros atiradores blasonam, cobrem-se com as caudas dos animais que têm matado. Os chefes, a quem chamam também iriabós, servem igualmente de médicos, lucrativa profissão, porque enquanto dura a moléstia, banqueteiam-se eles à custa do enfermo. O meio mais vulgar de cura é sugar a parte afetada, para extrair o humor maligno. Também se costuma perguntar ao padecente se derramara algum licor pelo chão, se dera aos cães os pés de uma tartaruga, veado ou outro qualquer animal, que em tal caso supõe-se que a alma do bicho indignada se lhe meteria no corpo em vingança, sendo preciso bater a terra em volta do possesso, para esconjurar o espírito. Às vezes prevalece uma superstição mais cruel: declaram os médicos que foi uma mulher[4] que causou a moléstia, e a infeliz sobre quem recai a suspeita é morta a pau.

A poligamia é privilégio dos caciques; os demais têm de contentar-se com uma só mulher a um tempo, mas podem trocá-la quantas vezes quiserem. A melhor recomendação de um pretendente é destreza na caça: vai depor as presas mortas à porta da rapariga que requesta, e

os pais, avaliando pela quantidade destas as qualidades daquele, dão ou recusam a filha. Os rapazes tornam-se mais cedo *sui juris*. De quatorze anos deixam a cabana paterna, indo viver juntos debaixo de um vasto tugúrio aberto de todos os lados. É este o lugar onde se recebem e festejam os estrangeiros. Em tais ocasiões toda a horda se reúne. Principiam por sair das casas, batendo o chão com as *macanas,* e proferindo altos brados para afugentar os espíritos maus: precaução que raras vezes obsta a que as orgias terminem com questões, cabeças quebradas e mortes. Ao raiar o dia erguem-se, almoçam, e tocam uma espécie de flauta, até que desapareçam os orvalhos[5], antes do que têm por nocivo o andar por fora; então vão até ao meio-dia trabalhar nos campos, servindo-se de instrumentos de madeira tão rija, que pouco fica aquém do ferro. A tarde é consagrada a festas e folgares. O jogo favorito é um de bola, exercício que demanda grande destreza e vigor, pois é com a cabeça que nela se bate. Ao pôr-do-sol tornam a comer e vão deitar-se; mas os solteiros dançam de noite, formando um amplo círculo em torno de duas pessoas, que tocam flauta, enquanto as outras giram e regiram à volta; formam as raparigas um anel exterior à roda dos mancebos, e assim continuam até cansarem. As mulheres, sempre tanto mais bem tratadas quanto o sistema de relações entre os dois sexos mais se aproxima da monogamia, levam aqui boa vida: o seu mister é abastecer de lenha e água o rancho, cozinhar as frugais refeições, e fabricar a túnica e a rede.

À lua chamam estes índios mãe; durante um eclipse não cessam de atirar setas para o ar, e de clamar em altos berros, para afugentarem os cães, que, crêem eles, lhe dão caça pelas planícies do céu, e quando a alcançam, o sangue que das feridas mana lhe escurece o disco. O trovão e o raio, atribuem-nos a alguns finados, que morando nas estrelas, desta sorte manifestam a sua cólera. Com os mortos enterram comida e flechas, para que a fome não force o espírito a voltar para entre eles. O céu e a terra estão cheios de sinais e prognósticos para suas supersticiosas imaginações; um sonho, um mau agouro, leva uma horda inteira a renunciar ao lugar da sua residência, e chega a induzir um indivíduo a que abandone a mulher e a família. A feitiçaria não é tida em menos horror que entre os negros, nem um desgraçado, que incorre na suspeita de possuir este dom fatal, espere achar piedade.

Entre esta nação achou Chaves resistência; meditando estabelecer-se no país, queria ele poupar a sua gente, pelo que se desviou a um lado. Não lhe valeu a prudência; repetidos conflitos se travaram; algumas das tribos serviam-se de setas envenenadas, e o espanhol, desanimado pela perda sofrida, e trabalhos passados, instava com o comandante, que, volvendo atrás, fosse estabelecer-se entre os xaraiés, segundo o plano original da jornada. Entretanto morrera Irala, não chegando a desfrutar um ano de sua legal autoridade. Reuniu-se o povo na igreja, para eleger-lhe sucessor, até que viesse novo governador. Apuraram-se doze cavaleiros, que apresentaram quatro pessoas, entre as quais escolhesse o povo; recaiu a eleição em Francisco Ortiz de Vergara, genro de Irala. Desejava este prosseguir nos planos do seu antecessor, e tendo-lhe provavelmente constado, que Chaves, em lugar de obedecer às instruções recebidas, tinha seus projetos próprios, mandou atrás dele ordenar-lhe que executasse o que se lhe encarregara. Chegaram estes mensageiros quando os soldados clamavam por voltarem; mas a resolução do caudilho estava tomada com quantos quisessem seguir-lhe a fortuna. Oitenta espanhóis e dois mil índios, abandonando-o, regressaram a Assunção, enquanto ele, com cinqüenta europeus e o resto, que lhe ficava de aliados, ou bagageiros, avançava sempre. Sucedeu porém que ao mesmo tempo vinha marchando do Peru Andrés Maus com comissão do marquês de Canhete, então viso-rei, para conquistar e colonizar aquelas partes. Vasto como era o país, não cabia nele a ambição dos dois; usaram contudo de moderação, tomando por árbitro de sua disputa o lugar-tenente do rei, com quem Chaves foi ter em pessoa, contando porventura com o favor do marquês, por ser sua mulher da família dos Mendozas, filha desse D. Francisco, que na Assunção fora decapitado. Prevaleceu a sua influência; o viso-rei, nomeando seu próprio filho, D. García, para o governo de Moxos, deu-lhe Chaves por tenente, reenviando-o com plenos poderes para ali estabelecer-se. Voltou ele pois para a sua gente, e fundou uma vila a leste de Chuquisaca, ao sopé das montanhas, e à margem de agradável arroio. Chamou-a Santa Cruz de la Sierra, em memória de uma aldeia vizinha de Trujilo, onde fora criado, lugar tão deliciosamente situado nas abas de um monte, onde campos

Morte de Irala

Charlevoix, T. 1, pág. 124

Fundação de Santa Cruz de la Sierra

1564

de cereais e montes de oliveiras entremeiam de rochedo a rochedo, que bem podia ele com tal vista acalentar em terra estranha risonhas lembranças da infância. Quarenta anos mais tarde foi a cidade removida para a sua atual situação, cinqüenta léguas mais para o norte sobre o rio Guapai, sendo então elevada a bispado.

Herrera, 8, 5, 2
Coleti

Insurreição dos guaranis

Tendo visto os efeitos das envenenadas setas dos chiquitos, apanharam quantas puderam os guaranis, que abandonaram Chaves, para voltar a Assunção, e pensando que estas armas letais lhes dariam vantagem sobre os seus opressores, levantaram-se contra eles. Malogrou-se a esperança, porque o veneno após já um ano perdera a eficácia; mas Vergara teve, para domá-los, de empregar toda a sua força, conseguido o que, julgou por maior acerto afetar clemência, do que recorrer, para punir a insurreição, ao rigor costumado. De volta à sua cidade, achou um índio de Guaíra, que de Ciudad Real, onde se viu muito apertado, lhe mandava Melgarejo a pedir socorro contra os guaranis. O mensageiro passara por meio da força do inimigo, nu em pêlo, só com seu arco numa racha do qual vinha metida a carta. Tendo-lhe enviado tropas, que o descercaram, chamou-o Vergara a Assunção, tencionando mandá-lo à Espanha, como pessoa de quem podia fiar-se, a solicitar a confirmação do seu posto. Estava já de verga dalto para sair a caravela, que devia levá-lo, e que era o mais formoso barco até então construído no Paraguai, quando, incendiando-se, ardeu toda: algum inimigo de Vergara, ao que se supôs, devia ter-lhe posto fogo.

1560

1564

Marcha Vergara para o Peru

Resolveu então o governador precipitadamente ir ao Peru a obter poderes do viso-rei; também o bispo e quatorze dentre o seu clero julgaram conveniente, abandonando os deveres de seus cargos, acompanhá-lo, e partiram todos com forças consideráveis. Com eles foi também Chaves, que viera a Assunção pela mulher e pelos filhos. Ao chegarem aos itatines, persuadiu três mil destes índios, que, seguindo-o, fossem estabelecer-se-lhe na província, e apenas nela entrou a expedição, insistiu ele pela superioridade do seu posto, dizendo que o governador do rio da Prata nenhuma autoridade ali exercia. Ocasionou isto muita confusão; nenhuma ordem era possível observar, nenhuma precaução se podia tomar, onde ninguém

sabia a quem devia obedecer. Cessou o abastecimento regular de víveres, e grande mortandade se deu mormente entre os índios. Os que dentre os itatines escaparam, fizeram alto, estabelecendo-se em um país fértil. O resto da partida alcançou a muito custo Santa Cruz, onde não havendo com que manter semelhante multidão, continuaram a fome e a doença a dizimá-los. Vendo posto a saque o seu país, sublevaram-se desesperados os naturais. Ao marchar contra eles, deixou Chaves ao seu tenente instruções para que desarmasse Vergara e a sua gente, não lhe permitindo seguir para o Peru; mas Vergara achou meios de mandar a Chuquisaca um mensageiro, queixando-se desta violência, e veio ordem a Chaves de o não deter.

Vergara acusado e deposto

Não tardou Vergara a ter motivo de arrepender-se desta imprudente jornada. Mal chegara a Chuquisara, que à Real Mesa de Audiência daquela cidade se apresentaram mais de cem artigos de acusação contra ele, entre os quais figuravam o abandono do seu posto, o perigo em que deixara Assunção, retirando tão avultada parte da sua força, e a perda de vidas durante a marcha. Não quis o tribunal julgar estas acusações, antes de si as declinou para García de Castro, então governador do Peru, e presidente do tribunal em Lima. Ali compareceu Vergara, que, declarado decaído do seu governo, foi remetido para a Espanha, onde por si respondesse perante o Conselho das Índias. Para suceder-lhe foi nomeado João Ortiz de Zárate, se a el-rei aprouvesse confirmá-lo. Embarcou este para o Paraná, caminho da Europa, a solicitar a sua confirmação, nomeando Filipe de Cáceres seu lugar-tenente na Assunção, para onde o mandou voltar com os destroços da mal-aventurada expedição de Vergara.

1565

No seu regresso foram Cáceres, o bispo e a sua comitiva recebidos com aparente cordialidade por Chaves, que os escoltou até à aldeia dos itatines, sob pretexto de fazer-lhes honra, mas na realidade para seduzir-lhes a gente a ficar com ele. Logo depois da volta deste governador a Santa Cruz levantaram-se os chiriguanos contra os espanhóis, mataram Manso[6] e destruíram Nueva Rioja e Barranca. Saiu Chaves a *castigá-los,* como se dizia; depois partiu com mineiros e instrumentos a explorar algumas minas, que descobrira entre os itatines. Deixando estes homens a trabalhar, continuou no seu empenho de pacificar o país; e arengava alguns caciques chiriguanos,

Morte de Chaves

quando um destes insinuando-se por detrás dele, de um só golpe de *macana,* o derrubou sem vida. Semelhante morte com justiça a merecera Nuflo Chaves, em cujo governo se organizavam partidas para caçar índios, que se mandassem vender ao Peru; e em Santa Cruz eram eles levados ao mercado, mãe e filho, como ovelha e cria.

Dobrizhoffer, 1, 185

Os itatines

Depois de havê-lo Chaves deixado, teve Cáceres de abrir caminho à mão armada por entre os itatines,[7] nação do grande tronco tupi ou guarani. Deixavam os homens crescer o cabelo em círculo à roda da coroa, rapando o resto da cabeça; de ornato serve-lhes uma cana passada pelo lábio, que para isso se fura aos sete anos de idade; a mulheres escarificam-se, alanhando-se; e ambos os sexos trazem nas orelhas uma concha triangular. Os homens apenas se cobrem de um curto avental; as mulheres trajam um vestido completo de pano feito de casca do *pino,* é branco, toma facilmente qualquer cor, e retém-na muito tempo, sendo a todos estes respeitos muito superior ao que outras tribos fabricam do *caracuata.* De penas de papagaio são os cocares. Com as setas, desnecessariamente sobrecarregadas de muitas barbas, caçam aves; e imitando-lhe o grito, atraem a anta ao alcance de suas armas. Cultivam milho, e às vezes formam uma sebe de tabaco à roda de suas habitações, que construídas de ramos de palmeira e cobertas de ervas, têm oito portas, abrigando número dobrado de moradores. Cada família, como é uso entre tribos gregárias, tem seu lar separado, com panelas, cabaças, e cântaros em abundância à roda. As mulheres levam os filhos às costas em uma espécie de cesto de vime. Enterram os mortos em boiões grandes, e nos funerais atiram-se os parentes de lugares elevados, com risco sempre e às vezes com perda de vida. O modo de competirem uns com outros é na carreira, com um pesado madeiro ao ombro. A mais notável circunstância relativa a esta tribo, é um sistema que tinham de se falarem a grande distância por meio de trombetas ou gaitas; não se baseava no princípio vulgar do porta-voz, pois ninguém, por mais versado que fosse na língua, entendia os sinais sem que primeiro lhe dessem a chave.[8] Atualmente acham-se os itatines muito reduzidos em número; expulsos dos campos, vivem há tanto tempo nas selvas, que têm medo da luz do sol, quando bate em cheio, e as peles se lhe branquearam com estarem sempre à sombra. Não escrupulizam em en-

1568

venenar um hóspede de quem se arreceiam, pelo que se lhes não pode aceitar sem desconfiança a comida que oferecem.

Dobrizhoffer, 1, 65, 71, 83

Quando Cáceres executou a sua marcha eram estes índios uma nação poderosa; mas rompeu por entre eles à viva força, até que chegando a cinqüenta léguas de Assunção topou com tribos amigas no meio das quais pôde refrescar e dar repouso a sua extenuada gente. Entrou na cidade em princípios de 1569, e um ano depois desceu ao Prata com os seus bergantins, a encontrar-se com os reforços que Zárate ficara de mandar-lhe da Espanha por aquele tempo. Esperou até que se lhe acabaram esperanças e paciência, e erigindo então na ilha de S. Gabriel uma cruz, de que suspendeu uma carta metida numa garrafa, tornou a subir o rio para a Assunção.

Desde muito já se tinham de má vontade Cáceres e o bispo; foi ela crescendo com o tempo e tornando-se cada vez mais violenta, formaram-se parcialidades, em que os sentimentos pessoais sobrepujaram os políticos, vendo-se o clero bandeado com o governador, e os principais oficiais civis ao lado do adversário. O próprio Cáceres, ou seu pai fora um dos primeiros fatores da sedição contra Cabeza de Vaca, e agora pensou triunfar com os mesmos meios violentos, que em verdade seriam menos ilegais na aparência empregados por quem tinha nas mãos a autoridade legítima. Apoderou-se do provisor Segovia, e pô-lo a ferros; decapitou Pedro de Esquivel, expondo-lhe a cabeça no pelourinho como a traidor; tirou ao bispo todos os seus índios, rendas e rações, de modo que nem uma sede de água ousava alguém dar-lhe; prendeu-o na igreja, e deu-lhe por cárcere a sua própria casa, onde lhe pregaria as janelas, se o bispo não desse boa garantia de manter-se ali sossegado. Mas o medo de ser mandado preso para a Europa, com o que o ameaçava o governador, obrigou o prelado a quebrar a promessa, procurando esconder-se: foi descoberto e Cáceres dispôs-se a realizar a ameaça. Não tinha este governador contado com os sentimentos do povo: as mulheres principiaram a gritar pelo seu pastor e a falar em Judite e Holofermes; o próprio clero assustou-se com a violência feita à classe, e em casa de Segovia, lá posto em liberdade, se tramou uma insurreição. Bem concertada foi ela e audazmente executada: apoderaram-se de Cáceres em nome da Inquisição, e embarcaram-no para Espa-

1570

Argentina, 7

nha, onde o bispo o acompanhou já não como preso, mas como acusador. Tocou o navio em S. Vicente, e ali morreu o bispo com cheiro de santidade.[9]

O deposto governador tentou a fuga; mas também aqui lhe foi contrário o povo. Preso de novo, foi mandado em ferros para a Espanha, donde nunca mais voltou ao Paraguai.

Entretanto havia Zárate sido demorado por uma série de in-

Zarate

fortúnios. Saíra do Peru com uma fortuna de oitenta mil peças de ouro, fruto da rapina de muitos anos;[10] um corsário francês caiu-lhe em cima na passagem de Nobre de Dios para Cartagena, e nada lhe deixou. Seguiu contudo para a Espanha; foi-lhe confirmada a nomeação, concedendo-se-lhe o título de adiantado, e apesar da lamentável sorte de tantas expedições para o Rio da Prata, ainda achou aventureiros bastantes, casados e solteiros, de um e de outro sexo,

1572

para encher três galeões e duas embarcações menores. Neste armamento foi D. Martín del Barco, único contemporâneo historiador daquelas partes por este meio século. Uma das embarcações menores teve a felicidade de perder-se da frota e chegar a S. Vicente. As outras, depois de numerosos trabalhos, devidos ao mau tempo e falta de prática da navegação, entraram em Santa Catarina. Ali desembarcaram os aventureiros, e ali os deixou Zárate entregues a todas as misérias da fome enquanto ia a uma aldeia chamada Ibiaçá, que na terra firme ficava a não grande distância, e nela se supria abundantemente com os despojos dos índios. Ninguém pior do que este adiantado poderia ter procedido em tal conjuntura; ali se deixou ficar, abandonando a sua gente a horrores pouco somenos dos que haviam exterminado tão avultada parte da expedição de Mendoza. A ração diária não passava de seis onças de farinha.[11] Muitos tentaram fugir a esta miséria: uns, após três ou quatro semanas de correria pela terra firme, voltavam a morrer de fome; outros eram perseguidos e reconduzidos a força pagando com a vida a deserção, apesar de ser o apuro tanto, que de noite e furtivamente se tiravam as estranhas aos esfomeados corpos pendentes da forca. Afinal, após uma inexplicável demora de muitas semanas,[12] tornaram a embarcar os destroços desta desgraçada expedição, velejando para o Prata, sem um só piloto, que conhecesse a navegação daquele perigosíssimo rio. Zárate contudo, mais feliz nisto do que merecia, alcançou a ilha de S. Gabriel; de

noite um tufão do sul, partindo-lhe as amarras, atirou-lhe dois navios de encontro à terra firme, salvando-se porém a gente.

Argentina, **10**

Os charruas

Senhoreavam esta margem do rio os charruas,[13] tribo nômade, que nenhuma agricultura exercia. Na carreira eram tão velozes que nela apanhavam a caça, e tão destros no arremesso do laço e bola, que nada lhes escapava ao tiro. Esfolavam as caras aos que matavam, guardando-lhes as peles como troféus: mas só escravizavam os prisioneiros. Por morte dum parente tinham o costume, que em tantas partes do mundo se encontra, de se cortarem um dedo. Em lugar de conciliar este povo apoderou-se Zárate do sobrinho do cacique, mancebo que sem desconfiança veio visitar os espanhóis às cabanas que tinham construído para abrigo. Vinte da sua tribo vieram em busca dele, trazendo por intérprete um guarani, e também este ficou retido. Tomadas estas baixas precauções para ter nas mãos um bom refém, teve Zárate a fraqueza de pô-lo em liberdade a solicitações do tio, não com ostentação de generosidade, mas em troca dum marinheiro desertor e duma canoa. Sucedeu o que sobre ser bem merecido era fácil de prever-se; apenas Capicano, o cacique, apanhou o sobrinho livre das mãos dos espanhóis, aproveitou o primeiro ensejo de cair sobre eles. Uma partida de forrageadores, matou quarenta, e fez prisioneiro um, escapando apenas dois para darem rebate, o que mal tiveram tempo de fazer antes que os selvagens atacassem o campo. Zárate, impelido por esse ciúme, a que um bom comandante jamais se entregará contra a sua gente, tinha guardadas as armas, em lugar de deixá-las nas mãos dos soldados; fez esta desgraçada desconfiança com que se achassem ferrugentos os arcabuzes agora que eram precisos, e úmida a pólvora. Restavam apenas lanças e espadas em que fiar, nem armadura defensiva era de grande préstimo, onde o elmo não guardava das balas de pedra dos charruas. Sobreveio a noite ainda a tempo de livrá-los da última ruína, e de manhã, antes que se pudesse renovar o assalto, fugiram para um dos navios, que estavam encalhados perto da margem, e dali num bote se passaram para a ilha S. Gabriel.

1572

Argentina, **11**

Aqui teriam inevitavelmente perecido de fome, a não ter sido um socorro, que não tinham razão para esperar. Melgarejo, que levara o bispo e Cáceres a S. Vicente, ainda naquele porto se achava, quando

chegou o navio que se havia separado da armada de Zárate: supondo que esta carecia de víveres, posto que longe de prever a miséria, que devia presenciar e depois compartir, fez-se de vela com um carregamento para abastecê-lo. Tocou em Santa Catarina, onde as sepulturas cavadas de fresco, e a forca erguida contavam com a sua muda linguagem a história dos horrores que ali se haviam passado: dali seguiu para o Prata, chegando a S. Gabriel ainda a tempo de salvar os seus patrícios. Este auxílio contudo apenas lhe teria protraído o exício, se não tivessem os espanhóis por este tempo principiado a estabelecer-se em Tucumán; Juan de Garai, enviado da Assunção a colonizar nesta direção, fundara a cidade de Santa Fé, e constando-lhe que uma partida de conterrâneos seus estava no Prata, desceu a socorrê-los.

Repetidas calamidades não tinham curado Zárate nem da insolência com os seus, nem da injustiça contra os índios. Um dos seus destacamentos valentes apoderara-se do filho dum cacique por nome Caiu; veio o pai a reclamá-lo em termos apaixonados e com as lágrimas nos olhos; nem vinha com as mãos vazias, que além dum presente de peixe trazia uma rapariga, cuja beleza exaltava, para trocar pelo rapaz, pensando assim mover os maus sentimentos dum homem que nenhum bom parece ter possuído. Zárate tomou a rapariga e recusou entregar o filho. Entretanto murmurava a soldadesca oprimida por insolente crueldade; quando a ração diária de seis onças de mal cheirosa farinha se pesava com unhas de fome, costumava ele pôr-se ao lado, amaldiçoando os tristes esfomeados ao receberem a miserável pitança, e amaldiçoando-se a si por havê-los trazidos da Espanha para ali ter de sustentá-los. Continuou ainda a rafa insaciada até que Garai, chegando a Assunção, mandou provisões, com que os resquícios da expedição puderam subir o rio, e seguir para o lugar do seu destino. Ao deixar o Prata julgou-se Zárate com direito a dar-lhe novo nome, ordenando que de então avante se chamasse Biscaia, por ser ele próprio desta província.

Morte de Zárate

Pouco depois da sua chegada à sede do governo morreu Zárate, por ninguém chorado, até que os vícios de Diego Mendieta, seu sobrinho, que nomeou governador, enquanto a filha se conservasse solteira, puderam tanto, que dele fizeram bom. Não tardaram a tornar-se intoleráveis a insolvência e crueldade deste jovem sucessor. Preso em Santa Fé, foi metido a bordo duma caravela para ser mandado para a Espanha. O

piloto era seu partidário, e navegou para o Rio de Janeiro; ali achou amigos, que o animaram a voltar no mesmo navio e recuperar a sua autoridade. Mas os vícios deste homem estavam à prova da adversidade: empolgar o poder e tornar-se tirano, tudo nele era um, e em conseqüência das desordens que o seu despotismo promoveu, entrou a caravela em Ibiaçá, porto vizinho de Santa Catarina, onde Mendieta consumou seus crimes e a sua própria perdição. Um soldado, que lhe fugira, deixou-se por belas promessas persuadir a que voltasse; mas o malvado apenas o apanhou, rachou-o de alto a baixo a partir dum ombro, pendurando uma metade pelo pescoço e a outra pelo braço. A este atroz espetáculo içaram as velas o piloto e a tripulação, deixando-o ali entre os selvagens com outros sete, provavelmente ministros de suas atrocidades, e a instigações dum mameluco, a quem ele tomara a mulher, foram todos feitos em postas.

Restabelecimento de Buenos Aires

Numa notável circunstância difere da de todas as outras colônias a história desta parte da América do Sul: o primeiro estabelecimento permanente foi fundado no coração do país, colonizando os espanhóis do sertão para o litoral. Os maus efeitos desta inversão da ordem natural das coisas, tão severamente os experimentara o armamento de Zárate, que de novo se tentou povoar Buenos Aires. A Garai coube o comando desta expedição; o prévio estabelecimento de Santa Fé lhe facilitou a execução e pela terceira vez se fundou Buenos Aires no lugar que Mendoza havia escolhido. Fora Nossa Senhora de Buenos Aires o seu prisco nome: Garai com estranho desrespeito à Magna Mater da mitologia católica, alterou-lhe a invocação, chamando-a La Trinidad de Buenos Aires. Longos títulos, quer de lugares, quer de pessoas, são sempre encurtados pelo senso comum, e para comum conveniência do gênero humano, a primeira invocação é já tão pouco lembrada como a segunda, e Buenos Aires é o nome da cidade.

1580

Recordando que por duas vezes haviam demolido as obras os espanhóis naquele terreno, e que duas vezes os haviam compelido a abandonar o propósito de ali se estabelecerem, renovaram os naturais o ataque; com flechas incendiadas queimaram as tendas e barracas provisórias, mas, morto o chefe, foram derrotados. O triunfo inspirou a Garai demasiada segurança. Subindo o rio num bergantim, lembrou-se de passar a noite em terra, e descuidou-se de pôr guardas. Os manauás,

tribo tão pouco considerada que mal aparece mencionada em outra ocasião, mataram-no no sono, e com ele quarenta pessoas de ambos os sexos, que eram dos melhores colonos do Paraguai. Orgulhosos da vitória, como se lhes afigurou o caso, convidaram as tribos vizinhas a reunirem-se-lhes num assalto geral ao novo estabelecimento. Celebraram um conselho que se distinguiu por um singular duelo. Desavieram-se duas mulheres. Tupaaiqua e Tabolia, por afirmar a primeira que era seu marido mais estrênuo bebedor. Passavam já a lançar mão do arco e setas, quando intervindo os circunstantes, se concordou provavelmente para evitar a generalização da disputa, que um combate singular em regra decidisse a contenda. Cercou-se de estacada a liça, e nuas se bateram as duas a golpes de *macana*, até que os maridos, vendo-as cobertas de sangue, lhes gritaram que suspendessem, e elas, esfriadas com sangria a cólera, deixaram-se separar, tornando-se boas amigas num festim de bebedeira.

1581 O resultado do conselho foi uma confederação contra Buenos Aires; mas para tais inimigos já esta se achava bem guarnecida e fortificada. À morte do chefe seguiu-se total desbarato. Principiou a cidade imediatamente a prosperar, e o navio, que levou a Castela nova da sua refundação, já carregado de açúcar e dos primeiros couros, com que o gado bravo, que começava agora a derramar-se pelos pampas, não devendo tardar a produzir total revolução nos hábitos de todas as tribos circunvizinhas, abasteceu a Europa.

NOTAS DO CAPÍTULO XI

1. Os espanhóis, para garantir seus domínios, subiram para leste e se estabeleceram no Guaíra, fundando a Cidade Real, em 1551, Outiveros, em 1554, e Vila Rica, em 1557.

2. Atendendo à extrema inexatidão de Schmidel em todos os nomes próprios, pouca dúvida pôde restar que este João Reinviele não fosse João Ramalho, cujo estabelecimento, então o único nas planícies de Piratininga, se chamava Força do Campo. Em 1542 proibiu-se que se erguessem forças, ou casas fortes no sertão, e João Ramalho teve ordem de transferir a sua para a ilha ou vila (não é líquido qual destas duas palavras é a que está no manuscrito) de S. Vicente, sendo o fim desta medida reunir

a população em torno da cidade, que sofria com a disposição dos colonos para se dispersarem pelo interior. Não queria João Ramalho, e à chegada de Schmidel tratava ele provavelmente de fazer com o governador Tomé de Sousa esse arranjo, que foi origem da fundação de S. Paulo, Gaspar da Madre de Deus. 1, 156-158.

3. Herrera (8, 2, 17) diz que Irala punha sentinelas, que ninguém deixasse sair da província, com receio de que do seu mau procedimento chegassem novas a el-rei. O fato da baixa dada a Schmidel desmente esta asserção, que em si já traz o cunho da inverossimilhança. Mas é claro que Herrera pouco conhecimento tinha alcançado das coisas do Paraguai. Compare-se o que ele diz da jornada da Assunção ao Peru, com a narrativa de Schmidel que ia na expedição.

4. Pode ser, diz o jesuíta Juan Patricio Fernandez, que os antepassados destes índios tivessem alguma luz de como por meio duma mulher entrou no mundo da morte.

5. *Porque o sereno nas Índias é mais nocivo do que em outras partes*, é o título dum capítulo dos *Problemas* do Dr. Cárdenas. O sereno, diz ele, é um certo vapor sutil e delicado de dia atraído da umidade da terra, e condensado de noite, é mais prejudicial lá por ser em maior abundância, e acharem-se já os corpos da gente sobrecarregados de umidade e *omne simile facilius petitur a simili.* Afeta primeiramente o cérebro, por ser esta a parte mais úmida de todo o organismo: e os primeiros orvalhos são os piores, porque os poros do corpo estão todos abertos, para lhes receberem a influência ao passo que, adiantando-se a noite, vão-se eles apertando e fechando. C. 15.

6. É do seu nome que as vastas planícies entre o Pilcomaio e o rio Bermejo se chamam ainda *Llanos de Manso.* Charlevoix 1 161.

7. É este o nome que eles a si mesmos se dão, e com que todos os escritores antigos os designam. Ultimamente principiaram os espanhóis a chamá-los Tobatines. "As saltantes pélas de Itatina", diz Techo, "feitas da goma de árvores, são ramosas em todo o mundo, e assadas curam a disenteria". P. 86. Foi pois provavelmente desta tribo que primeiramente recebemos a goma-elástica.

8. T*ubis, tibiisque certa inflatis ratione, ita quod volunt significant, ut et longe audiantur, et perinde ac si expressis vocibus loquerentur intelligatur. Neque tamen ab iis, qui corum linguam norunt quae significantur, percipiuntur, nisi apud eos versati sint.* São estas as palavras que Muratori transcreve da carta de um missionário escrita em 1591, pretendendo ver nelas a descrição de um porta-voz, então recente invenção dos ingleses. Quanto a mim implica a passagem claramente um sistema de sinais músicos, como os mexicanos nos combates davam ordens com assobios, e os peruvianos tinham a sua linguagem amorosa flautada: *De manera,* diz Garcilasso, *que se puede decir que hablavan por la flauta.* P. 1, 1. 2, *c.* 16.

9. Anchieta, que lhe assistiu a morte, disse-me, refere D. Martín del Barco, que o seu corpo, os seus pés, as suas mãos, a sua sepultura exalavam grande fragrância. Morales estabelece como um dos axiomas, por que se guia na sua história, que o que um santo conta de outro deve ser implicitamente acreditado.

10. *Qué sabe Dios qual él las ha juntado,* é a expressiva frase de D. Martín. *Argentina,* c. 6.

11. Um pobre rapaz, tambor da expedição, foi apanhado por duas mulheres no ato de furtar-lhes do monte, e elas cortando-lhe uma orelha, a pregaram por cima da porta. Obteve ele reparação contra elas, mas estas tão bem souberam levar o delegado de Zárate, que a multa não passou de seis rações de farinha, menos de quatro arráteis ainda. O tambor, recuperada a orelha, costumava empenhá-la, por comida. *Argentina, c.* 10.

12. Alguns dos fugitivos tinham andado errantes por trinta dias antes de voltarem, nenhuma outra indicação há do tempo aqui passado.

13. Os charruas, que com os iaros, bohanes, minoanes e costeros se chamam agora coletivamente quenoas (Dobrizhoffer, 1, 143), têm-se tornado tribos eqüestres.

. . . .

Capítulo XII

OS FRANCESES EXPULSOS DA PARAÍBA – OS PITAGUARES – OS INGLESES NO BRASIL – EXPEDIÇÃO DE FENTON – PRINCÍPIO DE HOSTILIDADES – WITHRINGTON ASSOLA O RECÔNCAVO – MORTE DE BARRETO – D. FRANCISCO DE SOUSA, GOVERNADOR – EXPLORAÇÃO DE MINAS DE PRATA – JORNADA DE CAVENDISH – TOMA SANTOS, QUEIMA S. VICENTE, É REPELIDO DO ESPÍRITO SANTO, E MORRE DE PESARES – LANCASTER TOMA O RECIFE – RALEIGH DESVIA OS AVENTUREIROS, DIRIGINDO-OS PARA A GUIANA – EL DORADO

1583
Os franceses na Paraíba

POSTO que constantemente rechaçados do Brasil, toda a vez que tinham tentado fundar ali uma feitoria que fosse, não queriam os franceses abandonar o comércio daquele país. Fizeram agora do Paraíba o seu porto, onde se aliaram com os pitaguares[1], senhores das terras entre aquele rio e o Grande. Dum lado estavam estes índios em perpétua guerra com os caetés, que olhavam como seus inimigos naturais, embora falassem a mesma língua; do outro, ora em guerra, ora em paz, com os tapuias, que contudo eram seus aliados no sertão contra os vizinhos tabajaras. Eram do grande tronco tupi, e dos mais cruéis daquela raça, pois que jamais poupavam um prisioneiro. Auxiliados pelos franceses[2] cometeram estes selvagens terríveis devastações nos estabeleci-

Os pitaguares

mentos vizinhos, queimando engenhos de açúcar, assassinando e devorando todos quantos podiam apanhar. Os povos de Pernambuco e Itamaracá pediram proteção ao governo, e deram-se ordens para colonizar e fortificar o Paraíba. Nas vizinhas capitanias se levantaram forças para a expedição, cujo comando se deu a Frutuoso Barbosa, pondo-se nele as melhores esperanças. Os pitaguares e franceses atraíram-no a uma emboscada, matando-lhe grande parte da sua gente; o resto tornou-se descontente, e queixando-se da inaptidão do general muitos o abandonaram. Depois desta deserção e da perda sofrida, já a força não estava a par do serviço; o inimigo, soberbo com a ter repelido, renovou os seus estragos, e os moradores de Pernambuco e Itamaracá instantemente solicitaram do governador, que lhes mandasse socorro.

Barbosa derrotado

Barreto[3] estava já velho para tentar qualquer coisa em pessoa, nem ele, em verdade, podia deixar a Bahia; porquanto seis meses havia apenas que era ali chegado, e a afluência dos negócios, que provavelmente se teriam acumulado sob o governo provisório, tornava indispensável a sua presença. Sucedeu porém achar-se naquela cidade parte dessa formidável e mais que desastrosa expedição, que Filipe II enviara comandada por Diego Flores de Valdez[4] a segurar o Estreito de Magalhães, depois que Drake o fizera temer pela posse do Peru. Vinte e três naus haviam velejado de Sevilha, e após repetidas investidas para ganhar o estreito, voltou Diego Flores afinal com seis apenas à Bahia. Pediu-lhe Barreto que fosse expulsar do Paraíba os franceses; também ancorados no porto estavam dois navios ao comando de Diogo Vaz da Veiga, em viagem para Goa; com estes reunidos à própria frota deu Flores à vela para Pernambuco, onde se levantaram tropas, que marcharam por terra, enquanto avançava a força naval. Havia no rio quatro navios franceses. Entrou Flores, investindo-os com a sua capitânia, a nau de Diogo Vaz e todos os escaleres; os franceses abandonaram os seus navios, ateando-os, e reunidos aos selvagens na praia, fizeram uma demonstração de defesa contra o desembarque; mas de demonstração não passou. As tropas desembarcaram sem oposição, as forças de terra chegaram, erigiu-se uma fortaleza de madeira, e Flores deixou nela cento e cinqüenta homens às ordens de Francisco Castre-

Flores ergue forte na Paraíba

jón. Não podiam entender-se Barbosa e este capitão; contava o primeiro ser governador do novo estabelecimento em virtude da sua antiga nomeação, e vendo que não lhe anuíam as pretensões, retirou-se para Pernambuco, donde mandou a el-rei um memorial. Castrejón sustentara melhor a sua autoridade, do que soube agora manter o seu posto, apenas ido Barbosa, puseram-lhe os tapuias cerco.

Abandona Castrejón o posto e recupera-o Barbosa

Guerra com estes ferozes selvagens era coisa a que ele estava acostumado, pelo que, tendo-os rechaçado uma ou duas vezes, retirou-se à pressa para Itamaracá, perdendo pelo caminho alguma da sua gente. Sabido que foi isto em Pernambuco, reuniu-se nova força, com que Barbosa tornou a recuperar o forte. Sem demora se lhe mandaram socorros, e veio uma horda de tupinambás assentar nas vizinhanças suas tabas, dando e recebendo auxílio contra o comum inimigo.

Notícias, **Ms 1, 12. Herrera,** *Hist. general*, **2, 14 18. Rocha Pita, 3, § 84-86**

Por estes tempos, alguns espíritos audazes e empreendedores, que em mais favorável conjuntura de época e lugar poderiam ter produzido efeitos não menores que Maniqueu ou Maomé, tentaram estabelecer entre os selvagens uma hierarquia, um culto ritual e uma superstição muito derramada, que entre todos devia servir de laço de união, de ponto de contato.[5] Quem primeiro concebeu o pensamento, ninguém o sabe, se algum mameluco, como supuseram os jesuítas, se algum semiconverso.[6] Tomando do cristianismo dos jesuítas o que lhes pareceu convir a seus intentos, ou talvez o que dele compreendiam, escolheram os profetas da nova lei um papa índio, uma ordem de bispos abaixo dele, e presbíteros por estes consagrados, conservando todos os seus nomes europeus. Também introduziram a prática da confissão e absolvição, conhecendo perfeitamente o poder que nas mãos do clero punha esta parte das suas funções; instituíram uma espécie de missa, e rosários por onde se contassem as orações que deviam ser recitadas por número, e à falta de sinos convocavam o povo para o serviço religioso ao som de grandes cabaços ocos, convertidos em instrumentos de música ou de matinada. Não eram charlatães ordinários os cabeças desta tentativa, estabeleceram escolas à imitação dos colégios da Companhia, e afirmam os jesuítas que da casca duma certa árvore faziam eles livros como que encadernados em tabuinhas de madeira delgada, e que em caracteres

desconhecidos continham umas escrituras que o Diabo lhes ensinara. Talvez isto queira dizer, que, sabendo o que eram livros, pretendiam inculcar no ler e escrever conhecimentos que não possuíam. Até aqui tudo era imitação dos portugueses, mas era para extermínio destes que haviam aqueles atrevidos impostores organizado o seu extraordinário sistema de embuste. Com esta momice, ou arremedo da Igreja Católica, combinavam uma prática selvagem de provocar convulsões, tragando o suco duma planta deletéria (que se supõe ter sido tabaco); e o sacerdote que havia passado por esta terrível purificação, como a coisa se chamava, ficava santo, e perfeito na sua vocação. Asseveravam aos seus sectários que as almas dos seus maiores viriam num navio a livrá-los de opressores, exterminando os portugueses, que destes os que escapassem seriam convertidos em peixes, porcos e outras animálias. Todos que nisto acreditassem iriam infalivelmente depois da morte para um lugar de delícias, mas os incrédulos seriam despedaçados por bestas-feras e aves de rapina. Nem bastava aguardar esta libertação por intermédio dos finados; era mister prepará-la e acelerá-la. Para este efeito partiam da residência do papa, que era no interior, missionários para entre os índios sujeitos aos portugueses ou com eles aliados. E tão rápida se derramou a crença, que inúmeros abandonaram as habitações, puseram fogo aos engenhos e canaviais, cometeram quantas tropelias puderam, nem deixaram vivo português que lograssem haver à unha. Alguns dos que tinham filhos chegaram a assassiná-los, para se livrarem de quanto podia pear-lhes os movimentos. Os inauditos esforços dos jesuítas em reclamar o seu rebanho e preservá-lo desta falsa doutrina fizeram abortar o plano.

Num sítio lançaram os índios convertidos mão do propagador da rebelião, e não lhes consentindo o seu missionário fazer por suas mãos pronta e sumária justiça, foram reclamá-la do governador, a quem levaram amarrado o delinqüente. Foi-lhes este então entregue à discrição, e eles cortaram-lhe a língua, instrumento com que havia iludido a eles e a seus irmãos, e depois o estrangularam.

A desgraçada sujeição de Portugal à Espanha havia envolvido o Brasil em hostilidades com os ingleses,[7] que até agora ainda aqui não tinham aparecido como inimigos, posto que tivessem traficado com os índios, antes de fundada S. Salvador.[8] Passados anos ocorreu uma circunstância que parecia dever ter por conseqüência o estabelecimento de

relações regulares entre a Inglaterra e estas colônias portuguesas. Um inglês, por nome John Whithall,[9] casou-se e domiciliou-se em Santos, e tendo obtido por influência do sogro licença para vir um navio inglês com mercadorias, escreveu aos seus amigos, mandou-lhes uma lista de artigos, que vendidos deviam dar três por um, e prometeu carregar o barco de fino açúcar seco para a volta. Despachou-se de Londres o *Minion* para tentar a aventura. Os mercadores foram bem recebidos de parte a parte, reinou a maior confiança. Correu que quatro navios franceses, expulsos do Rio de Janeiro, vinham atacar Santos, e os ingleses emprestaram para a defesa peças e munições. Nem o fanatismo religioso prejudicou esta boa inteligência; enterrou-se um inglês na igreja, e quando de S. Sebastião vieram ordens para que se não deixassem entrar nos templos os ingleses, por serem hereges, manifestou o clero de Santos, intimando esta proibição, o pesar que lhe causava semelhante decreto, e a causa dele, pedindo aos estrangeiros que por tal o não tivessem em má conta. Mas tiveram mau fim tão bons princípios; efetuou-se por estes tempos a usurpação de Filipe, nem tardou que o Brasil tivesse o seu quinhão nas calamidades[10] que a Inglaterra, entregando-se ao pior espírito de guerra predatória, começara a infligir à América do Sul.[11]

Expedição de Fenton

Demandou a costa do Brasil uma expedição destinada às Índias Orientais e à China, debaixo das ordens de Eduardo Fenton. Carecia a armada refrescar, e tendo sabido dum navio espanhol, tomado e outra vez solto à foz do Prata, que provisões ainda se poderiam obter naquele rio, mas vinho não, singrou para S. Vicente sem intenções hostis. Giuseppe Doria,[12] o sogro de Whithall, veio a bordo com dois dos principais habitantes, e depois desta visita amigável foi Fenton a terra a ver um lugar, onde o ferreiro pudesse erguer uma forja, e se colocassem os fornos portáteis para cozer o biscoito. No dia seguinte, veio Whithall a bordo dizer que os portugueses tinham mandado para fora as mulheres e fortificado a vila, pelo que aconselhava que fossem os navios imediatamente ancorar diante dela. Logo atrás dele vieram Doria e um português, com a notícia de que dentro de poucos dias falaria o governador a Fenton, podendo os ingleses entretanto prosseguir nos seus trabalhos de forrar de cobre, carpinteirar, pescar e mais operações necessárias, mas que não erigissem forja nem fornos antes de terem visto o governador. Convidou Fenton estes hóspedes para

o jantar, e deixando-os na câmara, subiu à tolda, para consultar com os seus oficiais sobre se os reteria prisioneiros. O vice-almirante Ward representou que as suas instruções lhe proibiam empregar a violência, exceto em defesa própria; o *Minion*, ponderou ele, tinha aberto aqui um comércio, que semelhante procedimento destruiria, tornando odiosos os ingleses, quando havia mais que ganhar com bons modos do que recorrendo à força. Prevaleceu esta opinião, e ofereceu-se um presente, previamente preparado: consistiu em pano preto fino para Doria e os dois primeiros visitantes, três jardas a cada um para um gibão, e igual quantidade para o governador, porém escarlate e rosicler.

Princípios das hostilidades

Mas o mal que Ward receava dum procedimento hostil, já Drake o havia causado; os ingleses eram odiados e todos os espanhóis na América os olhavam como piratas. O navio que Fenton havia tomado e outra vez largado encontrou-se com Flores, a quem deu notícia de que andavam inimigos naqueles mares. Pôs-se este a cruzar em busca deles, mas sem resultado; três dos seus navios porém entraram em Santa Catarina e ali tiveram novas de S. Vicente. Dizia-se que os ingleses queriam estabelecer-se e fortificar-se naquela costa; que Whithall a isto os chamara; que eles andavam propalando que D. Filipe era morto e D. Antônio de posse de Portugal, e que em nome da sua rainha faziam grandes promessas, com que induzir o povo a acolhê-los. Parte desta história podia ser verdadeira e o resto seria inventado pelos inimigos de Whithall; mas a recordação ainda fresca das façanhas de Drake tudo tornava crível, pelo que facilmente também se acreditou tudo isto. Duas horas depois de ter Doria deixado o navio de Fenton, apareceu a esquadra espanhola, atravessou na barra, e preparou-se para o ataque. Não eram mais que dois os navios ingleses, porém melhores. Rompeu a ação ao cair da tarde, e durou enquanto deu luz a Lua; um dos navios espanhóis foi a pique,[13] e no decurso do dia seguinte ganharam os ingleses o vento e fizeram-se ao mar.

Argentina, **24**

Herrera, *Hist. general*, **2, 14, 17.**

Expedição de Withrington

Foi este o primeiro ato de hostilidade cometido no Brasil pelos ingleses, que ainda assim não foram os agressores; mas o Brasil era agora colônia espanhola, e como tal exposto às depredações de todo o flibusteiro. Três anos depois da volta de Fenton destinou-se para o mar do Sul outra expedição, cujas ins-

truções não eram igualmente pacíficas. Carregou o conde de Cumberland com as despesas da aventura, de que foi comandante Roberto Withrington. A ele se reuniram outros dois corsários,[14] um dos quais era Raleigh o armador. Withrington capturou à embocadura do Prata dois xavecos portugueses, que seguiam para Santa Fé;[15] as informações que dos prisioneiros houve fizeram-no supor que poderia tomar S. Salvador, e como o saque lhe inspirava mais afeição do que a passagem do estreito, desprezando a opinião do vice-almirante, governou para a Bahia. Apenas os vigias avistaram velas inimigas, mandou Cristóvão de Gouveia, o visitador jesuíta, chamar todos os índios convertidos que por aqueles arredores moravam, e estes formidáveis flecheiros salvaram a cidade e cobriram-lhe as imediações; mas os ingleses ficaram seis semanas na baía, assolando o Recôncavo, e cometendo grandes devastações com bem pouco proveito próprio.

Rel. An. **ff. 114**

Sarracoll em Hakluyt, 3, 769-778

Ocorreram estes tristes sucessos no governo de Barreto, que morreu no fim de quatro anos de administração. Abertas as vias de sucessão, que ele trouxera seladas, para se abrirem em caso de morte, viu-se que nomeavam o bispo D. Antônio Barreiros e o provedor-mor da fazenda Cristóvão de Barros[16] governadores conjuntos. Para rendê-los no governo foi nomeado Francisco Giraldes, senhor da capitania dos Ilhéus, que seu pai Lucas Giraldes comprara ao filho do primitivo donatário. Honra era esta, que ele não ambicionava, e tendo por duas vezes saído a barra de Lisboa, e outras tantas tornado a entrá-la repelido pelo temporal, pediu e obteve exoneração do cargo, que foi então confiado a D. Francisco de Sousa.

Morte de Barreto

Nunca houve governador em quem tantas esperanças se pusessem. Um descendente do Caramuru, por nome Robério Dias[16A], era por esses tempos um dos homens mais ricos e poderosos da Bahia. Tinha serviços de prata para a sua capela e para a sua mesa, e corria de plano que o metal de que eram feitos fora tirado de minas que ele descobrira nas suas próprias terras. Tanto se divulgara o boato, que o homem não julgou prudente conservar o negócio mais tempo em segredo, e assim foi a Madri e ofereceu a el-rei achar-lhe mais prata no Brasil do que ferro havia na Biscaia[17], contanto que em remuneração lhe desse o título de marquês das Minas.

Francisco de Sousa, governador

Pareceu demasiado alta a exigência; concedeu-se-lhe o cargo de administrador das minas, acenando-se-lhe com mais alguma vantagem, com que talvez se houvera dado por satisfeito, se Filipe com alguma injustiça não fosse prometer ao novo governador o título que recusava a Robério. A promessa só podia surtir efeito descobrindo-se as minas, e isto dependia de Robério, que não estava resolvido a meter outrem de posse das honras a que se julgava com direito. Voltou com Sousa ao Brasil, onde imediatamente obteve licença de ir às suas terras, preparar-se para a expedição. Este tempo empregou-o ele, segundo se supõe, em apagar todos os vestígios que pudessem levar à descoberta; e quando Sousa se pôs a caminho em busca das minas, contando certo achá-las, nem com a pista pôde dar. Robério manifestamente enganara o rei, quer na promessa, quer no seu não-cumprimento; e Sousa, ressentido do logro e da perda do seu marquesado em perspectiva, dissimulou a cólera, mas queixou-se à corte. Antes que chegassem ordens para o castigo, morreu o delinqüente, e com ele o segredo, que até para os herdeiros o era.[18]

Rocha Pita, 3, 89-92

Enquanto os portugueses assim davam cata às minas, veio Cavendish a assolar-lhes as costas. Esbanjado o patrimônio da sua casa, pensou este aventureiro refazer ao corso a destroçada fortuna; e numa primeira viagem que fizera à volta do mundo, tais haviam sido as atrocidades cometidas que por muito tempo deixaram nódoa no caráter da nação inglesa. Os despojos que então trouxera haviam-no tentado a empreender segunda expedição, mas de tal forma os tinha ele dissipado já, que teve de sair sem provisões bastante, pelo que mandou adiante dois navios da sua esquadra, a tomar a cidade de Santos, para que todos se abastecessem. Foi a população surpreendida à missa: um só homem tentou resistir, e foi morto, o resto ficou retido preso na igreja todo aquele dia. Mas em lugar de barganhar um suprimento de víveres como resgate, só cuidou Cocke, o vice-almirante, de regalar-se e banquetear-se com o que achou. Aproveitaram os moradores o tempo não só para fugirem, mas também para levarem tudo o que era portátil, de modo que quando, oito ou dez dias mais tarde, chegou Cavendish, achou uma praça sem habitantes nem mantimento.

Expedição de Cavendish

Em Chuchún, Sir W. Morson T. 3, 212

16 de dez.

Tomada de Santos

Muitos índios vieram oferecer-lhe a sua aliança, se quisesse exterminar os portugueses, e guardar para si as terras; não era isto porém partido para um flibusteiro, e os naturais não queriam expor-se à vingança de seus antigos opressores, procurando cativar as boas graças dum povo, do qual bem viam que era inútil esperar proteção. Debalde se tentou chamar os colonos outra vez à cidade, convidando-os em nome de D. Antônio: este grito de guerra era demasiado velho, e desesperada demais a causa. Mas com uma imprevidência que bem merecia a sorte que lhe acarretou, deixou-se a esquadra aqui ficar algumas semanas,[19] partindo afinal menos provida de tudo o que viera.

1592
Cavendish queima S. Vicente

De caminho queimaram os ingleses S. Vicente, seguiram para o estreito, não o puderam passar, e foram dispersos por um temporal. Cavendish voltou só à costa do Brasil, e cerca de três léguas de Santos mandou a terra vinte e cinco homens, que se apoderassem o mais depressa possível das provisões que achassem, trazendo-as a bordo para socorro de seus camaradas doentes e esfomeados. Desta partida, composta dos principais do navio, nem um só homem voltou. Reunindo-se, atacaram-nos os índios, ao prepararem-se eles para reembarcar, e mataram-nos todos, poupando apenas dois, que levaram prisioneiros a Santos, entrando na cidade em triunfo com as cabeças dos mortos. Pouco depois fez Cavendish junção com o *Roebuck*, um dos navios da sua desgraçada esquadra, e continuando a costear foram todos assolando casas e plantações, até que um português[20] se encarregou de meter os dois barcos dentro da barra do Espírito Santo, lugar a que especialmente desejavam chegar, pela abundância de todas as coisas que ali pensavam achar. Não julgando prudente confiar implicitamente no dizer do seu prisioneiro, lançou ferro o comandante e mandou um escaler a sondar a barra. O fundo que se achou não pareceu suficiente; debalde o português protestou que não tendo jamais sondado o canal, havia metido dentro navios de cem toneladas; merecia a forca, quer dos ingleses, por querer fazê-los naufragar, quer dos seus próprios conterrâneos, por encarregar-se de pilotar os inimigos, e Cavendish sem mais cerimônia nem exame o pendurou da verga.

Tentativa contra o Espírito Santo

Os botes entraram na barra e descobriram três navios ancorados perto da vila. Sem perda de tempo queria o comandante mandar picar-lhes as amarras, mas aproximava-se

a noite, e a gente recusou ir antes que amanhecesse. Toda a demora era perigosa; o canal era péssimo, "jamais navios o navegaram pior", diz Cavendish; passar a barra era impossível, e todo à volta estava o país em fogo. Contudo nenhum remédio havia contra a desobediência, e irritado como estava, teve o comandante de aguardar o bel-prazer da sua gente. Ao raiar o dia ofereceu-se esta para ir, e logo largaram os escaleres com oitenta homens às ordens do capitão Morgan. Levava ele instruções para não saltar em terra, sob pena de morte, por melhor que se lhe oferecesse o ensejo; pouco perigo se receava da parte dos navios,[21] mas se algum visse, devia retirar-se; e se por outro lado descobrisse bom e fácil desembarque perto da vila, mesmo então devia voltar, para que o comandante em pessoa tentasse a empresa, com quanta gente pudessem levar os botes. Com estas ordens partiu Morgan. Durante a noite tinham os portugueses rebocado os navios para defronte da vila, onde a largura do rio não excedia um tiro de besta de caça; meia légua abaixo haviam erguido duas trincheiras pequenas, ambas dominadas por florestas e rochas sobranceiras. A do lado do poente fez fogo, e segundo as instruções que levava, queria Morgan retroceder. Alguns dos marinheiros juraram que sempre por covarde o haviam tido, e agora bem o provava ele próprio: moveu-o isto a grande cólera e declarou que desse onde desse, havia de saltar em terra.

Cavendish rechaçado morre de pesar

Avançaram pois: o fortim do lado do oriente, que ainda ninguém havia visto, rompeu o fogo, e dum tiro matou um homem e feriu dois. Resolveu-se então que a lancha mais pequena atacaria a bateria do oeste, e a maior, a outra. Foi aquela a primeira que abicou em terra, e achando pouca resistência, tomou sem perda a trincheira. O lanchão que era de muito calado, encalhou, mas a tripulação vadeou para a margem com água por cima do joelho. O baluarte era de pedra, e teria seus dez pés de altura. Com dez dos seus camaradas o escalou Morgan, mas então mostraram-se os índios e os portugueses, e rolando calhaus para baixo, o mataram a ele e a cinco dos seus. O resto, pela maior parte malferidos, fugiu para o bote, sobre o qual principiaram a chover flechas; dos quarenta e cinco homens que havia a bordo, um só não escapou sem dano, chegando alguns a trazer três setas cravadas. Incapazes de agüentar este desesperado chuveiro, largaram, deixando em terra alguns dos seus companheiros, presa para

os selvagens. Tendo-se assim safado chamaram os da ribeira oposta que viessem ajudá-los. Embarcou a partida à pressa para esse efeito, a lancha porém deu em seco, nem pôde ser outra vez posta a nado, sem que saltassem fora dez da tripulação. Entretanto voltaram os índios à abandonada bateria, e principiaram a atirar. Os dez ingleses, sentindo as flechas zunirem-lhes aos ouvidos, correram à trincheira, e fizeram fogo para dentro pelas seteiras de baixo; mas enquanto assim se ocupavam, o capitão do *Roebuck*, "o mais covarde vilão", diz Cavendish, "que jamais viu a luz do sol", mandou remar a safar dali, deixando aqueles bravos, despojos do inimigo. Meteram-se eles à água até ao pescoço, para serem recolhidos a bordo, mas os seus birbantes de camaradas nenhuma compaixão tiveram, e assim "vilmente se perderam estes homens". Depois desta malograda tentativa deixou Cavendish a costa do Brasil, morrendo na viagem para a pátria tanto de pesar como de moléstia.

Baseada sobre nenhum plano, fora esta expedição miseravelmente mal dirigida: a que se lhe seguiu parece ter sido concebida e executada com mais tática do que nenhuma outra das destes corsários aventureiros. Certos moradores de Londres aprestaram três navios, dos quais o maior se computou de duzentas e quarenta toneladas, o menor de sessenta apenas, e o outro de cento e setenta. James Lancaster, fidalgo da mesma cidade, foi escolhido para almirante. Tinha ele, segundo dizia, sido educado entre os portugueses, vivido entre eles como fidalgo, servido com eles como soldado, morando-lhes nas terras como mercador; cometia pois o que se podia dizer traição moral, tomando armas contra um povo, entre o qual tanto tempo havia estado domiciliado. Foi Pernambuco o lugar que ele resolveu investir: arranjou dois franceses de Dieppe bem versados na língua dos índios, e deu à vela com uma tripulação de duzentos e setenta e cinco homens e moços. Duas vezes, na viagem, rompeu um navio um dos mastros, e tendo portanto volvido atrás para consertar, bem quis a gente das outras embarcações persuadir o almirante a desistir duma empresa para que já lhe faleciam forças; mas ele respondeu que Barker, o seu vice-almirante, era por demais resoluto para não se achar no ajustado ponto de reunião, mal reparasse as suas avarias, e que nada o faria desviar-se do rumo em que uma vez havia assentado, sendo por estas mudanças de plano que a maior parte das expedições se haviam malogrado.

Expedição de Lancaster

Não o enganou a sua confiança. Barker reuniu-se a ele na altura do Cabo Branco, onde com o seu xaveco já havia capturado vinte e quatro velas a espanhóis e portugueses. Dum dos prisioneiros souberam que um galeão com rico carregamento da Índia naufragara na costa de Pernambuco, achando-se todas as mercadorias armazenadas no Recife, porto de Olinda. Alegres com esta notícia, tomaram os ingleses cinco das suas presas, para serem empregadas segundo o caso o exigisse, e singraram para a ilha de Maio, onde armaram uma galeota de quatorze bancos, destinada para o desembarque, e de que haviam trazido as madeiras. Aqui se encontraram com outra esquadra de corsários, comandada pelo Capitão Venner, e composta de dois galeões, um iate e uma presa biscainha. Venner de boa mente se associou a Lancaster, e segundo o uso do mar, lavrou-se o ajuste por ambas as partes assinado, e pelo qual devia Lancaster ter três quinhões e o outro o quarto de quanto se tomasse.

Chegada ao Recife, 29 de março. 1595

Dali governaram para o Recife, chegando à vista do porto numa meia-noite dos fins de março. Na entrada estavam sobre os ferros três navios holandeses grandes, da parte dos quais era de esperar alguma resistência. Lancaster tripulou as suas cinco presas, que eram de sessenta toneladas cada uma, e ordenou a sua gente que se os holandeses fizessem alguma oposição, corressem sobre eles, e posto fogo às próprias embarcações, se metessem nos escaleres, ganhando assim a entrada. Era sua intenção desembarcar com as lanchas apenas amanhecesse deixando os navios fora do porto, até tomar os fortes e a vila. Embarcou a gente para este feito, assumindo ele o comando da galeota, que tripulou com oitenta homens de seu próprio bordo. Mas ao primeiro arrebol da aurora, viu-se que as lanchas tinham ido dar meia légua para o norte da barra; e antes de poderem voltar veio a vazante, e a esquadra ficou fora do porto toda à vista da vila. Tiveram porém a satisfação de ver que os holandeses, lan- **1595** çando espias, se arredavam do caminho, removendo a principal causa de receio. Pela volta do meio-dia mandou o governador um mensageiro a saber o que pretendia aquela frota. Lancaster respondeu que queria a carga do galeão; que a buscá-la vinha e levá-la havia, como o governador não tardaria a vê-lo. Entretanto guarneceram os portugueses o forte ou terrapleno à foz do porto, reunindo toda a força que havia à mão, e que seriam uns seiscentos homens. Lancaster ordenou aos seus que à voga

arrancada remassem a abicar em terra com violência tal que, despedaçadas as lanchas, não tivessem em que fiar-se mais do que em Deus e nas suas armas. Eram estes flibusteiros excessivamente religiosos; para tudo tinham o nome de Deus na boca, e grande esperança punham no auxílio divino para levarem a bom fim o objeto da sua viagem, duma viagem cujo único alvo era o saque e a rapina.

Seriam duas horas da tarde quando Lancaster largou de bordo com maré de feição; passou os holandeses, o forte principiou a jogar, e uma bala levou quase toda a bandeira da galeota. Os ingleses vararam a embarcação em terra, mesmo por baixo da bateria, a um cabo de distância dela; com o choque partiu-se a popa, o mar galgou por cima, e a galeota afundou-se imediatamente: outro tanto praticaram as lanchas. Havia no forte sete peças de bronze, cuja pontaria fizeram os portugueses tão baixa que os tiros se perderam todos na areia, ficando ferido um só homem. Exultando com isto, pois que uma descarga bem dirigida devia ter sido de varrer, exclamou Lancaster: "A eles! A eles! Com o favor de Deus tudo é nosso!" Assim correram a escalar à pressa; desanimados, retiraram-se os portugueses para um silvado próximo, e sendo perseguidos, fugiram por um caminho ainda enxuto, apesar da maré que crescia. Fez Lancaster então sinal aos navios que entrassem. Deixou uma guarnição no forte, assestou a artilharia contra Olinda, de onde receava o maior perigo, e marchou sobre a vila baixa, como ele chama o Recife, composto naqueles tempos de pouco mais de cem casas. À sua vista, embarcou o povo em caravelas e canoas e abandonou o lugar, deixando aos vencedores o rico carregamento do galeão, e grandes depósitos de gêneros do país.[22]

Toma a cidade

No governo da sua conquista não desenvolveu o almirante menos prudência, do que valor havia mostrado em ganhá-la. Não se cometeu a menor desordem, nem pilhagem particular; talvez nem antes nem depois tenha havido bandoleiros que com tão rigorosa ordem e regularidade se portassem. Tão grossos despojos não se deixavam remover à pressa, e forçoso era manter por algum tempo a posse da vila. Imediatamente se fortificou o istmo em que está o Recife, com uma paliçada de nove pés de altura, para a qual na vila se encontraram materiais, e erigiu-se um forte para o qual do da boca do porto se passaram cinco peças de artilharia. Feito isto en-

Toma os holandeses ao seu serviço

tabulou Lancaster negociações com os holandeses, oferecendo fretá-los para a Inglaterra em termos que lhes pareceram vantajosos, pelo que de todo o coração fizeram causa comum com os ingleses. Dentro de alguns dias apareceram três galeões e duas pinaças; formavam uma esquadra de corsários franceses, e sucedeu que um dos seus capitães ainda no ano anterior tinha recolhido Lancaster na ilha da Mona, uma das Antilhas, onde naufragara. Pagou-lhe agora Lancaster o serviço, dando-lhe uma carga de pau-brasil para o seu baixel e pinaça, e uma caravela de cinqüenta toneladas carregada do mesmo gênero. Os outros franceses por felizes se deram tomando o seu quinhão no serviço a troco dum quinhão nos despojos, e assim obteve Lancaster um corpo considerável de auxiliares, que pagou generosamente com o que ele próprio não poderia ter levado, e por isso havia de destruir.

No terceiro dia depois da chegada destes flibusteiros, desceram de Olinda três ou quatro pessoas das principais da cidade para tratarem com o almirante. Apenas soube disto disse Lancaster que carecia ir a bordo dos holandeses, e lá se deixou ficar, em despeito de repetidas mensagens, até que, esgotando-se aos portugueses a paciência, retiraram-se. Perguntado pela razão deste extraordinário proceder, respondeu que conhecia bem este povo, como quem entre ele tinha sido criado. "Quando nada podem fazer com a espada", disse ele, "recorrem à língua falaz, pois fé e verdade é coisa que não conhecem. E para que havemos de parlamentar? Com o favor de Deus houvemos a quanto vínhamos, e bem pouco prudente seria deixá-los fazer por nos tirarem com astúcia o que ganhamos com a força." Mandou pois dizer aos portugueses que deles nenhuma proposta aceitaria, e enforcaria o primeiro que lhe trouxesse alguma.

Entretanto progredia o trabalho de carregar o comboio. Num ataque dado contra os invasores, tomaram estes cinco carrocinhas das usadas no país, presa de maior valia para eles do que a artilharia e munições que na mesma ação lhes caíram nas mãos, pois que sem estes meios de transporte não poderiam ter embarcado muitos dos gêneros mais pesados. Na manhã seguinte, sem a menor desconfiança do que sucedera, entrou no porto um navio com quarenta portugueses e uns cento e oitenta negros. Lancaster deixou os negros irem para onde quisessem, e guardou os portugueses, que pu-

Tentativa de queimar-lhe os navios

xassem as carretas; com este insolente emprego dos prisioneiros aliviando a sua própria gente, incapaz de trabalhos pesados em tão cálido clima.

Vinte dias havia já que os ingleses estavam senhores do Recife, e apesar de terem tido de sustentar repetidos assaltos, sempre obrigados a conquistar à força de armas a água que bebiam, pouco dano haviam recebido. Não estavam porém ociosos os portugueses; puseram fogo a cinco caravelas e deixaram-nas ir rio abaixo ao som d'água. Com esta tentativa já Lancaster havia contado, e estacionado portanto meia légua acima dos navios seis lanchas bem providas de fateixas e correntes de ferro, com que arpoaram as caravelas, encalhando umas e ancorando outras, onde acabassem de arder.

Seis dias depois, uma hora antes da meia-noite, aí vieram descendo o rio três enormes jangadas a chamejar horrendamente; fixadas ao costado traziam compridas varas, que não permitissem aos ingleses deitar os seus arpéus, e também tubos, carregados de fogo de artifício, dos quais não ousava a gente aproximar-se com receio de que o chuveiro de chispas lhe incendiasse a própria pólvora. Contudo, ou se haviam de alar para o lado estas balsas, ou os navios arderiam irremediavelmente. Cingidos pois de panos molhados os cintos e polvorinhos, aventuraram-se os marinheiros a arpoá-las, e conseguindo-o, deram com elas em seco, onde arderam até de manhã.

Tentaram agora os portugueses picar as amarras ao inimigo, mas nem isto lograram, tão grande era a vigilância. Preparava-se terceira tentativa por meio do fogo, e Lancaster bem via que desta vez não escapava; mas já então com toda a rapina a bordo, estava ele pronto para fazer-se de vela. Sucedeu não haver maré senão de tarde. O almirante observou um banco de areia formado defronte do lugar, onde estavam fundeados os navios, e sobre ele alguma gente. Correndo imediatamente à vila convocou os seus capitães, e dando conta do que vira, consultou-os sobre se conviria fazer uma surtida, e ver o que queria o inimigo; a sua própria opinião era que tendo de dar a vela àquela noite, loucura fora buscar sem necessidade a guerra. Outros houve porém que com bastante fundamento ponderavam poder muito bem suceder, que o vento os não deixasse sair tão cedo como meditavam, pelo que melhor seria não desprezar precauções. A este argumento rendeu-se Lancaster, ado-

entado havia dois dias, não podia ele ir em pessoa, incapaz como se achava de marchar por aquela grossa areia.

Mas posto que pouco perigo receasse, em lugar tão perto dos navios, que quarenta peças de artilharia se poderiam fazer jogar contra o inimigo que ali os investisse, entendeu que deviam ir com forças respeitáveis, prevendo sempre o pior; e por conseguinte saíram trezentos homens entre ingleses e franceses, a este reconhecimento.

As instruções eram de destruir as obras que achassem, e depois voltarem. Ao aproximarem-se, disparam-se-lhes alguns tiros e abandonou-se o posto. Acharam o princípio dum terrapleno disposto para um baluarte, e todo o trabalho se reduziu a queimar algumas traves; mas vendo bandeiras a uma milha de distância, fora do alcance dos navios, donde o próprio Lancaster estava pronto a apoiá-los, para lá avançaram estes imprudentes. Pensavam voar à vitória certa, e na sofreguidão de virem às mãos com o inimigo, alguns se adiantaram ao grosso da partida. Os portugueses os foram atraindo, até que os envolveram no meio de todas as forças do país. Trinta e cinco dos da vanguarda caíram logo mortos, e entre eles o Vice-Almirante Barker, o seu ajudante e dois capitães franceses, sendo os outros perseguidos de perto, até que se puseram debaixo da proteção dos navios.[23] Ao cair da mesma tarde levantaram ferro e fizeram-se de vela onze embarcações de conserva, todas ricamente carregadas, e das quais nenhuma deixou de chegar a porto de salvamento.

Quando se vêem ricos, raras vezes se dão por satisfeitos os flibusteiros, servindo-lhes com justiça de castigo essa mesma sede de rapina que primeiro os levou ao crime. Há porém razões para crer que Lancaster se contentou com a sua fortuna, pois dele se não encontra mais menção feita; tornando o bom senso com que dirigiu toda a expedição provável o acerto com que saberia desfrutar-lhe o produto.

No mesmo ano que Lancaster saqueava o Recife, alcançavam os portugueses em S. Salvador um grande triunfo sobre os huguenotes. Alguns corsários da Rochela, a caminho para uma expedição de rapina contra o litoral da Bahia, tomaram o forte português de Argüim, na fronteira costa da África. Saquearam a igreja, demoliram os altares, e, em má hora para eles, levaram Santo Antônio em troféu. E sabendo que era ele o maior santo dos portugueses e bra-

Hackluyt. T. 3, págs. 703-715

sileiros, pediram a sua santidade que houvesse por bem conduzi-los à Bahia. Tão miserável foi a viagem, e tanto tiveram que sofrer do mar e do escorbuto, que de toda a esquadra só dois navios ganharam a costa do Brasil, e esses em tão lastimoso estado, que por fortuna o tiveram entrar na Bahia como prisioneiros, com as vidas salvas por única condição. Antes de feita esta composição lembraram-se que tinham Santo Antônio a bordo, e o tratamento que lhe haviam dado tornava o caso mais feio ainda. Para ocultar isto aos portugueses, alijaram-no, esquecidos de que um Santo Antônio de pau não iria facilmente ao fundo. Para final confusão dos míseros, soube o santo achar o caminho da cidade, e do cais distintamente o viram vir posto de pé, a marchar por sobre as ondas. O governador e o clero o acompanharam em procissão triunfal, através da cidade, até que o foram instalar na igreja dos capuchinhos.

O castigo que se infligiu à tripulação, ninguém o diz, mas num caso desta natureza não era provável que se usasse de misericórdia, mormente havendo milagre de permeio. Tendo alguns selvagens roubado uma capela nos subúrbios de Piratininga, ou São Paulo, como depois se chamou, foi um deles, que ajudara a quebrar uma imagem de barro da Virgem,[24] feito prisioneiro, ligado à cauda de um cavalo e arrastado pelas ruas até expirar.

El Dorado

A boa fortuna de Lancaster teria provavelmente desafiado outras expedições, a não ter Raleigh oferecido aos aventureiros ingleses muito mais tentador engodo; e a fábula do *El Dorado*, que à Espanha custou mais sangue e dinheiro do que todas as suas conquistas no Novo Mundo, serviu agora para desviar do Brasil estes inimigos. O teatro da jornada de Raleigh fica fora dos limites desta história; mas a fabulosa terra do ouro foi buscada com igual credulidade por parte do Brasil, nem deixará de vir aqui apelo à explicação da origem duma ficção que tão extraordinários efeitos produziu.

Por toda a costa do continente espanhol na América do Sul corria a voz dum país sertanejo, onde abundava o ouro. Referiam-se estes boatos indubitavelmente aos reinos de Bogotá e Tunja, hoje Nova Granada. Belalcazar, que partido do Quito buscava este país; Federman, que vinha de Venezuela; e Gonçalo Ximenez de Quesada, a procurá-lo, seguindo o rio Madalena, aqui se encontraram. Mas também nestas partes se falava dum rico país remoto; fama igual corria no Peru: no Peru

referia-se ela a Granada; em Granada, designava o Peru; e os aventureiros de ambas as partes depois de apanhada a caça, principiavam outra vez a correr atrás dela. Não tardou a confeccionar um reino imaginário, que servisse de alvo a estas buscas, nem a respeito dele se inventavam contos com mais facilidade do que se acreditavam. Dizia-se escapo do extermínio dos Incas,[25] fugira um irmão mais moço de Ataualpa, levando a maior parte dos tesouros, e fundara um império maior do que esse que sua família havia perdido. Às vezes chamava-se este fantástico imperador o Grão-Paititi, outras o Grão-Moxo, outras o Enim ou Grão-Paru. Um impostor afirmou em Lima ter estado na sua capital, a cidade de Manoa, onde não havia menos de três mil operários empregados na rua dos Ourives; chegou até a apresentar um mapa do país, em que figurava um monte de ouro, outro de prata e um terceiro de sal. As colunas dos paços imperiais eram de pórfiro e alabastro, de cedro e ébano as galerias; o trono, de marfim, e de ouro os degraus por onde para ele se subia.[26]

Quando D. Martín del Barco escrevia a sua *Argentina*, que foi pelos tempos da primeira expedição de Raleigh, corria no Paraguai o boato de ter sido descoberta a corte do Grão-Moxo; D. Martín o refere como notícia segura, lastimando que Cabeza de Vaca voltasse dos Xaraiés, pois que se houvera seguido avante na mesma direção teria sido o descobridor bem-aventurado. Estavam estes paços, diz ele, numa ilha formada por um lago. Eram de pedra alva; à entrada erguiam-se duas torres e entre elas uma coluna de vinte e cinco pés de alto; no seu cimo via-se uma grandiosa lua de prata; e presos à sua base por cadeias de ouro estavam dois bois vivos. Quem passasse por estes dois guardas, entrava num quadrado plantado de árvores e regado por uma fonte argentina que esguichava por quatro tubos de ouro. A porta do palácio era de cobre, pequeníssima, e o seu ferrolho prendia na rocha viva. Dentro estava um sol de ouro sobre um altar de prata, diante do qual ardiam quatro lâmpadas de dia e de noite. Por mais manifestamente que estas ficções fossem extraídas dos romances de Amadis e Palmeirim, ainda não eram assaz grosseiras para a sedenta avareza daqueles para quem se fabricavam.

O reino imaginário obteve o nome de El Dorado do trajar do seu imperante, que tinha o merecimento de vestir à moda selvagem.

Todas as manhãs lhe untavam o corpo com uma certa goma aromática de grande preço, e depois com um tubo lhe sopravam em cima ouro em pó, até o cobrirem dos pés até à cabeça; e à noite lavava-se tudo. Reputava o bárbaro este trajar mais magnífico e esplêndido do que o de nenhum outro potentado do mundo, e daqui veio o nome de Dourado que lhe puseram os espanhóis. A história de todas as expedições empreendidas para conquista deste reino, formaria um volume não menos interessante que extraordinário. Não é possível que Raleigh acreditasse na existência de semelhante país, que não era a credulidade o seu defeito predominante; mas tendo formado o projeto de colonizar a Guiana, serviu-se destas fábulas como chamariz da avidez do vulgo. Procurando assim com embustes envolver a nação numa empresa indubitavelmente de grande importância nacional, arruinou-se a si; as suas narrações só encontraram desconfiança, como crimes, lhe imputaram as desgraças, e apesar de seus grandes e inquestionáveis talentos e até dessa insigne morte que aliás lhe teria tornado venerável o nome, ficou na sua memória uma mancha. Mas os seus sequazes teriam ido exercer em outra direção o seu mister de piratas, se ele os não houvesse conduzido ao Orinoco, e o Brasil lhe deve um longo período de tranqüilidade; primeiramente foram os seus projetos que atraíram os aventureiros a outro campo, e depois aterrou-os o seu triste exício.

NOTAS DO CAPÍTULO XII

1. Também petiguares ou potiguares, conforme grafia mais autorizada. Pertenciam estes indígenas à tribo dos tupinambás, conforme frei Vicente do Salvador. Eram, de modo geral, segundo o testemunho dos viajantes e aventureiros dos primeiros anos de contato com o Brasil, os autóctones que dominavam a costa desde o Rio Grande do Norte até a Paraíba. Vide, para maiores elementos de informação sobre a distribuição dos indígenas na região, Adolfo Varnhagen in *História Geral do Brasil* bem como João Ribeiro in *História do Brasil.* (L.A)
2. A propósito da intromissão, ação e comércio dos franceses na costa da Paraíba, tendo em vista a exploração do pau-brasil, vide o ensaio de J. E. de Almeida Prado, "Conquista da Paraíba", que reúne uma documentação exaustiva sobre o assunto. (L.A.)

3. Refere-se Southey a Manuel Teles Barreto, que aos 9 de maio de 1583 chegou à Bahia como novo governador nomeado desde 20 de novembro de 1581, ou seja, "capitão da cidade do Salvador e governador da dita Capitania e das outras do Brasil". A título de curiosidade, a nau que trouxe Barreto, denominada *Chagas de São Francisco*, trouxe também os padres Cristóvão de Gouveia, Fernão Cardim e Rodrigo de Freitas. Manuel Teles Barreto tinha então, conforme frei Vicente do Salvador, 60 anos de idade, o que levou Southey a considerá-lo um velho. (LA.)
4. Diogo Flores Valdez e seus soldados da armada sob seu comando, composta de 16 navios, atuou em várias partes do litoral do Brasil, inclusive dedicando-se ao tráfico de pau-brasil e açúcar. Alguns de seus integrantes estiveram em São Paulo. O capelão da esquadra, frei Diogo, foi assassinado nas proximidades do hoje Convento da Luz. (Leonardo Arroio, *Igrejas de São Paulo.*) Para maiores detalhes sobre as atividades de Diogo Flores Valdez, vide *a História Geral do Brasil,* de Varnhagen; *História do Brasil*, de Pedro Calmon; *História do Brasil*, de Hélio Viana, e *História do Brasil*, de Rocha Pombo. (L.A.)
5. É válida a observação do cônego dr. J. C. Fernandes Pinheiro, que aparece na nota seguinte. A teogonia aqui exposta, sob muitos aspectos, é semelhante à dos astecas, que Hernán Cortez destruiu durante a conquista do México. Vide Salvador Madariaga, *Hernán Cortez,* para informações mais pormenorizadas. (L.A.)
6. Cremos que toda essa teogonia a que se refere o autor não passa duma invenção dos jesuítas. (F.P.)
7. Esse envolvimento do Brasil pelos ingleses resultou, sem dúvida, de vários tratados assinados entre a Inglaterra e Portugal, como o de 10 de junho de 1654 no governo de Cromwell; o de 1661, com enormes privilégios para os ingleses; o de Methuen, no início do século XVIII os quais coroavam os favores das cartas-patentes de D. Fernando, em 1367, a de D. João em 1400, a de D. Afonso em 1453 e a de D. Manuel em 1495. (LA.)
8. O primeiro inglês que se menciona como tendo comerciado neste país é Master William Hawkins, de Plymouth, pai de sir John Hawkins, "homem mui estimado do rei Henrique VIII, como principal capitão-de-mar. Armou um navio seu de duzentas e cinqüenta toneladas, chamado *Paul of Plymouth*, em que fez duas viagens ao Brasil, uma em 1530 e outra em 1532; da primeira das quais trouxe um rei brasileiro, como o chamaram, para o apresentar a Henrique VIII nos seus trajes selvagens, à vista do que não ficaram pouco maravilhados o rei e toda a nobreza, e razão tinham para isso". Em refém tinha ficado um certo Martim Cockram, de Plymouth. Quase um ano ficou o cacique na Inglaterra, e morreu na viagem para a pátria, o que se receou redundasse em dano da vida de Martim Cockeram. Os selvagens porém, plenamente convencidos da lisura do procedimento que com o seu príncipe se tivera, restituíram ileso o refém. Hakluyt, tomo 3, pág. 700. Purchas, 1, 6, c. 4, pág. 1179.
   Pelo ano de 1540 entregavam-se ao lucrativo e cômodo tráfico do Brasil vários mercadores ricos e abastados de Southampton. Um certo Pudsey, da mesma cidade, diz-se que fizera em 1542 uma viagem à Bahia construindo não longe dali um forte. Hakluyt, t. 3, pág. 701.

9. Com a facilidade da entrada de navios ingleses no Brasil, numerosos comerciantes e aventureiros britânicos vieram praticar o escambo entre nós, como esse John Whithall. Casou-se ele com uma filha de José Adorno (filha única), senhor de engenho em São Vicente, segundo Gilberto Freire com o nome abrasileirado de Leitoan, ou Leitão, como Henry Koster acabaria em Henrique Costa. Vide a influência inglesa no Brasil, do século XVI em diante, in *Ingleses no Brasil,* de Gilberto Freire. Numa das notas da obra de Varnhagen, Seção XXI, lê-se que John Whithall escrevera a Richard Steper, na Inglaterra, aos 26 de junho de 1578, dizendo que se havia casado "com a filha única do genovês Joffo Dore" e que, em São Vicente, já lhe haviam mudado o nome para João Leitão. A carta em apreço está publicada na íntegra na *Hakluyt's Collection*. (L.A.)

10. Na viagem de Sarmiento (pág. 371-5) se diz que em 1570 aparelhou algum grão-senhor na Inglaterra uma expedição de dez naus, que passou o estreito, e depois retrocedeu, tencionando estabelecer-se na costa do Brasil, onde lhe aparecesse situação favorável. À capitânia deram-se novecentas toneladas, e, além da tripulação, quatrocentos soldados e cem menesteirais. A esquadra dispersou-se à vista da costa, e este navio naufragou, salvando-se apenas alguns homens na lancha, a maior parte dos quais foram mortos e o resto feitos prisioneiros pelos portugueses. Um dos últimos, grande matemático, disse que tinha derrubado um pilar com as armas de Portugal, e posto em seu lugar outro com as da Inglaterra, para tomar posse do país entre o Paraguai e a costa.
    Não encontro nenhuma relação de viagem inglesa que corresponda a esta narrativa; tem ela, porém, todas as aparências de verídica.

11. Este espírito predatório da Inglaterra, como o reconhece o próprio Southey, é objeto de numerosa literatura histórica. O abuso do imperialismo britânico, sobretudo em nossos mares, como observa Gilberto Freire *in Ingleses no Brasil*, se reflete inclusive na Literatura popular, como nestes versos

    Não se pesca mai de rede
    Não se pode mai pescá,
    Que já sube da notiça
    Que os ingrês comprou o má,

    tanto ficaram no substrato das gentes do litoral as ações de um Cavendish, de um Drake e outros flibusteiros, ou de ações mais interessadas politicamente como as de Robert Reniger (1540), Pudsey (1542), Abraham Cook com o tráfico de negros, a de Withrington (1586), a de James Purcel (1626) ou a de Roger Fry. (L. A.)

12. Parece tratar-se de engano de Southey. O sogro de John Whithall era realmente José Adorno. (L.A.)

13. "Pela razão", diz Lopes Vaz, "que esses três navios vinham enfraquecidos e trabalhados de antigas tormentas, e tripulados com o refugo de toda a armada espanhola (achando-se neles embarcados os doentes e as mulheres), facilmente levaram os ingleses a melhor, meteram um no fundo, e teriam feito o mesmo a outro, se o houvessem querido; mas eles não desejavam a perda de ninguém; e o maior valor que

os homens podem mostrar, é por sem dúvida deixarem de fazer o mal que podem." Esta parte do Discurso foi previamente transcrita por Hakluyt, que provavelmente ao imprimir o extrato, não tinha intenção de inserir depois o texto na sua íntegra. Como o original não chegou a publicar-se, oferece este descuido uma vantagem: a tradução não é a mesma, e encontrando-se em ambas este cumprimento aos ingleses, deve presumir-se que não foi interpolado pelo tradutor. É grato deparar com este reconhecimento da generosidade inglesa na época de Drake e Cavendish. Herrera, longe de exagerar, diminui a força inglesa e relata a ação com notável imparcialidade, prova bem convincente de quanto crédito merece este inestimável autor.

14. Numerosos foram os corsários ingleses que atuaram ao longo da costa brasileira durante os séculos XVI e XVII. Southey refere-se a muitos deles nas páginas seguintes. (L.A.)

15. "Daqui", diz Saracoll, "deviam os mercadores e parte dos seus gêneros ser transportados ao Peru em cavalos e carretas. Levava este navio por piloto um inglês, por nome Abrahão Cooke, nascido em Lee, que tinha sido deixado pelo *Minion* de Londres. Inquirimo-lo e aos demais sobre o estado do Rio, e disseram-nos que havia ali cinco vilas, umas de setenta fogos, outras de mais. Nestas povoações há grande abundância de cereais, gado, vinho e várias frutas, mas dinheiro de ouro ou prata, nada; fabrica-se ali uma espécie de pano, que os moradores trocam por açúcar, arroz, marmelada e doces, que era o que o navio levava. Iam também a bordo quarenta e cinco negros, cada um dos quais dava no Peru quatrocentos ducados. Quanto à viagem de Portugal, disseram-me que era esta a terceira que se fazia para o rio da Prata nestes trinta anos. Em Santa Fé descarregam os navios as suas mercadorias para barcos pequenos, que sobem o rio à sirga até Assunção. Nesta cidade e na de Tucumán (talvez Córdoba) um espadeirão de vinte reales prata vale trinta ducados, uma lata de marmelada vinte ducados, um espelho de mais de palmo vale trinta lis, pinturas em quadros de quatorze polegadas, trinta a quarenta lis cada uma".

16. E o ouvidor-geral Antônio Coelho d'Aguiar. (F.P.)

16-A. A. Trata-se de Melchior Dias Moréia e não de Robério Dias, seu filho. Vide nota nº 1 do Capítulo II, 3º Volume, desta edição.

17. O tema das minas de prata está amplamente dramatizado no romance de José de Alencar, *As Minas de Prata*. Os fatos provaram fartamente que Melchior (e não Robério) não contava com a fabulosa mina com que acenara ao rei para obter privilégios. (L.A.)

18. O título de Marquês das Minas veio a verificar-se na pessoa dum neto de D. Francisco de Sousa, Visconde do Prado. (F.P.)

19. Havia uma imagem de barro de Santa Catarina, que Luís, irmão do donatário Pedro de Góis, juntamente com sua mulher tinham dado à vila de Santos; estava numa capelinha nas fraldas de um outeiro chamado do nome da santa. Os ingleses atiraram a imagem ao mar. Muitos anos depois tornou ela a sair inteira numa tarrafa: erigiu-se-lhe nova capela, e em memória do longo tempo que jazera no fundo do oceano, deixaram-lhe as cascas de ostras, que nela se haviam pegado. Ali se venera ainda hoje em dia e os que mostram a imagem observam que o maior milagre foi não a

terem os iconoclastas ingleses despedaçado antes de arremessarem às ondas. Fr. Gaspar da Madre de Deus, 1, § 71.

20. Nem Southey, nem os documentos conhecidos identificam este português prisioneiro e conhecedor da barra do Espírito Santo. (L. A.)

21. "Sabia eu", diz Cavendish, "que dos navios que freqüentam o Brasil nenhum era capaz de defender-se duma canoa, quanto mais de lanchas como estas, em que iam tantos arcabuzeiros, quantos podiam sentar-se ao lado uns dos outros."

22. "O dia da nossa chegada", diz o narrador desta bem dirigida e próspera viagem, "era uma sexta-feira santa em que eles têm por costume fustigarem-se a si próprios; mas agora nos enviou Deus como um flagelo geral para todos, pelo que bem poderiam ter poupado entre si aquele trabalho."

23. A única notícia que desta expedição de Lancaster encontro em escrito português é uma menção incidente na Relação anual para 1601-2. Ali se diz erradamente que os ingleses tratavam de acometer Olinda quando assim foram rechaçados, e com verdade provavelmente que os portugueses deveram esta vitória aos índios convertidos. F. 114.

24. Refere-se Southey a curioso episódio que teve por palco a igreja de Nossa Senhora do Monte Serrate de Pinheiros, da velha aldeia de Pinheiros, hoje bairro da cidade de São Paulo. Por ordem de um índio a que obedeciam e tinham por santo, como descreve Alcântara Machado (vide *Vida e Morte do Bandeirante*) alguns indígenas foram à referida igreja e decapitaram a imagem de Maria. O fato ocorreu em 1590. Vide também Leonardo Arroio, in *Igrejas de São Paulo.* (L.A.)

25. Para o México era o Grão Quivira o mesmo que Enim para o Peru, o imaginário sucessor da decaída dinastia. Feijoo (*Th. Crit.*, t. 4, 10, § 15) refere com alguma probabilidade a origem desta fábula às notícias que os índios davam dos estabelecimentos franceses no Canadá.

26. O mito e a lenda do El-Dorado, da lagoa Dourada, e inclusive os mitos e lendas edênicas, como elementos propulsores da conquista e penetração pelos sertões brasileiros, e portanto econômicos, estão exaustivamente estudados por vários autores. Vide, para ampliação do tema, entre outros, Cassiano Ricardo *in Marcha Para Oeste*; Sérgio Buarque de Holanda, *in Visão do Paraíso* e *Raízes do Brasil*; Augustín Zapata Gollán, *in Mito y Superstición en la Conquista de América,* e German Arciniegas *in Biografía del Caribe*. (L.A.)

Capítulo XIII

EXPEDIÇÕES PARTIDAS DO MARANHÃO – OS TAPUIAS – VANTAGENS OBTIDAS PELOS JESUÍTAS E DIMINUIÇÃO DOS INDÍGENAS – PACIFICAÇÃO DOS AIMORÉS – ESTABELECIMENTO NO CEARÁ – EXPEDIÇÃO DOS FRANCESES À ILHA DO MARANHÃO – EXPULSA-OS JERÔNIMO DE ALBUQUERQUE – FUNDAÇÃO DA CAPITANIA DO PARÁ, E CIDADE DE BELÉM – DESTRUIÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS HOLANDESES NA FOZ DO AMAZONAS

ENQUANTO os ingleses buscavam na Guiana o El Dorado, tentava Gabriel Soares[1] fazer a mesma descoberta, partindo do Brasil; alcançou as cabeceiras do rio S. Francisco, avançando quase até à província de Charcas, mas tais trabalhos passara, e tão grande perda de gente sofrera, que força lhe foi retroceder. Pero Coelho de Sousa, colono da Paraíba, tentou então por água a mesma empresa; não se diz em que direção, mas provavelmente foi pelo Amazonas acima. Nesta expedição sem proveito gastou ele grosso cabedal, mas o mau resultado não o aterrou que não cometesse segunda. Depois de ter por onze anos dirigido o governo foi D. Francisco de Sousa rendido por Pedro Botelho, e o novo governador acoroçoou Pero Coelho, dando-lhe a comissão de conquistar e coloni-

1595
Expedições partidas do Maranhão
Berredo, 2, § 63.

zar com o título de capitão-mor. Apareceram uns oitenta aventureiros, que nesta descoberta jogaram vidas e fortunas: eram muitos dentre eles versados nas línguas indígenas, e oitocentos índios os acompanharam como aliados. Parte desta força seguiu a costa em dois caravelões com um piloto francês[2], que a conhecia a palmos, avançando o troço principal por terra até ao Ceará.

Ali engrossou o capitão-mor a sua gente, incorporando-lhe alguns dos índios mais civilizados, e todos juntos prosseguiram até à serra de Ibiapaba. Os tabajares opuseram-se à marcha. Mel-Redondo, um dos caciques, era auxiliado por um punhado de franceses às ordens do senhor de Manbille, mas não pôde impedir que os portugueses lhe tomassem três dos seus fortes; obteve contudo condições favoráveis e submeteu-se com mais de trinta aldeias. Outro cacique da serra, por nome Juripari, ou o Diabo, foi mais feliz na sua resistência, e após um mês de guerra com ele, por felizes se deram os invasores com receberem ordem de desistir da infrutuosa jornada.

Vilania de Pero Coelho

Pero Coelho retirou-se para Jaguaribe, então da jurisdição de Pernambuco. Não desanimado ainda, para aqui transferiu a sua família, principiando uma colônia, que chamou Nova Lusitânia, e uma vila, a que deu o nome de Nova Lisboa. Procedeu porém com clamorosa maldade: os tapuias, que havia aprisionado na guerra, vendeu-os como escravos, e juntando à injustiça a ingratidão, exerceu a mesma tirania sobre os que lealmente o tinham servido como aliados. Ia este proceder de encontro às leis postas. As relativas à escravidão haviam sido mitigadas, em conseqüência dos excessos cometidos debaixo da capa da sentença geral contra os caetés, decretando-se, que nenhum índio seria reduzido à escravidão que não fosse aprisionado em guerra legítima, e os que fossem resgatados aos inimigos recuperariam a liberdade no fim dum prazo de serviços equivalente ao preço do resgate. Fáceis eram de iludir semelhantes disposições: a caça de gente tomava o nome de guerra legítima, e instigavam-se hordas a recíprocas hostilidades, para fazerem prisioneiros que pudessem vender, e se o resgatado cativo não morria acabrunhado de trabalho antes de expirar o termo da sua servidão, como obteria o benefício da lei, ignorando-o e achando-se à mercê do seu senhor? Informado de todas estas tricas, revogou Filipe II todas as leis anteriores sobre esta matéria, decretando que se não re-

Vasc. *C. C.* 3, § 44.

duzissem à escravidão senão os índios tomados em guerra legítima, e que por tal se teria somente a que fosse ordenada pela Coroa com a assinatura real.[3]

Coelho procedera com manifesta infração desta lei; disso se deram em Madri queixas, que se não puderam mover a corte a puni-lo, fizeram com que esta lhe retirasse todo o auxílio, não tardando que ele sofresse as conseqüências dos seus crimes. Os amigos o abandonaram; os tapuias tinha-os ofendido, e tão desamparado se viu afinal, que *quase mais vendido, do que o foram os que ele vendeu, se veio, deixando tudo, miseravelmente a pé com sua mulher e filhos pequenos, parte dos quais pereceram de fome, fazendo tão lastimosa esta sua passagem, como a de Manuel de Sousa na terra dos Cafres.*[4] De Madri chegaram ordens de pôr em liberdade os naturais que ele injustamente escravizara, recompensando-os pelo que haviam sofrido, mas ordens destas eram mais freqüentemente expedidas pela corte de Espanha, do que cumpridas pelos seus governadores.

Berredo, § 97-104

A serra de Ibiapaba

Os jesuítas, que ansiosos haviam olhado a jornada de Coelho sobre a serra de Ibiapaba, prepararam agora uma expedição pacífica na esperança de reduzirem e civilizarem seus habitantes. Estendem-se estas montanhas por algumas oitenta léguas em comprimento e vinte em largura, e erguem-se ondeadas, sobranceiras umas às outras; formadas de granito em certos lugares, cobrem-se de verdura em outros as suas vertentes. Subi-las é trabalho afanoso para quatro horas, em que, além dos pés, há muitas vezes que ajudar-se de mãos e joelhos; ganho porém o viso, encontra-se o viajante numa região em que belezas de todo o gênero como que porfiam em enlear-lhe os olhos: avista rochas, cabeços, outeiros, vales, e vastas savanas, nuvens a seus pés penduradas sobre as planícies, e, na orla do horizonte, o oceano. Curtos são ali os dias, sempre nevoadas as manhãs, e apressadas as tardes com os montes que se levantam ao poente, a cavaleiro dos outros. São frias as noites, nem no inverno se suportariam sem fogo. Notável é haver ali pouca água, mas essa pouca é excelente. A esta circunstância atribuíam os tapuias e tabajaras a escassez de toda a espécie de caça, não atendiam porém que a não mudarem freqüentemente de pouso, devem as tribos caçadoras ver escassear-lhes depressa o alimento.

Raça a mais antiga do Brasil, tinham os tapuias[5] senhoreado toda a costa do Amazonas ao Prata, até que foram rechaçados pelos tupis em época que não podia ser muito remota, pois que vivia ainda em memória de selvagens. Supunha-se que no sertão se estendiam ainda por toda a linha dum rio ao outro, e que eram mais numerosos do que nenhuma outra tribo.[6] Seu nome significa *os inimigos*, assim chamados da eterna guerra que faziam a todos os outros índios, e até uns aos outros. Contudo de todos os índios brasileiros eram estes os menos cruéis; os portugueses lhes compravam escravos, pois que eles nunca matavam os prisioneiros, e o inimigo que nunca de suas casas de residência podia asilar-se, estava seguro. Jamais tapuia violou este santuário, por mais forte que fosse a sua cólera e grande a provocação. Antropófagos eram, mas de natureza peculiar: os tupis devoravam seus inimigos como o maior sinal de ódio, os tapuias comiam os seus próprios mortos como última demonstração de respeito. Se morria uma criança,[7] era comida pelos pais, mas no cadáver do adulto todos os parentes tinham quinhão; guardavam-se os ossos para bodas, sendo então pulverizados, e tomados como a coisa mais preciosa que oferecer se podia. O régulo duma horda distinguia-se pela sua coroa ou tufo de cabelo, e pelas unhas dos dedos grandes dos pés; unhas compridas era coisa mui estimada e traziam-nas os parentes daquele, e os que na guerra se haviam assinalado, mas à dos dedos das mãos se lhes limitava o privilégio, que deixar crescer as dos pés era prerrogativa do chefe. A certos respeitos parece ter este também metido a mão na seara do conjurador. Em cima duma esteira, no meio da sua tenda, estava um cabaço grande coberto, que só ele podia olhar; o povo o fumigava quando fumava, e ia depor-lhe diante a caça e o mel que trazia das selvas, até o cacique permitir que se retirassem estas ofertas. Dentro do cabaço havia seixos, pelo que parece ter sido isto um empréstimo aperfeiçoado do culto da maracá. Pretendia o chefe curar moléstias com fricções e cuspiduras de tabaco; e quando uma donzela casadoura não achava pretendente, marcava-a a mãe de vermelho debaixo dos olhos e levava-lhe a ele, que lhe pusesse encanto. Com cânticos e danças se celebrava o nascer das Plêiades, que parecem ter ali passado por divindades.

Os tapuias

Notícias, **2, 73**

Marcgraff, L. 8, c. 12.

8, 13.

Jacob Rabbi

Mudavam os tapuias de lugar de residência mais freqüentes do que nenhuma outra tribo. Na véspera de levantar-se o acampamento reunia o cacique os conjuradores, para saber em que direção marchar, e onde fazer alto. Antes de partirem todos se banhavam, esfregavam com areia fina os corpos, e tornavam a banhar-se; depois faziam estalar as juntas, e arranhavam-se diante do fogo com os dentes de certos peixinhos, a ponto de esguichar o sangue em muitas partes, operação que se reputava prevenir e remediar a fadiga.[8] Apenas alcançavam o lugar designado, os mancebos cortavam ramos, e com eles construíam seus ranchos ou choças[9], feito isto, saíam os homens a caçar, pescar, e procurar mel, e as velhas, que catassem frutas e raízes, enquanto as moças em casa preparavam a comida à medida que lhes faziam os ingredientes. A caça era trabalho, e não recreio. Os conjuradores indicavam a direção em que devia buscar-se; os mais espertos na ciência encarregavam-se disto, e assim que descobriam cama ou cova, cercava-se o lugar, e se o animal escapava às setas, o que era quase impossível, lá estavam os cães, para segurá-lo com certeza. Feita a caçada, levava-se o produto para casa, dançando e cantando, saindo o resto da horda ao encontro da partida com iguais demonstrações de regozijo. A comida que se queria preparar, metia-se num poço ou forno de terra forrado de folhas; cobria-se depois de outras folhas e de terra, e por cima se lhe acendia fogo, excelente e não desusado modo de assar. O chão lhes servia de mesa, e por toalha tinham folhas, de que contudo nem sempre usavam. Tudo que se lhes punha diante por via de regra era consumido, aturando o apetite selvagem enquanto aturava o mantimento; o resto do dia passava-se em jogos, indo os mancebos a cantar, e as raparigas a dançar atrás deles, cada uma atrás daquele que amava. Quando iam de marcha fazia-se uma experiência de forças, para a qual serviam os troncos de duas árvores novas de igual grossura e tamanho: dividia-se a horda em dois magotes, e aquele que primeiro chegava com a sua árvore ao lugar em que deviam fixar a residência, exultava sobre o outro. Guardavam-se então os ramos ao lado da cabana do cacique, para servirem na primeira mudança seguinte.

S. Vasc. *Not. An.* **1, § 144**

S. Vasc. *Not. An.* **1, § 144-6**

A agricultura ficava a cargo das mulheres, outra circunstância em que estes índios se distinguiam dos outros do Brasil; havia porém

Notícias, 2,73. Sim. de Vas. Marcgraff, 8,10

tribos que todos os dias mudavam de pouso, pelo que jamais cultivavam o solo. Hordas havia que em lugar de arco usavam dardos de arremesso. No sertão da Bahia a oitenta léguas da costa encontrava-se uma nação por nome maraquês, entre a qual as mulheres traziam uma espécie de avental, andando tudo o mais nu. Pescava este povo com rede de que os tupinambás não sabiam fazer uso; faziam-nas de uma trepadeira comprida e tenaz, e enquanto uns a arrastavam pela corrente, batiam outros a água. Havia no seu território uma serra com salitre, e eles queimavam a terra, ferviam as cinzas e recolhiam os sais cristalizados.

Passam os tapuias por terem sido macróbios mais que nenhuma das outras nações, posto que a longevidade a todas se atribua; as crianças principiavam a andar tão cedo que fazia pasmar, e começavam quase que logo também a nadar. Aformosear-se era privilégio do sexo masculino; furavam as orelhas e quando rapazes cortavam o lábio inferior longitudinalmente para formarem uma boca suplementar.[10] Fazia-se esta operação em um lugar especial, com assistência de todo o povo a dançar e a cantar como em uma cerimônia religiosa. Um conjurador deitava o padecente no chão, amarrando-o de mãos e pés, enquanto outro com um instrumento de madeira fazia a incisão e erguia a mãe clamoroso pranto. As faces somente se furavam quando o mancebo estava para casar-se.

Descrevem os autores como os mais indolentes e imprevidentes dos índios brasileiros os tapuias, que habitavam a serra de Ibiapaba. Parece porém ter conhecido o valor da sua posição montanhosa, e em lugar de imigrarem para as terras chãs em busca de mais abundante pasto, cultivavam mandioca, milho e algumas espécies de legumes, pouco na verdade de cada coisa, mas assaz para evitar falta absoluta. Os seus charlatões lhes tinham inventado uma curiosa crença, de que o mundo se poria um dia com o debaixo para cima, e que então seriam os índios senhores sobre os brancos. Igualmente tinham descoberto uma engenhosa objeção contra o cristianismo; a encarnação, diziam, havia tido lugar unicamente por amor dos brancos; quando a Deus aprouvesse remir os índios, encarnaria em uma das suas virgens, e então voluntários deixariam batizar-se.

Tal era o povo que os jesuítas Francisco Pinto e Luís Figueira saíram a reduzir, acompanhados de setenta índios. Com estas novas su-

perstições se tinham os ânimos dos tapuias fortificado contra eles; Pinto e a maior parte dos seus foram mortos, fugindo o resto para as florestas; donde escaparam para o Ceará. Contudo esse mesmo povo que assassinara Pinto, lhe colocou o espírito no paraíso deles. Tinham os seus caciques, criam eles, cada um sua aldeia grande debaixo da terra, para onde depois da morte iam todos os seus súditos, e para ali supuseram que fora este padre a ser-lhes amigo e preceptor.

Em outras partes do Brasil foi mais feliz a Companhia. Assolavam os aimorés a Bahia, e Botelho queria que o capitão de Pernambuco apresentasse uma força de pitaguares para debelá-los. Ninguém, que não fosse um jesuíta, podia levantar esta força; meteu-se F. Diogo Nunes[11] entre eles, e debaixo das suas ordens se lhes puseram oitocentos guerreiros escolhidos, sob promessa de que, finda a guerra, voltariam ao seio de suas famílias. Ao chegarem a São Salvador estava passada a iminência do perigo, mas o oficial comandante em vez de recompensar estes aliados e despedi-los, resolveu aquartelar parte deles na Bahia, e o resto nos Ilhéus, para guarnição destas capitanias, sem que esquecesse assinar-lhes sua tarefa. Com paciência aguardaram os pitaguares alguns dias, mas vendo então que nem se fazia guerra, nem os licenciavam, pediram vênia para regressarem a seus lares, dizendo que se não lhe a dessem, a tomariam. O comandante, acompanhado de alguns dos principais da cidade, gente que contava com estes pobres selvagens, para lhes cultivarem as terras, foi ter com eles, buscando em comprida arenga, persuadi-los a que ficassem; mas eles, que diante dos olhos tinham o horror da escravidão, responderam que sob condição de se irem finda a guerra, haviam vindo.

Quem tão injusta intenção tinha podido formar também não era homem que dela se deixasse demover por simples representações contra a sua sem-razão. Não podendo engodar os selvagens, determinou levar pela força a sua avante; chamaram-se os soldados e os pitaguares prepararam-se para a batalha. Em grande confusão andava revolta toda a cidade; dois conselhos se celebraram durante a noite, e em ambos se resolveu que se declarassem rebeldes estes homens ofendidos, e como tais se atacassem, sendo reduzidos à escravidão. Tão certo não era porém o triunfo, que ao comandante tirasse todas as apreensões do resultado, pelo que mandou aos jesuítas nas aldeias circunvizinhas recado,

que viessem a toda pressa em seu auxílio com quantos flecheiros pudessem reunir para serviço de Deus e de S. M. Vieram os jesuítas; conheciam eles por demais o caráter da gente da governança, para que esperassem levá-la por motivos de justiça e boa política, e desejando evitar maior mal imediato, pediram aos pitaguares, que consentissem em ficar. A resposta pronta foi que fariam o que os padres quisessem. Pouco depois julgou o comandante prudente mandar buscar para a cidade como reféns a maior parte dos caciques; a isso se recusaram estes, dizendo que bem lhe percebiam a intenção, nem lhes assentava bem a eles abandonar seus companheiros. Outra vez se recorreu aos jesuítas, e de novo prevaleceu a sua influência; os pitaguares disseram que fariam o que se queria, por amor deles, e não em atenção ao comandante. Em toda esta transação mais é de admirar-se o poder que os missionários haviam adquirido sobre os índios, do que o uso que dele fizeram. Para prevenirem males presentes, tornaram-se cúmplices da injustiça.

Assolações dos aimorés

Quaisquer que tivessem sido as circunstâncias, que tornaram desnecessários os serviços imediatos dos pitaguares, nem foram elas de grande alcance, nem duraram muito. Os aimorés inundaram as capitanias do Sul. Em Santo Amaro abandonaram-se propriedades do valor de trinta, quarenta e cinqüenta mil cruzados, devorados por estes selvagens os trabalhadores e fugidos os proprietários. Não era menos espantosa a força dos aimorés do que a sua desesperada ferocidade; um punhado deles assaltava engenhos de açúcar, em que havia nada menos de cem pessoas. Viu-se lançar mão de um homem vivo, e com ele defender-se, manejando-o e volteando-o tão maneiro, como se fora um escudo.[12] A capitania dos Ilhéus ficou quase destruída.[13] Porto Seguro tinha sido bem defendido, enquanto se haviam deixado os índios mansos a cargo dos jesuítas. Debaixo do sábio governo dos padres, viviam eles reunidos em aldeamentos assaz fortes para se defenderem a si, protegendo os portugueses da colônia. Um capitão novo veio destruir este sistema, na sua cega rapacidade desfazendo as aldeias e distribuindo os pobres índios pelos colonos que os faziam trabalhar, deixando-lhes o cuidado de proverem a própria subsistência. Assim se viam obrigados a exporem-se sós ou em partidas pequenas, e os que não sucumbiam ao trabalho eram trucidados pelos aimorés. Privados do seu rebanho, e não se podendo manter sem ele, abandonaram os jesuítas

os seus estabelecimentos; fugiram também quantos tinham meios de fazê-lo, até que afinal mal ficaram ainda na capitania vinte famílias miseráveis, que dali não podiam sair, e que, sem escravos que para eles trabalhassem, de ervas e raízes se nutriam unicamente. Assim se viram os aimorés senhores de todas aquelas regiões, e já a própria Bahia não estava a coberto de suas correias.

Rel. An. **121**

Álvaro Rodrigues os concilia

Umas doze léguas ao sul da capital do Brasil vivia nas suas terras um abastado português por nome Álvaro Rodrigues, que com vigor fazia a guerra a estes perigos fronteiros. Em uma de suas expedições capturou duas mulheres que trouxe para casa. Uma morreu, e boas maneiras domesticaram a outra; aprendeu o português e tanto se afeiçoou ao novo gênero de vida, que dando-lhe Álvaro livre o regresso à sua tribo, recusou ela ir-se. Ocorreu-lhe então a ele, que poderia esta mulher servir para estabelecer-se a paz. Prestou-se ela pronta a secundá-lo, e pondo-se em um lugar, onde era provável que os patrícios a ouvissem nas florestas, começou a chamá-los voz em grita, referindo o bom tratamento que da parte dos portugueses encontrara, e dizendo que queriam eles ser amigos dos aimorés, e torná-los participantes das boas coisas que possuíam: feito isto depunha mantimentos no chão, instrumentos de ferro, e as bugiarias que mais deviam agradar, e voltava. Repetiu-se isto, até que dos índios alguns se afrontaram a vir visitar Álvaro, que entretanto ao capitão da Bahia fizera saber a esperança que nutria, pedindo as orações de todos os fiéis a favor da sua realização. Alguns parentes desta mulher deixaram afinal persuadir-se a irem a São Salvador, e os presentes que ali receberam, e as maravilhas que na volta contaram, induziram outros cinqüenta a visitarem o comandante. Tão feliz sucesso se considerou naquela cidade para o bem do Estado o pacífico aparecimento desta gente, então inesperado, que um dos espetáculos com que a regalaram, foi uma procissão de graças pela sua visita, terminada por um sermão da mesma natureza.

Estavam agora tão satisfeitos os aimorés, que em hordas vinham a aquartelar-se em casa de Álvaro, o qual logo requereu ao governador que o mais depressa possível o livrasse destes vorazes hóspedes. Fáceis de persuadir quando os não preveniam suspeitas, estiveram os selvagens por ir para qualquer parte, onde gozassem das comodidades do seu novo gênero de vida e foram removidos para a ilha de

Itaparica, postos ali sob o cuidado de três jesuítas, escolhendo-se uma ilha por nada haver assim que recear, caso recaíssem nos antigos hábitos. Mas demasiado repentina fora a mudança: rebentou entre eles uma doença endêmica, que mal dava aos jesuítas tempo para batizar aos moribundos e enterrar os mortos. Após dez semanas desta pia tarefa, informaram ao governador que ou se havia de remover dali o rebanho ou todos pereceriam. Voltaram alguns a ter com Álvaro, dispersando-se os outros por entre os índios mansos, cujas aldeias estavam estacionadas quais outros tantos postos avançados contra os próprios aimorés. Dali, como se havia receado, metiam-se às matas e iam a dar com os presentes; tais eram porém os cômodos da vida sedentária que eles freqüentemente voltavam, trazendo outros; e assim indo uns, vindo outros, encontrava-se ali uma contínua sucessão de hóspedes. Aprenderam alguns a língua tupi para servirem de intérpretes, e a fronteira viu-se livre da terrível guerra a que tantos anos estivera exposta.

Os aimorés estabelecidos na ilha de Itaparica

Rel. An., **ff.121-2**

Havia por estes tempos no colégio de São Salvador um jesuíta por nome Domingos Rodrigues[14], recentemente chegado de Portugal; ligou-se aos aimorés, aprendeu-lhes a língua, e obedecendo ao impulso íntimo que sentia, pediu ao seu superior que o mandasse aos ilhéus, onde esperava da mesma forma efetuar as pazes. Removeram-no pois para o convento dali. Riu-se o povo do projeto, tendo por impossível que os aimorés, encarniçados como estavam em reses humanas, abandonassem jamais os seus hábitos de antropofagia, nem renunciassem a esperança e o prazer da vingança pelas perdas sofridas. Não se deixou Domingos dissuadir por tais arrazoados, e a primeira vez que se avistou uma partida de aimorés, meteu-se em uma canoa com o superior do convento, o capitão dos ilhéus e dois remadores, seguindo todas as outras embarcações em temerosa distância.

Domingos Rodrigues os pacifica nos Ilhéus

Ao chegarem ao alcance de voz do lugar onde estavam ocultos os aimorés, chamou-os Domingos, dizendo-lhes que vinha de paz e como amigo. Passados alguns momentos saíram da espessura, preparados os arcos, dizendo-lhe que podia ele vir, mas nenhum outro, e apontaram o lugar onde deviam fazer alto as canoas. Passando pois a outros batéis os companheiros, adiantou-se ele sozinho no seu, visto o que depuseram os selvagens as armas. Chegado à margem disse-lhes Domingos a que vinha, e deu-lhes farinha, que foi recebida com gratidão. Pediu

então que alguns o acompanhassem à vila, prometendo reconduzi-los na manhã seguinte com maior porção de víveres para os seus amigos. Quatro pessoas se embarcaram prontamente com ele, sendo o maior número que podia levar a canoa.

No outro dia veio ele efetivamente com o superior trazer os quatro índios, aonde cerca de duzentos aimorés com suas famílias reunidos à beira do rio, os estavam aguardando. Um dos quatro visitantes, apenas saltou em terra, pôs-se a partir as setas dos seus patrícios, dizendo que era finda a guerra, e boa gente os padres, que nem tinham arcos nem setas, pelo que nada devia negar-se do que eles exigissem. Desta vez acompanharam-nos trinta selvagens para a vila, onde tão grande foi, ao vê-los, a alegria dos moradores, que tirados da canoa os jesuítas, em triunfo os levaram ao seu convento.[15] Facilmente se concluiu agora a paz, pedindo-se aos novos aliados, que do sertão trouxessem outros da sua nação, para da mesma forma se aproveitarem do benefício da amizade dos padres. Nem tardou que atraída por este convite não aparecesse perto de uma aldeia de pitaguares convertidos uma horda em que vinham duzentos e cinqüenta flecheiros. Os homens eram de elevada estatura, e em ambos os sexos havia muitas pessoas tão alvas como os alemães: eram pois do sul, pois que para haver assim banqueteado com viver perpetuamente à sombra dos bosques, era este povo demasiado numeroso e por demais guerreiro. À vista deles fugiram os pitaguares, mas dois da primeira tribo que haviam sido os mensageiros para estes seus patrícios, adiantaram-se à pressa, dizendo que vinham de paz: saíram-lhes ao encontro os jesuítas, levando da vila quantidade de instrumentos de ferro, e provisões, e recebendo em bem aceita troca os arcos dos aimorés. Levaram-nos aonde estavam os companheiros, que eles abraçaram com vivo sentimento de amor nacional. O efeito que sobre aqueles selvagens produziu a vista e a experiência dos cômodos da vida civilizada, foi tal qual o haviam esperado os jesuítas. Correu a notícia, e bem depressa se formaram dois aldeamentos contendo um mil e duzentos aimorés e o outro quatrocentos, e a capitania, que até aqui só com os freqüentes socorros da Bahia se livrava de total destruição, viu-se eficazmente livre dos seus inimigos.

Rel. An., **ff. 123-5**

Triunfo dos Jesuítas

Tão bem tinha o sistema de Nóbrega sido seguido por Anchieta e seus discípulos, que no fim de meio sé-

culo estavam todos os naturais ao longo da costa do Brasil, até onde se estendiam os estabelecimentos portugueses, reunidos em aldeias debaixo da superintendência dos padres da Companhia. Verdade é que o trabalho lhe haviam facilitado os senhores de escravos, consumindo tão depressa as suas vítimas, que em muitas partes do país pouco restava aos missionários que fazer. Não havia artifício para inflamar a animosidade recíproca das diferentes hordas que aqueles miseráveis não pusessem por obra, para que os indígenas não tivessem tempo de tomar fôlego, reunindo-se contra o inimigo comum, e também para que, andando em contínua guerra, tivessem sempre escravos com que abastecer o mercado. Seguindo esta política, ensinaram aos tupinambás do Recôncavo e de Itaparica, a desenterrar os crânios dos inimigos, quebrá-los e queimá-los, em festa, com a mesma cerimônia como se houvessem ganho uma vitória. Com estas artes tanto havia rareado a população que quando se queriam escravos era mister em longas excursões ir buscá-los ao sertão, tendo os jesuítas da mesma forma de penetrar muita terra adentro em procura de catecúmenos.

Notícias, **Mss.**

Em uma destas jornadas, não pouco se maravilhou um padre de ver que o cacique de uma horda organizara para si um sistema de cristianismo, fundado nas idéias que índios fugidos da costa lhe podiam haver ministrado. Batizara todos os varões Jesuses, e as fêmeas Marias, e compusera uma espécie de liturgia, de que o mais que os jesuítas puderam perceber, foi a invocação de Maria, mulher de Deus. Tinha instituído uma ordem de sacerdotes, obrigados a guardar castidade sob pena de degradação do ofício: a cruz estava em uso, posto que em pouca veneração, mas a única imagem que se encontrou, foi uma raposa feita de cera. Ao instituidor faltou poder ou arte para propagar o sistema que inventara, e esta mitologia morreu provavelmente com o seu autor.

Rel. An., **113**

No governo de Botelho fizeram os holandeses uma tentativa contra São Salvador. Ainda que sede da administração, nem estava bem fortificada nem bem provida de artilharia esta cidade. Mas os moradores portaram-se valentemente, e ou por que fizessem dos meios de que dispunham, uma ostentação de impor ou um bom uso, lograram aterrar ou repelir os invasores. Contudo despachou-se para Espanha Diogo de Campos Moreno, homem de grandes talentos e não vulgar experiência, a representar sobre a pouca segurança de tão importante cidade, e solici-

D. Diogo de Meneses governador. 1608

tar prontas medidas tanto para fortificá-la como para erguer um forte no Recife. Cinco anos teve Botelho as rédeas do governo na mão, sendo então substituído por D. Diogo de Meneses, que dirigiu as suas vistas para o Amazonas.

Era então esta parte da costa freqüentada por franceses e holandeses, não sendo preciso grande previdência para conhecer que se Portugal se não desse pressa em apossar-se daquelas regiões, que como suas reclamava em virtude da linha de demarcação, outros o fariam por conta própria. As informações que acerca dum desígnio desta natureza por parte dos franceses houve o Governador dum corsário daquela nação, de tal importância foram que ele enviou a Madri um memorial instante. A resposta que obteve autorizou-o a seguir os seus próprios planos preventivos, mas nenhum outro acoroçoamento lhe dava. Com pouco resultado tinha Diogo de Campos procurado fazer valer na Corte de Espanha o projeto de colonizar o Maranhão, pois que apesar das representações deste homem hábil entendeu-se ali que o plano visava mais à satisfação de particulares interesses, do que ao bem do público serviço. O proceder de Pero Coelho algum fundamento havia dado a esta suspeita; e agora que era certo ter a França olhos fitos no Maranhão[16], a Corte Espanhola, sempre tardia e remissa nas suas resoluções, apenas se deixou possuir do sentimento do perigo a ponto de permitir que o Governador seguisse a própria discrição. Era fazer bem pouco pois que faltava gente e dinheiro.

A primeira medida do Governador foi inteirar-se das disposições desses índios de Jaguaribe, que Coelho tão vilmente oprimira e que tão bem se haviam vingado. O jovem Martim Soares Moreno (parente de Diogo de Campos), que servira na jornada da serra de Ibiapaba tão prudentemente se havia conduzido com estes tapuias que Jacaúna, um dos caciques, ainda o chamava filho; em virtude disto e do seu reconhecido tino, o nomeou Meneses capitão da Serra. Saiu ele a fundar esta nova capitania com seus dois soldados, contando que lhe mandariam gente e materiais, apenas os houvesse, e confiando por enquanto na própria influência sobre os naturais, que talvez se inquietassem, vendo-o chegar com mais crescidas forças. Levara um capelão, um sino, paramentos e alfaias para um altar. Jacuana forneceu trabalhadores, e começou a fabricar uma igreja em louvor de Nossa Senhora do Amparo e um forte com a mesma invocação.

Não tardou que a fama do novo capitão crescesse com a tomada de um navio holandês por um corpo de tapuias, obra de estratagema, que na guerra é muitas vezes sinônimo de traição, porquanto metera-se ele entre os inimigos disfarçado qual selvagem, nu e pintado de preto o corpo com o suco do jenipapo.[17] Foram mortos quarenta e dois holandeses, provavelmente toda a tripulação, pois é esta a condição com que se guerreia, onde falecem os meios de pôr a bom recado os prisioneiros. Mas tanto que o Governador deixou Pernambuco, para regressar à Bahia, esqueceram-se de Martim Soares os funcionários subalternos, a quem havia sido cometido o cuidado de lhe enviarem reforços; nem foi este o único perigo. Um português, que preferia os índios aos seus conterrâneos, quiçá porque a freqüente vista da opressão lhe inspirara horror à sua própria nação, quiçá porque a companhia dos selvagens melhor lhe dizia com os hábitos bravios, tentou alienar os tapuias. Advertiu-os este homem que olhassem por si, se não queriam ver renovada a tirania exercida por Pero Coelho, e tanto se lhe escutaram os conselhos que mais que um atentado se fez contra a vida de Martim Soares, de modo que outro menos intimamente versado na língua e disposições dos naturais, e menos hábil em haver-se com eles, teria infalivelmente perecido. Não tinha ainda Meneses dado mais andamento aos seus planos de colonização do Maranhão, quando tornaram a aparecer os franceses desejosos de no Brasil tentarem fortuna.

Diogo de Campos, P. 6 Berredo, 109-119

Alguns anos mais atrás tinha um aventureiro francês, por nome Rifault[18], pirateado nesta costa, e tão arteiramente sabido ganhar as boas graças dos naturais que Ovirapive, um de seus mais poderosos régulos, o aconselhou a tentar descobertas e estabelecer-se no país, empresa em que se ofereceu a acompanhá-lo e ajudá-lo. Com avidez abraçou Rifault a idéia; foi à França, e ali com o produto dos seus despojos e a ajuda de outros, que fáceis se deixaram persuadir a tomar parte na aventura, aparelhou três navios, com que em 1594 voltou ao Brasil. Foi refratária a sua gente, os temporais o perseguiram, e, perdido o melhor navio, viu-se obrigado a aferrar à ilha do Maranhão. Corre esta sete léguas de nordeste a sudeste, e quatro de noroeste a sudeste.[19] Vasta baía a separa de ambos os lados do continente, de que fica a duas léguas no rumo do oriente, e três no do poente. Pelo sul está insulada pelo rio dos Mosquitos, que não mede um tiro de mosquete, de orla

Expedição francesa ao Maranhão

a orla. A entrada oriental pela boca do Periá, tem uma barra perigosa, posto que freqüentemente passada por navios; do lado do ocidente nenhum risco se corre, porquanto embora haja falta de água na vazante, na enchente entram com segurança embarcações de maior lote.

Berredo, 20-22

Aqui foi Rifault bem recebido dos habitantes, que eram tupinambás; passado algum tempo voltou ele à Europa, deixando parte de sua gente sob o comando de Carlos des Vaux. O que de Rifault foi feito não é líquido[20], Des Vaux porém ganhou as afeições destes insulares, que soube persuadir a submeterem-se aos franceses, prometendo-lhes proteção, e instrução na verdadeira religião e nos costumes da Europa. Preparado assim o terreno para firmar pé na ilha, foi à França comunicar a Henrique IV o seu projeto. Escutou o grande Henrique as lindas coisas que se lhe diziam: não querendo porém confiar implicitamente nas informações de um aventureiro, mandou Daniel de la Touche, senhor de la Ravardière, com Des Vaux, a averiguar a verdade do caso, prometendo a este que, se tudo fosse como ele pintava, fundaria ali uma boa colônia. Chegados ao Maranhão, demoraram-se seis meses; era exatíssimo quanto Des Vaux havia contado, e voltaram à França.

Entretanto tinha Henrique sido assassinado, e demasiado ocupada com negócios que mais de perto a interessavam, não tinha a rainha tempo para atender aos dois. Ravardière contudo sempre obteve licença de organizar uma companhia para colonizar a ilha. Nicolau de Harlay, senhor de Sancy e barão de Molle e Gros-Bois, e Francisco, senhor de Razilly e Aumelles, com ele se associaram. A rainha os nomeou por cartas-patentes tenentes-generais em nome d'el-rei cristianíssimo nas Índias ocidentais e territórios do Brasil. Deu-lhes uma bandeira esplêndida com as armas da França em fundo de azul-celeste; por divisa um navio com ela mesma ao leme, e o filho à proa, empunhando um ramo de oliveira, que da mão dela recebera, e por mote *Tanti dux foemina facti*. E a pedido de Razilly, que mais por motivos de piedade do que de ambição tomara parte na empresa, ordenou ela ao Provincial de Paris que designasse quatro capuchinhos para irem como missionários. Como chefe da missão foi Cláudio d'Abbeville,* que escreveu a história desta jornada. Ravardière era hu-

---

* Equívoco, aqui, do autor. O chefe da missão dos capuchinhos, arregimentados no convento de Saint Honoré, em Paris, foi Yves d'Evreux, que trouxe os freis Claude d'Abbeville, Ambroise de Amiens e Arsène de Paris para criar, na ilha do Maranhão, a França Antártica. (Nota desta edição.)

guenote e da mesma confissão muitos dos seus sequazes, não parece porém que esta diferença de religião ocasionasse a menor desinteligência.

Berredo, § 111-113, 120-125

Em Cancale na Bretanha, onde o bispo de San Malo foi lançar-lhe a sua bênção, se aparelhou a expedição. A 25 de janeiro de 1612 consagrou o prelado quatro cruzes, das quais entregou uma a cada missionário, benzendo depois as bandeiras e por fim as armas de Razilly. Sua principal intenção fora benzer os navios, mas receou-se que isto apurasse demais a paciência aos huguenotes, e o mau tempo ofereceu desculpa para deixar aos capuchinhos o cuidado da cerimônia. Antes de dar à vela fizeram todos os aventureiros aos seus oficiais promessa solene de obediência, escrita e assinada por cada um.

1612

1612

De três navios se compunha a esquadra: *La Régente*, em que iam os dois Tenentes-Generais Razilly e Ravardière; *La Charlotte,* ao comando do Barão de Sancy, filho, ou irmão do terceiro associado; e a *Sainte-Anne*, de que era capitão um irmão de Razilly. Não chegava bem a quinhentos homens a força toda. A 19 de março saiu a frota; mal deixara o porto quando caiu um temporal que, dispersando-a, atirou com um navio a Falmouth, com outro a Plymouth, e com o terceiro a Dartmouth. Cada um deu por perdidos os companheiros; não tardou porém a saber-se o contrário, e os outros dois barcos vieram reunir-se ao Almirante em Plymouth, onde o Governador lhes prestou tão bons ofícios, que em poucos dias puderam prosseguir na derrota.

Berredo, 126-133

Chegam os franceses ao Maranhão

Ao sul da Linha encontraram três galeões portugueses que vinham da Índia; nenhuma das frotas, depois de se terem olhado, julgou prudente vir às mãos, e seguiu cada uma o seu rumo. Poucos dias ancoraram os franceses na ilha de Fernando de Noronha, onde acharam um português com uns poucos de tapuias de ambos os sexos. Segundo estes mesmos diziam, tinham sido para ali desterrados de Pernambuco, mais pareciam porém fugitivos[21]; os frades facilmente converteram os índios, batizaram-nos, e uniram em matrimônio um casal deles. Apenas souberam do fim da expedição, suplicaram aos franceses que dali os levassem, proposta em demasia vantajosa para deixar de ser aceita, pois que esta gente sabia dar informações sobre o Estado do Maranhão.

Berredo

Desta ilha saíram os franceses na tarde de 8 de junho, e na manhã do dia 11 avistaram a costa do Brasil, onde depois de se terem detido por muitos dias, refrescando após tão longa viagem, entraram à barra do Periá, e fundearam a doze léguas do Maranhão,[22] perto da ilha de Upanmeri, depois chamada de Santana, nome que Razilly lhe pôs, por ter ali chegado no dia da santa. Achavam-se no mesmo ancoradouro dois barcos de Dieppe; por estes nada se soube que indicasse mudança nas disposições dos tupinambás, não obstante o que porém julgou-se prudente que Des Vaux fosse adiante a dar com os seus amigos antes que avançasse a frota. Havia na ilha vinte e três hordas ou aldeias; Des Vaux entrou na maior, e sendo recebido com toda a alegria e cordialidade que podia desejar ansiosamente aguardada.

Entretanto tinham Razilly e os frades feito uma cruz grande, que este comandante com os principais da armada levaram à costa por quase uma milha até uma ligeira eminência em Santana, onde benzida a ergueram, e depois benzida também a ilha, a dedicaram à Virgem Maria. Bem conheciam os capuchinhos quanto lhes convinha infundir nos naturais respeito ao seu caráter, pelo que ali se deixaram ficar enquanto Razilly e Des Vaux prosseguiam com a maior parte da gente para o Maranhão, e declaravam aos tupinambás que os padres vindos da França a instruí-los na verdadeira religião, não desembarcaria entre eles sem serem certos de que os receberiam com a veneração profunda que lhes era devida. Em resposta a isto, Japi-Wasu, cacique principal da ilha[23] de cerca de cem anos de idade, mas ainda em todo o vigor de suas forças, agradeceu a Razilly o haver trazido os pajés franceses; porquanto, dizia ele, quando os malditos Peros tantas crueldades contra nós cometeram só nos acusavam de não adorarmos Deus, mas como o adoraríamos, se não nos ensinam a conhecê-lo?[24] Ele e o seu povo, acrescentou, se haviam cansado de esperar remédio da parte da França, e com medo de seus mortais inimigos os Peros,[25] resolvido retirarem-se tão longe pelo sertão adentro, que nunca mais cristão os visse, a ali passaram o resto de seus dias, não curando mais de campainhas, machados, navalhas, e mais coisas que soíam receber dos franceses, contentes com a miserável vida que haviam vivido seus maiores, a revolver a terra e cortar árvores com instrumentos de pedra. Depois, dirigindo-se a Razilly, disse: “Grande fama ganharás por teres deixado país tão belo como a França, abandonando mulher, filhos e parentes para vir aqui viver; e posto que tão formosa como a tua não seja a terra, nem possas haver todas as coisas boas a que

estás acostumado, contudo se considerares a uberdade do torrão, quão cheio é de aves, e de caça e de frutos, seu mar, seus rios, a regurgitarem de peixe, e o bravo povo que te obedecerá, e te fará conquistar todas as nações vizinhas, serás contente. Pelo que tange ao nosso alimento, em breve com ele te habituarás, e conhecerás então que a nossa farinha em nada o cede ao teu pão, que muitas vezes hei comido."

Mandou-se agora pelos capuchinhos. Um corsário francês, que costumava depositar aqui a sua rapina, assistiu com as tripulações de outros três navios de Dieppe à cerimônia do desembarque, e ofereceu a todos uma ceia tão lauta à moda francesa, que não houve motivo para suspirar pelas gulodices da Europa. Desde logo se principiou a construir um forte em que se montaram vinte peças de artilharia de grosso calibre. Contíguo a ele um armazém para as mercadorias que haviam trazido os franceses, e a curta distância uma casa para os missionários, que na alegria de suas esperanças a chamaram convento de S. Francisco. Benzeu-se a terra para a purificar do pestífero paganismo, que por tanto tempo a contaminara; plantou-se uma cruz, e Razilly achou modos de combinar a cortesania com a religião, chamando o forte S. Luís em honra do rei e do seu canonizado avô; a baía chamou-a Santa Maria, com o que por intermédio da virgem rendeu uma fineza à rainha regente.

Fundação de S. Luís

Berredo, 151-8

Disposições dos naturais

Um dos principais empenhos dos franceses era açular a inimizade dos naturais contra os portugueses. Não carecia esta de incitação. As guerras de Coelho na serra de Ibiapaba, e o seu infame tráfico de escravos em Jaguaribe, viviam frescos na memória ainda. Des Vaux e Razilly andaram de horda em horda, discorrendo sobre a tirania dos portugueses, e exagerando os benefícios que da proteção da França se devia esperar. Numa das aldeias deu um velho, por nome Mombore-Wasu, uma resposta de tocar no vivo, contando o que dos portugueses se referia. Principiaram, disse, por traficar, e livremente coabitaram com as filhas de nossos irmãos de Pernambuco, que por grande honra o tiveram haverem filhos deles. Logo pareceram tornar-se escrupulosos, dizendo que precisavam dum pajé que os casasse, e afinal pediram escravos que lhes cultivassem as terras a eles e ao seu pajé. Pondo assim claramente diante dos olhos aos seus companheiros, que os portugueses tinham principiado exatamente por onde começavam agora os franceses, e tirando a irrefragável conseqüência que estes acabariam por onde acaba-

ram aqueles, advertiu-os que, aproveitando da experiência, desconfiassem de todos estes estrangeiros. Razilly percebeu que não havia sofisma que sobrepujasse a impressão imediata que este velho produzira, e prudentemente achou escusa para retirar-se, mas o efeito foi passageiro, como era de esperar. Os selvagens somente são tenazes nas suas afeições, sejam boas ou más; pouco acostumados a raciocinar, não podem ter muito tempo presentes as suas conclusões. Exposta a sua opinião, era Mombore-Wasu velho demais para sentir em si o ardor de fazê-la prevalecer; bem depressa foi pois esquecida. Todos os tupinambás da ilha se puseram debaixo da proteção da França, exemplo que foi seguido por duas tribos da terra firme, uma em Tapuitapera com dez aldeias, e outra em Cumã com onze. Como para legalizar o seu direito a um país de que com o pé de protegê-lo vinham apossar-se, induziram Ravardière e Razilly seis dos caciques a hastear a bandeira francesa ao lado da cruz.

Proceder dos franceses

Queixara-se Japi-Wasu que os portugueses lhe matavam os conterrâneos por fenderem os lábios e trazerem cabelos compridos, e que em sinal de ignomínia rapavam a cabeça a quantos subjugavam. Com mais prudência se houveram os franceses a respeito dos costumes dos índios. Se quereis, diziam, furar as faces, furai-as à vontade; e se gostais de pintar a pele, da França vos traremos cores mais belas do que nenhuma que possuís. Mas para que fazer o que é tão incômodo? Se no lábio inferior fosse necessária uma fenda, Deus a teria feito; e se furos fossem de algum préstimo nas orelhas, furos nelas teríamos como no nariz; e da mesma sorte se fosse melhor não termos barba, nenhuma nos cresceria. Os tupinambás do Maranhão perceberam o bom senso desta linguagem, e diz-se que a escutaram. Foram as coisas indo bem, e os dois comandantes, que procediam com a maior unanimidade, concordaram agora que fosse Razilly à França tratar dos negócios imediatos da colônia; feito o que voltaria a tomar sobre si toda a gerência, indo Ravardière residir na mãe pátria. Obrigou-se este último a manter tudo no estado em que ficava na ausência do colega, promovendo também com a melhor vontade a propagação da fé católica. Claude d'Abbeville foi com Razilly à Europa, levando seis tupinambás, não batizados, para dar aos parisienses o espetáculo da cristianização destes selvagens. Esta parte do plano surtiu maravilhoso efeito. Verdade é que três deles mor-

Claude d'Abbeville, ff. 61

Volta Razilly à França

reram pouco depois de se verem em terra, mas os outros três faziam um dia de festa, onde quer que apareciam, e o rei e a rainha regente lhes foram padrinhos.

Berredo, 1613

Infelizmente para os franceses tinha já o governo do Brasil voltado a atenção para o lado do Maranhão, e muito antes que a menor notícia destes entrelopos chegasse a Madri, já Gaspar de Sousa, o novo Governador, recebia ordem de prosseguir na descoberta e conquista do rio das Amazonas e partes adjacentes, acenando com promessas de especial favor a todos os que fossem nesta jornada. Repetidas representações tinham afinal feito recear a Corte Espanhola que o Pará ainda fosse invadido por aquele lado. Recomendava-se ao Governador que fosse estabelecer a sua residência em Olinda, donde melhor aceleraria a expedição, cujo comando se deu a Jerônimo de Albuquerque, por ter viajado muito pelos sertões de Pernambuco, ser versado na língua tupi, e gozar entre as tribos do Norte dos foros de grande protetor e amigo da raça índia. Em toda a história da América portuguesa e espanhola, nada surpreende tanto como a manifesta insuficiência dos esforços envidados e meios empregados para os fins a que se visava, e os resultados que se colhiam[26]. Este armamento, para facilitar o qual teve o Governador-Geral do Brasil ordem de mudar de residência, nomeando-se para comandante um homem da primeira nobreza e importância no país, compôs-se de seus cem homens em quatro navios. Jerônimo[27], fez-se de vela do Recife, no Ceará tomou Martim Soares, deixando em seu lugar Estêvão de Campos, e seguiu para o Buraco das Tartarugas[28], que deságua nos baixios ou parcel de Jericoacoara; ali plantou na foz do rio uma fortaleza com paliçada, que chamou de Nossa Senhora do Rosário, e despachou Martim Soares com um dos navios a reconhecer a ilha do Maranhão. Tendo aguardado por muito tempo a volta deste, ou novas suas, cansou-se Jerônimo de esperar, e deixando quarenta soldados às ordens do sobrinho, regressou por terra a Pernambuco, onde chegou umas dez semanas depois de ter dali saído, com grande desprazer do Governador, que dele presumira mais zelo e melhores serviços.

Gaspar de Sousa mandado a colonizar na direção do Amazonas

Diogo de Campos, 7

Primeira expedição de Jerônimo de Albuquerque

Berredo, 188-193

Diogo de Campos

Apresentavam por este tempo os holandeses um armamento que se supunha dirigido contra estas costas. Estava então em Madri requerendo o galardão de seus longos serviços, Diogo de Campos Moreno, Sargento-Mor do Brasil, e próximo parente de Martim Soares. Como sucede a homens que só têm serviços que fazer valer, nada mais que promessas podia ele obter: não escrupulizou porém a corte em exigir dele novos serviços, negando-lhe a recompensa dos antigos, e convidou-o a ir cooperar para o projeto de colonizar o Maranhão. Quatrocentos soldados se lhe prometeram apenas chegasse a Lisboa, mas depois de tê-los por meses esperado naquela cidade, teve de partir com os que pôde haver, que não foram nem a quarta parte daquele número. Entrou no Recife em maio de 1614, e achou outra expedição apercebendo-se debaixo do mesmo comandante e para o mesmo intento.

Jornada do Maranhão, **9. Berredo, 194-6**

É investido o presídio do Rosário

Haviam-se descuidado do novo forte, deixando a guarnição três meses sem provisões além das que por si mesma podia obter. Contudo tinha ela repelido um formidável ataque dos indígenas, obrigando-os a suplicar a paz. Estas boas novas vieram estimular o Governador que imediatamente mandou um caravelão de reforço para aquele presídio, com trezentos soldados e material de toda a espécie, exceto que por indesculpável negligência daqueles a cujo cargo estava abastecer o navio e daqueles cuja obrigação era ver como isto se fazia, saiu o barco com dois arráteis apenas de pólvora a bordo.

1614

9 de junho

Jamais reforço chegou tão oportuno. Três dias depois apareceu um navio francês comandado pelo senhor de Pratz, com doze capuchinhos e trezentos homens para a colônia da ilha do Maranhão. Tinham sabido do minguado estado da guarnição, e contando achar estas obras de madeira defendidas por seus vinte e cinco portugueses meio mortos de fome, desembarcaram duzentos homens, e antes de travada a peleja, cantaram a vitória. Os portugueses porém, guarnecendo um passo, rechaçaram-nos para bordo.

Martim Soares impelido para a Europa

Mais de ano era decorrido desde que Martim Soares fora mandado a reconhecer a ilha do Maranhão sem que dele se houvesse nova; nem consta que o Governo do Brasil tivesse conhecimento do estabelecimento ali formado pelos

franceses, enquanto não chegaram notícias deste capitão. Tinha este, descoberta a colônia e reconhecida bem a sua força, procurado voltar contra a monção. Coisa é esta quase impossível; tão constantes sopram os ventos em sentido oposto, que uma brisa do Maranhão para Pernambuco se olha para assim dizer como milagrosa. Perdido na tentativa um mastro, teve afinal de demandar a Espanha, como o caminho mais curto para casa; dali despachou desde logo o piloto, com a notícia para o Brasil, e foi ele mesmo expor o caso ao ministro em Madri. Sabido isto, expediram-se novos despachos a Sousa com ordem positiva de dirigir toda a sua atenção para a conquista do Maranhão. Havia muito que se trabalhava nos preparativos; Jerônimo de Albuquerque estava na Paraíba, levantando um corpo de índios, e Diogo de Campos procurando debalde transportes para levar as tropas, de que havia trezentos homens sem contar os índios e munições para abastecê-las.

Berredo, § 201-8

Novas dificuldades ocorreram; só dos dízimos se podiam tirar os fundos para a jornada, e logo nesta ocasião chegou uma ordem para remissão de tal imposto. Impossível era cumprir o decreto, e o Governador apressou a partida das forças. Saíram imediatamente dois caravelões a fazer junção com Albuquerque, que se supunha dever achar-se no Rio Grande (do Norte). Por eles novas instruções se mandaram; principiava o Governador a recear que os seus projetos fossem longe demais, e por isso limitou as operações ao território entre o rio Titóia e a ilha do Periá, onde Albuquerque devia fortificar-se, não avançando mais sem ordem dele ou da corte. Grandes coisas se esperavam duma expedição em que se desenvolvera atividade tão superior à costumada. Gregório Fragoso d'Albuquerque, sobrinho do comandante, deu o nobre exemplo de aceitar um posto de capitão com soldo de soldado, e todos os demais oficiais o imitaram. Quatro companhias se formaram de sessenta praças cada uma; os voluntários formavam corpo separado, os recrutas foram retidos nas fortalezas e na prisão até poderem ser metidos a bordo. Tratava-se exatamente de embarcar, quando do Rio de Janeiro chegaram alguns navios carregados de farinha: logo requereu Diogo de Campos instantemente mais algumas provisões, ponderando que o armamento delas carecia para seis meses, sendo imprudente confiar em matéria de

Segunda expedição de Jerônimo de Albuquerque

manutenção nas mais sinceras promessas de fornecimento. Em conseqüência deste requerimento obteve seis mil alqueires, e mais animada saiu a expedição, posto que miseravelmente provida: sem vinho, azeite, medicamentos, médico nem cirurgião-barbeiro. De socorros espirituais contudo não levava míngua. Dois capuchinhos de Santo Antônio haviam oferecido, voluntários, os seus serviços: o P. Fr. Cosme de S. Damião, era um e o outro o P. Fr. Manuel da Piedade, brasileiro de nascimento, de família nobre, e versado na língua tupi. Nenhuma ajuda receberam do Governador estes missionários, o que bem mostra qual não seria a penúria do tesouro; pessoas pias contudo os supriram não só com paramentos e alfaias de igreja, mas também com abundantes provisões de que poderiam socorrer eficazmente os aventureiros. Com sua afabilidade, zelo e não fingida virtude ganharam e mereceram estes frades a boa vontade de todo o armamento. Animavam e acoroçoavam a gente, mas ao mesmo tempo tão perfeitamente conheciam a deficiência de tudo o necessário, que chamaram esta a jornada milagrosa.

Jornada do Maranhão, **p. 14**

Encontraram no caminho o navio que socorrera o forte das Tartarugas, e que havia setenta e cinco dias forcejava por montar Pernambuco. No terceiro dia alcançaram o Rio Grande, e passando a salvamento sua perigosa barra, deram fundo dentro. Jerônimo de Albuquerque já era chegado, e aqui passaram os dois comandantes revista às suas forças reunidas; compunham-se de dois galeões, uma caravela e cinco caravelões, não sendo mais de trezentos os soldados; de índios havia apenas duzentos e trinta e quatro às ordens de doze caciques, embora se soubesse que nas dependências do forte do Rio Grande se não contavam menos de quinhentos flecheiros. Camarão[29] cacique cujo nome repetidas vezes tem de aparecer daqui por diante, devia ir reunir-se-lhes com mais quarenta marchando por terra. As mulheres e crianças dos aliados eram mais de trezentos.

Junção de Albuquerque e Campos

Estava tudo pronto para o embarque, quando a Albuquerque ocorreu que os navios eram demasiadamente pequenos, que havia risco de irem a pique, e que, encontrando-se qualquer dos piratas que de contínuo infestavam a costa, seria certa a ruína, pois que as embarcações não eram de combate, nem se poderiam montar as três pecinhas, em que consistia toda a artilharia. Por todas estas razões resolveu marchar por terra com a

maior parte das tropas. Diogo de Campos admitiu a força da argumentação, observou porém que referindo-se a objeção mais importante à incapacidade dos navios, cumpriria experimentá-la, embarcando a gente, pois que doutra forma se não poderiam dar ao Governador boas contas. Também fez ver que com este novo arranjo seria Jerônimo o responsável pela segurança das duas partes da expedição, ambas expostas a perigo, suscetível à partida de terra de sofrer falta d'água e de mantimento antes de chegar ao forte do Ceará, lugar aprazado para a nova junção, e a de mais segura presa dos corsários, se os encontrasse, privada como ia da sua principal força.

Depois de perdidos dois dias em hesitações cedeu o comandante ao peso destas razões. Outros dois depois da saída do Rio Grande, entrou a expedição na baía de Iguape. Entretanto viera o enjôo do mar em reforço da opinião de Jerônimo de Albuquerque; desembarcou ele pois com os índios, e após dois dias de marcha foi reunir-se à frota em Nossa Senhora do Amparo, donde se despachou para o forte das Tartarugas um navio com o anúncio da chegada. Havia quatorze meses que o capitão do presídio do Ceará esperava esta expedição, a que se reunia com a flor de sua gente, ficando em seus lugares outros que bem estimaram ver-se livres de navios tão atulhados. Chegou também Camarão, vindo do Rio Grande, e tendo sofrido tanto pelo caminho, que disto fez pretexto para obter licença de ficar ali, a cevar-se, em frase selvagem, com seu irmão Jacuana, o amigo de Martim Soares. Mas toda a dialética de Alburquerque foi perdida para resolver Jacuana a mandar mais de vinte índios às ordens dum de seus filhos, triste compensação por quarenta desertores que no território deste se haviam refugiado; e nem isto se conseguiu sem que o comandante deixasse ali algumas de suas índias, e um filho seu próprio de dois anos de idade como reféns e penhor da sua boa-fé, tão profunda impressão deixara nos ânimos destes tapuias a perfídia de Pero Coelho.

Chegam ao presídio das Tartarugas

Má estação era esta; a vizinhança de aldeias de índios relaxava a disciplina, o lugar era insalubre, e os ratos roíam os cabos. Passou-se Diogo de Campos pois para a baía de Paramirim, três graus ao sul da Linha, e ali desembarcou a sua gente, aguardando o comandante. Chegado este, ainda cinco dias se gastaram antes que outra vez pudessem reunir os aliados; dobraram então a ponta grande do parcel de Jericoacoara (que é do mais fino jaspe multicor) e desembarcaram no

Berredo, 226-34

forte ou presídio das Tartarugas. Era este um péssimo lugar para os navios ainda que os franceses o freqüentavam, pois não lhes oferecia abrigo. Albuquerque pensou que o rio Camuçi seria mais seguro ancoradouro, mas examinada achou-se tão difícil a entrada e tão pobre a terra, que melhor pareceu ficar onde se estava.

Berredo, 226-34

Decepção do auxílio do Grão-Diabo

Antes de avançar mais convinha granjear a boa vontade dos tapuias da serra de Ibiapaba, com os quais de novo se haviam travado relações amigáveis, e dos taramambeses de Titóia, que Martim Soares tinha conciliado ao ir reconhecer o estado da Ilha do Maranhão. Da sua amizade não se esperavam grandes coisas, mas teria sido perigosíssima a sua inimizade, caso tivessem os portugueses de seguir por terra. Mandou-se chamar o poderoso régulo Juripariguazu, o Grão-Diabo, pensando Albuquerque convencê-lo de que era este cometimento de igual interesse para ambos, e obter dele os socorros já prometidos, quando não contava com que viessem a ser precisos. Mas os que ali tinham estado de guarnição logo asseveraram ao comandante que eram inteiramente vãs tais esperanças, e que o Grão-Diabo não poderia achar nome que melhor lhe assentasse. Muito não havia ainda que ele, à força de instâncias, alcançara dois soldados portugueses que o ajudassem contra outros tapuias; e ganha a vitória, graças a este reforço, e devorados os prisioneiros, teria comido também os dois auxiliares, a não ter sido sua mulher Itabu, que a muito custo o pôde dissuadir do intento. Ouvido isto, dispôs-se Albuquerque a receber uma resposta evasiva, e a com ela contentar-se. Por conseguinte, quando dois embaixadores do Grão-Diabo vieram dizer que uma moléstia contagiosa lhe estava dizimando o povo, mas que apenas esta cessasse, cumpriria ele a promessa, o comandante julgou prudente dar-se por satisfeito e despedi-los presenteados.

Chegam à ilha do Periá

A máxima mais comum na boca dum português é paciência quando não há remédio. Após a nova decepção consolaram-se os aventureiros, praticando esta tão prestante virtude, e recomendando a mal-aventurada empresa a Deus, e orações dos capuchinhos. Tiveram porém o conforto de ouvir a primeira missa que jamais se disse na baía de Paramirim. Com missa cantada e tangeres de flautas celebraram os frades o dia do seu patriarca São Francisco, comungando muita gente

e assistindo todos ao serviço divino com extrema alegria e devoção; e no domingo seguinte, dia de Nossa Senhora do Rosário, pregou Fr. Manuel o primeiro sermão que retumbou por aquelas praias, e também o primeiro que o pregador havia composto. Concluída a prática, houve revista geral, parada e combate simulado em honra da santa. Todas estas coisas animavam e divertiam o povo, levantando-lhe os espíritos quando mais careciam de acoroçoamento. A falta dos socorros com que havia contado aqui, tornava a expedição muito mais fraca do que se calculara; os índios das vizinhanças do Maranhão estariam sem dúvida em aliança com os franceses, nem se podia esperar cooperação ao avançar. Por outro lado, se os portugueses se retirassem, seria com perda da reputação, e deixando expostas as fortalezas. Reuniu-se um conselho, e a resolução unânime foi de fortificar o rio Titóia, primeiro lugar de que rezavam as instruções. Chamaram-se os pilotos, e soube-se que nenhum só dentre eles conhecia a entrada da corrente. Nunca em tal se havia pensado. Um certo Sebastião Martins afirmou conhecer o porto do Periá, ilhota que também figurava nas instruções, e para lá se resolveu seguir. Embarcou a gente sem murmurar, posto que em navios tão pouco próprios para transportes, que não havia onde deitar-se de noite, nem outro mantimento, que esperar a bordo, além de farinha de mandioca e água.

Na madrugada seguinte ao dia da saída, disse Sebastião Martins que a terra que se avistava ficava a três léguas do Periá; os outros pilotos declararam não a reconhecerem, e ele próprio daí a pouco confessou haver-se enganado, mas fosse o vento mais fresco, que toda a frota se teria provavelmente perdido. Afastou-se ele de novo da costa, largando todo o pano, pois Martins calculou agora que ainda ficava a mais de dezesseis léguas do porto. Impossível era ganhá-lo senão com uma hora de noite pelo menos; contudo, nada mais se podia fazer do que demandá-lo, e entrá-lo com o escuro, não conhecendo ninguém outro ancoradouro onde aguardar o dia. Era favorável o vento; atinou-se com o canal, e por ele se passou a salvamento, ainda que tocando freqüentemente em bancos de areia[30]. Tão senhora de si era porém esta gente, que ao roçarem com a quilha as embarcações, nenhuma voz se ouvia, senão a do comando, não fosse algum desnecessário alarido aterrar os que atrás vinham, pondo-os assim em maior perigo. Às dez horas lançaram ferro três léguas rio acima.

Berredo, 238-42

Jornada do Maranhão, **31, 32**

Irresolução de Albuquerque

Desde logo saltaram em terra os dois comandantes com parte das tropas, para assegurarem na manhã seguinte o desembarque ao resto, caso aparecesse oposição. Ao romper o dia viu-se que era deserta a ilha; tomou-se posse dela com as cerimônias do costume, e Francisco de Frias, o engenheiro-em-chefe, pôs-se a catar sítio em que plantar um forte. Achou muitas posições boas, mas em todas faltava a água. Fácil era obtê-la, abrindo poços, mas os soldados que haviam estado de guarnição em Nossa Senhora do Rosário, ao uso de tal água, atribuíam todas as moléstias que tinham sofrido. Correu de boca em boca a descrição que faziam dos seus padecimentos, e a ilha do Periá a todos se tornou logo odiosa. Olhavam-na como lugar necessariamente mortal, e disfarçando o medo com ostentação de bravura, clamaram que era mister buscar posição mais perto do inimigo, que ali não havia que combater senão os animais ferozes, e morrer de sede. À testa destes berradores achava-se o alferes Sebastião Pereira, quiçá animado com ver que Albuquerque para a mesma opinião se inclinava.

Persuadira-se este comandante que fácil lhe seria chamar a si os tupinambás do Maranhão, fazendo-os romper a aliança francesa, e indeciso sobre o que faria, nenhuma medida tomava para defesa da posição que ocupava. Diogo de Campos, soldado mais velho, e a quem a experiência ensinara a precaver-se sempre dos perigos, conjurou-o que completasse as linhas já principiadas. A isto respondia o outro que não via inimigo de quem acautelar-se, pois que, quanto aos franceses do Maranhão, ou toda a história não passava duma invenção de Martim Soares, ou, se ali os havia, tão poucos eram que não se atreviam a mexer-se dos seus fortes. Absolutamente impossível era, dizia ele, que povo tão amestrado na guerra como os franceses, deixasse aberto este porto, tão perto deles, e importante como era, se tivesse forças com que senhoreá-lo.

Estava pois resolvido a avançar direto sobre o Maranhão, último fito do governador e da corte de Madri, e se a navegação parecesse por demais perigosa para os galeões, só com os caravelões se iria.

Aconselha Diogo que se fortifique a ilha

Não maravilhou esta linguagem menos a Diogo de Campos, do que o mortificou. Replicou que era precipitado o projeto de investir a Ilha do Maranhão, abandonada a estação que se ocupava, e que assegurava livre acesso a ela. Em

todo o caso, fossem exatas ou não as notícias que de Martim Soares se tinham, não seria perder tempo fortificar esta posição, que mesmo segundo os argumentos de Albuquerque, era essencial para segurança do Maranhão. Cumpria recordar que a alterosa nau, que acometera o presídio das Tartarugas, devia estar agora fundeada junto do estabelecimento francês, com muitos outros navios de maior ou menor força, e que mal iria à frota, desapercebida como vinha para entrar em ação, se com eles se encontrasse. O melhor que podiam fazer, era fortificarem-se onde estavam, e mandar recado tanto a Portugal como ao governador. Por mais poderosos que fossem os franceses, não poderiam tolher-lhes o receberem reforços, enquanto mantivessem aquele posto; e os tupinambás metidos no interesse da França, sabendo que os potugueses vinham aliados com seus mortais e terríveis inimigos os taramambases, mais se horrorizariam ainda desta aliança do que da força das armas contrárias.

Berredo, § 247

Pareceram estas razões ter algum peso sobre o ânimo de Albuquerque, que num bote de seis remos mandou outros tantos soldados a reconhecer a Ilha do Maranhão, examinar-lhe a barra, e, sendo possível, apanhar um prisioneiro. Foi comandando a partida Belchior Rangel, natural do Rio de Janeiro, mancebo de grandes esperanças, e mui versado em grande número de línguas indígenas. Na manhã seguinte principiou o comandante a buscar lugar para o seu acampamento, tomando consigo Diogo de Campos; pouco faltou porém que a este se acabasse a paciência, vendo quatro dias perdidos em tão improfícuas e frívolas delongas, sem que nas trincheiras se desse uma enxadada. De nada serviram suas exclamações contra esta inqualificável imprudência, até que com a longa ausência de Rangel principiou o próprio Albuquerque a inquietar-se, e mandando chamar Campos à sua tenda, disse-lhe que receava ter sido tomado o bote, mas assim como assim cumpria prover à própria segurança. Esperando que o outro não teria tempo de mudar de propósito chamou o ajudante-geral o engenheiro-em-chefe, e saíram ambos, embora fosse noite, a procurar posição mais perto da barra. Acharam uma com um lago de água doce ao lado: deu-se ordem para que logo de madrugada começassem os trabalhos, mas nesse mesmo momento apareceu uma luz à entrada da baía, e chegou Rangel com o seu bote. A parte que deu foi ter explorado to-

Sai Rangel a um reconhecimento

dos os canais perto do Maranhão sem ter visto gente nem embarcação francesa; mas que defronte daquela ilha havia um lugar chamado Guaxenduba mui próprio tanto para acampar como para manter a tropa, regado como era por delicioso rio, que tornava possível toda a cultura. Perfeitamente a coberto do inimigo ficava o caminho para ali, torcendo-se por entre muitas ilhas que encobriam totalmente a passagem. Enquanto Rangel estava contando isto ao comandante, ouviram os soldados o mesmo da boca dos companheiros; renovaram pois os clamores contra o plano de ali se entrincheirarem, e, esquecida toda a disciplina, insistiram por que os conduzissem mais perto do inimigo. Sem tentar de forma alguma fazer calar estes clamores, recolheu-se Albuquerque à sua tenda.

Passam-se para Guaxenduba

Diogo de Campos contava ainda que as obras principiariam de manhã, segundo a última resolução tomada. Mas o catavento da opinião de Albuquerque girava de novo, e após mais dois dias de irresolução e ócio, deu ele ordem de tornar a embarcar, e aproar para Guaxenduba, em despeito de todas as dissuasões do seu imediato. Tão satisfeito estava o comandante com as notícias que Rangel trouxera, e tão confiado na sua imaginária influência sobre as tribos indígenas, que ao desfraldarem-se as velas para sair, ofereceu a Diogo de Campos a aposta dum par de meias de seda, em como antes de sábado teria alguns índios do Maranhão às suas ordens. Respondeu este: "Muito folgarei com perdê-las, pelo grande regozijo que todos teremos em tal caso; mas lembrai-vos bem, que quererei recebê-las, se ganho."

Por entre tão inumerável multidão de ilhas seguia a derrota, que por esta razão, e por ser dia de Santa Úrsula e das suas companheiras, pôs-se o nome de Onze Mil Virgens ao lugar onde se passou a primeira noite. Quatro dias levou esta penosa passagem, tocando muitas vezes os navios, e encalhando alguns no lodo e areia branda, em que as quilhas penetravam tanto adentro que os navios ficavam aprumados, quando, retirando-se, os deixava a maré em seco. Afinal porém ganhou-se o porto, indo a frota tão vistosa de bandeiras, flâmulas e galhardetes, que do Maranhão se deu por ela, e logo uma linha de fogos ao longo da costa comunicou o rebate ao forte de S. Luís. Não custou muito a Diogo de Campos interpretar este sinal. "Quer parecer-me, senhor", disse para Albuquerque, "que tenho ganhar as meias, e que por índios

aliados vereis franceses inimigos. Não são acidentais estes fogos, nem obra de selvagens. Tratemos pois de entrincheirar-nos sem demora, e de descarregar os barcos." Desembarcaram os portugueses sem oposição, e resolveram ali fortificar-se. Antes que pudesse o engenheiro dar princípio à obra, outra vez balanceou a resolução de Albuquerque. Primeiro opinava por uma simples paliçada nas matas à moda dos índios, quais se usavam no sertão, sendo estas, dizia, as únicas fortalezas precisas em tais paragens. Depois tinham-lhe alguns dos tapuias falado noutra posição sobre o rio Moni, perto da foz de Itapicuru, que erradamente tem sido por vezes chamado o Maranhão, e para ali se inclinava a passar-se. Fizeram-no Diogo e o engenheiro afinal abandonar tal projeto, e deixar-se ficar onde estava; e dois dias depois da chegada mandou que os frades tirassem sortes à missa, para determinar debaixo de que invocação se construiria o forte. Saiu a Natividade de Nossa Senhora, e nessa mesma tarde se principiaram as obras, debaixo da soberana proteção da santa, como se cria.

28 de outubro

Presunção de Albuquerque

Não tardou a vir da ilha um cacique tupinambá, queixando-se do tratamento recebido dos franceses e dando conta das forças deles. O que referiam os companheiros não combinava com as suas palavras, mas Albuquerque era fácil em acreditar o que ia de acordo com as suas próprias idéias, e difícil em dar ouvidos ao que as contrariava. Ofereceu-se este selvagem a chamar ao partido português algumas das hordas do Maranhão, e o general, confiando cego na veracidade destas falas, mandou com ele cinco dos seus mais seguros aliados, retendo como reféns dois da comitiva do índio, que se diziam filhos doutro cacique da ilha. Ficou agora persuadido que só trataria assim com os naturais, obteria posse da ilha, nem todas as advertências de Diogo de Campos lhe puderam abalar a absurda confiança. Ainda em bem que a sua enfatuação não impediu o progresso dos trabalhos, assestaram-se as poucas peças que havia e levantaram-se as obras exteriores. Enquanto assim estavam empregados, aventuraram-se algumas mulheres e crianças dos índios imprudentemente fora do arraial, e embora estivessem a pequena distância, desembarcou uma partida de selvagens da ilha, e caiu sobre elas. Principiaram por matar e desmembrar quatro raparigas com horrível barbaridade; um tapuia, que por acaso se achava perto, tentando defendê-las,

teve a mesma sorte, mas estava dado o rebate, e eles retiraram-se a toda pressa com os prisioneiros. Entre estes iam a mulher e filho de Mandiocapua, um dos caciques dos tabajares. Adiantando-se a todos os seus companheiros, atacou ele os inimigos antes que pudessem largar na canoa, e mortos dois e aterrados os outros, galhardamente libertou os prisioneiros, sendo já senhor da embarcação, quando lhe chegaram em auxílio os portugueses e a sua própria gente.

São tão raros entre selvagens os exemplos de virtude, que quando se dão cumpre memorá-los por amor da natureza humana desonrada nas particularidades da vida selvática. A mulher de Mandiocapua atirou-se ao pescoço de seu marido aceso em cólera, suplicando-lhe a vida do chefe dos tupinambás, a cuja intervenção deviam ela e o filho as suas.

Informações verídicas dum prisioneiro tupinambá

Foi pois poupado o tupinambá, recebendo os seus companheiros o merecido galardão de suas façanhas. Puseram-nos a ferros, e a tapuia agradecida com solicitude e carinho o supria todos os dias do necessário mantimento. Vencido desta bondade e do bom tratamento que recebia pela humanidade que ele próprio havia mostrado, de sua livre e espontânea vontade contou aos portugueses quanto sabia da força dos franceses e das medidas que estavam tomando. Todos os passos, disse, por água e por terra, estavam tomados pelo inimigo, para cortar a retirada aos portugueses; os tupinambás, que os tinham vindo visitar, e os cinco índios que os acompanharam, jaziam em ferros no forte de S. Luís, onde haviam sido postos a tormentos para confessarem quanto sabiam. Acrescentou que na manhã seguinte viriam duas lanchas armadas a reconhecer o acampamento, que brevemente seria acometido, e que o aparecimento destas embarcações confirmaria a verdade do que dizia. Não eram tão fáceis de abalar com as suas resoluções as esperanças de Albuquerque; estava ainda persuadido que os insulanos para ele se passariam, acreditando que só a precaução dos franceses em bloquear os portos impedia que eles se não tivessem ainda declarado a seu favor. Contudo até ao ponto de mandar aprestar dois caravelões que levassem despachos a Pernambuco, ainda reconheceu ele o perigo da sua situação.

Jornada do Maranhão, **40-42**
Berredo, 257-62

Na outra manhã apareceram efetivamente as duas lanchas, como o prisioneiro anunciara; e dum forte chamado de São José, em Itapari, na margem oposta, dispararam os franceses em sinal de guerra

duas peças, a que com igual descarga responderam os portugueses, içando todos as bandeiras. Com a maré da tarde aproximou-se uma das lanchas a reconhecer, trazendo a bordo vinte e cinco homens, ao comando do senhor de Pratz, oficial distinto, e gentil-homem da câmara d'el-rei da França. Mandou Albuquerque a atacá-los, mas, demandando a lancha pouca água, meteram-se os franceses entre os baixios, aonde não foi possível persegui-los. Três dias depois saíram, comboiados por outros três, os caravelões, que levavam ofícios para Pernambuco, sem que uma grande nau francesa, fundeada na baía de Araçagi, pudesse interceptar a volta do comboio que lhe passou a barlavento. Tornou-se tão borrascoso o tempo que os franceses, rebentando dois cabos, e perdendo dois ferros, deram-se por felizes com poderem recolher-se a S. Luís. Não tiveram os portugueses então consciência do perigo a que haviam escapado, mas Diogo de Campos diz que fora esta uma das maiores mercês da Providência durante toda a jornada. Pouco depois tremulou uma bandeira branca sobre um banco de areia no meio do canal de Guaxenduba. O comandante, supondo isto obra dos insulanos indígenas, mandou Rangel num dos caravelões com uma jangada, na qual chegar ao banco, quando o navio não pudesse avançar mais. Já ele estava com a sua gente na jangada, quando os soldados recusaram desembarcar, sem da lealdade que com eles se usaria terem melhor prova do que a branca bandeira dos franceses, pois já muitos destes se podiam distinguir disfarçados entre os índios que se preparavam para recebê-los. Efetivamente rompeu logo vivo fogo de mosquetaria contra os portugueses, e se a lancha se não desse pressa em socorrê-los, todos teriam caído prisioneiros, único fito dos franceses com este baixo procedimento. Indignado como estava Albuquerque desta violação das leis gerais da guerra, que é do interesse de todas as nações observar, imputou-a toda aos franceses, continuando a crer que os tupinambás secretamente o favoreciam.

Cheia destes insulanos não tardou a atracar uma canoa grande a Mamuna, perto do forte d'Albuquerque; surpreendidos os selvagens, atiraram-se dois a nado, atravessando o canal que mede duas léguas de largura; o resto entregou-se aos portugueses, e com uma dissimulação, que a fuga dos companheiros devia revelar, fingiram ter vindo amigos e não prisioneiros. Deixou-se o comandante embair por este atrevido arti-

fício, e tratando excelentemente os supostos hóspedes, deixou-se ir na sua própria canoa. Mas tinha um destes homens a mãe em Pernambuco, provavelmente escrava ali, e na esperança de tornar a vê-la, recusou ir-se com os companheiros. Confessou este homem ao capuchinho Fr. Manuel da Piedade, que a canoa tinha vindo a um reconhecimento, que na manhã seguinte atacariam os franceses os navios, e tomando-os, como confiadamente esperavam, passariam a investir o forte por mar e por terra.

Berredo, 263-9

Correu o frade imediatamente a dar aviso disto a Diogo de Campos. Fechava já a noite, mas este, reunindo à pressa boa parte dos soldados, mandou ao comandante recado que ia para bordo dos navios, a defendê-los até à última gota de sangue. A ponto de embarcar estava ele já, quando apareceu Albuquerque na ribeira a retê-lo, dizendo que não se havia de sacrificar a gente na defesa de quatro pranchas podres, convindo sim poupá-la para manter aquele país, de que ele em nome do rei tomara posse. Em resposta perguntou-lhe Campos cheio de cólera, que contas daria ao rei de tal perda, e do desdouro que colheriam as armas portuguesas, especialmente aos olhos dos tapuias? A isto retrucou o comandante, que quanto a dar contas ao rei, sobre se tomava esse encargo, e que a glória das armas portuguesas não carecia de nova prova, mas antes esperava firmá-la exterminando afinal estes franceses. E mandou alar à margem os navios, com proa para terra.

Quer Campos defender os navios

Berredo, 220,1

Desde o primeiro aparecimento dos portugueses em Guaxenduba premeditava Ravardière este ataque, faltavam-lhe porém informações sobre as forças e meios de defesa do inimigo. Uma obteve-as dos cinco tapuias a quem deu tratos, e os tupinambás, que Albuquerque imprudentemente pusera em liberdade, levaram-lhe as de que carecia ainda. Embarcações ligeiras de toda a espécie se tinham previamente apronto e sem mais demora despachou ele agora Pizieu, Pratz seu tenente-general, e o cavaleiro de Razilly. Ao romper d'alva chegaram aonde estavam os portugueses: saltaram à água os marinheiros ocupados ainda em alar os navios; dois dos maiores e um pequeno foram tomados, os outros três estavam postos já em segurança. Com esta fácil vitória retiraram-se os franceses. Tripularam as presas, e coalharam com a sua flotilha o canal, insultando os

Tomam os franceses três navios

portugueses com ostentosa parada de suas forças. Começaram a ter lugar freqüentes recontros por mar e por terra; não tardaram porém a escassear aos portugueses as provisões, não podendo os aliados com receio de emboscadas meter-se pelo país em procura delas. Tinham visto com que facilidade haviam os franceses tomado os três navios, e perdida era a sua confiança nos portugueses: já não apareciam nas trincheiras, como tinham de costume, nem Albuquerque se aventurava para ali a mandá-los. Também as tropas estavam descontentes, mas não abatidas, e o grito geral era: "Ponhamos termo com a vitória à guerra, ou à miséria com a morte."

Como soldado velho tratava Diogo de Campos entretanto de ver como segurar os socorros de Pernambuco, quando chegassem: expôs ao comandante os seus planos, e concordaram ambos em que o melhor meio seria plantar um reduto na barra da ilha do Periá, posto importante, que ainda os franceses não haviam ocupado, e aonde necessariamente deviam ir dar reforços, como único porto que os pilotos portugueses conheciam; e que para manter abertas as comunicações entre aquele ponto e Guaxenduba, se buscasse algum canal, que passasse pela vizinha ilha das Guaiabas, desconhecida dos franceses, coisa não difícil de descobrir-se com auxílio dos índios. Marcou-se para este serviço o dia seguinte, mas na mesma tarde veio um soldado dizer a Campos em segredo que era intolerável o que estavam sofrendo, e que ele com setenta outros iam safar-se por terra, único meio de salvação possível, o que lhe comunicava pelo respeito que lhe votava, e para saber se havia boa razão para esperar pronto socorro, senão poriam fogo à pólvora, obrigando assim o resto do exército a seguir-lhe os passos. Asseverou Campos a este homem que todas as medidas estavam tomadas para obter imediatamente reforços, acrescentando que esperava que não incendiassem a pólvora sem que o inimigo estivesse por cima dela, se porventura viesse antes dos socorros. Agradeceu-lhe e aos amigos a confiança que nele tinham posto, e prometeu não lhes atraiçoar o segredo. Aprovou Jerônimo d'Albuquerque esta prudente resposta de Diogo e disfarçadamente se tomaram precauções para segurar o depósito, metendo a pólvora entre as provisões.

Plano de deserção

16 de novembro

Berredo, 278-280

Mandou-se agora Rangel com cento e vinte soldados e trinta dos melhores flecheiros índios a examinar todas as avenidas da ilha das

Guaiabas, sendo este o primeiro passo para execução dos planos de Diogo de Campos. Consigo levaram guias para a praia onde deviam embarcar, e que ficava a quatro léguas; perderam-se contudo no caminho, e após vinte e quatro horas de incessantes fadigas, vadeando ora arroios ora lodo, que lhes dava pelos peitos, volveram ao acampamento. Impaciente desta demora, ofereceu-se Diogo a ir em pessoa por água com o engenheiro-em-chefe todo o caminho. Enquanto aguardavam a maré, apareceu o inimigo à foz do porto, e então viram os portugueses quanta razão tinham de alegrar-se, por não terem Rangel e a sua gente atinado com o caminho, achando-se assim concentrada toda a força, tal qual era.

Sai Rangel outra vez a reconhecer

Vinha Ravardière em pessoa com sete navios e quarenta e seis canoas, quatrocentos franceses e quatro mil tupinambás. Viu ele que os portugueses estavam irregularmente acampados, e o seu forte levantado sem arte perto duma eminência, que completamente o dominava. Imediatamente destacou metade da sua força a apoderar-se deste posto importante. Ia esta gente dividida em duas companhias, comandada uma por Pratz e a outra por Pizieu, e com o costumado ardor dos franceses saltaram todos à água, querendo cada qual ser o primeiro a ganhar a terra. Com esta precipitação molharam polvorinhos e bandolas. Vendo esta impaciência, atiraram-se os índios fora das canoas, cobrindo imediatamente a praia. Formidáveis de verem-se eram eles, com suas plumas, seus broquéis variegados de muitas cores, e sobretudo pelo seu número. Não tinha Albuquerque força com que estorvar-lhes o intento; trazia cada tupinambá seu lio de faxinas, e principiaram a fortificar-se, enquanto Pizieu abria trincheiras dali até à praia, para conservar comunicação com a frota. Após um ligeiro tiroteio foi Diogo de Campos consultar com o comandante, que achou a olhar por um óculo para o inimigo através das espingardeiras do forte. "Senhor", lhe disse, "não é este tempo para olhar por vidros." – "Que cumpre fazer, senhor capitão?" Foi a resposta. Tornou-lhe Diogo: "Confiar em Deus e servir-nos de nossos braços, que não lhe vejo outro remédio. Se ao mesmo tempo os acometermos por dois lados, seguramente os bateremos, e Deus nos dará um dia glorioso." Mandou Albuquerque dar imediatamente uma boca cheia de biscoito e um gole de vinho a cada homem, e saiu, deixando apenas trinta inválidos no forte.

Investem os franceses contra os portugueses

Dividindo o grosso da sua pequena força em dois corpos de setenta portugueses e quarenta tapuias cada um, para si tomou um e deu o outro a Diogo, incorporada a maior parte dos aliados numa reserva pequena, que ficou às ordens de Gregório Fragoso. Devia Diogo atacar o inimigo na ribeira, enquanto Jerônimo se encarregava de forçar o cabeço. Avançava o primeiro encoberto pela espessura, alguns dos seus porém mexiam-se com tão tardio e remisso passo, que bem se deixava ver que de boa vontade correriam em sentido oposto. Virou-se ele e perguntando-lhes com aspecto severo, se não eram já os mesmos homens que em Periá se haviam amotinado por não se verem assaz perto do inimigo, jurou que estenderia morto a seus pés o primeiro que tentasse fugir. Da parte dum homem de tão bem conhecida resolução, e com uma pistola engatilhada, produziu esta ameaça o desejado efeito. Animou-os também dizendo que a coragem dos franceses jamais ia além da primeira explosão. Cobraram valor os soldados, e ele ordenou que o corpo de reserva investisse pelo flanco o inimigo no mesmo momento que ele o carregasse pela frente. Ia dar-se o sinal do combate quando apareceu um cometa com uma carta de Ravardière para o comandante. Abriu-a Diogo, pois que nem Jerônimo entendia francês, nem havia tempo que perder. Maravilhava-se o general francês da incomparável temeridade dos portugueses, que assim se aventuravam a atacar o maior monarca da cristandade dentro daquele território de que ele em nome de S. M. havia tomado posse. Contudo, por amor da coragem que esta temeridade implicava, e para poupar sangue cristão, oferecia ao general português termos honrosos, dando-lhe quatro horas para considerar se queria aceitá-los ou correr os azares da guerra. Diogo mandou inteirar o comandante do conteúdo desta carta, o mais resumidamente possível, dizendo-lhe que uma das máximas de Ravardière era prosseguir nos preparativos enquanto negociava, e conjurando-o que não concedesse ao inimigo a vantagem desta demora, mas desse o sinal. Depois de ver-se no campo da batalha, não conhecia Albuquerque fraquezas, e rompeu o conflito na ribeira.

Berredo, 290-4

Derrota dos franceses

Levou Diogo de vencida as primeiras trincheiras; do outeiro desceram os franceses (ignorantes do perigo que a eles próprios ameaçava, pois o comandante tomara um desvio pela floresta) a socorrer os seus conterrâneos, e por breve espaço viu-se ele exposto a dois

fogos; mas Fragoso com os seus tapuias carregou-os pelo flanco, e Jerônimo vendo a posição de Diogo, caiu também inesperadamente sobre os inimigos, mudando de marcha. Curto mas sanguinoso foi o conflito. Os franceses e os seus aliados abandonaram a ribeira e retiraram-se para as suas obras no cabeço. Imediatamente pôs Diogo fogo às canoas que tinham sido puxadas para terra. Seguiram os portugueses a vitória, e assaltando estas obras, completamente derrotaram o inimigo. Ao princípio não se abalou Ravardière a socorrer a metade da sua força que entrara em fogo, tão profundo o seu desprezo dos que a combatiam, quando viu o perigo era já tarde. Não podia chegar nas suas lanchas por falta de água, agora que vazara a maré; as canoas tinham ficado em seco e fora de alcance, de permeio uma margem lodosa. Tentou operar uma diversão investindo o forte, mas também ali o pouco fundo o impedia de aproximar-se, e com a sua pobre artilharia mantinham os inválidos uma viva canhonada. Pizieu, que comandava o destacamento francês, caiu. Cento e cinqüenta dos seus compatriotas ficaram mortos no campo, nove foram feitos prisioneiros; alguns estavam armados de espingadas de dois canos, então invenção nova. Bateram-se com grande denodo, preferindo morrer com o seu comandante a entregarem-se. Tirando partido do triunfo, queimou Diogo ao inimigo todas as canoas que tinham sido aladas para terra, quarenta e seis em número, e algumas delas de setenta e cinco palmos de comprimento e vinte e cinco remos por banda. Todas foram destruídas com os seus equipamentos. Entre os portugueses onze mortos, dezoito feridos. Nem cirurgião nem ambulância havia na expedição; apareceu porém um rapaz que sabia como ligar uma ferida, e na falta de qualquer outro medicamento aplicava o óleo de copaíba, ou de azeitona, ou trapos molhados, e punha-se a salmear o enfermo.

De parte a parte se passou a noite em grande desassossego. Apesar de vencedores não desconheciam os portugueses a desproporção de suas forças. Puseram-se guardas dobradas, pois, índios hostis tinham desembarcado bastante para os manterem alerta e inquietos; faltavam provisões; o inimigo os bloqueava com seus navios, e meio de salvação nenhum se via. Incapazes de se preocuparem do futuro, celebraram os índios aliados toda a noite com cantares e danças a sua vitória, e as mulheres percorriam o campo cantando as proezas de seus maridos, e proclamando os nomes dos inimigos que eles haviam vencido e cujas cabeças haviam quebrado. No

Jornada do Maranhão, **p. 64-65**

correr da noite veio o cacique da ilha ter com os portugueses, informando-os de que os franceses estavam na maior consternação. A manhã confirmou a notícia, pois em sinal de luto tinha o inimigo colhidas todas as bandeiras, e nem tambor nem clarim se lhe ouvia a bordo dos navios. Dos prisioneiros soube Albuquerque que à toda hora se esperavam de Cumã na terra firme seiscentos ou setecentos índios, que deviam reunir-se ao armamento francês, e preparou-se para novo assalto. Com efeito apareceu logo daí a pouco este esperado reforço em dezesseis canoas grandes, a demandar o rio Muni, onde desembarcar. Ainda houve tempo de ocupar a ribeira com cem mosqueteiros, e os índios atravessaram para o outro lado. Ali muitos saltaram em terra; mas encontraram fugitivos da derrota da véspera, e apenas sabida a má fortuna de seus amigos, reembarcaram e retiraram-se mais depressa do que haviam vindo, levando muitos de seus conterrâneos, que ávidos aproveitaram esta ocasião de escapulirem-se.

Berredo, 298-314

Enceta Ravardière uma correspondência com Albuquerque

Procurou Ravardière desabafo à sua cólera numa carta ao general português, na qual o acusava de haver violado as leis da guerra retendo-lhe o cometa, e lhe lançava em rosto a crueldade dos tapuias. Mais moderada foi a resposta de Albuquerque: insistia no direito do rei da Espanha e Portugal sobre todas estas terras, queixando-se da não provocada agressão da parte dos franceses, e especialmente da traiçoeira bandeira de trégua. Pelo que tangia à barbaridade imputada aos seus aliados, dizia ter enterrado o melhor que pudera os franceses que haviam caído, não sendo verdade que fosse mutilado algum dos seus cadáveres, embora um dos tupinambás de Ravardière cortasse o braço a um português morto dentro das trincheiras, que sem ele teve de ser sepultado. Mas disto me não maravilho, acrescentava, pois estou velho, e há muitos anos que ando acostumado a tais coisas. Ravardière gabava-se do bom tratamento que dava aos índios prisioneiros, podendo aliás vingar-se neles. A isto aludia o português na sua resposta, dizendo que se o comandante francês julgasse a propósito enforcá-los, mau serviço faria aos seus conterrâneos prisioneiros no arraial, mas que neste ponto era senhor de sua vontade. Um dos navios que os franceses tinham capturado, estava prestes a dar à vela para Portugal, e a bordo se lhe haviam achado cartas, em que os soldados referiam, e porventura exageravam as dificul-

dades e perigos em que se viam. Ravardière mandou estas cartas ao comandante português, pensando com isto fazer algum mal, mas Albuquerque as devolveu com uma resposta ambígua, dizendo que verdadeiro era o contexto das cartas, contudo como alguém se podia ter equivocado no sentido, as devolvia para que com mais vagar fossem lidas.

Motivou isto uma carta já muito mais moderada da parte do comandante francês que perguntava pelos nomes dos prisioneiros, convidando Albuquerque a abrir negociações; também lhe pedia que escrevesse em francês ou espanhol. Respondendo, lamentou o português que mais franceses nele não tivessem tido confiança, salvando assim as vidas. Enterrei os mortos, dizia, como a minha própria gente, a quem é a floresta honroso monumento. O cometa vos dirá o estado em que estamos. Melhor o teríamos tratado se estivéssemos no nosso próprio país, mas aqui somos homens que vivemos duma mão cheia de farinha, e uma posta de cobra, quando a podemos haver, e os que deste passadio não gostarem, não busquem a nossa companhia.[31] Mais e mais cortês se foi tornando a correspondência. Ravardière fez a Jerônimo um cumprimento por usar do mesmo nome que o grande Albuquerque, removeu a frota para a ilha das Guaiabas, e manifestou o desejo de que lhe mandassem a conferir com Diogo de Campos porque falava francês, e também porque em outros tempos lá tinham pelejado os dois um contra o outro quando Diogo servia o príncipe de Parma. Foi pois o ajudante-general com Gregório Fragoso de Albuquerque a bordo da nau de Ravardière, vindo dois oficiais franceses entregar-se como reféns nas mãos de Jerônimo.

Ajustam-se termos em grande vantagem dos portugueses

Passou-se em mútuas desculpas e recíprocas civilidades a entrevista, que mais foi visita do que conferência. Mas na manhã seguinte propôs Ravardière estes termos: haveria paz até fins do ano seguinte, cessando neste meio tempo todos os atos de hostilidade, travada entre as duas partes por falta de se entenderem mutuamente as intenções e com grande perda de sangue cristão; dois fidalgos um português e outro francês iriam à França, e outros dois da mesma forma à Espanha, para exporem o caso a SS. MM. Cristianíssima e Católica; nenhum dos portugueses ou dos aliados deles poria pé, sem prévia permissão, dentro do raio de dez léguas dos fortes e portos franceses, excetuados os comandantes e seus

criados, que teriam plena liberdade de passar e repassar; que logo que chegasse à resolução final das duas cortes, aquele dos dois partidos que recebesse ordem de evacuar o país, o faria sem mais detença dentro do prazo de três meses; finalmente que de ambas as partes se poriam em liberdade os prisioneiros. Obrigou-se Ravardière a retirar imediatamente os seus navios, deixando livre ingresso ao abastecimento que esperavam os portugueses, e exigiu deles a promessa que embora recebessem reforços, não renovariam as hostilidades.

Altamente vantajosos como eram estes termos, contudo quando Albuquerque os expôs aos seus oficiais, observaram estes que como indispensável preliminar devia Ravardière apresentar a patente que tinha do rei da França, doutra forma devia ser olhado como pirata, banido do seu país por heresia, e homem com quem nenhum católico podia tratar. Depressa se preencheu esta formalidade, apresentando Albuquerque primeiro os seus papéis, e disfarçando assim a exorbitância de tal exigência. Assinaram-se então os artigos, e no dia seguinte levantaram os franceses o bloqueio.

29 de novembro
Berredo, 320-351

Mal se viram assim desassombrados os portugueses, fizeram uma procissão em ação de graças, e principiaram a fabricar uma igreja à sua divina protetora com a invocação de N. S. da Ajuda.[32] O cirurgião francês teve ordem de ir tratar dos portugueses feridos, e Ravardière pediu que Diogo de Campos e Fr. Manuel da Piedade fossem ao Maranhão apaziguar os tupinambás amotinados, por suporem que segundo o tratado deviam ser repartidos entre as potências signatárias e vendidos como escravos, da mesma forma que Pero Coelho vendera os tapuias depois da sua jornada de Ibiapaba; tão fresca lhes vivia ainda na memória esta ação detestável. Conseguiram sossegá-los Diogo e o frade, e feito isto, foram ao convento dos capuchinhos, que apesar de não acabado ainda, podia já conter vinte missionários debaixo da obediência de Fr. Arcanjo de Pembrock, chegado havia poucos meses com dezessete irmãos. Dele souberam que a rainha regente chamara ao reino Ravardière, cujo proceder, dizia o franciscano, não se podia tolerar numa colônia católica entre selvagens; porquanto embora muitas virtudes o adornassem os abomináveis erros da sua heresia todas tornavam de nenhum proveito. Pizieu devia substituí-lo no comando.

Tumulto entre os tupinambás

Talvez isto tivesse desgostado Ravardière, e o pouco interesse que já tomava pela colônia, pode até certo ponto explicar o haver ele proposto aos portugueses termos mais vantajosos do que eles tinham direito de exigir, nem razão para esperar.

Foi Gregório Fragoso escolhido para a embaixada a Paris em companhia de Pratz. Continham as suas instruções alguns fatos curiosos que devia expor ao embaixador espanhol. Havia de insistir no desde muito tempo sabido e sustentado direito dos portugueses a estas terras, do qual as suas muitas expedições a este mesmo ponto da costa eram prova incontestável. Não se podia dizer por ocupar um país que tinha mais de três mil habitantes portugueses, e muitas cidades e vilas bem conhecidas, e em verdade, se a falta de moradores era motivo para se tomar posse dum lugar, e assenhoreá-lo por direito de ocupação, também Silves no Algarve, e Algeziras perto de Gibraltar, podiam ser tomadas com igual título. Devia pintar o estado florescente da colônia dos franceses; tinham encontrado novas madeiras e novas tintas, uma pescaria de pérolas, pedras preciosas, por amor das quais andavam já brigados, e, segundo eles próprios, diziam minas de lápis-lazúli.[33] Tampouco devia esquecer o dano que provinha, de haverem eles fundado um porto, onde os piratas, que infestavam o Brasil e a fronteira costa da África, a todo tempo tinham certeza de serem bem recebidos e encontrar provisões. Muitos portugueses ali se tinham visto em ferros, que arrastando as suas cadeias, haviam sido obrigados a trabalhar nos campos como escravos, mais crua tirania, dizia-se, do que a dos mouros da Berberia. Tomados pelos piratas, tinham estes desgraçados sido conduzidos para ali, onde em tão mísero cativeiro os conservaram, a fim de que não levassem a nova aos estabelecimentos brasileiros, desejando os franceses que ali os deixassem tranqüilos enquanto possível para que mais seguros se arraigassem. Acrescentava-se que os colonos estavam solicitando a proteção da Inglaterra, para no caso de abandoná-los a França, e isto se atribuía à religião de Ravardière, e às suas relações com o conde de Montgomery, que tinha mil parentes no primeiro destes remos.

Instruções dos emissários portugueses

Fizeram-se estas instruções no firme pressuposto, que jamais a Espanha desistiria das suas pretensões ao Maranhão; e Albuquerque, calculando com a expulsão dos franceses como coisa que mais cedo ou

mais tarde havia de ter lugar, explicava ao embaixador quanto seria para desejar-se conservar ali todos os que pudessem ser induzidos a mudar de nacionalidade, pois que já estavam estabelecidos e ligados com os naturais, e conheciam o país, pelo que o suplicava que envidasse todos os seus esforços para a favor destes se fazer uma exceção ao interdito contra os colonos estrangeiros. Adotada esta medida, dizia ele, menor dificuldade haveria em colonizar a terra; os tupinambás ficariam quietos, e podia-se passar a expelir do Cabo do Norte os holandeses que ali principiavam a fortificar-se à foz do Amazonas.

Berredo, 364-372

Com estas instruções embarcou Fragoso com Pratz para França num navio francês. Diogo de Campos ofereceu-se a ir à Espanha, e Albuquerque de tão boa mente aceitou a proposta, que os maliciosos pensaram que era vontade de ver-se livre dele. Não merecia o comandante esta imputação. Diogo foi por supor que assim melhor serviria a expedição, e o outro com prazer o deixou ir, por saber que a negociação a ninguém podia ser confiada, que mais lhe zelasse o feliz êxito, nem que mais hábil fosse para a bom fim levá-la. Para a viagem tiveram os portugueses de comprar aos franceses por duzentos mil-réis a caravela tomada na baía de Guaxenduba.[34]

Berredo

Não foram por muito tempo guardados os termos do tratado; infrações pequenas, se não abertamente autorizadas, foram pelo menos permitidas por ambas as partes. Passado pouco afluíram a Albuquerque os socorros, uns da Bahia e Pernambuco, trazidos por Francisco Caldeira de Castelo Branco; outros de Portugal conduzidos por Miguel de Siqueira Sanhudo. Recebidos estes reforços, fez-se saber a Ravardière, que da sua corte lhe haviam chegado instruções, declarando estas terras patrimônio legítimo da coroa de Portugal, pelo que se via na necessidade de dar por findo o tratado; espera porém que com a amizade dos dois não sucederia o mesmo, e que Ravardière a preservaria, entregando a ilha, caso em que lhe assegurava bom tratamento, e retirada livre para os seus soldados. Demasiado seguro da vitória ao princípio, deixara-se o comandante francês também abater demasiado pelo primeiro revés. Quis ne-

Quebram os portugueses o tratado

31 julho 1615

gociar ainda. Enviou-se-lhe Caldeira, e ele concordou em evacuar a Ilha do Maranhão dentro de cinco meses com todos os seus fortes, sob condição que os portugueses lhe pagariam a artilharia ali deixada, fornecendo-lhe transporte para toda a sua gente. O historiador português diz que não lhe faleciam de todo as esperanças de receber neste comenos reforços tais que lhe permitissem faltar ao estipulado, mas em penhor da sua boa fé, entregou o forte de Itapari[35], de que Albuquerque desde logo tomou posse.

Enviam-se de Lisboa novas forças

Entretanto chegara Diogo de Campos a Lisboa, e deixando que o companheiro Mailart fizesse quantas representações e queixas quisesse, ponderou com urgência ao governo a necessidade de enviar sem perda de tempo reforços consideráveis. Era então vice-rei de Portugal D. Aleixo de Meneses, esse arcebispo cujo nome é tão célebre na história dos cristãos do Malabar; e ele reputando piratas os franceses do Maranhão, afetou-se indignado de que com eles se tivesse feito mesmo um tratado, posto que por este se entregasse de fato a colônia nas mãos dos portugueses, nem mais nem menos que se a houvessem conquistado em boa guerra aberta. Não se perdeu tempo. Deixando o Maranhão em janeiro, chegara Diogo em março a Lisboa. Com o sobrinho Martim Soares e socorros adequados voltou a Pernambuco, onde achou o governador Gaspar de Sousa ativando igualmente os seus aprestos, em conseqüência dos avisos que de Guaxenduba havia recebido. Montava toda a força a novecentos homens em sete galeões e duas caravelas. A Alexandre de Moura, antigo capitão-mor de Pernambuco, se deu o comando das forças de terra[36]; Diogo de Campos era o almirante, e a 3 de outubro entraram nesse mesmo porto da ilha do Periá, onde os franceses haviam fundado sua primeira chegada, mas que por desmazelo e para sua própria ruína, assim haviam deixado duas vezes aberto ao inimigo. Albuquerque foi a bordo; viu que Moura viera com poderes supremos como general, trazendo ordem expressa para quebrar as estipulações que vigoravam, e completar sem demora a conquista.

Sem murmurar submeteu-se Albuquerque a este impolítico cerceio da sua autoridade, passando a cumprir as ordens do governador com a mesma complacência, como se elas nenhuma quebra implicassem

da sua própria palavra e honra. Investiu o forte de S. Luís, aonde todos os franceses se haviam acolhido. Ravardière, agora no hábito de sujeitar-se a quanto lhe impunham, consentiu em render-se imediatamente e sem condições. Foi pois entregue o forte. Deu-se o comando a Campos e o general francês com mais de quatrocentos de seus conterrâneos, lá foram velejando no rumo da França. Alguns poucos, ligados por casamentos com os naturais, ficaram na ilha. Assim se perdeu para a França o Maranhão por culpa de Ravardière: contentasse-se ele ao princípio com interceptar aos portugueses os suprimentos, o que a sua superioridade por mar muito bem lhe permitia fazer, que estes teriam, ou procurado retirar-se por terra, caso em que muitos haviam de perecer, ou capitulado sem um tiro.

Entrega de S. Luís à discrição

Berredo, 338-400

Expedição de Caldeira ao Pará

Do convento dos capuchinhos tomaram posse os frades que acompanhavam a expedição. Moura, em virtude da autoridade de que vinha revestido, nomeou Jerônimo de Albuquerque capitão-mor da conquista do Maranhão, e Caldeira também capitão-mor da descoberta e conquista do Grão-Pará, nome meio português, meio tupi, com que se designava o rio das Amazonas. Tinham-se apanhado todas as informações que Ravardière coligira sobre esta descoberta, e ainda antes do fim do mês, encetou Caldeira a sua jornada com duzentos homens em três navios.

Berredo, 401-403

Fundação de Belém

Entrou a frota na perigosa barra de Seperará, hoje a da cidade de Belém, e depois de ter desembarcado em muitos lugares malgrado dos índios, escolheu Caldeira posição para o seu novo estabelecimento, dando a estas conquistas o nome de Grão-Pará, por se reputar sobre as margens do imenso rio; enganava-se porém, pois que se achava numa vasta baía formada pela foz do Maju, do Acará e do Guamá. Aqui desembarcou a 3 de dezembro, dia de S. Francisco Xavier, e alçando a imagem deste santo, principiou a edificar uma cidade com o nome e invocação de N. S. de Belém. Mal escolhido fora o local: sete ou oito léguas atrás deixara Caldeira uma ilha chamada do Sol, que Berredo diz ser em todas aquelas paragens a melhor situação para uma colônia. Belém porém fica entre pantanais, e em lugar tão indefensável que, segundo a mesma competente autoridade, apesar de todas as suas obras exteriores e fortificações, é na dificuldade da barra, a seis léguas da cidade,

que consiste a sua maior segurança. Depressa venceu Caldeira a tal ou qual defesa que opuseram os naturais, e tão habilmente os soube pôr de feição, que eles próprios o ajudaram a erguer a fortaleza. As novas da sua fortuna resolveu mandá-las por terra, e foi o alferes Pedro Teixeira enviado ao Maranhão nesta difícil mas importante comissão. Tentaram os naturais de Caité exterminá-lo a ele e a sua gente, mas Teixeira os reduziu à obediência, tomando posse daquele distrito que, mais tarde se tornou uma das capitanias dependentes do Pará. Em S. Luís (pois assim devemos chamar aquele lugar agora que se tornou português) foi recebido com tanto pasmo quanto alegria, como a primeira pessoa que fizera esta jornada; e de lá voltou por mar, levando artilharia e munições e paga para a tropa.

Berredo, 407, 417-418

Nos seus despachos para Lisboa ponderava Caldeira a grande importância de suas descobertas, e a necessidade de assegurá-las contra outras nações européias. Nas ilhas sem conta eram os índios numerosos e pacíficos, e a terra, pelo contrário de outras partes daquele Estado, excelente para o plantio de cana-de-açúcar e estabelecimento de engenhos. Atualmente produzia abundância de algodão, pita, tabaco e uma tinta escarlate extraída de certas frutas; eram estes os gêneros de que os estrangeiros vinham à procura. Também havia pérolas, dizia ele, e muitos indícios de minas de prata e outras riquezas. Sadio era o país, excelentes os ares, e nada em suma o resto do Brasil comparado com estas novas descobertas. Outras nações porém cobiçavam a posse deste paraíso. Os índios o haviam informado de que uma colônia de ingleses com mulheres e filhos se estabelecera rio acima, cento e vinte léguas além da sua fortaleza; e que os holandeses, plantando um forte na margem do norte, ali tinham fundado engenhos. Demais, entre os índios que ele persuadira a virem estabelecer-se à roda de Belém, encontrara um francês e um holandês, que dois anos antes tinham sido deixados entre os indígenas, para lhes aprenderem a língua; e ambos haviam declarado que em maio último esperavam da Holanda uma expedição de quinze navios, mandada a fundar no rio um estabelecimento permanente. Em conseqüência destes despachos recebeu o Governador Luís da Silva instruções de Lisboa para reforçar imediatamente Caldeira e ir-lhe preparando mais socorros.[37]

Carta do Arcebispo de Lisboa para Luís da Silva 4 de dezembro 1616. Ms.

Entretanto não ficara Caldeira ocioso. Tendo sabido que um alteroso navio holandês estava ancorado na costa, a quarenta léguas de Belém, despachou Teixeira com vinte homens em duas canoas a abordá-lo. Defenderam-se os holandeses como quem sabia que pouca clemência tinham que esperar, nem os portugueses tiveram outro meio de vencer, senão pondo fogo ao navio, enquanto estavam a bordo, e retirando-se depois nas canoas. Só um holandês escapou. Foi o casco a pique em pouco fundo, e apenas curadas as feridas que na ação recebera, voltou Teixeira e tirou do mar as peças, reforço que não parecerá sem importância para a nova colônia, se nos lembrarmos de quão mal provido de artilharia havia ido Albuquerque. Grande revés foi este para os holandeses, que, se traficavam com proveito no rio, tendo feitorias estabelecidas em muitas das ilhas da sua embocadura, com nenhum perigo haviam contado da parte dos portugueses, nem de forma nenhuma estavam preparados para ali competir com eles.

Queima Teixeira um navio holandês

Guarnecidos todos os fortes da ilha do Maranhão e continente adjacente, voltara Moura a Pernambuco, ficando Albuquerque a edificar uma cidade à volta do forte de S. Luís com o mesmo nome e o mesmo padroeiro. No primeiro ano tudo foi bem, mas os naturais destas partes pertenciam pela maior parte a tribos que para ali se haviam retirado, fugindo à tirania dos portugueses; nem tinham esquecido o que a seus pais ouviram, nem as mais recentes atrocidades de Pedro Coelho, e para os fazer sacudir a forçada obediência, pouca instigação bastava. Matias de Albuquerque, filho de Jerônimo, comandava em Cumã, populoso distrito perto da ilha; pareciam mui contentes os selvagens, dando até esperanças de se converterem, e ficava tudo em aparente tranqüilidade, quando o pai o chamou a S. Luís. Durante a sua ausência passaram por ali alguns tupinambás vindos do Pará com cartas de Caldeira para Jerônimo. Havia um índio de Cumã, por nome Amaro, que apesar de criado pelos jesuítas no Brasil, era mui afeiçoado aos franceses, recordando com má vontade seus antigos amos. Tomou ele as cartas, e afetando lê-las diante dos caciques, que não conhecendo as letras não podiam convencê-lo de falsidade, fê-los crer que todos os tupinambás deviam ser declarados escravos apenas se recebessem aqueles despachos. Foi quanto bastou. Na mesma noite caíram

Insurreição dos tupinambás

Insurreição dos tupinambás

os selvagens sobre a guarnição, composta de trinta homens, mataram-nos todos durante o sono, e logo despacharam a todas as suas hordas mensageiros que excitassem uma insurreição geral. Mas Matias de Albuquerque lhes reprimiu o ataque de um lado, e Caldeira o antecipou do outro. Sabendo este que eles lhe queriam acometer a sua nova cidade, ou fingindo sabê-lo, pôs a ferro e fogo os tupinambás do Pará, sendo maior que a ofensa o castigo.

Berredo 428-442

Por este tempo morreu Jerônimo de Albuquerque; contava setenta anos de idade, e os cuidados do governo, e a ansiedade de suprimentos que vinham menos regularmente do que se esperava e carecia, lhe acelerariam o termo da existência. Para sucessor nomeou Antônio, seu filho mais velho, com Bento Maciel Parente e Domingos da Costa Machado por assessores. Antônio entendeu que de nenhum havia mister. Domingos da Costa não estava disposto a impor-lhe a presença dum conselheiro malvisto; não assim Maciel, que do pouco caso em que lhe tinham a autoridade se mostrou ressentido em termos tais, que Antônio Albuquerque primeiro o fez recolher preso, e depois o mandou para Pernambuco com Domingos, que ali ia embarcar para Portugal a requerer a recompensa de seus serviços.

Morte de Albuquerque

Berredo, 445-450

Não era só do lado do Maranhão e Amazonas que as tentativas de aventureiros particulares para se estabelecerem na América portuguesa inquietavam o governo espanhol. Gondomar, cujos talentos diplomáticos o fato atesta de ter sido o seu nome então mais conhecido na Grã-Bretanha do que na sua própria pátria, descobrira durante a sua residência em Londres que alguns aventureiros ingleses aparelhavam navios para se estabelecerem e fortificar num porto entre o Espírito Santo e o Rio de Janeiro. Tinham reconhecido o lugar, e estribavam as esperanças em três brasileiros que com eles haviam tomado parte na empresa, por nomes Gaspar Ribeiro, João Gago e Manuel de Oliveira. Parece estes indivíduos ter sido mamelucos, pois que os ingleses confiavam no conhecimento da língua indígena, e ligações que eles tinham no país; ora as únicas relações que em cometimento desta ordem podiam ser de utilidade deviam ser com as tribos naturais. Eram porém homens de alguns haveres, e tinham jogado na aventura considerável cabedal. Também nisto se meteram alguns franceses, se de boa fé, ou como espiões de Gondomar, não é líquido; o que é certo é que dele receberam

Aventureiros ingleses no Brasil

seiscentos ducados, fosse como indenização pelas perdas sofridas com o malogro da especulação, fosse como paga de seus serviços. Senhor de todo o conluio, achou o embaixador meios de ação sobre os sentimentos e receios dos sócios brasileiros. Ribeiro e Gago foram levados a sacrificar todo o capital que haviam arriscado nos aprestos, a reconhecer a sua falta, fazer ato de contrição, e entregar-se à mercê d'el-rei. Antes disto já o Governador-general Gaspar de Sousa recebera ordem de estar de sobreaviso, para fazer abortar o plano, e prender estes homens por traidores, apenas chegassem ao Brasil, onde provavelmente deviam preceder os seus associados ingleses. Agora encarregaram-no de remunerá-los com honras e mercês[38] pelo grande sacrifício feito, e pelo meritório proceder que haviam tido, abandonando o caminho errado que trilhavam, e resolvendo viver e morrer como cristãos e verdadeiros portugueses no serviço de seu rei legítimo. Tão fácil não se deixou persuadir Oliveira, irmão de Gago; Gondomar disse que era impossível convertê-lo, cego como o Diabo o tinha posto com o medo de que o rei o mandaria enforcar, se o houvesse à mão, e também com as vantagens de que gozava entre os ingleses, e perspectiva de ainda maiores lucros. Mas depois de escrito isto, tão pouco estava o embaixador acostumado a poupar-se a esforços no desempenho de seus deveres oficiais, tornou a mandar chamar Oliveira para fazer uma tentativa antes de fechar os despachos, nela foi feliz. Asseverou-lhe Gondomar que se persistisse no seu intento, em todas as igrejas e por todo o Brasil seria proclamado traidor, e o medo desta infâmia pôde sobre ele mais que todos os outros motivos. Viram-se agora sem um só guia os ingleses, cujos navios estavam já de verga dalto; a sua melhor esperança era perdida, e Gondomar, concluindo que a empresa por força seria abandonada (como parece que sucedeu), congratulou a corte por não haver outros súditos espanhóis envolvidos em semelhantes desígnios.

Desp. Ms. 19 ag. 1615

Aldeias de índios para defesa na costa

Ms. Ag. de 1615

Por mais desarrazoado que seja o governo espanhol na sua política e remisso nas suas medidas, jamais adormeceu na sua vigilância. Em conseqüência talvez deste frustrado plano procuraram-se agora meios de evitar que inimigos, como indiscriminadamente se chamavam todos os estrangeiros, desembarcassem no Brasil, cortassem pau do mesmo nome, e se fixassem no país. Recomendou-se ao governador que estabelecesse de cem a duzentos índios numa aldeia, sobre o rio Magnaé,

defronte da ilha de Santana, onde soíam desembarcar os entrelopos, e que fundasse um estabelecimento semelhante sobre o Penipe, onde os inimigos cortavam as madeiras colorantes, principal mercadoria que a este vedado país vinham buscar. Um índio, chamado Manuel, que pelos seus grandes serviços era muito estimado, devia comandar um dos novos aldeamentos. Era ele então principal da aldeia de S. Lourenço do Rio de Janeiro que pertencera a seu avô Martimão,[39] pessoa tão distinta no seu tempo que el-rei D. Sebastião, pelos seus merecimentos, lhe mandara o hábito da ordem de Cristo. Amador de Sousa, filho do mesmo Martimão e tio de Manuel, seria o capitão do outro. A cada aldeamento se daria um jesuíta. Entendeu-se que embora estes índios não pudessem tolher o desembarque aos contrabandistas (o que só com uma armada forte se conseguiria), podiam contudo suas ciladas e emboscadas tornar-se tão fatais, que não mais se atrevessem os estranhos a cortar madeiras; e em caso de necessidade do Rio lhes iria socorro de tropas, não sendo grande a distância. Os índios para estes estabelecimentos haviam de ser carijós trazidos da vila de S. Paulo. Também se expediram ordens para reparar e aumentar os fortes das capitanias da Paraíba e Espírito Santo para pô-los a coberto de qualquer surpresa. Tinha havido tenção de fortificar a ilha de Fernão de Noronha, mas por enquanto abstivesse na execução, para atender a outras coisas que pareceram mais instantes. Até ao estreito de Magalhães se estendia o ciúme da corte d'Espanha. Inquietou-se ela por terem alguns estrangeiros examinado aquele passo, obtendo da sua navegação conhecimentos mais exatos do que possuíam os súditos de Sua Majestade, e mandou portanto a D. Luís de Sousa ordem de expedir duas caravelas que explorassem bem, uma por um lado e outra por outro, todo aquele canal, levantando mapas, e averiguando se não haveria alguma posição que, bem fortificada, dominasse a passagem. O lamentável êxito da tentativa de Sarmento neste mesmo sentido trinta anos antes (quando quatrocentos espanhóis com trinta mulheres ali foram postos em dois estabelecimentos, onde perecessem à necessidade e outras misérias inseparáveis de tão mal concebidas e pior executadas empresas), parece que já em Madri se não lembravam dele; mas outro tanto não sucedia no

Carta Régia Ms. 1616

Despacho. Ms de 18 de jul. 1617

Intenção de fortificar o estreito de Magalhães

Despachos Ms. de jun. 1617 de jan. 1618 de jun. 1618

Brasil, e posto que o governador, tendo representado uma vez sobre as dificuldades do projeto, recebesse ordem de cumprir as suas instruções, se aparecessem bons pilotos, abandonou-se a idéia à vista de suas ulteriores representações.

Mostrava o governo da metrópole não ter menos consciência da importância dos seus domínios brasileiros, do que da sua pouca segurança; e se uma extrema vigilância e uma desconfiança sempre alerta pudessem preservar de perigos uma colônia remota, sem ser preciso cuidar em meios adequados de defesa, nada teria impecido o Brasil. Nenhum governo podia ser mais ativo em colher informações sobre os desígnios de seus inimigos, e neste empenho bem o serviam os seus agentes. Aprestaram-se em Amsterdã dois navios para uma dessas aventuras de comércio e pirataria, que naquela época era vulgar fazerem-se de sociedade. Tinham os armadores suas relações com certas pessoas no Brasil, que se haviam comprometido a aprontar carregamentos de pau-brasil, e levar-lhes ao mar em barcos de pescaria; mas, se falhasse esta parte do plano, deviam os navios pôr-se a corso em busca de presas, e em último caso tentar uma investida contra o Maranhão. Fez-se saber isto ao governador para que os mercadores estivessem de sobreaviso e armassem seus navios. Recomendou-se-lhe também que provesse não só a que não sofresse desfalque a renda, mas também a que não padecesse quebra a fama, coisa especialmente para considerar-se. Com este rebate mais se exasperou o ciúme contra os estrangeiros, e expediram-se ordens de expulsar do Brasil todo o forasteiro, fosse quem fosse, que ali estivesse estabelecido, sem respeito a pessoa alguma, embora tivesse tirado licença para residir. Não passara contudo ainda um mês e já esta ordenança era revogada, encarregado o governador de remeter à metrópole uma lista de todos os estranhos que houvesse no Brasil, com informações sobre o comportamento de cada um, opinião em que era tido, importância de seus teres, e modo de vida que seguia. Se contra alguns houvessem justos motivos de suspeitar que empregavam em mercancia de contrabando, ou a entregarem-se a ela excitavam os estrangeiros, para Lisboa com as provas que contra eles houvessem, ou internados ser postos em lugares onde deles nada pudesse recear-se.

Ciúme a respeito dos estrangeiros

Despacho. Ms. 16 de set. 1617

1617
Despacho. Ms. 8 de out. 1617.

Até dos argelinos se temia um desembarque no Brasil. Tinham eles ultimamente saqueado a ilha de Santa Maria, levando cativos a maior parte dos moradores de Porto Santo. Recebeu pois D. Luís de Sousa ordem para precaver-se, não fossem estes inimigos estender até ao Novo Mundo as suas depredações. Pouco depois ordenou-se ao governador que regressasse à Bahia, tendo expirado o prazo da sua residência em Olinda, nem sendo mais necessária ali a sua presença para prover a conquista do Maranhão. Mandou-se-lhe uma esquadra para guardar a costa, mas logo se declarou que as rendas da coroa outra nenhuma despesa mais comportavam. O governo da Índia concedera uns novos direitos de consulado para fim análogo, e devia D. Luís consultar com as câmaras sobre o modo de levantarem-se os fundos precisos. Um imposto como o do consulado em Portugal, era o que ao governador se lembrava que propusesse. Deu-se-lhe por mui recomendada a urgência do caso, sendo tão numerosos e aventureiros os inimigos, e crescendo o mal com a tardança do remédio; devia pois empregar todos os meios de persuadir os povos a anuírem aos propostos tributos, tão claramente se reconhecia nas câmaras o direito de lançar fintas.

Medo dos argelinos

Despacho. Ms. 5 de dez. 1617

D.º Ms. 30 de maio 1618

Despachos. Ms. 14 de agosto, 28 de agosto, 6 de nov. 13 de dez. 1618.

Por este tempo parece a corte de Madri ter receado da parte da Holanda alguma coisa mais do que a sua habitual atividade em mercadejar com os índios, ou do que os seus antigos projetos de fundar estabelecimentos no Amazonas. Os agentes portugueses em Flandres denunciaram que D. Manuel, filho do prior do Crato, D. Antônio, a quem sucedera nas pretensões, entretinha correspondência com o Brasil. A pessoa que se indicava como em comunicação com ele, era um tal Francisco, que tinha o posto de capitão na Paraíba, perto da cidade da Bahia, e relações judaicas na Holanda. Um franciscano, por nome Fr. Pedro da Anunciação, chegara ultimamente a Flandres para este negócio, e aparelhavam-se ali com destino ao Brasil navios em que devia ir o sobrinho dum certo Gabriel Ribeiro, de quem Francisco estava à espera. Sem confiar implicitamente nesta informação, não deixou o governo espanhol de inquietar-se com um plano que nas suas conseqüências podia porventura fazer reviver as pretensões da casa de D. Antônio.

Desconfia-se do filho de D. Antônio

Carta Régia. Ms. do set. 1618

Incumbiu pois o governador de preparar-se contra qualquer empresa que pudessem tentar os holandeses, inquirindo com a maior reserva sobre o caráter e conduta de Ribeiro, e procedendo como por mais acertado tivesse o bem da justiça e da coroa, de modo que, a haver verdade nisto, se pusesse termo a qualquer receio desta parte.

Perigo dos cristãos-novos no Brasil

Aos judeus disfarçados, e a esses desgraçados, a quem a oprobriosa denominação de cristãos-novos expunha ao desprezo e ódio de seus vizinhos, devia na verdade ser fácil tornarem-se maus súditos no Brasil, vivendo como viviam debaixo de contínua impressão da injustiça e sem-razão que sofriam. Nem lhes faleciam motivos para recearem que o mais infernal sistema de perseguição que jamais inventou a maldade dos homens, estivesse a ponto de ampliar-se a uma parte dos domínios portugueses, cuja maior fortuna era ter até então escapado a semelhante flagelo. A Inquisição, que ainda mais do que de outro qualquer país foi a desgraça de Espanha e Portugal, prendera ultimamente no Porto quase todos os mercadores de origem judaica, por mais remota que fosse. Neste ato, como em todos os da mesma natureza, fora a superstição pretexto, a cobiça motivo. Muitas das vítimas estavam envolvidas no comércio com o Brasil, e o inquisidor-geral requereu do governo que ajudasse o Santo Ofício a haver a porção da fazenda delas, que se achasse nas mãos dos seus agentes neste país. Deram-se pois a D. Luís de Sousa instruções que nomeasse para este efeito um ministro confidencial a quem prestaria todo o apoio. Mais se lhe ordenou que remetesse uma lista de todos os cristãos-novos do Brasil, com as mais minuciosas informações que pudesse colher sobre seus haveres e lugares de residência, apontando particularmente os que dentre eles pudessem ser suspeitos de manter relações com os estrangeiros. Pesadas como foram as atribulações que os holandeses pouco depois acarretaram sobre o Brasil, não é improvável que a guerra que se seguiu obstasse à introdução do Santo Ofício ali, medida que parece meditava então a corte de Madri.[40]

Despacho. Ms. 20 de nov. 1618

Despesas do Estado

No governo de D. Luís de Sousa foram reguladas e fixadas as despesas do Estado, tendo reinado até então grande desordem e irregularidade nos pagamentos. Os vencimentos todos do governador e de vinte apaniguados não passavam de dois contos, inclu-

indo quatrocentos mil-réis que anualmente se deviam distribuir em remuneração de serviços públicos. A renda anual do bispo e do seu cabido eram dois contos oitocentos e oitenta e quatro mil-réis; os vigários de doze paróquias da capitania da Bahia tinham cada um sua côngrua de setenta e três mil novecentos e vinte réis; oitenta e dois mil-réis por ano eram a consignação dos capuchinhos da cidade; outro tanto tinham os beneditinos e cento e vinte os jesuítas. O maior ordenado civil e judicial era de quatrocentos mil-réis, e o maior soldo militar de cento e setenta e dois mil e oitocentos réis. A despesa total da capitania da Bahia era de dezoito contos, seiscentos e oitenta e um mil oitocentos e quarenta réis; com as do Rio de Janeiro gastavam-se menos quinhentas libras; e em todo o Brasil, incluindo todos os seus estabelecimentos civis, judiciais, militares e eclesiásticos, não se gastavam por ano mais de quinze mil libras.

Regimento. Ms. 24 de out. 1616

Tão pouco custava então a administração destas colônias, e contudo era o governo mais rico da Europa que se queixava de não poder fazer mais despesa para protegê-las, nem pagar o que se havia gasto com a jornada do Maranhão e aventuras no Amazonas. Nomeou-se uma mesa para cobrar por via de execução todas as dívidas de que o tesouro real fosse credor. As décimas das capitanias do Norte (e eram estas as mais produtivas) arrendaram-se em 1618 por sessenta e sete mil cruzados, devendo parte ser paga em roupa para a guarnição como de costume. Ficava esta soma aquém do produto dos anos anteriores, pois que se alega ter sido o preço mais alto que se pôde obter, tendo-se plantado menos cana, e havido mortalidade entre os escravos. O pau-brasil era remetido para a metrópole por conta do rei, até que se pudesse fazer um contrato vantajoso; continuado por alguns anos este sistema, tais inconvenientes nele se acharam, e tão ativo foi o contrabando, que o governo tomou em consideração se não lhe seria melhor entregar este ramo dos seus negócios inteiramente nas mãos dos jesuítas, que, pela sua grande e muito derramada influência entre os índios, mais facilmente do que ninguém poderiam excluir os entrelopos. Qualquer que pudesse ter sido o resultado desta deliberação, perdeu-se de vista o plano com o rebentar duma contenda, não pelo tráfico num artigo de produção, mas pelo domínio do próprio solo.

Proposta para os jesuítas administrarem o pau-brasil

Despacho. Ms de 10 de julh. 1617

Despacho. Ms. de 9 de mar. 1618, 8 de jul. 1616 e de ag. de 1628

O princípio do governo nesta época parece ter sido que todos os gêneros de grande valor comercial produzidos pela natureza, eram realengos, pertencendo tanto à coroa em virtude de tal máxima tudo o que destes produtos se podia converter em tesouro, como dela seria esse mesmo tesouro, se fosse achado em espécie. No caso de minas preciosas era o princípio reconhecido pelo direito europeu, e quando o ampliaram ao pau-brasil, parece ter-se admitido o direito exclusivo como um privilégio que a coroa adquirira pelas suas despesas com a descoberta e colonização do país. O que nisto havia de impolítico ninguém o suspeitara, e até agora nenhum outro efeito mau se notara, do que o da grande tentação que se oferecia ao comércio de contrabando. Mas a ampliação deste princípio às águas ter-se-ia limitado à pesca das pérolas, a não ter sido a cobiça dum indivíduo que no governo de Gaspar de Sousa propôs pagar ao tesouro cinqüenta mil-réis por ano pelo privilégio exclusivo de matar baleias. A impopularidade da medida não se atendeu, e a soma, mesquinha como era, foi aceita na bem fundada esperança de maior benefício para o futuro. Com efeito dentro de poucos anos já a renda tinha subido a doze vezes àquela quantia, e ao findar o governo de D. Luís de Sousa apareceu uma oferta para arrendar esta pescaria por cinco anos a setecentos mil-réis anuais, e pagar a renda em Lisboa, onde poderia ser aplicada para o serviço geral do Estado, bastando ademais receita do Brasil para suas despesas, e sendo esta evidentemente um excesso líquido. Pareceu a proposta em extremo vantajosa, tendo-se receado abatimento no contrato, por ter havido grande falta de açúcar no ano precedente, e descido proporcionalmente o preço de todas as coisas.

Pesca de baleias

Despacho. Ms. de 28 de nov. 1622

D. Luís porém, cuja administração chegara ao seu termo, apresentou francamente ao rei que a justiça e legalidade deste monopólio eram mui questionáveis; que como medida fiscal era desnecessário para o Estado, sendo para o povo oneroso nos seus efeitos diretos sobre o comércio. Havia muitos jesuítas, dizia ele, que em conversa tinham emitido a opinião que semelhante coisa não podia ter fundamento legal nem eqüitativo. O rei podia lançar um imposto sobre cada baleia que se apanhasse, e sobre o azeite que dela se extraísse; era esta sua indubitável prerrogativa, se lhe parecesse bom fazê-la valer, e todas as pessoas seriam em consciência obrigadas a pagar o direito; mas converter em monopólio uma pesca

que era livre, era o que como soberano católico e cristão não podia, tão livre era no Brasil a linguagem do direito no reinado dos Filipes. Nem disto havia necessidade, prosseguia o ex-governador, pois que pagas todas as obrigações do tesouro, deixava ele no erário, ao entregar a administração, um saldo de cinqüenta e quatro mil e seiscentos cruzados, dos quais dez mil em dinheiro; e o contrato se tornaria intolerável opressão, aceitando-se os termos do proponente, que exigia que não se lhe taxasse o preço ao azeite. Poria isto à merce do contratador dos engenhos para os quais era este produto de tão indeclinável necessidade. Talvez se atendesse a esta parte da representação de D. Luís de Sousa, mas não era provável que um governo que embora próspero no Brasil, se achava envolvido em grandes despesas na Europa, abandonasse um monopólio que lhe haviam posto nas mãos, e toda a pescaria continuou desde então a fazer-se já por contrato, já por conta da coroa. Também no governo de D. Luís de Sousa se propalou que na capitania de S. Vicente haviam Gonçalo da Costa d'Almeida e João Peres descoberto uma pesca de pérolas. Duvidoso era o valor do achado, e deixou-se que os aventureiros por certo espaço o explorassem em próprio proveito; mas o governador recebeu instruções secretas para proteger a pescaria, se fosse profícua, contra corsários e entrelopos europeus de qualquer nação que fossem.

Carta. Ms. 1623

Peça de pérolas

Despacho. Ms. de maio 1618

Haviam-se renovado as pesquisas em busca de ouro, prosseguindo-se nelas com muita perseverança no governo de D. Francisco de Sousa, e ativando-as especialmente Salvador Correia de Sá no Rio de Janeiro. Mas como à expectativa não correspondesse o resultado, declararam-se as minas abertas a todos os súditos d'el-rei, para que nelas trabalhasse quem quisesse, conforme as leis, e pagando o quinto, como se praticava nas Índias espanholas. Por este mesmo tempo ofereceu-se um certo Melchior Dias Morais a mostrar ao governo riquíssimas minas de prata que havia descoberto, prometendo-se-lhe em recompensa, se assim o cumprisse a fidalguia, o cargo de administrador das mesmas minas, e, a respeito da concessão de terras que requeria, todos os favores que se lhe pudessem fazer sem lesão de terceiro. Mas como as de Robério Dias acabaram em tristes decepções estas ofertas brilhantes. A corte porém aprendera a cuidar no Brasil em outros produtos que não fossem só

Cata de ouro

Despacho. Ms de nov. 1618

Notícias de minas de prata

Despacho. Ms. de dez. 1617

os metais preciosos. Exigiu informações sobre o algodão e outras plantas, das quais, se dizia, podiam fazer-se mechas para serviço do exército e da armada. Em Sergipe tinham-se encontrado minas de salitre, de que se podiam tirar por ano dois mil quintais. Grande falta deste artigo havia em Portugal, e o rei mandou estabelecer no Brasil uma fábrica de pólvora. Devia ir de Lisboa uma pessoa perita neste mister, e se em outra parte das colônias aparecesse mais salitre, havia o governador de remeter para a metrópole amostras avultadas. Entendia-se que a pólvora poderia fazer-se mais barata no Brasil do que na mãe pátria, e contava-se com que ali se fabricasse bastante para o próprio consumo, e para exportar para esta.

Despacho. Ms. de 20 de jun. e 6 de dez. 1617

Desp. 27 de março 1618

Minas de salitre

Entretanto viu-se a capitania do Pará perturbada por dissensões sérias. Andava Antônio Cabral, sobrinho de Caldeira, inimizado com um capitão chamado Álvaro Neto, bom soldado, e geralmente estimado, e um dia, no lugar mais público da vila, caindo sobre ele, assassinou-o. Ao alarido que se fez, acudiram Paulo da Rocha e Tadeu de Passos, amigos íntimos do morto, e vendo Caldeira no ajuntamento, dele exigiram justiça. Mas o comandante, que fora um tanto avesso a Neto, não estava disposto a tomar as devidas medidas para castigo do matador. Não puderam os capitães ver isto: e tão livremente manifestaram a sua justa indignação, que percebendo-se a si próprios em perigo, acolheram-se ao convento dos frades de Santo Antônio. Reprimindo por enquanto o seu ressentimento, mandou Caldeira recolher o sobrinho à prisão; mas passados alguns dias deixou que o suplicassem para suspender o processo, atendeu as solicitações que lhe faziam, sob pretexto de se carecer dos serviços do preso contra os índios rebelados, e pô-lo em liberdade. Soltando então os diques à sua cólera contra os dois capitães que se haviam asilado, mandou uma partida de soldados que se apoderassem deles.

Despachos Ms. de 20 de jun. e 5 de dez. 1617

Desordens em Belém

Pouco caso fazem os portugueses dum homicídio.[41] Uma má polícia e pior religião tiram-lhes todo o receio de castigo, tanto humano como divino, mas tudo o que cheira a sacrilégio os horroriza. Foram os soldados de má vontade ao seu mandado, e voltaram nada feito; um dos frades tinha recebido deles uma contusão acidental, o que mais lhes aumentara o horror. Mandou então o comandante setenta homens a arrombarem o convento; deram estes traça como gastar o resto do dia com uma paliçada exterior, e retira-

Caldeira deposto pelo povo

ram-se dizendo que fora imprudente entrar com noite fechada. Impaciente aguardou Caldeira a aurora, que lhe havia de pôr nas mãos os seus inimigos; mas ao romper d'alva achou amotinada toda a guarnição, que, carregando-o de ferros, elegeu em seu lugar Baltasar Rodrigues de Melo, o oficial que havia sido mandado a forçar o convento. Aceitou este o comando, pretextando coação, restabeleceu a ordem, e mandou aviso do que havia sucedido ao governador D. Luís de Sousa, e à corte de Madri. A guerra com os índios rebelados, como os chamavam, continuava ainda, nem havia derrotas que intimidassem este povo bravo e oprimido.

1619

Amaro, que com a sua mancha provocara a insurreição, foi feito prisioneiro e despedaçado na boca duma peça. Acometeram os naturais o forte de Belém, e todos os esforços dos portugueses foram precisos para a defesa, mas morto por um tiro feliz o coudel dos assaltantes, retiraram-se estes.

Berredo, 461, 468

Entretanto tinha Domingos da Costa entregado Maciel nas mãos do novo governador, D. Luís de Sousa, em Olinda, que era então, como lugar mais vizinho do teatro da ação, o Maranhão, a residência do governador-general. Mas as acusações escritas de Antônio de Albuquerque não puderam tanto como a defesa pessoal do acusado; inocentado de toda a culpa foi Maciel tomar o comando contra os tupinambás, e D. Luís confirmando com uma patente a nomeação de Antônio de Albuquerque para a capitania, deu-lhe por ajudante Domingos da Costa, e no caso de não concordarem os dois sobre matéria de importância, devia ter voto decisivo o ouvidor-geral Luís de Madureira. Desconfiou porém que Albuquerque não aceitaria a capitania com estas condições, e logo nomeou Domingos da Costa para suceder-lhe, se assim acontecesse. Bom fundamento tinha a desconfiança, pois que Albuquerque, alegando ter de ir a Madri por causa da morte do pai, resignou o governo.

Domingos da Costa, capitão do Maranhão

Berredo, 469-471

O mesmo navio em que ia Domingos para S. Luís, levou também Jerônimo Fragoso de Albuquerque, primo de Antônio de Albuquerque, nomeado para a capitania do Pará. As suas instruções eram remeter presos para Portugal o assassino Cabral, seu tio Caldeira, Baltasar Rodrigues, que aceitara o governo das mãos dos amotinados, e os dois oficiais que haviam capitaneado a revolta. Apenas feito isto, principiou o novo capitão-mor a

Remetem-se a Portugal os amotinados de Belém

prosseguir dum lado na guerra contra os míseros tupinambás, enquanto Bento Maciel, que de Pernambuco trouxera oitenta soldados e quatrocentos flecheiros indígenas, começava da oposta praia de S. Luís a sua carreira de extermínio até Belém, matando e arrastando à escravidão quanto índio apanhava. Trazia ordens para inquirir ainda mais sobre a sedição, e posto que os mais culpados tivessem já fugido ou sido remetidos para Portugal, uns poucos de pobres-diabos que por sua desgraça se haviam deixado ficar, julgando a parte que tinham tomado muito insignificante para haver de atrair atenção, foram presos e embarcados para a metrópole, onde jazeram anos e anos nos cárceres, com pouca probabilidade de jamais se lhes instaurar o processo.

Crueza de Bento Maciel

Executada esta parte da sua comissão, tornou Maciel a atirar-se aos selvagens. Dizia o capitão-mor que bastava já de vingança tomada, sendo tempo de conceder a paz, mas Maciel respondeu que, tendo sido nomeado para o comando nessa guerra, era a ele que tocava dizer quando havia de ter fim. Sentiu Jerônimo Fragoso toda a insolência desta resposta, faleceu-lhe porém o tempo de promover a demissão deste homem daninho e sanguinário, pois morreu dentro de poucas semanas, tendo nomeado seu primo Matias d'Albuquerque para suceder-lhe.

O povo o depôs, pretendendo que nenhum capitão tinha poder de nomear sucessor, e elegeu Custódio Valente e um frade para o governo. Teixeira vociferou contra estas medidas, mas reconciliaram-no com elas, admitindo-o como terceiro à governança. Maciel quis fazer valer o seu direito à autoridade, mas como lhe não admitissem, foi por diante no seu nefando tráfico de caçar índios para vendê-los escravos. Não tardou que Valente embarcasse para Portugal; o frade não se vendo assaz popular na sua nova qualidade, recolheu-se ao convento, e ficou o governo nas mãos de Teixeira. Veio então Maciel a Belém, onde tentou suscitar contra ele um levantamento, mas, sendo o novo comandante tão ativo como vigilante, nada conseguiu, e vendo gorarem-lhe todos os planos, voltou ao Maranhão, onde ergueu um forte à embocadura do Itapicuru.

1620
Berredo, 472-484

Com a administração de Domingos da Costa ia prosperando o Maranhão. Parece que o governo de Madri julgou estes novos estabelecimentos dignos de mais atenção, do que o Brasil jamais merecera desde a morte de D. João III. Jorge de Lemos Bitencourt,

1621

Chegam ao Maranhão colonos dos Açores

sob promessa duma comenda que valia quatrocentos mil-réis, levou dos Açores duzentos colonos aos quais logo se seguiram outros quarenta cujo fornecimento o provedor-mor destas ilhas, membros da mesma família, contratou também com a Coroa. Chegaram estes reforços muito oportunos para encherem o vácuo que as bexigas haviam deixado na colônia. Os índios sofreram terrivelmente, passando poucos do terceiro dia depois de manifestada a moléstia. Mas, não consta que a doença alcançasse dentre os naturais os que viviam inimigos dos portugueses, tão vasto espaço de devastação se havia posto de permeio.

Barreiros, capitão do Maranhão

No ano seguinte veio Diogo de Mendonça Furtado por governador-geral. Com ele vinha Antônio Muniz Barreiros, rico morador de Pernambuco que havia barganhado com o governo o ofício de provedor-mor da fazenda real, obrigando-se a erigir dois engenhos de açúcar na conquista do Maranhão.

A fim de tornar este negócio mais lucrativo a todos os respeitos para ele mesmo, achou meios de persuadir o governador a dar-lhe ao filho a capitania de S. Luís, apesar de haver muitos outros pretendentes, que todos deviam ter melhores direitos, e apesar de não ser o jovem Barreiros manifestamente de idade para confiar-se-lhe semelhante cargo. A isto se obviou obrigando-o a consultar sobre todos os negócios importantes com Fr. Luís Figueira, jesuíta, que com outro da mesma ordem o acompanhava. Mal puseram estes jesuítas pé no Maranhão, logo contra eles se excitou uma assuada. Com tanta resolução e perseverança tinha a Companhia combatido o iníquo proceder dos portugueses para com os naturais, e o execrando sistema da escravidão, que não podia deixar de ser temida e odiada pelos senhores de escravos. Não bastou, para proteger estes padres, o seu caráter religioso, e o senado da câmara de S. Luís teve de requerer ao capitão-mor que os fizesse sair da capitania o mais depressa possível; mas Figueira, que presente estava ao fazer-se este requerimento, respondeu que haviam de fazê-lo em postas se queriam que abandonasse o exercício do seu dever naquele lugar. Tanto o novo capitão, como o seu predecessor Domingos, envidaram toda a sua autoridade e influência, buscando apaziguar o povo. Para sossegar-lhe os clamores, foi preciso que os dois jesuítas assinassem uma promessa escrita de jamais se ingerirem com os índios mansos, sob pena

Berredo, 492-496

de desterro imediato, e perda de todos os bens que pudesse possuir a sua ordem.

Por este tempo foi Maciel legalmente nomeado capitão-mor do Pará, depois de por duas vezes ter tentado fazer-se tal a si mesmo por meios indevidos. Arreceava-se o povo de sua bem conhecida crueldade, mas ele achou desafogo para ela nos pobres índios entre os quais fez Teixeira por sua ordem terríveis estragos. Na primavera do ano seguinte chegou Luís Aranha de Vasconcelos em comissão especial de Madri, para explorar o Amazonas e reconhecer todos os lugares ocupados pelos holandeses e outros entrelopos. Suas instruções mandavam-no ir a Belém consultar com Maciel, e ali decidir em conselho com ele, com o capitão da sua caravela e os dois pilotos de que lado principiar a exploração, se da banda da capital, se do norte, onde se supunha acharem-se estes intrusos. Resolveu-se que principiaria do lado do sul.

Maciel, capitão do Pará

Berredo, 409-501

Não tardaram a chegar a Belém repetidas notícias de achar-se Aranha cercado de inimigos no rio Curupá, e Maciel saiu imediatamente a socorrê-lo com setenta soldados e mil flecheiros indígenas numa caravela e vinte e duas canoas. Achou Aranha já de volta. Era falsa a nova de ter sido cercado, mas tinha encontrado colonos no Curupá, e outros ramais do grande rio, não podendo por falta de força efetuar o seu reconhecimento. Resolveu-se que ele volveria atrás, e Teixeira com ele no outro navio, enquanto Maciel costearia com as canoas, sondando todos os rios até ao Curupá, que seria o lugar da junção. Efetuou-se esta, tendo-se Teixeira, que se separara do outro, visto em grande perigo de baixios, correntes, tempestades, falta de piloto, e numerosos barcos inimigos que freqüentavam aquelas paragens. Ao mesmo tempo chegou de Belém outro destacamento, que Maciel ordenara que o seguisse. No Curupá acharam aventureiros holandeses, ingleses e franceses, com trincheiras para defesa do porto, e grande cópia de naturais por auxiliares. Maciel os expeliu deste posto, investiu muitas das suas outras feitorias que queimou, e seguiu para a ilha dos Tocujus, uma das da barra do Amazonas. Havia aqui muitas e bem fortificadas feitorias, que todas foram abandonadas à aproximação dos portugueses. Preparava-se Maciel para dar caça aos fugitivos no interior da ilha, quando soube que em socorro deles vinha um navio

Expedição ao Curupá e bocas do Amazonas

de considerável força: investiu-o e queimou-o, perecendo toda a tripulação exceto um moço, com tão atroz crueldade se fazia naqueles tempos a guerra por mar! Tinha sido intenção de Maciel formar um estabelecimento na ilha dos Tocujus, mas abandonando o projeto voltou a Curupá, e ali, num lugar chamado Mariocai, plantou um forte que ainda hoje conserva o nome de Santo Antônio, sob cujo padroado foi erguido. Preenchido assim o fim da expedição, regressou a Belém.

A partir deste tempo, assumiu Maciel o título de primeiro descobridor e conquistador dos rios das Amazonas e do Curupá; Luís Aranha, que primeiro do que ele havia entrado no Curupá, tomou o mesmo falso e pomposo cognome, aprazendo-lhes a ambos esquecer que haviam encontrado europeus no último rio, que a gigantesca corrente havia sido navegada por Orellana e pelo desesperado aventureiro Lope de Aguirre vindos do outro lado do continente, e que este mesmo labirinto de ilhas e canais, que era o mais que eles tinham visto, havia sido explorado mais dum século antes por um dos seus próprios conterrâneos, piloto da costa, por nome Meirinho, e cujo roteiro para uso dos que tentassem a mesma difícil navegação, existia ainda.

Notícias. **Ms. L. 5** **1624**

Com razão se consideraram em Madri como de grande importância estas conquistas, e sendo as antigas capitanias já vastas bastante para um só governador, e as comunicações do Maranhão para Pernambuco tão difíceis pelo constante vento leste, foram as conquistas do Maranhão e Pará separadas do governo-geral do Brasil, com o título de Estado, para cujo primeiro governador foi nomeado Francisco Coelho de Carvalho. Mas já os dias maus do Brasil se aproximavam, e em lugar de alargarem os seus estabelecimentos naquele país, viram-se os portugueses a ponto de perder quantas já possuíam.

O Maranhão e o Pará formam um Estado independente do Brasil

Berredo, 515-516

NOTAS DO CAPÍTULO XIII

1. O livro de Gabriel Soares de Sousa, *Tratado Descritivo do Brasil*, é de leitura obrigatória para compreensão dos problemas abordados pelo autor e outros mais pertinentes. (L.A.)

2. Diogo de Campos, o chamado Otuimiri, nome evidentemente mais tupinambá que francês, e provavelmente posto a este homem pelos índios. Acrescenta Diogo que Pero Coelho nada fazia sem que o consultasse. *Jornada do Maranhão*, pág. 2.
3. Apesar desta restrição ainda era eminentemente injusto o cativeiro dos indígenas. (F.P.)
4. Diogo de Campos, pág. 3. Alude à história do naufrágio de Sepúlveda, uma das tragédias de mais enternecer que recorda a história.
5. Esta denominação de tapuia, significando bárbaro, parece antes uma alcunha do que o nome duma tribo. (F.P.)
6. Vasconcelos diz que algumas pessoas os tinham por mais numerosos do que todas as outras tribos. Este escritor divide todos os índios brasileiros em duas classes principais, mansos e bravos. Incluindo na primeira denominação todos os que falam a língua tupi, chama tapuias todos os outros. Autores mais modernos empregam o nome vagamente, em lugar da antiga designação genérica de índios. Vasconcelos quer contar entre eles mais de cem línguas diferentes, e especifíca os aimorés entre as suas subdivisões. Nesta última asserção claudica ele evidentemente: os aimorés apareceram pela primeira vez nas províncias do sul, e só 180 anos depois da descoberta da América; vinham ainda mais do sul, do que a sua estatura é tal ou qual presunção, e a compleição prova. Falavam uma língua nunca até então ouvida no Brasil. À vista de todos os fatos de que temos notícia, é pois, claro, que três grandes tribos ou nações emigraram sucessivamente do interior para a costa: primeiro os tapuias, depois os tupis, e afinal os aimorés.*

   O Jaboatão limita os tapuias entre o Grão-Pará e Jaguaribe. Por toda esta extensão de costa, e no sertão, diz este escritor, eram eles inumeráveis, especialmente às margens desse rio, que deles tomou o nome de Rio Grande dos Tapuias. *Preâmbulo. Digressão*, 2. *Estância*, 1. § 10.

   *Pensa o Senhor Varnhagen que os aimorés devem ser descendentes dos patagões ou araucanos. (F.P.)
7. *Foeminae, ubi pepererunt, secedunt in silvam, et infanti umbilicum concha praecidunt, et una cum secundinis coctum devorant.* – Jacob Rabbi em Marcgraff.
8. Jacob Rabbi, que viveu muitos anos entre os tapuias, freqüentemente experimentou este remédio, de cuja eficácia se convenceu.
9. Estas, segundo Vasconcelos, chamam-se tapuias, como os seus moradores, pelo que não pode ser na própria língua deles, que esta palavra tem significação de inimigos.
10. Não é este costume menos hediondo que imundo. Quando os índios viajam pelas solidões, diz Knivet (Purchas., 1, 6, c. 7, pág. 1226), vão munidos de grande quantidade de tabaco, levando uma folha constantemente metida na boca entre os lábios e os dentes e como andam, lhes vai escorrendo a saliva negra pelo orifício que têm no lábio inferior.
11. Frei Diogo Nunes foi dos primeiros jesuítas chegados ao Brasil. O padre Serafim Leite indica sua chegada em São Vicente com 12 anos de idade, in *História da Companhia de Jesus no Brasil.* (L.A.)

12. Inverossímil nos parece semelhante conto. (F.P.)

13. *L'an 1581, ou escrivit de lá, que depuis qu'ils eurent receu une relique de S. George Martyr, que le R. P. General de la Compagnie de Jesus leur avoit envoyé reçu six ans auparavant, ces Aymurés, qui emportoient d'ordinaire le dessus des guerres, qu'ils faisoyent contre les habitants de cette précieuse despouille du B. Martyr S. George y fust portée, là fortune de la guerre se changeant dés lors, ils estoient par après toujours battus, et perdoyent beaucoup des leurs, sans qu'il y fut aucun Portugais de tué, et bien peu de Brasiliens, qui soustenoyent leur party. Ce qu'on attribuoit aux mérites et aux prières de ce valeureux de Jesus Christ; et à cette occasion l'on célèbre sa feste avec grand solemnité et rejenissances,* Jarric., 2, 328.

   Agora, vinte anos mais tarde, vê-se que a arma de S. Jorge, tinha perdido toda a eficácia. Enquanto estava fresca a relíquia excediam-se provavelmente os seus possuidores em esforços na própria defesa com esperança e confiança.

14. De acordo com o padre Serafim Leite, *in op. cit*., Domingos Barbosa e não Domingos Rodrigues, veio para o Brasil no ano de 1601.

15. Freqüentemente usa Southey da palavra convento em vez de colégio. (F.P.)

16. Vide o ensaio de J. F. de Almeida Prado, *Conquista da Paraíba,* que reúne exaustiva documentação sobre o tema. (L.A.)

17. A narrativa de Berredo difere tanto desta, que diz ele, que os holandeses tomaram os índios por portugueses, tão bem os havia Martim Soares disfarçado e disciplinado. Na escolha entre as duas exposições não havia que hesitar, ainda quando Diogo de Campos não fosse melhor autoridade a respeito dum parente seu, do que Berredo, que viveu quase século e meio mais tarde; porquanto se era fácil dar Soares a sua pele a cor da de um índio, não havia meios de dar à deste a aparência da dum português.

18. Trata-se de Jacques Riffault, armador de Dieppe, que conjuntamente com Charles des Vaux, havia se estabelecido, desde 1594, na ilha do Maranhão, em aliança com Ovirapire (ou Ovirapive, como quer Southey), morubixaba dos tupinambás. (L.A.)

19. Outros a fazem muito maior, mas Berredo escreve indubitavelmente de ciência própria, como governador, que foi, do Maranhão.

20. Crê o P. José de Morais (*Hist. da Comp. de Jesus nas Províncias de Maranhão e Pará*), que morrera no mar, vítima de suas piratarias. (F.P.)

21. Do *Tratado do Sucesso do Galeão 'Santiago'* se vê que em 1602, dez anos antes desta jornada, residia nesta ilha um português como feitor com treze ou quatorze escravos negros. Havia ali gado bravo, e grande número de ratos (como os chamam) de pernas tão curtas, que se moviam aos saltos. Seriam *gerbos*? Cap. 10. *História trágico-marítima*, t. 2.

22. Teve lugar este sucesso no dia 24 de julho, segundo o testemunho do referido P. José de Meran. (F.P.)

23. Claude d'Abbeville o chama chefe de Juniparã, e Grão Bourouichaue da ilha.

24. O que segue é por demais suspeito, para ser inserto no texto: "Tão bem como os Peros sabemos que existe um ente, criador de todas as coisas, que é todo bondade e que foi ele quem nos deu a alma, que é imortal. Cremos igualmente que pela maldade

dos homens mandou Deus um dilúvio sobre todo o mundo, para castigá-los, sendo somente preservado um bom pai e uma boa mãe, dos quais todos descendemos, e nós e vós éramos então uns. Mas algum tempo depois do dilúvio mandou Deus os seus profetas barbados a instruir-nos na sua lei. Estes profetas ofereceram ao nosso pai duas espadas, uma de pau, outra de ferro, que das duas escolhesse uma; achou ele a de ferro demasiado pesada e optou pela de pau. Mas o pai de que vós descendeis, escolheu, neste mais sábio, a de ferro. E depois fomos desgraçados, porque os profetas, vendo que a nossa nação lhes não dava crédito, fugiram para o céu, deixando os vestígios de suas pessoas e pés, de cruzes, tudo impresso na rocha perto de Patyou. Desde então principiou entre nós a confusão das línguas, que antes disso todas eram uma; e não nos entendendo mais desde essa época, começamos a matar-nos e comermo-nos uns aos outros, enganados pelo diabo Jeropari. E para cúmulo de nossas misérias vieram os malditos Peros tomar-nos o país, quase exterminando a nossa grande e antiga nação, e reduzindo-nos aos poucos que somos."

Toda esta parte do discurso é provavelmente de invenção francesa. É de primeira intuição que os tupinambás nenhuma tradição poderiam ter acerca duma espada de ferro, antes de terem visto este metal, e tão torpemente foi forjada a tradição, para se lhes pôr na boca, que a espada de pau é a mais pesada das duas.

25. Denominação dada pelos selvagens aos portugueses. (F.P.)
26. Esta insuficiência a que se refere Southey foi estudada amplamente, da parte portuguesa, por João Lúcio de Azevedo in *Épocas de Portugal Econômico.* (L.A.)
27. Trata-se de Jerônimo de Albuquerque que em 1613 fundou o forte de Camocim e derrotou os franceses mais tarde. (L. A.)
28. Ou antes Baía das Tartarugas, como a chamam os nossos cronistas. (F.P.)
29. Não sei se será este o nome tupi, ou a sua tradução, ou, o que é mais provável, uma alcunha posta pelos portugueses.*

* Não foi alcunha e sim tradução literal da palavra indígena *Potex*. (F.P.)

30. Para se julgar da boa fortuna que teve a expedição, basta ver o roteiro que Pimentel dá para esta perigosa navegação: "Com toda a maruja no convés e pela enxárcia entrai de N. E. para S. O. entre cachopo e cachopo, evitando quando virdes, e apenas vos achardes dentro da penedia, tomai o prumo na mão, e não temais, governando para o Cabedelo, defronte do qual dareis fundo." *Piloto do Brasil,* pág. 32.
31. Esta dieta alimentar referida por Jerônimo de Albuquerque liga-se a um dos capítulos mais dramáticos dos primeiros contatos do colonizador europeu com a nova terra; o da aculturação culinária. O português, como o francês ou o inglês, tiveram de alterar radicalmente sua dieta no Brasil. Vide, a propósito, o livro de Sérgio Buarque de Holanda, *Caminhos e Fronteiras*, onde o fenômeno se acha devidamente estudado. (L.A.)
32. Para ela deu um dos missionários franceses um frontal de altar e uma vestimenta bordada pelas mãos da duquesa de Guise.
33. O mesmo que lazulito. Espécie de pedra azul, opaca e listrada de branco com pontos amarelos, de que se extrai uma tinta capaz de colorir. (L.A.)

34. Aqui termina o excelente diário desta jornada, que Berredo incorporou na sua história. Dessa circunstância se infere com alguma probalidade, que fosse ele escrito pelo próprio Diogo de Campos, sendo a sua partida o último fato que se refere. Principia a 23 de agosto de 1614 e finda a 4 de janeiro de 1615. Se se atender a que a história da conspiração, que só podia ser sabida dos dois comandantes, se acha neste escrito, atingirá esta desconfiança o grau de quase certeza.
Depois da publicação da primeira edição desta obra, foi o próprio diário impresso pela Academia Real de Lisboa, na sua *Coleção de Notícias para a História e Geografia das Nações Ultramarinas que vivem nos Domínios Portugueses, ou lhes são vizinhas*, t.1, nº 64. Aí se dá ele por indubitável obra de Diogo de Campos, impressa do manuscrito original.

35. Também chamado de S. José (F.P.)

36. Com o título de governador-geral da armada e conquista. (F.P.)

37. Assinala João Ribeiro que a conseqüência da ocupação de São Luís pelos portugueses (1614-1615) foi a fundação e colonização do Pará em 1616, por Caldeira Castelo Branco. Este teria levado consigo inclusive Charles des Vaux, o armador associado de Jacques Riffault, conhecedor de toda a vasta região onde se encontrava desde 1594. Vide João Ribeiro in *Notas de um Estudante*. (L.A.)

38. Tão ilegivelmente está escrita no despacho original a remuneração, que se lhes concedia, que não pude descobrir, nem mesmo conjeturar, que soma os algarismos queriam exprimir.

39. Era este Martimão, ou Martim Afonso, o famoso Ararigbóia. (F.P.)

40. Com efeito, Southey parece referir-se a uma nova visitação do Santo Ofício no Brasil. A primeira, que durou pouco, foi a de 1591, com Heitor Furtado de Mendonça, que chegou à Bahia aos 26 de março daquele ano. A visitação de Pernambuco foi terminada em fevereiro de 1594. Duraram pouco estas visitações e não chegaram a se caracterizar como uma verdadeira introdução do Santo Ofício no Brasil. Daí a observação de Southey. João Lúcio de Azevedo, porém, descobriu depois que houvera uma outra visitação na Bahia, a realizada em 1618 e ordenada pelo inquisidor-geral Fernão Martins Mascarenhas. Vide Capistrano de Abreu, in *Ensaios e Estudos*, 2ª Série. (L.A.)

41. Como quase todas as proposições gerais, é falsa semelhante asserção. (F.P.)

. . . .

Capítulo XIV

FORMAÇÃO DE UMA COMPANHIA DAS ÍNDIAS OCIDENTAIS NA HOLANDA – SÃO SALVADOR TOMADA PELOS HOLANDESES E RESTAURADA PELOS ESPANHÓIS E PORTUGUESES COMANDADOS POR D. FRADIQUE DE TOLEDO – NEGÓCIOS DO MARANHÃO – FAZEM OS HOLANDESES SAIR NOVA EXPEDIÇÃO E APODERAM-SE DE OLINDA E DO RECIFE

SE FILIPE IV tivesse caído nas mãos de um ministro prudente, seria pela paz, pela restituição do Palatinado e pelo casamento da infanta com o príncipe inglês, que teriam terminado as tréguas de doze anos com a Holanda. Ter-se-iam poupado muitas misérias à Europa, e a Espanha houvera tido tempo de refazer-se de suas exaustas forças. Mas Filipe e Jaime I foram bigodeados nas suas disposições pacíficas pelos seus favoritos, e Olivares e Buckingham são autores dos crimes e desgraças que se seguiram.

1622

Com razão prezavam os holandeses sobre todas as coisas a liberdade; depois da liberdade vinha a ganância. Atacando as colônias espanholas, empobreciam o inimigo, e a si próprios se enriqueciam ao mesmo tempo. Era o que no Oriente haviam feito com tão bom resultado que puseram-se agora a olhar para a

A companhia holandesa das Índias Ocidentais

América, e propôs-se a incorporação de uma companhia das Índias Ocidentais, cujo fim principal devia ser fazer conquistas no Brasil. Sérias objeções militavam contra esta proposta. Ponderava-se que era Holanda muito pequena para tão ambiciosos projetos; que para duas companhias seria difícil achar gente; e que os produtos do Brasil e das possessões asiáticas eram tão semelhantes que uma companhia faria mal à outra, trazendo ao mercado gêneros quase os mesmos. O triunfo, se triunfo houvesse, excitaria a inveja das potências européias ora amigas, e da inveja cedo nasceria a hostilidade. Mas não havia que contar com a vitória. Como os da Índia não eram os estabelecimentos portugueses no Brasil; ali se tinham os colonos no decurso de um século ligado com os naturais, que lhes dariam poderoso auxílio contra quaisquer invasores, cumprindo recordar que tão fáceis como ilhas tomadas se não defendiam conquistas em um continente.

Em resposta a estas objeções dizia-se que os naturais ardiam por arrojar o jugo dos portugueses, e que estes mesmos, uns por ódio a Castela, outros por seus casamentos com cristãos-novos, e conseqüente receio da Inquisição, ou de boa mente fariam causa comum com os holandeses, ou fraca resistência lhes oporiam, para o que bastava tratá-los bem e dar-lhes plena liberdade de consciência. São Salvador e Olinda, as duas praças, cuja posse mais importava haver, eram ambas acessíveis por mar; e vencidas elas, fácil era o caminho do Pacífico, e à mão ficavam os tesouros do Peru. Assim ficaria privada a Espanha dos próprios meios da guerra. E que se arriscava com a tentativa? Do estado nada se exigia senão homens que seriam levantados e mantidos à custa da companhia, e que, não sendo assim utilmente empregados fora, podiam tornar-se perigosos dentro do país. Também como é costume, se perverteu o cristianismo, fazendo-o servir aos fins da ambição e da avareza, e como motivo para invadir o Brasil se alegou que uma religião pura iria por este meio assentar-se na América. Prevaleceram estes argumentos: organizou-se a companhia,[1] deram-se-lhe plenos poderes, e proibiu-se por vinte anos a todos os outros súditos das Províncias Unidas o comércio com a América, e com a fronteira costa da África do Cabo da Boa Esperança ao Trópico de Câncer. Todos os seis anos devia a companhia dar conta do seu estado.

Barléu, P. 10. S. Giuseppe, P. 51. Céspedes, L. 5, c. 14

Não eram indignos dos vastos meios postos à sua disposição os espíritos da nova companhia, que resolveu principiar as suas operações por uma tentativa contra a capital do Brasil. Tomou-se esta ousada determinação por se conhecer melhor a importância desta posição, do que o caráter dos portugueses, dos quais se esperava menos resistência do que da parte dos espanhóis, como gente mais fácil de ganhar-se por amiga, ou de obrigar-se por pacífica a viver quieta e sujeita.

1623

Aparelha-se uma frota contra o Brasil

Depressa se aparelhou uma frota ao comando de Jacob Willekens; por almirante lhe puseram o famoso Pedro Pietersz Heyn, que de simples marinheiro se erguera àquele posto. Hans Vondort foi por general de terra. Por intermédio dos judeus estabelecidos no Brasil, se colheram todas as informações necessárias, que era naqueles dias a Holanda o só país da cristandade onde este oprimidíssimo povo vivia tranqüilo, e pilotos holandeses eram de todas as coisas com que mais fundamento havia para contar-se. Mas assim como os holandeses compravam informações, também as vendiam; e houve em Amsterdã mercadores que mandaram recado a Lisboa advertindo o governo que se a ameaça se dirigia contra a Índia, o golpe era destinado ao Brasil. Igual admoestação fez a infanta Isabel de Flandres para Madri. Mas nada podia despertar Olivares: era sistema da corte espanhola enfraquecer Portugal por todos os modos, e ou não deu crédito à denúncia, ou não considerou quais seriam para as suas próprias colônias as conseqüências de perderem-se as portuguesas.

Dispersão da Armada

Saiu a frota em dezembro de 1623; um temporal a dispersou à vista de Plymouth, e só em Cabo Verde se pôde efetuar de novo a junção. Passada a Linha, abriram os comandantes as suas instruções, e acharam ordem de atacar São Salvador, capital do Brasil. Nenhuma comissão lhes podia ser mais bem-vinda, mas nova tempestade contrariou-lhes as esperanças, e outra vez se dispersou a armada. Vandort foi repelido para Serra Leoa; Willekens forçou o rumo contra o vento, e ganhou o Morro de São Paulo, a doze léguas da Bahia, onde se pôs a capear ao largo, aguardando Vandort. Também esperava que esta demora diminuiria a inquietação que causara o seu aparecimento, supondo os portugueses que ele teria vindo ali arribado.

S. Salvador tomada

Descuidavam-se os brasileiros a si próprios quase tanto como a corte de Madri se esquecia deles. Bordejava o holandês perto da costa a doze léguas da capital havia já três dias, e ainda o governador nenhum aviso recebera; e o primeiro que lhe foi só rezava de um navio. Não tardaram novas mais certas, e então principiou ele a fortificar postos longamente demais abandonados; passou revista às suas forças, que montavam a mil e seiscentos mosqueteiros[2] em dezesseis companhias, e reuniu na vizinhança quantos podiam pegar em armas. Era então bispo da Bahia D. Marcos Teixeira, personagem que exercera cargos na Universidade de Coimbra, na Sé de Évora e na Inquisição de Lisboa, com o crédito que podiam dar tais ofícios. Reinava entre ele e o governador alguma má vontade, e talvez isto motivasse divergência de opinião na atual conjuntura. Teriam combatido os que do Recôncavo haviam sido chamados para defesa da cidade, se o inimigo se houvera mostrado, quando eles esperavam; poucos dias bastaram para arrefecer-lhes o ardor, e sentindo os males de sua ausência de casa e dos negócios, perdida a paciência persuadiram-se a si e aos outros que os holandeses só haviam vindo como de costume a piratear navios. O bispo injustificavelmente lhes aumentou o descontentamento, dizendo publicamente que não cria no perigo, e que maior mal se faria a estes indivíduos detendo-os, do que poderiam compensar os serviços que auferisse o estado; e não contente ainda com usar de tão daninha linguagem na conversação, no mesmo sentido pregava do púlpito. O resultado foi que as forças rurais, animadas com o exemplo de insubordinação da parte de quem por primeiro dever tinha inculcar a obediência, amotinadas desertaram da cidade. Não tardou o prelado a ter razão de arrepender-se do seu próprio feito; e querendo repará-lo quando avisos repetidos não deixaram mais dúvida sobre a força e desígnios dos holandeses, ofereceu ao governador seus próprios serviços pessoais, com os da sua casa e do seu clero, para defesa da cidade; pois, dizia, embora lhe incumbisse pelejar mais com orações do que com armas, confiava que o Senhor, ordenando-lhe que arriscasse a vida pela salvação de suas ovelhas, lhe daria forças para sacrificá-la se fosse mister, e o ajudaria contra um inimigo rebelde não só ao rei, mas tam-

Tamaio de Vargas, 35 Brito Freire, 2, § 120.

bém a Deus. Era notório quanto a sua pobreza, não tendo ele nunca recebido o que o estado lhe devia para sua sustentação, mas ainda lhe restava alguma baixela, e se a quisessem para interesse dos soldados, serviço de S. M. ou bem da cidade, pronta estava. Finalmente, pedia ao governador que, esquecido qualquer desagrado, lhe marcasse um lugar onde melhor aproveitasse. Foram pois ele e os seus criados e o seu corpo de clérigos postados na sé, onde desde logo principiaram a montar guarda. Pela sua parte não ficou o governador atrás em generosidade: ofereceu sustento a quem dele carecesse, para que ninguém sob protesto de fome abandonasse a cidade. Mas demasiado tempo se havia perdido na inação. Tais, como Willekens os esperava, foram os efeitos da longa indecisão, e quando, reunida outra vez a sua frota, e içado o sangüíneo pavilhão com um braço empunhando espada nua, se apresentou diante de São Salvador, poucos preparativos achou, e poucos meios de defesa.

Aldenburgh, § 78

Avistada a frota e com a grandeza do perigo diante dos olhos, postou o governador à pressa as suas tropas nos pontos de defesa, e ergueu na praça uma força, declarando que quem abandonasse o seu posto morreria daquela morte afrontosa. Puseram-se os navios debaixo da artilharia de um baluarte que ficava ao mar, tripulados eles próprios para a defesa; e o bispo andou em um escaler exortando a fazerem valentemente o seu dever os que estavam a bordo. Enquanto o inimigo se conservou à distância, foram as peças bem servidas, de modo que o navio holandês que vinha na frente ficou desarvorado, e morto o seu capitão, homem de grande fama. Então fez Heyn largar três lanchas com vinte homens em cada uma. Vendo-as avançar e supondo que os vinham abordar, acobardaram-se os portugueses, e fugiram para terra. Alguns, que com o cuidado da própria conservação nem tudo haviam esquecido, puseram fogo ao maior dos navios[3]; deste se comunicou o incêndio a mais três, e como prêmio da sua fácil vitória levaram os holandeses oito.

Tamaio de Vargas, ff. 36

Animado com isto, resolveu Willekens acometer a bateria que também havia sido bem servida. Quatorze batéis se tripularam com vinte marinheiros cada um, e o próprio Heyn se pôs à frente. Não só do terrapleno, mas também da praia se lhes fazia fogo

J. de Laet, P. 14

vivo. Erguia-se a muralha da bateria oito ou nove pés acima da água, e sendo este o ponto mais eficaz de defesa, havia ali postado de quinhentos a seiscentos homens. Mas a sorte dos navios e a resolução com que avançava o inimigo intimidou-os. Foi o corneta de Heyn o primeiro homem que trepou, e o mesmo Heyn o segundo[4]; aquele foi morto, mas os marinheiros escalaram o muro, uns com o auxílio de seus croques, outros com o dos ombros dos companheiros. Este perigoso feito custou apenas quatro mortos e dez feridos aos holandeses. Os portugueses meteram-se ao mar e escaparam; e Heyn, vendo que o lugar ficava ao alcance de tiro da praia, que crescia a noite, e que a sua gente estava muito fatigada e quase exausta a pólvora, encravou as peças e volveu à armada.

Enquanto os marinheiros faziam este rude serviço, desembarcavam mil e duzentos homens de terra e duzentos e quarenta de mar ao comando do sargento-mor Albert Schoutens. Não se opôs a menor resistência, embora se visse na praia grande cópia de gente armada de arcabuzes, arcos e lanças, com um oficial a cavalo para comandá-la. Porém mal o inimigo pôs pé em terra, desapareceu esta desordenada multidão. Dois homens[5] iam na expedição, que tinham sido prisioneiros na Bahia, e conhecendo bem a localidade, serviam ora de guias aos seus; estreita era a passagem, e um punhado de homens resolutos podia ter causado grande dano aos invasores, que desassombrados marcharam até aos subúrbios. Ali lhes fez frente o filho do governador, e com bravura tal que os holandeses perderam alguma gente, chegando, segundo a sua própria confissão, a ver-se em risco de serem baralhados, a não terem sido os esforços pessoais de Schouten. A posição que tão tardios haviam escolhido os portugueses, era insustentável, e o inimigo alojou-se nos arrebaldes, à espera da manhã. Entretanto guarnição e moradores, dando tudo por perdido, evacuaram a praça. Foi o bispo o primeiro a retirar-se, levando seiscentos homens. Tomou ele o único partido razoável; debaixo do domínio do terror pânico, nada havia que fazer, e ainda que a coragem dos portugueses se não desmentisse faltara totalmente quem a dirigisse.

Ao romper o dia, trouxeram os holandeses duas peças de campanha, fazendo-as jogar contra as portas da cidade; sobre as mura-

lhas porém se mostrou um português com uma bandeira branca, dizendo-lhes que podiam entrar seguros que estava deserta a praça. Nem acreditar queriam eles ao princípio em tanta fortuna, e ao abrir-se a porta entraram em ordem de batalha, e com a maior cautela. O governador com seu filho, e alguns homens de sua casa, tentou defender o seu paço, como se esta vã ostentação de valor pessoal pudesse escusar-lhe ou atenuar-lhe a inércia do anterior procedimento.[6] Os holandeses porém não quiseram matá-lo[7], e assim sem combate, nem sequer demonstração de defesa, lhes caía nas mãos a capital do Brasil. Nem aqui parou a sua boa fortuna, e doze navios entraram no porto antes que pudesse saber-se da conquista. Foram enormes os despojos. Um que neles teve seu quinhão, diz que os soldados mediam ouro e prata aos chapéus cheios, e que muitos paravam trezentos ou quatrocentos florins em um lance de dados. Era que o governador a todos os moradores proibira sob pena de morte tirar da cidade coisa alguma de seus haveres, julgando assim impedi-los de abandonar a praça. Acharam-se muitas imagens de prata entre as quais treze de tamanho e valor maiores, representando a Virgem Maria e os doze apóstolos.

F. Giuseppe, 60. Céspedes, 5, 19

Aldenburgh, § 93

Tamaio de Vargas, 40

Fortificam os holandeses a cidade

Assumiu Vandort o comando, conforme suas instruções, e principiou a fortificar a praça; tinha em Flandres aprendido a arte da guerra e era soldado de grande crédito. Reparou as fortificações antigas, e acrescentou-lhes outras novas, no que se empregaram dois hábeis engenheiros. Até que quis abrir um corte através da língua de terra em que estava assentada a cidade, insulando-a assim, mas achou-se demasiada a distância. Espalharam-se proclamações, oferecendo liberdade, gozo pleno de seus bens, e livre exercício de sua religião a todos que se submetessem; atraiu isto muitos negros, muitos indígenas e obra de duzentos cristãos-novos, que trabalharam por persuadir outros a seguirem-lhes o exemplo. Expostos como andavam aos insultos de um povo supersticioso e beguino, e sempre com o medo da Inquisição diante dos olhos, nada lhes podia ser mais bem-vindo do que esta mudança de senhores.

Tinham os portugueses suposto ao princípio que esta expedição holandesa tinha por único fim o saque, não a conquista, e por isto fora

talvez que tão fraca resistência haviam oposto. Mas agora que se acharam nos matagais sem casa nem abrigo, e com mulheres e filhos a roda de si, salteou-os a vergonha; e quando viram que o inimigo em lugar de carregar navios e embarcar com o roubo, andava fortificando os muros e preparando-se para assentar-se como senhor no Brasil, renasceram-lhes os brios nacionais e principiaram a ver como recuperar a honra própria e a do seu país. Reuniram-se o bispo e os principais funcionários civis e militares no Espírito Santo, uma das aldeias de índios no Recôncavo, onde tinham os jesuítas uma residência; e considerando Mendonça morto para todos os fins do estado, abriram as vias de sucessão, que haviam tido a precaução de levar na fuga. Era Matias de Albuquerque, então governador de Pernambuco, a pessoa nelas nomeada. Mandou-se-lhe recado da sua nomeação, e passou-se a eleger quem comandasse até que ele chegasse. Antão de Mesquita de Oliveira, o ouvidor-geral, foi o primeiro escolhido; a sua avançada idade lhe não deixava forças para tamanho cargo. Nomearam-se então os dois coronéis:[8] Lourenço Cavalcanti d'Albuquerque e João de Barros Cardoso; dois chefes não faziam liga. Posta pois de parte esta eleição, não tardou a conferir-se o comando ao bispo D. Marcos Teixeira.

Refazem-se os portugueses

Céspedes, 5, 20. R. Pita, 4, § 33

Não passou este prelado *ex abrupto* do seu caráter episcopal para o militar. Vestiu primeiro o hábito de penitente, fez preces públicas, e depois tomou armas, trazendo uma roupeta por sobre o arnês e uma cruz ao peito; para mais distinção usava de chapéu verde, talvez porque era esta entre os portugueses a cor da esperança[9], e por estandarte alçou o crucifixo. A sua primeira medida foi proibir a cultura do açúcar e do tabaco, em que os holandeses começaram a traficar, ainda antes de finda a primeira semana. Compunha-se a sua força de mil e quatrocentos portugueses e duzentos e cinqüenta índios.[10] Foi postar-se sobre o rio Vermelho, cerca de uma légua da cidade, fortificando o seu campo com a artilharia de um navio que havia escapado, metendo-se por um rio do Recôncavo. O seu povo ganhara ânimo, e foram a seu favor os primeiros recontros. Vandort saiu com uma partida a reconhecer terreno e caiu numa cilada: um chuveiro de setas lhe matou o cavalo, ferindo a ele próprio, e depois o acabou Francisco de Padilha. Ativo e valoroso em extremo, não era este um ini-

O bispo feito comandante

migo generoso; deixou que os índios mutilassem o cadáver do capitão holandês, e como prova do seu feito levou, sem nariz nem orelhas, a cabeça ao bispo! Fora Vandort trinta anos soldado, e os próprios portugueses lhe gabavam o honroso proceder e rigorosa disciplina que mantinha. Melhor fortuna não teve Albert Schoutens, que sucedendo no comando não tardou a ser morto por uma bala de mosquete. O irmão Willem, a quem se devolveu o mando, era muito inferior à sua posição, e cada dia ia crescendo a fama das armas portuguesas e diminuindo a das holandesas. Com característica barbaridade[11] se faziam de parte a parte as hostilidades. Dos portugueses se disse que mataram um oficial, que mandavam para Pernambuco, porque tendo chagas nos pés, não podia marchar tão depressa como queriam os condutores, e os holandeses em represálias fizeram sair os seus prisioneiros, e amarrados uns aos outros, os arcabuzaram. O bispo não desprezava meio espiritual ou temporal que pudesse estimular o ânimo do seu povo, e em virtude do seu cargo de comandante-em-chefe armou cavaleiros Padilha e outros três oficiais que se haviam assinalado.

Jornada da Bahia c. 23

Jornada de Heyn contra Angola

Contudo apesar destes reveses que lhes deveriam ter resfriado a confiança, tinham-se os holandeses a si próprios por tão fortes, por tão fracos os brasileiros e a Espanha tanto por baixo, que Willekens se fez de vela para a Holanda com onze navios carregados de despojos, deixando os outros a Heyn, que poucos dias depois partiu em infrutífera expedição para Angola. Vastos eram os projetos da Companhia das Índias Ocidentais; queria assenhorear-se de Luanda, e assim de um golpe assegurar o suprimento de negros às suas próprias conquistas no Brasil, fechando aos portugueses o seu mercado costumado. Mas Luanda tinha sido socorrida a tempo, e a vigilância do governador Fernão de Sousa desbaratou todos os intentos do inimigo, baldando-lhe as traças. Mais feliz não foi Heyn em uma investida que de volta para a Bahia, deu ao Espírito Santo, instigado por um flamengo, que tendo previamente ali residido e sido condenado à morte por certo crime, fora perdoado, e regressando à pátria, pusera-se ao serviço da Holanda. Sucedeu achar-se naquela vila Salvador de Sá, filho do governador do Rio de Janeiro, de marcha para o Recôncavo com socorros, e Heyn, perdidos mais de cento e vinte homens em dois malogrados assaltos, abandonando a empresa, seguiu para

Assalto contra o Espírito Santo

Jornada da Bahia, C. 21

a Bahia. Achou as armadas de Portugal e Espanha de posse da enseada, e, faltando-lhe forças com que combatê-las, velejou para a Europa.

Grande alvoroto causaram em Madri as novas da perda da Bahia. A corte, que advertida do golpe nada fizera para evitá-lo, percebeu-lhe depois de recebido todas as conseqüências, inquietando-se provavelmente ainda mais com dizer-se que os ingleses iam unir suas forças às holandesas, e fazer rei do Brasil o eleitor palatino. Dignas da sua superstição e da sua pujança foram as medidas adotadas pela corte espanhola. Mandou ordem aos governadores de Portugal que inquirissem dos crimes que haviam acarretado esta visitação da vingança divina, e conseqüentemente os punissem. Preces, que pela sua repetição em nove dias sucessivos se chamavam novenas[12], se mandaram fazer por todo o reino, rezando-se depois da missa uma ladainha e orações formuladas para esta ocasião. Em um dos nove dias devia sair uma procissão solene do povo em todas as cidades, vilas e aldeias, e dos religiosos em todos os mosteiros. Expôs-se o sacramento em todas as igrejas de Lisboa. Equipou-se a grande armada do Oceano, como a chamavam os castelhanos, para restaurar a cidade perdida, e quatro esquadras saíram logo do Tejo com reforços para os lugares que mais perigo se reputaram. Foi em uma D. Francisco de Moura a tomar o comando na Bahia[13], outra singrou para Pernambuco, outra para o Rio de Janeiro, e a quarta para Angola.

Medidas do Governo espanhol

Tamaio de Vargas, 60

Brito Freire, 233
Céspedes, 5, 20

1624

Bem conheciam os portugueses o valor das suas colônias; a cidade de Lisboa deu cem mil coroas para despesas do governo na restauração de São Salvador; o duque de Bragança contribuiu espontaneamente com vinte mil, o de Caminha com dezesseis mil e quinhentas. Os nobres vendo que pela primeira vez se mostrava zelosa do bem de Portugal a corte de Madri, e lisonjeados por ter-lhes el-rei escrito de seu próprio punho, requerendo-lhes seus serviços, ofereceram com prontidão sem exemplo as pessoas e a fazenda. Em verdade Filipe se dirigira a eles por um modo que lhes açulava todo o orgulho do patriotismo. Não duvido, dizia ele, que tais vassalos em tal ocasião por me servirem se sacrifiquem, e que mais necessidade haverá de contê-los que não embarquem, do que de incitá-los a fazerem-no. Pois, por minha fé, tanto os

amo e estimo que me alegrara de arriscar na jornada minha própria pessoa, provando-lhes o meu desejo não só de conservar essa coroa, mas de aumentá-la e engrandecê-la, como tais vassalos merecem. Animados com tais exortações, embarcaram como voluntários homens que tinham exercido os mais altos cargos, entre outros Afonso de Noronha, que já fora vice-rei da Índia. Não houve família nobre em Portugal que para este armamento não desse um de seus filhos, decidindo a sorte muitas vezes entre irmãos qual deles havia de ser o aventureiro, muito ambiciosos todos, para que de *motu proprio* renunciasse algum os seus direitos a ser da partida.

Jornada da Bahia, **C. 4**

Reinava em Lisboa a maior azáfama: dia e noite se trabalhava nos aprestos, revezando-se a gente. Concedeu-se um jubileu a quantos embarcassem nesta importante jornada contra um inimigo herege, e para corroborar-lhes o zelo católico, deram-se-lhes bandeiras, em uma das quais se via a representação da milagrosa Conceição, e em outra a imagem de Santa Teresa. A D. Manuel de Meneses se deu o comando da força portuguesa, composta de 4.000 homens em 26 navios[14], que deviam fazer junção com os espanhóis em Cabo Verde. Pela primeira vez tomava Olivares a peito o interesse de ambos os países, e quando um astrólogo, famoso naqueles tempos, lhe disse que receava que a lua de janeiro encontrasse a armada fora do porto, respondeu o favorito que mais temia que ela a achasse dentro.[15] Deu ele pressa à expedição, que, apesar disso, se esquivou mais vagarosa que a portuguesa, tendo esta de esperá-la quase nove semanas no fatal clima de Cabo Verde, com grande dispêndio de vidas. Levavam os espanhóis quarenta velas e oito mil soldados ao comando de D. Fradique de Toledo. Tão poderosa armada jamais cruzara até então a Linha.

1625

Entretanto recebera Matias de Albuquerque novas da sua chamada ao governo em virtude das vias de sucessão, e também por nomeação direta da metrópole. Apresentar-se em pessoa no teatro da ação não fora prudente. Não havia reunir tropas suficientes para expulsão dos holandeses, e o sistema adotado de picá-los, atacando-lhes os postos avançados, e matando-lhes as forrageadores, produzia o efeito seguro de enfraquecê-los e desanimá-los, e para este serviço uma força mais regular teria sido de menos préstimo e mais sujeita a perdas. Contentou-se pois Albuquerque com mandar

Morte do bispo apeado do comando

Francisco Nunes Marinho de Sá[16] a tomar o comando, para que pudesse o bispo voltar toda a sua atenção às coisas espirituais, obstando especialmente a que o inimigo disseminasse suas doutrinas heréticas, o que os portugueses temiam mais ainda do que a força das armas. De Madri se recomendou muito particular vigilância contra este perigo. Seis meses estava já o bispo em campo, tendo comandado durante três, as inacostumadas fadigas da vida militar, e de tal cargo, foram maiores do que podia ele sofrer, e pouco depois da chegada de Francisco Nunes entregou o espírito nas mãos do Criador. Como morresse no campo, enterraram-no em uma capelinha em Tapagipe, de onde havia expelido os holandeses. Com nenhuma pedra se lhe marcou o jazigo nestes tempos de confusão, e quando mais tarde quiseram os portugueses honrar-lhe devidamente as cinzas, já o lugar estava esquecido.[17]

Jornada da Bahia, **C. 24. Céspedes, 5, 20.**

Com igual proveito foi o mesmo sistema de guerra continuado por Francisco Nunes, e depois por D. Francisco de Moura, à sua chegada de Lisboa, para tomar o comando. A 28 de março de 1625 apareceram à vista da enseada as armadas combinadas de Portugal e Espanha. Animados e entusiasmados a este aspecto, entenderam os brasileiros que tão grande terror devia ele incutir nos holandeses como lhes inspirava coragem a eles, e querendo para si toda a glória da cidade restaurada, investiram-na precipitados, e foram repelidos muito cortados. Adiantou-se mais cautelosa a armada; D. Fradique sabia que poderosos reforços se haviam levantado na Holanda, e receava tivessem chegado antes dele. Averiguado que tal se não dera, entrou na enseada com rufos de tambores e toques de clarins, bandeiras despregadas e pavezados os navios prontos para a ação. Também os navios, muros e fortes holandeses deixavam esvoaçar todas as suas flâmulas e bandeiras, içadas quer em honra de amigos quer em desafio a inimigos, como quer que viessem estes recém-chegados. Com grande cuidado tinha sido fortificada a cidade segundo os melhores princípios da engenharia, ciência em que nenhum povo tinha a experiência dos holandeses; noventa e duas peças de artilharia a defendiam, e o Forte Novo atirava com balas incendidas. No porto havia dez navios de guerra e dezoito mercantes. Vendo a força da praça e sabendo que não podia tardar a frota de Holanda, convocou D. Fradique um conselho de guerra

Chegada da Armada luso-espanhola

em que propôs desembarcar três mil homens, e deixar o grosso da força a bordo para interceptar ao inimigo os socorros. Objetou-se que com tão pouca gente apenas se poderia formar um acampamento, sendo assim impossível cansar o inimigo conservando-o alerta em diversos pontos. A conclusão foi que desembarcaria metade do exército, e que a armada se prolongaria de Tapagipe até Santo Antônio, bloqueando assim os navios no porto, e cortando todos os suprimentos ao mesmo tempo. Sem oposição se efetuou o desembarque, pois que a guarnição, composta de dois a três mil homens de todas as nações, além de grande número de negros (a maior parte provenientes dos navios de Angola, que haviam sido apresados), estava dividida, nem tinha um chefe hábil.

31 de março

Céspedes, 6. 11. G. Giuseppe, P. 68

Um lanço das fortificações ficara imperfeito, em parte porque Willem Schoutens se fiava na profundidade do fosso, e mais ainda porque com demasiada confiança contava com a atividade do seu próprio governo e prostração da Espanha. Costumava dizer que o mais que tinham de fazer era domar os naturais, sendo impossível que a armada espanhola chegasse primeiro que a holandesa; e ao ver entrada na enseada uma frota, afirmava ser a sua, até que tão manifesta foi a verdade, que ele não mais pôde iludir-se a si próprio com suas obstinadas pressuposições. Desde logo se tratou de fortificar aquele ponto. Não passou desapercebida esta fraqueza, nem faltou quem aconselhasse ao general sitiante que por ali salteasse a cidade. Foi ele ao princípio da mesma opinião, mas refletindo que em tais tentativas sempre a perda recai sobre a flor do exército, e que o inimigo, cônscio do seu ponto vulnerável, o estava fortificando, achando-se apercebido para a defesa, optou por aproches mais lentos e seguros. Mas as tropas continham o inimigo em menos respeito do que fazia o seu comandante; andava em confusão o campo e pouco ou nada se velava. Perceberam-no os sitiados, e uma manhã saiu Hans Ernest Kijff com dois troços de trezentos homens cada um, surpreendeu o arraial, e foi fazendo grande matança, até que julgou prudente retirar-se. Entre os mortos contou-se o mestre-de-campo D. Pedro Osório.

Fazem os holandeses uma surtida feliz

Tendo aprendido a apreciar os recursos e atividade dos holandeses, aprestara o governo espanhol este armamento em escala conve-

Motim das tropas holandesas

niente. Assegurara-se porém ao comandante que acharia dinheiro na Bahia e em Pernambuco, e em ambos os lugares nada de novo, além de que na natureza do país e falta de meios de transporte lhe surgiam dificuldades desconhecidas nas guerras européias. Remissa não fora a companhia holandesa em aprontar socorros para a praça; apenas sabida a sua tomada apercebera com grande presteza duas poderosas esquadras, e se uma série de furacões violentos e ponteiros as não houvesse detido nos portos da Holanda, bem podia tê-las D. Fradique já achado à sua chegada na Bahia. Felizmente para ele estava completamente relaxada a disciplina da guarnição, e o comandante holandês muito abaixo do importante cargo que ocupava. Um inimigo mais hábil muito teria molestado os sitiantes, que nas suas operações tudo tinham de acarretar à mão e força de braços somente, mas depois da primeira surtida o único esforço que fez Willem Schoutens foi tentar incendiar a armada do bloqueio, lançando-lhe de noite dois brulotes. Ao primeiro movimento dos dois navios, os barcos de vigia espanhóis, desconhecendo-lhes a intenção, deram rebate que o inimigo buscava evadir-se por mar, e nesta crença toda a armada pôs-se ao pano para persegui-lo; a não ter sido isto, talvez tivessem os holandeses colhido algum resultado do seu estratagema. Um dos brulotes foi cair entre dois dos maiores navios, mas já não a tempo de causar-lhes dano; o outro atracou a almiranta, chegando a derreter-lhe dum bordo o alcatrão, mas os espanhóis depressa evitaram o perigo, e fazendo largar um bote impediram a fuga aos homens do brulote. Alguns morreram queimados, e um, que se lançara ao mar, foi apanhado para lhe amarrarem um peso aos pés e tornarem a atirá-lo à água!

Tamaio de Vargas, 104

Avendano, 4. Tamaio de Vargas, 114.

Cônscio do grande perigo a que escapara, resolveu D. Fradique destruir sem mais detenção os navios dos holandeses. Para fugir a isto levaram-nos estes para perto dos fortes, mas desguarneceram-se assim do lado da praia: abriu-se na rocha um caminho por onde descer a artilharia, e com ela se meteu a pique a maior parte das embarcações.[18]

Entretanto tornava-se descontente a guarnição, clamando contra o desmando do chefe, que esquecido de todos os seus deveres entregava-se a devassidões de toda a espécie[19], até que afinal, levantando-se, o prendeu, pondo Kijff em seu lugar. Só serviu este motim de

tornar mais violento o espírito faccioso da soldadesca. Schoutens dispunha ainda de um partido poderoso; eram cansados do cerco os mercenários franceses e ingleses, e seguros de obterem quartel, sem honra própria nem nacional que defender, aborrecidos de aguardar socorros, e, coisa muito pior, convencidos de que sem unanimidade não havia defesa possível, declararam que não se batiam mais. Nestas circunstâncias nada servia a coragem de Kijff, que teve de mandar deputados a capitularem. Os termos foram que D. Fradique lhes daria navios e mantimento para voltarem à Holanda, salvo-conduto e armas suficientes para sua defesa em viagem. Havia um registro em que se haviam inscrito os conquistadores; exigiu o general esta lista, para punir os delinqüentes, mas os holandeses ou a esconderam ou a destruíram, proceder sobre honroso político, pelo qual os próprios portugueses merecidamente os elogiaram. Mas os negros e os que tinham querido conservar seus bens, submetendo-se aos cristãos-novos (quer dizer, judeus constrangidos a professarem a lei de Cristo), que tinham confiado na proclamação dos holandeses, foram abandonados por estes, sendo alguns justiçados pelo vencedor, no 1º de maio (com especial satisfação dos espanhóis por ser dia de S. Filipe[20], patrono do seu rei), abriram-se as portas, desfraldando-se os estandartes da Conceição e de Santa Teresa da torre da catedral, segundo as ordens expressas do próprio rei. Desembarcou um batel cheio de santos, trazidos provavelmente entre os outros materiais para suprir o lugar dos que teriam sido derretidos ou mutilados pelos holandeses, e os religiosos celebraram a extraordinária cerimônia de açoitar os púlpitos profanados pelos capelães heréticos! Também desenterraram os hereges, que haviam sido sepultados dentro do recinto da cidade, levando-os para terreno não sagrado fora dos muros. Mostrou-se contudo algum respeito à memória de Vandort, como para atenuar a maneira vergonhosa por que depois de morto fora mutilado. Deixaram que o corpo repousasse no seu túmulo, nem do monumento lhe tiraram o escudo, a espada, as esporas e o pendão carmesim, enquanto a guarnição holandesa se demorou na Bahia.

Capitulam os holandeses

Brito Freire, § 181

Aldenburgh, § 232

Menos havia sofrido a cidade na sua tomada do que agora na sua restauração. Os holandeses vinham a conquistar o país para o con-

servarem, e por isso tinham procurado conciliar os naturais, nem santificada pela sua causa, havia a longa guerra sustentada na pátria desmoralizado a nação. Mas os espanhóis e italianos do exército de D. Fradique tinham sido criados entre todos os excessos da vida militar; os portugueses não foram remissos em adquirir os vícios de seus camaradas, e assim não houve lugar público nem particular que ficasse imune de suas violências. A perda dos sitiantes fora de cento e vinte e quatro mortos e cento e quarenta e quatro feridos.

Ericeira, L. 2, p. 50. Tamaio de Vargas, ff. 145

Alguma dificuldade havia em cumprir as condições. Fora tempo em que um general espanhol nenhuma intenção teria de dar-lhes execução, mas já a Espanha não tinha nas suas forças essa confiança, que prometia impunidade a qualquer quebra de tratado; a nação, posto que negando sempre a culpa de Alva, tinha consciência da infâmia que ela acarretara sobre o país, e o seu antigo caráter honrado renascia.

Dificuldades de mandar os holandeses para a Europa

D. Fradique tinha a peito resgatar em toda a plenitude a sua palavra, nem estava menos ansioso de descartar-se dos holandeses do que estes de se sentirem em liberdade. Escasseavam os víveres, o país à volta da Bahia tinha sido teatro da guerra, e, por conseguinte, apesar da sua fertilidade natural, nem para a armada dos vencedores oferecia vitualhas, quanto mais para abastecer os prisioneiros. Sem perda de tempo mandou o general às outras capitanias por todos os gêneros que elas podiam fornecer: a Pernambuco por farinha de trigo, biscoito, vinho e azeite; a Boipeba, Ilhéus e outras partes ao sul, por farinha de mandioca. Imediatamente se conheceu o que bem se podia ter previsto, a saber, que a mãe-pátria não mandava para o Brasil mais farinha de trigo, vinho e azeite do que o necessário para consumo dos moradores mais abastados, e que não havia onde achar sobressalentes. Era velha e avariada a farinha de trigo que obtiveram, e ainda que houvessem querido fazer biscoitos, nem padeiros havia, nem fornos. Tiveram pois de contentar-se com farinha-de-pau, e ainda bem que dela puderam haver quase dezenove mil alqueires, quantidade com que apenas se podia viver a meia ração. Repararam-se navios velhos, e apressou-se a construção de novos. Tanto tardava o esperado armamento da Holanda, que já sobre sua demora corriam vários boatos ou tomara outro rumo, ou tormentas o haviam dispersado. Vieram contudo novas de ter ele passado as Canárias a 5 de abril, e

pouco depois um navio português que tinha sido tomado pela frota holandesa e depois retomado noticiou a sua próxima chegada. Imediatamente se embarcaram os dois mil prisioneiros em navios desmantelados, fundeados debaixo da artilharia da fortaleza. Mais difícil era para o general dispor da sua própria força; muitas embarcações estavam encalhadas, outras sem aguada nem vitualhas, mas aprontaram-se quantos se puderam equipar, e resolveu-se aguardar no porto o inimigo. **Céspedes 6, 13**

A 22 de maio apareceu à vista uma armada holandesa de trinta e quatro velas, comandada por Boudewun Hendrickszoon, e entrou à enseada, supondo S. Salvador ainda em poder de seus compatriotas. O aspecto das bandeiras católicas depressa desenganou Hendrickszoon, que com a surpresa que isto lhe causou deixou escapar o ensejo de obter assinalada vitória, sendo tudo confusão entre espanhóis e portugueses. Heyn lhes teria aniquilado a armada, que, com a ânsia de desafiar o inimigo, corria a dar nos baixios. Mas a força do almirante não era para retomar a cidade: tinha a bordo muitos doentes, e por mais avisado houve demandar um porto, em que eles pudessem restabelecer-se, do que com risco de mutilar na ação a própria frota, causar ao inimigo um dano de que nenhum proveito tiraria. Fez-se pois na volta do norte, e impelido pelo furacão passou Olinda, onde o povo, contando já com ser acometido, se apercebia para a defesa. Levou-o o vendaval até à baía da Traição, onde deu fundo; ali estavam os potiguares[21] dispostos a ligar-se com quem lhes aparecesse como libertador, e o holandês desembarcou os seus doentes, fortificando-se o melhor que pôde. Achava-se então no Recife Francisco Coelho de Carvalho, primeiro governador do Maranhão e Pará, depois de separadas estas das outras capitanias e arvoradas em estado. Ali acabava de chegar, caminho do seu novo governo, quando veio a nova da tomada de S. Salvador, sabida a qual, lhe pediram que ficasse onde estava, para defesa de províncias mais em perigo do que as dele. Apenas este capitão ouviu que Hendrickszoon desembarcara a sua gente, reuniu tropas de Pernambuco e Paraíba com que ir desalojá-lo. Não faltavam ao comandante holandês forças com que resistir, e alguns de seus oficiais julgavam tão favorável a posição para os fins da Companhia, que cumpria mantê-la e fundar ali um estabelecimento. Movia-os também um honroso sentimento de humanidade, de que poucos exemplos oferece a histó-

Chega uma armada holandesa

Berredo, § 517, 518, 555

ria do seu século. Alegaram a crueldade que haveria em abandonar os potiguares, que se tinham mostrado amigos fiéis, ao seguro e severo castigo que os portugueses lhes não poupariam. Mas a esta consideração nenhum peso se deu; resolveu-se deixá-los que olhassem por si como pudessem, porquanto crescia o número dos doentes, e Hendrickszoon, vendo-se assim diariamente enfraquecido, e receando que a armada espanhola o perseguisse, reembarcou e deu à vela, ficando-lhe cheio de sepulturas o acampamento.

Se não houvesse partido, já D. Fradique estava preparado para bloqueá-lo com a sua frota da Bahia, desembarcando 800 homens para cooperarem com uma força pernambucana de 1.000 portugueses e 1.500 índios. Os potiguares padeceram, como se havia previsto. A tarefa de puni-los pelo que se chamou quebra de fé ao seu rei foi confiada aos tabajares, sob o comando dalguns portugueses que nenhuma repugnância sentiram a este desumano ofício em que os empregavam. A má fortuna da expedição holandesa, porém, apenas principiara no Brasil. Metade da armada investiu Porto Rico, donde foi rechaçada com grande perda; a outra metade, tentando surpreender S. Jorge da Mina, foi igualmente repelida. Hendrickszoon morreu do contágio, e os sobreviventes, cansados de piratear, e desanimados, amotinaram-se afinal, obrigando os oficiais a voltar à Holanda.

G. Giuseppe P. 76. Céspedes 6, 14. Barléu, P. 16

Suscitou-se questão sobre a força que deveria deixar-se para guarda da cidade. D. Juan Faxardo aconselhava 1.200 homens pelo menos, e compostos das três nações, portugueses, espanhóis e italianos, invocando o princípio que cada um sentiria maior estímulo de ser o primeiro a cumprir seus deveres. O marquês de Cropani era de opinião que o número fosse de 2.000, não se deixando italiano nenhum. O comandante resolveu deixar só mil, e esses todos portugueses, não podendo, entendia ele, o país, exausto como estava, sustentar mais, e se se misturassem três nações, ou mesmo duas que fossem, mais facilmente produziriam os sentimentos de nacionalidade, animosidade e rixas, do que emulação útil. O saque que se havia retomado ao inimigo, e de que não era possível dispor com vantagem, foi dividido pela tropa segundo o posto de cada um, primeira distribuição deste gênero feita a um exército espanhol. Também os índios tiveram seu quinhão. Com igual generosidade se houve o general com a guarnição holandesa, cujas bagagens não

registrou ao embarque, tendo-lhe mostrado sempre humanidade e cortesia, com que ela não contava, e que com gratidão reconheceu depois de restituída a seus lares.

Desastre da armada portuguesa

Igualmente fatal às duas partes foi esta jornada da Bahia. D. Fradique[22] deixou o novo governador, D. Francisco de Moura Rolim, com guarnição suficiente na cidade, e fez-se de vela para a Europa, levando as tropas holandesas. Do marquês de Ibinojosa tinha recebido aviso de que se propunham os ingleses acometê-lo em viagem, e em virtude desta mal fundada denúncia, singrou para leste em latitude 35°, pensando evitar inimigos com quem não estava em estado de bater-se. Foi-lhe o resultado mais desastroso ainda, do que se houvera caído em cheio no meio deles. Tempestades dispersaram a armada; três navios espanhóis e nove portugueses foram a pique, escapando apenas uma pessoa, um frade trinitário, apanhado depois de ter boiado dois dias agarrado a uma prancha. A almirante aferrou à ilha de S. Jorge, alagando-se, apenas a deixou a tripulação, que das fadigas do mar e falta de alimento tanto havia sofrido que bem poucos se restabeleceram. Outros dois navios da armada foram capturados por uma esquadra holandesa. O *Almirante de Quatro Vilas* com D. Juan de Orellana a bordo teve ainda mais desgraçada sorte. De conserva com outro dera este galeão combate a uma rica nau holandesa que vinha da costa da África e capturou-a; a presa incendiou-se[23], e o *Almirante* ardeu com ela, perecendo a maior parte da tripulação. Meneses, que saíra do Tejo com vinte e seis navios, voltou com o único em que ia. O rei de Espanha, reconhecendo o zelo com que o haviam servido portugueses nesta jornada, concedeu a todos os fidalgos por mais uma vida as pensões e lugares que tinham de sua coroa, o que, como requeria a justiça, não se estendeu meramente aos que voltaram, mas a quantos tinham embarcado. O historiador espanhol, Céspedes, observa que esta doação excedeu em generosidade quantas jamais haviam feito os anteriores reis de Portugal. Ericeira admite a grandeza e liberalidade das concessões, mas acrescenta que era como se Filipe antevisse já a próxima emancipação de Portugal e quisesse ser tão generoso à custa alheia.

Tinham-se os prisioneiros holandeses apartado da armada ainda a tempo de escaparem aos desastres. Na Holanda imputaram-lhes mais à própria relaxação e desobediência do que à superiori-

dade dos espanhóis a perda da cidade[24], pelo que todos os olhavam como homens que tinham desonrado o seu país e mereciam o desprezo dos inimigos. Mas a restauração de S. Salvador, e mais ainda a mal-aventurada expedição de Hendrickszoon desanimara os holandeses; reviveram com nova força os argumentos que se haviam feito valer contra o estabelecimento da Companhia das Índias Ocidentais, e até aqueles que favoreciam os projetos ambiciosos dela confessaram que quanto mais longe da pátria se empregavam os soldados, menor era o respeito à autoridade, e mais difícil refreá-los. Mas o príncipe de Orange, pertinaz nas suas idéias, opôs-se ao partido da paz, e como a guerra contra uma poderosa potência marítima é uma loteria que sempre tentará aventureiros, prevaleceu a sua política. Recuperada a Bahia, recaíram os espanhóis na sua habitual indolência, nem se tomaram medidas para segurar o Brasil, por mais lamentável que tivesse sido o modo por que se manifestara a sua falta de segurança. Repetidas perdas por mar obrigaram-nos afinal a pensar em algum remédio, e concordou-se em que o melhor seria ter na América uma poderosa força naval. Resolvido isto, era a primeira questão saber onde se construiria e equiparia esta armada. Na Europa, onde havia à mão os materiais, ou no Brasil e Índias espanholas, onde abundavam madeiras melhores? Esta questão não chegou a resolver-se, nem o Ministério, satisfeito com ter ventilado o negócio, atirou ao estado em que a achou, deixando que seguissem as coisas seu caminho.

Efeitos das perdas na Holanda

Continuam os espanhóis a descuidarem-se do Brasil

1626

Ninguém molestou Francisco de Moura no seu governo, até que no ano seguinte foi rendido por Diogo Luís de Oliveira. Tinha este novo governador servido muitos anos nos Países-Baixos, e ocupado cargos importantes, no que tudo havia adquirido grande reputação e muita experiência como soldado e como estadista. Mas devia agora haver-se com um inimigo marítimo, contra cujo desesperado espírito de empresa não havia talento militar que valesse. Outra vez entrou Heyn na enseada da Bahia com oito navios grandes e quatro iates. Já se sabia que ele andava na costa, e com receio desta visita tinham-se colocado debaixo da artilharia da

Brito Freire, § 301

Oliveira, governador 1627

Façanha de Heyn na Bahia

fortaleza dezesseis navios que estavam no porto, e guarnecido de tropa quatro dos maiores que, postos do lado de fora como baterias, protegessem os outros. Oliveira ainda não julgou isto suficiente, e assestou quarenta e duas peças grandes de bateria em diferentes pontos para bater o inimigo, se cometesse a tentativa. O vento era terral; Heyn veio, guinando contra ele, meter o seu navio entre as duas maiores baterias flutuantes dos portugueses, postando-se de maneira que estes nem dos fortes nem da praia lhe podiam fazer fogo[25], sem ferirem os seus próprios conterrâneos. Dois únicos navios da sua frota o puderam seguir e vir às mãos com o inimigo. Nesta brilhante ação recebeu Heyn duas feridas. Dentro de meia hora tinha afundado uma das baterias flutuantes; as outras encalharam e os doze navios menores nenhuma resistência podiam opor. Vieram os holandeses em botes, picaram-lhes as amarras, e levaram-nos todos, exceto três dos menores que estavam vazios. Não podendo porém pôr a nado o navio de Heyn, que, sobre ter sofrido na ação grandes avarias, ficara em seco ao vazar a maré, atearam-lhe fogo; outro dos seus navios voou, e em ambos perderam eles mais de trezentos homens.[26] No dia seguinte passou o almirante revista às suas presas; as quatro maiores carregadas as mandou para a Holanda, outras quatro reuniu-as à sua frota, e o resto queimou-as.

Brito Freire, § 305

Vinte e quatro dias se deixou Heyn ficar na enseada, voltando outra vez a ela depois de um cruzeiro para o lado do sul, e então tentou capturar quatro navios num dos rios do Recôncavo. Mais difícil e perigosa ainda do que a primeira era esta empresa. Estavam as embarcações algumas milhas pelo rio acima, e nenhuma precaução se havia desprezado, tanto para as pôr seguras, como para cortar a retirada ao inimigo.

O almirante pavezou os seus batéis de couros crus tirados das presas que fizera, subiu a corrente, e se não pôde apanhar os quatro barcos, trouxe um, e a melhor parte do carregamento de todos. Nesta ação caiu Padilha, o matador de Vandort.

Depois desta façanha, Heyn, vendo que nada lhe restava que fazer, deu à vela, encontrou a frota do México, e capturou-a toda. Esta apreensão, a maior que jamais se tem feito no mar, indenizou a Companhia das Índias Ocidentais amplamente de todas as perdas sofridas;

viu-se ela em estado de emprestar dinheiro ao governo, e com maior ambição que nunca renovou os seus planos de conquista. Um dos seus capitães[27], que infestava a costa do Brasil, apoderou-se da ilha de Fernão de Noronha, fortificou-a e principiou a colonizá-la; esta medida, se houvesse sido eficazmente executada, poderia ter sido fatal aos portugueses; eles porém, ainda com tempo o perceberam, e imediatamente fez o governador sair em uma expedição de força suficiente que aprisionou os colonos, queimou-lhes as casas, destruiu-lhes as plantações. Com Francisco Coelho viera um reforço de missionários capuchinhos debaixo da obediência de Fr. Cristóvão de Lisboa, que nestas conquistas ocupava o cargo de custódio da sua ordem, equivalente ao de provincial. Enquanto o governador se demorava em Olinda, Fr. Cristóvão, julgando em São Luís mais necessária a sua presença, para ali seguiu com os seus irmãos. Levou consigo um decreto que privava os colonos de seus direitos sobre os índios aliados[28], os quais, tendo de livres o nome, tinham de escravos a realidade; e os colonos submeteram-se, quiçá com medo dos poderes eclesiásticos de quem vinha como visitador e comissário da Inquisição. Feito isto, seguiu para Belém, onde tentou pôr em execução o mesmo decreto. Mas ali ainda o povo estava mais disposto do que o Maranhão a opor-se ao que lhe contrariava os interesses do momento, e o senado da câmara inventou um pretexto para suspender o edito real: dirigia-se, diziam os vereadores, ao governador do Estado, pelo que, sem que este chegasse, nada se podia fazer para dá-lo à execução. Fr. Cristóvão teve por prudente sujeitar-se a esta demora, empreendendo entretanto uma expedição missionária para explorar o rio Tocantins. De volta resolveu tentar se pelo terror poderia levar os colonos a obedecerem e achando-se a ponto de sair de Belém, publicou uma pastoral em que excomungava todos os que continuassem a conservar as suas administrações, como estas concessões se chamavam. A câmara renovou o seu requerimento de adiamento, observando que ele próprio reconhecera a validade do fundamento alegado, aguardando com paciência sete meses; acrescentou também, que especificando a carta régia unicamente às administrações de São Luís, não se incluíam necessariamente as do Grão-Pará; ainda que assim fosse, o senado apelava para o rei contra o decreto, e que se ele custódio persistia na sua excomunhão, tam-

Brito Freire, 310

Negócios no Maranhão

Berredo, 519-522

bém dela apelava, pois que os colonos por si mesmos haviam conquistado o país, nem podiam conservá-lo sem fazer trabalhar para si os naturais. Fr. Cristóvão era franciscano, ordem então infensa aos índios, por que Las Casas, que primeiro se levantara como defensor daquela raça oprimida, fora dominicano. Talvez isto explique a facilidade com que ele cedeu, retirando a sua denúncia, ato que por muito tempo lhe tornou popular a memória entre os portugueses do Pará. Logo depois da sua partida, requereram os jesuítas licença à Câmara para fundarem um convento em Belém, e o procurador por parte do povo recusou-a, alegando que já havia na cidade dois mosteiros, e que estando dado todo o terreno, faltava lugar para terceiro. A verdadeira causa da recusa foi medo do sistema que os jesuítas seguiam a favor dos indígenas; o erro político de estabelecer instituições monásticas numa colônia nova não entrou em linha de conta.

Cometimentos dos holandeses

Restaurada São Salvador, e sendo já escusados os seus serviços naquelas paragens, passou Francisco Coelho a tomar posse do seu novo governo; acompanhou-o a São Luís o novo capitão-mor do Grão-Pará, Manuel de Sousa d'Eça. Isentas do seu quinhão no perigo geral não tinham ficado estas províncias do Norte. Duas vezes haviam os holandeses acometido o forte do Ceará, e ambas Martim Soares os repelira com grande perda. De novo entrou no Curupá uma partida de duzentos holandeses; Teixeira os desbaratou, perseguiu-os até ao rio de Filipe, destruiu ali duas feitorias fortificadas, e, não deixando pedra sobre pedra, arrasou terceira, a que os fugitivos se haviam acolhido. Entretanto fizera-se Maciel merecidamente impopular com o seu gênio tirânico; mas todas as vezes que o povo se dispunha a levantar-se em tumulto declarado tinha ele arte de dar-lhe às idéias diferente direção, armando sempre alguma expedição nova contra os míseros índios que ele ia exterminando com desapiedade e incansável barbaridade. Sucedeu que reunida numa de suas grandes festas de embriaguez uma partida de tupinambás, rolando a conversa sobre valentias, e de quão facilmente dariam cabo dos portugueses, se quisessem, apontaram alguns com bazófia o meio por que isto se conseguiria. Não passava isto do tagarelar de ébrios, vã bravata do que poderia fazer-se, não revelação involuntária o que se meditava; mas bastou para que o feroz Maciel, lançando a mão de vinte e quatro caciques, nesse mesmo dia os fi-

zesse literalmente despedaçar por alguns de seus inveterados inimigos, os tapuias. Bárbaro como era o povo de Belém, esta atrocidade o encheu de horror; e se não fosse o esperar-se todos os dias o novo governador, nem todo o talento e ousadia deste desalmado o teriam preservado muito tempo dos justos efeitos da indignação popular.

Já Manuel de Sousa tinha servido com distinção nestas conquistas, pelo que foi ali recebido com universal alegria. Também ele, como todos os seus predecessores, era de opinião que não podia a colônia subsistir sem escravos; porém menos sanguinário que Maciel, preferia às da violência aberta as vias do tráfico. Oferecia este sistema melhor pé de defesa aos amigos da escravidão em Portugal, mas em verdade era ainda mais perverso e detestável, juntando a traição ao crime de injusta guerra. Foi Teixeira o escolhido para estas expedições comerciais, acompanhado do capuchinho Fr. Cristóvão de São José. Subiram os dois o Amazonas até uma aldeia dos tapuiuçus, e sabendo deles que traficavam com uma populosa nação do rio Tapajós, que do nome destes se chamava, meteram-se por ele, e encontraram esta nova tribo dos tapuias numa situação a que não faltava encanto de bosque ou água para torná-la deliciosa. Estava este povo mais adiantado do que os seus vizinhos; do que viu e deles pôde tirar inferiu Teixeira que estes selvagens deviam as suas maiores luzes ao comércio com os territórios espanhóis, o que porém não era possível. Esta descoberta foi o único resultado da viagem; o mais que o agente pôde trazer foram algumas redes primorosamente trabalhadas, e mais algumas bagatelas, mas escravos prezavam-nos muito ali para que houvessem de vendê-los. De fato o prisioneiro que não é imolado passa a ser olhado como um dos da tribo, e a mera inferioridade de condição depressa se esquece onde não há outra desigualdade real ou imaginária.

Opressão exercida pelos portugueses

Fez-se esta expedição sem que se praticassem excessos, mas as iniqüidades que de ordinário se perpetravam, vieram a ser tão clamorosas que o governador do Maranhão proibiu absolutamente tais excursões, proibição para a qual a obstinação do povo e a avareza dos da governança souberam obter tais modificações que depressa a tornaram fantástica. Depois disto foi Teixeira empregado em destruir um estabelecimento novo formado na ilha dos tocujus pelos entrelopos; a que nação estes pertenciam ninguém no-lo diz, sabendo-se ape-

1629

nas que o comandante era um irlandês por nome James Purcel.[29] Após longa e porfiada defesa capitularam, sendo extraordinariamente favoráveis as condições que obtiveram, pois que permitindo-se-lhes levar todos os seus haveres, prometeu-se-lhes passagem livre para Portugal. Em despeito de todos estes esforços para extirpá-los, teimavam os ingleses e holandeses em mandar navios a estas paragens, e formar estabelecimentos para cultura do tabaco, concorrência que sensivelmente prejudicava o comércio do Pará.

Berredo, 585-592

Preparam os holandeses uma expedição contra Pernambuco

Entretanto preparava a Companhia das Índias Ocidentais novas investidas contra o Brasil. Não era avisado acometer segunda vez a Bahia; por demais dura fora a experiência que se fizera dos espíritos dos portugueses naquela província, nem havia que esperar coadjuvação de negros e judeus, já uma vez tentados à revolta e depois abandonados. Pelas presas procedentes de Olinda, que freqüentemente se capturavam, sabia-se do estado de Pernambuco, oferecendo elas próprias vivas provas das riquezas da terra.[30] Calculou-se que nesta capitania poderiam anualmente carregar de açúcar cento e cinqüenta navios. Também seus portos eram outras tantas estações, donde sairiam os corsários a interceptar os galeões da Índia. A fim de conservar o desígnio tão secreto como fosse possível, equipou-se em diferentes portos a armada, que saiu por esquadrilhas, sendo Cabo Verde o lugar de reunião. Mas segredos desta natureza jamais se escondem, se à cata deles andam agentes hábeis. Segunda vez mandou a infanta Isabel aviso à corte de Madri, asseverando que era Pernambuco o lugar ameaçado. Imediatamente se expediram ordens a Oliveira que reparasse e aumentasse as fortificações da Bahia, sendo possível que tornasse a ser esse o fito dos holandeses, e provesse à segurança de Olinda. Obedecendo, fez o governador seguir Pedro Correia da Gama para aquela cidade, onde as obras de defesa progrediam com um vagar, conjuntamente atribuível ao caráter do povo, à incredulidade com que ele recebeu a notícia, e à secreta persuasão em que estava de que, vindo os holandeses, não havia em Olinda quem pudesse resistir-lhes.

G. Giuseppe, P. 89 ***Cast. Lus.*****, 2, § 3**

Matias de Albuquerque mandado para o Brasil

Estava Matias de Albuquerque por este tempo em Madri; a capitania de Pernambuco era do irmão dele, ninguém pois podia ter mais interesse em defendê-la, sen-

do esta uma das razões por que o nomearam general com poderes independentes do governador. Outro motivo imputou-se a Olivares: eram tão insignificantes os reforços que mandava, que bem devia crer que pessoa menos interessada não aceitaria a comissão.[31] Os historiadores portugueses carregam de super-rogatórias culpas a memória deste infeliz ministro. Se não se deram forças, proveio de Lisboa a culpa, que não de Madri. Um dos governadores de Portugal achava-se por casamento aparentado com os Albuquerques, pelo que devemos presumir que não faltaria nem interesse em levantar forças suficientes, nem vontade para concedê-las; mas sobre terem sempre os conselhos daquele governo carecido de vigor, faleciam agora também os meios, não se tendo ainda recuperado as pesadas perdas do último armamento. Obtidos alguns homens e materiais poucos[32], fez-se Albuquerque em outubro de 1629 de vela para o Recife.

R. Pita, 4, § 58

Barléu, P. 65

Sobre terreno tão desigual se achava edificada a cidade de Olinda, que quase por impossível se tinha fortificá-la com segurança: a sua maior defesa parece ter sido um convento de beneditinos fortificado perto da praia. Pelo sul forma o rio Beberibe o porto do Varadouro: estreito istmo de areia lhe é ribeira austral, e sobre ela crescera outra cidade a quatro milhas de Olinda, chamada de Santo Antônio do Recife. Fora este o lugar tomado por Lancaster, que da sua situação o chamou Cidade Baixa. Crescera porque entre o recife de areia e outro que era de penedia, havia um porto cômodo e seguro. Matias de Albuquerque ao chegar achou Correia, dando frouxo impulso a obras insuficientes; uma guarnição de 130 homens; as fortalezas tais que eram ainda não reparadas; a pouca artilharia que havia, quase inútil, por falta de carretas e artilheiros; poucas armas, e ninguém que fosse destro no seu manejo. Quarenta anos antes já o autor das *Notícias* apontava a necessidade de segurar este lugar importante, mas nem o seu memorial, nem o resultado da expedição Lancaster, produzira sobre o governo o menor efeito. Alguns dos moradores mais refletidos bem viam o perigo; do alto do púlpito se pregava que se o povo se não arrependia da sua preguiça e de seus pecados, não tardaria Olinda a ser escrava dos holandeses[33]; e as pessoas principais, que ouviam a advertência, exasperadas expulsavam da igreja o pregador. Depois da sua chegada ainda o general

Estado de Olinda

Cast. Lus. **2, § 5. R. Pita, 4 § 60**

perdeu tempo, como se ele próprio duvidasse da realidade do perigo contra o qual fora mandado a prover. A rainha da Espanha dera ultimamente à luz um filho, não tendo tido até então senão filhas que tão depressa morriam, que antes de feitos os vestidos de gala para seus nascimentos, se requeriam outros de luto para seus funerais. O nascimento dum príncipe e herdeiro, sempre motivo de regozijo, o era pois agora dobradamente. Fora Matias que trouxera a notícia, e como cumprimentos lisonjeiros costumam ser mais aceitos à corte do que serviços reais, em lugar de trabalhar por pôr Olinda em estado de defesa, só tratou de festas e folgares, e pompas e galas, nem em toda a cidade se cuidava em outra coisa.[34] No meio destas importunas ocupações chegou uma pinaça mandada pelo governador de Cabo Verde com aviso de que armada holandesa, que ali estivera dois meses a reunir-se, dera à vela para o Brasil. A própria iminência do perigo oferecia um argumento para duvidar dele: se os holandeses demandassem Pernambuco, dizia-se deveriam necessariamente ter chegado antes do aviso, que dera à vela depois deles. Continuaram pois valentemente as festas, gastando-se de má vontade um pouco de trabalho com as obras de defesa.

Cast. Lus. § 6

Chegada da armada holandesa

De mais de cinqüenta velas se compunha a armada holandesa, às ordens de Henderick Loncq, que vinha como general-chefe; Pieter Adriaenszoon era almirante, e o coronel Diderich van Wandenburch comandava as tropas. Tinha velejado da Holanda em divisões pequenas; oito navios com o general a bordo foram esbarrar na altura de Tenerife com armada espanhola composta de quarenta velas, mas pelejando com denodo, e manobrando com destreza, escaparam os holandeses, e a Deus renderam a glória duma salvação, que nenhuma razão tinham para esperar. Chegaram a Cabo Verde em setembro, mas só em fins do mês seguinte saíram o Texel as forças de Wandenburch. Contava a expedição toda cerca de 7.000 homens, metade dos quais eram soldados. Efetuada a junção, suspendeu-se o ferro a 26 de dezembro, e a 15 de fevereiro de 1630 apareceu a armada à vista de Olinda, oito dias depois do aviso.

Entretanto tinha-se discutido se conviria remover parte dos moradores e da propriedade; aconselhavam alguns esta precaução, dizendo que os homens combateriam mais desassombrados, sabendo em segurança as famílias, e nada receando por elas. Prevaleceu porém a opi-

nião de que onde mais havia que perder maior esforço se fazia para a defesa, e publicou-se um bando, proibindo que ninguém se retirasse da cidade, nem dela removesse coisa alguma. Não podemos porém levar a mal a desobediência àqueles que apesar desta ordenança viam a par do perigo a pouca esperança de se opor uma resistência eficaz: as principais riquezas foram pois secretamente tiradas da cidade.

Cast. Lus. **2, § 7. J. de Laet, L. 15, c. 26**

Apenas do cabo de Santo Agostinho se avistou a armada holandesa, mandou-se recado a Olinda, onde ao aparecer o inimigo estava em armas toda a força tal qual era. À intimação que Loncq mandou fazer, respondeu-se com uma descarga de mosquetaria contra o escaler, e de parte a parte rompeu a canhonada. Achavam-se os holandeses perto bastante para que a sua artilharia surtisse efeito, mas o mar ia tão cavado que era impossível fazer certeira a mira. Não puderam entrar no porto, porque na barra se haviam afundado barcos que vedassem a passagem. Enquanto continuava a canhonada, deixou Wandenburch a armada divertir o inimigo, e seguindo com dezesseis navios para Pau Amarelo, obra de três a quatro léguas ao norte da cidade, ali pôs em terra com toda a segurança quanta gente pôde desembarcar antes de fechar a noite. Dormiram na praia, pondo guardas do lado das matas, e na manhã seguinte saltou o resto das tropas.

A primeira medida do comandante foi despedir os navios, para que neles não pusessem os soldados os olhos como meios de retirada, ficando apenas algumas canhoneiras armadas de onze bocas-de-fogo ao todo. Dividiu depois as suas tropas em três divisões, cuja artilharia consistia em suas quatro peças de campanha. Pouco depois das ave-marias chegou a Olinda a notícia deste desembarque. Muitos, que por obediência ao edito não se tinham ainda retirado da cidade, não puderam agora resistir ao terror pânico que se apoderou deles; as mulheres e crianças fugiram para o campo; os maridos seguiram as esposas e os filhos iam atrás para protegerem os pais; os objetos mais portáteis e preciosos eram apanhados à pressa, e muitas coisas caíam com a precipitação da fuga. Alguns atiraram-se a roubar as mulheres e as crianças, chegando-se a dizer que os portugueses sofreram mais da sua própria canalha do que do inimigo. Muitos escravos aproveitaram o ensejo de se emanciparem, e estes como fossem homens ou brutais por natureza, ou se-

dentos de vingança pelos maus-tratos recebidos, dobravam a confusão, saqueando as casas e deitando-lhes fogo.

1630

Na manhã seguinte pôs-se Wandenburch em marcha, acompanhando-o as canhoneiras ao correr da costa. Um punhado de homens acobertados com o mato o fizeram sofrer o bastante para provar quão facilmente um inimigo ativo o houvera derrotado. Ao chegar ao rio Doce achou-o crescido demais, para se aventurar a passá-lo. Do outro lado algumas obras se haviam erguido, guarnecidas com alguma gente para defesa deste vantajoso posto; mas apenas ela, vazando a maré, viu os holandeses disporem-se a vadear a corrente com água pelos peitos, caiu-lhe a alma aos pés. As canhoneiras romperam o fogo, não tão eficaz que fosse irresistível, mas desde logo se levantou uma voz que este ataque da banda do mar lhes cortaria a retirada, e os defensores meteram pernas. Matias, que ficara no Recife, iludido pelo fogo que a armada entretinha depois da partida de Wandenburch, chegou ao ponto de perigo real exatamente a tempo de testemunhar a vergonhosa fuga do seu destacamento. Debalde tentou meter a gente em forma, e como renovar a ação com as tropas que trazia, em que não havia mais que fiar, seria desesperado cometimento, resolveu retirar-se e defender a passagem do rio Tapado, que ainda içava entre os holandeses e Olinda. Baldado intento; os que à margem do Doce haviam deixado o ânimo, não o recobrariam facilmente à do Tapado; ainda o comandante lá não tinha chegado e já a maior parte da gente lhe tinha debandado, pelo que os oficiais e os poucos soldados que restavam lhe aconselharam que se recolhesse à cidade.

Sábado, 16 de fev. de 1630

Brito Freire, 6, 332

***Cast. Lus*. 2. 16, 17**

Wandenburch poderia ter-se servido do inimigo fugitivo como de guias, mas um mulato prisioneiro o conduziu por caminho mais seguro, e sem resistência entrou ele na parte alta da cidade. Foi Salvador de Azevedo o único oficial português que fez o seu dever; reuniu um punhado de bravos, e tomando posse do colégio dos jesuítas ali se defendeu com denodo, até que desfeitas caíram as portas. O reduto à entrada de Olinda também por momentos deteve os vencedores. Orgulhosos com o triunfo, parecia-lhes a estes que mostrarem-se bastaria para obrigar a guarnição a render-se. Uma viva descarga de mosquetaria e grossos canhões os desenganaram. Havia porém no baluarte dos holandeses Adrian Frank e Cornelis Jan, que o atraiçoaram.

Entram os holandeses na cidade

Entregou-se agora a cidade ao saque, e o resto do dia passou-se em excessos, que desdouram não só a vitória mas até a natureza humana.[35] Um português, cujo nome era André Pereira Temudo, não pôde ver a profanação das igrejas; ele só com a fúria dum malaio que se vota à morte, investiu uma partida destes saqueadores, matando muitos antes que pudessem subjugá-lo. Os despojos foram poucos para o que esperavam os holandeses; se se tivessem posto a perseguir os fugitivos em lugar de saquearem casas e igrejas, a maior parte dos moradores e das riquezas móveis de Olinda lhes teria caído nas mãos. Mas primeiramente se entregaram a todas as paixões brutais e depois ao delírio e loucuras da embriaguez. Uns metiam os pés nos sapatos de tacão alto das damas de Olinda, arremedando-lhes pelas ruas o andar; outros envergavam as vestes dos sacerdotes e irmandades religiosas; outros apoderando-se das varas dos oficiais de justiça, divertiam-se com macaquear os atos da autoridade. Contudo no meio desta confusão salvou Wandenburch a cidade de ser queimada pelos escravos, que desta forma queriam exprimir a alegria que sentiam, recuperada a natural liberdade. Ensinados pela experiência da Bahia, entendiam os holandeses que maior mal do que bem lhes resultaria dos serviços desta gente, em parte por que a ferocidade africana a levaria a cruéis represálias, e em parte porque muitos dentre elas representaria um papel dobre, para o que lhes não faltariam nem ocasião, nem arte, nem coragem. Tanto peso se achou nestas razões que deixados ficar mui poucos apenas destes negros fugidos, se expulsaram todos os outros, que fossem ter com seus antigos senhores, e obrar como inimigos declarados, se assim lhes conviesse.

Valeroso Lucideno, **P. 12**

Albuquerque abandona o Recife

Resolvera Matias de Albuquerque retirar-se primeiramente sobre o rio Tapado e depois sobre a cidade, mas sem sequer parar em nenhum destes pontos, viu-se levado mais pela cobardia dos seus do que pelo valor dos contrários, até ao Recife. De menor extensão do que Olinda era esta praça melhor fortificada. Para defendê-la bastaria a força com que ele saíra, mas tal havia sido a deserção na retirada, que ao recolher-se achou o general sem gente com que guarnecer as obras. O mais que se podia fazer era guardar o passo entre as duas cidades. Mandou pois levantar uma trincheira que cortasse a estrada, pensando ao menos demorar os holan-

deses, mas estes descobriram outro caminho, e os portugueses retiraram-se. Não restando mais esperança de defender o Recife, mandou Albuquerque pôr fogo aos navios e armazéns, ardendo trinta embarcações e muitos milhares de caixas de açúcar além doutras mercadorias de grande valor.[36] Vendo a conflagração, sentiram os holandeses mais a perda dos seus despojos, do que se alegraram com esta prova de abandonar o inimigo a defesa. Se porém pouca presa restava à rapacidade, não faltava pasto à intemperança. Tanto nas casas do Recife como nas de Olinda encontraram os conquistadores fartura de vinho, entregando-se a seus bestiais apetites com excesso tal que os próprios escravos, que olhando-os como invencíveis em torno deles se haviam apinhado na esperança de obterem a liberdade, agora, vendo-os jazer por terra insensíveis, os desvalijavam de seus despojos. Houve alguns que, correndo a dar com o general português lhe disseram, que se quisesse acabar com os holandeses, bastava-lhe picá-los como odres de vinho. Ofereceu-se um camponês para cair sobre eles com alguns de seus camaradas, mas temeroso de traição deixou Albuquerque perder o ensejo.

Faltava reduzir ainda os dois fortes de S. Francisco e S. Jorge, nem enquanto estes estivessem em poder dos portugueses podia a armada entrar no porto. O segundo que, ficando do lado de Olinda, devia ser o primeiro investido, tinha apenas três peças de ferro sem carretas, rudemente montadas em traves, exatamente como os primitivos colonos de Pernambuco as haviam assestado contra os selvagens. Mais de oitenta pessoas não cabiam no forte, cuja construção não impunha mais respeito do que a força da sua guarnição; mas a posição era importante. Tinha Antônio de Lima o comando, e infeccionados do terror geral todos os seus soldados o abandonaram à exceção de sete. Mandou ele ao general aviso da deserção e pedido de reforço. Ao chegar esta mensagem sucedeu estar presente João Fernandes Vieira, mancebo de dezessete anos.

Investem-se os fortes

Natural do Funchal na Madeira, embarcara com seus onze anos para o Brasil em busca de fortuna, trazendo por único capital os seus talentos. Ofereceu este jovem imediatamente os seus serviços, e outros vinte lhe seguiram o exemplo; aceita a oferta, preparou-se Lima para defender o seu posto com este punhado de homens. [37] Cinco dias se passaram sem que se desse ataque algum. Na quinta noite tentaram

os holandeses surpreender o forte. Mas quem viera voluntário ocupar semelhante posto não era para dormir nele. Com as traves, preparadas para reparar a fortaleza, faziam os defensores tombar as escadas dos assaltantes; as granadas de mão arremessadas entre eles, atiravam-nas outra vez para fora antes da explosão, e assim repeliram o ataque com considerável mortandade de inimigos. Mas dez homens da tão pequena guarnição, tinham ficado mortos ou feridos. Alguns dos próprios soldados, que ultimamente tinham desertado do forte, tendo-o por sustentável, voltaram agora a ele, envergonhados de que outros o defendessem, bebendo ânimo no esforço estranho, tão fáceis como antes haviam servido cobardia no terror alheio. Não eram porém obras aquelas, que por largo espaço se deixassem manter, e os holandeses bateram os muros até que pouco mais foram do que um montão de ruínas. Albuquerque fez uma fraca demonstração de querer socorrer o forte; a sua gente havia perdido o ânimo, empalhou até que a maré, crescendo, tornou difícil de nadar o Beberibe, e depois fez desta dificuldade pretexto para retirar-se sem nada haver tentado. Rendeu-se pois a praça com condições honrosas, e João Fernandes Vieira salvou a bandeira, passando-a à volta do corpo.[38]

G. Giuseppe, P. 93. Brito Freire, § 345. *Cast. Lus.* **1, § 9-10; 2, § 21-28**

Em seguida foi intimado o forte de S. Francisco. Um tenente opôs-se à pusilânime inclinação do capitão, dizendo que com a espada na mão sempre se obtinham melhores condições do que com ela na bainha; mas prevaleceram conselhos mais baixos, e o mais que pediram os sitiados foi licença para mandarem recado a Matias d'Albuquerque e três dias de trégua, findos os quais se renderiam, se não fossem socorridos.

Nem três horas foi a resposta, a que se acrescentou a ameaça de não dar quartel, se a praça fosse levada de assalto. À vista disto entregou-se o capitão e a armada holandesa entrou no porto em triunfo. Nove dias depois chegaram reforços da Holanda.[39]

Contava Olinda ao cair nas mãos dos holandeses 2.000 moradores, afora cerca de 130 religiosos. Possuía um colégio de jesuítas, um convento beneditino, outro carmelita[40] e outro franciscano; um mosteiro de freiras, uma Misericórdia, duas igrejas paroquiais, uma das quais dizem os conquistadores que era mui formosamente edificada, e cinco ermidas na cidade e suas cercanias. A força militar compunha-se de três companhias re-

gulares, nominalmente de cem homens cada uma, mas cuja quinta parte por via de regra estava no hospital, e de três companhias dos moradores, com igual número de praças. Os comerciantes e mercadores abastados diz-se que não eram menos de duzentos, a alguns dos quais se calculavam fortunas de 20.000, de 30.000 e até de 50.000 cruzados.

O Recife, como porto, e por conseguinte foco principal dos negócios, tinha também uma população considerável; pela ordem do tamanho era então a terceira vila de Pernambuco, sendo Igaraçu a segunda. Oitenta a noventa navios aqui carregavam todos os anos de açúcar e pau-brasil, sendo este último reputado o melhor que o país produzia. Dos livros da alfândega se via que nos quatro anos de 1620 a 1623 não tinham sido importados menos de 15.430 escravos de Angola para a capitania. Em verdade eram muitos dos engenhos tamanhos como aldeias não pequenas. Os holandeses diziam que Pernambuco era o paraíso do Brasil e valia bem um reino. Este paraíso, em que abundavam os escravos, o açúcar e o tabaco, estavam eles resolvidos a fazerem-no seu. Do porto e da capital já eram senhores, e tão seguros estavam da conquista, e determinados a guardar o que ganhassem, que na expedição já tinham levado todo o pessoal para a administração das colônias conquistadas. **J. de Laet, 191**

NOTAS DO CAPÍTULO XIV

1. A carta de incorporação e regulamento da companhia pode achar-se na *Historie van de West-Indische Compagnia* por Joannes de Laet, na obra grande de Aitzema, t. I, pág. 62.
2. Compunha-se este exército irregular de moradores às pressas armados e sem prática alguma da arte da guerra; não passando de 80 homens a tropa de linha, segundo o testemunha Brito Freire. (F.P.)
3. Tamaio de Vargas diz que os holandeses os incendiaram. Não eram eles tão loucos, que fossem destruir o que tão brevemente devia pertencer-lhes. Podemos seguir sem hesitação os autores holandeses, pelo que toca aos seus próprios movimentos.
4. Este feito d'armas é assunto duma gravura num livro holandês popular: *As Vidas dos Almirantes*.
5. Frederico Rutter e Rodrigo Petrin os chama Tamaio de Vargas, mas seus nomes eram Dirck de Ruyter e Dirck Pieterszoon Colser. É este um exemplo das meta-

morfoses por que passam no português e espanhol os nomes holandeses. A cidade de Zutphen (conhecida como o lugar onde Sidney foi ferido de morte), Vargas a chama Izutifel.

6. Fr. Giuseppe de S. Teresa diz que ele não quis render-se enquanto não lhe prometeram a liberdade, mas que apesar disto Willekens, com brutal infidelidade, o retivera prisioneiro. Esta acusação com a própria absurdidade se refuta.
7. Não se pode atribuir a vã ostentação de valor pessoal à heróica resistência do governador Mendonça; nem tampouco deve ser tachado de *inerte* o seu procedimento ulterior, achando-se, como o confessa Southey, baldo de recursos para opor-se à invasão holandesa. (F.P.)
8. Nessa época não se conhecia na Espanha e Portugal a patente de coronel, empregando-se em seu lugar a de mestre-de-campo. (F.P.)
9. Sempre foi distintivo dos bispos o chapéu preto com bordas verdes. (F.P.)
10. Céspedes diz obra de 1.200 ao todo; mas a estatística supra acha-se na *Jornada da Bahia*, e funda-se na autoridade dos despachos do próprio bispo. Tamaio de Vargas diz 400 portugueses.
11. Aldenburgh refere-se a alguns atos de atroz crueldade da parte dos brasileiros; mas fala, como da coisa mais natural do mundo, de ter o coronel (Schoutens) entregue um prisioneiro português aos negros, que o fizeram em postas, e de terem estes brincado com ele, como o fazem os gatos com um rato!
12. Rogamos encarecidamente aos leitores que não se esqueçam que o autor é protestante, e que por isso não perde ocasião de achincalhar a nossa santa crença. (F.P.)
13. Com o simples título de capitão-mor do Recôncavo. (F.P.)
14. F. Bertolameu Guerreiro dá-nos uma resenha das provisões que levou este armamento: 7.500 quintais de biscoito, 884 pipas de vinho, 1.378 ditas de água, 4.190 arrobas de carne, 3.739 de peixe, 1.782 de arroz, 122 quartos de azeite, 93 pipas de vinagre. Queijos, passas, figos, legumes, amêndoas, ameixas secas, açúcar, doces, especiaria e sal em abundância; 22 caixões de medicamentos, 2 médicos, um cirurgião quase que por navio, 200 camas para os doentes, e cópia de meias, sapatos e camisas; 310 peças de artilharia, 2.504 balas redondas e de cadeia, 2.710 mosquetes e arcabuzes, 209 quintais de chumbo em balas, 1.355 piques e meios-piques, 202 quintais de mechas, 500 de pólvora e mais 300, que a armada espanhola devia trazer de Cadiz e Sevilha. O dinheiro que se levava para os casos fortuitos eram 20.000 cruzados em reais. *Jornada da Bahia*, c. 17. Também Tamaio de Vargas faz alarde das provisões de boca e de guerra e dos instrumentos que iam na armada. O carvão de pedra figura na sua lista e carvão doce, que não sei o que seja, para refinar a pólvora. P. 61.
15. Contudo foi Olivares depois da sua queda acusado perante a Inquisição de crer a astrologia e consultar astrólogos. Llorente*, Hist. de l'Inquisition,* c. 34.
16. Chamava-se este governador da Paraíba, delegado por Matias d'Albuquerque para fazer as suas vezes na Bahia, Francisco Nunes Marinho d'Eça. (F.P.)
17. Se lhe tivessem achado os restos, teriam sido boas relíquias, pois que aos amigos do falecido bispo não faltavam razões com que propô-lo candidato à santidade. O

cronista real, Tamaio de Vargas, lhe foi conferindo por própria autoridade o título, e as honras de milagroso. Diz ele: *Amábale cada uno como á padre y enerábale como á santo, no oyendo otro nombre de la aclamacion de todos; porque verdaderamente el zelo en la defensa de la religion, la caridad con su pueblo, el exemplo en todos los exercicios de virtud, le calificaban en todas las ocasiones por tal, dando el cielo testimonios de lo que se servia de acciones con los favores á aquel campo por su intercesion; porque faltando algunas vezes por la noche la pólvora ó los mantenimientos, á la manãna todo se cumplia, con tanta copia que atribuian los soldados á diligencia tuas que humana esta provision, llamando su guerra milagrosa á la que asistian, y reverenciando en qualquiera action mas á su prelado, como causa destas maravilhas.* (FF. 46.)

18. Dois notáveis exemplos deram de seus sentimentos religiosos os sitiantes. Um soldado mulato atirou-se ao meio do inimigo, e com risco iminente trouxe um caporal (segundo pareceu a seus camaradas), que preso a uma lança, tinha em zombaria sido arvorado como pendão. O outro caso foi mais curioso: tendo um holandês mantido, que os chamados irmãos do Salvador eram filhos de José e Maria, não descansou Francisco de Melo de Castro enquanto não obteve licença de o raptar por esta opinião, não só blasfema e herética, mas também ofensa da Virgem. Recusou o holandês a requesta, por conveniências justificadas (era mui provavelmente algum capelão), quedando bastantemente acreditada "la piedade con el deseo, como victoriosa la causa por tu justicia". Tamaio de Vargas, 122.
   Tinham ido nesta jornada capelães tanto franceses como ingleses, que pregavam todos os domingos. Aldenburgb, § 177. Tiveram a imprudência de pregar ao alcance de tiro de peça dos sitiantes, que decerto entenderam que seria uma ação extremamente meritória matar estes hereges no próprio ato de suas danadas devoções. Um domingo, pois, principiaram a fazer fogo sobre a igreja durante o serviço divino, e como uma bala levasse as pernas a três da congregação, deu-se o Pastor por avisado, para buscar lugar mais seguro. Aldenburgh, 204.
19. J. de Laet diz na sua linguagem clara e sem rodeios, que em lugar de olhar pela defesa da cidade, *by gingh liever inde hoeren-huysen, ende bleef op A' Hof sitteu swelghende ende suypende. Verhael van W. Indien*, 51.
20. *"No sin mysterioso reparo de una y otra gente, y alborozo de la Catholica",* diz Tamaio de Vargas, que, com o verdadeiro espírito dos seus conterrâneos daquele século, olhava esta como uma guerra religiosa. Revela-se este sentimento no mote feliz que pôs ao seu livro, e que não pouco prazer devia dar-lhe ao achá-lo:

Justinus

Ex T. Pompeii Histor. lib. XIX

De PHILIPPO, cujus Hostes,

insignibus Dei conspectis, consciencia delictorurn territi, abjectis armir fugam capessunt; poenasque violatae religionis sanguine et caedibus suis pendunt. INCREDIBILE QUANTUM EA RES APUD OMNES NATIONES PHILIPPO

GLORIAE DEDIT: illum vindicem sacrilegii; illum ultorem religionum, quod orbis viribus expiari debuit, solum, qui piacula exigeret, exstitisse dignum.

21. Brito Freire (§ 286) fala como bom homem do rigor com que estes naturais foram punidos, por haverem recebido bem os holandeses. "Já que deixamos de recompensá-los", diz ele, "quando antigamente nos serviram, também devêramos agora moderar-lhes o castigo."

22. Fizera ele uma ocasião sair a sua gente, para passar-lhe revista numa formosa manhã, quando, como não é raro na Bahia, e freqüentíssimo no Maranhão, no decurso de uma hora se cobriu todo o céu, principiando a chover a cântaros. "En el Brazil hasta los cielos mienten", exclamou o general, dizendo do clima, do que pensava do povo. Vieira, *Serm.*, t. 4, pág. 295.

23. Tamaio de Vargas diz, "era costume desesperado destes hereges, antes do que caírem nas mãos dos católicos, porem termo às suas vidas por meio do fogo, dando assim princípio ao seu eterno castigo no mesmo elemento. Sepultam até certo ponto a razão e o sentimento em cópia de vinho e de pólvora, e metendo-se no porão, mandam algum moço ignorante chegar fogo aos barris, e lá vão voando para o Inferno, a sofrer o castigo devido aos seus erros." Pág. 162. Que humana linguagem esta do cronista real! Mas é característica do seu século, país e religião.
Acredita-se geralmente que aguardente e pólvora *tornam a carne morta*. Sei isto de um dos *Testemunhos Vivos* de William Huntington, que tinha sido desertor, e tomara esta receita antes de receber as chibatadas.

24. J. de Laet afirma que eles tinham na cidade provisões para três ou quatro meses, e Avendano na resenha que faz do material apreendido, refere 6.000 fânegas de farinha de trigo e 2.000 pipas de vinho, quantidade incrível. Mas Aldenburgh, cujo diário mostra ser muito fiel, diz que o mantimento era escasso e que se comiam cavalos, cães e gatos. Era uma grande imprevidência matar os gatos, porquanto, acrescenta ele, tornaram-se tão numerosos ratos e ratazanas, que não deixavam a gente dormir na cama, atrevendo-se aos pés, mãos e cabeça.

25. J. de Laet no *Novis orbis* diz que assim mesmo a fizeram, evidentemente exagerando a maravilha de uma ação já assaz maravilhosa. Para prova do contrário basta ver que alguns escritores portugueses arguem Oliveira por não ter mandado fazer fogo dos fortes, indesculpável como teria sido sacrificar assim a sua própria gente.

26. A autoridade de Brito Freire acha-se confirmada por uma breve narrativa da ação, impressa sob este título: *Le siège de la Ville de Groll, au pays de Frise, par le Prince d'Orange. Ensemble, la Deffaite de la Flotte Espagnolle dans la Baye de Todos os Santos, au Brésil, par les Hollandais*, 1627. Este boletim, como se pode chamar, dá como de 32 o número dos navios que Heyn atacou, enquanto Laet o eleva a 36. Brito Freire quer que fossem apenas 16, e acusa Laet de exageração gratuita: ele próprio é digno de crédito no mais subido ponto. Dos materiais e artilharia que se encontraram nos dois cascos que ficaram, se inferiu que era intenção dos holandeses tomarem segunda vez a cidade.

27. Cornelis Cornelisz Jol, homem de grande nomeada no seu tempo. Os portugueses escrevem-lhe o nome Jolo, e costumam chamá-lo Pé-de-Pau, da sua perna de madeira, traduzindo assim a alcunha que os holandeses lhe davam de *Houte-been*.
28. *Removia todas as mercês das administrações das aldeias dos índios*. Estas administrações deviam ser equivalentes às que os espanhóis chamam *encomiendas*. Não se davam os índios como escravos a estes concessionários, mas davam-se os serviços deles: era mais uma servidão do que uma escravidão, com a diferença que se faziam trabalhar os servos como escravos.
29. *Gemes Porcel*.
30. Diz-se (*Castr. Lus.*, 1, § 28) que também aqui foram os judeus, ou cristãos-novos, que convidaram os holandeses. É isto tão pouco provável, depois do que sucedera na Bahia, que com segurança poderia olhar-se como acusação falsa, se Fr. Manuel do Salvador nos não assinasse razão suficiente e justificação plena do comportamento desta gente, dizendo que ela soubera que ia estabelecer-se a Inquisição em Pernambuco. *Valeroso Lucideno*, pág. 10.
31. Segundo a asseveração do autor das *Memórias Diárias da Guerra de Pernambuco* apenas com vinte e sete soldados partira de Lisboa Matias d'Albuquerque. (F.P.)
32. Rocha Pita diz três caravelas. G. Giuseppe apenas uma. O primeiro é muito desleixado para ser crido, o segundo por demais malicioso.
33. O pregador Fr. Antônio Rosado gostava de trocadilhos; suas palavras eram: *Sem mais diferença do que a de uma só letra, está Olinda clamando por Olanda; e por Olanda há de ser abrasada Olinda, que onde falta tanto a justiça da terra, não tardará muito a do Céu*. B. Freire, § 337.
34. É sumamente injusta semelhante acusação, porquanto Matias d'Albuquerque empregou convenientemente os fracos recursos de que dispunha para a defesa da capitania. (F.P.)
35. Tais excessos devem ser lançados por conta dos aventureiros, escória de todas as nações que tanto abundaram no exército holandês. (F.P.)
36. J. de Laet diz que os portugueses em um documento oficial avaliaram a sua perda em 2.000.000 de ducados.
37. Acha-se hoje exuberantemente provado que nem uma parte tomou João Fernandes Vieira na defesa do forte São Jorge, nem a ela se achou presente. (F.P.)
38. Os holandeses exigiram destes bravos um juramento de não pegarem em armas por seis meses contra os invasores, mas eles, que não se tinham rendido com semelhante condição, também a ela se não quiseram sujeitar agora, pelo que foram presos, porém soltos passados poucos dias. Tal é a versão portuguesa; a holandesa é outra. Segundo esta, compunha-se a guarnição de 80 a 90 homens; não se lhe permitiu sair da praça com honras militares, e depois recusaram quarenta prestar o juramento a que se haviam obrigado nos termos da capitulação. Por conseguinte foram desarmados e remetidos presos para Olinda, onde no outro dia deram o juramento, e foram postos em liberdade. (J. de Laet, 189-190.)

   Contraditórias como são estas duas versões, parece-me que em nenhuma há falsidade direta ou intencional. Os termos foram provavelmente os que dizem os holandeses,

mas é natural que metade dos portugueses nada soubessem da condição, e no estado de exaltação e completa indisciplina se recusassem ao juramento. A prisão de uma noite podia induzi-los a sujeitar-se a um compromisso compulsório, que eles em tais circunstâncias pouco escrúpulo teriam em quebrar, ou então o comandante holandês (que parece ter querido fazer a guerra com cortesia européia, e conciliar-se o povo) pô-los-ia em liberdade para livrar-se do cuidado de guardá-los.

39. A curta narração que Ericeira nos faz da perda de Olinda está recheada de inexatidões. Diz ele que Albuquerque antes de partir de Portugal, protestara contra a mesquinhez das forças que lhe davam; que nenhum tempo perdeu em pôr tudo no melhor estado de defesa possível; e que por muito tempo defendeu valentemente a passagem do rio Doce contra número superior. Com a costumada malícia atira o carmelita* toda a culpa sobre Olivares, mas sempre confessa que o povo de Olinda não acreditava no perigo. Rafael de Jesus e Rocha Pita estão de acordo em censurar Albuquerque: o primeiro exprime a opinião de João Fernandes Vieira; juiz inquestionavelmente competente, o segundo pinta provavelmente o comportamento do general segundo os sentimentos com que era recordado no Brasil.

   * Há manifesto equívoco nesta citação; porquanto o conde da Ericeira nunca foi carmelita; o autor quis talvez referir-se a Frei José de Santa Teresa, carmelita descalço, e autor de uma estimada *Istoria delle guerre del regno del Brasile*. (F.P.)

40. J. de Laet erra chamando-o dominicano; os frades desta ordem jamais fundaram casa no Brasil – não sei porque feliz sorte para o país – e o convento carmelita está marcado na vista que ele deu da cidade. Nesta estampa, dá-se ao lugar o nome de Marim d´Olinda de Pernambuco. Ainda pois não caíra em desuso a antiga denominação aborígine de Marim.

. . . .

Capítulo XV

ACAMPAMENTO DO BOM JESUS – CALABAR DESERTA PARA OS HOLANDESES E FAZ MUDAR A FORTUNA DA GUERRA – NEGROS DOS PALMARES – REDUÇÃO DA ILHA DE ITAMARACÁ, RIO GRANDE, PARAÍBA, ACAMPAMENTO E NAZARÉ

1630

Refazem-se os portugueses

MAS EM Pernambuco, como antes na Bahia, mal tinham os portugueses abandonado a cidade, que logo se reorganizaram, recobrando ânimo. Mais à falta de direção do que de coragem devemos atribuir o seu feio proceder anterior; nenhuma previsão tinha havido, nada de preparativos contra o perigo que se avizinhava, e quando este afinal lhes estourou sobre as cabeças, o primeiro pensamento de cada um foi assegurar bom asilo à sua família, abandonada a esperança de salvar a cidade. Depois de tudo perdido, e retirados todos para as brenhas e desvios, era a voz dos bravos a que se escutava, que só esses davam agora conselhos, recaindo o comando sobre aqueles que a natureza criara para mandar. Era também do caráter do general obrar com acerto, quando lhe deixavam tempo para considerar, homem vagoroso e político, faltava-lhe presença de espírito, e perturbavam-no os casos

Brito Freire, § 315

repentinos.[1] Disse ele agora aos portugueses que os holandeses conquistavam pelo lucro e não pela glória; que cobiçavam Pernambuco pelo açúcar e tabaco que produzia, e que por isso o melhor plano de operações era manter o campo, e impedi-los de cultivá-lo. Imediatamente se principiaram obras sobre um outeirinho eqüidistante de Olinda e do Recife, a uma légua de cada um destes lugares, e quatro canhões tirados de um navio holandês naufragado eram toda a artilharia. Com alegre azáfama se prosseguia nestas obras, e ao passo que elas se adiantavam crescia o número dos trabalhadores, vindo alguns a residir ao abrigo delas, outros a reunirem-se ao arraial, e com tal presteza se houveram todos, que já o acampamento do Bom Jesus estava em estado defensável antes que os holandeses o soubessem principiado. Ocupavam-se os conquistadores com arranjarem-se na cidade e regular o governo das suas conquistas, quando devia ter seguido o primeiro triunfo; mais tarde conheceram o erro, mas ao princípio alegrou-os a notícia dos preparativos do inimigo, pois quantos mais portugueses se reunissem, mais decisivo seria o golpe, entendiam eles, e maior o espólio. Adrian Frank, que conhecia bem o país, ofereceu-se a guiar por um rodeio os seus patrícios ao arraial para surpreendê-lo, mas Matias de Albuquerque vigiava, e em lugar de aguardar o assalto, fez sair uma partida ao encontro dos assaltantes. Com esta não contavam os holandeses, e não podendo resistir ao ímpeto da investida, fugiram, deixando quarenta no campo.

E formam o arraial do Bom Jesus

J. de Laet, § 193
Cast. Lus., **p. 93**

Afoitaram-se com a vitória os portugueses; sabendo que o general holandês ia do Recife a Olinda, com uma escolta de 600 homens, postos de emboscada o surpreenderam; desbaratada a sua gente, morto um dos pastores holandeses, ter-se-ia ele próprio rendido, se o seu cavalo, recebendo ligeira ferida, o não tivesse arrebatado em desesperada carreira. E lá foi ele deixando perto de 40 mortos. Tanto foi crescendo o perigo de passar duma praça à outra, e fizeram os holandeses um regulamento, ordenando que todas as vezes que uma partida estivesse para tentar a jornada, se disparassem duas peças, e saísse de ambos os pontos um destacamento a segurar o caminho

Emboscadas

Estabeleceram agora os portugueses uma porção de postos avançados debaixo de oficiais, que pela maneira por que devia combater, se chamaram capitães de emboscadas. Um destes postos foi confiado ao jesuíta Manuel de Morais e ao seu rebanho de índios, de que ele fizera conjuntamente cristãos e soldados. Camarão,[2] o cacique carijó, ocupava outro com o seu povo; e João Fernandes Vieira tinha o comando duma partida, que noite e dia devia estar em campo. A força principal compunha-se de agricultores, que vinham ao acampamento quando podiam furtar tempo às suas ocupações, e retiravam-se quando a sua presença era necessária em casa, de modo que continuamente vinham e iam, mas os que tinham fugido da cidade ou moravam na imediata vizinhança do inimigo, estabeleceram ali a sua residência fixa. Mas grandes trabalhos se passavam. O mantimento era necessariamente escasso quando semelhante multidão se reunia de improviso em semelhante lugar, sucedendo muitas vezes não terem os soldados mais do que uma espiga de milho para ração. De roupa ainda estavam pior do que de sustento, pois expulsos de suas casas, como haviam sido aqueles homens, nada tinham salvo. O que mais lhes custava era aparecerem sem sapatos, pois que andar calçados era um sinal com que se distinguiam dos escravos, e ao princípio também não podia esta falta deixar de ser um mal real, mormente num país infestado de chiguás. Contra estas adotaram-se os preservativos de que faziam uso os indígenas, e para removerem o pesadelo moral, deitaram os oficiais fora os seus sapatos, andavam descalços como as praças.[3] Achou-se isto depois tão conveniente num país cortado de rios e lagoas, que havia muito já que cessara a necessidade, e ainda durava o hábito. Na estação chuvosa inutilizavam-se tão freqüentemente as mechas que Wandenburch achou necessário armar de fuzis uma companhia.

B. Freire, § 367

J. de Laet, 198

Entretanto fortificavam-se os holandeses nos seus novos domínios, o que puderam fazer sem interrupção, depois de terem os portugueses, tentado duas vezes estorvá-los, sido de ambas rechaçados com grande perda. Um boato de que aí vinha D. Fradique de novo com poderoso armamento, a tratar os holandeses de Pernambuco, como fizera aos da Bahia, animou muito os portugueses e o inimigo, quer acreditasse quer não, teve a prudência de obrar como se a coisa estivesse iminente, aumentando as fortificações

Aperto de ambas as partes

nessa conformidade. Perto dos seus quartéis demorava uma ilhota, dum tiro de pistola em comprimento, e coberta de arbustos e mato rasteiro, onde aves e várias espécies soíam pousar de noite, vindo às seis da tarde, e indo-se às seis da manhã em tão grandes bandos que escureciam os ares. Apesar da vizinhança dos holandeses, e do freqüente atirar a todas as horas, não abandonaram estes pássaros o lugar, enquanto se não cortou o arvoredo para lenha e para as fortificações.

De Portugal não chegavam recursos, e Albuquerque, cansado de esperar, foi de desesperado assaltar Olinda, sendo repelido com grande mortandade. Na guerra irregular estava porém sempre do lado dele a vantagem, nem tardou que os holandeses sentissem falta de víveres. Tinham em verdade o mar aberto, mas o país era de inimigo. Água não havia no Recife, senão a que se tirava de poços abertos na praia, e que de tão imperfeitamente filtrada mal servia de água doce; pão tinham de comê-lo holandês, e de queimar lenha da Holanda, apesar de terem a floresta ao pé da porta, tão bem guardavam os portugueses as estradas.[4] Se se aventuravam a sair em busca de mantimento ou frutas, caíam nas ciladas dos emboscados. Quanto aos portugueses faltavam-lhes munições, e tinham de derreter os seus utensílios de estanho, e o chumbo das suas redes de pescaria, com que fazer balas; mas as certeiras armas dos índios não falhavam, nem era pequena a perda que os holandeses sofriam com este vexatório e acabrunhador sistema de guerra. Tinham de haver-se com um inimigo exasperado e implacável que o odiava dobradamente como hereges e como invasores. Os holandeses afirmam que Albuquerque não consentiu em mitigação alguma dos horrores da guerra, que queria ver feita com todo o rigor, não dando, nem pedindo quartel, e recusando até resgatar o seu próprio confessor, um pobre franciscano, que caíra nas mãos do inimigo. Também acusam os portugueses de terem envenenado os poços donde bebiam os holandeses.[5]

Tinha Albuquerque outros inimigos além dos holandeses. Habitantes havia e, contanto que vendessem os seus produtos, pouco lhes importava quem era o comprador; destituído de todo o sentimento de patriotismo, só suspiravam por traficar com os conquistadores. Três indivíduos que se aventuraram a iniciar este comércio, foram descobertos e enforcados. Havia porém muitos cujos desejos eram os mesmos, e

J. de Laet, 194

Inclinam-se alguns colonos a submeterem-se

numa noite lançou-se fogo à casa em que o general dormia, tendo ele por mais prudente atribuir a culpa ao acaso do que procurar e punir o culpado. De fato, o jugo dos holandeses poderia ter sido voluntariamente recebido, a não ter sido a diferença da religião. Esse mal de justiça, era severamente sentido em Olinda; cometiam os poderosos as maiores iniqüidades, e não havia alcançar reparação delas. Pouco antes de chegarem os holandeses, clamou um dos moradores voz em grita na praça do mercado: "Onde estão os irmãos da Misericórdia? A justiça é morta aqui em Pernambuco, por que não vêm eles a enterrá-la?" Esta perversão da lei, e geral corrupção dos costumes na infeliz capitania, é reconhecida dos portugueses. A Bahia era melhor governada como sede da administração, e ninguém, à exceção dos cristãos-novos, queria ali bem aos invasores.

Brito Freire, § 362

Tratando sempre de aumentar o número dos seus parciais, expunham-se os holandeses o menos que podiam à insidiosa e mortífera guerra em que eram tão mestres os seus inimigos. Fortificavam os pontos mais seguros nas vizinhanças do Recife, e preparavam-se a estender por mar as suas conquistas, dirigindo contra a ilha de Itamaracá oito léguas ao norte de Olinda, a primeira expedição. Era-lhes de suma importância a posse deste lugar, onde se podiam haver provisões e madeira não menos indispensável. Melhor cultivada do que povoada estava a ilha, que media cerca de dez léguas de circunferência; contava vinte e três engenhos, mas o principal estabelecimento, chamado vila da Conceição, compunha-se de cento e trinta moradores apenas, além duma guarnição de sessenta homens, comandados por Salvador Pinheiro, o governador. Insignificante como era esta força, não foi aos holandeses fácil a conquista, e em lugar de persistirem na tentativa, plantaram um forte a tiro de mosquete da fronteira terra firme, dominando a entrada dum porto em que achavam fundo navios de trezentas toneladas. Neste reduto, que chamaram Forte Orange, deixaram oitenta homens com doze peças de artilharia, e voltaram ao Recife. Quase defronte do novo forte ficava a antiga vila de Iguaraçu, que os portugueses mandaram imediatamente reforçar, para que o inimigo não passasse à outra banda. Entretanto não tinha a perda do Recife causado pequena inquietação e perplexidade na corte de Madri. Cônscios da mise-

Expedição contra a ilha de Itamaracá

Cast. Lus. **3, § 26**
B. Freire, § 393

O que se fazia em Madri

rável fraqueza a que estava reduzida a sua grande monarquia, redigiram os estadistas espanhóis um melancólico memorial de suas atribulações e perigos, para ser presente a Olivares e ao próprio rei. Se se fazia sair uma armada a restaurar Pernambuco, devia dar à vela em agosto por causa da monção, mas não era possível aprestá-lo no correr do ano. Assim, quando ela chegasse, já os holandeses estariam vinte meses de posse da sua conquista, nem havia que duvidar que empregariam eles este tempo em fortificarem-se e segurarem-se. Na costa de Pernambuco não havia outro porto além da Paraíba, agora que o Recife era perdido, nem aquele admitia navios de grande porte. Onde pois acharia abrigo a armada, ou onde desembarcariam tropas e artilharia numa costa em que até uma ligeira brisa podia soçobrar embarcações? Perto do inimigo nenhuma esperança de efetuar um desembarque, experimentado como ele era na guerra, e preparado como devia estar, e ao longe o país coberto de matagais e paus, desfiladeiros perigosos que passar, e rios que atravessar, e tudo isto com contrários, que de toda a vantagem sabiam tirar partido. Mas dado que todas estas dificuldades se venciam, que se punham às tropas em terra, e se assentava cerco ao Recife, devia este sítio ser negócio de tempo, e durante ele que havia de ser da armada? Cruzando numa costa aberta e exposta, só por milagre escaparia a algum desastre grande. Se entrasse a estação chuvosa antes de rendida a praça, seriam as tropas dizimadas pela doença, nem sem infinito perigo e grande perda se deixaria efetuar o reembarque. Tampouco estaria a armada em estado de volver à Europa, e onde se aprovisionariam e dariam crena os navios?

Ainda isto não era tudo. O primeiro custo do armamento, à parte com que a Espanha devia carregar, seriam dois milhões: restava ainda a despesa dos reforços e fornecimentos, e vinte navios haviam de ser também equipados para a costa da Espanha. Porquanto, achando-se no Brasil a armada, ficava desguarnecido o litoral do reino, e, atento o estado das guarnições, não era impossível que em qualquer ponto fizesse algum inimigo conquistas que pusessem em sobressalto a monarquia inteira. Também ficariam expostas as Índias. A França tinha então oitenta ou cem navios prontos para serviço, e poderia supor-se que enquanto as forças da Espanha se empregavam em Flandres, na Itália ou no Brasil, não percebesse ela quão fácil seria atacar as Índias? Havana era o único lugar capaz

de resistir, e esse mesmo, não sendo socorrido podia cair; e perdido ele ou Cartagena, ou Porto Belo, acabavam as remessas de dinheiro, que até um bloqueio daqueles portos podia demorar por anos. Considerando pois todas estas dificuldades e imensuráveis males, e a perda total do Brasil, que era seguro se malograsse o fim da expedição, o único expediente seguro, e que prometia alguma esperança, seria mandar a Albuquerque dois mil homens de tropas escolhidas com um chefe resoluto que o ajudassem a ele e ao povo do país a continuar com as hostilidades, cujo fim seria cansar os holandeses, desenganá-los dos esperados lucros, e afinal induzi-los, segundo todas as probabilidades, a abandonarem o país.[6]

Adotou-se o parecer. Despacharam-se com diferentes intervalos nove caravelas, com gente de guerra que, desembarcando onde pudesse, fosse incorporar-se à gente do acampamento do Bom Jesus. Algumas destas embarcações foram apresadas pelo cruzeiro inimigo, e dos soldados que chegaram a saltar em terra poucos alcançaram o lugar do seu destino. Não se fizeram maiores esforços, porque a corte preferia deixar os pernambucanos libertarem-se por si mesmos como pudessem, e esperava que a vexatória guerra que eles faziam, frustrando o principal fim dos holandeses, os induziria por fim a desistirem da empresa. Também se dizia que os Albuquerques confirmavam a corte e os governadores de Portugal nesta ocasião, esperando reaver com o tempo o que haviam perdido, e receando que, se a corte enviasse grandes forças a reconquistar a capitania, não lhes seria esta restituída, com o fundamento de ter sido perdida nos azares da guerra[7]. Mudou-se porém de política apenas se soube em Madri que os holandeses aparelhavam para Pernambuco uma poderosa armada às ordens de Adriaen Jansz Pater, general de grande crédito, e de Martin Thiisz como almirante; consistia esta força em 3.500 praças, e iam também como colonos muitas famílias holandesas, e judeus ricos que queriam erguer suas tendas naquela terra ocidental da promissão. Também se supôs que a frota cruzaria em busca dos galeões do México na esperança de segunda presa como a de Heyn. Sabido isto, equipou-se em Lisboa uma armada; eram castelhanos a maior parte dos navios, mas a despesa só Portugal carregou com ela. Teve D. Antônio de Oquendo o comando, e a armada dirigia-se à América espanhola, mas devia primeiro lançar socorros no Brasil.

Parecer político, Ms. Coleção de Pinheiro, Vol. 2, nº 15

Brito Freire, § 385, 386

G. Giuseppe, P. 112

Dez caravelas com mil homens, portugueses, espanhóis e napolitanos e doze canhões de bronze eram destinados a Pernambuco; nelas ia Duarte de Albuquerque, o senhor da capitania. Devia a armada demandar primeiro à Bahia, mal pensadas instruções, salvo se queria evitar o inimigo, pois que deram ao almirante holandês tempo de aferrar o Recife, desembarcar as suas tropas e munições, preparar tudo para a batalha, e sair a dá-la com dezesseis bons navios.

A armada de Oquendo compunha-se de vinte galeões de guerra, das doze caravelas com tropas para Pernambuco e Paraíba, e vinte e quatro vasos mercantes carregados de açúcar da Bahia, que iam debaixo do seu comboio. Ao aparecerem as velas inimigas, aconselharam-no que tiradas dos transportes as tropas, as distribuísse pelos navios de guerra e pelas embarcações mercantes maiores, mas ele, julgando-se já assaz forte, mandou-as descair a sotavento. Travada a ação, ganhou ele o vento ao navio de Pater, e harpoou-o, seguindo-se um conflito desesperado: bem queriam os holandeses safar-se, mas João Costelho, um dos capitães espanhóis, saltando a bordo do inimigo, passou um cabo à volta do mastro do traquete, serviço que lhe custou a vida. Orçou segundo navio a acometer Oquendo pelo outro bordo. Cosme do Conto Barbosa, vendo-o meteu entre os dois o seu barquinho, que foi imediatamente ao fundo, sendo ele próprio apanhado do mar e feito prisioneiro; mas parece que esta atrevida manobra salvou o general espanhol. Igualmente bem secundado não foi o comandante holandês pelos seus capitães, a alguns dos quais faltou o ânimo neste dia. Não tardou a pegar fogo o navio de Pater e os espanhóis tantas balas sobre ele faziam chover, que não havia esperança de atalhar as chamas.[8] Oquendo cortou agora o cabo que o prendia ao navio inimigo, e cuja destruição era inevitável, mas o seu próprio vaso estava tão completamente desmantelado, que sem auxílio não podia evitar a mesma sorte. Juan de Prado veio dar-lhe reboque. Salvar o navio holandês era impossível, mas Pater, como muitos outros, poderia ter provavelmente escapado à morte, nadando para os espanhóis, que apanhavam a gente que viam no mar; em lugar porém de tentá-lo, tomou a bandeira, enrolou-a à volta da armadura, e precipitou-se nas ondas de cabeça para baixo[9]. Entretanto atracou o almirante espanhol o holandês, e foi a pique.

B. Freire, § 403-9

Ação naval

Ação sanguinosa foi esta, bravamente pelejada de parte a parte: os espanhóis tinham a vantagem do número, os holandeses a da grandeza dos navios e do peso do metal. Igual foi a perda de ambos os lados, ao todo uns três mil homens. Ao cair da noite ainda as duas armadas estavam à vista. Ao conde de Bagnuolo (Giovani Vincenzo San Felice), que tinha o comando dos reforços destinados a Pernambuco, ordenou Oquendo que, seguindo a costa, entrasse no primeiro porto que pudesse; mas primeiro julgou necessário dos mil homens tomar trezentos, para suprir em parte a perda sofrida. Ao amanhecer não se avistava o inimigo, e Oquendo, cingindo-se às suas instruções, proejou à Espanha a comboiar os galeões mas é de crer que não fosse tão pronto em obedecer às ordens que trazia, se desejasse renovar a ação.

G. Giuseppe, p. 112; B. Freire, § 407-23

Entretanto, acostou-se Bagnuolo à terra, ganhando o porto da Barra Grande, a trinta léguas do acampamento do Bom Jesus. Uma caravela, comandada por Antônio de Figueiredo, separou-se da frota, e acossada do inimigo correu ao norte, até que entrou no rio Potengi.[10] Nenhuma tentativa se fez de alcançar a Paraíba, prova de que eram os holandeses os senhores do mar. Desembarcaram contudo as tropas a salvamento, fazendo junção com Matias de Albuquerque após difícil e penosa marcha. Sabendo que os portugueses tinham recebido reforços, não sabiam os holandeses quão insignificantes estes eram. A chegada de Bagnuolo os inquietou; estavam as suas próprias forças consideravelmente desfalcadas, e acharam que os portugueses, tendo já manifestado tão firme propósito de resistência, agora engrossados com estes socorros mais audazes se tornariam. Toda a força ativa que havia em Olinda, no Recife e fortes adjacentes, não chegava a 4.000 homens.[11] Julgaram pois agora os holandeses necessário concentrarem-se no Recife, antes que ali fossem atacados, e resolveram abandonar Olinda, resolução tanto mais de boa mente adotada, quanto maior era o perigo de passar de um lugar para o outro. Assentado isto, mandaram perguntar a Matias de Albuquerque se queria resgatar a sua cidade, aliás, seria queimada. Respondeu este: "Queimai-a, se a não podeis guardar, que nós saberemos edificar outra melhor." Tiraram, pois os holandeses o sino, e os materiais das casas que podiam servir-lhes para suas edificações e obras no Recife, e depois entregando o lugar às chamas, toda esta florescente

Os holandeses queimam Olinda

cidade foi presa do fogo, exceto um único pardieiro de barro, que ficou ileso enquanto ardiam em torno casas, igrejas e conventos.

1631

Não tardou que os holandeses soubessem quão diminutos os reforços chegados aos portugueses, e como em razão do mau proceder dos chefes deviam antes enfraquecê-los do que torná-los mais fortes. Bagnuolo instalou-se à parte, indo Duarte de Albuquerque aquartelar-se com o irmão, cada um com a sua gente. Ambos estes novos comandantes concordavam numa coisa, e vinha a ser em favorecer as tropas regulares que haviam trazido, tratando de resto os habitantes armados, posto que de fato fossem estes a força e a esperança da capitania, eles a haviam defendido, e eles a restaurariam, se restaurada tinha de ser. Depressa descobriram os holandeses esta miserável política, e prepararam-se a tirar dela partido: abriram relações com Bagnuolo, que imprevidente as admitiu. Seguiu-se uma troca mútua de cortesias e presentes entre os comandantes, o que desgostou os portugueses, e ao inimigo ofereceu ensejo de sondar e apalpar os descontentes.

A Paraíba investida

Encerrando-se no Recife, tinham os holandeses até aqui deixado os portugueses concentrarem num ponto único as suas forças, e conservavam-se como gente sitiada, posto que tivessem bastante tropa disponível, e fossem senhores do mar. Agora porém resolveram adotar medidas mais ousadas, e fizeram sair 3.000 homens a atacar a Paraíba. Conheceram-se então as más conseqüências de Olinda destruída: enquanto os holandeses a ocupavam, não podiam os portugueses deixar de distrair parte das suas forças para vigiá-la. Acontecera ter sido aquela a estação da gente levantada na Paraíba, e como esta já para aquele efeito não fosse necessária, deixou-a. Matias de Albuquerque voltar às suas casas, fazendo, conjuntamente, seguir os duzentos homens destinados a reforçarem aquela capitania. A caravela de Figueiredo, que tinha corrido acossada até o Potengi, e era reputada perdida, também dali velejou para a Paraíba, onde chegou a salvamento exatamente nesta crítica conjuntura. Levava a bordo oito peças de artilharia e alguns bons engenheiros, sobre ir carregada de munições, de que na praça se sentia grande míngua.

Um forte chamado do Cabedelo defendia a barra: estava em miserável estado, tendo-se demolido as obras antigas, e achando-se por completar as novas que deviam substituí-las. Lichthart, que comandava as forças navais[12], queria forçar a entrada, mas o comandante de terra

convenceu-se de que era correr escusado perigo, pois que as tropas depressa se assenhoreariam do lugar, infeliz conselho! Fácil era passar pelo forte, e a Paraíba teria caído. João de Matos Cardoso, o capitão do forte, era um velho de muita experiência e reputação; consigo tinha 60 homens da sua própria guarnição, e 160 vindos de Pernambuco, e com esta gente saiu a fazer frente ao inimigo. Ao prepararem-se para saltar em terra, notaram os holandeses que os portugueses, postados mais longe do forte, eram os que estavam em melhor ordem, enquanto que os que lhe ficavam mais próximos, se mostravam descuidados, dando-se por seguros com a proteção dele: desembarcaram, pois deste lado, abrindo na areia uma trincheira para se cobrirem. Impediu esta trincheira a marcha de 600 homens que vinham da vila; seguiu-se um vivo tiroteio, sendo os portugueses repelidos para as florestas, através das quais ganharam contudo o forte. De noite ergueram os holandeses um reduto que os portugueses de manhã acometeram e levaram de assalto, perdendo a vida Jerônimo de Albuquerque Maranhão, irmão de Antônio, Capitão da Paraíba. Godinho, que comandava o reforço trazido por Oquendo, morreu também vítima duma ridícula confiança no diminutivo da sua estatura. Passeava sobre a muralha, quando lhe pediram que descesse, por ter o inimigo assestado a alguma distância duas peças que jogavam naquela direção: a sua resposta foi que não havia artilheiro que acertasse em tão pequeno alvo, e dentro em poucos minutos estava feito em pedaços.

Põe Lichthart cerco ao forte do Cabedelo

Apenas sabido o fim da expedição dos holandeses, mandou Matias de Albuquerque quatro companhias em socorro da Paraíba. Na mesma tarde do dia da sua chegada deram elas um assalto ao inimigo, e na manhã seguinte principiaram a levantar trincheiras em frente às que os sitiantes tinham erguido. Tentaram os holandeses sem resultado impedir o inimigo de concluir estas obras; atacaram-nas de noite com a mesma má fortuna, e outra vez no dia imediato à hora que sabiam deverem os portugueses e espanhóis estar à mesa ou a dormir a sesta, e só a guarda ordinária no seu posto. Foi este um renhido conflito: os portugueses perderam perto de cem homens, entre os quais o comandante dos últimos reforços, e um franciscano descalço, que animava os soldados, dando-lhes absolvição de seus pecados e combatendo à sua frente. Mais um

B. Freire, § 434

Levantam os holandeses o cerco

assalto e teria caído o forte; mas os holandeses tinham sofrido tanto, que levantaram o cerco, deixando no campo grande parte do seu trem e cento e oitenta mortos.

Contra o Rio Grande se dirigiu agora a primeira expedição. Este estabelecimento devia-o Portugal aos missionários jesuítas. Tinham os naturais daqui infestado seriamente Pernambuco, cujo comandante Manuel Mascarenhas se vira afinal obrigado a marchar contra eles em pessoa; desbaratou-os, mas de pouco servia pôr em fuga umas poucas tribos silvícolas, que apenas partido o inimigo voltavam aos antigos paradeiros e inveterados hábitos de devastação. Os jesuítas os pacificaram, ganhando cento e cinqüenta hordas à aliança portuguesa. Era um dos padres tão mestre na arquitetura militar como na de igrejas: levantou a planta dum forte, os seus irmãos deram aos índios o exemplo de trabalhar nas obras carregando pedras às costas; eles o principiaram e concluíram, e depois de feito ficou sendo a fortaleza mais segura do Brasil, não pelo avantajado da sua posição, mas pela solidez das suas obras e excelência da sua construção. Coroava ele um rochedo à entrada do rio Potengi, e à meia légua ficavam algumas habitações poucas, que neste raro povoado país tinham obtido o título de cidade. Pensaram os holandeses surpreender este lugar, mas um navio português os havia avistado e ainda levou a notícia à Paraíba a tempo de poder o governador mandar para ali seu irmão Matias de Albuquerque Maranhão com trezentos europeus e igual número de naturais; assim guarnecidas eram as fortificações por demais formidáveis para que pudessem ser investidas com probabilidade de triunfo.

Malograda tentativa contra o Rio Grande

Rel. An. **1605 ff. 113**

G. Giuseppe p. 119. B. Freire, § 442 e 443

Considerável era ainda o comércio entre Portugal e Pernambuco, apesar da perda da capital e do seu importante porto. Dos navios que se aventuravam, grande parte era tomada, e poucos escapavam sem combate, mas os lucros dos que chegavam ao seu destino eram tais que uma viagem dada a salvo animava mais os aventureiros, do que muitas perdidas podiam desacoroçoá-los. Vendiam as suas mercadorias européias por preços enormes, onde havia tantos compradores e tão pouco quem satisfizesse a demanda, e compravam os produtos do país muito abaixo do seu valor pela necessidade que todos tinham de vender. Um

Importância do porto de Nazaré

porto sete léguas ao sul do Recife era o grande mercado deste tráfico; chamavam-no Pontal de Nazaré, de um serro com uma famosa capela no viso, onde uma imagem de Nossa Senhora de Nazaré fazia milagres e era visitada dos romeiros. A boca do porto formava-a uma abertura nesse arrecife, que se estende ao correr da costa de Pernambuco; quatro canhões de ferro a dominavam, e na sua marcha do lugar onde desembarcara até ao acampamento do Bom Jesus, erguera ali Bagnuolo dois redutos. A guarnição compunha-se de sessenta praças, que acabavam de ser reforçadas do Porto dos Afogados com duas vezes este número. Foi a este lugar que os holandeses se atreveram em seguida; mas percebendo logo maior demonstração de resistência do que esperavam, costearam mais meia légua, pensando desembarcar num braço de mar, que algures se metia pela terra adentro. Sucedeu, porém, que uma partida de cinqüenta mosqueteiros por ali passasse, escoltando uma soma considerável de dinheiro remetida pelos mercadores da Bahia aos seus correspondentes aqui para ser empregada em açúcar, sendo este então o modo usual de pagamento. Esta gente, vendo os holandeses prepararem-se para saltar em terra, postou-se a coberto na espessura, fazendo um fogo constante e mortífero sobre os batéis, que imediatamente se fizeram ao largo aterrados da grande perda que sofriam da parte de invisíveis inimigos. Concluiu logo o comandante que dos redutos se teria feito sair um destacamento grande para obstar ao desembarque; a força que neles ficara devia, pois estar muito desfalcada, e fácil seria surpreendê-la e subjugá-la. Nada tão especioso como este raciocinar; ao darem os holandeses o assalto acharam ali toda a força dos portugueses, foram rechaçados com perda de setenta homens, e à história de Nossa Senhora de Nazaré acresceu mais um milagre. Apesar disto, julgou Bagnuolo prudente plantar aqui um forte, e foi em pessoa construí-lo, sendo velho e experimentado engenheiro. Ninguém afora ele próprio ficou satisfeito com a obra; mal escolhido o lugar e por demais longe da barra.

Principiavam já os portugueses a desesperar de socorros eficazes da metrópole, inquietando-os por isso tanto mais os boatos que os holandeses adrede propalavam de estar a chegar um poderoso armamento da Holanda. Neste estado de desacoroçoa-

B. Freire, § 446

mento tentou-se uma miserável negociação. Um tal Pedro Álvares, que tendo sido prisioneiro dos holandeses conhecia alguns dos seus oficiais, foi enviado com instruções secretas de Duarte e Matias de Albuquerque, para ver se o inimigo estaria disposto a evacuar a sua conquista, recebendo como resgate os milhares de caixas de açúcar em que se concordasse. Fazendo entes de razão sobre esta proposta, supuseram os holandeses que os Albuquerques recorreriam a este meio como ao único de preservarem os seus grandes interesses no país, que tanto seriam perdidos para eles se os conquistadores se mantivessem na sua posse, como se a recuperasse o rei, que em tal caso quereria ser indenizado dos seus sacrifícios. Alguns foram de opinião que convinha negociar sobre esta base, não para vender a praça, mas para obter parte do açúcar. Após madura deliberação julgou-se, porém, impolítico animar semelhantes propostas; os portugueses acreditariam que mais cedo ou mais tarde se abandonaria a conquista, e nenhum quereria confiar nos holandeses pondo-se debaixo da sua proteção, ao que já alguns pareciam inclinar-se. Declarou-se, pois, a Pedro Álvares que era intenção dos holandeses guardarem e estenderem suas conquistas; mas que se quisesse aconselhar os Albuquerques a desistirem de sua inútil oposição, deixando os conquistadores na posse mansa e pacífica do país, devia esperar bom galardão. O plano do inimigo era agora tirar aos portugueses toda a esperança e reduzi-los à maior miséria destruindo os engenhos e assolando o país.

Proposta de compra aos holandeses as suas conquistas

1632

Até aqui pouco tinham os holandeses que ensoberbecer-se com o triunfo das suas armas. Havia dois anos que eram senhores do Recife, e nada mais tinham adiantado, senão erguerem um forte na ilha de Itamaracá; todas as outras tentativas haviam abortado, e os portugueses desbaratados ao princípio quase que sem combate, possuíam já os hábitos e a confiança da vida militar. Um desertor veio restabelecer a superioridade dos invasores. Foi este um mulato[13] nascido em Pernambuco, por nome Domingos Fernandes Calabar, que tinha servido dois anos entre os seus conterrâneos, sido ferido duas vezes e ganho alguma reputação. Se, cometido algum crime, fugiu para escapar ao castigo; se o tratamento recebido dos comandantes o desgostou; ou se, o que é mais provável[14], com a traição, esperou melhorar de fortuna, é o que se não sabe. Mas, foi o primeiro

Calabar deserta para os holandeses

pernambucano que desertou para os holandeses, e se a estes fosse dado dentre todos fazer seleção de um, não teriam escolhido outro tão ativo, sagaz, empreendedor e desesperado quanto ele, nem havia quem melhor conhecesse o país e a costa. Foi recebido com ostentoso agasalho. A indiscrição de Bagnuolo deu aos holandeses ocasião de subornarem outro a quem tentou o acolhimento feito a Calabar; e dentro em pouco não podiam os portugueses fazer movimento que os holandeses o não soubessem antes. Alguns soldados napolitanos desertaram, e Bagnuolo, desejando reavê-los à mão, mandou ao Recife oferecer prisioneiros holandeses em troca. Os mensageiros foram detidos alguns dias sem obterem audiência; fez isto crer aos portugueses que alguma expedição se preparava, e logo a todos os postos que julgaram mais expostos, mandaram recado, que se tivessem de sobreaviso especialmente a Nazaré, Serinhaém e Igaraçu.

Chegou tarde a advertência. Calabar empreendera guiar os holandeses a esta última vila, e entregá-la nas mãos deles: tão seguro ia do seu feito, que levou consigo 400 negros para trazerem os despojos. Saíram os holandeses à meia-noite, atravessaram as ruínas de Olinda, e surpreenderam a vila, estando os moradores a ouvir missa. A má fortuna, que os invasores até agora haviam experimentado, fê-los tratar os portugueses como inimigos de quem tinham de tirar vingança, não como povo cujas boas graças lhes importava conciliar. Os homens que encontravam assassinavam-nos, e as mulheres despojavam-nas, rasgando-lhes com brutal fereza as orelhas para arrancar os brincos, e cortando-lhes os dedos por amor dos anéis.[15] Saqueada e queimada[16] a vila, puseram-se em marcha para casa, trazendo como prisioneiros alguns franciscanos, que eles pela sua profissão especialmente odiavam, e à frente por escárnio o celebrante com suas vestes sacerdotais, qual o haviam feito descer do altar. Tinham-se mandado batéis a esperarem-nos na praia mais perto, e ao entrar em triunfo no Recife ouviram-se no campo português os brados de alegria.

Os homens, que haviam ido a advertir do seu perigo este malfadado lugar, voltaram agora com novas da sua destruição, e logo depois os mensageiros de Bagnuolo tanto tempo retidos no Recife sem alcançarem audiência, foram despedidos com uma insolente resposta do comandante holandês. Que não podia naquela ocasião atender à proposta,

acabando de chegar duma excursão a Igaraçu, cansado do trabalho do dia.

Antes que o terror desta assoladora expedição se desvanecesse no ânimo dos portugueses, guiou Calabar os holandeses a segunda, dez léguas ao sul, onde saquearam e queimaram outro estabelecimento; depois os levou ao rio Formoso, surpreendendo cinco navios já quase abarrotados. Advertidos por este desastre, edificaram os portugueses ali um forte, montando-o com duas peças e guarnecendo-o com vinte homens ao comando de Pedro de Albuquerque, mesquinha defesa contra semelhante inimigo. Calabar voltou e investiu o fortim, mas jamais cumpriram soldados mais resolutamente o seu dever do que este punhado de portugueses. Agüentaram-se até caírem mortos dezenove; o vigésimo posto que ferido em três partes, atravessou o rio a nado, e o comandante acharam-no estirado por terra, com um tiro de mosquete nos peitos. Foram os holandeses assaz generosos para testemunharem a sua estima a tão valente capitão, e tendo-o tratado com especial cuidado, depois de restabelecido o puseram em terra na América espanhola, donde voltou à metrópole, que o galardoou com o governo do Maranhão.

Cast. Lus. **3 § 40, 41. B. Freire, § 450, 451**

O rio Formoso surpreendido

Não foram estes os únicos serviços que Calabar prestou aos holandeses; ensinou-lhes o sistema de guerrear, com que tanto haviam sofrido, e mostrou-lhes como opor emboscada a emboscada, de modo que na primeira tentativa de surpreenderem o inimigo caíram os próprios portugueses numa cilada. Confundido por estas repetidas perdas, já Bagnuolo não sabia o que fazer, nem de que lado aperceber-se para a defesa; sempre os seus destacamentos chegavam tarde demais, e exatamente a tempo de presenciarem os estragos que iam a evitar.

B. Freire, § 452-5

Assim atenazado e perplexo, deixou-se ele ficar por algum tempo num estado de contínuo sobressalto, mas de inação: envergonhado preparou-se para assaltar o forte Orange, mas com tão pouca precaução o fez, que, sabida a sua intenção, foi socorrida a fortaleza. Tentou, contudo, a empresa, despiu o mais próximo estabelecimento português da sua artilharia para guarnecer as próximas baterias, e desenganado afinal de que nada faria contra tão sólidas obras, retirou-se, deixando estas peças ao inimigo. Não admira que os

Embaraço e indecisão de Bagnuolo

brasileiros o suspeitassem de traição: há um certo grau de imbecilidade que com ela facilmente se confunde, pois que produz os mesmos efeitos.[17]

Os holandeses enviam comissários

Entretanto mandou a Companhia das Índias Ocidentais ao Brasil dois diretores, Matthijs Van Ceulen e Jehan Pijsselingh, como comissários, investindo-os de plenos poderes, tanto para evacuarem o país, caso não vissem esperança de melhor futuro, como para prosseguirem na conquista com vigor novo. Trouxeram consigo três mil homens como provisões e munições em abundância. Menos satisfeito com este reforço do que ofendido por lhe cercearem a autoridade, resignou Wardenbeerg o comando e embarcou-se para a Holanda, sendo substituído por Laurens de Rimbach, velho e experimentado soldado que de boa mente aceitou o supremo comando militar sujeito à direção dos comissários. Depressa tomaram estes a sua resolução: os azares da guerra eram agora a seu favor, e persistindo, havia esperança de conquistar todo o país. Principiaram pois por fazer aos portugueses uma proclamação, em que depois de oferecerem proteção a todos, que se submetessem, protestavam com singular descaro que os holandeses eram inocentes diante de Deus e do mundo de quaisquer desgraças e estragos que resultassem da prolongação das hostilidades; acrescentando que, se o povo persistisse na sua opinião, devia preparar-se para todas as extremidades de uma guerra justa da parte de um inimigo, cuja paciência e clemência tinham sido postas à mais dura prova.

Tiveram os comissários a fortuna de descobrir as relações secretas que com os portugueses tinha um certo Leonardt Van Lom, funcionário civil no Recife. Este miserável aventureiro viera da Holanda a persuasões de alguns portugueses de Amsterdã para servir de espião, com promessa de que receberia cinqüenta mil ducados, se em conseqüência das suas revelações se restaurasse a cidade. Todos os que tomaram parte neste compromisso juraram solenemente que, se um fosse descoberto não denunciaria os outros, e sobre isto ouviram missa e partiram uma hóstia. Van Lom, contudo, tornou-se suspeito, e sendo descoberto, confessou tudo. Cortaram-lhe dois dedos da mão direita, e foi depois decapitado e esquartejado; quanto ao mulato, que servira de mensageiro na correspondência com os portugueses, foi estrangulado e decapitado.

J. de Laet, 296, 298

Havia sobre o rio dos Afogados um posto de considerável importância, como situado onde principia a fértil planície de Capiberipe:[18] tendo-o assaltado no ano anterior, haviam os holandeses sido repelidos com considerável perda. Renovando agora com maiores forças a tentativa, tomaram-no, e passando adiante guiados por um desertor até segunda estação, igualmente a ganharam. Na sua defesa se distinguiu o franciscano Fr. Belchior; com um chuço por arma, matou quanto holandês se lhe pôs ao alcance pelo que e por outros serviços análogos, levando-se-lhe também em conta os merecimentos religiosos, foi depois feito bispo. Daí a pouco saltearam os holandeses terceira estação com maior perda para os portugueses e menor para eles próprios. Tinham adotado agora esse execrável modo de guerra que os espanhóis praticavam ao princípio contra os índios, e ensinavam cães a perseguir os fugitivos que se embrenhavam pelos pantanais. Tomadas estas estações, erigiram na primeira um forte, que chamaram Willem, guarnecendo-o com força suficiente.

Vitória dos holandeses

Animados com estas vitórias, resolveram os holandeses assaltar o acampamento, e com o verdadeiro espírito de um desertor, recomendou-lhes Calabar que escolhessem o dia de sexta-feira santa[19], em que os portugueses estariam entretidos com as cerimônias da sua religião. Se entravam o acampamento, dizia-se, era deles a província. Cometeu Rimbach em pessoa a empresa à testa de três mil homens[20], mas os portugueses souberam-lhe em tempo do desígnio; concentraram, pois, as suas forças e ao aproximarem-se os assaltantes, romperam contra eles um fogo terrível. Talvez por falta de outras carregavam-se com balas de mosquete as peças, o que tornava mais mortíferos os tiros, caindo o próprio Rimbach. A sua morte derramou a confusão entre os holandeses, e, se os portugueses os tivessem perseguido na retirada, teriam ganhado assinalada vitória; mas Bagnuolo, que, preso pela gota, assistia à ação sentado numa cadeira, reprimiu o ardor dos seus, dizendo que a fuga do inimigo era provavelmente um estratagema para atraí-los a uma cilada, e assim se perdeu a ocasião que não volta. Do pouco cuidado que à Espanha mereciam estas colônias é prova não ter Matias de Albuquerque, apesar de dever a cavalaria ser da maior utilidade para os portugueses e dar-lhes decidida vantagem sobre os invasores, podido nunca obter mais do que uma

Assaltam os holandeses o acampamento e são repelidos

1633

companhia e essa mais nominal do que real, pois que só vinte praças eram montadas.

Cast. Lus. **3, § 46-48. Brito Freire, § 464-77**

Tendo sido quem aconselhara este desgraçado assalto, receava Calabar não estivessem por tal os holandeses indispostos contra ele, e para restabelecer o seu crédito propôs a Sigismundo Van Schoppe, o novo comandante, conquistar a ilha de Itamaracá. O primeiro malogro de igual tentativa fora mais devido à culpa dos próprios invasores do que aos meios de defesa que possuíssem os portugueses, por isso fez-se agora sair uma força adequada. Depressa perceberam os holandeses que havia no forte falta de gente e de munições, e duas mulheres que apreenderam no bosque, contaram-lhes que tudo quanto era do sexo feminino tinha sido posto fora pela escassez dos víveres. À primeira intimação respondeu com bravura o Capitão Salvador Pinheiro: não estava tão mal provido como supunham, disse, e em último caso sabiam os portugueses roer solas, quando o serviço do rei o exigia. Mas ao fazer-se-lhe segunda intimação por intermédio destas mesmas mulheres, vendo que era descoberta a sua fraqueza, pediu ele suspensão de armas por quatro horas; concederam-lhe duas, e nesse espaço capitulou com condição de sair a guarnição com armas na mão e mechas acesas, e levar as imagens e alfaias de igreja, e todos os moradores que quisessem abandonar a ilha, poderiam também fazê-lo livremente transportando consigo os seus haveres. Assim se rendeu a vila da Conceição e com ela toda a ilha. Os holandeses cantaram *Te Deum* na abandonada igreja, dando salvas de alegria por esta fácil e importante conquista. Marchava Matias de Albuquerque a socorrer a praça quando lhe chegou a notícia do seu rendimento, e nestas marchas e contramarchas se extenuavam de corpo e espírito as tropas brasileiras. Igaraçu tinha sido reocupada pelos portugueses depois da sua destruição pelos holandeses, e Figueiredo, o mesmo oficial que tanto a tempo trouxera socorros ao forte do Cabedelo, e se distinguira na sua defesa, aqui comandava; impossível era, porém, defender este posto contra inimigo tão superior, pelo que foi abandonado à aproximação dele. Foi esta uma perda considerável para os portugueses, que dali tiravam suprimentos de gente, dinheiro e mantimento. A maior parte das riquezas que se tinham podido salvar de Olinda aqui estavam depositadas,

Redução da ilha de Itamaracá

e entre os despojos que caíram agora nas mãos do inimigo acharam-se ouro e jóias em considerável quantidade.

Como lugar onde em perfeita segurança dos portugueses podiam fazer suas plantações, era a ilha de Itamaracá da maior importância para os holandeses. Dois franceses vindos da Europa a estabelecerem-se na Ilha de Fernão Noronha, para aqui foram enviados com obra de trinta negros de ambos os sexos, a fim de cultivarem diferentes gêneros para uso da companhia. Daqui também os holandeses infestavam o norte de Pernambuco. Empreenderam uma expedição contra um lugar que eles próprios chamam Mangiguape onde tinham os jesuítas uma residência, e para onde se haviam retirado as tropas da guarnição de Igaraçu. Não eram estas assaz numerosas para poderem resistir com a maior esperança de bom resultado, e ainda descobriram o inimigo a tempo de efetuarem a sua retirada. Vingaram-se os holandeses sobre o lugar, queimando todas as suas vistosas habitações, que como tais as descrevem. Procederam assim porque os jesuítas mantinham os espíritos do povo ali e em todas as partes do país, pelo que por força havia de ser destruído este ninho. Com o mesmo sentimento de vingativa hostilidade se enviou de Itamaracá um destacamento contra o engenho de João da Costa Brandão, por ser homem ativo na defesa do país. A casa de residência e todas as obras com alguns 1.600 pães de açúcar nas fôrmas, tudo foi presa das chamas, e aos demais edifícios fez-se o mal que o tempo permitiu.

B. Freire, § 478 482-5. J. de Laet, 289, 291

Mangiguape destruída

J. de Laet 351, 361

Estabelecem-se condições de guerra

Quando na Europa se regulavam as hostilidades unicamente pelas leis que às partes beligerantes aprazia pôr a si mesmas, chamava-se a guerra boa ou má, segundo o espírito com que se fazia: na má não devia o mais fraco esperar clemência. Mas pelos fins do século décimo sexto foi prevalecendo geralmente o sistema moderado, posto que mais pela mútua vantagem que nisso ia para todos, do que porque se tivessem tornado mais humanos os princípios. De natureza anômala fora até quase a guerra no Brasil: dava-se ou não se dava quartel, e os prisioneiros, se não eram imolados, nem por isso deixavam de ficar à mercê do apresador. Bagnuolo propôs agora que se pusesse termo a este sistema, que levava a tantos atos de barbaridade, e que se fizesse a guerra segundo os princípios seguidos nos Países-Baixos. Com prazer foi aceita a proposta,

e concordou-se nas condições. Não se queimaria igreja alguma, nem se destruiriam ou desacatariam imagens; mas se de dentro de qualquer templo se opusesse resistência, ou se alguém tentasse fortificar-se em algum, não seria em tal caso obrigatório este artigo. Em batalha, recontro, emboscada, ou de qualquer forma que um soldado caísse no poder do inimigo, logo que pedisse quartel, nenhum mal mais se lhe faria, entregando o prisioneiro as suas armas e quanto consigo levasse (exceto camisa, calças, gibão, meias e sapatos). O resgate dum mestre-de-campo, *over-velt-heer*, ou coronel, foi fixado num mês de soldo; um tenente-coronel, sargento-mor e comissário de ordenanças devia pagar na mesma razão; um capitão quarenta cruzados de dez reales de prata cada um; um tenente o soldo dum mês; um alferes ou porta-bandeira quinze cruzados; um sargento ordinário, nove; um soldado raso, quatro. Os prisioneiros deviam requisitar do comandante da praça para onde fossem remetidos um tambor que aos seus conterrâneos levasse aviso do nome e nomes deles, e o resgate devia ser pago dentro de vinte dias depois de feita a notificação; passados trinta dias sem se fazer inteiro pagamento tanto do resgate como da conta das comedorias, perderia o prisioneiro o direito a quartel, ficando à mercê do apresador. A taxa para mantença dum soldado foi fixada num real de prata por dia. Os marinheiros foram compreendidos nestas condições, quer aprisionados em combate por mar ou por terra, quer atirados à costa pela força do tempo; mas os que viessem em navios pertencentes à coroa d'Espanha seriam excetuados, exceção que os portugueses não deviam ter admitido, salvo entendendo-se que estes seriam trocados na Europa.

Outra prova de que os holandeses representavam o papel do mais forte na estipulação destas condições é que a respeito dos paisanos deviam seguir-se as mesmas regras que nos Países-Baixos entre os súditos do rei e as Províncias-Unidas, pois que em virtude deste artigo os habitantes que fizessem causa comum com os invasores ficavam isentos do justo castigo que, aliás, recebiam. Índios e negros deviam pagar a metade do resgate de um soldado, mas se se servissem d'armas defesas, não teriam direito a quartel. Não se havia de atirar com balas envenenadas, mastigadas, entrançadas ou encadeadas, nem com pedaços de ferro ou chumbo. Tampouco se devia fazer uso de espingardas de cano raiado[21] (é este talvez o único caso em que a moderna prática de guerra é menos

escrupulosa do que o costume daqueles tempos); as armas de fogo legais eram arcabuzes, mosquetes, espingardas de fuzil, clavinas e pistolas. Nenhuma ofensa se faria a qualquer prisioneiro, e os clérigos, mulheres e crianças teriam as vidas salvas. O resgate dum capelão fixou-se num mês de salário, e o do religioso, ou padre da aldeia, em quatro moedas de ouro. Pregadores, preleitores e eclesiásticos da comunidade holandesa seriam equiparados a capelães. Se um só homem fizesse muitos prisioneiros, ficaria detido o principal dentre estes, e seriam soltos os outros, obrigando-se estes pelos respectivos quinhões de resgate para com o seu representante forçado. Todo o prisioneiro convicto de ter ocultado a sua verdadeira qualidade e condição, e negado a verdade, seria castigado como merecia para exemplo. Quem quebrantasse estes termos, ou violasse o quartel dado seria punido de morte para plena satisfação da parte contrária. Todos os prisioneiros existentes seriam sem resgate postos em liberdade por ambas as partes. Estes artigos foram assinados por Matias de Albuquerque e Bagnuolo de um lado, e por Van Ceulen e Spijsselingh do outro.

J. de Laet, 331

Debalde recorriam os brasileiros ao seu governo em busca de auxílio eficaz; persuadida, ou afetando-se persuadida de que não tardariam os holandeses a cansar-se duma conquista, tão obstinadamente disputada, parecia a corte de Madri com a sua inércia querer entregá-la a eles. As perdas que em tantos combates sofriam os portugueses por nenhuns reforços eram reparadas, nem contavam já mais de 1.200 homens, enquanto que o inimigo continuamente estava recebendo suprimentos de tropas e materiais. Perceberam os comissários a fraqueza dos portugueses, e pensando entrar o acampamento por meios mais vagarosos, porém mais seguros e menos arriscados do que assaltá-lo, resolveram pôr-lhe cerco em regra. Bagnuolo estava então ausente, inspecionando as suas novas obras no Nazaré. Matias de Albuquerque apenas soube de que se preparava, mandou-o chamar, reuniu toda a sua pequena força, fez sair do acampamento quem não podia pegar em armas, e pôs fogo aos canaviais na direção em que podiam encobrir os movimentos do inimigo. Ocuparam os sitiantes as suas posições, mas uma dificuldade havia que continuava a ser insuperável. Os quartéis ficavam apenas a meia légua do forte Willem[22], contudo era quase impossível arrastar os canhões nem mesmo a tão curta

Empreendem os holandeses o assédio do acampamento

distância, por um país coberto de árvores e canas-de-açúcar, entre as quais estavam sempre alertas os portugueses e os seus índios. Ia então o rio Cabibaripe[23] inchado das chuvas caídas entre as montanhas. Os holandeses embarcaram onze peças de artilharia no casco de um navio, que foram levando à sirga; se o volume d'água assim engrossado lhes era a favor, a crescida rapidez da corrente mais os contrariava, e tão grande foi a dificuldade que isto ocasionou, que posto tivessem partido ao pôr-do-sol, ainda ao nascer dele estavam a um bom tiro de canhão da sua posição mais próxima. Uma partida de portugueses que estava de guarda os sentiu, e atacando imediatamente este importante comboio, de ambas as partes vieram socorros; mas afinal ficaram os portugueses senhores da artilharia, e tanto pelo terem perdido como pela dificuldade de trazerem outra, desistiram do assédio os holandeses.

B. Freire, 494-8
Cast. Lus.,
3 § 51-2

À maior distância foi a seguinte expedição de Calabar. Quarenta e seis léguas ao sul do Recife ficavam sobre a costa uns lagos de água salgada, junto dos quais, pelo muito peixe que ali havia e pela fertilidade do país, tinham crescido alguns estabelecimentos importantes. Da sua situação se chamavam estes lugares *Lagoas* ou *Alagoas*. Remotos como eram do teatro da guerra, nem por isso ficavam fora do alcance de Calabar que lá levou os holandeses, e queimou a primeira aldeia. Descrevem estes a povoação como não só menos que Igaraçu e igualmente bem edificada. Também queimaram muitas casas boas dos arredores. Procuraram uma grande porção de pau-brasil, que um dos prisioneiros disse ter sido por ali algures enterrada ou escondida por falta de oportunidade de exportação, mas receando algum estratagema, desistiram da busca. A segunda aldeia, que ficava a um dia de jornada, soube defender-se melhor. Este sistema de guerra era terrível para os habitantes do país, mas dizia melhor com o espírito vingativo de um desertor, do que com as visitas dos holandeses, da parte dos quais havia tanta falta de política como crueldade em assolar uma terra que esperavam possuir. Nem tardou que obtivessem vantagens mais importantes.

Expedição de Calabar às Alagoas

Francisco de Vasconcelos da Cunha veio de Lisboa com dois galeões e cinco caravelas, trazendo seiscentos homens e muitos suprimentos de todo o gênero, socorros de grande importância para as débeis

forças dos portugueses. Chegou a frota à vista da Paraíba, três léguas ao norte da barra, perto do rio Mamanguape, onde estava estacionado um oficial português com alguns dos melhores pilotos da costa, por ser paragem freqüentada dos navios de Lisboa. Um destes pilotos tinha avistado um navio holandês, que disparados alguns tiros de peça, se fizera no rumo do sul; apenas apareceu a esquadra, saiu ele a dar parte disto, acrescentando que eram estes tiros sinal para reunir outros navios que andavam cruzando de conserva. Aconselhou pois ao comandante que se acolhesse àquele porto, dizendo que a pilotá-lo vinha. Em lugar de seguir imediatamente o conselho, reuniu Vasconcelos os seus oficiais, e deixou-se persuadir por eles a seguir trinta léguas para o norte até o Potengi. De manhã, achou-se perto da baía da Traição e viu três navios holandeses, que vinham a investi-lo. Das caravelas umas encalharam, outras entraram no Potengi, onde foram tomadas. Não tentaram os holandeses abordar os galeões com receio das tropas, mas tal fogo fizeram sobre eles, que obrigaram o menor a varar em terra, salvando-se a gente, parte da carga, e dez peças de artilharia. O outro sustentou a ação pelo resto do dia, e de noite meteu-se à baía Formosa, onde Vasconcelos desembarcou imediatamente a sua gente. De manhã, entraram também os holandeses e da primeira bordada meteram no fundo o navio, já meio despedaçado do combate da véspera.

Sorte dos reforços trazidos por Vasconcelos

B. Freire, § 507-11

Desta deserta enseada removeu Vasconcelos a tropa e o material que pôde salvar, para uns engenhos de açúcar, que ficavam cinco léguas terra adentro. Apenas disto se soube no acampamento, ordenou Matias de Albuquerque que os artigos menos volumosos e mais preciosos seguissem por terra, embarcando o resto em Cunhaú, porto que ficava a seis léguas dali, onde quatro barcas da Paraíba estariam prontas para recebê-los. Escoltou, pois, Vasconcelos o seu material até à praia, viu-o meter a bordo, e dando tudo por feito, voltou aos seus quartéis. Mal tinham as barcas suspendido ferro, quando viram vir entrando um galeão holandês e quatro sumacas, embarcações ligeiras que serviam para entrar nos rios que não admitiam outras de maior calado. Debalde tentaram os portugueses escapar; puseram fogo a três das suas barcas e a quarta foi tomada. Mas agora se viram os apresadores a seu turno em perigo, deixando-os a vazante na barra a tiro de escopeta da praia.

Depressa teve Vasconcelos aviso disto e volveu atrás a atacar o inimigo; caiu a noite, estava ele a uma légua do teatro da ação, e os seus oficiais persuadiram-no a desviar-se um pouco para onde ficavam uns pastos nos quais a gente poderia descansar e refrescar. Nem a ele nem a nenhum dos seus conselheiros entrou na cabeça que a maré não esperaria por eles, e quando na manhã seguinte chegaram à praia onde iriam os holandeses! Estes com a pressa de safarem-se tinham deixado de revistar uma das barcas, que incendiada pelos portugueses, não havia, contudo, ardido, e o que nela se achou foi o que escapou de todo este comboio, tendo perdido Vasconcelos não só os seus sete navios, mas também três vindos em seu socorro. Durante todo o correr da guerra nunca os portugueses sofreram maior perda, nem quiçá maior desaire. Dos seiscentos homens que vinham na armada, apenas cento e oitenta chegaram ao acampamento.

Foi Bagnuolo agora à Paraíba a inspecionar um novo forte, chamado de Santo Antônio, que se estava erguendo do lado oposto do rio defronte do Cabedelo para melhor dominar a entrada. Matias de Albuquerque o acompanhou. Enquanto ambos assim estavam ocupados, saiu do Recife uma esquadra contra o Rio Grande, lugar para atacar o qual tinham vindo da Holanda ordens reiteradas: o destacamento era forte, e mais formidável o tornava achar-se Calabar a bordo. Pedro Mendes de Gouveia comandava a importante praça do Rio Grande; tinha treze peças e oitenta e cinco homens, com que bem podia defender tão segura fortaleza, e mandou pedir socorro à Paraíba, como à estação mais próxima. Sólido como era o forte, tinha a grande desvantagem de ficar-lhe a cavaleiro um outeiro de areia, que nem todos os esforços dos portugueses puderam tirar dali, pois mal o arrasavam, ajuntava o vento outro no mesmo lugar, o que talvez fosse devido ao próprio forte, e Calabar sabendo disto, para ali conduziu os sitiantes. No segundo dia foi Gouveia ferido, achando-se sobre as muralhas, e impossibilitado de fazer coisa alguma, em conseqüência do que principiou a afrouxar na defesa a guarnição influenciada por um desertor da Bahia e um prisioneiro, que tinha por menagem o recinto da fortaleza. Com estes homens fez Calabar a sua barganha e eles venderam a praça. Três caravelas caíram nas mãos do conquistador. No próprio dia do rendimento, celebraram os holandeses um ofício de

Redução do Rio Grande

graças na capela do forte, admirados de terem tão depressa e tão facilmente tomado uma praça que os portugueses tinham por inexpugnável pela sua posição e solidez. Na manhã seguinte, chegaram da Paraíba 500 homens, que tiveram a mortificação de ver o estandarte holandês flutuar sobre a melhor fortaleza do Brasil.

B. Freire, § 515-71. *Cast. Lus.,* **3, § 56. J. de Laet, 369.**

Oito anos jazera em ferros no Rio Grande um índio, chamado Jogoarari[24] pelos seus conterrâneos, e Simão Soares pelos portugueses. O seu crime fora ter desertado para os holandeses quando estavam na Bahia, mas ele protestava ter ido unicamente a buscar sua mulher e filho, que tinham caído nas mãos do inimigo. Aos juízes faltava virtude própria para acreditar na alheia, e apesar do índio ser tio de Camarão, o melhor aliado dos portugueses, tinham-no estes conservado oito anos em cárcere tão duro. Os holandeses puseram-no em liberdade. Imediatamente foi ter com a sua tribo: sangram ainda, disse, os sinais das minhas cadeias; mas é a culpa, não o castigo que infama. Quanto pior me trataram os portugueses, tanto maior será o vosso e o meu merecimento, conservando-nos fiéis ao serviço deles, especialmente agora, que o inimigo os aperta. Ouviram-lhe os seus as razões e ele levou aos seus opressores um corpo de aliados constantes, com os quais os serviu tão bem, que mereceu na história menção honrosa.

Fidelidade de um cacique

Mas também os holandeses acharam aliados entre os naturais, e os portugueses sofriam dos índios dez vezes maior dano do que causavam. Do Recife se enviaram alguns tapuias à capitania do Rio Grande antes da tomada do forte, para que da força e poder que tinham os holandeses de conquistar o país e da resolução em que estavam de o fazerem, informassem os seus conterrâneos. Ao desembarcarem entregaram ao capitão holandês uma corda com dezoito nós, dizendo-lhe que cada dia descesse um, e prometendo estar de volta ao desatar-se o último. Mas depois de ter aguardado vinte e três dias, fez-se o navio de vela sem os índios. Nove anos antes desta época tinha Banervijn Hendrichsz levado jovens indígenas da baía da Traição para a Holanda, onde foram cuidadosamente educados ao jeito dos holandeses, sendo cinco dentre eles enviados por diferentes vezes aos jandins, tribo tapuia, que habitava no sertão da capitania, e passava por ainda mais bárbara do que qualquer outra da mes-

Fazem os holandeses alianças entre os selvagens

ma raça. Tendo assim, pois, comunicações abertas com estes selvagens, mandou Garstman, comandante holandês no Rio Grande, dizer a Jandovi[25], cacique deles, que era tomada a vila, e convidá-lo a mudar-se com os seus para mais perto, a fim de poderem operar todos de concerto contra o comum inimigo. Trezentos guerreiros anuíram ao convite, de virem tomar vingança nos filhos dos que da costa lhes haviam repelido os pais.

J. de Laet, 377

Exploração do país pelos holandeses

O jovem Jandovi, filho do régulo, e um cacique por nome Copun, que era seu parente, foram enviados por Garstman ao Recife para serem testemunhas da força dos holandeses, e poderem de ciência própria desenganar a sua tribo da opinião, que outros tapuias lhe haviam transmitido, sobre estarem os invasores grandemente desfalcados em número e prepararem-se para evacuar o país. O conselho do Recife desejava ardentemente empregar os jandins contra os portugueses, segundo repetidas instruções que da Companhia havia recebido, e para preparar as coisas neste sentido e determinar o modo de as levar a efeito, fez partir com os dois caciques, na volta destes, Jacob Stackhouwer, um dos seus membros, e o coronel Jacob Chrisotpher Artischau Artiszensky, que ultimamente chegara para tomar o comando, mas reconhecendo que na sua nomeação tinha havido engano, consentira em servir debaixo de Schuppe.[26] Era um fidalgo polaco que tendo julgado prudente deixar a pátria por causa das suas opiniões socinianas, se pusera ao serviço da Holanda.[27]

Tegenvoordige Staat der Vereenigde Nederlanden, **§ 1, 521**

Ao chegarem estes ao Rio Grande, acharam que Caracará, o Buzazardo, não se queria aventurar a entrar em ajustes no nome de seu irmão o Jandovi mais velho, pelo que mandaram a este um intérprete por nome Antônio Parapoara, para concordar com ele sobre uma jornada contra os portugueses, e sobre o preço que pelos seus serviços devia receber. Durante a ausência do intérprete, Stackhouwer e Artiszensky, acompanhados de um destacamento suficiente, exploraram o sertão até certa distância, passando as noites em casas abandonadas que encontravam aqui e ali pelas matas onde não apareceu viva alma: os moradores tinham fugido com medo dos holandeses e ainda mais dos tapuias, pois já sabiam que estes iam agora ser soltos contra eles. Já os selvagens haviam principiado a exercer a sua vingança sobre o gado, quando nada mais

encontravam que trucidar, e dentro de um cercado, onde tinham sido mortos por gosto, apareceram as ossadas de mais de duzentos animais. O país pareceu aos holandeses tão agradável e fértil como podia desejá-lo o coração do homem, mas maravilhou-os que os portugueses fossem dar o nome de Rio Grande ao Potengi, que quatro léguas acima do forte deixava de ser rio, posto que na sua foz fosse tão largo como o Maes. Os naturais, porém, lhes disseram que a torrente havia sido antigamente muito mais considerável, e mostraram um leito seco por onde ela correra. O que tinha sido feito das águas não o sabiam, mas alguns deles tinham seguido este canal seco três semanas pelos sertão adentro, vivendo de caça, raízes e cajus.

J. de Laet, 401-2

As hordas tapuias, que obedeciam a Jandovi, eram chamadas tararynck pelos vizinhos, e olhavam como sua uma extensão de terras banhada por cinco rios. O primeiro destes, conhecido por dois nomes, Wararugi e Ociunou, diziam alguns que ficava a cinco dias de jornada do Potengi, indo mulheres e crianças no farrancho, outros que a dez. O Quoaouguh corria a um dia de jornada mais para lá, e o Ocioro a outros dois. Nenhum destes nomes se pode já reconhecer.[28] A pouco menos de dois dias mais adiante ficava o Upanema, ainda assim chamado[29] e meio dia além o Woroiguh. Todos estes rios se inculcavam consideráveis. Também havia dois lagos salgados, um perto da costa, e outro no interior, a que um soldado holandês, que o foi ver, calculou oito milhas de circunferência. Julgavam-se estes índios igualmente com direitos ao Ceará, donde alimentavam a esperança de expelir os portugueses.

Condição dos tapuias

A nação que se reputava senhora legítima deste vasto território compunha-se de cerca de 1.600 pessoas, divididas em duas tribos, uma debaixo do mando de Jandovi, a outra que compreendia a maior parte da mocidade, debaixo de Wesetyawa. Cinco nações estavam aliadas com esta; os arykeumas ou acikis, de quem era cacique Coetaouly, povo fraco cuja aliança parece ter sido um estado de sujeição; os juckeryjous às ordens de Marikaou, que já tinham servido no arraial do Bom Jesus contra os holandeses; os kereryjous ou ocionecious[30] debaixo de Nonhu (quando ocorre esta dupla nomenclatura, uma é a designação tupi, outra a tapuia[31], do que se pode inferir que em ambas as línguas era significativo o nome); os pajokes sob kidoas, e os aponoryjous sob jarepo.

Todos estes confinavam com Jandovi pelo sertão, e como ele estavam separados do Rio Grande por um país que a falta de água tornava difícil de atravessar. Por inimigos tinham quatro nações: os jenhos debaixo de Kischonou, que viviam tão perdidos pelo interior, que de nenhum povo cristão tinham nem sequer conhecimento; os woyanas, cujo cacique era Waracapowassu; os cararis, que obedeciam a Kniooukoiou, e ficavam muito atrás do acampamento; e os carari-wassus, ou cararis grandes, que tinham por chefe Carapota, e habitavam na mesma direção. Estas três últimas tribos tinham servido os portugueses contra os holandeses. O povo de Jandovi nada sabia dos aimorés, que, segundo os holandeses, nunca passaram para o norte do S. Francisco. Tais foram as informações sobre o país e seus selvagens habitantes que os holandeses obtiveram dos aliados tapuias.

J. de Laet, 403

O intérprete que tinha sido enviado a Jandovi trouxe resposta que ele não podia vir com o seu povo, por não se achar água no verão entre o Ociunou e um cabeço alto chamado Moytyapoa, numa distância de três dias de jornada, exceto alguma pouca aqui e ali nas fendas dos rochedos e essa salobra. Supôs-se que seria isto mau humor, pelo que se lhe mandou uma carta em devida forma, manifestando o desejo que os senhores holandeses tinham de ver Jandovi, rei dos tararyncks, para ajustarem com ele quanto haviam de dar-lhe por cada expedição contra os portugueses. Sentiam, dizia a missiva, que de outra vez, que viera ao Rio Grande, tivesse regressado pouco satisfeito, mas escusavam-se de toda a culpa, pois que não lhe sabendo das intenções, tinham ido tratar de outras coisas necessárias, além de que não fora favorável o vento para trazê-los. Para outra vez que desse a conhecer o seu intento, para que eles pudessem cooperar, o que era impossível sem tal recado prévio. Davam-lhe parte que estavam a ponto de tomar a Paraíba, e enquanto ali estivessem entretidos, iria boa parte de suas tropas reunir-se a ele, e assolar o país para cortar ao inimigo todos os socorros por terra, sendo os holandeses senhores do mar, o que seria de grande vantagem para ele Jandovi e seu povo, pois que não faltavam engenhos com abundância de despojos para todos. Também lhe mandaram presentes e mais lhe teriam mandado se houvessem achado tupis para cargueiros por meio do país seco, pois que não havia de fiar nos súditos de Jandovi, que já uma vez tinham aberto uns pa-

Negociações com Jandovi

cotes que lhe eram destinados e furtado o que ia dentro. Assim mesmo o presentearam com um vestido húngaro carmesim e outro cor de laranja; alguns fardos de artigos de vestidura menores, duas dúzias de camisas, três alabardas pequenas douradas, três facões prateados, uma dúzia de machados, duzentas navalhas, e uma imensidade de contas de coral e outras fradulagens. A cada tararynck que tinha vindo ao Rio Grande se deu uma camisa, algumas navalhas e uma boa ração de vinho para dois dias de jornada.

Assim, atraídos pelo cheiro dos presentes, da rapina e da vingança, afluíram os selvagens de Jandovi à costa, onde tomaram terríveis represálias por passadas ofensas. Os portugueses os tinham pela mais bárbara das tribos tapuias, e nesta ocasião bem justificaram a sua preeminência na desumanidade, assassinando mulheres e crianças, velhos e doentes, na ausência dos que teriam defendido suas famílias, se não andassem em armas alhures, sem suspeita desta invasão terrível. Por este tempo dois marinheiros holandeses, que feitos prisioneiros com seis camaradas tinham sido postos a trabalhar nas fortificações de Cunhaú, da caravela onde estavam detidos no rio saltaram a água, nadaram para a margem do norte, e chegaram ao forte do Rio Grande. As informações dadas por estes homens induziram os holandeses a empreender uma expedição contra aquela praça, indo Stackhouwer por mar e Artiszensky por terra com pouco mais de duzentos homens, sendo a quinta parte tapuias. Aproximou-se este último na escuridão, os cães dentro do forte fizeram o seu dever, mas a guarnição apesar de assim despertada não se quis incomodar a ir ver se havia perigo, e graças a esta indesculpável negligência foi surpreendida, perdendo-se sem dificuldade uma fortaleza muito capaz de resistir a semelhante ataque. O capitão Álvaro Fragoso de Albuquerque foi feito prisioneiro com treze homens, onze foram mortos, o resto escapou pela fuga. Quando Stackhouwer chegou, já a partida de terra estava de posse da fortaleza. Não era intenção dos holandeses guardá-la, pelo que despindo-a de tudo, carregaram o que lhes fez conta numa caravela que por falta de conhecimento do canal bateu nas pedras num lugar onde nada pôde salvar-se. Artiszensky explorou o rio, para ver se ali se poderia facilmente desembarcar gente que marchasse contra a Paraíba: mas havia no caminho três rios que tornariam por demais difícil a marcha.

Tomam os holandeses o forte de Cunhaú

Feito isto voltou ao Recife. Assim que Jandovi soube de tal, mandou recado aos holandeses que muito folgava com haverem eles tomado o forte; sentia porém terem dado quartel aos portugueses em lugar de exterminá-los todos, acrescentando que se aquela devia ser a prática, não contassem com ele.

Ao mesmo tempo tinham os portugueses outro inimigo incômodo. Obra de trinta léguas pelo sertão adentro ficavam extensas florestas de palmeiras chamadas os *Palmares;* era ali o refúgio dos negros que se evadiam à escravidão, e que provavelmente escolheram o sítio pela semelhança que oferecia com o cenário do seu próprio país. Das miríades destes desgraçados, que tinham sido importados no Brasil, muitos ali haviam achado asilo na sucessão dos tempos; eles se tinham multiplicado; constantes deserções lhes engrossavam o número, que nesta época se orçava em trinta mil.[32] Viviam em aldeias que chamavam mocambos, e à maior das quais davam seis mil habitantes. Compunham-se de três ruas, cada uma de quarto de légua de comprimento, sendo os ranchos contíguos com seus quintais nos fundos. A selva supria de frutas e caça este povo, que contudo previdente e industrioso cultivava a terra, de modo que a todo o tempo abundava o sustento. Duas vezes por ano se recolhia o milho, sendo ambas as colheitas celebradas por festas que duravam uma semana. Conservava ainda esta gente alguns resquícios de cristianismo, religião de que lhes haviam infundido princípios tão corruptos,[33] que nem estes homens, ignorantes como eram, poderiam torná-los mais dessemelhantes do seu divino protótipo, bem como da religião também da justiça guardavam algum ressaibo. Todas as tardes se fazia em cada aldeia uma chamada para ver se alguém faltava; findo isto principiava a dança, que durava até à meia-noite. Ocasionava esta prática uma singular inversão dos hábitos ordinários da vida natural, pois, tendo-se deitado tão tarde, levantavam-se os negros às nove ou dez horas da manhã. Mas a região que eles habitavam tinha duas desvantagens; era sujeita à falta de água na estação seca, e não ficava assaz longe no sertão. Em verdade atualmente pouco perigo podia provir-lhes desta vizinhança dos estabelecimentos portugueses; facilitava a fuga dos irmãos e oferecia pasto a essa incessante guerra de pilhagem, em que parecem consistir as maiores delícias do homem nos degraus semibárbaros do seu progresso. Por vezes os atacavam os colonos, arma-

Os Palmares

vam-lhes ciladas quando iam à busca de água, e assolavam-lhes os campos; mas eles pela sua parte também levavam à destruição estabelecimentos mais próximos, causando maior dano do que recebiam. O distrito deles era um labirinto em que ninguém mais se entendia, mas os fugitivos, que de contínuo os procuravam, serviam-lhes de guias, dando-lhes informações sobre o lado para onde melhor dirigiriam as suas correrias. A guerra que faziam era sem piedade, exceto para com os da sua cor, a respeito dos quais era prática estabelecida receber em pé de perfeita igualdade os desertores, e reter escravos os que eram feitos prisioneiros.[34] Atenazados por estes inimigos e pelos desapiedados janduís, mal podiam os portugueses fazer frente aos holandeses, que triunfavam agora por toda a parte. Em fins de fevereiro saiu do Recife o comandante holandês, levando uma força tão considerável, que Matias de Albuquerque entendeu poder surpreender-lhe a praça. O seu intento era atear-lhe fogo e destruir os depósitos. Havia um lugar onde o Beberibe era vadeável na vazante, e o melhor forte do inimigo dominava este vau, defendido também por um navio de oito peças e cinqüenta homens de tripulação. Martim Soares Moreno foi enviado com quinhentos homens a tentar esta passagem à meia-noite; ora nadando, ora vadeando efetuaram-na uns cem, e pensando que os companheiros os seguiam, avançaram para o istmo de areia que liga Olinda ao Recife. Aqui estavam ainda por completar as obras; deram rebate as sentinelas, mas os portugueses, atacando-as logo, romperam avante. O premeditado intento tinha porém sido atraiçoado por um português que, havendo-o sabido dum desertor, avisara o comandante de Itamaracá, pelo que estava prevenido o inimigo. Apesar de tudo não causou pequena confusão o repentino do assalto. Um dos comissários, que ficara com o comando, meteu-se no primeiro escaler que encontrou e fugiu para a ilha; outros fugiam desta para a cidade. Infelizmente os portugueses, embora conduzidos por um de seus melhores oficiais, não sustentaram a empresa com a mesma ousadia com que a haviam cometido: os fortes e o navio-vigia tinham aberto fogo sobre o vão, e embora estes tiros ao acaso pouco dano pudessem causar, aterraram o grosso dos assaltantes. Os que estavam já na água, retrocederam, os que ainda não tinham entrado nela, preferiram não o fazer, e quatrocentos da partida abandonaram assim à sua sorte os que

Marcgraff, L. 9, c. 1. B. Freire, § 525-8

Tentativa de surpreender o Recife

tinham sido mais valorosos do que eles. Estes valentes, sentindo chegar o dia, e vendo que ninguém os apoiava, tiveram de retirar-se pelo vau, levando às costas os feridos. Os portugueses, ignorando que o seu intento tinha sido atraiçoado, acreditaram que se todo o destacamento tivesse feito o seu dever tão bem como os cem, ter-se-ia naquele dia restaurado o Recife; e os próprios holandeses reconheceram que, segundo todas as probabilidades, lhes teriam os assaltantes destruído os depósitos, se o Senhor os não houvera livrado de tão grande calamidade, deixando-os pela sua misericórdia saber do que se preparava.

B. Freire, § 540-6 J. de Laet, 385-7

A avultada força, cuja ausência do Recife animara os portugueses a este atrevido assalto, dirigira-se à Paraíba. Desde o princípio do ano tinham os holandeses recebido consideráveis suprimentos e reforços, e reputando tanto o arraial como Nazaré fortes demais para serem atacados com perspectiva de bom resultado, resolveram tentar fortuna contra a Paraíba, que tinham repetidas vezes recebido ordem de tomar, e sem a qual jamais poderiam manter-se na posse pacífica do Norte do Brasil. Era intenção deles assaltar um forte recentemente construído à entrada do rio da banda do norte, e ainda não acabado nem bem guarnecido, pois que os portugueses não receavam um ataque formidável contra ele, sobre confiarem na facilidade com que podia ser socorrido do Cabedelo, que ficava defronte. Mil e quinhentos homens embarcaram para esta jornada em duas esquadrilhas; a primeira chegou e principiou a pôr as suas tropas em terra, a outra encontrou vento rijo na altura da foz do rio, nem pôde aproximar-se sem risco iminente. Enquanto uma parte perdia tempo à espera da outra, a guarnição do Cabedelo, que ao princípio entrara em dúvida se seria com ela o negócio, percebeu claramente o desígnio do inimigo; e mandou para a outra banda reforços que os holandeses não puderam interceptar, e os comandantes, vendo então que persistir no assalto era expor-se a uma perda séria e sem resultado, reembarcaram. Não puderam contudo sofrer o pensamento de que tão grandes preparativos haviam de dar em nada, e, supondo que se teria tirado gente do acampamento e do cabo de Santo Agostinho para defesa da Paraíba, determinaram investir àquele último. A conquista deste lugar, bem o conheciam eles, era o primeiro passo que se devia dar para subjugar Pernambuco;

Ataque contra Nazaré 1634

era ali que os brasileiros recebiam socorros de gente e materiais, era ali que embarcavam os seus produtos. Sem entrarem pois no Recife para aqui velejaram. Comandava na praça Pedro Correia da Gama com trezentos e cinqüenta homens, inclusive os moradores, achando-se parte desta força estacionada no forte de Nazaré, a inútil obra de Bagnuolo, que por afastada demais nem dominava a barra nem a vila.

4 de mar. 1634

Os dois redutos da foz foram guarnecidos, e quatro companhias destacadas para Tapuão, uma légua ao norte, onde aliás poderia ter desembarcado o inimigo, marchando em direitura para a vila chamada do Pontal, que ficava fora do alcance de tiro das fortalezas da barra. Por falta de outra força ficou este lugar entregue unicamente aos moradores, quase todos gente do mar.

Foi Tapuão, como se supusera, o lugar onde se tentou o desembarque. Achando-o demasiado bem guardado, foram os holandeses costeando até chegarem ao sítio chamado As Pedras, onde fizeram segunda tentativa. Apareceram cem homens, que vinham do acampamento a defender este posto importante, e quarenta dos mais velozes ainda o alcançaram a tempo de obstarem ao desembarque.

Os holandeses passam pelas baterias e tomam a cidade

Onze navios do inimigo se separam agora do resto da frota, e apesar de ser estreitíssima a barra, e difícil a entrada, aventuraram-se a passar por entre as baterias. Um deles, perdido o leme, encalhou, mas os outros rompendo foram fundear em frente à vila, visto o que, fugiram imediatamente os marinheiros que a defendiam. Ainda tiveram tempo de pôr fogo aos armazéns, em que se consumiram duas mil caixas de açúcar, mas os holandeses tomaram quinze barcos de vários tamanhos, em que haviam mil e trezentas outras afora grande quantidade de pau-brasil.

Calabar ia nas lanchas, que levavam mil homens de tropas de desembarque. Meia légua ao sul havia pelo recife uma entrada para o porto tão estreito em verdade, que jamais se pensara que a menor canoa a pudesse passar, mas nada escapava a este homem;[35] formara ele melhor juízo, e introduzindo por ali as lanchas, foi desembarcar a gente no Pontal, onde ela principiou imediatamente a fortificar-se.

Calabar faz entrar as lanchas

Singular era agora a situação das partes beligerantes: o porto estava em poder dos holandeses, que ali tinham dez dos seus navios, mas só podiam comunicar com o grosso da sua força por meio

de botes pelo canal descoberto por Calabar, sendo os portugueses ainda senhores da barra. Matias de Albuquerque, seu irmão Duarte e Bagnuolo chegaram do acampamento com trezentos homens. Apenas sabido o desígnio do inimigo não tinham perdido tempo em mandar reforços a este importantíssimo lugar, seguindo-os desde logo em pessoa; a sua força reunida era agora considerável e passaram a atacar os holandeses na vila. Apoderaram-se duma bateria, e avançaram para as trincheiras erguidas pelos invasores. Conheciam estes a insuficiência das suas obras, levantadas à pressa, e lançados em confusão, fugiram muitos a nado para os navios. Exatamente neste momento apareceu uma partida de portugueses, que tinha recebido ordem de marchar pela floresta, e distrair a atenção do inimigo, inquietando-o pelo lado oposto; entre os seus próprios conterrâneos se levantou o grito de que eram holandeses ali postados para lhes cortarem a retirada, e debalde tentaram os chefes desenganá-los, e tornar a metê-los em forma, era forte demais o terror. Puseram-se em desordenada fuga, a artilharia dos navios principiou a jogar sobre eles, e nesta desgraçada investida perderam 240 homens, quando só o próprio pavor infundado lhes podia tolher que recobrassem Pontal. De outras vezes distinguiam-se os portugueses, como os heróis de Homero, pelo zelo em levarem do campo os seus mortos, para o que iam sempre munidos de cordas, mas nesta ação[36] tão depressa fugiram que nem puderam prestar este piedoso ofício aos seus irmãos caídos.

B. Freire, § 553-7

J. de Laet, 384

Apesar de assim rechaçados eram tão fortes os portugueses que o inimigo viu que nada mais tinha a ganhar aqui contra eles. Os navios achavam-se fora do alcance de canhão, mas sendo tão estreita a barra que mal dava passagem a um, não havia meios de sair com tão pequena perda como a sofrida na entrada. Prepararam-se os redutos, e Matias ali se foi postar com as suas tropas. Confiava este general que os holandeses lhe haviam de cair nas mãos, e manifestava esta confiança a Bagnuolo. Este, que conhecia melhor os inimigos, abanava a cabeça e dizia-lhe que não fosse tão seguro da sua presa. Um holandês, contava ele, fora condenado à morte em Flandres, e encerrado numa alta torre. Um dos seus amigos observou que as andorinhas ali entravam e saíam por uma janela aberta; apanhou num alçapão uma destas aves, amarrou-lhe à volta um fio, e deixou-a voar. Ela, como de costume, voltou à

torre; o prisioneiro, vendo o fio, puxou por ele uma corda, que o amigo prendera da outra extremidade, e descendo por ela, escapuliu-se. Bagnuolo vira quão inesperadamente os holandeses haviam feito entrar as suas lanchas, e receava agora que se safassem com os navios por algum meio igualmente difícil de prever-se. Não se enganava. Eles alargaram o canal por onde Calabar metera as lanchas; depois descarregando os navios, e tombando-os a um lado, por não haver água para as quilhas, assim os arrastaram para fora.

B. Freire, § 558-9

Matias de Albuquerque propõe um tratado

Postos desta sorte a salvo os navios, e levados os despojos, deixaram os holandeses uma grossa força para defesa da vila, e como em prova da resolução em que estavam de se manterem na perpétua posse das suas conquistas, puseram à ilha dentro do recife nome Walcheren, e chamando Gijsseling o forte. Nazaré era pois perdida para os portugueses como porto, mas não a esperança de reavê-la, e em todo o caso importava-lhes muito guardar os redutos e o forte. Conservaram-se pois ali os generais para tirarem partido de qualquer oportunidade que se oferecesse, e fizeram para a Espanha instantes pedidos de socorros eficazes. Os holandeses pela sua parte despachavam comissários para a Holanda a representarem as belas esperanças que lhes sorriam, e animarem a Companhia das Índias Ocidentais a envidar maiores esforços para a conquista dum império, que em tal caso já não podia escapar-lhes. Entretanto supôs-se no Recife, que achando-se assim ocupada em Nazaré a força principal dos portugueses, poderia o arraial do Bom Jesus ser entrado, e deu-lhe um assalto sem efeito. Da mesma forma conjeturou Matias de Albuquerque que a guarnição do Pontal teria sido desviada em parte para este ataque, e com igual má fortuna investiu a vila.[37] Então fizeram os portugueses outra infeliz insinuação para compra da paz. Sobre pretexto de que as condições em que se concordara a respeito de quartel, não eram assaz claras, pediu Bagnuolo uma conferência, e deputou pela sua parte o vedor geral a encontrar-se com o tenente Bijma por parte dos holandeses. Mas o negócio real do vedor era oferecer à Companhia das Índias Ocidentais o pagamento de todas as despesas feitas, se quisesse evacuar o país. Esta proposta representou-a ele como altamente vantajosa, dizendo que jamais poderia a Companhia tirar proveito destas conquistas, pois que os portugueses podiam retirar-se para a Bahia,

J. de Laet, 392-3

Chegam reforços da Holanda

onde havia terra que fartasse, e donde a todo o tempo lhe pôr a ferro e fogo as plantações. Preparava-se, acrescentou, um grande armamento para socorrê-los, sendo culpa dos próprios brasileiros não ter ainda chegado, pois que, encurralados os holandeses no Recife, haviam eles mandado dizer que possuíam forças suficientes para a restauração daquela praça. Agora porém não tardaria o armamento, e se se fazia esta proposta era em bem de todos e para evitar desgraças, não por qualquer outro motivo, nem a necessidade a ditava, como Deus e o tempo mostrariam. Se os holandeses não quisessem dar ouvidos a isto, fizessem o que pudessem para conquistar o país, que os portugueses haviam de fazer outro tanto para frustrar-lhes os planos. A resposta foi altiva, que a vender as conquistas que fizessem não eram vindos os holandeses, mas a alargá-las e mantê-las por Suas Altezas os Estados, o príncipe d'Orange e a Companhia.

J. de Laet, 392-3

Em lugar dos socorros que com tanta confiança esperavam os portugueses chegaram da Bahia duzentos homens, e insignificante como era o reforço, foi difícil achar-lhe provisões, nem tinham os soldados paga ou vestidos além do dinheiro que o general adiantava do seu bolsinho. Jamais houve colônias tão cruelmente descuidadas pelo seu governo. Quase pelo mesmo tempo chegaram à Paraíba cento e trinta homens vindos de Lisboa, donde traziam a notícia de que na Holanda se aprestava outro armamento grande, e de fato não tardou muito que não voltassem os comissários com 3.500 homens, de modo que a força que a Holanda mandava a conquistar o Brasil excedia na razão de mais de trinta por um a que a Espanha enviara a defendê-lo.

Chegam reforços da Holanda

B. Freire § 560-71

Assim reforçados, resolveram os holandeses tornar a acometer a Paraíba. Era esta então uma formosa vila[38] com seus setecentos moradores próprios, e muitos outros que vindos das partes do país subjugadas pelo inimigo, ali haviam buscado asilo. Tinha uma casa de Misericórdia, um convento de beneditinos, outro de carmelitas, e ainda outro de capuchinhos, e havia nas vizinhanças dezoito engenhos de açúcar. A situação fora mal escolhida, a três léguas do porto, rio acima, em terreno baixo e rodeado de matagais; não era pois lugar saudável e como ponto militar valia muito mais do que a vila o forte do Cabedelo, que dominava a entrada. Ficava

A Paraíba atacada outra vez

este do lado sul da barra, e fora melhorado depois do último ataque. Do outro lado estava o forte de Santo Antônio, ainda por acabar, e a tiro de peça de ambos, no banco de areia duma ilha fluvial chamada de S. Bento, erguia-se uma bateria de sete canhões guarnecida por quarenta soldados. O número da gente estacionada nestes postos, na vila e nos diferentes redutos, elevava-se a novecentos. Repelido o primeiro ataque não perdera o capitão-mor, Antônio de Albuquerque Maranhão, tempo em preparar-se para segundo, e enviara logo o seu irmão Matias a expor ao rei e aos ministros o estado da capitania. Pouco fruto colheu destas representações, e a Paraíba como Pernambuco ficou abandonada à sua sorte.

4 de dez. 1634

Apareceram os holandeses diante do porto com dois mil e quatrocentos homens,[39] em trinta e dois navios. Contra forças tão superiores impossível era a defesa da praia em todos os seus pontos. Apenas a maré encheu o preciso, varou o inimigo os batéis em terra, vindo o próprio Schuppe à frente, e assim sem mais perda além da de quatro botes que virou a ressaca, desembarcaram seiscentos homens antes que se lhes pudesse opor o menor estorvo. Seguiu-se um tiroteio em que os portugueses levaram a pior, mas que foi de pequena conseqüência, salvo ter caído prisioneira uma das principais personagens da capitania, Bento do Rego Bezerra, que não tardou a arranhar-se com os holandeses, contribuindo depois grandemente para a redução do país à obediência deles. Julgando que seria o Cabedelo o primeiro lugar atacado, reforçou-o Antônio de Albuquerque, estabelecendo o seu quartel-general em Santo Antônio, onde recebesse e distribuísse os suprimentos que viessem da vila. Principiaram os holandeses como ele previra, por cercar o forte principal, mas ficavam expostos ao fogo da bateria do banco de São Bento, e importava-lhes segurar este posto, não só porque os incomodava, mas também porque enquanto ele estivesse em poder dos portugueses, passariam a salvo os botes da vila. Uma divisão da armada às ordens de Lichthart passou pois a barra com espesso nevoeiro, que tão felizmente a encobria que só a viram dos fortes quando estava já entre eles. Oitocentos homens desembarcaram na ilha. Dos quarenta que ali estavam destacados, caíram vinte e seis; o resto demandou a nado umas lanchas, que chegaram tarde demais para socorrê-los, mas ainda a tempo de salvá-los, e ao entrarem à bateria encontraram os holandeses ali só o comandante. Formaram aqui

Cerco do forte do Cabedelo

segundo reduto contra o Cabedelo, onde logo no primeiro dia mataram ou feriram trinta homens.

A Paraíba atacada outra vez

Em extremo difícil se tornou agora meter socorros no forte: por terra era de nove léguas a distância, e lá estava o terrível Calabar para mostrar ao inimigo todos os torcicolos do país; restava apenas a água, e por essa a única esperança de passar era debaixo do fumo das baterias. Aproveitavam pois os portugueses a noite, cobrindo-se com couros o melhor que podiam. Antônio Peres Calhau comandava uma lancha, que de Santo Antônio atravessava para o Cabedelo: uma bala, que lhe matou um dos seus camaradas e feriu dois, também lhe partiu o braço direito com que ia governando. Correu o irmão a tomar o leme, mas ele recusou entregá-lo, dizendo: "Para me suceder no posto, ainda tenho este irmão mais chegado", e mostrava o braço esquerdo. Logo uma bala de mosquete lhe varou o peito, e ele saiu. Pôs-se agora o irmão ao leme: também ele foi ferido na mão direita, e socorreu-se da esquerda. Forçou a lancha a passagem e ambos os irmãos se restabeleceram dos seus ferimentos, mas foi sua única recompensa a fama que alcançaram.

B. Freire, § 579-91

Rende-se o forte

Tinham agora os sitiantes assestado quatro baterias contra o forte; de dia e de noite o batiam até que lhe desmontaram quase todas as peças, mataram ou feriram todos os artilheiros, exceto a seu capitão, e quando este afinal levou também um tiro de mosquete, não havia já quem servisse os poucos canhões que ainda poderiam fazer fogo. Nesta conjuntura chegou Bagnuolo à vila com trezentos homens, número por demais pequeno para empreender coisa alguma eficaz contra o inimigo. Entretanto tornou-se insustentável a praça e saíram dois capitães a propor a capitulação. Exigiram que os deixassem partir-se com suas bagagens, munições, e provisões, armas carregadas, mechas acesas, com bandeiras despregadas, e o estandarte real, dando-lhes botes, em que se passassem para a Paraíba. Os holandeses só queriam deixá-los sair com honras militares para em navios da Companhia serem transportados às Antilhas, aos Açores ou alhures, conforme se concordasse. Prometeram os portugueses responder em cinco horas, e exigiram então que os deixassem sair com o estandarte e uma peça de dezoito, e que os oficiais e metade da guarnição pudessem ficar no país. Os holandeses não quiseram isentar do rigor das condições mais de cin-

qüenta homens. Dos negociadores portugueses um era velho e comedido, o outro jovem e fogoso. Este, a quem os holandeses chamam D. Gaspar, perdeu as estribeiras, e depois de ter Schuppe assinado a convenção, arrancando o papel das mãos do seu colega, devolveu-o ao comandante holandês, que, encolerizado a seu turno, rasgou-o, dizendo a Gaspar que a espada o ia já ensinar a falar em outro tom. Um honroso sentimento de indignação arrastara o português a este passo irrefletido, mas caindo em si, com lágrimas de vergonha reconheceu a sua falta; e Schuppe, respeitando o sentimento e compadecendo-se da indiscrição, mandou lavrar outra vez a capitulação, permitindo em lugar de cinqüenta que ficassem no Brasil cem homens entre oficiais e soldados, escolhidos pela guarnição. Marcou-se para o dia seguinte um ofício divino em ação de graças, segundo o costume destes conquistadores, rigorosos observadores das fórmulas da religião, e pregaram-se sermões não só em holandês, mas também em inglês e francês, prova de que o número de estrangeiros ao serviço deles devia ser muito considerável.

J. de Laet, 423-4

Voltava Antônio de Albuquerque de suas improfícuas conferências com Bagnuolo, quando soube que o Cabedelo capitulara. Agora queria ele sustentar o forte de Santo Antônio, mas os italianos de Bagnuolo recusaram destacar para ali; também o comandante protestou que era impossível a defesa, havendo apenas sete barris de pólvora, e, tendo desertado a maior parte dos artilheiros, composta de alemães e ingleses, e muitos dos soldados ido a tratar dos seus próprios negócios. Nomeou-se outro comandante, um dos que tinham estado no Cabedelo durante o cerco, e que se declarou pronto a sepultar-se debaixo daquelas ruínas. Entretanto resolveram os conquistadores marchar direitos sobre a Paraíba, pois que com esta praça nas mãos teriam aberto todo o país para o sul até Goiana. Oferecia a empresa suas dificuldades; a estrada do Cabedelo seguia encostada a uma légua pequena, onde era dominada por um entrincheiramento, dentro do qual pouca gente bastava para impedir a marcha dum exército. Mas esta defesa, que podemos atribuir ao talento militar de Bagnuolo, foi frustrada pela traição de Bezerra. Revelou ele aos holandeses, e alguns dos prisioneiros confirmaram esta informação, que entrando numa angra chamada Tambaja Grande, podiam meter-se depois à estrada entre a trincheira e a vila. Artiszensky reco-

nheceu o lugar, e já os holandeses se preparavam para desembarcar ali na noite seguinte, quando dois franceses desertados do forte de Santo Antônio vieram dizer-lhes como a guarnição estava ali muito desfalcada por deserções, e mal provida de munições, sendo provável que se rendesse apenas contra ela se fizesse uma demonstração séria. Suspeitaram os invasores que fosse isto estratagema para atraí-lo a uma emboscada, e em lugar de fazerem qualquer movimento, contentaram-se com mandar um tambor a intimar o forte. Em resposta pediu a guarnição tréguas por três dias, para mandar recado ao Governador. Recusaram-nas os holandeses, mas, segundo eles contam, por gracejo, do que por esperarem que a praça se rendesse. Com grande admiração deles porém chegaram deputados a tratar da entrega, posto que não tivesse desembarcado um só homem na margem do norte, e o forte, mesmo no seu estado incompleto, fosse mais seguro que o do Cabedelo, e tão de perto cercado de água, que sem grande dificuldade eram impossíveis os aproches. Cessou contudo a admiração logo que souberam que quase toda a guarnição tinha fugido com receio de ser aprisionada e transportada para as Índias Ocidentais. Sete pessoas era quanto restava, provavelmente os oficiais, que pediram que os deixassem sair com a bandeira real, e, para salvarem a honra, disparar alguns tiros por cima da cabeça dos holandeses, com elevação tal, que não pudesse resultar o menor dano. Assegurou-se Schuppe de que não se meditava traição, e assim tão facilmente se assenhoreou do forte.

Tomada da Paraíba

Bagnuolo previra esta perda; queixavam-se os brasileiros de que ele só antevia males sem saber remediá-los, mas era isto nele má sorte, não culpa. Com forças tão inferiores às do inimigo de que lhe valeria a experiência militar? Declarou agora aos moradores da Paraíba que era impossível defender-lhes a vila, pelo que lhes aconselhava que não perdessem tempo em retirar-se com suas famílias. Imediatamente principiaram os soldados a saquear; eram espanhóis e italianos, que o povo olhava igualmente como estrangeiros. Pouco importava porém o seu berço, eram mercenários que com a mesma rapacidade teriam despojado amigo e inimigo, e aos quais cabe a desculpa que se por suas mãos se não pagavam de seus duros serviços, outra paga não a viam. Estes desgraçados puseram a vila a saque. Alguns moradores mais resolutos, incendiadas as casas, seguiram o exército na sua reti-

rada; mas do pouco que puderam levar, foram despojados pelos soldados, crueldade que obrigou muitos a voltarem e submeterem-se aos holandeses. Cansados de maus dias deixou-se ficar o maior número, alegres de verem-se sob qualquer autoridade capaz de protegê-los. O exemplo de Bezerra determinou muitos, e o de outro brasileiro rico, por nome Duarte Gomes da Silveira, que depois de gasto muito cabedal, e perdido o único filho na defesa da Paraíba contra os holandeses, passou-se para estes, serviu-os como agente secreto, e obteve do general deles passaportes, que distribuía pelos que podia persuadir a sujeitarem-se. Permitia-lhes em nome do general o livre exercício da religião católica, gozo pacífico dos seus bens, e mercadorias européias dos armazéns do Recife que poderiam receber a crédito e pagar em gêneros da produção do país.

Cast. Lus. **3, § 73-4**
Brito Freire § 601-4

Ao render-se o segundo forte retirou-se Antônio de Albuquerque para a vila, não a sabendo abandonada, e pensando fazer ali finca-pé. Estava já ocupada pelos holandeses, que celebravam com salvas a sua vitória. Tinham estes achado dois armazéns na ribeira e três navios queimados pelos fugitivos; fumegavam ainda ruínas e cascos e pelo rio corria o açúcar derretido. Queria Albuquerque postar-se agora onde pudesse defender o país, mas perdido haviam os seus toda a confiança e todo o ânimo; diziam que nada valiam já esforços, e nada se pôde fazer. Duas companhias de indígenas, recrutadas nas aldeias mais próximas, desertaram para o campo dos conquistadores, e todos os índios da capitania festejavam os novos senhores, escolhendo o mesmo partido os do Rio Grande. Abandonado como se viu do seu governo, e privado de toda a esperança, que maravilha é que o povo da Paraíba curvasse afinal a cerviz a um jugo contra que tanto e tão bravamente lutara! Antônio de Albuquerque descobriu que Silveira servia secretamente de agente dos holandeses, e remeteu-o preso ao comandante-em-chefe. Achou este meio de avisar os holandeses, que destacando logo uma força, o libertaram em caminho. Com tão feliz lance bem pudera ele dar-se por satisfeito, mas ainda quis vingar-se de Albuquerque e adquirir novos títulos à gratidão dos holandeses entregando-o nas mãos deles. Neste intuito atrevidamente foi ter com o capitão português, dizendo que da sua inocência bem claras provas tinha dado agora a Providência, primeiro permitindo que os holandeses o libertassem quando injustamente preso, e depois dando-lhe escapar também a

Traição de Silveira

eles. Eram porém poucos em número, acrescentou, e se os portugueses quisessem esperá-los, fariam deles fácil preia. Deixou-se Albuquerque enganar, mas outros houve que formaram juízo diverso, e Martim Soares com especialidade instou para que sem perda de tempo se despejasse o lugar. Tomou o comandante este feliz conselho e Silveira deixou-se ficar atrás, para reunir-se aos holandeses. Mas estes, estomagados por não ter ele cumprido o que prometera, e suspeitosos de que quem tentava com tão complicada traição burlar os seus compatriotas, não estivesse fazendo contra eles fogo mais encoberto ainda, prenderam-no, e em estreito cárcere o tiveram anos. Entretanto retirou-se Antônio de Albuquerque para Pernambuco, e como ainda quando tivesse sido possível, não fora político castigar todos os suspeitos de correspondência com o inimigo, afetou ter Silveira pelo único culpado.

Estado da Paraíba

A tomada da Paraíba tornou os holandeses senhores de toda a capitania, que ao invadirem eles o país achava-se em estado de crescente prosperidade. Pelo lado do sertão eram indefinidos os seus limites e pela costa marcava-os um marco sobre o Riacho Taperabu, partindo com Itamaracá, e outro ao norte do Camaratubi[40] partindo com o Rio Grande. Era Paraíba a única cidade,[41] tão dispersa a população, que nem aldeias havia; mas na realidade pode com pouca impropriedade e cada engenho chamar-se uma aldeia, sendo de setenta a cento e às vezes demais o número de pessoas de todas as cores empregadas em qualquer destes estabelecimentos. Não eram os donos que cultivavam as terras, mas os chamados lavradores das canas, e depois de tirado do açúcar o dízimo d'el-Rei, separavam-se três quintos para o senhor do engenho e o resto ficava ao lavrador. A cidade, chamada N. S. das Neves,[42] perdeu esta invocação mal aplicada num país onde nunca geava, e tomou o seu nome do rio sobre que estava assentada, embora a lisonja espanhola quisesse pôr-lhe o de Filipa, e os holandeses por igual motivo a crismaram Frederickstadt. Compararam-na em tamanho a Gerttuydenbergh, mas tão bem edificada não era. As casas feitas de madeira e barro, e caiadas por fora e por dentro, eram cobertas de folhas de palmeira.

Compunham-se de dois andares, dos quais o de baixo servia para lojas e outros misteres semelhantes. Também na cidade havia algumas belas casas de pedra, sendo de cantaria as esquinas, soleiras, e ombreiras

de portas e janelas. Coberta de quase impenetráveis matagais que se olhavam como indício da riqueza do solo, se via a maior parte do país, e passava como provérbio no Brasil, que terra que bem se vestia a si, bem vestia o dono.

Sete aldeias de índios havia nesta capitania. Pindaúna, que de todas era a perder de vista a maior, contava mil e quinhentas pessoas, das outras nenhuma mais de trezentas. Ainda se apinhavam em vastos dormitórios os moradores, ainda usavam da desconfiada moda de portas baixas, por onde de gatas entravam e saíam. O capitão português, que residia em cada uma, recebia um tostão mensal por índio, que alugava para fora, e este último tinha cinco varas de estopa por vinte e cinco dias de serviço. Que admiração pois que eles se reputassem felizes sacudindo o jugo, e pondo-se debaixo da proteção dos holandeses, que merecidamente haviam ganho entre os índios algum crédito pelo modo por que se portaram para com os que haviam sido condenados a escravidão em pena de se terem ligado com Hendricksz durante a estada deste na baía da Traição. As suas pessoas foram declaradas livres por público pregão, ordenando-se a quem tivesse alguns ao seu serviço que incontinênti os pusesse em liberdade.

Índios nesta capitania

Gemiam aqui escravos alguns tapuias do Maranhão, raça pequena e fraca, inimiga do trabalho e realmente incapaz de suportar as pesadas tarefas que lhe impunham; o mau tratamento e o desespero tornava estes infelizes propensos ao fatal costume de comer terra. Tinham os portugueses um anexim brutal que dizia que quem quiser tirar proveito dos seus negros há de mantê-los, fazê-los trabalhar bem, e surrá-los melhor; e o estado dos sentimentos populares, que semelhante rifão indica, mostra quão dura seria a condição de escravo.

J. de Laet, 452-3

Fr. Manuel de Morais, jesuíta, que por vezes tinha governado todas as aldeias destas capitanias do Norte, aproveitando a oportunidade que tinha na conquista dos holandeses, renunciou às ordens, e ofereceu-lhes os seus serviços, exemplo único de tal apostasia. Segundo ele havia seis aldeias na Paraíba[43] e igual número no Rio Grande,[44] mas tanto haviam sofrido dos holandeses e dos hostis tapuias, que não podiam dar mais de oitocentos guerreiros, nem passava de três mil toda a sua população; enquanto que Itamaracá e Pernambu-

Deserção de um jesuíta

co, nada tendo padecido dos tapuias, podiam pôr em campo mais de mil índios, apesar de não contar cada uma mais de três aldeias.[45]

Concessões feitas aos habitantes

Fez-se com os paraibanos uma convenção assinada, que pagariam aos holandeses os dízimos, como pagavam antes ao rei, e os mesmos direitos que sob o antigo regime, obrigando-se a Companhia a não lançar, nem na Holanda nem no Brasil, novos impostos sobre os seus bens ou pessoas, nem obrigar ninguém a pegar em armas em serviço dela. Devia prestar-se um juramento de fidelidade, e se chegasse um armamento espanhol assaz forte para ocupar de novo o país, dar-se-ia aos que o tivessem prestado todo o auxílio para se passarem para bordo dos navios com todos os seus haveres móveis. O vagar com que vinham os moradores a tomar o juramento, mostrava a pouca vontade com que se submetiam, mas o exemplo da sua submissão levou o povo do Rio Grande a aceitar as mesmas condições.

Cerco posto ao arraial e a Nazaré

Seguindo a vitória, reduziu Schuppe toda a capitania de Itamaracá, que fica entre Pernambuco e Paraíba. Era já fácil de ver em perigo tanto o arraial do Bom Jesus, como Nazaré, nem faltou quem aconselhasse que, abandonado aquele posto, se concentrasse toda a força neste, onde tinha aberto o mar e podia ser socorrida. Mas o arraial tinha já crescido, tomando as proporções de vila, nem a Matias de Albuquerque lhe sofria o coração destruir o que ele mesmo erguera, defendendo-o por tanto tempo contra um inimigo muito superior em forças. Nazaré era o posto mais importante, e portanto ali ficou com o irmão e Bagnuolo, deixando Andrés Marim a defender o acampamento com cinqüenta homens, não contada a milícia da terra. Ambos os lugares foram acometidos ao mesmo tempo, comandando Schuppe em pessoa a divisão que avançava contra Nazaré e marchando a outra às ordens de Artizensky. Muitos combates se pelejaram diante do campo, enquanto faziam os seus aproches os sitiantes. Num deles encontrou um mosqueteiro português o comandante dos holandeses: este, vendo o arcabuz apontado à testa, entregou-se. Tomou-lhe o apresador as rédeas do cavalo e assim o ia levando; esquecera porém, provavelmente por mal entendida confiança na honra do seu prisioneiro, de exigir deste uma bengala grossa e comprida, que tanto lhe servia de arma como de bastão de comando, tendo por castão um martelo com uma ponta afiada. O polaco, aproveitando o ensejo, descarregou um

golpe no seu apresador, e cravando ao mesmo tempo as esporas no cavalo, escapuliu-se. Dele contam os holandeses outro fato, que lhe faz mais honra. Um tiro recebido num braço o prendia à cama numa ocasião em que os sitiados fizeram uma surtida vigorosa e bem sucedida. Despertado ao estampido do fogo, ergueu-se da cama, montou meio vestido como estava o cavalo de Stachouwer, que por acaso estava aparelhado e enfreado à porta, e correndo ao teatro da ação, com a sua presença e exemplo animou os holandeses de modo que os portugueses foram rechaçados dum reduto que já haviam tomado. De dia e de noite mantinham os sitiantes um fogo incessante contra o acampamento. Choviam sobre ele bombas e granadas, algumas das quais quase envenenavam os portugueses com o seu nocivo fumo. A mesma impossibilidade de escapar a estes terríveis projéteis, ensinou aos sitiados como torná-los menos destruidores; apenas caíam deitavam-lhes por cima couros molhados, que ou apagavam a mecha, ou quebravam à força da explosão. Também abriram covas, em que punham os feridos, e depositavam em segurança a pólvora, servindo a terra destas escavações para levantar novas obras, ao passo que iam sendo demolidas as antigas. Afinal principiaram a faltar munições e mantimento; do apuro em que se viam, mandaram recado a Matias de Albuquerque, que não sabia como valer-lhes, em poder do inimigo o terreno entre Nazaré e o arraial, e ele sem tropas bastantes com que forçar a passagem.

Cast. Lus., **3, § 89**

J. de Laet, 462

Capitula o arraial

Foram convidados para este serviço os moradores mais próximos, nem deixou de haver alguns que o empreendessem perigoso como era. Não havia outro meio senão conduzir as provisões às costas de negros, e os holandeses tinham cominado pena de morte contra quem tentasse abastecer o acampamento e prometido a liberdade a todo o escravo que denunciasse semelhante propósito. Já haviam supliciado um português por assim ter cumprido o seu dever para com a pátria. Marim alguma vingança tirou deste assassinato, executando três pessoas convictas de darem aviso ao inimigo. Em tais circunstâncias impossível agüentar por muito tempo, e após três meses de cerco entregou-se o arraial do Bom Jesus, com condição de que a guarnição sairia com as honras militares, e teria passagem livre para as Índias espanholas.

Nefando proceder dos holandeses

Exigiram-se condições honrosas para a milícia da terra. Schuppe, que viera assistir à capitulação, nenhuma quis conceder, dizendo que eram desnecessárias, tornando-se os habitantes súditos da Holanda, cujo dever e interesse era protegê-los e conciliá-los por todos os meios possíveis. Apesar disto cometeram os conquistadores as mais atrozes crueldades contra esta brava gente, sendo os que tinham alguma coisa de seu, martirizados até pagarem integralmente a soma que se lhes marcou, em resgate de suas vidas, a que não sei por que argúcia de lógica marcial, se dizia haverem perdido o direito como traidores ao príncipe d'Orange. Desta forma,[46] levantaram os holandeses a melhor de vinte e oito mil coroas e foi assim que no Oriente e Ocidente tornaram tão infame a sua história, e detestáveis os seus nomes, como na própria pátria foram gloriosos os seus feitos, e dignos de serem recordados pela mais remota posteridade.[47] Foram arrasadas as fortificações do acampamento do Bom Jesus.

B. Freire, § 600-35 *Cast. Lus.*, **3, § 86-92**

Tentativas de socorrer Nazaré

Entretanto estava a outra divisão do exército holandês, postada no Engenho dos Algodões, a uma légua do forte de Nazaré, donde podia dominar o país e cortar ao forte e aos redutos todo o socorro, esperando assim reduzi-los com pequena perda. Matias de Albuquerque estabelecera o seu quartel-general em Vila Formosa, lugar aberto a seis léguas para o sul, donde destacou Bagnuolo vinte e cinco léguas mais para o sul, a defender e fortificar Porto Calvo. Vila de bastante importância era esta pelas muitas fazendas e pastos dos seus arredores, e fora mui perto dela, em Barra Grande, que haviam desembarcado os reforços vindos na armada de Oquendo. Tinham os holandeses segurado este último lugar como primeiro passo para estenderem nesta direção suas conquistas e os moradores de Porto Calvo, contando já com caírem-lhes nas mãos, estavam em segredo arranjando-se com eles. Era necessário, se tanto fosse possível, manter este lugar; contudo mal podia Albuquerque enfraquecer-se destacando tão grande força como para isso era preciso. Perto estava o inimigo e era mister prover-se a si mesmo de munições e meter provisões no forte. Antes de fugirem tinham alguns habitantes da Paraíba ocultado dois sacos de munições; mandaram-se por eles alguns índios, mas foram apanhados e mortos pelos holandeses. Uma única arroba de

pólvora era quanto restava ainda ao general que para da sua própria gente esconder esta míngua encheu de areia alguns barris, pondo-lhe a guarda do costume. Da gente dos campos mais vizinhos se formaram sete companhias de emboscadas, de quinze homens cada uma, exceto uma que, composta de treze irmãos, do seu nome se chamava dos Batistas. Por terra nenhum socorro podia vir a Nazaré; por todas as vias o tentou Matias de Albuquerque obter, todas igualmente baldadas. Mandou índios com farinha às costas, ou com juntas de bois, que mais fáceis se guiavam do que nenhum outro animal; tomaram os mais escusos desvios, mas de nada lhes valeu, tão bem batiam os holandeses o campo em todas as direções. No rio Serinhaém, perto da Vila Formosa, havia três barcas desmanteladas; Albuquerque aparelhou uma para o mar, e carregou-a de provisões, dando o comando a Diogo Rodrigues, que viera com notícias de Nazaré. Deu este à vela ao pôr-do-sol, e chegou a salvamento à meia- noite, tendo audazmente passado por uma porção de cruzadores holandeses. Sair do porto era impossível, bem que a barra estivesse ainda em poder dos portugueses. Rodrigues pois, com risco iminente, voltou por terra a Serinhaém, meteu-se na segunda barca, que entretanto se reparara, e carregara. Descobrindo-o, o perseguiu o inimigo, mas ele, não abandonado ainda da sua boa fortuna, varou a embarcação em terra perto da barra, em lugar onde da carga nada foi perdido.

Abandonado Porto Calvo, retira-se Bagnuolo para as Alagoas

Sabido dos holandeses que estava Bagnuolo a fortificar Porto Calvo, desembarcou Lichthart, que comandava as forças navais, parte da sua gente, e com um destacamento da guarnição da Barra Grande marchou contra ele, na esperança de tomar as obras antes de concluídas. Avisado da vinda do inimigo, saiu-lhe Bagnuolo ao encontro com toda a sua força e parte dos moradores daqueles em quem mais podia fiar-se, ou antes daqueles de quem menos desconfiança tinha, onde eram suspeitos todos. Nem era estranho que não tendo os habitantes do país fé na proteção do general, a não pudesse ter estes na lealdade deles. Os guias o levaram errado a uma situação onde uma parte apenas da sua força podia entrar em ação, e imediatamente derrotado, teve de retirar-se para a Lagoa do Norte, dezenove léguas mais ao sul, tomando tão pronto esta resolução que se rosnou ter ele, antes de marchar de Porto Calvo, já assentado em abandoná-lo, devendo-lhe o recontro com o inimigo servir meramente

de pretexto. Não lhe picou Lichthart a retirada, tratando os holandeses primeiro de saquear o lugar depois de segurá-lo. Fortificaram duas das casas maiores e a igreja nova, incluindo nas linhas duma fortaleza regular a antiga, que ficava numa eminência; deixaram quinhentos homens de guarnição na sua conquista e assim se tornaram senhores deste importante distrito.

1635

B. Freire, § 641-2

Heroísmo de D. Maria de Sousa

Em seguida se fez uma tentativa de desalojar Matias de Albuquerque, único estorvo ao cerco de Nazaré. Acometeu-lhe o inimigo o posto avançado, composto de cento e trinta homens. Avançaram ele e o irmão a socorrê-lo com outra tanta gente, que era toda a força que lhes restava, mas esmagados pelo número tiveram de retirar-se sobre o rio. Perseguiram-nos os holandeses, até que os portugueses, nem na fuga vendo a salvação, com a coragem do desespero de novo fizeram frente ao inimigo, e, desbaratando-o, recuperaram o já perdido posto. Nesta ação caiu Estêvão Velho, filho de D. Maria de Sousa, uma das mais nobres damas da família. Já nesta guerra perdera ela dois filhos e o genro, e ao chegar-lhe a notícia desta nova desgraça, chamando os dois que ainda lhes restavam, dos quais um de quatorze anos de idade, e o outro um ano mais moço, disse-lhes: "Hoje foi vosso irmão Estêvão morto pelos holandeses; a vós agora toca cumprir o dever de homens honrados numa guerra em que se serve a Deus, ao rei e à pátria. Cingi as espadas, e quando vos lembrar o triste dia em que as pondes à cinta, inspire-vos ele, não mágoa, mas desejo de vingança, que quer vingueis vossos irmãos, quer sucumbais como eles, nem degenerareis deles, nem de mim." Com esta exortação os enviou a Matias de Albuquerque, pedindo-lhe que por soldados os contasse. De tal tronco não podia desdizer a prole, e de tal mãe se mostraram dignos os filhos.

Tomada de Nazaré

Quatro vezes tentara a terceira barca passar do Serinhaém a Nazaré, e outras tantas tiveram de retroceder, mas afinal logrou o intento. Um navio enviado das Alagoas foi capturado. Outro meio de mandar provisões não restava agora além das jangadas, cada uma das quais levava quando muito dois alqueires de arroz; vinte chegaram a salvo. A grande apuro se via entretanto reduzida a guarnição; alguns tinham desertado, pela maior parte napolitanos, para os quais, sem interesse na causa que defendiam, soldo holandês ou soldo espanhol era tudo um. Os que se conservaram fiéis suportaram com

heróica constância as privações, morrendo muitos de inanição no seu posto. É sempre penoso ler tais sofrimentos, mas dobradamente o é quando deles nenhum resultado se colhe. Às Alagoas chegaram vindas de Portugal duas caravelas com reforços, e esperança doutros muito maiores, que já tinham ficado prestes a largar. Mandou Bagnuolo esta nova a Matias de Albuquerque, aconselhando-o que, abandonado o forte, viesse reunir-se a ele, sendo atualmente aquela posição a melhor para o quartel-general, próprios os portos e fértil o país. Matias reuniu um conselho de guerra: opinaram os oficiais unanimemente que na presente conjuntura nada mais avisado podia fazer-se, e apenas sabida esta resolução, capitularam o forte e a barra com as mesmas condições que o acampamento.[48]

Brito Freire, § 649-50

NOTAS DO CAPÍTULO XV

1. Injusta nos parece semelhante apreciação do caráter de Matias d'Albuquerque. (F.P.)
2. Era ousado guerrilheiro natural do Ceará e fora levado a Pernambuco por Martim Soares Moreno. (F.P.)
3. Stedman marchou descalço durante a sua terrível campanha no Surinã, seguindo o conselho que lhe dera um negro velho, e a que ele acreditou ter devido a vida. Talvez seja impossível a introdução desta prática num exército, e perigosa a tentativa, mas em longas marchas e com mau tempo, concorreria ela tanto para a comodidade, como para a saúde e conservação da tropa.
4. Joannes de Laet nos conta um caso, que caracteriza o desumano sistema de guerra que então se seguia. Tinham-se capturado e levado para o Recife muitos navios de escravos vindos de Angola. Aos negros varões pouco importava servir senhores holandeses ou portugueses, ou pegar em armas dum ou de outro lado; mas as mulheres e crianças consumiam mais mantimento do que convinha ao estado em que se achavam as provisões; por isto e pela vida que os soldados faziam com estas mulheres (chamavam-se a religião e a moral em apoio duma medida que tinha por único fim economizar víveres), foram expulsas do Recife as negras e os seus filhos, e conjuntamente os portugueses aprisionados nos navios negreiros. Seriam ao todo cento e vinte pessoas. Não se tinham elas ainda afastado muito das trincheiras, quando uma partida de índios ao serviço dos portugueses fez fogo sobre elas, matando sete ou oito; fugiram as pobres mulheres para trás com as crianças nos braços em direção à cidade, mas ao aproximarem da emboscada holandesa, também dali lhes fizeram fogo. De ambas as partes fora isto engano fatal, não crueldade

deliberada, antes tiveram os holandeses a humanidade de deixar voltar os sobreviventes. *Jaerlisck Verhael*, 198.

5. Jol saiu com os batéis para o que J. de Laet chama ilha de Antônio Vaz a fazer aguada nas cacimbas, ou poços abertos na areia: à sua vista fugiram alguns portugueses, que estavam envenenando a água. Dois soldados morreram *de repente* depois de terem bebido dela, os outros restabeleceram-se com socorros médicos. Assim narra Laet o caso à pág. 194. Pus em grifo a expressão de repente, que ele emprega, porque faz duvidar da acusação: uma tarraçada imprudente de água fria pode mais facilmente causar morte repentina, do que qualquer veneno, que desta forma se administrasse.
6. O curiosíssimo documento que deixo aqui extratado foi transcrito do original, em poder do marquês de Gouveia, herdeiro do conde de Portalegre, D. João da Silva.
7. A maneira por que Brito Freire refere este boato, mostra quão geralmente era acreditado. Diz ele: "Creio que só da malícia nasceu esta murmuração, mas como foi tão pública, os veneráveis respeitos da história me obrigaram a escrevê-la, querendo omiti-la." § 402.
8. Fr. Manuel Salvador diz (*Val. Lucideno,* pág. 13) que para o incendiarem, envolveram os portugueses uma bala em pano embreado, e atiraram-na ao casco do navio holandês.
9. Concordam os portugueses referindo isto em honra do seu inimigo, nem acusam os holandeses de se haverem portado mal na ação. J. de Laet porém afirma que dos capitães holandeses poucos fizeram o seu dever: não imputa culpa a Pater, mas também nada quer saber de ter-se este sacrificado com a bandeira, antes diz que depois de se ter sustido duma corda ao costado do navio enquanto pôde, na esperança de que viria algum bote salvar-lhe a vida, caiu o comandante afinal exausto de forças.*

*Continua Netscher (*Les Hollandais au Brésil*) a versão de Laet e põe em dúvida as palavras atribuídas ao almirante holandês, cujo verdadeiro nome era Adriaan Janszoon Pater. (F.P)

10. Nome indígena do que vulgarmente se chama Rio Grande, e preferível porque o português serve conjuntamente para designar o rio, a província e a capital, sobre haverem outros muitos rios grandes.
11. Tinham os holandeses 3.800 soldados válidos, 180 doentes, 91 rapazes, 79 tambores e cometas, 102 negros, além de algumas pessoas pertencentes ao trem das bagagens, e outras avulsas. Os serventes negros eram 575, e 223, o menor número creio eu, eram mulheres; e em Olinda havia 96. A bordo dos navios havia 2. 240 homens. O número total de pessoas a sustentar era de pouco mais de 7.000 e 366 no Forte Orange. J. Laet, 248.
12. Segundo o testemunho de Netscher não foi o almirante Lichthart, e sim o tenente-coronel Callenfels quem comandou esta expedição. (F.P.)
13. Todos os nossos cronistas qualificam a Calabar de mameluco e não de mulato. (F.P.)

14. Inclinamo-nos para esta hipótese pelas razões que minuciosamente expendemos em um trabalho nosso e que denominamos: *O Brasil Holandês*, e que mereceu as honras da publicação no T. 23 da *Rev. Trim. do Instituto Hist. e Geográf. do Brasil.* (F.P.)
15. Com muito bons fundamentos contesta Netscher esta asserção de Southey. (F.P.)
16. Não nos consta que Igaraçu fosse queimada; e ignoramos as provas em que se firma o autor para escrever semelhante coisa. (F.P.)
17. Sumamente injusto é semelhante juízo de Southey acerca do conde de Bagnuolo a cuja perícia deveu-se a retirada para Sergipe e a defesa da Bahia contra Papan. (F.P.)
18. Aliás Capiberibe. (F.P.)
19. Concorda a maior parte dos cronistas que fora este assalto na quinta-feira de Endoenças. (F.P.)
20. Diz Netscher que apenas mil e duzentos homens comandava Rimbach. (F.P.)
21. *Rifle barrelled guns.*
22. Construído no local do antigo forte Emília. (F.P.)
23. Aliás Capiberibe. (F.P.)
24. Parece-nos melhor a ortografia dos nossos cronistas escrevendo Jaguari o nome deste indígena. (F.P.)
25. Se do cacique derivava o nome da tribo, ou esta daquele, é o que não sei. Os portugueses dão o nome do povo, e os holandeses o do chefe, designando os selvagens pela voz genérica de tapuias. Por este tempo empregavam os holandeses o maior cuidado em tomar conhecimento com os naturais, dos quais e a respeito dos quais tiravam as informações que podiam.
26. Em vez de Schuppe escreve Netscher Schkoppe. (R.P.)
27. Na obra, donde tirei esta notícia, acho o nome deste oficial escrito Artischofsky.* Numa relação da guerra dos cossacos contra a Polônia dá-lhe o autor o nome de Arcissensky e os portugueses o chamam Arquichofle, quase alcachofra.

*Parece-nos ser esta a verdadeira ortografia do nome do ilustre polaco que tanto se ilustrou ao serviço da Holanda. (F.P.)

28. Salvo suponho que o Ociunou e Ocioro, por um engano possível, trocassem na lista a sua ordem natural, caso em que o segundo bem poderia ser o mesmo que o Ceará-Mirim.
29. Denomina-se hoje Apodi. (F.P.)
30. De tal modo se acham desfigurados estes nomes que difícil é achar os seus correspondentes nas nossas crônicas. (F.P.)
31. Como já fizemos ver, nunca a palavra *tapuia* designou tribo alguma entre os indígenas do Brasil: sendo sinônima da de *bárbaro* com que os tupis mimoseavam os seus contrários. (F.P.)
32. O autor deixou-se aqui guiar pela hiperbólica narrativa de Brito Freire, que orça nesse número a população palmeirense; temos motivos para crer que nunca passou ela da metade. (F.P.)

33. Seria mais verídico Southey se dissesse que os negros haviam adulterado as puras e santas práticas do cristianismo. (F.P.)
34. Sabemos por testemunhas fidedignas que os palmeirenses faziam escravos os presos que em suas correias aprisionavam; recebendo como iguais unicamente os que voluntários se lhes apresentavam. (F.P.)
35. J. de Laet confere a Schuppe o merecimento da descoberta do canal, que, segundo ele, nem era conhecido dos portugueses. A narrativa, que atribui este feito a Calabar, é mais provável; não era ele estranho ao lugar, como o comandante holandês, e podia muito bem ter-se até já como contrabandista servido desta passagem.
36. Nela se serviram os holandeses dumas pecinhas de metal, de nova invenção, com que, diz J. de Laet, como se fosse com mosquetes, receberam os portugueses. Seriam bacamartes?
37. Equivoca-se o autor chamando de vila a povoação do Pontal. (F.P.)
38. Chamada nesse tempo Felipéia em honra do monarca espanhol que governava Portugal e suas colônias. (F.P.)
39. Os escritores portugueses os elevam a mais de 5.000.
40. Comaratiba é a denominação que hoje lhe damos. (F.P.)
41. Nessa época não era a Paraíba cidade e sim vila. (F.P.)
42. Não foi dada semelhante denominação pelo motivo que dá Southey e sim por ser mui devotada para os portugueses a invocação de N. S. das Neves, em lembrança dum antigo santuário que no seu país existia. (F.P.)
43. Jaraguaçu, ou Guararaca, a três milhas da Paraíba por terra mais sete pelo rio acima, que era o caminho ordinário, que se seguia; Jaknigh, uma milha além; Iapoão, Igapuão ou Pontal, a cinco milhas do forte do norte da Paraíba; Tapoa ou Urevutuwa, a boas dez milhas da cidade, para as cabeceiras do rio; Inocoça, a quatro léguas caminho de Goiana; Pindaúna, a seis milhas da Paraíba na mesma direção.
44. Mopebi e Parauaçu, ambas entre o Rio Grande e Cunhaú; Igapua do outro bando do Rio Grande, sete milhas ao norte da Fortaleza; Pirari, a duas milhas de Cunhaú; Vajana ou Goacano, a sete milhas de Cunhaú para o lado do Rio Grande; Itaipi, sete milhas ao oeste do Rio Grande.
45. S. João de Caarese, a cerca de onze léguas de Itamaracá e duas de Goiana; seiscentos habitantes, entre os quais duzentos guerreiros; S. André de Itapeterica, a nove milhas de Itamaracá, duas de Goiana; mil e trezentos moradores, mais de quinhentos guerreiros. Tabuçurama, ou N. S. da Assunção, a sete milhas de Itamaracá, de Goiana, cinco; seiscentos moradores, cento e oitenta guerreiros. Eram estas na capitania de Itamaracá. A grande proporção de combatentes, mostra qual poucas crianças se criavam, ou talvez se deixavam nascer. As aldeias de Pernambuco eram Mocnigh, ou S. Miguel, a sete milhas de Olinda, onde Camarão era cacique dos petiguares[*] e Estêvão Tebu dos tobajares seiscentos habitantes, cento e setenta bons mosqueteiros. Caeté ou N. S. de Pojuca, mil e cem almas, quatrocentos guerreiros; doze milhas de Olinda. S. Miguel de Iguna, vinte milhas ao sul de Olinda; setecentas pessoas, duzentos combatentes.[**]

*Filipe Camarão (ou *Patig*, como lhe chamava os seus) era moçasara dos carijós, e não dos pitiguares. (F.P.)

**Inexatos nos parecem todos estes cálculos e erradas as posições topográficas. (F.P.)

46. Está visto que os holandeses de nenhuma crueldade fazem menção. Mas, segundo referem, deviam os habitantes render-se à discrição. *"Alle inwoonders sullen hun geven in onse macht, om met haer te doen als het ons sal ghelieven"*, palavras que conferem ampla licença aos vencedores. J. de Laet acrescentou, que estes prisioneiros foram mais de duzentos em número, fora suas mulheres e filhos, e que se resgataram a si e aos bens por cinqüenta mil *gulden*.*

*Com energia repele Netscher as graves acusações que aos seus compatriotas faz Southey e sustenta que alguns excessos que por esta ocasião cometeram foram obras dos mercenários de todas as nações da Europa. Inclinamo-nos pela asserção do historiador holandês, sempre tão imparcial e bem informado. (F.P.)

47. Fácil é de ver que só o ciúme dum inglês contra os seus rivais nas Índias poderia ditar a Southey tais expressões. (F.P.)

48. *Rendida a constância aos pés da impossibilidade*, diz Rafael de Jesus, 3, § 95. Um artigo da capitulação foi que os padres saíram com suas pistolas nos cintos como soldados. J. de Laet, 471.

. . . .

Capítulo XVI

EMIGRAÇÃO DE PERNAMBUCO – RESTAURAÇÃO DE PORTO CALVO E SUPLÍCIO DE CALABAR – ENVIAM-SE REFORÇOS AO COMANDO DE ROXAS, QUE É DESBARATADO E MORTO – SUCEDE NO COMANDO BAGNUOLO, QUE FAZ COM FELICIDADE UMA GUERRA DE DEVASTAÇÃO – CHEGA MAURITZ, CONDE DE NASSAU, COMO GOVERNADOR-GERAL DOS HOLANDESES; SÁBIAS MEDIDAS QUE TOMA; PERSEGUE OS PORTUGUESES ATÉ AO RIO DE SÃO FRANCISCO, E BAGNUOLO, ABANDONANDO A CAPITANIA DE SERGIPE, RETIRA-SE PARA A BAHIA

1635
Emigração de Permambuco

FAZENDO-SE saber a sua resolução de evacuar aquela parte da capitania, ofereceu Matias de Albuquerque aos moradores de Pernambuco escoltar os que quisessem emigrar. Foi infinitamente maior o número dos que preferiram ficar debaixo do domínio dos conquistadores. À ingratidão não menos que ao desleixo da sorte de Madri deveram isto os holandeses. Antônio Ribeiro de Lacerda caíra no campo da batalha, e nada se havia feito pela sua família: caso vulgar era este, mas sendo Lacerda uma das principais pessoas da província, e uma das mais estimadas também, deste exemplo inferiram os que andavam em menor estimação quão pouca esperança

deviam ter de recompensa. Tal foi a razão que muitos deram da sua decisão de se submeterem aos holandeses, preferindo todo e qualquer governo ao ingrato da Espanha. Apesar de tudo ainda emigraram umas oito mil pessoas, entre as quais a viúva de Lacerda. Com seus bens móveis, seu gado e seus negros faziam todos uma grande comitiva. Precediam-na sessenta índios a abrir caminho; seguia-se um corpo de tropa, vinham depois os emigrantes, e, protegendo-a, fechava uma força militar a retaguarda. Atrás de todos vinha o leal Camarão com oitenta dos seus. Digno é de notar-se que os dois homens, que até agora mais se haviam distinguido da banda dos portugueses, eram este cacique carijó e Henrique Dias, um negro, crioulo e originariamente escravo, que à testa de um corpo dos da sua cor, em todas as ocasiões se assinalava. Para honra dos brasileiros, todos aqueles dentre eles que mais terras possuíam em Pernambuco, as abandonaram agora, preferindo o desterro ao jugo estrangeiro; queixavam-se da Espanha que os esquecia, não da própria má fortuna. Esta com resolução a suportavam, como homens dignos de a melhorarem. Foi uma triste transmigração: crianças nasciam nas matas durante a marcha, e nas selvas ficavam enterrados os fracos e os velhos.

Freire, § 651-7

Perto de Porto Calvo levava o caminho, nem era de esperar que a guarnição holandesa deixasse passar um tal comboio, sem tentar esbulhar estes míseros emigrantes do pouco que salvavam. Sebastião do Souto, natural daquele lugar, e um dos que se haviam submetido aos conquistadores, julgou favorável ocasião esta de servir os seus conterrâneos, e quando Matias de Albuquerque fez alto a curta distância da vila, para repelir qualquer surtida que pudesse fazer-se, pondo 360 soldados com alguns índios de emboscada, ofereceu-se aquele para sair a reconhecer. Picard, governador holandês, deixou-o ir. Montou Souto a cavalo, aproximou-se das sentinelas portuguesas a ponto de expor-se ao seu fogo, e à vista delas deixou cair uma carta. Foi esta levada ao general, e dizia que Calabar chegara na véspera a Porto Calvo com um reforço de duzentos homens, mas que estivessem de sobreaviso os portugueses, prontos ao aproveitar o ensejo de que o autor da missiva a todo o risco os informaria.

Traição de Souto para com os holandeses

B. Freire, § 658-9

Restauração de Porto Calvo

Conseguido assim o seu fim, voltou Souto a galope, e disse a Picard que não era mais do que uma mão cheia de soldados ali postados para o impedirem de ocupar o paço, e apresar toda a riqueza móvel de Pernambuco. Fácil se deixou persuadir o comandante, e saiu pela volta das três horas da tarde com o que se lhe figurou um troço de gente bastante, levando Souto na sua companhia. O atraiçoado conselheiro abandonou-o, reuniu-se aos portugueses emboscados, e com tal vigor deu sobre os holandeses que estes fugiram, deixando cinqüenta no campo. Tão de perto os perseguiram os vencedores, que de envolta com eles entraram às portas da principal fortaleza, que tomaram após espantosa matança ficando vivos apenas quarenta e cinco homens de uma guarnição que contava cento e dez. Entretanto chegou Albuquerque com o resto das suas tropas, e, pensando completar a vitória, passou a investir a igreja nova e as duas casas fortificadas. Crescia rápida a escuridão: exaltados com o triunfo avançaram imprudentes os portugueses e perderam cerca de oitenta homens. Não desanimaram porém, e no correr da noite seguraram todos os paços por onde poderia o inimigo mandar socorros, aliás estaria ali em quatro dias força muito superior às deles, e, sabendo que os holandeses de necessidade haviam de render-se dentro em pouco por falta de água, puseram-lhes sítio. Sobre fortes pilares de pau estavam edificadas as casas, provavelmente assim elevadas para ficarem fora do alcance das inundações. Ao aproximarem-se assaz os portugueses, temeram os holandeses não fossem aqueles fazer-lhes fogo debaixo através do soalho, e, para conjurar o perigo, lançaram sobre o pavimento terra que amortecesse as balas. Na sexta noite assaltaram os portugueses a casa menor, e de dentro os que escaparam, refugiaram-se na outra, a que também Picard e Calabar se acolheram da igreja nova, concentrando todo o restante da força nesta que era a posição mais forte. Mas era impossível manter-se sem água, e Calabar percebeu agora chegara a sua última hora. Ofereceram-se condições honrosas aos holandeses, insistindo porém na entrega deste desertor; debalde lhe diziam os companheiros que morreriam antes de nisto consentirem, bem sabia ele que não era coisa que se acreditasse nem esperasse. Respondeu pois que era homem perdido, mas que a misericórdia de Deus o punia agora, para o não condenar eternamente, e aconselhou que se aceitassem os termos propostos que

12 de julho 1635

eram serem os invasores remetidos para a Espanha e dali para a Holanda. Sobre estas condições capturaram 380 homens, número maior do que o dos sitiantes. De boa vontade os houvera trocado Matias de Albuquerque, mas o general holandês recusou, dizendo que melhor do que os portugueses podia prescindir de gente, nem precisava desta que tão mal se comportara.

Nesta vila tinha nascido Calabar; ali cometera antes alguns crimes atrozes[1], e ali terminou a sua carreira, sendo enforcado, e a sua cabeça e quartos expostos na paliçada da fortaleza. Com tanta paciência recebeu a morte, dando tantos sinais de sincera contrição de todos os seus malefícios acompanhada de tão devota esperança de perdão, que o sacerdote que lhe assistiu aos últimos momentos nenhuma dúvida conservou sobre a salvação do padecente. O confessor foi Fr. Manuel do Salvador, que mais tarde tomou não vulgar parte nesta longa contenda, de que nos deixou singular e interessantíssima história. Pediu o penitente que os bens que tinha no Recife, e o soldo que lhe deviam os Estados, fosse tudo, pagas as dívidas, entregue a sua mãe Ângela Alures, pedido que fielmente foi cumprido pelo bom frade. Interrogado se sabia de algum português que estivesse em traiçoeira correspondência com o inimigo, respondeu Calabar que sobre este capítulo muito sabia, não sendo das mais baixas as pessoas implicadas, mas que a tal respeito queria consultar com o seu confessor, não desejando gastar o pouco que de vida lhe restava em fazer acusações e depor perante um escrivão, quando tinha de arrepender-se de seus pecados e pôr-se bem com Deus. O que ele revelou a Fr. Manuel foi comunicado ao general, que por mais prudente teve nada fazer público.[2]

Suplício de Calabar

A crença de que tudo isto sucedera para a salvação eterna de Calabar, foi confirmada pela lembrança de um caso notável, a que ele uma vez devera a vida. Logo depois da sua deserção fizera-lhe Matias de Albuquerque grandes oferecimentos para que abandonasse a parcialidade do inimigo; a resposta insolente do mulato exasperou o general, que se abaixou então a recorrer a meios indignos e detestáveis de tirar vingança, servindo-se de Antônio Fernandes, primo de Calabar, que como levado pelo exemplo deste, devia passar-se para os holandeses, e ali espreitar ocasião de assassiná-lo. Em conseqüência disto Fernandes, encontrando Calabar em uma de suas algares, ou fossados, o convidou

com a voz e com o gesto a que se detivesse, recebendo-o em sua companhia, e correr pelo vale abaixo a dar com ele no vilão intento que trazia. Enredou-se-lhe o cinturão como corriaca; saiu-lhe da bainha a espada, e escorregando-lhe um pé ao mesmo tempo, caiu com o peito sobre a ponta da arma, morrendo instantaneamente. Acreditou-se então que Calabar assim fora preservado para ser o flagelo de Pernambuco, alcançando-o o castigo, apenas concluída a obra.[3]

B. Freire, § 666-7 *Cast. Lus.,* **3 § 102**

Retira-se Matias de Albuquerque para as Alagoas

Arrasadas as fortificações de Porto Calvo, enterrou Matias de Albuquerque na floresta as peças que ali tomara. Depois prosseguiu na marcha para as Alagoas, onde se dispersaram os emigrados, tornando cada um para onde melhor lhe parecia, uns para o Rio de Janeiro, o maior número para a Bahia. Depressa correu Schuppe a socorrer o posto tão inesperadamente investido. A perda ali sofrida e a vista da cabeça e quartos de Calabar empalados na paliçada, o exasperaram. Mandou encerrar estes restos em um caixão, enterrá-los na igreja com honras militares e vingar-lhe a morte, passando à espada quanto português se encontrasse nas matas. Recorreram os aterrados moradores a Fr. Manuel que intercedesse por eles, o que mais fácil se lhe tornava, por falar Artiszensky, como polaco que era, muito correntemente o latim. Pela sua intercessão foi com efeito revogada a ordem, e o povo voltou a suas casas, submetendo-se aos conquistadores. De quatrocentos soldados afora índios se compunham agora os destroços das forças portuguesas reunidas nas Alagoas, e com eles se resolveu fortificar o estabelecimento do sul como o que por natureza era mais defensável, aguardando ali reforços. Quinze dias não eram ainda decorridos quando veio Artiszensky com um grosso destacamento a tomar posse de Peripueira, lugar alto sobre a costa. Ali plantou um reduto no viso da eminência e outro sobre a praia, pensando cortar assim as comunicações entre o general português e o povo dos campos, mas o único resultado foi abrir-se um caminho pelo sertão.

Valeroso Lucideno, **P. 23**

Receios da corte espanhola

Entretanto tal uso faziam do Recife os holandeses, que chegaram a sobressaltar a corte de Madri apesar da sua apatia. Ali tinham criado arsenais navais de tal magnitude, que já era de mister aparelhar na Holanda essas armadas destinadas a inter-

ceptarem os galeões da Índia; ali se podiam construir e equipar. Cornelis Jol, que já adquirira grande nomeada com os muitos cruzeiros felizes que empreendera, saindo da Holanda em um só navio, tomou no Recife o comando de quatorze, abastecidos para sete meses. Com esta força de novo se apoderou da ilha de Fernão de Noronha, tendo a pequena guarnição, ali posta pelos portugueses, sustentado um cerco de doze dias. Não era sem importância esta ilha como lugar para refrescar, sendo escassa no Recife a água doce. Feito isto, velejou a interceptar a frota do México, que encontrou no canal de Bahama: alguns de seus capitães, que não gostavam de servir debaixo dele, cumpriram mal o seu dever, pelo que foram despedidos cinco e declarados infames. Graças ao mau comportamento dos seus subalternos, levou Jol a pior, mas o risco iminente em que se haviam visto estes navios carregados de tesouros, fez sentir a sua imprudência à corte de Madri, de modo que o próprio rei ordenou aos seus ministros que da restauração de Pernambuco fizessem seu particular cuidado. A primeira pessoa de quem estes naturalmente se lembraram, foi de D. Fradique de Toledo, que já restaurara São Salvador, e convidaram-no a tomar o comando. Tinha D. Fradique alguma reputação que perder, seguira atento o curso da guerra, e conhecendo o estado do país e a força do inimigo, respondeu que com doze mil homens bem providos de tudo se encarregava da empresa, mas não com menos. Irritado com o reparo que esta resposta encerrava, o mandou Olivares meter na cadeia[4] onde faleceu. Recorreu-se em seguida a D. Filipe de Silva, que respondeu, que absolutamente ignorante das coisas do mar, era impróprio para o comando; e esta escusa se lhe aceitou, embora devesse parecer que com a nomeação de um bom almirante ficava sanado este único defeito. Deu-se o comando afinal a Antônio de Ávila e Toledo, marquês de Valada, e enquanto maiores forças se apercebiam, mandou-se D. Luiz de Roxas e Borja adiante como mestre-de-campo-general com mil e setecentos homens, a render Matias de Albuquerque.

G. Giuseppe, p. 169

B. Freire, § 670-5

Foi um poderoso armamento este, composto de trinta velas às ordens de D. Lopo de Hozes e D. Rodrigo Lobo, que em São Salvador haviam de desembarcar Pedro da Silva, novo governador general, e receber a bordo o seu predecessor Oliveira, devendo este assumir então o comando e expelir de Curaçau os holandeses.

Chega Roxas com reforços

Assim tivessem estes comandantes possuído talentos suficientes ou mesmo zelo bastante, que grave dano poderiam haver causado aos holandeses, infligindo-lhes talvez até um golpe mortal! Nove navios carregados de produtos do Brasil acabavam de dar à vela para a Holanda; estes bem os podiam eles ter capturado, mas porque o piloto obstinada e falsamente lhes dizia que os seus próprios vasos demandavam águas mais fundas, desistiram da caça, fazendo-se na volta do mar, quando a terem intrepidamente desembarcado e investido o Recife, tê-lo-iam necessariamente tomado, achando-se então como se achava a força do inimigo derramada por cem léguas de costa, de Peripueira até ao Potengi. Só duzentos homens tinha Schuppe consigo na capital destas conquistas, e ao ver acercar-se a armada espanhola logo se deu por perdido. Os moradores portugueses, contando já ao aparecer tão grande frota ver desembarcar os seus conterrâneos, estavam prontos a levantar-se contra os conquistadores, chegando alguns a tomar armas. Mas os generais, nem sequer aguardando informações, governaram para o cabo de Santo Agostinho, onde receberam as primeiras novas de terra, levadas por um homem que se aventurou a sair ao mar em uma jangada. Tolheu-lhes ali o tempo o desembarque, e Hozes não quis pôr as tropas em terra no rio Serinhaém, embora seus próprios oficiais o conjurassem a fazê-lo, e lho aconselhassem Matias de Albuquerque e Bagnuolo, que mandaram a bordo Martim Soares Moreno a reforçar o que por escrito diziam. Obstinado na sua opinião, seguiu Hozes para a barra das Alagoas, e ali na Ponta de Jaraguá desembarcou Roxas com o seu material e tropas. Duarte de Albuquerque recebeu ordem de conservar a autoridade civil em Pernambuco, de que era senhor, e seu irmão Matias chamado à corte exatamente quando tinha adquirido a experiência de que totalmente carecia ao chegar, voltou à Espanha para com argüições ser recebido por um ministro cujo proceder fora mil vezes pior que o dele.[5]

Precipitação do novo comandante

Mal assumiu o comando, preparou-se Roxas a marchar contra o inimigo. Falava dos holandeses com desprezo, pensando inspirar confiança aos soldados, fazendo-os crer que só aos erros e incapacidade do antigo comandante se deviam os sofridos desastres; se era artifício, era pouco generoso, e se ele realmente sentiu a confiança que inculcava, mostrava uma presunção de que nada bom havia a esperar. Bagnuolo o aconselhou que mandasse adiante um

destacamento; outros representavam que era indispensável deixar atrás uma força considerável que guardasse o material, achando-se o inimigo tão perto por terra e com doze navios à vista. Foram atirados ao vento estes conselhos. Consumidas eram já as provisões trazidas da Espanha, e depósitos donde suprir-se não os havia: a muito custo achou o comissário traças como arranjar rações para oito dias.

Andavam os holandeses um tanto inquietos por suas conquistas. Muitas vezes haviam os militares proposto que se expelissem das Alagoas os portugueses, que nunca os deixariam estar seguros por terra enquanto fossem senhores daquela posição. Mas exigia isto crescido número de embarcações miúdas, que costumavam andar empregadas alhures, com maior proveito dos particulares, e menor vantagem para o público serviço. Com grande desgosto do exército se havia pois dado de mão à empresa, e só agora de tal descuido se percebiam as perigosas conseqüências. Deram-se ordens para segurar melhor o Forte Orange em Itamaracá e o Cabedelo, mas o perigo estava mais perto da sede dos domínios holandeses, e em mau tempo rebentou, quando com a demora de remessas da Holanda estavam mal providos os depósitos, e havia mais de duzentos soldados inválidos por causa das *chiguás*.

Com a chegada dum armamento, de que por muito o haverem esperado já principiavam a desesperar, cobraram ânimo os pernambucanos. Já o povo da Várzea não trazia gado e farinha de mandioca em pagamento do tributo em espécie que dele se exigia. E onde havia pouco só encontravam a forçada submissão de obsequioso servilismo recebiam agora os invasores respostas altivas e decididas. Muitos holandeses foram mortos nas casas dos portugueses, outros abertamente nos campos e pelas estradas. O povo de Serinhaém assassinou os doentes que ali tinham ficado. Interceptavam-se cartas, e prendiam-se padres e negros, empregados como agentes da correspondência que fervia agora entre o exército e os portugueses dentro do território holandês. Severos castigos se impunham, mas o rigor em tais casos aumenta o ressentimento da opressão e da injustiça, e desesperando por outros meios porem cobro a esta correspondência, propuseram Artiszensky e Stackhouwer ao conselho assolar o país entre Periqueira e Porto Calvo, arrancando a mandioca, queimando as canas-de-açúcar, destruindo os engenhos e habitações, removendo os moradores com seus gados e bens móveis, e estabelecen-

do-os em casas confiscadas e terras abandonadas. Aprovou-se a medida, e às portas das igrejas e engenhos se afixaram editais convidando todas as pessoas a obedecerem dentro de três semanas a esta ordem de compulsória transmigração.

J. de Laet, 480-4
Marcha dos portugueses pelas matas

Desta vigorosa medida nasceu uma conseqüência que não tinha sido metida em conta. Vendo-se privados dos recursos que os seus conterrâneos lhes teriam proporcionado no país aberto, resolveram os portugueses marchar através das selvas por caminho que se reputava impraticável e jamais havia sido tentado. Souto, que depois das suas proezas em Porto Calvo de contínuo molestava os holandeses devastando-lhes as terras que possuíam, foi agora mandado adiante com vinte portugueses e alguns índios poucos a abrir caminho e tirar informações. Setecentos homens ficaram na Lagoa[6] às ordens de Bagnuolo e com dobrado número se pôs Roxas em marcha no princípio do ano. Cada homem levava num ombro o mosquete e ao outro as provisões, indo carregados de munições os índios. Um destes aliados deixou as fileiras em busca de alimento e Roxas o mandou arcabuzar: foi o primeiro caso de tal disciplina no Brasil, e assim o consignam os historiadores portugueses mais para horror do que para exemplo.

6 de jan. 1636

B. Freire, § 686-93

Grandes dificuldades havia que vencer; em muitos lugares não podiam passar os cavalos, e tinham os peões de marchar a um fundo. Mas era-lhes favorável a estação seca, tornando vadeáveis os pantanais que aliás ninguém teria atravessado. Não tardou a chegar recado de Souto de haver Schuppe ocupado Porto Calvo com seiscentos homens. Tinha este comandante ameaçado Fr. Manuel do Salvador de mandar enforcá-lo quando foi a interceder pelos moradores, e agora teve razões de desejar ter antes cumprido a ameaça. Fosse o que fosse, como eremita paulista era Fr. Manuel um português às direitas. Apenas se soube que estavam a chegar reforço, pegaram em armas ele e o seu rebanho, reunindo-se setenta e seis homens ao todo, munidos de escopetas, espadas e escudos. De dia comiam e bebiam em casa do frade, de noite armavam ciladas ao inimigo, matando assim vinte da guarnição, afora seis, que aprisionaram. Em despique lançaram os holandeses fogo a uma casa, em que arderam duas crianças. No dia seguinte dizia o frade missa quando viu uma partida de sete holandeses descer um outeiro a alguma

distância, e concluiu o serviço por uma prática em que convidava os ouvintes a não terem misericórdia com aqueles homens, recordando cinicamente as duas crianças. Efetivamente foi toda a partida apanhada e morta. Com proezas como estas se entreteve o frade cerca de três semanas antes de receber auxílio algum. Foi então que Francisco Rebelo, que em muitas ocasiões se havia distinguido no correr desta guerra, foi mandado adiante a deter o inimigo em Porto Calvo enquanto não chegava o corpo principal do exército. Andava este homem acostumado a comandar partidas pequenas, e agora quando lhe disseram que levasse a força que quisesse, tomou duas companhias apenas. Tão bem foram tomadas estas medidas, que Schuppe, que só viera a Porto Calvo para em pessoa ver assolar o país, por pouco não foi apanhado. E ao chegar a quatro léguas do lugar depois de seis dias de marcha pelas florestas, soube Roxas que se Rebelo houvesse trazido um destacamento mais forte, ter-lhe-iam surpreendido os holandeses caído nas suas mãos. Imediatamente se lhe mandou considerável reforço, mas Schuppe não esperou pela sua chegada, retirando-se incontinênti para a Barra Grande. No lugar por ele evacuado acharam os portugueses depósito de munições de boca e de guerra. Logo constou que Artiszensky vinha de Peripueira em socorro de Schuppe, e Roxas, que absolutamente ignorante da topografia do país não pedia conselhos aos que a conheciam, marchou-lhe ao encontro, tornando a enfraquecer-se com deixar quinhentos homens em Porto Calvo. Ao cair da noite chegaram as suas guardas avançadas à vista do inimigo, seguindo-se uma refrega, a que a escuridão veio pôr termo. Começou agora o general a reconhecer a própria imprudência, pois esta pequena amostra lhe mostrara quanto à guerra nos matagais do Brasil era diversa da ciência que ele aprendera na Europa. Chamou os seus oficiais a conselho; representaram-lhe estes que tinha ele tão pouco tempo de estada no país que ainda não podia distinguir do inimigo a sua própria gente sem ver-lhe as bandeiras; que considerasse bem o risco de envolver-se numa ação contra forças tão superiores, pois dizia-se que Artiszensky trazia mil e quinhentos homens; e que mandasse chamar imediatamente as tropas de Porto Calvo, visto ficar longe demais a Lagoa. A isto anuiu o general e expediu a ordem.

Marcha Roxas contra Artiszenski

Situação crítica dos holandeses

O primeiro conflito fora-lhe mais vantajoso do que o próprio Roxas sabia; três companhias de mosqueteiros holandeses haviam sido derrotadas, com o que tanto desanimou a gente de Artiszensky, já inquieta pela sorte de Schuppe e das tropas sob o seu comando, que mostrou a maior repugnância a dar batalha. Defronte um do outro estavam agora os dois exércitos, cada um na sua eminência. Percebeu Artiszensky que jogava tudo sobre um dado, e em ir dum batalhão a outro gastou a noite, animando os seus soldados; se vacilavam um só momento, tudo era perdido, lhes dizia, nem abaixo de Deus deviam pôr a esperança senão em seus braços direitos. Impossível era escapar pela fuga a um inimigo que eles já sabiam quão veloz era quando batido, nem havia misericórdia que esperar dum povo arrogante e sedento de sangue, a quem tantos males tinham causado. Só constância e valor os podiam salvar seguramente, e recomendava-lhes que não desperdiçassem munições de longe, mas guardassem os tiros para quando vissem os peitos dos contrários às bocas das espingardas.

J. de Laet, 504

Movimento precipitado de Roxas

Baldadas não foram estas exortações. Eram os holandeses um povo que sabia encarar de frente o perigo, nem lhes faltava esforço, quando de esforço se tratava. Muito os vexou de noite a sede com a gente, que na véspera suportara comprida marcha sem ver água desde o meio-dia, interpostos entre ela e um arroio os portugueses. Ao romper d'alva fizeram-se preces públicas, e com sincera devoção, sob a impressão de iminente risco: assaz perto estava o inimigo para ouvi-las. Feito isto tocaram as trombetas à alvorada e os tambores rufaram a despertar. Nenhuma resposta da parte dos portugueses. O único cuidado de Roxas havia sido não se tivessem os holandeses retirado a coberto da escuridão, escapando-lhes assim. Apenas raiou a luz destacou ele alguns mosqueteiros a ocupar um regato ao lado do outeiro, donde incomodaram o inimigo com algum efeito; mas Artiszensky não se deixou arrastar a um movimento imprudente, atacando os portugueses sobre a eminência em que estavam postados. Melhor sucedida foi uma tentativa da parte dele para induzir estes a abandonarem a vantagem da sua posição. Mandou fazer fogo com uma peça para o lugar, onde na ala esquerda do seu exército estava Roxas perto duma árvore grande, num sítio donde melhor se avistava o campo. Como um desafio pareceram tomar isto os espanhóis, que em vez de aguardarem

as tropas de Porto Calvo, puseram-se imediatamente em movimento pelo outeiro abaixo a investir o inimigo. Os que romperam a ação avançaram, levando tudo adiante de si, temerariamente talvez, mas com uma temeridade que podia dar em vitória. Num momento infeliz os mandou Roxas fazer alto enquanto outro corpo marchava a apoiá-los; passou-se palavra, mas este modo de transmitir ordens causou confusão, tornando-se bem depressa impossível remediar o mal feito.

Apeou-se o general, e tomando um pique, meteu-se entre os lanceiros, que ainda não tinham sido rotos, e procurou sustentar a batalha; mas os portugueses debandaram e não pôde retê-los. Uma bala de mosquete feriu Roxas numa perna; no cavalo que ele teria então montado, fugira covardemente um dos seus oficiais. Tinha a face voltada para o inimigo, quando recebeu nas costas outra bala, que o derribou logo. Dentre a sua própria tropa partira o pelouro. Levantou-se o general, e dizendo que não era nada, pediu um cavalo. Mas ao tentar meter o pé no estribo, exclamou: "É impossível que isto se me fizesse entre fidalgos portugueses", e caindo segunda vez, expirou. Não podia o tiro deixar de ter sido acidental. Fr. Manuel e Henrique Teles de Melo levaram o corpo de Roxas para uma monta, apenas rendido o último suspiro, e cobrindo de folhas secas, voltaram à batalha. Rebelo e Camarão, homens assaz experimentados para terem previsto uma derrota, e em tal caso ainda ganharem fama, fizeram frente aos vencedores, e tomando as melhores posições, salvaram os fugitivos. Na última armada viera o hábito de Cristo e o título de Dom para este leal cacique carijó, e bem merecidas haviam sido tais honras. Contente com a sua vitória, não quis Artiszensky aventurá-la, acossando o inimigo, e voltou a Periqueira.

Morte de Roxas e derrota do seu exército

No segundo dia depois da batalha foi Fr. Manuel com Henrique Teles e uma partida de negros em busca do cadáver de Roxas. Contaram os mortos no campo, apanharam quantos mosquetes por ali jaziam, escondendo-os nas balsas até melhor ocasião, e levaram o corpo numa rede. O frade cavou com os seus escravos uma sepultura perto da própria habitação ao lado da floresta, e ali enterrou o cadáver metido num caixão cheio de terra e barro, não sem ter primeiro tomado uma bolsa, que Roxas trazia numa oculta algibeira do colete debaixo do braço. Estavam nela as duas chaves douradas duma caixinha, em que o finado guardava

a sua patente e instruções, as insígnias da ordem de Santiago e um saquinho de relíquias.

Grande não foi a perda dos portugueses, mas esta ação salvou as conquistas aos holandeses, que tiveram nela quarenta mortos, outros tantos malferidos, e mais uns quarenta cujos ferimentos os não impediam de marchar sem auxílio estranho. Lançaram-se os mortos numa cova, que se cobriu de ramos, e depois atendeu-se aos feridos. Afinal formaram as tropas por batalhões, para de joelhos renderem graças. Artiszensky agradeceu-lhes o modo por que naquele dia se haviam portado, e deram-se três descargas em honra de tão assinalada vitória. Dos prisioneiros souberam os holandeses que Roxas desembarcara com dois mil homens e vinte peças de artilharia, tendo o armamento custado em Portugal oitocentos mil cruzados. Tinham eles orçado em mil e oitocentos homens a força que entrara em ação da parte dos portugueses, mas o sargento-mor também aprisionado asseverou-lhes que não passara de mil e cem, contados duzentos índios neste número. Bagnuolo prendeu o próprio filho, por se haver conduzido mal neste dia, e em ferros o remeteu para a Espanha.

Sucede Bagnuolo no comando

Tinha o tenente-general Andrada avançado uma légua na sua marcha de Porto Calvo, quando lhe chegaram novas do desbarato e morte de Roxas. Aconselharam-no alguns oficiais, que sem perda de tempo se retirasse, abandonando a vila. Com menor desaire o faria já, diziam, do que depois de aparecer o inimigo, sendo agora prudência o que mais tarde havia de ser fuga. Com mais bravura e acerto representavam outros que os fugitivos demandariam a vila, e falhando-lhes este refúgio, que seria deles, chegados de fresco da Europa e sem prática do país? Que ali se acolheriam era certo, se Artiszensky os perseguiria, duvidoso. A esta melhor opinião se inclinou Andrada. Retirou pois sobre Porto Calvo, e enquanto se reparavam e melhoravam as fortificações, apresentou as cartas seladas de sucessão que Roxas lhe havia deixado. Era João Ortiz o nomeado para o comando, morrera porém na Lagoa. Rompeu-se pois o segundo selo e apareceu o nome de Bagnuolo, visto o que quiseram soldados e moradores persuadir Andrada a que assumisse ele próprio o comando, declarando-se alguns até por constrangê-lo a isso. Ao chegar à Lagoa a notícia da nomeação de Bagnuolo, também ali foi mal recebida, sendo Duarte de Albuquer-

que convidado a reunir na sua mão a autoridade militar à civil. Ainda bem que o respeito que as tropas tinham a este, e que as induzia a semelhante aclamação, lhe permitiu também aquietá-las.

Os primeiros atos de Bagnuolo manifestaram essa mesma espécie de irresolução que já o fizera impopular; mandou ordem de evacuar Porto Calvo, e logo depois despachou um mensageiro a revogá-la; depois pensando sobre mais madura reflexão, que posto tão importante não devia ser abandonado, para lá marchou em pessoa. Antes de partir escreveu sobre o estado das coisas um memorial para o novo governador general Pedro da Silva, representando-lhe a ele e a Hozes, que se a armada espanhola ao desaferrar da Bahia seguisse ao correr da costa, poderia provavelmente descarregar um golpe tremendo sobre o inimigo, agora que tinha este divididas as forças.

B. Freire, § 737-14

Avançou Bagnuolo para Porto Calvo, onde reuniu mil e oitocentos homens, e dali pôs-se a talar as terras possuídas pelos holandeses.

Ocupam os portugueses outra vez Porto Calvo

Deplorável era na verdade a condição dos habitantes destas províncias conquistadas. Parece ter sido desejo dos holandeses, como indubitavelmente teria sido a sua verdadeira política, reconciliar os colonos com o jugo que lhes impunham, e favorecer os casamentos mistos. Outro sistema que seguiam era fazer entre o povo prosélitos à religião reformada, mandando para este efeito buscar pregadores, e pondo em giro livros controversistas escritos em língua espanhola. Por toda a parte onde pode fazer-se ouvir, triunfa sempre o protestantismo, e assim tem sido também sempre o maior afã do clero católico evitar que suas ovelhas leiam coisa alguma em que se exponha a monstruosa corrupção do papismo.[7] Queixam-se os portugueses do bem que foram sucedidos estes ministros no seu empenho; não consta porém que fosse grande o resultado colhido, para isso faleceu o tempo. Andavam vigilantes os padres, e se os brasileiros odiavam como hereges os seus conquistadores, mais ainda ficaram odiando a heresia como religião dos seus opressores, pois que, por mais sinceramente que os holandeses desejassem conciliar os seus novos súditos, neutralizava-lhes a intenção um sistema de suspeitosa crueldade, a que, gerando um crime outro crime, se entregam quase invariavelmente conquistadores e tiranos. Nem tantos decretos do governo, nem o rigor todo com que eram estes executados, logravam impedir que muitos

Crueldade dos holandeses

colonos não entretivessem inteligência secreta com os seus conterrâneos, trabalhando sempre por a si próprios se libertarem; e este proceder envolvia no mesmo perigo os que de coração se haviam dado a seus novos senhores.

A primeira medida foi tomar aos moradores todas as armas, sendo impossível confiar neles após tantas provas do ódio justo e inveterado que votavam aos invasores. Ainda isto não pareceu suficiente; resolveu-se metê-los todos dentro de limites onde pudessem ser vigiados de perto, e, ampliando o plano seguido antes da derrota de Roxas, assolar todo o país fora da linha de demarcação, e deixar de permeio entre as próprias conquistas e o território português trinta e duas léguas de deserto. Declarou-se pois aos brasileiros que durante os primeiros quinze dias do mês seguinte lhes era livre ir às matas fazer farinha das plantações que lá tinham, e trazer seus bois, carneiros e cavalos, mas que findo esse prazo receberiam os índios ordem de destruir as roças, queimar as casas, cortar o gado, e matar todo o indivíduo que encontrassem além dos limites agora prescritos. Assim referem os holandeses às coisas, mas os portugueses afirmam que a tirania foi mais longe: a menor suspeita bastava para se incorrer na pena de morte, e os ricos eram certos de serem suspeitos. Não era a morte o mais que este mísero povo tinha de sofrer; recorria-se aos tratos para descobrir onde havia tesouros, e as mulheres se viam expostas aos excessos duma soldadesca brutal e infame. Se os comandantes queriam reprimir estas atrocidades, falecia-lhes o poder, nem em país tão selvagem se deixava sopear o soldado, nem, onde impera a lei marcial, há horror que debaixo da sua sanção se não possa perpetuar impunemente.[8] Aguçavam-se hordas de tapuias e pitaguares contra os portugueses, que até acusam os holandeses de terem entregue crianças a estes canibais que as devorassem; mas por certo é impossível que seja semelhante acusação verdadeira.

J. de Laet, 526

B. Freire, § 711-23. *Cast. Lus.* **3, § 119**

Não foi a morte de Roxas uma desgraça para o seu exército. Em campos regulares e países cultos não era onde se aprendia a fazer a guerra do Brasil. Já três capitanias se tinham perdido enquanto os velhos generais aprendiam experiência, e ainda bem que não foi preciso repassar as mesmas lições. Havia agora munições, cuja falta se sentia antes da chegada destes reforços. Matias de

Valeroso Lucideno, **P. 26**

Albuquerque ter-se-ia visto sem poder a não ter sido a generosa previdência de Lourenço Guterres, que servia de meirinho da correição em Pernambuco. O tempo poderia ter salvado toda a sua fazenda móvel, empregou-o este verdadeiro servidor do seu país, em transportar onze barris de pólvora com o auxílio dos seus negros, escondendo-os em lugar seguro para ao tempo do maior apuro entregá-los ao seu general. Não faltavam agora materiais de guerra, e também tinham isto os portugueses a seu favor, que lhes chegava agora a vez de tomar a ofensiva, sendo em tal país mais fácil a agressão do que a defesa. Impacientes de colher o produto de suas conquistas andavam os holandeses, que só por amor do açúcar e do tabaco haviam invadido o Brasil; mas apenas senhores das plantações de Pernambuco começaram a sentir os mesmos males que tinham causado a seus antigos donos. Partidas de portugueses com seus índios e negros talavam os campos em todos os sentidos; rompiam dos bosques, punham fogo aos canaviais, queimavam os celeiros, salteavam as moradas do inimigo, e retiravam-se tão rápidos como haviam avançado, por sarças e brejos, aonde os holandeses se não aventuravam a segui-los. Souto, Camarão, e Henrique Dias, o negro, foram os que mais se assinalaram nestas correrias assoladoras. De Souto se faz especial menção, como de quem indiscriminadamente saqueava amigo e inimigo, e tão traiçoeiro fora o serviço, que em Porto Calvo prestara ao seu país, que não há vilania que dele se não devesse esperar. Extenuados com o que nesta guerra de depredação sofriam, nem podendo suportar a suspeitosa crueldade dos holandeses, resolveram os pernambucanos emigrar, e quatro mil pessoas se puseram debaixo da escolta de Camarão. Com segurança conduziu este hábil cacique, que com as suas tropas indígenas já por duas vezes repelira Artiszensky e uma força superior de holandeses, os emigrantes através de setenta léguas de país inimigo. Muitas famílias, não chegando a tempo para acompanhá-lo, tentaram segui-lo. Depressa exauriram estes desgraçados as poucas provisões que consigo puderam levar. Mal soube da sua chegada mandou-lhes Bagnuolo alguns soldados ao encontro com mantimentos, mas antes que estes socorros lhe chegassem, já quase quatrocentos portugueses se contavam deixados mortos pelo caminho, e muito maior ainda do que a conta foi a perda.

Segunda emigração de Pernambuco

Chega o Conde de Nassau

Os repetidos danos sofridos convenceram os holandeses de que impossível lhes era tirar proveito dos engenhos de açúcar sem serem inteiramente senhores do país, pelo que escreveram para a Holanda pedindo grandes reforços e um general de maior autoridade. Por algum tempo voltara a corrente dos acontecimentos a favor dos portugueses; o inimigo abandonara a sua posição em Periqueira e Bagnuolo, transferindo da Lagoa para Porto Calvo a sua artilharia, aqui se fortificou. As mescladas tropas da Companhia holandesa, tão prontas a receber soldo duma nação como doutra, freqüentemente para ele desertavam; delas e dos prisioneiros soube que no Recife se esperavam reforços formidáveis. Pouco lhe aproveitava o conhecimento dum perigo, contra o qual nenhum meio tinha de precaver-se. Duas caravelas enviadas com provisões demandaram por isso à Bahia, donde com muita dificuldade foi levada a carga por terra para Porto Calvo. Enquanto este mesquinho e insuficiente socorro era tudo quanto recebia o general dos portugueses, trabalhava ativa a Companhia das Índias Ocidentais por segurar as suas conquistas. As despesas dela, desde a sua organização até ao presente, subiam a quarenta e cinco milhões de florins. Neste lapso de tempo tomara ela ao inimigo quinhentos e quarenta e sete navios, indo mais de trinta milhões de florins, produto destas presas, para o cofre público; causara aos espanhóis um prejuízo de cerca de duzentos milhões, e importara da África mercadorias, no valor de quatorze milhões e seiscentos mil florins. Agora resolveu ela mandar um general com poderes ilimitados, e forças suficientes para completar e segurar as conquistas no Brasil. Foi João Mauritz, conde de Nassau, o designado para este importante comando, homem digno de ter sido o fundador do mais duradouro império. Vinte e dois navios se lhe prometeram, número que foi depois reduzido a doze, com 2.700 homens; e estes mesmos tão vagarosamente se equipavam, que ele por mais avisado houve ir indo adiante com suas quatro velas. Em janeiro de 1637, um ano depois do desbarato e morte de Roxas, aportou Nassau no Recife.[9]

Barléu, P. 26, 30

Medidas de Nassau

Um só momento não perdeu Nassau à sua chegada. Era que em verdade não havia tempo que perder; tanta audácia havia a fortuna inspirado às partidas dos portugueses, que nem a estrada entre Olinda e o Recife era já segura, e ou se havia de pôr

pronto cobro a estas devastações, ou os estabelecimentos de fabrico de açúcar, cujos dízimos eram tão importantes, que por 280.000 florins se arrematavam, tinham de cessar. Distribuiu 2.600 homens pelas diferentes guarnições, formou um exército de quase 3.000 e pôs de parte 600 para a guerra de depredações. Depois olhou pelo estado dos seus depósitos. As assoladoras correrias de Camarão e Souto durante todo o ano anterior haviam produzido a escassez, e mal era possível abastecer as guarnições e achar provisões às tropas para uma expedição de dois meses. Tudo suportaram os holandeses com paciência, exceto rações curtas[10], acostumados como andam a trazer sempre repleto o estômago; prorrompiam em alaridos os soldados e toda a autoridade e belas promessas dos oficiais eram poucas para apaziguá-los. Proclamou-se que todo o mundo poderia trazer ao campo holandês comestíveis à venda; isto porém se fazia, não fosse o inimigo saber do apuro que reinava e também para iludir as tropas com a esperança de suprimentos. Ao inspecionarem-se as munições descobriu-se falta de mechas, culpa dos que na Holanda haviam disposto as coisas, mas na casca duma planta parasita sem folhas se achou um substituto, que se tinha a vantagem de ser inextinguível, também se consumia mais depressa. Preparado tudo, mandou Nassau fazer preces públicas, pôs-se em marcha em busca do inimigo, indo adiante por água as tropas bisonhas, que ele julgou prudente poupar quanto possível.[11]

Barléu, 33-4

Marcha Nassau contra Porto Calvo

À notícia da chegada deste exército mostrou Bagnuolo a costumada indecisão: proibiu que ninguém removesse família nem cabedal e logo depois mandou ele mesmo tudo quanto era seu para as Alagoas com uma escolta de italianos Reuniu-se um conselho de guerra; Duarte de Albuquerque e Andrada insistiram na necessidade de ocupar os passos e picar os holandeses na sua marcha, mas como se o general só lhes houvesse pedido conselho pelo prazer de rejeitá-lo, até as tropas postadas no rio Una, que Nassau tinha de atravessar, e onde se lhe podia opor vantajosa resistência, foram recolhidas, principiando-se a levantar dois redutos, que, diz Brito Freire, só aproveitaram ao inimigo. Num deles, apesar de nunca se concluir, assentaram-se três peças.

Bagnuolo abandona Porto Calvo

Desembarcando com o seu destacamento na Barra Grande, fez Artiszensky sem oposição a sua junção com Nassau sobre o Una, e avançaram ambos até duas léguas do Porto Cal-

vo sem que do seu movimento tivessem os portugueses a menor notícia. À sua vista Bagnuolo, que os deixara reunirem-se e não molestados efetuarem a sua marcha, deu ordem de acometê-los. Seguiu-se uma valente porém desordenada surtida; Camarão distinguiu-se como sempre, e sua mulher, agora conhecida pelo cristão e nobre nome de D. Clara, a cavalo lhe pelejou ao lado. À testa dos negros ostentou Henrique Dias a costumada bravura. Uma bala o feriu no punho esquerdo, e, julgando-a envenenada,[12] mandou amputar a mão, dizendo que uma lhe bastava para servir ao seu Deus e ao seu rei; para se vingar cada dedo lhe teria lugar de mão, e antes queria morrer duma vez do que consumir muito tempo na cura. A perda dos portugueses, que pela quantidade não foi grande, foi terrível pela qualidade, que os poucos que caíram eram valentes e sabiam cumprir o seu dever, assinalando-se entre eles Cosme Viana, o último de cinco irmãos todos mortos nesta guerra. Durante a ação postou-se Bagnuolo num reduto, a observar-lhe o resultado, para segundo ele tomar suas medidas. Plano tão mal traçado, só por misérias podia acabar, e tendo visto o que devera haver previsto, mandou a Alonso Ximenes que escoltasse os moradores para as Alagoas, partindo ele mesmo de noite acompanhado de Duarte de Albuquerque e Andrada, de cuja presença esperava proteção contra a sua própria gente, de quem se arreceava. Enquanto não fechava de todo a noite assentou Nassau o seu campo num vale debaixo do forte, donde desperdiçavam os portugueses as suas munições fazendo-lhe fogo por cima da cabeça. Ao raiar a aurora mandou Miguel Giberton, tenente-governador de Porto Calvo, saber as ordens de Bagnuolo: nenhuma deixara, nenhuma notícia dos seus próprios desígnios e movimentos, nem o mensageiro achou senão abandonados redutos. À guarnição só restava acolher-se ao forte; incendiou pois as casas e armazéns e encravou as peças nas muralhas, mas o que se faz a medo, é sempre malfeito, e antes da noite já estas mesmas peças jogavam contra a fortaleza.

Valeroso Lucideno, **P. 166. B. Freire, § 708-69**

Pairava ainda a armada holandesa fora da barra do rio das Pedras, que passando por Porto Calvo cabe no mar cinco léguas mais abaixo. Manuel de França ali fora postado a guardar o rio com cento e oitenta homens, para que não entrassem as chalupas do inimigo. Quando viu que sem reforço o não conseguiria, mandou recado a Bagnuolo, mas tendo em vão por dois dias esperado socorros

Rende-se Porto Calvo

dum general fugido, teve de abandonar o posto, começando então a vir sem interrupção artilharia e provisões da armada para o acampamento. Quatro baterias se plantaram guarnecidas de dezessete peças. Poucos como eram e desanimados com o abandono de Bagnuolo, faziam os sitiados de noite vigorosas surtidas, e de dia serviam bem a sua artilharia. Após um cerco de quinze dias[13] estando já mui arruinado o forte, intimou Nassau o comandante que se rendesse, escrevendo-lhe uma carta tão honrosa para os nobres sentimentos que a haviam ditado, como para o valor e caráter daquele a quem se dirigia. Giberton pediu vinte e cinco dias para poder receber instruções de Bagnuolo: uma resposta curta e seca concedeu-lhe apenas vinte e quatro horas. De fato já não era sustentável a praça.[14] Com condições honrosas capitularam os portugueses: haviam de sair com suas armas, bandeiras e uma peça de artilharia; os soldados com suas mochilas, os oficiais com suas bagagens; também se lhes devia proporcionar passagem para as Índias, trocando-se os prisioneiros de parte a parte. Concluído isto, entrou Nassau na fortaleza, onde assentou Giberton e os demais oficiais à sua própria mesa, tratando (no dizer de Brito Freire, o melhor e mais imparcial historiador desta guerra) os vencidos a todos os respeitos como a si próprio se quereria ver tratado se tivesse sido sua a sorte de cair prisioneiro. Karel Nassau, sobrinho do conde,[15] e homem de merecimento real e grandes esperanças, fora morto durante o assédio. Cerca dum mês antes de investida a praça tinham os ossos de Roxas sido desenterrados pelo seu sobrinho, e depositados com honras militares na igreja, pendurado na parede ao lado um escudo com as armas do falecido. Este escudo arrancaram-no os soldados holandeses e apresentaram-no ao seu general, que o mandou para o Recife, onde fosse colocado no seu próprio palácio em memória honrosa dum soldado valente.

Abandona Bagnuolo as Alagoas

Além dos índios restava ainda a Bagnuolo uma força de mil e duzentos homens. De fácil defesa e bem situada para ser socorrida da Bahia e da Europa era a vila de *Madanela*[16] nas Alagoas, mas perdida tinha o general toda a confiança nos seus soldados, que pela sua parte com melhor fundamento nenhuma punham nele.[17] Quase que nem aguardando que o perseguissem, abandonou esta posição, retirando-se para a vila de S. Francisco a oito léguas da foz do grande rio do mesmo nome, a cuja margem estava assentada.[18]

Aqui tinha também abertas as comunicações por água; entre ele e os perseguidores ficava o rio Piagui, que não sendo vadeável oferecia o melhor posto do mundo para formidável resistência. Apenas porém lhe constou que o vinham os holandeses perseguindo, renovou Bagnuolo a fuga, e atravessando o S. Francisco foi retirando sempre, até chegar à cidade de Sergipe.

B. Freire, § 775-8

Entretanto mal deixara Porto Calvo seguro pôs-se Nassau com rapidez tal no encalço do exército fugitivo, que qualquer general menos ativo que Bagnuolo em retirar teria sido alcançado. Atravessou o Piagui em jangadas ali mesmo feitas de ramos ligadas com cipós; lá lhe ficaram afogados alguns soldados poucos, servindo o perigo da passagem que deveria ter sido absolutamente impraticável à face dum inimigo, para mostrar a importância do posto que se abandonara. Tão de perto perseguia ele Bagnuolo, que as suas guardas avançadas ainda chegaram a S. Francisco em tempo de apresar as bagagens dos que fugiam adiante; mas alcançado este rio desistiu Nassau da caça, tendo por melhor segurar o que já ganhara do que continuar a correr atrás de quem tão veloz fugia.

O rio S. Francisco

Na sua foz mede o rio S. Francisco cerca de oito milhas de largura; suas águas turvas mancham o oceano por espaço de quatro ou cinco, sentindo-se-lhe ainda a esta distância a força da corrente. A barra é má, nem a podem entrar navios de mais de cinqüenta toneladas, sendo o canal de sudoeste o mais fundo. Embarcações miúdas a sobem por vinte léguas até as primeiras cachoeiras, acima das quais ainda podem navegar umas oitenta ou noventa léguas até ao chamado Sumidouro, onde o rio sai dum canal subterrâneo[19], pelo qual corre dez ou doze léguas.[20] De outubro a janeiro, crescendo as águas, alagam todas as numerosas ilhas do rio, que por serem assim inundadas, só juncos produzem, de que os índios se servem para as suas flechas. Fertilíssimas as margens, e riquíssimas de peixe as águas, sem cessar se disputavam os índios com as armas durante os primeiros séculos depois de descoberta a posse desta parte do país. Grandes esforços se haviam feito para alcançar as nascentes do rio, que se dizia sair do famoso Lago[21] a cujas bordas estava assentada a fabulosa cidade de Manoa, onde os moradores se adornavam de ouro. De todas as capitanias se haviam empreendido jornadas de descoberta para estas cabeceiras; o próprio go-

verno da metrópole por isto se interessou, e Duarte Coelho de Albuquerque duas vezes foi a Portugal para ajustar os termos da descoberta e conquista, a que todavia jamais deu princípio, por lhe recusar a corte as honras que requeria. Por ordem do Governador Luís de Brito de Almeida se cometeu a empresa. Mas tudo foi baldado, e quem chegou mais longe, foi João Coelho de Sousa, que penetrou até cem léguas acima do Sumidouro.[22]

Colocada num ponto onde a corrente muito se contraía entre as suas margens a vila de S. Francisco, ou, como às vezes a chamavam, o Penedo,[23] dominava o rio. Contava Bagnuolo que o lugar se agüentasse por algum tempo, mas não era o exemplo que o general dera para infundir brios nos habitantes, e de feito nenhuma resistência se opôs. Não escapou a importância da situação a Nassau, que ali erigiu um forte, chamando-o Maurício do seu próprio nome. Cruzou o rio, e mandou que todos os moradores da banda de além se passassem com suas famílias à Ribeira do Norte, para que fossem voluntários ou constrangidos dar auxílio aos portugueses, e pudesse ele assolar esta fronteira do seu próprio território. As tribos que moravam sobre este rio falavam uma linguagem que ninguém do exército de Nassau compreendia, mas este com gestos e presentes lhes deu a entender o que queria convidando-os a oporem-se aos portugueses que tentassem reentrar na perdida província. Tomadas estas sábias medidas subiu o próprio conde cinqüenta léguas pelo rio acima a explorar o país; as viçosas savanas que a corrente banha, e os muitos rebanhos, alguns de mil e quinhentos, outros de muitas mil cabeças, que nelas andavam pastando, o encheram de admiração pela riqueza da terra. Assaz ressumbra isto duma carta que ele dirigiu ao seu parente o príncipe d'Orange, pedindo-lhe que instasse com a Companhia para que remetesse a este delicioso país quantos colonos alemães pudesse achar, e se estes não fosse possível havê-los, que se despejassem as cadeias e as galés, transportando os criminosos para aqui, onde com útil e virtuoso trabalho se purgassem de seus delitos.[24] Pedia mais soldados, achando-se enfraquecido o exército com piquetes destacados, guarnições deixadas, e pela morte. De armas também carecia, mechas, tambores e trombetas, legumes e conservas; víveres frescos não faltavam, mas não eram dos que serviam para prover uma frota. Bandeiras igualmente lhe

haviam de remeter e faixas cor de laranja para os soldados, a fim de distingui-los e atentá-los: se fossem desatendidos estes pedidos, tudo perigaria, dizia ele, pois só o respeito que lhe tributavam, mantinha em ordem as tropas. Bem foi a Portugal que rasteiros ciúmes e baixas considerações neutralizassem a influência deste grande homem; que, se lhe tivessem seguido os planos, seria hoje o Brasil uma colônia holandesa.[25] Só a falta das necessárias provisões lhe tolheu que tirando vantagem do terror do inimigo e da confiança das suas próprias tropas, marchasse direito sobre a Bahia.

B. Freire, § 780

Barléu, 44

1637 Reforma no Recife

Com não menos zelo do que talento regulavam entretanto os oficiais civis no Recife os negócios internos da conquista. Todas as pessoas estabelecidas nesta cidade e na de Olinda para fins comerciais foram arregimentadas por companhias, cada uma das quais tinha seus oficiais e bandeira, assegurados assim os serviços daqueles cuja lealdade era suspeita. As leis da Holanda relativas ao matrimônio foram coercitivamente postas em execução, quando se tornou necessário um freio. Conciliaram-se os judeus, permitindo-se-lhe a guarda do seu sábado, e os cristãos tiveram ordem de santificar o sétimo dia desde tanto profanado; tomaram-se medidas para conversão dos aliados indígenas, abriram-se escolas para os seus filhos; e fizeram-se catecismos para eles. Querendo-se reedificar Olinda, permitiram-se ali todas as construções, proibindo-se a tirada de materiais das ruínas para outras partes. Mandaram-se dois deputados ao sertão[26] à cata de minas, acompanhados de guias portugueses e naturais: efetivamente apareceu prata, mas a veia, que à primeira vista se figurava rica, enganou as esperanças que fizera conceber. Dizia-se que os Albuquerques tinham extraído muito ouro de certas minas em Pernambuco, e para achá-las se fizeram pesquisas, porém baldadas. Igualmente em vão se procuraram as minas de Copaoba.[27] O historiador holandês é de parecer que os portugueses com falsas informações iludiam os conquistadores, aliás não teriam as minas escapado a buscas tão pertinazes. As minas contudo existiam, mas os que lhes sabiam do segredo guardavam-no para melhores dias.

Barléu, 46-47

Começara agora a estação chuvosa e Nassau, deixando Schuppe com 1.600 homens no seu novo forte, volveu ao Recife. Bem necessária era

a sua presença aqui, onde de toda a sua autoridade e popularidade se carecia para sofrear um bando de conquistadores, entre os quais era a licença já hábito inveterado. O seu próprio historiador confessa que os peculatos, impiedades, roubos, assassínios, e luxúria infrene desta gente a tornara infame; passava em rifão que nada era pecado daquele lado da ilha, e na verdade era como se o ditado fosse artigo de fé, tão habituais e atrozes os crimes. Uma rígida justiça depressa conteve estes miseráveis. Nassau, diz Barlaeus, fez mais homens de bem do que veio achar, e todos faziam agora o seu dever, quer porque lhes volvesse a boa vontade, quer porque lhes fizessem sentir a necessidade disso. Até agora nenhuma regularidade se observara na distribuição dos gêneros, improvidência de que eram os desperdícios a natural conseqüência; com risco iminente de provocar uma sedição, pôs Nassau cobro a este abuso, fixando a ração que a cada soldado havia de dar-se. Também a receita pública passou por salutares reformas, e dos dízimos do açúcar e farinha, das pescarias, barcas de passagem, etc., se apurava considerável soma. Grandes fraudes se haviam cometido sob a capa da confusão em que andavam os pesos e medidas, o que porém de pronto se proveu de remédio, reduzindo todos ao padrão d'Amsterdã.

Sábias medidas de Nassau

Após isto cuidou Nassau em reparar quanto possível os estragos da guerra, para o que muito concorreu a confiança posta nos seus talentos e probabilidade de que o seu nascimento e influência lhe tornariam permanente a autoridade. Venderam-se como propriedade pública os engenhos de açúcar abandonados, e pela soma enorme que produziram em tempos de tão pouca segurança, se pode julgar do seu número e importância. Deram de vinte a cem mil florins cada um, recebendo a Companhia das Índias Ocidentais ao todo dois milhões. Procurou-se induzir os portugueses a voltarem às suas terras, estabelecendo-se debaixo do domínio holandês; cada colono era olhado por Nassau como amigo, pois que contribuía para aumentar a produção de que careciam os conquistadores, e era interessada na defesa dos seus campos; cada fugitivo pelo contrário lhe era um inimigo, e da mais formidável espécie, pois que a necessidade obrigava a saquear, e o conhecimento do país lhe permitia fazer com vantagem. Foram estes os termos oferecidos aos portugueses: inteira e plena liberdade de consciência; conservação das suas igrejas à custa do Estado; não haviam

porém de receber visitador da Bahia, nem se admitiriam novos frades enquanto houvesse bastante para celebração das cerimônias da religião. Ficariam sujeitos às leis holandesas, pagando os mesmos impostos que os outros súditos do Estado, e o Conselho Supremo marcaria dois dias para dispensar-lhes justiça. Tornariam a entrar no gozo dos seus bens, e quaisquer escravos que lhes fugissem depois de prestado pelo senhor o juramento de fidelidade, lhes seriam restituídos; observava-se porém que entregar os que antecipadamente haviam fugido para os holandeses e os tinham servido, seria vil e abominável, nem se devia pensar em tal. Permitir-se-lhes-ia trazer espada para defesa própria contra os negros dos Palmares. Estas concessões e a generosidade com que Nassau tratara os prisioneiros, diminuíram a aversão que os portugueses votavam aos seus conquistadores. Também para com os indígenas adotou ele um sistema de beneficência, bem que não faltassem homens poderosos, que com toda a secura nacional do caráter holandês quereriam ver tratar como brutos estes desgraçados, impondo-lhes jugo ainda mais cruel do que o dos antigos déspotas nos piores dias de sua tirania.

Deliberação sobre a sede do governo

Ventilava-se por este tempo a questão de saber se removeria para a ilha de Itamaracá a sede do Governo. Reunia este lugar as duas grandes vantagens de madeira e água: a isto respondia-se que com o trabalho dos escravos se obtinha madeira, posto que mais cara, e água do Beberibe, a meia hora de distância, bastando em caso de necessidade, para o consumo indispensável, a que davam as fontes. Uma e outra posição eram igualmente salubres; o Recife tinha um bom porto, o que não sucedia na ilha, e além disso era já edificado e povoado, enquanto que no outro local tudo estava por fazer. Prevaleceram considerações apresentadas por Nassau e pelo Conselho a favor da atual residência. À vantagem capital de Itamaracá, a de ser uma ilha, parece não se ter atendido: eram então os holandeses por demais poderosos para que houvessem de temer um cerco.

Neiuhoff, P. 20
Barléu, 52

A capitania de Sergipe

Entretanto chegara Bagnuolo a Sergipe d'el-Rei, cidade primeiramente chamada de São Cristóvão[28] e depois assim do nome do rio que ao pé lhe corria. Sita a quatro léguas do mar continha cerca de cem casas, com quatrocentos currais para o gado, uma igreja matriz, uma misericórdia e dois conventos. Só às embarcações pequenas dava entrada

a barra. A capitania, de que era esta a capital, estendia-se quarenta e cinco léguas, separando-a da Bahia que lhe demorava ao sul o rio Tapicuru, e de Pernambuco ao norte o São Francisco. Havia sido doada a Cristóvão de Barros, em galardão dos seus serviços na redução dos selvagens. Oito engenhos havia dentro do seu distrito, onde eram da melhor qualidade o tabaco e sem número os rebanhos.

Daqui mandou Bagnuolo aviso à Espanha; também escreveu para São Salvador ao governador Pedro da Silva, oferecendo-se a ir com as suas tropas em socorro daquela cidade, certo de que Nassau, com a confiança do triunfo e da força passaria a investi-la. Desdenhosa foi a resposta, que melhor seria ficar onde estava, do que acarretar sobre a Bahia a má sina de Pernambuco. Após isto nenhuma alternativa lhe restava, e estabelecendo o seu quartel-general em Sergipe, dali renovou esse sistema de guerra de depredação com que tão bem se havia dado. No forte Maurício tratavam os holandeses de tirar desta capitania o gado, na vã esperança de cortar os suprimentos à Bahia, e sem cessar se sucediam as refregas. Entretanto cruzava Souto três vezes o São Francisco em jangadas, o que os holandeses haviam reputado impossível, largo como é aquele rio, e caindo sobre eles quando menos o pensavam, outras tantas vezes levava a destruição e a ruína até quase às portas do próprio Recife. Vexado por tais incursões, e vendo que o São Francisco lhe não era fronteira segura, fez Nassau, a quem três meses de febre impediam de ir em pessoa, marchar Pjsselingh, membro do Grão-Conselho, com dois mil homens, a fazer junção com Schuppe, e ambos expelirem de Sergipe o inimigo.

Apela Souto às províncias conquistadas

B. Freire § 787-91

Sabia Bagnuolo que novas forças tinham chegado ao forte Maurício, mas importava-lhe também saber o seu número. Com três camaradas passou Souto o rio a nado, entrou numa casa, e em apoderando-se de um oficial holandês, trouxe-o para o acampamento. Reuniu-se então um conselho. Alguns espíritos mais bravos foram de opinião que mais se carecia de reputação com que resistir ao inimigo, do que de gente, e que convinha fazer frente; aliás que fazer, se abandonavam Sergipe, e a Bahia os não queria receber? A isto retrucou-se que a Bahia agora aceitaria gostosa os socorros que antes rejeitara desdenhosa, porquanto não se podia arrancar das espadas em Sergipe, sem que de São Salvador se lhes visse o fuzilar. De-

Bagnuolo abandona Sergipe

mais era ali o verdadeiro lugar de provar brios, que guardando a cabeça do Estado se defendia o todo. A estes argumentos se rendeu Bagnuolo, e mandando uma partida a assolar a fogo o país que deixava atrás, de novo se pôs em retirada com os míseros emigrados das conquistadas províncias. Mais uma vez tiveram estes desgraçados de passar pelos horrores de uma fuga. Os pitaguares como mastins os foram acossando por todo o caminho; e os tristes que rendidos de fadiga ou por qualquer acidente ficavam atrás, eram sem dó despedaçados por estes selvagens. Outros mais felizes caíam nas mãos dos holandeses; muitos pereceram nas matas mordidos das cobras.[29] Exaustos de sofrimentos muitos houve que resolveram submeter-se ao inimigo, de quem obtiveram passaportes para regressar às abandonadas habitações. Os próprios chefes a quem se comunicava esta resolução, a animavam; melhor era, diziam, este alvitre para o serviço do rei; lá a todo o tempo estariam prontos a ajudar os seus conterrâneos aberta ou secretamente, valendo mais que fossem para onde poderiam coadjuvar os soldados, do que seguir o exército e carecer do auxílio deles. Ainda assim não pôde o maior número dos pernambucanos sofrer a idéia da submissão, e desesperadamente foram por diante, sem saberem onde nem quando teria fim a fuga. Na Torre de Garcia d'Ávila achou Bagnuolo um mensageiro com ordem do governador-general para fazer alto ali, até que se resolvesse onde se aquartelarem as tropas. Respondeu que depressa iria a consultar com ele a este respeito. Saiu-lhe porém Pedro da Silva ao encontro, recebendo-o com honras que deviam fazê-lo esquecer o duro da primeira mensagem. Discutiu-se a questão; queriam uns que as tropas fossem imediatamente postadas em Vila Velha, a meia légua da cidade, que se levantassem fortificações e se pusesse tudo em estado de defesa. Era esta a opinião de Bagnuolo e dos seus oficiais. Outros, que não podiam crer que tivesse Nassau forças com que pensar em semelhante empresa, entendiam que os soldados só serviriam de estorvo, e que com repararem-se as fortificações nada mais era preciso. Prevaleceu este parecer. Entretanto entravam Schuppe e Pjsselingh em Sergipe, queimavam casas e engenhos, destruíam todas as árvores frutíferas e plantações, e feito isto voltavam ao forte Maurício. Assim em lugar de tomarem debaixo da sua proteção os abandonados moradores, procurando conciliá-los com bom tratamento, enxota-

B. Freire, § 792, 802
Retira-se Bagnuolo para a Bahia

ram-nos para a Bahia, aumentando as forças da capital com um bando de homens que o desespero e a memória de sofridas injustiças tornavam formidáveis. Em toda esta campanha fez-se na capitania de Sergipe horrendo estrago entre o gado. Diz-se que Bagnuolo afugentara oito mil cabeças e matara cinco, para não deixá-las ao inimigo, e que os holandeses destruíram três, afora o grande número, que, atravessando o rio, levaram para as suas próprias províncias.

B. Freire, § 802-9 Barléu, 63 Nieuhoff, 7

NOTAS DO CAPÍTULO XVI

1. Os mais graves cronistas como Brito Freire e Fr. José de S. Teresa, não falam nesses crimes atrozes atribuídos a Calabar pelo *Valeroso Lucideno* e seu compilador o *Castrioto Lusitano.* (F.P.)
2. Julgamos conveniente prevenir o leitor contra esta historieta contada pelo próprio confessor, Fr. Manuel de Salvador, que sob o pseudônimo de Fr. Manuel Calado foi o autor do citado *Valeroso Lucideno.* (F.P.)
3. Diz-se de Calabar que eram tais a sua força muscular e agilidade, que tomando pelas pontas um touro, o derribava e subjugava. J. de Laet, 478.
4. Há equivocação do autor quanto ao lugar da prisão de D. Fradique, que foi encerrado em uma torre e não na cadeia. (F.P.)
5. Como já fizemos ver, nada tinha de repreensível a conduta de Matias de Albuquerque. (F.P.)
6. Aliás Alagoas.
7. Nada há de mais inexato do que esta proposição de Southey. (F.P.)
8. Rafael de Jesus particulariza algumas crueldades dos holandeses. Parece que estes andaram na escola de Alva, e horríveis como são essas particularidades, o que em Amboiana se fez não as torna incríveis. Expressamente acusa este escritor os comandantes.
9. Durante a viagem lançou-lhe o mar uma bagem a bordo na altura de Dunkirk, e algumas perdizes lhe pousaram nos mastros vindas da costa da Inglaterra. Refere Barlaeus estas coisas como agouros de que a terra e o mar obedeceriam... a Nassau.
10. *Nec enim, sueti ad satietatem nutriri nostrates, inediam ferunt, quan aliunde e confragosa et paupere terra veniens miles facile tolerat.* São palavras de Barlaeus.
11. Barlaeus dá-lhe uma força de 300 infantes, 800 homens da armada, 600 brasileiros, e um corpo de cavalaria. Brito Freire eleva-a a 6.000, Rafael de Jesus a 5.000 holandeses e inumeráveis índios. Este escritor, metendo Barlaeus à bulha por exagerar o

número dos portugueses, diz dele: *Escreveu e pintou... e pintou em tudo o que escreveu*. L. 3, § 127.

12. Por que se dizia que os holandeses atiravam com balas ervadas com toucinho, e que aos feridos logo lhes davam herpes.
13. Os Srs. Varnhagen e Netscher afirmam que fora o cerco de treze dias. (F.P.)
14. *Arcem Povacaonam* a chama Barlaeus, parecendo ter tomado a palavra *povoação* pelo nome do lugar.
15. Diz Netscher que Carlos de Nassau era primo de Maurício. (F.P.)
16. É esta uma expressão vulgar, usada nas províncias do Norte, que corresponde à palavra *Madalena*. (F.P.)
17. Como do costume, é neste lugar injusto Southey para com o Conde de Bagnuolo. (F.P.)
18. O autor equivocou-se. Não se chamava vila de São Francisco, e sim do Penedo, nem se acha situada a oito léguas da foz do grande rio, mas a sete, em um terreno elevado e pedregoso, de onde se deriva o seu nome. (F.P.)
19. A natureza deste canal explica-se provavelmente pelo que os viajantes americanos da última expedição dos capitães Lewis e Clarke nos contam do *Raft* (jangada) do rio Vermelho; e dizem eles, uma coberta natural, que esconde todo o rio em uma extensão de dezessete léguas e que continuamente aumenta com a lenha de aluvião que toda a cheia traz consigo. Esta coberta, que por muito tempo não passou de paus trazidos pela própria corrente, sustenta agora uma vegetação de tudo quanto abunda nas vizinhas florestas, sem excetuar árvores de considerável vulto, podendo-se passar e repassar o rio, sem sequer se dar pela sua existência. *Philipp's Coll. of Contemporary Voyages*. Vol. 6, pág. 107.
20. Diz o Sr. General P. d'A. Bellegarde que o rio São Francisco seria navegável por mais de 4 léguas se fosse destruída ou torneada a famosa cachoeira de Paulo Afonso. (F.P.)
21. Também Nieuhoff (pág. 7) conta que grande porção de ouro em pó se encontrava no lago de onde se dizia nascer este rio, e que havia ali excelente salitre.
22. "Como relata em seu diário", diz o autor das *Noticias*, mas também este diário jamais se imprimiu, nem provavelmente existe já.
23. De onde Barlaeus fabricou a palavra latina *Openeda*!
24. Triste e pernicioso sistema de colonização, de que tantos males têm resultado. (F.P.)
25. Ter-se-ia, pelo contrário, acelerada a nossa independência. (F.P.)
26. *Missi in Conhaovenses* são as palavras de Barlaeus.
27. *Fodinae Copaovaenses*.
28. A cidade de São Cristóvão que deve seu nome a Cristóvão de Barra, governador interino da Bahia, em cujo tempo começou a conquista e civilização da antiga capitania, nunca trocou o seu nome pelo de Sergipe: deixou, porém, modernamente de ser a capital da província, que agora é Aracaju. (F.P.)

29. Enquanto a partida fazia alto foi uma mulher lavar roupa em um regato, e depôs o filho em uma moita; logo depois ouvindo-o gritar, voltou-se e viu uma onça a devorá-lo. Perdidos a esta vista os sentidos, caiu na água com o rosto para baixo, afogando-se em um arroio, que mal lhe dava pelo tornozelo. B. Freire.

. . . .

Capítulo XVII

SÃO JORGE DA MINA ACOMETIDO E TOMADO PELOS HOLANDESES – TOMADA DO CEARÁ – PÕE NASSAU DEBALDE CERCO A SÃO SALVADOR – DECLARAM OS HOLANDESES LIVRE O COMÉRCIO DO BRASIL – ESTADO DAS SUAS CAPITANIAS – EDIFICA-SE NOVA CIDADE PERTO DO RECIFE – CHEGA O CONDE DA TORRE; PERDE GRANDE PARTE DA SUA GENTE POR MOLÉSTIA, E APÓS QUATRO AÇÕES INDECISAS, CORRE COM O TEMPORAL – RETIRADA DE VIDAL E BARBALHO – O MARQUÊS DE MONTE ALVÃO VICE-REI – REVOLUÇÃO EM PORTUGAL DEPOSIÇÃO DO VICE-REI

1637
Ataque contra S. Jorge da Mina

ENQUANTO isto se passava no Brasil assentou Nassau no império português o golpe mais pesado que este havia sofrido desde a perda de Ormuz. Nicolaas van Yperen, que comandava o forte holandês de Mouree na Costa do Ouro, lhe mandara aviso como seria fácil tomar São Jorge da Mina, com cujos oficiais tinha ele, Yperen suas relações, sobre haver já tomado o pulso à guarnição. Em 1625 tinham os holandeses sofrido severa e vergonhosa derrota diante daquele estabelecimento, o mais importante da costa. Mil e duzentos homens haviam desembarcado em Comando às ordens do vice-almirante Joan Dircksz Lam. Um corpo de

Barléu, 51.
Dapper, P. 281.
Barbot em
Churchill, 165

negros os assaltou enquanto desprevenidos e sufocados de calor; surpreendidos e tolhidos de terror, nenhuma resistência opuseram os holandeses, mas atiraram-se ao mar, onde quem não sabia nadar pereceu. Foram mortos quase quinhentos, sendo as cabeças levadas como troféus aos portugueses.

A lembrança deste caso tornara mais cautelosos os holandeses, e porventura menos vigilantes os portugueses. Durante a estação chuvosa, em que pela maior parte se interrompiam no Brasil as hostilidades, embarcou Nassau 800 soldados em nove navios cujo comando deu a Joan Koin, um dos do Conselho Supremo. Atravessou este para a África com próspera viagem, avistou-se com Van Yperen, e fez um tratado com alguns régulos do país, que assaz franca e judiciosamente lhe declararam que, mantendo-se neutras durante a contenda, fariam depois causa comum com o vencedor. Dividiu Koin a sua força em três batalhões, dando o primeiro a Willem Latan, o segundo a Joan Godlaat e reservando para o seu comando imediato a retaguarda. Nesta ordem avançou para o castelo; de repente rebentam das selvas mil aliados pretos dos portugueses e na confiança da sua primeira vitória sobre os holandeses, pouco faltou que não ganhassem segunda. Do destacamento da vanguarda caíram oitenta, com muitos oficiais, entre os quais o próprio Latan, mas os negros, em lugar de seguirem a fortuna, pararam a cortar as cabeças aos mortos, expondo-se assim ao fogo do segundo batalhão. A mortandade que sofreram os aterrou, e durante o resto do assédio mais solícitos se mostraram em guardar-se a si, do que em molestar os invasores.

25 de jun. 1337

25 de agosto

Koin cortou um caminho pela floresta até ao viso de um outeiro, de onde, levantando baterias, principiou a lançar contra o castelo granadas que lá não chegavam. Alguns negros, que ele ganhara à sua parcialidade, deram um assalto à vila, e foram rechaçados; não obstante tão bem estava o comandante holandês inteirado do humor da guarnição, e cobardia ou traição do governador, que o intimou a render-se, se não queriam ser todos passados à espada. E sem mais tir-te nem guar-te, quatro dias depois da chegada do inimigo, antes de ter sofrido o menor dano e de lhe ter caído um só soldado, entregou o miserável que ali comandava o lugar mais importante e

Rende-se o governador

forte que possuíam na África Ocidental os portugueses. Tão infames como o ato do rendimento foram as condições, a saber que a gente seria desembarcada na Ilha de São Tomé com a roupa do corpo e nada mais. No castelo assim vilmente entregue havia trinta boas peças de bronze, nove mil arráteis de pólvora, oitocentas balas grandes de ferro, trezentas de pedra, e outras mais pequenas em abundância; as armas de mão jaziam ferrugentas no arsenal. Posta guarnição em São Jorge da Mina, mandaram os holandeses uma chalupa a intimar o forte de Atzyn, mas aqui acharam um governador de outra têmpera, que lhes declarou que até à última havia de defender o seu posto. Contentando-se com a brilhante conquista que fizera, voltou pois Koin ao Recife.

29 de agosto

Barléu 54, 60. Dapper. 233. Barbot. 167

Entretanto dera-se a Lichthart a comissão de ir fazer o mal que pudesse nas vizinhanças da Bahia, que tinha Nassau olhos fitos na capital do Brasil, esperando aplanar o caminho da sua conquista, com pô-la em apuro de mantimento. Tendo feito grandes estragos na baía de Camamu, correu o almirante com o vento até aos Ilhéus, que atacou, sendo porém repelido pelos moradores.[1] Foram agora convidados, os holandeses, a voltar a outras partes as suas armas: as tribos indígenas do Ceará recorreram a eles que as libertassem, tendo qualquer jugo por preferível ao que suportavam, agora que Martim Soares, cujo prudente proceder antigamente as havia conciliado, militava na guerra de Pernambuco. Pouco se aventurava em invadir esta capitania, onde tinham os portugueses apenas um fortim, defendido por trinta soldados, e duas peças de ferro, e os selvagens fizeram ver que a despesa da conquista depressa seria ressarcida com a produção do país, algodão, pedras preciosas, sal de numerosas salinas ao longo da costa, âmbar, que cada tormenta lançava à praia, e madeira, especialmente uma formosíssima cor de violeta. Por demais tentadora era a ocasião para ser desprezada, posto que Nassau nunca antes tivesse pensado em estender as suas conquistas para o lado da Linha. Enviou-se Joris Garstman, e rendeu-se o forte, que coroava um outeiro junto de um ribeirão, em que embarcações pequenas podem achar porto.

Tomada do Ceará

Barléu, 66. B. Freire, § 813-14

Novos editos e regulamentos se promulgaram agora no Recife. Decretaram-se penas severas contra quem

O que se fazia no Recife

de qualquer modo defraudasse a renda pública, e estabeleceram-se patrulhas para segurança do país, que bandos de salteadores devastavam com incansável atividade.[2] Como havia escassez de farinha a todos os que empregavam negros se impôs a obrigação de plantarem mandioca nos meses costumados de janeiro e agosto, o que provavelmente não faziam pelas muitas incursões dos portugueses. Proibindo todos os processos frívolos se procurou mitigar o furor litigioso, e fazer desaparecer a freqüência do assassinato por meio de leis rigorosas. As ordenações relativas à religião indicavam um espírito de intolerância, que principiava a manifestar-se ao passo que os conquistadores se iam tendo por mais seguros. Restritos os judeus na celebração pública das suas cerimônias, ordenou-se também aos católicos da Paraíba que dentro do recinto de suas igrejas encerrassem as procissões. Nenhum templo mais se havia de erguer sem permissão do senado, nenhum casamento celebrar-se sem se lançarem os pregões à moda dos holandeses; e aqueles que ao formarem um novo engenho de açúcar o quisessem mandar benzer, haviam de recorrer para isso a um padre reformado, não a um papista.[3] Os homens da governança no Recife remeteram amostras de ouro das minas para a Holanda, onde fossem ensaiadas; era que eles já se fantasiavam seguros senhores do país, enquanto estas medidas a que a prévia afetação de ilimitada tolerância dava seus laivos de traição, tornando-os merecidamente mais odiosos, lhes solapavam o único fundamento sobre que poderiam ter assentado o seu poder.

1638

Aguardava Nassau socorros, ao restabelecer-se de sua longa enfermidade. Insofrido de repouso, aproveitou ele este meio-tempo para percorrer a capitania da Paraíba e o Potengi, reparando os lugares que lhe pareceram bons para se conservarem e dando-lhes novos nomes. À vila da Paraíba antes chamada do nome de Filipe, deu agora o de Frederico, príncipe d'Orange; ao forte do Cabedelo, antes de Santa Catarina, deu o de Margarida, em honra de sua própria irmã, e o de Ceulen, que o tomara, ao do Rio Grande. Aqui lhe enviaram os tapuias presentes, recebendo outros em troca, como penhores de amizade e aliança. Sucedeu ser capturado um navio de Lisboa com muitas cartas a bordo. Nestas se dizia que se ficava aparelhando poderosa armada para o Brasil; dos que as escreviam uns reputavam isto mero pretexto para levantar dinheiro, andando a corte de Madri tão ocupada com coisas que mais de perto a tocavam, e especialmente com

1638

os tumultos de Évora, que mal poderia atender aos seus remotos domínios; outros pelo contrário afirmavam que o levante estava abafado, que Oquendo havia já sido nomeado para o comando da expedição, e que esta sem dúvida alguma daria à vela. Nenhum cuidado deu a isto Nassau; durante o inverno não podia vir a armada, além de que inclinava-se ele mais a dar crédito a outras cartas, que pintavam o rei da Espanha como por demais entregue aos seus divertimentos, para que houvesse de dar um só pensamento ao Brasil. Em todo o caso escreveu à Companhia das Índias Ocidentais que era indispensável mandar-lhe reforços com que pudesse resistir aos espanhóis, se viessem, ou tirar partido do seu descuido, se ficassem; e pediu navios que servissem para o duplo fim de arrostar a frota inimiga e levar para casa açúcar.

Barléu, 69-75

Preparativos contra a Bahia

Na sua volta da Paraíba achou Nassau que tinham chegado provisões de boca e de guerra, porém somente duzentos soldados. A estação das operações militares ia correndo e apesar da decepção que tão parco reforço lhe causou, resolveu ele atacar São Salvador sem mais perda de tempo. A sua gente, que as passadas vitórias haviam tornado confiada, o instigava a fazê-lo, e até traidores houve na capital do Brasil que o convidaram a cometer a empresa, asseverando-lhe que por falta de soldo estavam prontas a amotinar-se as tropas; que Bagnuolo e o governador andavam desavindos; e que o povo se inclinava a favor dos holandeses pela generosidade com que tinham sido tratados os que se haviam submetido. Era na verdade um inimigo generoso o conde Maurício. Bagnuolo escreveu-lhe, pedindo a entrega de algumas mulheres e crianças, cujos maridos e pais andavam no exército português, oferecendo por elas considerável resgate; a resposta foi que antes queria que lhe agradecessem do que lhes pagassem o benefício, e aprestou um navio de propósito para levar esta gente à Bahia. O povo, cuja primeira explosão de sentimentos é sempre justa até certo ponto, sejam quais forem as suas opiniões, aplaudiu altamente esta ação; algumas cabeças mais atiladas, como as chamam, rebaixaram-lhe o merecimento, observando que o navio vinha a espionar o estado da cidade. É certo que os marinheiros holandeses haviam de tomar nota do que pudessem, mas culpa era dos portugueses se aqueles alguma coisa viam em detrimento destes. A Nassau não lhe faltavam inteligências tanto no Recôncavo como na cidade,[4] e desses que em toda a ação generosa suspeitam sempre um motivo baixo, é que mais devemos desconfiar.

Na mais descuidada segurança vivia o povo da Bahia em geral longa e desastrosa experiência, pelo contrário tornara Bagnuolo cauteloso. Também ele tinha suas espias: estas o informaram de que os últimos despachos de Amsterdã representavam a Espanha ocupada demais para pensar no Brasil, e que Nassau reunia no Recife toda a sua força naval. Daqui inferiu Bagnuolo imediatamente que a Bahia ia ser investida, e partindo sem demora da Torre de Garcia, foi postar-se em Vila Velha, às portas da cidade. Isto o fez sem consultar o governador, e até contra os desejos dele e dos cidadãos, mas tão convencido estava da exatidão das suas notícias que nada pôde dissuadi-lo. Colocaram-se postos avançados, e concordou-se em que um dia seria Bagnuolo e outro o governador, que havia de dar as ordens, conchavo, de que nenhum mal podia provir enquanto estava longe o perigo.[5]

Marcha Bagnuolo contra S. Salvador

B. Freire, § 830-1

Entretanto mandou-se Souto com João de Magalhães e sessenta homens a Pernambuco, de onde trouxesse notícias mais certas. Ao chegarem ao São Francisco, atravessou-o Magalhães acima do forte Maurício com quarenta e cinco dos da partida, tendo Souto marcado tempo e lugar para todos se encontrarem nas Alagoas. Este seguiu com os restantes quinze homens pela ribeira até à barra, onde se dispôs a atravessar o rio em jangadas. Estava ali por acaso fundeada uma pinaça[6] holandesa, cuja tripulação composta de dez pessoas veio à terra. Caiu-lhe Souto em cima, matou seis, mandou três dos seus com os outros quatro prisioneiros para a Bahia, e passou o rio na embarcação assim apresada. Um colono da margem oposta, a quem se dirigiu para obter informações, lhe disse que dois navios do Recife acabavam de chegar a Cururuípe, dez léguas dali, onde os holandeses tinham levantado trincheiras à volta de uma igreja abandonada, perto da praia, guarnecendo-as com vinte e cinco homens. Souto tinha apenas doze; sem embargo arremeteu contra estas trincheiras ao romper do dia, matou dezoito holandeses, e fez um prisioneiro, fugindo-lhe os outros seis. Na ignorância do que havia sucedido desembarcaram os capitães dos dois navios antes do meio-dia e foram mortos ambos, encontrando-se na algibeira dum a carta, com a notícia de ter Nassau comunicado ao Conselho a sua intenção de atacar São Salvador, desígnio que foi aprovado.

Proezas de Souto

Entram os holandeses na baía de Todos os Santos

Chegada à capital esta nova, não pôde mais o povo fechar os olhos ao perigo. Jamais se achou cidade menos preparada. Com uma indolência que mal se pode crer, tinha ele visto ano após ano os progressos do inimigo sem cuidar na própria defesa. Não se erigiam obras novas nos lugares onde eram evidentemente necessárias, e sem reparos se deixavam as antigas. Desmontada a artilharia, nem as carretas estavam prontas nem as balas à mão: havia por acaso alguma farinha nos armazéns, mas tudo o mais faltava. Tal era o estado de São Salvador, quando cinco dias apenas depois que se começou a acreditar na sua vinda, apareceram os holandeses à vista. Extraordinariamente rápida havia sido a viagem do Recife, tendo durado seis dias em uma estação em que se costumavam gastar quatro a seis semanas. Segundo os portugueses traziam eles 7.800 homens, contando marinheiros e índios, em quarenta navios.[7] Simularam um desembarque em Tapuão, a uma légua da entrada da baía, mas logo a entraram, deitando ferro em Tapagipe, defronte das capelas de Nossa Senhora da Escada e de São Brás. Impossível fora guardar todos os pontos da costa e este havia sido um dos que por necessidade se deixaram abertos. Aqui saltou o inimigo em terra de tarde, avançando na manhã seguinte para os muros.

14 de abr. 1638

B. Freire, § 835-6

Tumultos na cidade

Mil e quinhentos homens contava a guarnição de São Salvador e as tropas de Pernambuco pouco passavam de mil; por felizes se davam agora o governador e o povo com terem estas forças, que outrora com tanta insolência haviam rejeitado, e ultimamente de tão má vontade recebido. Nassau fez alto sobre uma eminência; de diferentes postos marcharam três brigadas, formando em linha para fazer-lhe frente, e da cidade saíram o governador, Bagnuolo e Duarte de Albuquerque com as tropas para apoiá-las. Algum tempo estiveram os dois exércitos a tiro de canhão um do outro, sem que nenhum avançasse ao ataque. Disse então Bagnuolo ao governador que não lhes ficava bem abandonar o abrigo dos muros, saindo daquela forma ao encontro de forças superiores em campo aberto; o que lhes cumpria fazer era defender a cidade, que, se passavam a noite ali, podia de manhã ser investida pelo inimigo. Isto o disse assaz alto para ser ouvido de quantos estavam perto; muitos houve que na sua vã bravura desaprovaram o conselho, mas todos o seguiram, retirando-se para dentro de portas. Ao ver esta

retirada enraiveceu-se a gentalha, que não pensa, levantando um alarido como se a cidade tivesse sido traída. Tocou-se o sino da Câmara, só tangido quando havia que deliberar sobre negócios da maior importância para o público, e espalhou-se um grito, que se os atuais comandantes não combatiam e defendiam o povo, poria este outros que o fizessem. Pouco faltou que o descontentamento não prorrompesse em motim declarado. Intervieram o bispo e Duarte de Albuquerque, cuja submissão mais do que autoridade aquietou o povo, a quem se prometeu fazer a vontade. Em conseqüência disto marchou Bagnuolo na manhã seguinte uma légua com todas as tropas a dar batalha aos holandeses, que procurou no lugar da véspera, devendo-se crer, para honra dele, que sabia não os encontraria ali. Havia o inimigo tomado outra posição, e se caísse sobre a cidade, agora que toda a força regular estava fora, poderia tê-la entrado quase sem resistência. Mas é que os holandeses sabiam tão pouco dos movimentos de Bagnuolo, como este dos deles, e o general recolheu-se a salvo, tendo satisfeito o vulgacho com esta arriscada condescendência.

No quarto dia do seu desembarque tomou Nassau posse de um alto, fora de tiro de canhão da cidade, e a bala de mosquete da capela de Santo Antônio. Passava este edifício por ser posto importante, ali levantara o último governador Oliveira trincheiras, que o desmazelo havia deixado cair em ruínas, e agora que eram precisas é que se trabalhava nelas. Da posição que ocupavam batiam os holandeses a cavaleiro o forte do Rosário, e o reduto da Água de Meninos que protegia a praia; desde logo foram tomados ambos. No forte havia seis peças; três que eram de bronze levaram-nas os portugueses para as trincheiras de Santo Antônio; as outras, que eram de ferro, arrebentaram-nas; duas, que estavam no reduto, tiveram de deixá-las. Aqui nenhuma culpa houve da parte dos comandantes, que fizeram quanto puderam em defesa de postos insustentáveis, mas o forte de Monserrate, com seis peças, foi entregue sem resistência, e também o de São Bartolomeu, posto que defendido por dez canhões, e guarnecido por setenta homens. A tomada desta importante estação assegurou a Nassau comunicação aberta com a sua armada, e o povo da Bahia principiou a acreditar que nada empreendia aquele homem que lhe não saísse à medida dos seus desejos.

Rendem-se quatro fortes

B. Freire, § 884-6

Para maior perigo da cidade lavrara a insubordinação entre as tropas. Os capitães da guarnição não queriam obedecer às ordens de Bagnuolo, nem os de Pernambuco às do governador. Nesta conjuntura reparou Pedro da Silva os erros anteriores: vendo desde logo que a continuar esta falta de disciplina, devia perder-se infalivelmente a praça, foi ter com Bagnuolo, pedindo-lhe que sobre si só tomasse o comando durante o sítio. Até esta ação foi envenenada pelas más línguas; disseram que fora ela prudente, pois que se o assédio terminasse em bem para Portugal, caberia a honra a Bagnuolo, quer tivesse o comando nominal, quer não, de modo que a única coisa de que o governador se descartava cedendo a autoridade, era da responsabilidade da perda da cidade, se se verificasse. Mas o proceder de Pedro da Silva é digno de altos encômios: sabia que Bagnuolo era melhor soldado, e ao bem público sacrificava a própria hierarquia.[8]

Resigna Pedro da Silva o comando nas mãos de Bagnuolo

B. Freire, § 847-8

Como general andara Bagnuolo muitas vezes errado, e sempre infeliz. Conhecia a sua própria impopularidade, e este ato de não esperada confiança parece quase tê-lo regenerado; o zelo, atividade e intrepidez, que desenvolveu agora, tornaram-no tanto objeto de admiração, como antes o havia sido de ódio e desprezo. Deixou Silva a comandar na cidade e foi postar-se na capela de Santo Antônio, onde dia e noite se trabalhava nas trincheiras. Chegou um corneta do campo inimigo; trazia cartas para ambos os comandantes, dizendo que de Pernambuco viera na armada um franciscano descalço, a falar ao custódio sobre negócios da ordem. Semelhante mensagem em tal ocasião, e vinda de holandeses hereges, foi recebida com bem cabida suspeita, pelo que se lhe deu uma evasiva resposta negativa. No dia seguinte voltou o mesmo homem a ver se os portugueses quereriam dar os seus prisioneiros pelos que haviam sido feitos nos fortes. Os prisioneiros, que os portugueses tinham em seu poder, eram apenas dezoito, e com uma cortesia, que os acontecimentos posteriores provaram ter sido efeito do medo, não da generosidade, foram vestidos e postos em liberdade.[9]

Troca de prisioneiros

O fim principal por que duas vezes se mandara um mensageiro com recados de tão pequena monta, era provavelmente observar o estado das trincheiras. Bagnuolo lhe mandara

Consternação dos da cidade

vendar os olhos antes de admiti-lo à sua presença, mas era evidente que as obras não estavam completas, pois que nelas se trabalhava ainda, e Nassau mandou 1.500 homens a assaltá-las. Foram repelidos com perda de 200, vantagem que aos portugueses custou a vida de alguns valentes. Mandasse Maurício dobrado número, que teria tomado trincheiras e cidade; tampouco estava esta preparada ainda, que quando ao dar-se agora o rebate se foram a fechar as portas, viu-se que uma não trancava. De um extremo tinham passado ao outro os moradores de São Salvador; os que não acreditavam na existência do perigo antes de visto o inimigo, julgavam agora impossível a resistência, começando não só a pensar em capitulação, mas até a falar em tal, e suspirar por uma passagem para a pátria em transportes holandeses. Havia porém quem tivesse melhores sentimentos. Um oficial, que com estranhável mágoa vira a facilidade com que haviam sido tomados os fortes, e a pusilanimidade do povo, foi um dia ao paiol antes de amanhecer para distribuir pólvora e achou debaixo da porta uma mecha acesa; o horror e a indignação ao descobrir assim que havia traidores dentro dos muros, foram tais, que perdidos logo os sentidos, morreu doido furioso.

21 de abr. 1638

B. Freire, § 851-5

Nem tinha Nassau um exército suficiente com que cercar a cidade, nem conhecia assaz o país para ocupar os postos mais importantes. Dos seus erros tiravam partido os portugueses; que sempre alerta lhe picavam os quartéis, abastecendo de contínuo a cidade.[10] Neste serviço se distinguiram particularmente Souto e Rebelo, mantendo o segundo na praça, de duas expedições, mais de mil reses, bovinos e um rebanho de carneiros. Até o mar era mal guardado dos holandeses, e enquanto no campo dos sitiantes se sentia escassez, recebiam os sitiados provisões em abundância.

Abastecimento da cidade

Completas estavam agora as obras em Santo Antônio, e Bagnuolo, cuja presença se não fazia mais precisa, recolheu-se à cidade, dirigindo logo para outro lugar a sua atenção. Os prisioneiros o informaram de que Nassau meditava ocupar outra posição mais próxima, de onde com mais vantagem batesse a cidade. Sabido isto, julgou o comandante português necessário segurar as Palmas, posto donde D. Fradique de Toledo muito vexara os holandeses quando estes eram senhores da Bahia. Assim prevenido aos seus desígnios, abriu o inimigo as suas baterias no 1º de maio. Hoje em

Abrem os holandeses as suas baterias

dia, em que a obra da destruição se faz em tão tremenda escala, semelhantes baterias quase excitam o riso; na maior, que ficava fronteira a Santo Antônio do lado do mar, não se montaram mais de seis peças de vinte e quatro; e nas outras do lado de terra duas de igual calibre. Jamais talvez se fizesse guerra com meios tão desproporcionados ao intento: duas nações se disputavam um império não menor em extensão do que a Europa civilizada, e nunca de ambos os lados chegaram as forças a quinze mil homens.

Tais quais eram faziam semelhantes baterias efeito contra semelhantes muros: à noite tinham demolido os lanços contra que jogavam, na manhã seguinte novas obras apareciam da parte de dentro. Da Igreja Nova vexavam os sitiados com considerável efeito os de fora; levantaram mais obras exteriores, e para suprir a conseqüente redução da guarnição, mandaram buscar cento e cinqüenta homens de duzentos que estavam constantemente de serviço no Morro de São Paulo.

Cartas interceptadas

Por este tempo foram parar às mãos de Nassau algumas cartas apreendidas em um navio de Lisboa; os que as escreviam desesperavam da sorte do Brasil; quanto a mandarem-se forças para restaurar Pernambuco, isso, diziam, era impossível; todas eram poucas para defender a Espanha, nem o tesouro tinha com que suprir as despesas. Estas cartas mandou-as ele a Bagnuolo, pensando que nada o desacoroçoaria tanto. Pouco depois foram descobertos e informados três espiões dos holandeses.

Outra vez pôs a própria precipitação e insubordinação em perigo os portugueses. Constrangidos tiveram os comandantes de prometer que fariam uma surtida a atacar o inimigo nas suas trincheiras. Bem sabiam eles que seria isto ruína certa, mas outro meio não tinham de evitar uma catástrofe iminente sendo preciso inculcar assentimento, e fixar hora para a empresa; pouco antes de raiar o dia, que era o momento designado, mandaram secretamente dar um rebate falso, e o povo, persuadido de que os holandeses haviam descoberto o desígnio, deu-se por satisfeito.

Vieira, *Sermões* **8, 116**

Batalha nas trincheiras

Alguns prisioneiros trazidos por Souto à cidade, declararam todos que reinava no acampamento a escassez, coisa tão pouco provável, que não queriam acreditá-la os sitiados, embora estes homens cada um

separadamente a afirmassem. Não contara Nassau com a resistência que encontrava, e pensou que as poucas provisões que levava chegariam até se tomar a cidade; enganou-se e os seus forrageadores, pouco práticos do país, mal podiam competir com homens como Souto, Camarão e Henrique Dias. Afinal resolveu saltear as trincheiras de Santo Antônio e provocar o desfecho do cerco. Às sete horas da tarde do dia 18 principiaram o assalto três mil homens. Ganharam o fosso e ali se entrincheiraram, depois arremeteram às portas. Aqui se tornou sanguinolento o combate. Era tão estreito o lugar, que nenhum tiro se perdia; as balas ardentes e granadas dos assaltantes produziam inteiro efeito, e as traves e pedras dos sitiados, caíam sobre as cabeças dos de fora. Por estranha imprevidência deixaram os holandeses de dar rebate em outros postos, pelo que puderam os portugueses concentrar aqui todas as suas forças, uns atacavam no fosso os assaltantes, outros os rechaçavam das portas. Todas as tropas das obras exteriores acudiram à ação; Nassau levou o resto das suas forças ao assalto e este tornou-se batalha geral, de que devia depender a sorte do assédio. Os holandeses cederam, pois pelejavam com desvantagem. Maurício deu ordem de matar quem fugisse, e desesperados voltaram eles à carga, mas nada lhes valeu. Os portugueses, conhecendo o terreno que pisavam, tinham na escuridão uma confiança que os seus contrários não podiam sentir; tinham também para a defesa um estímulo que lhes dobrava o esforço, e repeliram o inimigo.

18 de maio

B. Freire, § 870-9

De manhã propôs Nassau uma trégua, que foi aceita, para enterrar os mortos. Os holandeses tinham deixado cerca de quinhentos no campo, e cinqüenta prisioneiros, os portugueses perdido uns duzentos entre mortos e feridos;[11] mas tão pouco peritos eram os cirurgiões destes, e tão falhos estavam das coisas mais necessárias, que mataram mais gente do que imolara o inimigo. Mais do que um bravo caiu naquela noite; e aqui concluiu a sua carreira Sebastião de Souto, cujos inexauríveis recursos, incansável atividade e impávida coragem nos fazem lastimar a maneira traiçoeira por que principiou a servir o seu país, e a brutal rapacidade com que indiscriminadamente roubava nas suas correrias amigo e inimigo. Custou-lhe a vida uma bravata no ardor da peleja. Cães, bradou aos holandeses, a todos vós hei de arrancar as almas, que sou eu o capitão Souto, diante de quem

Morte de Souto

Val. Luc., **p. 13**

tantas vezes fugistes em Pernambuco! Logo uma fila inteira de inimigo o tomou por alvo.

Crueldade dos holandeses

Com vergonhosa crueldade se vingaram da sua derrota os holandeses. Nas suas ligeiras embarcações exploraram o Recôncavo, e onde quer que descobriam uma casa desguardada passavam tudo à espada. Uma das vítimas deste baixo ressentimento foi João de Matos Cardoso, o mesmo que tão brilhantemente defendera o forte do Cabedelo na Paraíba; agora com mais de oitenta anos de idade foi assassinado no seu retiro. Mais uma semana continuaram os sitiantes a fazer fogo contra a cidade, onde pouco dano e nenhum receio causavam, sendo pelo contrário eles próprios que sofriam muito, pois com estranha imprudência fora Nassau assentar o seu campo a tiro de canhão da praça, e em uma posição onde pântanos impossíveis de se passarem o impediam de ir atacar as baterias que o incomodavam. Dia e noite mantinham os portugueses a sua canhonada, pensando que a chuva reteria nos quartéis os soldados; muitos buscaram nos bosques abrigo a este risco, e o resultado foi principiar a doença a devorar tanta gente como a guerra.[12] No fim de oito dias desta louca perseverança renunciaram à empresa, abandonando parte das suas provisões e quatro peças de bronze, afora quanto haviam tomado nos fortes. Quarenta dias durou o cerco, sendo a perda do inimigo avaliada em dois mil pelos portugueses.[13]

26 de maio

Levanta-se o cerco

Retiraram-se os holandeses ainda em boa ocasião, quando já se haviam disposto as coisas para atacá-los pela retaguarda, principiando-se a fazer movimentos que bem podiam obrigá-los a renderem-se. Efetuado o embarque, mandou Nassau todos os prisioneiros para terra, pedindo em troca os que lhe haviam feito: recusou-se. Os estragos cometidos no Recôncavo serviram de razão à recusa, mas como Bagnuolo, acedendo a proposta análoga, soltara prisioneiros no princípio do assédio, vestindo-os de mais a mais, imputou-se a medo a aquiescência de então, a arrogância a escusa de agora.[14]

B. Freire, § 888-92. Barléu, 84

O grande erro de Nassau nas suas operações contra a Bahia, foi expelir de Sergipe os restos do exército pernambucano, reforçando assim a guarnição com mil e duzentos soldados veteranos, que, na frase de Vieira, eram os ossos da guerra, e

Vieira, ***Sermões,*** **T. 8, p. 108**

pelo seu valor e experiência dignos de serem venerados como relíquias. Nas circunstâncias do cerco achavam os moradores curiosos motivos de práticas devotas. Estava o mar aberto ao inimigo e durante todos os quarenta dias que os holandeses ficaram diante da cidade jamais se tinham fechado as portas nem de noite nem de dia. Lembraram-se pois de que com razão se chamara de cidade do Salvador aquela povoação, pois que ninguém, senão o Senhor seu salvador e patrono, podia ter fechado ao inimigo todas as entradas, estando abertos o mar e a terra. Os sitiantes tinham assentado os seus quartéis e plantado suas baterias defronte da igreja de Santo Antônio, e fora no dia deste santo que haviam levantado o cerco com desbarato, perda e vergonha. E aqui estava outra prova da intervenção divina a favor dos portugueses. Disse-lhes em um sermão de graças que da cadeira de São Pedro fora Santo Antônio chamado à arca do Testamento, porque no seu espírito se continham os mais profundos mistérios da divindade. A própria infalibilidade havia declarado que este santo era a Arca: que tipo mais verdadeiro se poderia imaginar dos holandeses do que esse ídolo dos filisteus meio homem, meio peixe?... e vede, Dragão caiu de rosto para o chão diante da Arca!

Id. P. 104

Sermões, **112, 117**

Ingrato às tropas pernambucanas não foi o povo de São Salvador; reconhecendo que a elas se devia a salvação, presenteou-as o senado da câmara da cidade com um donativo de mil e seiscentos cruzados. Da Espanha vieram honras e recompensas para muitos que durante o assédio se haviam distinguido. Bagnuolo obteve segundo título italiano [15] e Pedro da Silva foi feito conde de São Lourenço. Os militares lhe aferiram o proceder por um falso padrão de honra, por demais geralmente reconhecido, e, mofando dele, diziam que tanta humildade melhor assentava em um frade da Arrábida do que em um comandante. A corte pelo contrário o aplaudiu, declarando que pusera ele um exemplo digno de imitar-se. Altamente louvável foi em verdade este comportamento; só um sábio assim podia pensar, só um valente assim proceder.

Barléu, P. 85

Com a lembrança de que o conhecimento que desta forma obtivera da cidade, lhe permitiria conquistá-la, mal pudesse dispor de forças adequadas, se consolou Nassau do seu malogro. O panegirista, seu historiador, observa que esta jornada pouco custou à Companhia, dando quase que para as despesas os despojos, entre os quais quatrocentos

negros. Bem sabia Barlaeus a quem escrevia, nem a outrem que não a semelhante corporação ofereceria tal consolo, ou falaria de ganhos e perdas em uma ocasião em que as armas holandesas tinham sido não só rebatidas, mas até cobertas de infâmia[16]. São Salvador teria necessariamente caído se maiores que os desatinos dos sitiados não tivessem sido os dos sitiantes. Isto o confessaram os portugueses, atribuindo a sua salvação, abaixo de Deus, à ausência de Schuppe e Artiszensky, homens que pela sua experiência eram mais para temer-se do que o próprio Nassau.

Representações de Nassau à Companhia

Nas suas cartas à Companhia, Nassau clamava alto por socorros. Guerra, dizia, enfermidade e trabalhosas marchas em um país como o Brasil dia por dia lhe iam consumindo o exército; gritavam os soldados que os rendessem em tão duro e improfícuo serviço, e toda a sua arte tanto de conciliação como de severidade, era pouca para mantê-los na ordem. Quatro mil homens eram necessários para as diferentes guarnições; e se toda a sua força nem a isto chegava, como havia de avançar para o inimigo? Como resistir-lhe se este avançasse sobre ele? Como guardar o país contra incursões?[17] Pedia e requeria pois 3.600 homens; ficaria então com sete mil, e assim não só esperava, mas sabia de positivo que alguma coisa se faria digna da Companhia. Tinha esta cometido empresas que faziam honra ao século e à nação holandesa, cumpria pois levá-las a cabo; o dado estava lançado, e passado, não o Rubicão, mas o Oceano; agora ou se haviam de pôr os meios para se conseguirem os fins, ou iria tudo pela água abaixo; descendo depois ao tom mercantil, disse que o açúcar daquele ano, não falhando a colheita, devia render à Companhia 600.000 florins. Mas faltavam marinheiros, tanto assim que oitocentos soldados tinham de servir a bordo dos navios. Que mandassem pois uma armada a fazer face ao inimigo, se este se mostrasse, e a levar para a pátria os produtos.

A Companhia declara livre o comércio do Brasil

Agitou-se por este tempo na Holanda entre a Companhia das Índias Ocidentais a questão de saber se lhe conviria continuar com o seu monopólio ou franquear o comércio do Brasil. Contra a proposta inovação dizia-se que a Companhia perderia os seus grandes lucros atuais, abarrotar-se-ia o mercado, depreciando-se conseqüentemente os gêneros europeus, e que àquela deliciosa região afluiriam colonos que, aumentando e multiplicando-se ali, e tornando-se afinal mais forte do que a mãe pátria, sacudiriam a

dependência. Quis-se sobre isto ouvir Nassau. Respondeu este que o que haviam sido já não eram os lucros da Companhia. A princípio faziam tudo os diretores, agora concediam-se contratos: a princípio regurgitavam de açúcar os armazéns dos portugueses, e escasseando os gêneros europeus pedidos em escambo, vendiam-se com enorme proveito, ansiosos os da terra por se verem livres de produtos constantemente em risco de serem presa do inimigo. Mais seguro agora o país, crescera a propriedade holandesa. Melhor era, declarando livre o comércio, eximir-se à carga do monopólio. Não podia a Companhia comprar gêneros bastante com que abastecer o mercado, a tanto lhe não alcançavam os fundos; e que faria das mercadorias particulares que houvessem deixado entrar no país? Não podia comprá-las sem prejuízo dela, comprando-as pelo preço que aliás obteriam dos donos, querendo tomá-las por menos. E neste último caso contrabandeariam os particulares a sua fazenda.

Depois, falando como estadista, ponderou a necessidade de colonizar o Brasil; assim, disse, se robusteceria o país, podendo-se diminuir as guarnições, sem que o Estado deixasse de sentir-se seguro. Agora só pelo medo se continham os portugueses; tirasse-se-lhes porém a esperança de verem restabelecido o seu próprio governo, e tornar-se-iam bons súditos. Mas não atravessariam colonos os mares para morrerem de fome em país estranho, e enquanto mantivesse a Companhia o seu monopólio, cortaria todas essas expectativas de fortuna que só podiam atrair aventureiros. Já os brasileiros se queixavam das restrições que lhes impunham; com representações diárias o acabrunhavam, dizendo, que com os holandeses haviam tratado viverem debaixo do governo dele como debaixo do português, podendo vender o produto de seus moinhos a seu próprio gosto, e não à vontade de outros; se lhes tiravam esta liberdade, prefeririam antes passar-se à outra parte, e correr os azares da fortuna, do que sofrer semelhante escravidão. Soltai vossos enxames, disse ele, sobre estes novos países e dai terras aos soldados licenciados; sejam colônias vossos postos avançados e guarnições, que foi assim que Roma subjugou o mundo.[18] Adotado este parecer, declarou-se livre o comércio, reservando-se à Companhia o tráfico de escravos, artigos de guerra e pau-brasil. Mas a todos os altos funcionários se proibiu absolutamente o comércio para que pelo amor do ganho não abusassem do poder.

Barléu, 87-90

Segurados todos os postos que lhe pareceram em risco de serem acometidos, preparava Nassau uma expedição que fosse, queimar no Recôncavo os engenhos de açúcar, quando chegou Jol com poderosa armada. Com inveja recordava ainda a Companhia a rica vitória de Heyne, e na esperança de encher os seus cofres com despojos iguais, despachara este velho e excelente marinheiro. A força que ele levou do Recife, suspendeu os projetos de Maurício. Cheio de esperanças em proveitosos triunfos, deu Jol à vela e encontrou efetivamente a armada mexicana nas alturas de Cuba: mas os seus capitães o abandonaram. Quatro vezes travou o velho marujo resolutamente a ação, e outras tantas se deixaram estes traidores ficar covardemente ao largo, ou viraram de bordo no momento do perigo, até que afinal escaparam os espanhóis. Em altos brados clamou Jol por vingança em nome da pátria e no seu próprio. Os culpados foram remetidos para a Holanda, mas havendo em todos os países meios de iludir em casos tais a justiça, contanto que os delinqüentes tenham amigos poderosos que os protejam, ficaram impunes.

Expedição de Jol

Lisonjeira perspectiva se ofereceu a Nassau agora. Mensageiros de Camarão vieram dizer-lhe que ofendido por Bagnuolo desejava suas próprias terras. Com prazer comprariam estes a amizade de tão audaz e terrível inimigo, e assim com presentes e favorável resposta despediram os emissários. Mas Camarão tinha-se aferrado d'alma e coração a uma causa, que desde tanto e tão bravamente servia, e antes da volta deles já o ressentimento se lhe desvanecera.[19] Oitocentos tapuias ressentindo-se igualmente do tratamento recebido do general, deixaram a Bahia. Mas debalde se ofereceu o ensejo e debalde clamava Nassau, enviando carta após carta, que não era o Céu nem os fados que lhe invejavam a vitória, mas os seus próprios conterrâneos. Promessas lhe chegaram que fartavam, e promessas foi o mais que veio. Falho de meios com que prosseguir nos seus planos de conquista, divertia-se com dar armas heráldicas às províncias holandesas; a Pernambuco uma donzela, em uma mão uma cana-de-açúcar e na outra um espelho em que se mira de si satisfeita; a Itamaracá um cacho de uvas, que a vizinha ilha produzia melhores que nenhuma outra parte do Brasil; três pães de açúcar à Paraíba, e uma ema ao Rio Grande, onde abundavam estas aves. Todos estes emblemas foram esquartelados no selo grande do senado, sobre o qual se via a figura da injustiça, sem que por isso se notasse a essência

Negocia Camarão com os holandeses

Brasões das capitanias holandesas

nas medidas. Pouco depois da malograda expedição de Jol foram presos muitos dos mais abastados portugueses por suspeitas de conspiração. Averiguado o caso, uns foram encarcerados, outros deportados para a Bahia, e ainda outros sentenciados a mais longínquo degredo. Mais minuciosas investigações nenhuma prova ofereceram da suposta conjuração, contudo, correndo o boato de esperar-se uma armada espanhola nem se absolveram nem condenaram os presos, mas deixaram-nos ficar na cadeia.

Logo em princípios do ano seguinte voltou Artiszensky ao Brasil com um reforço pequeno, e instruções para vigiar em segredo o proceder de Nassau, missão em que com pouco tino se houve. Lavrava-lhe no coração inveterado ódio, quiçá provocado pela nomeação do conde Maurício para o governo, cargo a que ele próprio se julgava com direito; e tão arrogante se lhe foi tornando a linguagem, que não tardou que a não pudesse tolerar o governador-geral. Depressa proporcionou o próprio Artiszensky famoso ensejo para decidir de qual dos dois devia predominar a autoridade: dirigiu aos diretores da Companhia na Holanda uma carta de queixumes e deixou-a ler publicamente antes de enviada. Nassau apelou para o Senado, respondendo cheio de indignação, mas satisfatoriamente às acusações que lhe faziam, e que por frívolas, não merecem aqui menção, referindo-se quase todas a pontos de cerimonial e etiqueta militares, desprezados pela força da necessidade. Todo o Senado lhe deu razão, pelo que se fez o acusador de vela para a Holanda, e deixando desgostoso o seu serviço (posto que recebesse uma medalha em prêmio dos seus feitos) entrou para a da sua própria pátria.

Volta Artiszensky ao Brasil, mas degostoso vai-se outra vez embora

1639

Barléu, 103-7

Voltando à Holanda pouco mais ou menos pelo mesmo tempo, apresentou um dos senadores à Companhia das Índias Ocidentais minucioso relatório sobre o estado das suas conquistas. Possuía ela agora seis províncias de Sergipe ao Ceará. A primeira destas tinha sido transformada em um deserto por Gijsselingh e Schuppe ao conquistarem-na; na última havia apenas um forte guarnecido por quarenta homens, mas fornecia às vezes aliados aos holandeses, suprindo-os dos artigos que os naturais juntavam para tráfico. Pernambuco, a mais importante destas capitanias, contava cinco vilas, Garaçu ou Igaraçu, Olinda, Recife, Bela Pojuca[20] e Serinhaém, afora diferentes aldeias em tamanho iguais a vilas pequenas. Havia ali antes da inva-

Estado da Companhia Holandesa

são holandesa cento e vinte e um engenhos, cada um dos quais uma aldeia, mas trinta e quatro dentre estes estavam abandonados. Em Itamaracá trabalhavam ainda quatorze, de vinte e três que floresciam antes da conquista. A Paraíba sofrera menos: dezoito engenhos estavam ali em ser, tendo apenas dois sido destruídos. Ao Rio Grande, que possuíra originariamente dois, restava um. Contavam pois as capitanias holandesas todas juntas cento e vinte engenhos a trabalhar e quarenta e seis extintos. Os dízimos do seu produto andavam arrendados assim: os de Pernambuco por 148.500 florins; os de Itamaracá e Goiana por 19.000; os da Paraíba por 54.000. Um imposto chamado a pensão sobre os engenhos de Pernambuco arrematara-o por 26.000 florins João Fernandes Vieira, cujo nome já apareceu, nem tardará a tornar-se conspícuo na história do Brasil. Os pequenos dízimos, como os chamavam, faziam montar o total de 280.000 florins.

Barléu, 101

Muito havia sofrido o país com a invasão holandesa; regiões inteiras jaziam assoladas, tendo morrido mais gente do que o vagaroso curso da natureza podia suprir em muitos e compridos anos. A cidade do Recife prosperava na verdade: era a sede do governo, principal posto militar e naval, e o grande mercado comercial em que se apinhavam as casas onde quer que aparecia espaço. Holandeses havia que esperançosos previam já o dia em que a sua capital se tornaria outra Tiro, e se estes homens tivessem podido inspirar aos conterrâneos os seus próprios espíritos generosos e empreendedores, realizada veríamos a profecia. Clamavam eles por colonos; mandai-nos, diziam, os vossos ministeriais, que mal acham na pátria com que suprir as vitais necessidades, e aqui depressa se tornarão ricos. Três, quatro e seis florins por dia era o jornal de pedreiros e carpinteiros; e os oficiais mecânicos, de que careciam os engenhos de açúcar, ainda eram mais bem pagos. Três classes de homens, se dizia, faziam falta no Brasil: capitalistas, que especulassem em engenhos de açúcar; artesãos e operários que depois de juntos algum pecúlio se entregassem à agricultura, fixando-se no solo adotivo como no natal o teriam feito. Com tal gente depressa se tornaria a ver o país tão florescente como o haviam encontrado os holandeses.

Falta de colonos

Só o terror podia manter sujeitos os portugueses, mas muitos judeus da mesma nação tinham vindo da Holanda a habitar um país onde podiam falar a sua língua e seguir a sua religião. Excelentes súditos exerciam eles a característica indús-

Barléu, P. 123-6

tria da sua raça, seguros de gozarem-lhe os frutos debaixo de um governo livre. Também alguns brasileiros-portugueses tirando alegres a máscara que por tanto tempo haviam trazido confrangidos, uniram-se aos seus irmãos da sinagoga. O ruidoso júbilo, com que se puseram agora a celebrar as suas cerimônias, atraiu demasiado a atenção; nos católicos excitou horror, e os próprios holandeses, menos liberais do que as suas leis, pretenderam que não se estendia o Brasil à tolerância da Holanda; anuiu o Senado, porventura compartindo os sentimentos do vulgo, e daqui nasceu o edito, ordenando aos judeus que celebrassem mais particularmente os seus ritos.

Os judeus

Os selvagens

Pouca razão de alegrarem-se com a mudança de senhores tinham os selvagens indígenas, cujo número das Alagoas ao Potengi, já se avaliava agora em menos de dois mil combatentes. A única coisa que os podia induzir a trabalhar um pouco, eram os gêneros europeus, agora mais fáceis de se conseguirem;[21] mas apesar disto exigia-se maior serviço dos índios, mais escassos e caros os negros, tendo alguns acompanhado ao exílio os seus bons senhores, outros passando-se para os holandeses para obterem a liberdade, e ainda outros mais avisados, ido reunir-se aos seus irmãos dos Palmares. Nada podia persuadir os selvagens a contratar os seus serviços por mais de vinte dias; em cada aldeia residia um inspetor holandês para obrigá-los a dar conta do seu trabalho, e fazer também que fossem devidamente pagos por quem os empregava. Antes de findo o prazo do serviço costumavam eles pedir o seu salário com uma desconfiança para que provavelmente lhes não faltariam motivos; e uma vez pagos não raro fugiam, deixando por acabar a tarefa. Muitos serviços antes feitos pelos negros se exigiam agora dos índios, do que eram freqüentes fugas o resultado. Alguns missionários holandeses trabalhavam por ensinar-lhes em vez de uma crença papista outra calvinista, mas faltavam instrumentos de conversão, nem a teologia de Calvino tinha com que suprir a falta de cantos e imagens, rosários, cruzes, círios e água benta, bonecada e pompa teatral de um sistema em que fora difícil dizer qual das duas coisas, esperteza ou perversidade, leva as lampas à outra.[22]

Missionários holandeses

A força militar dos holandeses no Brasil não passava de 6.180 homens, a que, segundo se cria, poderiam acrescer uns mil índios. Toda

esta gente era precisa para as guarnições, sendo impossível dispor de alguma para prosseguir nas conquistas, nem mesmo para defender o país contra as depredações das partidas portuguesas. Debaixo de outro qualquer ministro que não fosse Olivares, bastaria à Espanha uma campanha para extirpar estes invasores. No seu memorial confessou efetivamente o senador holandês, que mais ao desleixo do inimigo do que à própria força era devida a segurança. Poucos como eram andavam meio nus e esfomeados os soldados: era que as conquistas careciam que da Holanda lhes mandassem mantimento, expulsos os lavradores, cujo lugar mal o podem suprir soldados e mercadores. Tão escassas as provisões que sob pena de morte se impôs aos naturais a obrigação de abastecerem o Recife, decreto que inevitavelmente havia de agravar o mal que propunha paliar. Todos os que possuíam terras foram obrigados por lei, sob pesadas penas, a plantar de mandioca uma certa porção; confeccionaram-se registros dos proprietários territoriais, e nomearam-se oficiais que andassem vendo se se cumpria o edito. Cada lavrador havia de apresentar quatro vezes por ano a quantidade fixada, cujo preço era marcado pelo senado duas vezes por semana.

Força dos holandeses

Barléu, 154-5

Tal era a condição das conquistas holandesas no Brasil, quando o conde Maurício de Nassau, como se trabalhasse para uma nação cujas idéias fossem tão vastas e atrevidas como as dele, principiou a edificar uma cidade e um palácio. Ficava entre os rios Capivaribi[23] e Biberibe uma ilha estéril, chamada de Santo Antônio[24] de um convento de capuchinhos que ali havia: quis ele que o Senado a fortificasse, como posição importante; se jamais o Recife chegasse a ser sitiado, mas a despesa era imediata, o perigo remoto, e rejeitou-se o conselho. Resolveu-se então plantá-la, porque as árvores ofereceriam algum abrigo à cidade se o inimigo se postasse no terreno que se eleva além do Capivaribi. Depressa se ampliou o desígnio, e o conde fez ali um jardim para si. Assaz chata e próxima da água era a posição para encantar um holandês, mas o método por que ele dispôs os seus bosques arremedava a magnificência dos reis bárbaros. Com pasmo de quantos viam transplantou para esta ilha setecentos coqueiros acabados de crescer. A possibilidade da operação por todos era negada,[25] mas judiciosamente executada, começaram as árvores logo no ano seguinte a dar abundante colheita. Igualmente se plantaram ali em toda a beleza do seu pleno desenvolvimento laranjeiras,

Edifica Nassau um palácio

1639

limoeiros, cidreiras, romãzeiras, e todas as árvores indígenas do país. E aqui erigiu ele para si uma habitação, a que pôs nome Friburgo[26]; dos lados lhe ergueu duas torres que serviam também para sinais e atalaia, e rodeando-a de fortificações, tornou-a conjuntamente um baluarte e um adorno para a cidade.

Achando-se muito apertada já no Recife a população, propôs Nassau fundar nesta ilha nova cidade, ao que anuiu o Senado. Depressa se esgotaram com canais os pântanos, demarcaram-se ruas e rapidamente se ergueram casas. Debaixo do governo transato por vezes se discutira se não valeria mais abandonar Olinda e edificar aqui; acabou-se agora de destruir aquela cidade, demolindo-se os edifícios que restavam ainda, e empregando-se os materiais na nova, a que em honra do fundador se deu o nome de Maurícia. Restava ainda uni-la por uma ponte ao Recife, e por 240.000 florins se contratou a obra. Foi o arquiteto construindo pilares de pedra até chegar ao ponto mais fundo, que era de onze pés geométricos, e desesperado abandonou a empresa. Cem mil florins estavam já gastos. Muita gente houve que exultou com o malogro de uma obra que lhe ia prejudicar os seus mesquinhos interesses particulares, e levantou-se um clamor contra Maurício, o autor de um projeto impraticável. Encarregou-se então ele mesmo da execução: o que não de pedra, podia fazer-se de madeira, e no Brasil a havia, que em dureza e duração pouco cedia ao granito. Concluída em dois meses, abriu-se a ponte: obra já digna de memória por si, e muito mais por ser a primeira desta natureza na América portuguesa. O Senado, que havia feito coro com a multidão, motejando da empresa enquanto incerta, reconheceu agora o seu merecimento, e pagou a obra por conta da Companhia, certo de breve reembolso pelo produto da taxa da passagem.

Edificação de Maurícia

Vieira, *Sermões* **T. 7, p. 326**

Lançou então Nassau outra ponte sobre o Capivaribi, abrindo assim comunicação entre o Recife e o lado oposto do país através Maurícia. Perto desta ponte edificou na ilha para si outra casa, que, como Friburgo, servisse não menos de recreio que de defesa, e a que deram os portugueses o nome de Boavista.[27] A todos os respeitos eram úteis estas obras, mas sobretudo porque mostrando a resolução em que estavam os holandeses de manter suas conquistas, e a fé que tinham nos meios de o poderem fazer, tiravam a esperança aos portugueses, concor-

rendo para que resignados sofressem um jugo que tão pouca probabilidade tinham de jamais sacudir. Conferindo-lhe o título honorário de *patronus*, mostrou o Senado quanto reconhecia o mérito do conde, e aprovava as suas medidas.

Entretanto se preparavam poderosos esforços para expelir do Brasil estes conquistadores. Não lhe sofrendo mais a paciência ver como eram tratadas de resto e quase que abandonadas ao inimigo estas importantes colônias, obteve um dos ministros portugueses audiência de el-Rei, e tão energicamente lhe representou as fatais conseqüências de semelhante sistema que Olivares viu que para manter-se nas boas graças do monarca era preciso um grande esforço. Equipou-se armada mais poderosa do que jamais dera outra vez à vela para a América, confiando-se o comando ao conde da Torre, D. Fernando Mascarenhas, conjuntamente nomeado governador-geral do Brasil. Nunca se viu deitar mais miseravelmente a perder armamento tão vasto. A sua primeira e fatal desgraça veio-lhe de Miguel de Vasconcelos, esse ministro português, em quem um povo ultrajado devia brevemente tomar vingança exemplar pelos crimes cometidos contra a pátria. Este homem, querendo fazer-se na corte um merecimento do seu zelo e atividade, insistiu em que a esquadra portuguesa não aguardasse no porto os espanhóis, mas, para mostrar quão ligeira se aprontara, seguisse até Cabo Verde, onde teria lugar a junção. Mais fácil é perverter nos animais o instinto do que vencer a obstinação em homens da governança. Tinha este sido sempre o costumado lugar de reunião, e porque assim fora, deviam as armadas continuar a ir para ali, embora tivesse o clima de decimar, e porventura de reduzir à metade as tripulações. Tremenda mortandade foi o resultado, perecendo mais de um terço da gente, tanto marinheiros como soldados[28], e ao chegar a armada a Pernambuco, onde, para tomar o Recife, bastaria bloqueá-lo por pouco tempo, havia tantos doentes a bordo, que o comandante teve de demandar a Bahia como hospital. Ali recrutou gente, mas um ano inteiro se passou antes que a expedição pudesse tornar a sair ao mar.[29]

Chega o Conde da Torre

Ericeira L. 2, p. 36

Barléu, 159
Cast. Lus, **3 § 143**

Alguns dias antes de dar outra vez à vela, fez o novo governador sair André Vidal de Negreiros a assolar as províncias do inimigo à

frente das tropas que melhor conheciam o país. Deviam dividir-se em partidas pequenas de modo que melhor se sustentassem e iludissem o inimigo, fazendo ao mesmo tempo maiores depredações, e em tempo ajustado deviam reunir-se à vista do mar, e fazer junção com as forças de desembarque. Pontuais seguiram estes homens as suas instruções, pondo a ferro e fogo tudo por onde passavam, e no momento convencionado achavam-se no seu posto. Apareceu efetivamente a armada à vista, e eles incendiaram as plantações e engenhos nos arredores do Recife, com o que distraíssem a atenção do inimigo. Mas a longa demora dera a Nassau tempo de preparar-se contra o perigo, e Vidal passou pelo desgosto de ver em lugar de um desembarque uma ação naval. Deu-se o primeiro combate a 12 de janeiro de 1640 entre Itamaracá e Goiana. Foi morto o almirante holandês, e de parte a parte nem se ganhou grande vantagem, nem se sofreu grande perda. Seguiu-se nova ação no outro dia entre Goiana e Cabo Branco; terceira no dia imediato ao mar da Paraíba, e quarta à foz do Potengi no dia 17, arrastando ventos e correntes os portugueses assim cada vez para mais longe de seu destino.[30] Assim pôde uma força muito inferior evitar que uma armada de oitenta e sete velas e duas mil e quatrocentas peças de artilharia fizesse coisa alguma: levou esta em todas as ações a melhor pelo que toca à mera peleja, mas vencido pelo inimigo quanto à manobra[31] viu malograr-se-lhe completamente o intento. Tornou-se o tempo agora tal, que renunciando a toda a esperança de ganhar outra vez a Bahia naquela estação, abandonou o governador uma empresa para que tão grandes preparativos se haviam feito. Bagnuolo tentou e levou avante a sua volta por mar; mas por tão difícil era tido o cometimento, que mais acertado pareceu desembarcar quatorze léguas ao norte do Potengi o grosso da força militar composto de 1.300 homens às ordens de Barbalho, e juntamente Camarão e Henrique Dias com a sua gente deixando-os efetuar uma retirada de trezentas léguas por país inimigo, e país como o Brasil, sem mais provisões para a marcha do que as que cada homem podia levar consigo. Tendo-os desembarcado singrou o conde da Torre com vento em popa para as Índias Ocidentais, de onde passou à Europa. Apenas chegado a Lisboa, foi metido na torre de São Julião, onde jazeu sem processo, posto que não

Quatro ações navais

1640

sem pena, até que a aclamação de D. João IV lhe deu ocasião de servir o seu país e libertar-se a si.

G. Giuseppe, 215

Não tinham vencido os holandeses, mas logrando com o favor do tempo afastar das suas costas forças muito superiores, tinham colhido todas as vantagens da vitória. Instituiu Nassau regozijos por um sucesso que pudera ser mais glorioso, mais proveitoso não, e metendo alguns dos seus capitães em processo por mau comportamento, castigou vários e supliciou um.[32] Tão ruinoso e inesperado malogro abateu os espíritos aos portugueses mais do que as múltiplas derrotas e perdas até então sofridas. Principiaram a comparar com a do inimigo a própria condição e recursos. Falavam desanimados da quantidade da artilharia do holandês, tanto de bronze como de ferro; das suas fortalezas tão bem guardadas; dos seus navios tão numerosos, tão abundantemente providos, tão perfeitamente equipados; das armas dos seus soldados tão limpas, tão polidas, tão brilhantes, que mais pareciam prata do que ferro ao lado das dos portugueses. Até os ânimos mais fortes reconheceram o desesperado da situação. Do púlpito lhes diziam que dispersas e arrebatadas ninguém sabia para onde as armas reais e as armadas, só nas armas e exércitos do Céu deviam pôr toda a sua esperança, e na proteção e poder da Santíssima Virgem. "Tornemos todos!", dizia o pregador, devotamente o seu rosário nas mãos, "demos volta a esta funda todos os dias três vezes, e todas três ao redor da cabeça, não só rezando, mas meditando seus sagrados mistérios. Na primeira volta os gozosos do primeiro terço, na segunda os dolorosos do segundo, na terceira os gloriosos do último. E se assim o fizermos todos com a união, continuação e perseverança (que é a que dá força e eficácia às orações humanas), eu prometo à Bahia, em nome da mesma Senhora do Rosário, que não só se conservará livre e segura de todo o poder dos inimigos que por mar a infestam e por terra a ameaçam; mas que este será um certo e presentíssimo socorro, ainda que faltem todos os outros, para que todo o Brasil fazendo o mesmo se recupere e restaure".

Abatimento dos portugueses

Vieira, *Sermões* **T. 5, 430**

Razão tinha o pregador, que havia o Brasil de dever a sua restauração aos indomáveis brios do seu povo, sustentados e exasperados pela crença religiosa. Do que podem homens assim determinados viu então o mundo um exemplo. A Vidal, que ao longo da costa acompa-

Retirada de Vidal e Barbalho

nhara a armada, até ver o desesperado rumo que levava, nenhum alvitre restava na escolha das suas medidas que fazer, senão tornar a dividir as tropas, e seguir regressando o mesmo curso de devastações? Não tardou Barbalho a vir incorporar-se a estes homens, e aí foi o exército assolador, levando a destruição aonde chegava. Fizeram prisioneiro o governador do Rio Grande, passaram à espada toda a guarnição da Goiana, e ao sair do Recife uma força grande contra eles, embrenharam-se no sertão, que muito melhor conheciam do que o inimigo. Muitos pernambucanos, cansados de uma sujeição que armavam contra eles os seus próprios conterrâneos, sem que deixassem de ser suspeitados e oprimidos pelos holandeses os aguardavam na marcha; os alforjes, que alguns dos que ficavam atrás, arrojavam de si, quando perseguidos, achavam-se cheios de açúcar por falta de outro alimento. Barbalho porém chegou a salvo à Bahia com pouca perda além da ocasionada pelas fadigas e trabalhos do caminho.[33]

Assolação do Recônvaco

Mas antes disso já Nassau começara a sanguinosa obra das represálias. Dois mil tapuias tinham ultimamente descido do interior ao Rio Grande e oferecido aliança aos holandeses; mal esta havia sido aceita, quando eles, como amostra do que da sua fidelidade se devia esperar, caíram sobre doze pobres colonos portugueses, trucidando-os todos. As mulheres e crianças destes selvagens foram por precaução política aquarteladas como reféns na ilha de Itamaracá, enquanto se soltavam os homens contra a Bahia. A seguinte medida de Nassau foi expulsar das províncias conquistadas todos os religiosos, e depois despachou Jol a pôr o Recôncavo a ferro e fogo, enquanto, ausente o grosso da força, nenhuma resistência se podia ali opor. Cumpriram-se à risca as instruções, e naquela vasta baía, então a mais próspera de toda a América, não escapou um só engenho. Com isto esperava ele pôr em apuros de renda e mantimento a cidade, aplanando o caminho para a futura conquista.

Chega o Marquês de Monte Alvão como vice-rei

Neste mísero estado veio o marquês de Monte Alvão, D. Jorge Mascarenhas, achar o Recôncavo, ao chegar ao Brasil com o título de vice-rei. O desgraçado desgoverno, que tantas calamidades acarretara sobre o país, pintou-lhe Vieira em um memorável sermão, pregado à sua chegada, com a força e intrepidez que caracterizam os discursos deste eloqüentíssimo orador e

homem extraordinário. "Muitas ocasiões há tido o Brasil de se restaurar", disse ele, "muitas vezes tivemos o remédio quase entre as mãos, mas nunca o alcançamos, porque chegamos sempre um dia depois. Como havia de aproveitar a ocasião a quem a tomou pela calva sempre? E como estarmos tão lastimados das tardanças, o primeiro bom anúncio que temos, senhor, é sabermos que nos vem a saúde nas asas, e que voando mais que correndo, partiu Vossa Excelência a restaurar este Estado sem reparar nos novos inconvenientes que da última fortuna sobrevieram, nem em quão descaído está o Brasil das forças, e do poder com que Vossa Excelência aceitou a restauração dele. Aconteceu-lhe a Vossa Excelência com o Brasil o que a Cristo com Lázaro. Chamaram-no para curar um enfermo: *Ecce quem amas infirmatur*, e quando chegou foi-lhe necessário ressuscitar um morto. Morto está o Brasil, e ainda mal porque tão morto e sepultado, fumegando estão ainda e cobertas de cinzas essas campanhas. É verdade que nunca se viu esta província tão autorizada como agora, mas podem-lhe servir os títulos de epitáfios, que pois a vemos levantada a vice-reino entre as mortalhas, bem se pode dizer por ela também: que depois de morta foi rainha."

Passou a expor como quatro generais[34] haviam comandado em chefe desde que o inimigo invadira Pernambuco, entregando cada um ao seu sucessor a guerra em pior estado do que a recebera, e propôs-se explicar a condição do Brasil e as causas da sua enfermidade, que todas achou simbolizadas no seu texto. Era este, segundo o costume da Igreja Católica, tirado do evangelho do dia, nem na aparência podia haver nada menos aplicável ao proposto assunto do seu discurso:

Ut facta est vox salutationis tuae in auribus meis exultavit in gaudio infans. Mas sabia Vieira com fantástica ingenuidade, tirar de toda a palavra todo o sentido; e citando o texto da Vulgata, achou o ponto da aplicação na palavra *infans*.

"Bem sabem os que sabem a língua latina [exclamou o pregador], que esta palavra *infans*, infante, quer dizer o que não fala. Neste estado estava o menino Batista quando a Senhora o visitou, e neste esteve o Brasil muitos anos, que foi a meu ver a maior ocasião de seus males. Como o doente não pode falar, toda a outra conjetura dificulta muito a medicina. Por isso Cristo nenhum enfermo curou com mais dificuldade, e em nenhum milagre gastou mais tempo, que em curar um endemoni-

nhado mudo. O pior acidente que teve o Brasil em sua enfermidade foi o tolher-se-lhe a fala; muitas vezes se quis queixar justamente, muitas vezes quis pedir o remédio de seus males, mas sempre lhe afogou as palavras na garganta, ou o respeito, ou a violência, e se alguma vez chegou algum gemido aos ouvidos de quem o devera remediar, chegaram também aí vozes do poder e venceram os clamores da razão. Por esta causa serei eu hoje o intérprete do nosso enfermo, já que a mim me coube em sorte, que também S. João falou por si, senão por boca de Santa Isabel. Na primeira informação da enfermidade consiste o acerto do remédio; e assim procurarei que seja muito verdadeira, e muito desinteressada; falaremos, já nos é lícito, para que se não diga do Brasil o que se disse da cidade de Amidas, que a perdeu o silêncio: *Silentium Amidas perdidit.* E como a causa é geral, falarei também geralmente, que não é razão nem condição minha que se procure o bem universal com ofensas particulares. A enfermidade do Brasil, senhor, é como a do menino Batista, pecado original. S. Tomás e os teólogos definem o pecado original com aquelas palavras tomadas de S. Anselmo: *est privatio justitiae debitae*. Que o pecado original é uma privação, uma falta da devida justiça. Bem sei de que justiça falam os teólogos, e o sentido em que entendem as palavras; mas a nós que só buscamos a semelhança, servem-nos assim como soam. É pois a doença do Brasil: *privatio justitiae debitae*. Falta da devida justiça, assim da justiça punitiva, que castiga maus, como da justiça distributiva, que premia bons. Prêmio e castigo são os dois pólos em que se resolve e sustenta a conservação de qualquer monarquia; e porque ambos estes faltaram sempre ao Brasil, por isso se arruinou e caiu. Sem justiça não há reino, nem província, nem cidade, nem ainda companhia de ladrões que possa conservar-se. Assim o prova S. Agostinho com a autoridade de Cipião Africano, e o ensinam conformemente Túlio, Aristóteles, Platão e todos os que escreveram de república. Enquanto os romanos guardaram igualdade, ainda que neles não era verdadeira virtude, floresceu seu império, e foram senhores do mundo; porém tanto que a inteireza da justiça se foi corrompendo pouco a pouco, ao mesmo passo enfraqueceram as forças, desmaiaram os brios, e vieram a pagar tributos os que o receberam de todas as gentes. Isto estão clamando todos os reinos com suas mudanças, todos os impérios com suas ruínas, o dos persas, o dos gregos, o dos assírios. Mas para que é cansar-me eu com

repetir exemplos, se prego a auditório católico, e temos autoridades de fé? *Regnum de gente in gentem tranfertur propter injustitias*, diz o Espírito Santo no cap. X do Eclesiástico. Que a causa por que os reinos e as monarquias se não conservam inconstantemente de umas nações a outras, como vemos, é debaixo do mesmo senhor, a causa por que andam passando *propter injustitias*, por injustiças. As injustiças da Terra são as que abrem a porta à justiça do Céu. E como as nações estranhas são a vara da ira divina: *assur virga furoris mei*, com elas nos castiga, com elas nos desterra, com elas nos priva da pátria; que é muito antiga razão de Estado da providência de Deus, quando se não guarda justiça na sua vinha, dá-la a outros lavradores: *Vineam suam locarit aliis agricolif*. Pois se por injustiças se perdem os Estados do mundo, se por injustiças os entrega Deus a nações estrangeiras, como poderíamos nós conservar o nosso, ou como o poderemos restaurar depois de perdido, senão fazendo justiça? O contrário seria resistir a Deus, e porfiar contra a mesma fé.

"Sem justiça se começou esta guerra, sem justiça se continuou, e por falta de justiça chegou ao miserável estado em que a vemos. Houve roubos, houve homicídios, houve desobediência, houve outros delitos muitos, e tão enormes, que não sei se chegaram a tocar na religião; mas nunca houve castigo, nunca houve um rigor, que fizesse exemplo. Muitos bandos se lançaram muito justos, muitas ordens se deram muito acertadas; mas, como disse Aristóteles, as leis não são boas porque bem se mandam, senão porque bem se guardam. Que importa que fossem justos os bandos, se não se guardavam mais que se se mandasse o que se proibia? Que importa que fossem acertadas as ordens, se nunca foi castigado quem as quebrou, e pode ser que nem repreendido? Baste por todo encarecimento nesta matéria, que em onze anos de guerra contínua e infelice, onde houve tantas derrotas, tantas retiradas, tantas praças perdidas, nunca vimos um capitão, nem ainda um soldado que com a vida o pagasse. Oh! aprendamos sequer de nossos inimigos, que nesta última fortuna tão grande que tiveram, quando com um poder tão desigual nos derrotaram a maior armada que passou a Linha a dois capitães sabemos que degolaram no Recife, e a outros inabilitaram com suplícios menos honrosos, só porque andaram remissos em acudir à sua obrigação. Pois se o inimigo quando ganha dá mortes de barato, se quando consegue o intento, se quando se vê vitorioso sabe cortar cabeças, nós que sempre

perdemos, e nem sempre por falta de poder, por que não atalharemos as novas perdas com castigo exemplar de quem for a causa? Por que há de ser conseqüência na guerra do Brasil, se me renderem passarei à Espanha, e despachar-me-ei? Há razão mais indigna de católicos?

"Toda esta falta de castigo, toda esta emissão de culpas nasceu de uma razão de estado, que aqui se praticou quase sempre: que se não hão de matar os homens em tempo que os havemos tanto mister; que não é bem que se perca em uma hora um soldado, que se não faz senão em muitos anos; que justiçar um homem porque matou outro, é curar uma chaga com outra chaga, e que se não remedeiam bem as perdas, acrescentando-as; que a primeira máxima do governo é saber permitir, e que se há de dissimular um dano, por não o evitar com outro maior; como se não fora maior dano a destruição de toda a república, que a morte de um particular, como se não fora grande expediente resgatar com uma vida as vidas de todos: *Expedit ut unus moriatur homo, ne tota gens pereat.* Ah! triste e miserável Brasil, que porque esta razão de estado se praticou em ti, por isso és triste e miserável."

Era do púlpito que no Brasil se fazia ouvir a opinião pública, como sucedia também na Inglaterra antes das gazetas e periódicos. Dava Vieira voz aos sentimentos dos mais ilustrados dos seus conterrâneos, representando assim os males do país, e os abusos que o haviam posto à beira do abismo, mas nos casos que referiu como exemplos da utilidade do castigo em grande escala, deixou-se desnortear pelo calor da sua imaginação vívida: "A conquistar dilatadíssimas províncias (exclamou) caminhava Moisés, general dos israelitas, e não duvidou degolar de uma vez vinte e quatro mil homens, como se lê na Escritura, porque entendia como experimentado capitão, que mais lhe importava no seu exército a observância da justiça que o número dos soldados. Quem pelejou nunca no mundo com número mais desigual que Judas Macabeu? E contudo nem os exércitos de Apolônio, nem os ardis de Serão, nem os elefantes de Antíoco o puderam jamais vencer, antes ele saiu sempre carregado de despojos de vitórias: por quê? Porque primeiro tirava a espada contra os seus, e depois contra os inimigos. Pelejava com poucos soldados, e mais vencia, porque poucos com justiça é grande exército. Alá ou Deus, o mundo com o dilúvio universal, e para restauração dele, não guardou mais que Noé com três filhos seus e uma arca. Pois, senhor,

parece que poderemos replicar, quereis restaurar o mundo, querei-lo restituir a seu antigo estado, e para uma facção tão grande não guardais mais que quatro homens em um navio? Sim; que depois de um castigo tão grande, depois de uma justiça tão exemplar, quatro homens e um só navio bastam para restaurar um mundo inteiro. Vede se nos sobejaram sempre soldados para restaurar o Brasil, se nos não faltara a justiça."

Passou depois a falar da justiça distributiva, cuja falta não era menos fatal ao Estado: "Quando Davi quis sair a pelejar com o gigante, perguntou primeiro: *Quid dabitur vivo, qui percusserit Philistaeum hunc?* Que se há de dar ao homem que matar este filisteu? Já naquele tempo se não arriscava a vida senão por seu justo preço, já então não havia no mundo quem quisesse ser valente de graça. Necessário é logo que haja prêmios para que haja soldados; e que aos prêmios se entre pela porta do merecimento: dêem-se ao sangue derramado, e não ao herdado somente; dêem-se ao valor e não à valia; que depois que no mundo se introduziu venderam-se as honras militares, converteu-se a milícia em latrocínio, e vão os soldados à guerra a tirar dinheiro com que comprar, e não a obrar façanhas com que requerer. Se se guardar esta igualdade, entrará em esperanças o mosqueteiro, e soldado de fortuna, que também para eles se fizeram os grandes postos, se os merecer; e animados com este pensamento, os de que hoje se não faz caso, seriam leões e fariam maravilhas; que muitas vezes debaixo da espada ferrugenta está escondido o valor, como talvez debaixo dos talizes bordados anda dourada a cobardia. Nenhum serviço paga Sua Majestade hoje com mais liberal mão que os do Brasil, e contudo a guerra enfraquece, e a reputação das armas cada vez em pior estado, porque acontece nos despachos o de que ordinariamente se queixa o mundo, que os valorosos levam as feridas, e os venturosos os prêmios. Desta desigualdade se segue que o efeito dos prêmios militares vem a ser contrário a si mesmo, porque em vez de com eles se animarem os soldados, antes se desanimam e desalentam. Como se animará o soldado a buscar a honra por meio das bombardas e dos mosquetes, se vê em um peito o sangue das balas, e em outro a púrpura das cruzes?

"Mas [prosseguiu o orador] muitas graças sejam dadas a Deus, que para remédio deste grande mal não só temos justiça na Terra, senão justiça de Sol. Sol para alumiar, para conhecer, para distinguir, Justiça para

premiar com igualdade. Quando aqui [na Bahia] estivemos sitiados no ano de trinta e oito, tirava o inimigo muitas balas ao baluarte de Santo Antônio, os pelouros, que acertavam, ficavam enterrados na trincheira, os que erravam, voavam por cima, vinham rompendo os ares com grande ruído, e os que andavam por estas ruas, aqui se abaixava um, acolá se abaixava outro, e muita gente lhes fazia cortesias demasiadas. De sorte que o pelouro, que errou, esse fazia estrondos, a esse se faziam as reverências; e o outro, que acertou, o outro, que fez sua obrigação, esse ficava enterrado. Oh! quantos exemplos destes se acharam na guerra do Brasil! Quantos foram mais venturosos com seus erros, que outros com seus acertos! Algum, que sempre errou, que nunca fez coisa boa, nomeado, aplaudido, premiado, e o que acertou, o que trabalhou, o que subiu a trincheira, o que derramou o sangue, enterrado, esquecido, posto a um canto. Importa pois que não roube a negociação o que se deve ao merecimento; que se desenterrem os talentos escondidos, que sepultou a fortuna, ou a sem-razão; que não haja benemérito que não seja bem afortunado, e que se corte a língua à fama, se for injustiça; que se qualifiquem papéis, que se examinem certidões, que nem todas são verdadeiras. Se foram verdadeiras todas as certidões dos soldados do Brasil, se aquelas rumas de façanhas em papel foram conformes a seus originais, que mais queríamos nós? Já não houvera Holanda, nem França, nem Turquia, todo o mundo fora nosso. Não pretendo dizer com isto que não merecem muito os soldados desta guerra, porque antes tenho para mim, como é opinião de todos, que não há soldados no mundo, nem que mais valentes sejam, nem que mais sirvam, nem que mais trabalhem, nem que mais mereçam." Demorando-se depois nos trabalhos porque haviam passado, e referindo-se à última expedição comandada por Vidal Barbalho, "nesta jornada última e milagrosa [disse o pregador], onde se não deu quartel, o mesmo foi ser ferido que morto, deixando os amigos aos amigos, e os irmãos aos irmãos, por mais não poderem, ficando os miseráveis feridos nesses matos, nessas estradas, sem cura, sem remédio, sem companhia, para serem mortos a sangue-frio, e cruelmente despedaçados dos alfanjes holandeses, pelo rei, pela pátria, pela religião, pela fé. Oh! valorosos soldados, que de boa vontade me detivera eu agora convosco, pregando vossas gloriosas exéquias!"

Em seguida fez notar o mau tratamento da tropa. "Não há infantaria no mundo, nem pior mal paga, nem pior assistida; é possível que

hão de andar descalços e despidos uns corpos tão ricos de valor? Descalços e despidos os soldados do rei das Espanhas, do mais poderoso monarca do mundo? Bem sabemos a quanta estreiteza está reduzida a fazenda real no tempo presente, mas quando el-Rei neste estado não tivera outra coisa, a camisa, como dizem, havia de tirar para vestir tais soldados. Nenhum monarca do mundo chegou nunca a tanta pobreza, como Cristo, Redentor nosso, na cruz, e contudo tanto que se viu com título de rei sobre a cabeça: *Rex Judaeorum*, não só os vestidos exteriores, senão a túnica interior deu aos soldados, e não a soldados que defendiam a fé, senão aos soldados que o crucificavam. E que fizeram esses soldados logo? Tomaram os vestidos do Senhor, e puseram-se a jogá-los. Pois se o verdadeiro rei se despe, para que os soldados tenham que jogar, quanto mais se deve despir, para que tenham que vestir? E mais quando eles são tão valentes, e tão briosos, que andando tão rotos, e tão despidos, que puderam ter esquecido o vestir, nem por isso se esquecem do investir. E certo, senhores, não haveria muito de que nos espantar, quando assim o fizeram. Quando Deus perguntou a Adão por que se escondera no bosque do Paraíso, respondeu ele: *Timui, eo quod nudus essem, et abscondi me*: Senhor, olhei para mim, vi-me despido, por isso temi e me escondi. O mesmo poderiam fazer os soldados desta guerra, temerem e esconderem-se na ocasião, e quando lhes perguntassem porque, responder: *Timui eo quod nudus essem, et abscondi me*: Escondi-me em um mato, temi a morte, não quis pelejar com os holandeses, porque quando olho para mim, vejo-me despido, e não quero dar o sangue por quem me não dá de vestir. Isto poderiam dizer os nossos soldados como filhos de Adão, mas como filhos e descendentes daqueles portugueses famosos, pelejam, trabalham, cansam, morrem, e quando olham para si como andam despidos, vêem-se a si e fazem como quem são. E se sem vestir e sem comer obraram até que tão valorosamente, agora que a cuidadosa providência do marquês vice-rei, que Deus guarde, de nenhuma coisa mais tratou, que de trazer com que vestir e sustentar esta infantaria, que farão ou que não farão?"

Entrou depois o pregador em uma veia satírica, tanto mais pungente, quanto mais jocosa. "Mas como a experiência ensina, que para a saúde ser segura e firme, não basta sobressarar a enfermidade, se não se arrancam as raízes, e se cortam as causas dela, é necessário vermos ultimamente, quais são e quais foram as causas desta enfermidade

do Brasil. A causa da enfermidade do Brasil, bem examinada, é a mesma que a do pecado original. Pôs Deus no Paraíso terreal a nosso pai Adão, mandando-lhe que o guardasse e trabalhasse; ele parecendo-lhe melhor o guardar que o trabalhar, lançou mão à árvore vedada, tomou o pomo, que não era seu, e perdeu a justiça, em que vivia, para si e para o gênero humano. Esta foi a origem do pecado original, e esta é a causa original das doenças do Brasil, tomar o alheio, cobiças, interesses, ganhos e conveniências particulares, por onde a justiça se não guarda e o estado se perde. Perde-se o Brasil, senhor, digamo-lo em uma palavra, porque alguns ministros de S. M. não vêm cá buscar nosso bem, vêm cá buscar nossos bens. Assim como dissemos que se perdeu o mundo, porque Adão fez a metade do que Deus lhe mandou em sentido averso, guardar sim, trabalhar não: assim podemos dizer que se perde também o Brasil, porque alguns de seus ministros não fazem mais que a metade do que el-Rei lhes manda. El-Rei manda-os tomar Pernambuco, e eles contentam-se com o tomar. Se um só homem, que tomou, perdeu o mundo, tantos homens a tomar, como não hão de perder um Estado? Este tomar o alheio, ou seja, o do rei, ou o dos povos, é a origem da doença; e as várias artes e modos, e instrumentos de tomar são os sintomas, que, sendo de sua natureza muito perigosos, a fazem por momentos mais mortal. E, se não, pergunto, para que as causas dos sintomas se conheçam melhor. Toma nesta terra o ministro da Justiça? Sim, toma. Toma o ministro da Fazenda? Sim, toma. Toma o ministro da República? Sim, toma. Toma o ministro da Milícia? Sim, toma. Toma o ministro do Estado? Sim, toma. E como tantos sintomas lhe sobrevêm ao pobre enfermo, e todos acometem a cabeça, e o coração, que são as partes mais vitais, e todos são atrativos e contrativos do dinheiro, que é o nervo dos exércitos e das repúblicas, fica tomado todo o corpo, e tolhido de pés e mãos, sem haver mão esquerda, que castigue, nem mão direita, que premie, e faltando a justiça punitiva, para expelir os humores nocivos, e a distributiva, para alentar e alimentar o sujeito sangrando-o por outra parte os tributos em todas as veias, milagre é que não tenha expirado.

"Como se havia de restaurar o Brasil (não falo de hoje, nem de ontem, que a enfermidade é muito antiga, ainda mal), como se havia de restaurar o Brasil, se ia o capitão levantar uma companhia pelos lugares de fora, e por lhe não fugirem os soldados, trazia-os na algibeira? E

como após este ia logo outro do mesmo humor, que os trazia igualmente arrecadados, houve pobre homem nestes arredores, que sem sair da Bahia como se quatro vezes fora a Argel, quatro vezes se resgatou com o seu dinheiro. Como se havia de restaurar o Brasil, se os mantimentos se abarcavam com mão d'el-Rei, e talvez os vendiam seus ministros, ou os ministros de seus ministros (que não há Adão que não tenha sua Eva), pondo os preços às coisas a cobiça de quem vendia, e a necessidade de quem comprava? Como se havia de restaurar o Brasil, se os navios, que sustentam o comércio e enriquecem a terra, haviam de comprar o descarregar, e o dar querena, e o carregar, e o partir, e não sei se também os ventos? Como se havia de restaurar o Brasil, se o capitão de infantaria, por comer as praças aos soldados, os absolvia das guardas e das outras obrigações militares, envilecendo-se em ofícios mecânicos os ânimos que hão de ser nobres e generosos? Como se havia de restaurar o Brasil, se o capitão-de-mar-e-guerra fazia cruel guerra o seu navio, vendendo os mantimentos, as munições, as enxárcias, as velas, as empenas, e, se não vendeu o casco do galeão, foi porque não achou quem lho comprasse? E como mais ou menos, por nossos pecados, sempre houve no Brasil alguns ministros destas qualidades, que importava que os generais ilustríssimos fossem tão puros como o são, e tão incorruptíveis como os orbes celestes? Digo isto, porque sei que o vulgo é monstro de muitas cabeças, que não se governa por verdade, nem por razão, e se atreve a pôr a boca no mesmo céu, sem perdoar nem guardar decoro ainda ao maior planeta. O certo é que muitas coisas se dizem, que não são, e há sucessores de Pilatos no mundo, que por se lavarem as mãos a si, lançam as culpas à cabeça. Que haviam as cabeças de executar, meneando-se com tais meios, e cobrando com tais instrumentos? Desfazia-se o povo em tributos e mais tributos, em imposições e mais imposições, em donativos e mais donativos, em esmolas e mais esmolas (que até à humildade deste nome se sujeitava à necessidade, ou se abatia à cobiça), e no cabo nada aproveitava, nada luzia, nada aparecia. Por quê? Porque o dinheiro não passava das mãos por onde passava. Muito deu em seu tempo Pernambuco: muito deu e dá hoje a Bahia, e nada se logra; porque o que se tira do Brasil, tira-se do Brasil, o Brasil o dá, Portugal o leva.

"Com terem tão pouco do Céu os ministros que isto fazem, temo-los retratados nas nuvens. Aparece uma nuvem no meio daquela baía, lança uma manga ao mar, vai sorvendo por oculto segredo da natureza grande quantidade de água, e depois que está bem cheia, depois que está bem carregada, dá-lhe o vento, e vai chover daqui a trinta, daqui a cinqüenta léguas. Pois, nuvem ingrata, nuvem injusta, se na Bahia tomaste essa água, se na Bahia te encheste, por que não choves também na Bahia? Se a tiraste de nós, por que a não despendes conosco? Se a roubaste a nossos mares: por que a não restitues a nossos campos? Tais como isto são muitas vezes os ministros que vêm ao Brasil, e é fortuna geral das partes ultramarinas. Partem de Portugal estas nuvens, passam as calmas da Linha, onde dizem que também refervem as consciências, e em chegando, *verbi gratia*, a esta Bahia, não fazem mais que chupar, adquirir, ajuntar, encher-se (por meios ocultos, mas sabidos), e ao cabo de três ou quatro anos, em vez de fertilizarem a nossa terra com a água que era nossa, abrem as asas ao vento, e vão chover a Lisboa, esperdiçar a Madri. Por isso nada lhe luz ao Brasil, por mais que dê, nada lhe monta e nada lhe aproveita, por mais que faça, por mais que se desfaça. E o mal mais para sentir de todos é que a água que por lá chovem e esperdiçam as nuvens, não é tirada da abundância do mar, como em outro tempo, senão das lágrimas do miserável e dos suores do pobre, que não sei como atura já tanto a constância e fidelidade destes vassalos.

"Muitos transes destes tens padecido, desgraçado Brasil, muitos te desfizeram para se fazerem, muitos edificam palácios com os pedaços de tuas ruínas, muitos comem o seu pão, ou o pão não seu, com o suor do teu rosto; eles ricos, tu pobre; eles salvos, tu em perigo; eles por ti vivendo em prosperidade, tu por eles a risco de expirar. Mas agora alegra-te, anima-te, torna em ti, e dá graças a Deus, que já por mercê sua estamos em tempo, que, se concorrermos com o nosso suor, há de ser para nossa saúde. Tudo o que der a Bahia para a Bahia há de ser; tudo o que se tirar do Brasil, com o Brasil se há de gastar."[35]

Vieira, *Sermões* **T. 8, p. 386-415**

Da chegada do vice-rei agourava Vieira os mais felizes resultados, e a boa vontade com que olhava aquele um pregador, que tão ousado e fielmente pintava a má administração geral dos negócios, parecia

implicar o desejo, se não a intenção, de pôr cobro a tais abusos. Mas faltou-lhe o tempo para realizar ou desmentir estas esperanças. O seu primeiro cuidado foi fazer cessar o modo bárbaro de hostilidades em que degenerara a guerra. Cansadas estavam ambas as parcialidades de semelhante modo de guerrear[36], e entabularam-se negociações para mutuamente acabar com ele, sendo incerto qual das duas deu o primeiro passo que cada uma imputa à outra. Não houve porém de ambos os lados igual sinceridade. Frustrada a última grande expedição, nenhuma razão tinha o vice-rei para esperar que outro esforço se fizesse em prol da restauração do Brasil, sabendo aliás muito bem que os holandeses avaliavam a importância destas conquistas pelo último saldo das suas contas do ano. Valia pois mais do que batê-los, estragar-lhes o comércio. Convencido disto, recorreu a desonroso artifício, e enquanto com os holandeses negociava para prevenir toda a guerra de depredações, despachava secretamente Paulo da Cunha e Henrique Dias a talar-lhes os domínios. Depois dirigiu-se oficialmente a Nassau e ao Conselho Supremo, dizendo que alguns dos seus soldados desertados com medo do castigo, procurariam provavelmente com o favor de Sua Excelência passar-se para a Europa; era também muito de recear-se que eles cometessem alguns excessos na sua marcha, pelo que pedia que, sucedendo assim, fossem severamente punidos. Aventurou o vice-rei esta mentira, fiado em que era a sua gente por demais prática do país, e esperta no seu ofício, para deixar-se agarrar ou atraiçoá-lo a ele. Nem nisto se enganou e a comissão foi plenamente executada; dividiu-se a tropa em partidas pequenas, com seus distritos de devastação traçados e lugares de reunião aprazados, e mais uma vez foi toda Pernambuco posta a ferro e fogo. Entretanto recuperava o duque de Bragança o trono, sua legítima herança, havia tanto usurpada pela casa da Áustria.

Conversação entre o vice-rei e os holandeses

Proceder traiçoeiro do vice-rei

Cast. Lus., 154-6

Mandou-se uma caravela com ordens para a Bahia, e desembarcando só, foi o capitão comunicar ao vice-rei a importante nova que trazia. Imediatamente se tomaram medidas para impedir que fosse pessoa alguma a bordo; e convocados os superiores das ordens religiosas e os principais da cidade, leu-lhes o vice-rei os seus despachos, pedindo a cada um o seu parecer. Votou a maioria por adiar-se até ao dia seguinte a decisão: era que temiam o poder da Espanha e duvidavam da

Revolução em Portugal

estabilidade do novo governo. Mas já o marquês tinha tomado o seu partido, e declarou que ninguém lhe saía dali antes de se assentar em alguma coisa. Ouvido o que, o mestre-de-campo, João Mendes de Vasconcelos, levando a mão à espada, exclamou: "Temos um rei do nosso próprio sangue português, D. João, duque de Bragança, a quem de direito pertence o reino, como sabe todo o mundo. Que nos detemos pois em ouvir pareceres? Real, real por D. João, quarto do nome, rei de Portugal!" O vice-rei, que só esperava por um voto destes, repetiu: "Viva el-rei D. João IV e que ninguém se lhe oponha!"

Valeroso Lucideno, **P. 108**

Reuniram-se dois regimentos para desarmar a parte espanhola da guarnição, e tomadas todas as devidas precauções, saiu o vice-rei com o estandarte de Portugal, o senado da Câmara de São Salvador, e os principais moradores, e proclamou rei D. João IV. Com o mesmo entusiasmo que nas províncias do reino, foi a notícia recebida no Brasil, e por todas as capitanias se repetiu a aclamação sem que contra ela se erguesse uma única voz. Comunicada a Nassau a nova de uma revolução que, tornando Portugal inimigo da Espanha, devia por conseguinte ser seguida de um tratado com a Holanda, mandou o vice-rei seu filho D. Fernando a Lisboa a prestar obediência.

Infelizmente para a família Mascarenhas, dois outros filhos, que estavam em Portugal. preferindo ao patriotismo a lealdade, tinham fugido para Madri, e sabida a fuga, foi o jesuíta Vilhena mandado à Bahia com instruções para depor o vice-rei, se visse que seguia as mesmas partes, e nomear Barbalho, Lourenço de Brito Correia e o bispo governadores conjuntos. Apesar de ter achado que o vice-rei procedera como tocava a um português, comunicou Vilhena indesculpavelmente as suas instruções aos dois interessados, a quem faltou a virtude para resistir à tentação da autoridade. Nem lhes bastou que D. Jorge[37], ao notificarem-lhe a deposição, deixasse com pronta obediência o palácio, retirando-se para o colégio dos jesuítas: ali foi posto em custódia, e com ele dois amigos, que afora a dedicação à sua pessoa, nenhuma outra culpa tinham. Dois oficiais, que ele tinha mandado prender por um assassinato cometido com dia claro, foram soltos. Depois meteram-no a bordo de uma caravela, em que o queriam mandar preso para o reino. Antes que ela desse à vela entrou no porto um navio com bandeira espanhola; imediatamen-

É o vice-rei remetido preso para o reino

te capturado, acharam-se-lhe a bordo cartas para o marquês, umas d'el-Rei da Espanha, outras dos filhos fugitivos, e todas conjurando-o que persistisse no que chamavam o seu preito e lealdade. Como se fossem provas de traição remeteram-se estas cartas para Portugal com o preso. E o vice-rei além da ignomínia injustiça com que fora tratado, teve ainda de chorar o proceder dos filhos e prisão conseqüente da esposa, de que tudo teve conhecimento durante uma miserável viagem.

Ericeira, P. 134-7

NOTAS DO CAPÍTULO XVII

1. Os holandeses dizem que ele entrou à vila, mas não julgou que valesse a pena destruí-la. Ora destruir era o só e único fim desta jornada, e portanto sigo sem hesitar a narração de Brito Freire, tanto mais que nunca tive razão de pôr em dúvida a veracidade deste bem informado e sincero historiador.
2. O governo de Nassau no Recife é objeto de larga literatura histórica e etnográfica. Consulte-se, entre outras obras, *Tempo dos Flamengos*, de José Antônio Gonçalves de Melo Neto; *Civilização Holandesa no Brasil*, de José Honório Rodrigues e Joaquim Ribeiro; *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, de Hermann Watjen; *Geografia do Brasil Holandês*, de Luís da Câmara Cascudo, além das obras de Barlaeus e Marcgrave. (L.A.)
3. Lastima Netscher que o Conde Nassau, cedendo às importunações dos ministros protestantes, revogasse os editos que em prol da liberdade de consciência, e tolerância religiosa, tão sabiamente promulgara. (F.P.)
4. Se dermos crédito ao que nos refere Barlaeus (*Res. gest. sub comite Mauritio in Brasilia*, pág. 164), o denodado guerrilheiro D. Antônio Filipe Camarão entrou em negociações com Nassau para abandonar a causa portuguesa. (F.P.)
5. Lemos nos melhores cronistas e historiadores que o governador-geral do Brasil, Pedro da Silva, que se mostrara a princípio hostil ao Conde de Bagnuolo, levara depois o seu cavalheirismo em renunciar em suas mãos toda a autoridade militar. (F.P.)
6. Antigo barco pequeno e estreito, usado principalmente para exploração de acidentes geográficos litorâneos. (L.A.)
7. Segundo o cálculo de Netscher levara consigo 3.400 soldados e marinheiros; além de 1.000 indígenas. (F.P.)
8. Com estas nobres expressões repara Southey as injustiças que por mais de uma vez irrogara ao distinto general italiano, Conde de Bagnuolo. (F.P.)
9. Por que desvirtua Southey esta tão louvável e cavalheiresca ação do general italiano? (F.P.)

10. Era de vinte e três navios e três barcos menores a primeira esquadra da Companhia das Índias Ocidentais, fundada em 1621. Conduzia a esquadra 1700 soldados, além de 1.600 marinheiros da tripulação e 500 bocas-de-fogo. (LA.)
11. Achamos mais razoável o cálculo de P. Varnhagen que orça a perda dos holandeses em trezentos e vinte sete mortos e cinqüenta e dois prisioneiros: e da nossa parte em cento e tantos mortos e feridos. (F.P.)
12. Piso descreve este contágio. L. 1, c. 15. *De fluxa alvi lepatico.*
13. Segundo o testemunho de Netscher perderam os holandeses mil e cem homens neste cometimento. (F.P.)
14. Vide B. Freire.
15 Um principado no reino de Nápoles, sujeito nessa época à Espanha, e incorporado hoje na monarquia italiana. (F.P.)
16. Onde está a infâmia no malogro de um feito d'armas? (F.P.)
17. Eis o verdadeiro motivo do mau êxito da expedição à Bahia, e não à falta de talentos militares, que mais do que Schkoppe e Artischofsky possuía Maurício de Nassau. (F.P.)
18. Honra ao ilustre varão que no décimo sétimo século sustentava tais princípios! (F.P.)
19. Há equivocação manifesta na data deste feito a que já aludimos. Quando se deram as desinteligências de Camarão com Bagnuolo, estava este acampado no sítio denominado *Torre de Garcia d'Ávila*, anteriormente ao ataque da Bahia por Nassau. (F.P.)
20. Escreve-se mais comumente *Ipojuca.* (F.P.)
21. O pano de linho de Osnaburgo era o artigo que eles mais estimavam, fartos já do fabricado em Ruão e Steinfurt. É curiosa esta moda entre selvagens. *Barlaeus*, 129.
22. É singular que possam os preconceitos religiosos levar um homem como Southey a escrever semelhantes coisas! (F.P.)
23. Aliás Capiberibe. (F.P.)
24. É mais conhecida esta ilha pela denominação da de Antônio Vaz. (F.P.)
25. *Has cum transferri non posse omnium esset opinio, scite effossas, petoritis, trium quatuorve miliarium spatio, vectari et pontonibus trans fluvios deportari in insulam jussit. Translatas, non labore solum, sed et ingenio, excepit amica tellus, eaque foccunditate praeter omniun spem implevit annosas arbores, ut primo ab insitione anno, mira noscendi aviditate, fructus dederint copiosissimos. Jam septuagenariae et octogenariae erant, veterique proverbio fidem imminuere, arbores annosas non esse transferendas.* Barlaeus, pág. 144.
26. Vrijburg (*Sem-cuidados*) chamava-se este palácio, ou antes alcáçar. (F.P.)
27. *Schoonzigt* em holandês. (F.P.)
28. Piso, no seu capítulo de *Morbis contagiosis* (L. 1, c. 18), fala disto com a maior sinceridade. *Anno 1639, MAGNO NOSTRORUM COMODO, juxta Sinum omnium Sanctorum, tertia pars classis Hispanicae de maligna es contagiosa febre extincta.*

29. Du Tertre refere um boato, a que dá crédito, de que neste ano se fizera entre os reis da Espanha e da Inglaterra um tratado pelo qual se obrigara este a mandar dezoito navios tripulados por irlandeses para ajudarem a expelir do Brasil os holandeses, sob condição de que, feito isto, ajudariam também os espanhóis a deitar os franceses fora de S. Kitts, e estabelecer ali em lugar deles estes mesmos irlandeses. A história parece ter também achado crédito entre os franceses. *Hist. des Antilles*, 1, pág. 155.
30. Ficou a almiranta com o dano das quatro refregas e Santa Bárbara com a honra. "Ponde-vos", diz Vieira no seu sermão desta santa, "no galeão *S. Domingos*, capitânia real de nossa armada nas quatro batalhas navais de Pernambuco, sustentando a bateria de trinta e cinco naus holandesas; e que é o que se via dentro e fora em toda aquela formosa e temerosa fortaleza nos quatro dias destes conflitos? Jogava o galeão sessenta meios-canhões de bronze em duas cobertas; tinha guarnecidos por um e outro bordo o convés, os castelos de popa e proa, as duas varandas e as gáveas com seiscentos mosqueteiros. E sendo um Etna, que lentamente se movia vomitando labaredas e raios de ferro e chumbo por tantas bocas maiores e menores; dando todos e recebendo pólvora, carregando e descarregando pólvora, e tendo nas mesmas mãos os morrões com duas mechas acesas, ou os botafogos fincados junto aos cartuchos; e que bastando qualquer faísca para excitar um total incêndio, e voar em um momento toda aquela máquina; que entre tanta confusão, e vizinha de pólvora e fogo, estivesse o galeão tremulando as suas bandeiras tão seguro e senhor do campo, como uma roca batida só das ondas, e não das balas; quem negará que supria ali a vigilância e patrocínio de Santa Bárbara, o que nenhuma providência humana poderá evitar?" Tom. 7, pág. 501.
31. Não o admite contudo Vieira, não provavelmente a suspeitou sequer. Refere ele o sucesso com essa valentia sua particular e animação, que lhe caracteriza a inimitável linguagem: "Oh, juízos e conselhos ocultos da Providência, oh, ira divina! Vitoriosas sempre sem controvérsia as duas armadas em quatro combates sucessivos na parte superior das ondas; furtadas porém às mesmas ondas pela parte inferior, e como minadas as naus pelo fundo, e pelas quilhas, de tal sorte as arrancou do sítio já ganhado a fúria das correntes, que por mais que forcejaram pelo recobrar, nunca lhe foi possível. Assim vencido da sua própria vitória aquele grande poder, e fugindo seu lugar (porque fugia o mar, em que navegava), podendo mais a desgraça que o valor, a natureza que arte, e o forçado destino que o dos braços, perderam os derrotados e tristes conquistadores o mar, perderam a terra, perderam a empresa, perderam a esperança; e nós que neles a tínhamos fundada, também a perdemos." *Sermões*, t. 5, pág. 422.
32. Cinco foram degradados, passando-se-lhes uma espada por cima da cabeça. Espalhou-se fora do país um boato exagerado de terem os espanhóis perdido sessenta navios. Du Tertre, 1, pág. 156.
33. Barlaeus (pág. 183) diz que ele matava os seus próprios doentes, o que é tão falso quão incrível, embora o holandês desculpe o caso *dura necessitatis ac militiae lege*. O

que é verdade é que quem caía aí ficava, e se o inimigo o encontrava, não lhe dava quartel.

34. Grande conjetura de ser a enfermidade mortal, mudarmos tantas vezes de cabeceira.

35. Vide os *Sermões*, do padre Antônio Vieira: Sermão da Santa Cruz e Sermão pelo Bom Sucesso. Para melhor identificação cronológica dos acontecimentos, vide Pedro Calmon in *História do Brasil*, Vol. II. (L.A.)

36. Dele nos traça Vieira uma espantosa pintura: "O mar infestado, os portos impedidos, as costas com perpétuos rebates ameaçadas, as campanhas taladas, as lavouras abrasadas, as casas despovoadas e destruídas, as cidades e vilas arruinadas, os templos e os altares profanados, as pessoas de todo estado e condição, de todo sexo e idade desacatadas, e por mil modos oprimidas: as prisões, os desterros, as pobrezas, as fomes, as sedes, uns mortos nos bosques, outros mirrados nos desertos, fugindo dos homens para ser pasto das aves e das feras; as mulheres e meninos inocentes entregues à fúria e voracidade dos bárbaros, e os mesmos cadáveres com horror da natureza incestamente afrontados; as mortes desumanas a sangue-frio, as traições, as crueldades, as sevícias, os martírios, e tantos outros gêneros da herética tirania, contrários a toda a fé e direito das gentes e de nenhum modo compreendidos debaixo do nome de guerra: esta é a guerra que padecemos." *Serm.*, t. 5, pág. 412. Sobrecarregado como este quadro poderá parecer, devia haver no todo dele demasiada verdade, aliás se não teria arriscado a descrição ao próprio tempo e no próprio teatro da guerra: sobretudo o não faria tal homem.

37. D. Jorge de Marcarenhas, marquês de Montalvão, que foi o Governador-Geral do Brasil em 1641. (L.A.)

. . . .

Capítulo XVIII

NEGÓCIOS DO MARANHÃO – ALGUNS MISSIONÁRIOS DE QUITO, FUGINDO PELO NAPO ABAIXO, ENTREGAM-SE AO RIO, E CHEGAM A BELÉM – SOBE TEIXEIRA O AMAZONAS – REGRESSA COM ELE ACUÑA, QUE EXPLORA O CURSO DO RIO

1630
Os ingleses no Pará

ENQUANTO meio Brasil mudava de senhores, ficara o Maranhão até agora ileso desta guerra. Continuavam porém diferentes aventureiros a procurar firmar pé nestas partes, e cada vez mais formidáveis se haviam tornado suas tentativas desde a perda de Olinda. Outra vez se esforçaram os ingleses por formar um estabelecimento na ilha dos Tocujos[1]; duzentos se fortificaram sobre o rio de Filipe, e já se dizia que um reforço de quinhentos homens se achava a caminho para unir-se a eles. Desde logo se aliaram com estes recém-chegados os tapuias, sempre prontos a entregarem-se a quem lhes oferecesse proteção, certos de que nenhum jugo haveria mais intolerável do que o dos portugueses. Muitas tribos, que se tinham submetido a estes insaciáveis tiranos, que tais eram eles por este tempo no Maranhão e Pará, ávidas aproveitaram o ensejo da revolta, nem havia já que duvidar que as que ainda se conservavam obedientes principiavam a va-

cilar. Coelho[2], o governador-general deste novo Estado, não perdeu tempo em fazer sair contra estes competidores uma força considerável comandada por Jácomo Raimundo de Noronha, ultimamente nomeado capitão do Pará. O comandante inglês era um tal Tomás, soldado velho, que servira com glória nos Países-Baixos; aqui porém teve de sucumbir, tentou fugir de noite em uma lancha, e foi agarrado e feito em postas, segundo a habitual barbaridade com que todas as nações igualmente se faziam a guerra no Novo Mundo. Entregou-se então o forte, que os vencedores arrasaram sem deixar pedra sobre pedra.

Berredo, § 598-605

A seguinte tentativa dos ingleses ainda teve lugar entre os Tocujos. Foi nela por capitão Roger Fray.[3] Mandou o governador seu próprio filho Feliciano Coelho contra este aventureiro, que também foi vencido e morto, destruindo-se igualmente o forte Cumaú,[4] edificado pelo inglês. Não tardou que chegasse de Londres um navio com quinhentos emigrantes para esta infeliz colônia, que eles provavelmente teriam salvado, se mais cedo chegassem. Quatro destes homens foram aprisionados ao desembarcarem e remetidos para a cidade de S. Luís. O que deles se pôde tirar foi que havia a colônia sido fundada à custa de Tomás, conde de *Brechier*, e que em Flushing ficavam navios com forças holandesas e inglesas a bordo para a conquista do Amazonas. Talvez esta gente tivesse também sido enganada com semelhante notícia. Inquietou-se Coelho, e tomou as precauções que pôde contra o esperado ataque. Especialmente tinha ele a peito remover a capital do Pará para lugar mais cômodo e sobretudo mais defensável, que não era Belém tão grande, que tornasse muito difícil à medida para a qual obteve afinal autorização de Madri. Tais estorvos, porém, lhe puseram por diante homens egoístas e interessados, que, frustrado o plano, ainda hoje se vê a cidade no mesmo mal escolhido sítio. Mesquinhas disputas entre o povo do Pará e o seu capitão Luís do Rego, e uma tentativa de Coelho, para constituir ao filho uma capitania, primeiro no Gurupi, que lhe foi tirada e dada a Álvaro de Sousa, e depois em Camutá[5], consumiram o resto da vida deste governador. Perdido o arrimo, abandonou o filho o país, voltando a Portugal.

Berredo, § 626-642
1636

A morte de Coelho deixou vago o governo. Segundo o curso regular das coisas, não aparecendo cartas de sucessão, devia Antônio Cavalcanti de Albuquerque, que o falecido deixara a comandar no Maranhão durante a sua ausência (pois finara-se em Belém)

1636

continuar no governo, até ser o lugar provido na Europa. Um habitante da Ilha do Maranhão, mal o governador fechou os olhos, partiu de Belém para S. Luís em uma canoa, obrigando os índios a arrancar a voga de maneira que a viagem, que costuma levar vinte e cinco dias, fê-la ele em quatorze. Esperava este homem favor e proteção de Jácomo Raimundo, pelo que lhe comunicou a nova, antes que ninguém dela soubesse. Tinha Raimundo muitos amigos, e apesar da oposição de Cavalcanti, de tal modo soube fazer valer a sua influência, que o senado da Câmara o elegeu governador. Igualmente ineficaz foi a oposição em Belém. Formou-se uma conspiração para depô-lo e reintegrar Cavalcanti no poder de que ilegalmente fora privado; foi porém descoberta e Raimundo usou de uma moderação talvez sem exemplo em casos tais. Plenamente convictos os conspiradores, não os molestou ele nem na vida, nem nos membros, nem na fazenda, nem sequer na liberdade, contentando-se com separar os que lhe parecia perigoso deixar unidos. Medidas de maior rigor não teriam sido mais eficazes; ganhou o amor do povo com esta clemência, e prendeu pela gratidão os que talvez não lograra reprimir pelo medo.

Morte de Coelho

1637

Berredo, § 643-57

Não lhe tardou oportunidade de tornar memorável na história do Maranhão e da América do Sul o seu governo. Dois anos antes tinha sido enviada de Quito aos índios do rio Auárico uma missão franciscana. Um capitão por nome Juan de Palacios ofereceu-se com alguns soldados poucos para escoltá-la, compartindo os perigos e a glória da expedição, que chegou à província dos Encabelados, onde o Auárico faz junção com o Napo, demorando-se ali alguns meses a tentar sem resultado a obra da conversão. De cansados retiraram-se alguns missionários, mas o maior número persistiu na empresa, até que Palacios foi assassinado pelos selvagens; então fugiram possuídos de terror. Dois irmãos leigos e seis soldados perderam porém o ânimo ao pensarem na tremenda jornada de regresso ao Peru, e, desesperando de vencê-la, entregaram-se ao rio, como já antes fizera Orellana. Domingos de Brieba e André de Toledo eram os nomes dos frades; os dois soldados não os guardou a história. Todos chegaram a Belém sãos e salvos. Assim foi segunda vez navegado o Amazonas de Quito até ao mar, e contudo pouco ou nada se ficou sabendo do seu curso. Tão desfigurada com as fábulas do

Missão de Quito

Acuña, tradução ingl., C. 13

M. Rodrigues, L. 2, c. 5

descobridor e adulterada com as mentiras do dominicano que o acompanhara, havia sido a história da primeira viagem, que o mais para que servia era para induzir aventureiros em erros. Orsúa entrara no rio-mar pelo Ucaiali e pelo Gualaga, mas o diário que desta estranha expedição se escrevera somente se ocupava com as atrocidades de Aguirre, poucas informações dando a respeito da extensa tira de país por ele percorrido. Quanto a estes últimos viajantes, vinham todos transidos de terror, e ao tornarem a ver-se entre cristãos, só puderam dar uma vaga relação de nações antropófagas, a que haviam escapado. A única coisa que resultava clara era que nada obstruía a navegação deste poderoso rio por um curso de mais de três mil milhas. Fácil é de imaginar com que espanto não seriam vistos estes homens em Belém, e quão cordialmente recebidos. Foram remetidos para S. Luís, onde o governador os interrogasse em pessoa. Cônscio da usurpada autoridade, anelava Raimundo cobrir com o brilho de algum serviço relevante o feio do crime, e nada para isso lhe pareceu mais próprio do que explorar a navegação interna entre o Brasil e o Peru, e tal aliança cimentar com os naturais, que jamais se atrevessem os holandeses a atentar por esta via contra o Potosí. Serviço era este que a corte especialmente recomendara a Maciel, quando capitão do Pará, e depois a Coelho, nenhum dos quais achara lazer para tão difícil empresa. Também se diz que por este tempo revolvia o governo espanhol um projeto de trazer os tesouros do Peru, Quito, Popaián e até do Novo Reino pelo rio gigante a Belém, de onde achariam para a Europa mais curto e seguro caminho. De tão feliz e inesperada oportunidade de levar avante este importantíssimo objeto lançou Raimundo ávida mão.

Berredo, § 658-63

Teixeira mandado a explorar o Amazonas até Quito

Gomberville, *Relat. de la Rivière des Amazones* *Dissert.*, **P. 52**

Declararam-se os viajantes prontos a volver bem acompanhados ao Quito pelo mesmo caminho que haviam trazido, e conseqüentemente preparou-se uma expedição, de que Teixeira havia de ser o chefe. Receando sempre uma invasão dos holandeses, não queria o povo do Pará separar-se de uma porção tão considerável da sua força, qual a que tinha sido fixada para este serviço, e sobresteve-se na partida, enquanto contra ela se mandava uma representação a S. Luís; mas perempetória foi a resposta de Raimundo, e a 28 de outubro de

1637 partiu Teixeira de Belém,[6] com setenta soldados e mil e duzentos flecheiros e remadores indígenas, perfazendo com mulheres e escravos um total de duas mil pessoas, que se embarcaram em quarenta e cinco canoas.

Mais do que eram capazes de prestar haviam tomado sobre si os guias; a corrente os trouxera para baixo, e enquanto ela os arrastava, estavam seguros de se acharem na verdadeira estrada; mas encontrar passagem pelos intrincados canais deste prodigioso rio acima, era obra de muita paciência e grande dificuldade. Muitos dos índios desertaram, e todo o esforço, toda a influência, toda a arte de Teixeira foi precisa para impedir que o resto os seguisse. O estratagema que melhor efeito surtia, era asseverar-lhes que estavam a chegar ao termo da viagem, e mandou Bento Rodrigues de Oliveira com oito canoas adiante, como para preparar quartéis. Era este brasileiro de nascimento, acostumado a semelhante modo de viajar, senhor da língua tupi, que falava como a materna; criara-se entre os naturais, e, homem de grande penetração, entendia-lhes a natureza e os olhares como a linguagem, de sorte que muito o respeitavam os índios, crendo dele que lhes sabia ler no pensamento. Foi ele reconhecendo o caminho e deixando sinais e instruções em todos os pontos e estâncias do rio, que aos outros servia de não pequena excitação para que prosseguissem a ver dia por dia as novas que nestas estações encontravam; e Teixeira sempre a levantar-lhes os espíritos abatidos com protestações de que mais um bocado de perseverança chegariam ao termo da viagem. Assim foram avançando até que a 3 de julho do ano seguinte chegaram ao lugar onde Palacios tinha sido morto, e aqui, tendo por necessário assegurar-se a retirada, postou o comandante a maior parte do seu pequeno exército sobre as margens de formoso rio, onde caía na grande corrente, e o comando deu-o a Pedro da Costa Favela e Pedro Baião de Abreu. Com o resto seguiu para Paiamino, primeiro estabelecimento dos castelhanos nesta direção[7], e que fica na província de Quixos, a cerca de oitenta léguas de Quito. Aqui deixara Bento Rodrigues suas canoas e recado que partia por terra para Quito. Seguiu-o Teixeira por país montanhoso e agreste até alcançar Baeza, lugar então chamado cidade, mas hoje um deserto. Já então se sabia da sua vinda, e ordens eram dadas para supri-lo de todo o necessário a ele e à sua gente. Ao aproximar-se

Chegada a Quito

15 de ag. 1638

de Quito, o clero, a câmara, e os moradores lhe saíram ao encontro em procissão; corridas de touros se deram em memória da sua viagem, e enquanto com as honras que merecia o festejavam, remetiam ao vice-rei do Peru o diário e mapa do rio por ele preparados.

Acuña, C. 15-17. M. Rodr., L. 2, c. 6. Berredo, § 679-87

Ao conde de Chinchón, então vice-rei, de tão grande conseqüência pareceu esta expedição no estado em que se achavam os negócios, que deu ordem a Teixeira para voltar pelo mesmo caminho, a verificar e aperfeiçoar a sua planta, levando consigo duas pessoas, que, seguindo para Madri, apresentassem a el-rei as informações colhidas. Alguma dificuldade houve em achar estas pessoas. João Vasquez de Acuña, corregedor de Quito, ofereceu sua pessoa e fazenda para este serviço, requerendo que se lhe permitisse fornecer a sua custa tudo o necessário; não se aceitou a oferta, quiçá por ser indispensável ali a sua presença; outros aventureiros qualificados para o cargo não apareciam, até que recorrendo-se ao provincial dos jesuítas, nomeou este Fr. Cristoval de Acuña, irmão do corregedor, e então reitor do colégio de Cuenca, e Fr. André de Artieda, professor de teologia nas escolas de Quito.[8] Levaram ordem de levantar a planta do rio, notando quanto houvesse que notar. Acompanharam-nos quatro religiosos da ordem de Nossa Senhora das Mercês, um dos quais, por nome F. Pedro de la Rua Cirne, fundou mais tarde conventos da sua regra em Belém e S. Luís.

Manda o vice-rei do Peru levantar a planta do rio

Ao empreender-se esta descida pelo maior rio do mundo, muitas e diversas eram as opiniões sobre a origem deste. Em Lima se lhe dava por nascente o lago de Lauricocha, entre as montanhas vizinhas de Huanuco de los Cavaleros, que fica a cerca de setenta léguas da capital do Peru. Na província de Popaián reclamava-se a mesma honra para o Caquetá ou Jupurá, posto que sem razoável fundamento, sendo este rio, após um curso de setecentas léguas, tragado por outro muito maior do que ele. Outros derivavam o Amazonas do Guamaná e do Pulca, que nascem a cerca de oito léguas de Quito e são as fontes do Coca. Com uma parcialidade fácil de explicar-se preferiu Acuña esta opinião. Fritz, o missionário, pelo contrário mantém a primeira, e Berredo o segue. Têm eles razão quando afirmam que é o Ucaiali a corrente principal, e não o Novo Maranhão, ou Lauri-

Nascentes do Amazonas

cocha, como com mais propriedade tem sido chamado; mas é da mais remota nascente que devemos traçar este potente rio, e essa é um lago perto de Arequipa, de onde rebenta o Apurimac.

16 de fev. 1639 Reembarca Teixeira

Tão difícil achara Teixeira o caminho de Paiamino, que na volta preferiu embarcar perto de um estabelecimento chamado Archidona, sobre uma das correntes que formam o Napo, e onde ainda hoje os missionários das bandas de Quito costumam fazê-lo para ir às poucas reduções que têm sobre este rio. Não pequena alegria causou a sua chegada a Pedro da Costa e ao destacamento que com ele estava. Por muito tempo não se haviam conservado em termos amigáveis os encabelados: temiam os selvagens que neles se vingasse a morte de Palacios, e os portugueses não iam longe de aproveitar a ocasião para a desforra. Rebentara a guerra, muitos dos naturais haviam sido mortos, e mais de setecentos feitos prisioneiros. O nome vernáculo desta nação ninguém o refere; os espanhóis lhe puseram nome do costume singular de deixar crescer os cabelos até incômodo comprimento, às vezes até debaixo do joelho, moda comum a ambos os sexos. Viviam em contínua guerra com cinco tribos limítrofes da mesma banda do rio.[9] Por arma tinham o dardo, e eram antropófagos; cobriam de folhas de palmeira suas casas, arte em que revelavam bastante engenho.

Condamine, P. 17

Aqui se deteve Teixeira alguns meses, tirando vingança desta gente[10], e construindo novas canoas, por terem sido destruídas com a guerra a maior parte das que ali deixara. E aqui, segundo os portugueses,[11] tomou ele posse das suas descobertas para a coroa de Portugal em nome de Filipe IV, tomando mãos cheias de terras, e atirando-as ao ar, enquanto proclamava que se alguém soubesse de causa justa ou impedimento, que a esta posse se opusesse, aparecesse e declarasse ao escrivão. Não se apresentando contradito algum, apanhou o escrivão a terra, que pôs nas mãos de Teixeira, fazendo assim entrega e apreensão para a coroa de Portugal.

Berredo, § Acuña, 50. M. Rodr., P. 122

Os omáguas

O país fronteiro, entre o Napo e o Curarai, que confluem quarenta léguas abaixo da terra dos encabelados, possuíam-no quatro tribos, das quais afora o nome[12] nada mais se refere. Oitenta léguas abaixo da sua junção caem estes rios no Ucaiali, então chamado Tunguaragua, e sessenta léguas mais adiante coloca Acuña a

tribo dos omáguas. Deste povo alguma coisa ouvira Orellana, pois que fala de um cacique chamado Aomágua, e fácil era o equívoco entre o nome do chefe e o da tribo. Provavelmente não estavam estes índios ainda então assentados sobre a margem do rio. Não se diz que eles os visse, que, se o fizesse, mal lhe podia haver escapado a singular deformidade artificial com que das outras nações se distinguiam. Conseguiam-na, apertando a testa e o toutiço às crianças entre duas tábuas, com que tornavam perfeitamente chatas as cabeças, operação cujo fim era procurar a maior semelhança possível com a lua cheia, para eles o ideal da beleza de um rosto humano. O crânio por conseguinte desenvolve-se para os lados, semelhando mais uma malfeita mitra do que cabeça humana. Atualmente têm caído em desuso estas tábuas de compressão, contentando-se aqueles selvagens com moldar a cabeça à força de espremê-la entre as mãos.[13] Desta prática se chamam eles a si próprios umanas, mas que quer dizer cabeças chatas, palavra que os espanhóis escreveram omáguas, e pela mesma razão os portugueses escreveram cambebas na língua tupi. Ainda mais singular se tornava esta moda por trazerem as mulheres tanto cabelo, que lhes ocultava a deformidade. Com razão se poderia supor que prática tão desnatural os tornaria estúpidos; tão longe porém estavam de ter com esta distorção sofrido desarranjo algum intelectual, que tanto as relações mais antigas como as mais modernas concordam em representá-los a tribo mais civilizada, racional e dócil de toda a margem do rio. Não muitos anos depois da viagem de Orellana, alguns destes índios, que transplantados para a província de Quixos debaixo do domínio espanhol, fugiram nesta direção por acharem intolerável o jugo, haviam achado aqui o grosso da sua nação, e comunicando-lhe as artes aprendidas de seus antigos senhores. Cultivam e preparam o algodão, de que tecem pano de tão variegadas cores, que outras tribos cobiçando-o pela sua beleza, se entregam a ativo tráfico com eles para obtê-lo. Andam ambos os sexos decentemente vestidos; rude, mas não inconvenientemente feitas, são suas vestes um saco com aberturas para os braços. Armas lhes são a seta e o pau de arremesso. Matam o mais valente dos seus prisioneiros, não para devorá-lo, mas para se livrarem de um inimigo perigoso; os cadáveres atiram-nos aos rios guardando por troféus as cabeças. Aos outros, que

Condamine

Ribeiro, Ms.

Acuña

poupam, tomam extraordinário afeto, e se alguém lhes propõe vender um cativo, ofende-os a proposta como coisa monstruosa que não podem ouvir: de tudo o mais se desfariam, mas nada pode induzi-los a vender uma criatura humana. Embriagam-se com duas ervas, uma chamada *floripôndio* pelos espanhóis, outra *curupa* na própria língua deles; vinte e quatro horas dura a embriaguez, e visto dizer-se que produz estranhas visões, deve assemelhar-se ao ópio. Da *curupa* fazem uma espécie de rapé, que tomam por meio de um junco bifurcado, inserindo os dois braços nas duas ventas, e sorvendo depois o pó com ridículas visagens.

M. Rodrigues, P. 125

Foi dos omáguas que nos veio o *caoutchouc*, ou goma-elástica. Foram os portugueses do Pará os primeiros que lhe aprenderam a serventia; dela faziam sapatos, botas e até vestidos, tornando a sua impenetrabilidade da maior utilidade em um país, onde tão amiúde se viaja por pantanais. Serviam aos omáguas de seringas garrafas desta goma, uso que só nestes últimos anos foi conhecido na Inglaterra. E é costume entre eles apresentar uma a cada hóspede no princípio de um festim.[14]

Condamine, P. 70

Quando Teixeira fez a sua viagem possuíam os omáguas as ilhas do rio por mais de duzentas léguas de extensão, sendo tantas as suas aldeias que mal se perdia uma de vista eis que já aparecia outra. Medem algumas destas ilhas uma área considerável, e era naquele tempo numerosíssima a nação, posto que em nenhuma das margens possuísse terras. Andava ela em guerra com os urinas ao sul e com os tucunas ao norte, tribos que ainda são suas inimigas. Acredita a última na metempsicose, pratica a circuncisão e excisão, e adora um ídolo caseiro chamado Ita-ho; mais pertinazmente do que nenhum outro selvagem americano se mostram aferrados aos seus erros supersticiosos. Aldearam os portugueses alguns destes índios, porém jamais foi possível fazê-los renunciar à crença na divindade destas hediondas figuras. Quase todas as tribos que povoam este rio, usam de um sinal distintivo: o dos tucunas é uma linha preta estreita traçada das orelhas ao nariz. Os homens cingem os rins com um tecido da casca de uma árvore, que chamam *ai chama*; as mulheres andam nuas. São insignes na arte de empalhar aves, que matam com o *sarbacan* ou cana de soprar; muitos destes belíssimos

Condamine, 77
Ribeiro, Ms.

Os tucunas

Ribeiro, Ms.
Os maiurunas

pássaros, extorquidos deles como tributo, são remetidos para a Europa. Os zurinas, de quem faz menção Acuña, são chamados maiurunas pelos portugueses, e habitam sobre o rio Yanari ou Javari. Trazem calva a coroa da cabeça, o rosto coberto de cabelo, e as faces e nariz com muitos buracos, por onde passam espinhos; também usam penas de arara nos cantos da boca, e fios de conchas pendentes das orelhas, ventas e lábio inferior. Tão bárbaros como a presença são os seus costumes; devoram os inimigos e os seus próprios doentes e inválidos compartem a mesma sorte, sem que, segundo se diz, o filho poupe o pai, nem o pai o filho.

Ribeiro, Ms.

Três dias se detiveram os aventureiros em uma ilha, que ficava no meio do país dos omáguas e aqui, apesar de acharem-se a 3º de latitude sul, acharam o tempo tão frio que tiveram de vestir mais roupa, sendo esta, segundo lhes disseram, a temperatura ordinária nos meses de junho a agosto, em que o vento dominante passa por sobre a serra do sul coberta de neve. O importante rio Putumaio cabe no Amazonas do lado do norte dezesseis léguas abaixo desta estação. Tendo as cabeceiras entre as montanhas, que ficam perto da cidade do Pasto, vem durante todo o seu extenso curso recebendo as águas de não menos de trinta rios consideráveis, entre os quais se conta um braço do Japurá, que assim liga as duas grandes correntes do Popaián. Anos antes da viagem de Teixeira tinham alguns espanhóis tentado descê-lo, partindo daquela província, engodados por histórias de ouro achado nele, mas acharam as ribeiras habitadas de numerosas e guerreiras tribos [15], que com alguma perda os obrigaram a retroceder. Nas riquezas do rio ainda se continua a falar, mas a ferocidade destas nações intimidou de tal forma os aventureiros, que nenhum tentou mais já não a conquista, mas nem mesmo a descoberta. Cinqüenta léguas mais abaixo e do lado do sul fica a foz do Yetán ou Yután, que vindo das bandas de Cuzco, segundo as informações que puderam obter os missionários, atravessa a parte menos conhecida da América do Sul, embora passe por ser de fácil navegação, correndo mansamente e com bastante fundo.[16] Situada a quatorze léguas abaixo do Yetan, era grande e forte a última aldeia dos omáguas, como lugar fronteiro. Eram estes selvagens os senhores do rio, e tal a sua superioridade, que por uma extensão de cinqüenta léguas nenhum estabelecimento de outra nação se assentava à vista das duas margens.

Os curis e guairabas ao norte e os cachiguaras e tucuris ao sul tinham no interior suas aldeias descendo pelos braços menores ou canais marginais do rio, quando sobre este tinham de aventurar-se. Nenhum destes aldeamentos se avistou enquanto Teixeira não chegou ao Juruá,[17] a vinte e quatro léguas da ilha fronteira dos omáguas, e trinta e oito do Yetán. Segundo o que Acuña ouviu aos índios, vinham estes dois rios de uma só nascente, formando um delta com o Amazonas, em que se perdiam.

M. Rodr. 127. Berredo, § 722-3

Vinte léguas mais abaixo principiava o território dos curiciraris na ribeira do sul e em um país montanhoso: estendia-se por oitenta léguas. Era uma tribo populosa esta, cujas aldeias quando muito nunca distavam mais de quatro horas de viagem entre si, sucedendo às vezes marchar-se meio dia a sair de uma e entrar em outra contiguamente. Poucos moradores se deixavam ver; quase todos tinham fugido para as serras por haver-se espalhado o falso boato de que vinham os portugueses matando e escravizando por onde passavam. Era a raça mais tímida de todo o rio, mas também a mais adiantada em artes, embora andasse inteiramente nua. Tinham bem providas as casas e eram excelentes oleiros estes índios, excedendo nisto os próprios tupinambás, pois que não só faziam púcaros, pratos e outros utensílios para usos semelhantes, mas até fornos e frigideiras, e de todas estas coisas tinham sortimento para o tráfico com outras tribos. Quando Teixeira subia o rio procurou na primeira aldeia deste povo uns ornatos de ouro, que se traziam nas orelhas e nariz; não tardaram os selvagens a perceber com quanta sofreguidão eram buscados estes dixes, e como nunca mais aparecessem com eles, supôs que os teriam prudentemente escondido. Ensaiado o ouro em Quito, achou-se de vinte e um quilates. Não pôde então Teixeira por falta de intérpretes saber de onde viera este metal; provido porém deles na volta, aprendeu esta história; um pouco mais acima, do lado do norte, ficava a foz do Yurupau; tomava-se por este rio, e depois pela terra adentro, jornada de três dias, até ao Japurá, e deste passava-se ao rio do Ouro, chamado Yquiari, e ali nas fraldas duma serra, se achava o ouro em grãos, que batidos tomavam a forma que se lhes queria dar. Os que os apanhavam chamavam-se gumaguaris, apanhadores de metal, que a palavra *yuma* se aplicava indiscriminadamente ao ouro e ao ferro dos estrangeiros. A nação que fornecia este ouro era

Os curiciraris

a dos amanágus. Foi consignada em mapas esta informação, para ser causa de muita malograda expedição empreendida pelos portugueses.

Quatorze léguas mais abaixo chegou Teixeira à foz deste rio, a que nos mapas espanhóis se dá o nome de Grão-Caquetá, mas que os portugueses chamam Jurupá ou Yupurá, como Acuña o ouviu denominar no próprio lugar. Vem-lhe este nome da tribo yupura, que, a seu turno, o toma duma fruta de que faz um pastel preto e malcheiroso que lhe serve de alimento. É este o rio que no Popaián passa por ser a fonte principal do Amazonas: afora o rio Negro é o maior confluente, e a não lhe quebrarem numerosas ilhas o imenso volume das águas, seria absolutamente inavegável. O seu curso como os do rio Negro e Amazonas, vem de leste para o oeste, tomando para o sul na latitude, de 3° e alguns minutos, antes de perder-se neste último. A um mês de viagem acima da foz há corredeiras e cachoeiras. Entre a embocadura e estas cataratas, recebe em si diferentes rios consideráveis; pelo sul, ou margem esquerda, o Acunani, Manarapi, Yuamiani, Yuamemerim e o Puruí densamente povoado; e os Cunacua e Arapi, dos quais por um curto sangradouro se passa para o Iça. Acima das cachoeiras, até onde os portugueses o têm navegado, encontram-se do mesmo lado o Caninari e o Meta, que pelo Perida comunica com o Iça. Pela margem direita recebe o riacho Maraá, [18] o lago Cumapi, outro riacho chamado Menaá, que por um curto sangradouro entre as cabeceiras comunica com o Urubaxi, e por meio deste com o Negro; a Uacapu-Paraná [19], o Yacarapi e o Apuaperi, que é bem povoado, e por meio do Uaopes tem comunicação com o Negro. Acima das cachoeiras ficam o Murutiparaná, o Uania, Ira-Paraná, e o Jari, além do qual[20] nenhum explorador já passou.

O rio Tefé

Acaricoara

Diz Condamine que o Japurá deságua no Amazonas por oito bocas, e assim se traçou no mapa; mas Ribeiro, que em 1773 visitou oficialmente os estabelecimentos portugueses naquelas partes, verificou não ter ele mais do que uma. Os três canais mais acima são outros tantos braços, que correm do Amazonas para o Japurá, chamados o Auate-Paraná, ou rio do Milho, o Manhama, que comunica com ele, e o Uaranapu. Estes canais, que misturando-se com elas turvam as águas puras do Japurá, facilitam grandemente a navegação; não há aqui nem perigo nem dificuldade; em perfeita segurança vão as canoas deslizan-

do-se ao som da corrente, ou vencem-na ao menor impulso do remo. Em mil voltas vão estas águas serpejando por entre bosques cheios de aves, e veigas cobertas de inumeráveis ovos de tartarugas. As quatro correntes mais abaixo [21] vêm dos lagos Amana e Cudaias.

O rio Tefé

Quatro léguas abaixo do Japurá entra do lado sul o Tefé [22], que os paguanas senhoreiam mais acima, num país acidentado, em que abundam os pastos. Vinte léguas ainda mais abaixo fica o Acaricoara,[23] que forma uma baía de grande extensão, antes de misturar com a turva corrente suas águas límpidas. Principiava o território dos jurimanás[24] duas léguas abaixo da fronteira dos curiciraris, tribo esta última que possuía a porção mais escolhida do rio todo, aquela porém era a nação mais guerreira que lhe habitava as margens. Ficava do lado do sul, assenhoreando as ilhas por mais de sessenta léguas, e era excessivamente numerosa; raça mais alentada do que os outros selvagens, bem-feita e destemida. Cinco dias se detiveram os portugueses numa de suas cidades, como com razão podiam chamar-se, estendendo-se por uma légua as casas, em cada uma das quais viviam quatro e cinco famílias, às vezes mais. Aqui alcançou Teixeira cerca de oitocentos alqueires de farinha de mandioca, que, com os que trazia ainda, podiam chegar para o resto da viagem. O grosso desta tribo habitava trinta léguas mais abaixo, numa ilha grande formada por um braço do rio, que partia a encontrar um dos afluentes; aqui e sobre esta última corrente eram vastíssimos os seus estabelecimentos, e todas as outras tribos os temiam e respeitavam. Numerosos e valentes porém como eram, desapareceram já inteiramente, sendo o resto da nação levado em 1709 por alguns jesuítas espanhóis para uma redução.

Acaricoara

O rio Perus

O primeiro rio considerável em seguida é o Yanapuari, agora chamado Perus[25] pelos portugueses, tendo, como muitos outros, tomado o nome da tribo mais poderosa das suas margens. Cai no Amazonas do lado do sul por quatro canais, e apesar de pedregoso, é navegável o seu leito. Aqui se ouviu falar numa tribo chamada dos curigueres, que moravam a dois meses de viagem por este rio acima, e que, tendo dezesseis palmos de altura, eram tão bravos no ânimo como gigantescos no corpo. Alguns índios apareceram, que pretendendo tê-los visto já, ofereceram-se a servir de guias aos portugueses para aquele país, dizendo, como que para tentá-los, que traziam estes gigantes

uns nas orelhas e nariz penduricalhos de ouro de tamanho, devemos presumi-los, convinhável a tais orelhas e tais narizes. Tornam-se notáveis os perus, que deram nome ao rio, pelo seu obstinado jejum expiatório, durante os quais nenhum estado pela doença ou fraqueza vale como escusa para quebrá-los, morrendo efetivamente muitos de abstinências. Os que têm sido aldeados pelos portugueses é preciso à força obrigá-los a comer por estas ocasiões, que não puderam ainda os missionários tirar-lhes o costume. De todos os afluentes do Amazonas é este o que mais cacau produz, salsaparrilha e óleo de copaíba, mas já não é populoso, que lhe têm rareado as tribos as contínuas incursões dos muras, selvagens que são o flagelo deste rio, e provavelmente os mesmos que os aimorés, dos quais tanto em outros tempos haviam sofrido as capitanias do Sul do Brasil.

Os perus

Abaixo da foz deste rio, era a margem austral habitada pelos caripunas e zurinas, tribos que privaram na arte de entalhar. Eram suas cadeiras ordinárias cortadas da forma de qualquer animal, não admirando os portugueses menos o engenho e a beleza com que eram talhados, do que o cômodo assento que ofereciam. Tão naturalmente feitos são seus ídolos, diz Acuña, que muito teriam ainda que aprender os nossos escultores, se quisessem imitá-los; verdade é que só falava ele desses escultores, cujo ofício era fazer santos e crucifixos, mas isto mesmo implica um grau de habilidade, raras vezes encontrado entre selvagens. Servia-lhes de arma o pau de arremesso, com tanto primor fabricado, que de todas as tribos era muito ansiosamente procurado.

Os caripunas e zurinas

Sessenta léguas abaixo do Perus, deságua do norte o rio Negro. Adiante, quando tratarmos dos estabelecimentos portugueses naquelas partes, descreveremos o curso deste rio, o maior afluente do Amazonas, e a imensa região que ele abre. Acuña calcula-lhe légua e meia de largura na sua foz, erro extraordinário, pois que não mede ela mais do que uma milha, embora em outras partes se espraie a corrente pela prodigiosa largura de sete e oito léguas. É Guiari o nome indígena deste rio, e mais acima Ueneia. Chamam-no Negro[26] os portugueses, da cor de suas águas, que pela sua profundidade e clareza parecem pretas ao misturarem-se com as do túrbido Amazonas. Tremendo é o conflito destas duas poderosas torrentes. Arremessa-se o Negro através da corrente do outro, e por muitas léguas se lhe distinguem

O rio Negro

ainda as límpidas águas. Por este rio acima e por outro que nele vem morrer, chamado Paraná-Meri, ou o rio pequeno, ouviu Acuña dizer que havia muitas nações,[27] das quais a mais remota trajava vestidos e chapéus, do que concluiu que teria esta aprendido esta moda de alguma cidade espanhola, que devia ficar perto. Um dos braços do rio Negro, lhe disseram, comunicava com outro rio imenso, que desaguava no Atlântico, e sobre o qual estavam estabelecidos os holandeses; este concluiu ele que devia ser o rio de Filipe, cuja foz se chamava o Mar d'Água Doce, tendo a primeira corrente de alguma magnitude perto do Cabo do Norte, e pela qual, segundo ele também, serra Aguirre ao Oceano. Nesta opinião de que não podia haver comunicação entre o Amazonas e o Orinoco, persistiram por muito tempo pertinazmente os geógrafos; mas sobre o fato já não resta dúvida, sendo mais uma prova das relações extraordinárias que entre si mantinham estas tribos, e do alcance dos seus conhecimentos geográficos, o tê-lo Acuña sabido da boca delas a tão grande distância deste último rio.[28] Na barra do rio Negro notou ele algumas boas posições, onde se podiam plantar fortes, não faltando para isso pedras à mão. Mas recomendou que antes se fortificasse a embocadura do Branco, com o que lhe parecia que se fecharia aos holandeses este canal, frustrando-se-lhes nesta direção eficazmente os desígnios de engrandecimento.[29]

Comunicação entre o Amazonas e o Orinoco

Aqui se consideraram os portugueses quase em casa, prova de que as suas excursões se estendiam às vezes até tão longe. E com que se haviam de recolher agora após tantos trabalhos? Dois anos haviam gasto já nesta jornada, e nenhum ouro tinham encontrado, nenhuma conquista feito; e quanto ao mérito da descoberta, queixavam-se não sem razão, que era coisa de pouca valia na corte de Madri, tendo muitos corrido iguais perigos, e prodigalizado o seu sangue para alargar os domínios da Espanha, morrido numa esterqueira, sem acharem quem lhes valesse, com estas queixas se dirigiram a Teixeira, pedindo-lhe, que pois era propício o vento, os deixasse entrar no rio Negro, onde tomassem escravos com que pagar-se dos seus trabalhos. Vendo a sua gente prestes a levantar-se, se recusasse, permitiu-o Teixeira. Mas intervieram os dois jesuítas, como lhes cumpria. Celebraram primeiro missa e depois protestaram contra tão flagrante injustiça. O comandante, que só com receio de que não pudesse evitá-lo, anuíra ao que desaprovava,

12 de out. 1639

folgou com ver a sua inclinação apoiada pela autoridade destes padres, cuja influência era grande tanto pela hierarquia como pelo caráter. Mandou proclamar pela esquadrilha o protesto, ordenando conjuntamente aos que já tinham entrado no rio Negro, que retrocedessem, ordem a que, posto que de má vontade, obedeceram.

Acuña, C. 66, 67. M. Rodr., 132

O rio imediato, vindo do sul, chamavam-no Cuiari[30] os naturais; mas quando Teixeira lhe transpusera a foz na ida para cima, puseram-lhe nome Madeira, pela quantidade de lenha que via vir por ele abaixo. A descrição do curso do Madeira, que entre os rios secundários da América meridional é dos mais importantes, achará lugar mais adiante. Das informações colhidas de alguns tupinambás, que a haviam descido, concluiu Acuña, que por esta corrente devia ser a comunicação mais curta entre a Espanha e o Potosí.

O rio Madeira

Abaixo do Madeira, porém do lado do norte, entra o Saraca, depois de recebido o Urubu. Comunica com um labirinto de lagos e canais, mas sendo elevado o terreno, nem na maior altura das águas se arreceia de inundações. Estavam aqui os naturais[31] providos de utensílios de ferro, que recebiam de tribos mais vizinhas do mar, as quais a seu turno os haviam, segundo diziam, de homens brancos como os portugueses, e que usavam das mesmas armas, distinguindo-se porém em terem vermelhos os cabelos. Nesta descrição facilmente se reconheceram os holandeses.[32] Viviam estas tribos em país farto de milho, mandioca e várias frutas, e abundavam a caça e a pesca; eram numerosíssimas e cresciam rapidamente em população.

O rio Saraca

Vinte e oito léguas abaixo da foz do Madeira fica uma ilha grande, que pelos aventureiros foi computada em sessenta léguas: era possuída dos tupinambás, de cujo nome se chamava. Falava este povo[33] uma língua familiar a todos os brasileiros e portugueses; pelo que vieram imediatamente deles as informações que se colheram, não podendo nenhuma má compreensão, nem má reprodução da parte de um intérprete alterar a substância delas. Seus avós, disseram, tinham emigrado de Pernambuco e cercanias a fugir dos portugueses. Formaram e levaram avante esta resolução os habitantes de oitenta e quatro aldeias. Seguiram as fraldas duma grande cordilheira, que lhes ficava à esquerda, atravessando nas cabeceiras os rios

Os tupinambás do Amazonas

que vão morrer no mar do norte. Não podiam pela dificuldade da alimentação conservar unida tão grande multidão; foram estes ficando num lugar, aqueles em outro e os pais dos da ilha seguiram sempre avante até chegarem aos espanhóis do Peru, nas vertentes do Madeira (deve ser o Beni, ou antes talvez o Mamoré), onde permaneceram por algum tempo. Sucedeu porém que um dos seus fosse açoitado por um espanhol, por haver morto uma vaca, e indignados por tal afronta, outra vez levantaram campo, e descendo o Amazonas, ali vieram estabelecer-se. Posto que em número inferiores a qualquer outra tribo do rio, tão insignes flecheiros eram, que já haviam exterminado umas, posto em fuga outras, e submetido nas suas vizinhanças quantas à sujeição não preferiram as fadigas e os perigos da emigração.

Fábulas contadas dos tupinambás

Entre os seus vizinhos do sul, contaram eles, havia duas raças notáveis: os guaiacis, que eram pigmeus do tamanho de criancinhas, e os mutaices, cujos pés estavam voltados para trás, de modo que quem, ignorando esta particularidade, lhes seguisse o rastro, cada vez mais se afastaria deles. Há não sei que encanto em acreditar coisas extraordinárias, e se os tupinambás tivessem ouvido falar destes povos, nada mais natural do que referirem as maravilhas que se lhes figuravam fatos; mas deviam saber que estavam contando falsidades, pois que acrescentavam que estas nações lhes eram tributárias, pagando o seu tributo em machados de pedra, que faziam com muita arte, sendo o seu único emprego. Sobre a ribeira do norte, disseram mais, havia sete províncias bem povoadas, cujos moradores, sustentando-se de frutos e animais bravios, eram tão pusilânimes, que jamais se faziam entre si a guerra, nem lhe faziam as outras tribos de tanto que os desprezavam. A isto uma fábula como a dos homens que tinham os calcanhares para diante; jamais será populosa a tribo que confia do acaso a sua subsistência, nem houve nunca selvagens que existissem sem guerra. Nenhuma nação dela tem vivido isenta. Uma única comunidade de cristãos há no mundo, e essa infelizmente das mais pequenas, assaz simples para tomar no seu sentido óbvio, literal e claro a proibição que nos fez da guerra o nosso divino Salvador, e assaz consciênciosa para observá-las à risca, vencendo os próprios estímulos da natureza. Havia outra tribo, da qual, quando estavam em paz, obtinham sal, vindo de outras, que ficavam além. Esta notícia de tão necessário artigo de consumo pa-

receu a Acuña de grande importância para a conquista e colonização do rio; mas se por esta via se não pudesse obter sal poderia achar-se, disse ele, em grande abundância sobre um dos afluentes na direção do Peru, onde dois aventureiros tinham descoberto ultimamente uma pedreira inteira de sal de rocha, com o que entretinham os naturais um próspero tráfico.

As amazonas

As histórias dos tupinambás ainda vieram confirmar Acuña mais na crença, em que estava, acerca da existência das amazonas; já a este respeito haviam sido inquiridos em Quito certos índios, que outrora tinham habitado sobre o grande rio, e iguais informações se haviam tirado na cidade de Pasto no Popaián, especialmente duma índia, que dizia ter estado no país daquelas mulheres. Durante toda a viagem veio Acuña repetindo as suas perguntas: ninguém ignorava a existência de semelhante nação e todos eram acordes nas notícias que dela davam. Não é crível, diz ele, que a mesma mentira, tão parecida com a verdade se espalhasse entre tantas tribos, falando tão diversas línguas, e derramadas por tão grande extensão do país. Foi aqui que ele obteve afinal as mais plenas e satisfatórias indicações. Trinta e seis léguas abaixo da última aldeia dos tupinambás, e pelo lado do norte, fica a boca do Cunuris, assim chamado da primeira tribo que sobre as suas margens se encontra. Além dela moravam os apantos, depois os taguãs, e depois os guacarás; era este último o povo com que traficavam as amazonas, entretanto essas relações sem as quais se extinguiria depressa esta nação feminina. Iam os guacarás uma vez por ano ao país delas, que era cheio de montanhas, por sobre as quais se erguia um cabeço calmo chamado Yacamiaba. Apenas os viam subir o rio saíam-lhes as amazonas ao encontro, empunhando as armas, mas apenas se desenganavam que eram os seus amigos, metiam-se-lhes nas canoas, e tomando cada uma a primeira rede que encontrava, levava-a para casa, onde a armava, e o guacará, a quem ela pertencia, era seu companheiro durante a estação. Um índio, que dizia ter na sua infância acompanhado o pai numa destas excursões, afirmou que na volta traziam os homens todos os rapazinhos do ano anterior, mas geralmente asseverava-se que eram mortos logo ao nascer. Era isto o que Acuña acreditava, e se em toda a história há alguma verdade, é esta última versão a mais crível, aliás

Rio das Trombetas

Berredo, § 732

não tardaria a dar-se inconveniente desproporção entre machos e fêmeas na tribo paterna.

Testemunhos sobre a existência de uma nação de mulheres

O testemunho de Orellana e do seu dominicano acerca das amazonas pode ser suspeito, mas nenhuma razão há para duvidar da veracidade de Acuña: o que refere por certo o ouviu narrar. É curioso o assunto e bem digno de todas as investigações possíveis na história deste país. Ao descer o rio em 1743 não perdeu Condamine ocasião de tirá-lo a limpo. De todas as diferentes tribos que lhe povoam as margens, ouviu ele a mesma história, concordando todas em terem-se estas mulheres retirado terra adentro pelo rio Negro ou algum dos outros que correm na mesma direção. Um índio de S. Joaquim dos omáguas disse-lhe que talvez em Coari encontrasse um velho que havia visto as amazonas. Neste lugar soube que era morto o velho, mas viu o filho Punilha, de setenta anos de idade, que era o capitão dos índios daquela redução. O avô, contou este, achava-se no aldeamento de Cochinvara, uma das fozes do Perus, quando passaram as amazonas, vindas do Caiami, que deságua entre o Tefé e o Coari, falara com quatro delas, uma das quais trazia uma criança ao peito, e de todas recordava os nomes. Atravessaram o grande rio e tomaram na direção do Negro. Condamine omite muitas particularidades por julgá-las pouco prováveis. Fora para desejar que ele as tivesse repetido: nem sempre o improvável é falso, e muitas vezes a ficção nos dá a chave da verdade, sobre serem curiosas na Europa ainda as mesmas fábulas inventadas pelos índios no coração da América do Sul. Ribeiro perguntou por Punilha[34] em 1774, mas, como era de esperar, tinha morrido; descobriu porém um homem de setenta anos, que se lembrava bem do falecido, de cuja boca ouvira muitas vezes a mesma história contada a Condamine; e esta narrativa ainda o velho a corroborava, sendo ele natural de Cochinvara, onde afirmava ser tradição corrente haverem na indicada época passado por ali as amazonas a caminho para o norte pelo rio Negro.[35]

Condamine, P. 100

Um índio de Mortigura, perto de Belém, ofereceu a Condamine mostrar-lhe um rio que levava ao país das amazonas: era o Irijó, por cuja foz passou depois o viajante francês entre Macapá e o cabo do Norte. No dizer daquele indígena devia navegar-se o rio até certas cachoeiras, depois do que restava uma jornada de alguns dias pelas matas da margem ocidental, e uma serrania que era mister atravessar. Entre

os topaios[36] achou Condamine umas pedras verdes, cortadas todas e algumas imitando figuras de animais, embora fosse inexplicável de que meio se poderiam ter servido os índios para consegui-lo, pois que elas resistiam à lima. Grandes virtudes imaginárias se têm atribuído a estas pedras[37] pelo que eram muito prezadas dos insulanos de Carib,[38] além de terem muitas delas até chegado à Europa. Diziam os topaios que lhes vinham elas de seus pais, tendo-as estes obtido das *Cougnantainsecouina*, as mulheres sem marido. Um soldado velho contou em Caiena a Condamine que havia ido numa partida de descoberta que em 1726 penetrara até aos amiconames, nação longo-orelhuda que habitava o país acima das nascentes do Oiapoque e perto da cabeceira doutro rio, que vai desaguar no Amazonas. As mulheres daquela tribo traziam destas pedras verdes ao pescoço, e quando se lhes perguntava donde lhe haviam vindo, respondiam que das mulheres que não tinham marido, e cujo país ficava a sete ou oito dias de jornada para o oeste.

Todas estas notícias e muitas outras, que Condamine não julgou necessário recordar, concordam, de onde quer que viessem, em colocar as amazonas no coração da Guiana, única parte da América meridional que os europeus jamais exploraram. Outras informações, colhidas mais tarde por dois dos governadores de Venezuela, apontam para o mesmo centro. As relações que os espanhóis ouviram no Paraguai assinalavam a esta nação de mulheres muito diversa situação, mas cumpre não esquecer, que se ela emigrou deste lugar para o país que mais tarde se lhes deu por sede, fica Cochinvara, onde tão positivamente se afirma terem elas passado, na linha reta que deviam ter seguido. Condamine, embora julgasse não assaz provada a existência presente das amazonas, não pôde impugnar os testemunhos da passada. Ribeiro confirma e corrobora estes testemunhos, e contudo olha tudo como uma fábula. Pode ser verdadeira a sua opinião, mas a razão em que a funda é por certo falaz. Mantém ele que em tal clima nenhum ajuntamento de mulheres se podia resolver a viver separado do outro sexo. Com pouco proveito, porém, deve ter lido a história e observado a humanidade quem não aprendeu que instituições políticas, seja qual fora sua força para exaltar a natureza humana, são sempre capazes de amoldar-lhe, perverter-lhe e até extinguir-lhe os instintos. É o argumento além disto vergonhoso para o autor e inaplicável à matéria; se fora verdadeiro (o que absolutamente

nego) colheria a respeito das comunidades de freiras da nação do escritor, e não das amazonas, que, como as aves, tinham todos os anos o seu tempo de cio. A existência de uma tal tribo, a ser possível averiguá-la, seria honrosa para a nossa espécie, debaixo do ponto de vista da sua origem, que não podia ser senão a resistência à opressão. A sorte das mulheres é ordinariamente terrível entre selvagens; bem podiam as de uma horda ter perpetrado o que das Dânaides se diz, cedendo porém à mais atroz provocação; e se, como sucede, estavam elas acostumadas a seguir aos combates os maridos, nada há que possa parecer impossível em estabelecerem-se elas como tribo independente, assegurando com semelhante sistema de vida às suas filhas a mesma liberdade que para si tinham sabido conquistar.[39] Se nunca jamais tivéssemos ouvido falar nas amazonas da Antiguidade, acreditaria eu sem hesitar nas da América, mas nem por isso se torna menos provável a existência destas. E contudo forçoso é admitir que a verdade possível se antolha suspeita pela sua semelhança com a fábula conhecida.

Rio das Trombetas

Trinta e seis léguas abaixo do Cunuris, e do lado do norte, coloca Acuña o Uiximena, hoje dito rio das Trombetas. Aqui se contrai tanto o Amazonas que por quatro léguas não passa de uma milha a sua largura.[40] Tão favorável posição para assegurar a navegação do rio não podia passar desapercebida, e de fato observa o jesuíta que uma fortaleza de cada lado a dominaria eficazmente, podendo ao mesmo tempo servir de alfândegas, onde se registrasse quanto passasse para cima ou para baixo. Os portugueses têm um forte na ribeira do norte, chamado de Santo Antônio, que calculam ficar a setenta léguas do Madeira. Cresce aqui em abundância o pau-cravo, bem como sobre todos os rios destas partes. Neste lugar, a mais de 360 léguas do mar, se sentiram distintamente as marés.

Berredo, § 732

Os tapajós

Quarenta léguas mais abaixo entra do sul o Tapajós, rio imenso, assim chamado da tribo que lhe assenhoreia a embocadura. Bem conhecida era esta nação dos portugueses, que a temiam muito, por serem ervadas as suas setas com tão sutil veneno, que a mais pequena picada dava inevitavelmente morte. Tentativas se tinham feito para reduzir por meios pacíficos estes selvagens, e persuadi-los a irem aldear-se com os índios mansos. Para caírem em tal eram eles finos e prudentes demais, contudo mostravam-se dispostos a tratar

com os portugueses em termos amigáveis, compartindo com eles o proveito que do livre tráfico podia tirar-se. Fez a flotilha alto diante de uma das aldeias destes tapajós, que conferia suas quinhentas famílias, apresentaram-se redes, aves, peixe, farinha e frutas para escambo, manifestando os indígenas a maior confiança e boa vontade em todo este comércio. Ofereceram agasalho aos portugueses, se quisessem vir estabelecer-se nas suas terras, mas emigrarem e renunciarem eles à sua liberdade era coisa em que se não devia pensar. Com mágoa achou Acuña os portugueses num forte que pelo seu nome do Desterro devia ser um posto avançado, preparando-se para uma correria contra este povo inofensivo e amigo. Procurou ainda dissuadi-los, e do comandante da partida obteve a promessa de sobrestar na expedição até segunda ordem do governador. Era este comandante o jovem Bento Maciel, digno filho de seu sanguinário pai, que sendo agora governador, para desgraça do Pará, o fizera sargento-mor. O moço malvado empenhou a sua palavra que suspenderia a expedição, e apenas Acuña deu costas, partiu para ela. Não tendo intenções hostis, e tomados assim de surpresa, aceitaram os tapajós a paz que estes desalmados lhes ofereciam. Maciel exigiu a entrega das flechas, quando eles já não estavam em estado de recusá-la. Apenas apanhadas estas armas, cercou os homens, quais ovelhas num curral, como Acuña se exprime indignado, soltando os aliados contra a aldeia. Tais foram os excessos que estes cometeram, e tal o tratamento que deram às mulheres, que um português que em má hora consentira em ser da partida, protestou a Acuña que se era assim que se haviam de obter escravos, jamais os queria possuir, querendo antes mil vezes largar os que já tinha, do que testemunhar segunda vez tão horrendas cenas.

Acuña, C. 74

Não era bastante a gente que caíra em poder de Maciel da sua partida, pelo que a ameaçaram com novas e inauditas crueldades, se não arranjasse mais escravos em troco dos quais por outro lado se lhe prometeu a liberdade. Fixou-se o resgate em mil escravos, e os tapajós mandaram buscá-los. Duzentos apenas se puderam achar, tendo o resto fugido ao ver prisioneiros os senhores, e entregue ao saque a aldeia. Já isto porém não foi pequena presa, e os portugueses puseram em liberdade os donos, confiando tanto na palavra destes pobres selvagens, que contaram receber como devidos os restantes oitocentos. Embarcaram então as suas vítimas para Belém e São Luís, servindo esta fortuna de tentar

Acuña, C. 75

outros malvados a prepararem nova e maior expedição da mesma natureza.[41] Conseqüência de tão intolerável desumanidade foi tornarem-se inimigas figadais dos seus opressores todas as tribos que povoavam este rio, e posto que na sua foz lhe houvessem os portugueses erguido um forte, ainda até ao tempo que escrevia Berredo, que foi pelos anos de 1745, o não tinham podido explorar além das primeiras cachoeiras. Muitas tentativas se tinham feito na crença de que ricas minas havia por descobrir nos montes que lhe bordavam o curso. Algumas pedras se encontraram que pelo peso deviam conter ouro, mas o metal, se é que o era, evaporava-se ao fogo. Duas vezes tinham tentado os ingleses, mas debalde, estabelecer-se sobre este rio. Da primeira toda a partida sucumbira, da segunda foram tantos os mortos que o navio teve de retroceder. Quando Acuña ali esteve ainda viu guardadas como troféus de vitória as armas européias ganhas nestas pelejas.

O rio Curupatuba

Quarenta léguas abaixo do rio dos tapajós entra no Amazonas pela margem oposta o Curupatuba,[42] onde tinham os portugueses um aldeamento de índios mansos, chamados do nome do rio. Tinha esta corrente, comparativamente pequena, fama de riquíssima. A seis dias de viagem por ela acima, diziam os índios, achava-se grande cópia de ouro à orla dum riacho, que passava pelas fraldas duma serra dita de Yaguaracuru. Num lugar não muito distante, que chamavam Picuru, cavara-se um metal branco, mais duro que o ouro, e de que antigamente se tinham feito facas e machados; mas tão depressa se tornavam rombos estes instrumentos, que por inútil se desprezara a matéria-prima. Também havia naquelas partes dois serros, dos quais um continha enxofre, e o outro, por nome Paraguaxo, brilhava, diziam ainda eles, ao sol, e quando era clara a lua, como cravejado de jóias. E muitas vezes no seu cimo se ouviam explosões, sinal de que havia ali pedras preciosas.[43] Efetivamente encontram-se naqueles lugares belos cristais, octógonos e triangulares. Nesta direção se estendem terras alagadiças, computadas em oitenta léguas de comprimento, produzindo todo este terreno, diz Berredo, arroz tão excelente como o de Veneza.

Berredo, § 734

O rio Mapau

Sessenta léguas mais abaixo, e também do lado do norte, nota Acuña o Ginipape,[44] que Berredo chama Mapau. Produzem suas margens cacau e salsaparrilha que farte, e maravilhas se contam das riquezas deste rio, a ponto de observar aquele escritor, que, a ser tudo verdade,

não há outro tão rico nem no Peru, nem no Novo Reino. Seis léguas acima da sua embocadura, ficava o forte do Desterro, cuja guarnição constava de três soldados, força que de pouco podia servir contra os holandeses desde muito cobiçosos da posse dum país tão favoravelmente situado para o cultivo do tabaco. Para estabelecer este, abandonara-se um posto avançado trinta e seis léguas mais abaixo. Pareceu a Acuña muito preferível a antiga posição, e provavelmente de fato o era, mas governava agora o Maranhão Maciel, infinitamente mais atento aos modos como escravizar os naturais do que como precaver-se de um inimigo perigoso.

Chegam a Belém

Aqui, derramando-se por país plano, e inchado com as águas de trinta e seis caudalosos rios, tragados durante o seu curso, mostra-se o Amazonas como um mar que inumeráveis ilhas dividem em canais infinitos.[45] Habitavam-nas muitas tribos, falando diferentes línguas, mas entendendo quase todas o tupi. Por entre estes labirintos vai rolando a portentosa corrente até ao oceano, adoçando-lhe as águas até quarenta léguas de distância, de modo que podem os navios fazer aguada depois de perdida desde muito a terra de vista. Aqui deixou Teixeira o Amazonas, singrando para o sul, através da foz do Xingu,[46] que mede duas léguas de largura. Daqui passou pelo estreito de Tanajepuru ao Paraitu, e depois por outro estreito chamado atualmente Limoeiro, por lembrar a sua estreiteza e idéia da prisão para a embocadura do rio dos Tocantins. Costumavam, segundo se diz, os franceses carregar navios com terra das margens deste rio, e extrair-lhe na Europa o ouro; mas tinham sido expulsos dali, sem que até então houvessem os portugueses auferido da sua vitória outro proveito que não fosse o descartarem-se de tais vizinhos. Alguns aventureiros de Pernambuco, tendo uma vez vindo do sertão com um padre à sua frente alcançado as cabeceiras deste rio, tinham tentado explorá-lo até à sua foz, mas mortos todos pelos tocantins, havia o cálice do padre sido encontrado entre estes índios pouco antes da viagem de Teixeira. Daqui meteu-se a esquadra por outro estreito, chamado Igarapé-mirim, que quer dizer canal estreito para canoas, penetrando por ele no Maju, um dos três rios que formam a baía de Belém. A 12 de dezembro de 1639 entrou Teixeira naquela cidade, onde foi recebido com as merecidas honras.

M. Rodr. 140. Berredo, § 736-9

Mil e oitocentas léguas dera Orellana ao curso do Amazonas; Acuña computou-o em 1.276 contadas da foz do Napo, e 1.356 ao todo, tomado das suas nascentes. Destas a mais remota fica porém a muito maior distância do que ele calculou. Como senhor absoluto de todos os outros, diz ele, estende este rio braços a recolher dos seus vassalos o devido tributo de águas, trazendo-as para o canal principal; e qual o hóspede, tal o oficial, que sai a recebê-lo; para correntes menores um menor, a maior para as maiores, e quando vem um de quase igual poder, vai o grande Amazonas em pessoa a agasalhá-lo. Desde o mar até ao rio Negro nunca a profundidade na veia principal é menor de trinta braças, variando de vinte a doze, mais para cima, sem descer de oito, assevera Acuña, mesmo perto das cabeceiras. As ilhas que forma são por demais numerosas para serem contadas, e de todos os tamanhos, havendo muitas de quatro e cinco léguas de circunferência, não poucas de dez e de vinte, e passando de cem a ilha grande dos tupinambás. Muitas das mais pequenas eram cultivadas pelos que habitavam as maiores mais próximas, e sendo às vezes inundadas, era extraordinária a sua liberdade.

M. Rodr. 105

Alimento das tribos fluviais

Milho e mandioca eram o principal sustento vegetal dos moradores, que punham a última ao abrigo de inundações regulares, metendo-a em poços fundos hermeticamente tapados à prova de água. A mesma raiz lhes fornecia o licor de que faziam uso, e da farinha faziam biscoitos delgados que conservavam na parte mais alta de suas casas, o mais longe que podiam da umidade, e fervendo-os em água, e deixando-os fermentar, preparavam uma beberagem que servia para todas as ocasiões. Havia uma festa de beber no tempo da sementeira ou plantio, e outra pela colheita; chegava um hóspede assim se lhe faziam as honras; embriagavam-se quando alegres, embriagavam-se quando tristes. Outros licores fermentados se faziam de várias frutas, e guardavam-se em cântaros de barro de grande capacidade, ou em madeiros ocados em forma de vasos, ou em enormes cestos, de tão apertado entrançado, e tão bem calafetados com goma que nada deixavam vazar. Entre as suas raízes alimentícias figuravam também a batata, e uma espécie de túbera,[47] que chamavam *papas*. Comiam a banana, o pinhão, o cacau, a tâmara, e uma espécie de avelã, a que Acuña dá este nome pela casca espinhosa que tem, mas que no Peru se

chama amêndoa-da-terra, como mais semelhante a esta fruta. É, porém, da água que tiram estas tribos o seu principal sustento, tanto de carne como de peixe. O manati acha-se por toda a parte no Amazonas, segundo Acuña, desde a sua origem até à sua foz. Chamam-no os portugueses peixe-boi, como os bucaneiros o chamavam vaca-marinha, pela configuração da cabeça, posto que não tenha chifres, e por orelhas dois orifícios apenas: está no todo da forma e na boca a semelhança. Maiores do que um grão de ervilha não são os olhos, sendo do tamanho dum cavalo o animal; anfíbio não pode dizer-se, que nunca deixa a água, tendo apenas em lugar de pernas duas barbatanas grandes, uma de cada lado da barriga, perto das espáduas onde é mais grosso o corpo, começando a adelgaçar-se gradualmente dois pés mais para trás, até terminar na cauda, que é chata. As tetas da fêmea ficam debaixo destas barbatanas. Um pêlo curto, como cerdas brandas, nasce da pele grossa e rija, de que os naturais fazem escudos, difíceis de furar com uma bala de mosquete. Há outra espécie aqui chamada boi-de-azeite, por ser quase todo gordura, chegando um só a dar perto de cem canadas de azeite. O alimento favorito do peixe-boi neste rio é a cana-brava, planta que flutua sobre a água, balouçando-se em compridas e pesadas raízes e erguendo-se cerca de seis palmos acima da tona; em alguns dos canais do Amazonas cresce basta a ponto de obstruir completamente a navegação. Também nas ribeiras pasta este animal, tirando para isso a cabeça fora da água. Posto que incapaz de mover-se em terra vê-se ele obrigado a vir freqüentemente acima para respirar como se fora anfíbio, o que é causa da sua morte, sendo então que os índios, postos à espreita, lhe lançam o arpéu. Secavam-lhe estes a carne, não tendo outro meio de preservá-la na falta de sal, que substituíam pela cinza duma espécie de palmeira, boa para dar gosto à comida, mas incapaz de curá-la.

Tinham contudo os naturais um meio fácil de conservar provisões frescas para o inverno. Quando as tartarugas vinham a terra pôr seus ovos, iam eles apanhá-las, e virando-as de costas, seguravam quantas queriam. Depois, perfurando a concha, e passando-lhe uma corda, amarradas umas às outras em molhos as lançavam ao rio, presas a uma canoa. Preparava-se uma espécie de represa ou tanque com espeques tão bem revestidos de terra ou barro da parte de dentro, que como

numa cisterna ficava retida a água da chuva. Aqui se soltavam as tartarugas, sustentadas, diz Acuña, com ramos de árvores.

M. Rodr., § 107

O modo usual de matar o peixe era com setas ou paus de arremesso, servindo a seta de bóia depois de ferido o alvo. Quando estavam baixas as águas, e secas as comunicações entre o rio e as suas lagoas, trituravam os índios uma de suas plantas rasteiras, e lançando-a nestes lagos logo viam vir o peixe à tona rapidamente envenenado. Nestas paragens se encontra o peixe-elétrico, que os naturais chamam *poraquê*. Era freqüente a anta e os *Moschus moschiferas*[48], nem faltava a paca, espécie de lhama mais pequena. Menciona Acuña o veado, e o iguana, *yagoti*, e o *cocia* como bom alimento. Perdizes eram numerosíssimas. As aves domésticas tinham vindo do Peru, passando de tribo em tribo por todo o curso do rio, tão depressa se propaga, mesmo entre selvagens, todo o benefício grande e óbvio. Aves aquáticas abundavam além de toda a expressão. Se Orellana careceu de mantimento na sua viagem, foi somente por faltarem-lhe os meios de obtê-lo. Teixeira, que não tinha inimigos que recear, nem outra coisa que fazer, senão explorar com vagar o rio, todas as tardes dava fundo, indo dormir em terra; o primeiro cuidado era levantar cabanas de ramos entrançados, para o que serviam muitas vezes os da árvore do cacau, tão basta crescia ela. Depois partiam os índios da armada, uns com cães para as florestas, outros com arcos e setas para o rio, nem tardava que voltassem carregados de pesca e caça em profusão tal que Acuña diz que lhe trazia isto à memória os pães e peixes milagrosos.

Praga de insetos

Deliciosa foi na verdade a viagem de Acuña, previamente conciliados os indígenas por todo o caminho, e suficiente a força que o acompanhava para tirar todo o receio. Se um batelão sofria avaria ou se virava, não faltavam outros que lhe dessem socorro. Também navegava ao som d'água. Se escrevera a viagem rio acima, teria tido de falar de labirintos de canais, correntes violentas, e duma praga de insetos, que não dão trégua nem de noite nem de dia.[49] Dentre estes é o *pium*[50] o mais terrível; inseto excessivamente pequeno, faz a sua peçonhenta picada uma ferida do tamanho da cabeça dum alfinete acompanhado de dor cruciante; no decurso dum dia ficam mãos e caras cobertas destas feridas, e muitos têm morrido da inflamação que elas produzem. Só nas horas do dia, contudo, perseguem estes inimigos, e a mais leve

cobertura basta para guardar deles. A mutuca é um moscardo que também só atormenta de dia. Mas quando estes perseguidores se retiram, sucedem-lhes os marinins, que, sendo quase microscópicos, inserem uma ferrotoada aguda e dolorosa: a sua hora de martirizar é ao pôr-do-sol. A *carapana* e a *muriçoca* andam por fora dia e noite e ferram por meio das dobras de qualquer roupa, exceto seda forte: são estes os insetos mais importunos, por não deixarem repouso, mas o *pium* é bem mais terrível. Os emplastros e unturas dos índios os defendem contra estes inimigos. Ao descer o rio evita-se a praga, seguindo o meio da corrente, que até lá não se aventuram tais insetos.

Ao jesuíta, que nada sofreu desta praga, a mais vexatória a que pode expor-se um homem, figurou-se a terra um paraíso, e como tal a descreve. Nas imediações das serras do Quito queixa-se, é verdade, de intenso calor, porém mais para baixo vêm as brisas do mar refrescar a atmosfera. A riqueza da produção vegetal motivou mais justa admiração; eram savanas cobertas das mais lindas flores, e árvores, como nenhuma apresenta a Europa, que com elas se compare em beleza, grossura e elevação. E aqui, diz Acuña, têm os naturais o maior armazém de símplices contra a moléstia, que jamais se descobriu. Produz aqui a terra canafístula como nenhum se encontra, a melhor salsaparrilha, as mais escolhidas gomas e resinas; mel silvestre por toda a parte, tanto para sustento como para medicina; e cera, que embora preta, arde tão bem como qualquer outra. Tabaco da melhor qualidade crescia espontâneo. O óleo de andiroba é inestimável para feridas, e a copaíba excede o melhor bálsamo. Finalmente, conclui o padre, há aqui tantos milhares de ervas e árvores que a Discorides e Plínio não faltaria que fazer só para classificá-las. Em parte nenhuma, informou ele à corte de Espanha, se podem mais facilmente construir navios, faltando apenas o ferro; cordame da casca de certas árvores se fazia como do melhor cânhamo; alcatrão, no mesmo lugar se prepara; para amarras aí estava a embira, para velas crescia o algodão, e para trabalhadores também não faltavam homens.

O número de tribos que então povoavam o rio, orçou-o Acuña em mais de cento e cinqüenta, falando todas diferentes línguas. Não faz menção de longos intervalos ermos como no tempo de Orellana, antes diz que confinavam tão de perto entre si es-

Número de tribos

tas nações, que muitas vezes ouvia uma os golpes de machados nas aldeias da outra. Contudo em despeito desta íntima vizinhança viviam em estado de perpétua guerra, aliás, por mais extenso que fosse o país, não poderia sustentá-las todas, entendeu o jesuíta, esquecido de que enquanto eram freqüentadas as margens dos rios por amor do peixe, ficava deserto o sertão. Muitos destas tribos fugiram à vista da flotilha portuguesa, nenhuma ofereceu hostilidades. Fácil e segura era a fuga; apenas chegados à terra tomavam os índios suas leves canoas, e correndo com elas para o lago ou lagoa mais próxima, de novo embarcados zombavam de toda a perseguição.

O pau de arremesso

A arma usual era o pau de arremesso, chamado *estólica*, de que se serviam os peruvianos. Arco e flechas porém eram bem mais formidáveis. Alguns índios usavam de escudos de cana entrançada, que não eram tão bons como os feitos de pele de peixe-boi. Eram de cedro as canoas, e o trabalho de cortar madeira para elas, poupava-o o rio. Arrancadas pelas cheias, vinham estas altas árvores boiando pela corrente abaixo, não tendo o índio mais do que lançar o gancho a uma, e prendê-la à sua choça, até que as águas descendo a deixassem em seco. Machados eram conchas de tartaruga, servindo de corte a parte mais dura, que é a que se pode dizer que fica entre as espáduas. Um osso da queixada dum peixe-boi fazia as vezes de cabo, e com instrumentos como estes faziam mesas, assentos e outros trastes, tão bem, posto que não tão facilmente como se se servissem do melhor ferro. Algumas tribos tinham machados de pedra, que faziam mais depressa o serviço. De cinzéis, plainas e verrumas lhes serviam os dentes e presas de animais.

Ídolos

Tinham ídolos de sua própria fábrica, distinguindo-se cada um por qualquer atributo apropriado, como o deus do rio pelo peixe na mão; outro presidia às sementeiras e colheitas; e um terceiro era o dispensador da vitória. Nenhuma cerimônia de culto se praticava, e esquecidos jamais os ídolos num canto, até que se carecia deles para a semeadura, pesca ou guerra. Estão os idólatras sempre dispostos a engrossar o número de suas divindades. Sobre um cacique que hospedou Teixeira, fez grande impressão o poder dos deuses portugueses, por terem preservado a flotilha em tão dilatada viagem, e assim pediu ao comandante que lhe deixasse um que a ele e ao seu povo os protegesse, socorrendo-os em suas necessidades. Outro índio, que confessando o desprezo em que tinha os ídolos, a si próprio se arvorara em objeto de

adoração, foi convidado pelos portugueses a reconhecer o Deus verdadeiro. Acudiu ele ao chamado para se deixar doutrinar, mas ao dizerem-lhe estes que o seu Deus era invisível, não foi convencido, continuando, fosse por insânia ou fraude, a pretender que o adorassem.

Por toda a parte tinham os selvagens os seus conjuradores, nem há estado social em que não apareçam alguns indivíduos assaz arteiros e sagazes para viverem à custa da credulidade, que guardados os seus ossos na rede em que dormiam quando vivos, armava-se esta numa cabeça para esse fim reservada. Algumas tribos queimavam os mortos nas suas habitações; outras, queimando-os igualmente, lançavam na fogueira quanto havia pertencido ao finado, mas de qualquer forma que se celebrassem os funerais, duravam por muitos dias, invariavelmente acompanhados da indefectível bebedeira.

Conjuradores

Em geral tinham as tribos do Amazonas a pele menos escura do que as demais nações brasileiras. Eram bem-feitos aqueles índios e de boa estatura, fácil compreensão, dóceis e dispostos a receber dos seus hóspedes instrução, dando-lhes em troca auxílio, os aliados dos portugueses, que dos seus senhores só haviam aprendido insolência, novos vícios e novos modos de maldade, freqüentemente maltratavam este povo inofensivo sem que ele buscasse vingança, o que mais se deve atribuir à sua prudência do que à isenção de sentimentos vingativos. Com justa indignação fala Acuña do sistema seguido pelos portugueses contra este gentio.[51] Que as suas representações pudessem chegar a fazer impressão eficaz sobre o governo, não é muito provável, mas antes de ele chegar a Madri estava feita a revolução que a seu legítimo dono restituiu a coroa de Portugal. Já a navegação do Amazonas não era de conseqüência para os espanhóis, e para dela tirar partido faltava lazer aos portugueses. Vieram, porém, melhores tempos em que de algum préstimo foram as notícias obtidas com a viagem de Teixeira.

NOTAS DO CAPÍTULO XVIII

1. *Tucujus* e não *Tocujos.* (F.P.)
2. O novo Estado a que se refere Southey, conforme a lição de João Ribeiro, era o Estado do Maranhão, constituído então pelo Ceará, Piauí, Maranhão e Pará. Antes de Co-

elho – Francisco Coelho de Carvalho – haviam sido nomeados governadores D. Diogo de Carcome ou Carcamo (espanhol) e Francisco de Moura, que não tomaram posse. Francisco Coelho de Carvalho foi nomeado a 23 de setembro de 1623. (L.A.)

3. Fryer talvez, ou Frere, ou qualquer outro nome semelhante. Quem o historiador português quis indicar pelo título de Conde de Brechier, não tive a felicidade de adivinhar.
4. Camaú escrevem Baena e Acióli. (F.P.)
5. Aliás Cametá. (F.P.)
6. Não foi de Belém e sim de Cametá que partiu a expedição de Pedro Teixeira. (F.P.)
7. No lugar onde o rio Paianino entra no Amazonas. Há perto deste lugar um porto, chamado do nome do rio, e onde os espanhóis se haviam fortificado, erguendo uma vila para manter sujeitos os quixos (Acuña, trad. ingl., c. 15). Nem rio, nem lugar deste nome se encontram no mapa grande de D. Juan de la Cruz. Do ponto diferente escolhido por Teixeira para o reembarque se vê porém que deve o Paianino ter sido um dos afluentes do Coca.
8. Já uma vez dissemos que os jesuítas não eram frades e sim clérigos regulares. (F.P.)
9. Os senos, becabas, tamas, chufias e ramos.
10. Pagaram, diz Acuña, as vidas dos nossos índios, que tinham morte com mais do triplo das deles; módico castigo, comparado com os rigorosos que em tais casos soem impor os portugueses! M. Rodrigues, pág. 124.
11. Negam os espanhóis que fosse este o lugar; e Fritz, no interesse deles, sustenta que foi perto do Chuchivara, umas cem léguas mais abaixo. Condamine com mais probabilidade o fixa à foz do Ipura; mas o auto original, a que se refere, como tendo-o visto em Belém, não é datado do Guairis, nem faz menção da chapada elevada que ele aduz como um dos sinais pelos quais se pode determinar a situação. Págs. 94-98. Impossível é averiguar a verdade, nem, que se pudesse, fora de importância. Naquela época nenhuma significação podia ter um limite entre conquista portuguesa e espanhola naquela parte; e do próprio auto que Berredo imprimiu se vê que nenhuma intenção semelhante tinha Teixeira, escolhendo somente este lugar, seguindo suas instruções, como o melhor que encontrara para assentar um estabelecimento. Condamine com pouca desculpável negligência raciocina duma interpretação forçada de Acuña com a sua linguagem explícita, quando este autor diz expressamente que o Auaricu se chamava rio do Ouro e é da foz deste que está datado o auto.
12. Os abigiras, jurussunez, zapatás, e yguitas.
13. Os *Μακροκεφαλοι* dos antigos passam por terem propagado este achatamento artificial. (Hipócrates, citado por sir T. Browne, nos *Erros Vulgares*, B. 6, c. 10). É este porém errôneo segundo todas as probabilidades, pois que decerto não o propagam os omáguas. Hipócrates parece ter falado teoricamente, que era por demais remoto o fato para lhe ter chegado ao conhecimento. Berredo (§ 719) menciona a opinião de que os omáguas adotaram esta moda, como irrecusável distintivo das outras nações, para que jamais fossem escravizados sobre pretexto de serem antropófagos. Mas o costume já entre eles prevalecia antes que nenhum caçador de escravos tivesse alcançado esta parte do sertão.

14. Servem-lhes talvez estas garrafas para ostentar destreza ao beber, esguichando o licor para dentro da boca, como os tupinambás atiram a farinha de mandioca. Também os espanhóis das classes baixas usam muito erguer a borracha, ou garrafa de couro acima da cabeça, e deixar sair dela um jorro ao beberem.
15. Eram os *aurunas* (de quem já se falou), os *guatayeus*, os *aacatiguaras*, os *parianas*, os *zigus*, os *aucais*, os *cunas*, e outros mais para cima, cujos nomes Acuña não ouviu, chegando só a saber que eram muitas hordas dum povo, que os omáguas insulanos chamavam *omaguasyete*, isto é, os verdadeiros, os originais omáguas.
16. Os nomes dos habitantes são, como os refere Acuña, *tepunas*, *guatanurus*, *ozuanas*, *moruas*, *naunas*, *conomonas*, *marianas* e mais perto do Peru, uma nação d'*omáguas* que nas orelhas e nariz traziam ornatos de ouro. Supõe Acuña a infeliz expedição de Orsúa empreendida em busca do país destes últimos índios, que não achou, por ter tomado o braço oriental em lugar do ocidental, entrando assim pelo Yrua no Amazonas. Também Ribeiro o faz descer o Yurua. Nisto, porém, certamente se iludem. Nenhuma dúvida pode haver sobre ter Orsúa vindo pelos Guallaga e Ucayali abaixo, como se vê da obra de Pedro Simon, que segundo todas as probabilidades tinha à vista o diário a que alude Acosta.
    Neste lugar da narrativa de Acuña interpola Fr. Manuel Rodrigues uma opinião sua de serem as tribos de Yetán descendentes desses peruvianos fugidos com o último Inca, e dignas de que os missionários saíam a buscá-las.
17. Acuña bem quisera que a este rio se pusesse o nome de rio del Cuzco, por ter visto uma carta ou roteiro de Orellana, que o fazia correr ao norte e ao sul daquela cidade. Sobre o Juruá teve Ribeiro notícia de duas tribos extraordinárias, em cuja existência ainda em 1774 se acreditava... eram os carcanas, raça de anões, cuja estatura não passava de cinco palmos, e os uginas, que tinham caudas de três ou quatro palmos de comprimento, apêndice que explica a sua origem, pois também os chamam *coatatapuya*, filhos de macacos. Ribeiro (homem de letras e pouco crédito) nenhuma opinião emite sobre os pigmeus, mas a respeito dos filhos de macacos tinha visto um depoimento jurado em 1768 pelo carmelita Fr. José de S. Teresa Ribeiro, vigário de Castro d'Avelãs, que ele conheceu. Neste depoimento declarava o bom do carmelita haver visto um índio desta nação despir-se para meter-se na água, e tinha um rabinho macio da grossura do dedo polegar, e de meio palmo de comprimento.
18. Erroneamente chamado um lago por Condamine, que torna a errar quando diz que ele comunica com o Urubaxi. Ribeiro, Ms.
19. Mostram estes paranás que anda por aqui a raça tupi, salvo se erram estes nomes, o que não é tão provável, impostos pelos índios dos portugueses, ou pelos próprios portugueses na língua tupi.
20. Têm sido os caçadores de escravos, que tão longe hão explorado este rio.
21. Duas delas, chama-as Acuña, braços do rio Araganatuba. São habitados, diz ele, por vinte e uma nações; as dos iaguanais, mucunes, mapianas, aguainaus, huirunas, mariruas, iamoruas, terranus, siguiias, guanapuris, piras, mopitinus, iuaranis, aturiaris, macáguas, musipias, guaiacaris, anduras, caguarãs, mariamumas e guanibis. Se-

gundo as notícias colhidas no Novo Reino, acrescenta ele, fica o Lago Dourado no país que possuíam estas tribos. M. Rodrigues, pág. 129.

22. O Tapi de Acuña.
23. O Catua de Acuña; ambos estão consignados no mapa, mas a relação de Acuña confirma a autoridade dos escritores portugueses que os identificam, porquanto fala expressamente deste lago ou baía, que ele forma na embocadura.
24. *Joriman* escreve Manuel Rodrigues. Acuña provavelmente escreveu *Aorimau*.
25. O Cuchiguara de Acuña, indubitavelmente a mesma palavra que Cochinvara que ainda hoje designa um dos seus canais. Era este o nome de uma das suas tribos; as outras eram as dos cumayaris, goaquiaris, cuiaciaianes, curucuruz, quantansis, mutuanis e curigueres, que são os filhos de Anak, de quem fala o texto.
26. Curana, como segundo Acuña o chamavam alguns indígenas, significa o mesmo. Outro nome, porque, diz ele, o conhecido era Guaranaquazanas.
27. Os caniciures, aguairas, iacuncaraes, cahuaiapiris, manacurus, jamas, guanamas, curapanagris, guarianas, caguas, acerabaris e curupatabas. Sobre o rio Branco apenas refere os guaranaquazanas.
28. Queixa-se Gumilla (c. 24) de que tivessem os portugueses do Maranhão em 1727 achado caminho para o Orinoco, donde principiavam a levar os moradores, para reduzi-los à escravidão. Duma carta de P. Bento da Fonseca (então procurador-geral do Maranhão) e que anda junta aos *Anais* de Berredo, se vê que os missionários descobriram esta comunicação dois anos mais tarde.
29. No memorial que dirigiu à coroa, recomendou ele que das bandas de Quito se formassem estabelecimentos sobre os rios, que mais pronta comunicação oferecem com a corrente grande. Esta medida, dizia ele, evitaria que os espanhóis do Peru mandassem por contrabando as suas riquezas para casa, aproveitando esta via, o que aliás fariam indubitavelmente, não só para fugir aos direitos de Cartagena, mas também por minorarem o risco dos piratas. Esperava porém que se tomassem medidas tais, que se tornasse esta a estrada ordinária. Outra razão, que alegava, era que estes postos avançados frustrariam quaisquer planos de conquista que pudessem forjar os holandeses contra o Peru, de acordo com os portugueses, que haviam faltado lealdade para com S. M. À margem do exemplar que tenho à vista, se lê a resposta que ao texto deu algum português: "Mente o Padre."
30. Fr. Manuel Rodrigues (pág. 133) aventura uma curiosa etimologia desta palavra. "Prova (diz ele) vir o rio do Peru, pois que é Cuiari uma palavra da língua dos Incas, derivada do verbo *cuyani,* amar, que é o *amo, amas* daquele idioma, e tem os seus elegantes modos de conjugação. *Cuiari,* o nome do rio, significa *ama-me*, sendo tão boa a corrente, que os índios lhe exprimiam a beleza, asseverando que ela mesma lhes está dizendo que a amem.
31. Acuña diz que se chamavam eles coletivamente carabuianas, posto que divididos em dezesseis tribos, a saber: caraguanas, pocoanas, uraiaris, masacarnanas, quererus. cotocarianas, moacaranas, ororupianas, quinarapianas, tuinamalnas araguanainas. mariguaianas, iariarus, iarus, caguacus, cumaruruaianas, e icuruanars.

32. Tinham-se eles por este tempo, segundo Acuña, apoderado da foz de algum rio Dulce, que chamavam, diz ele, Philip-Hodias. Não sei que rio seja. Berredo entende que eram os holandeses do Suriname. § 730.
33. Zomba Berredo da simplicidade de Acuña, que foi acreditar no que ouviu, e nega que pudessem esses índios ser tupinambás, que em parte nenhuma, diz ele, existiam então incorporados, senão sobre o Tocantins e pelos arredores do Pará. Parece esquecer que com o jesuíta vinha Teixeira, que devia saber se eram tupinambás ou não.
34. Diz Ribeiro que o nome deste índio era José da Costa Punilha e que tinha o posto de sargento-mor da ordenança.
35. Depois da leitura da luminosa Memória do Sr. Dr. A. Gonçalves Dias, inserta no tomo 18 da *Rev. trim. do Inst. Hist. e Geogr. Br.*, não é mais lícito crer na existência das amazonas! (FP.)
36. Segundo ele eram os topaios os resquícios dos tupinambás do Amazonas. São provavelmente os topajós dos portugueses.
37. Condamine diz que elas nem em forma nem em rigidez diferiam da jade oriental, e que sobre elas se escrevera um tratado com o título de *Pierre divine*. Refere-se a uma das cartas de Voiture a mademoisele Paulet, agradecendo o presente de algumas destas pedras. O modo por que o francês exprime a sua gratidão é assaz característico:

– *Si les pierres que vous m'avez données ne peuvent rompre les miennes, elles m'en feront au moins porter la douleur avec patience: et il me semble que je ne me dois jamais plaindre de ma colique, puisqu'elle m'a procur ce bonheur*. Cart. 23. Da dissertação junta à tradução da viagem de Acuña por Gomberville, vê-se que estas pedras vogavam em Paris como medicina. Mas melhor será remeter o leitor para a *Narrativa Pessoal* de Humboldt (vol. 5, págs. 280-387), onde se acha o assunto tratado com uma vastidão de conhecimentos e uma força de combinação peculiares ao mais completo de todos os viajantes.
38. *Elles portent aussi der colliers, mais de gros grains de crystal et de pierres vertes qui viennent de terre ferme, vers la rivière des Amazones et qui ont la vertu de guérir da haut mal; c'est leur plus précieux bijou*. Le Sieur de la Borde. C. 6.
39. Humboldt no seu último tomo (*Narrativa Pessoal,* vol. 5. págs. 87-394) exprime uma opinião semelhante, e é com a maior satisfação que, quando nos encontramos sobre o mesmo terreno, vejo as minhas exposições e deduções confirmadas por tão alta autoridade.
40. O Conde Pagan chama isto o Bósforo do rio.
41. M. Rodrigues omitiu esta história, provavelmente por alheia do seu principal assunto. Berredo passou-a por alto por outro motivo: julgava necessários os escravos, e sem se embaraçar com o modo por que eram obtidos, esforçava-se sempre por arredar da vista as atrocidades do tráfico. Por conseguinte todas as vezes que fala na oposição forte daquele gentilismo, jamais faz a menor alusão à vilania com que se provocava tal resistência.
42. Yriquiriqui o chamam os naturais.
43. Refere Vasconcelos que subia uma serra com o seu companheiro, quando do interior dela ouviu um ruído extraordinário. Era como a descarga de muitas peças de artilharia ao mesmo tempo, tornando os penedos e cavernas da montanha ainda mais horrendo o som. Perguntando-se um ao outro os dois o que seria, nenhum soube a que atribuir coisa tão descomunal, até que, inquiridos os índios, disseram estes na sua língua *Itá ae*

cerá, parece explosão de pedra. E assim era, porque passados dias se achou o lugar onde rebentara uma rocha, que das suas entranhas, com a explosão que ouvíramos, quais gemidos de parturiente, dera à luz um tesourinho. Era uma pilha do feitio e tamanho dum coração de boi, cheia de jóias de diferentes cores, umas brancas como cristal transparente, as outras dum formoso vermelho, e algumas entre vermelhas e brancas, imperfeitas ao que parecia, e ainda completamente formadas pela natureza. Todas estavam postas por sua ordem, como os grãos duma romã dentro de uma casa ou casca, mais rija mesmo que o ferro, e que, ou fosse com a força da explosão, ou de bater contra os penedos, onde caiu, fez-se em pedaços, descobrindo assim a sua riqueza. A filosofia destas coisas bem se deixa perceber. Pois quando as operações do sol e da natureza estão formando o mais polido nascimento de tão finas jóias nas entranhas de um penedo duro, necessariamente uma quantidade maior do conteúdo desse penedo deve reduzir-se a uma quantidade semelhante estas pedrinhas, que devem ser produzidas, pois quanto mais finas são, mais duras, e quanto mais duras, mais partes componentes devem encerrar em mais breve espaço. Ora a natureza não admite o vácuo, nem ao ar é possível penetrar a grossa pedra, e evitar que ele se forme. No mesmo momento pois que a força do sol é tão grande, que está a ponto de formar um vácuo na formação da obra, que tem em mãos, opõe-se a natureza e nesta luta rebenta o penedo, e fica a produção imperfeita. L. 1, pág. 612.

Também Azara menciona a crença nestas romãs minerais: *"Il y a dans quelques endroits des pierres que l'on appelle cocos, et qui renferment des* cristaux *à facettes groupés comme der grains de grenade. Leurs couleurs varient, mais les plus grands et les plus beaux se trouvent dans les monticules de Maldonado. Les gens de pays supposent que le sac qui forme ces cristaux pénètre dans l'interieur de la pierre, et qu'en le remplissant, ils font crever la croule pierreuse, avec un bruit plus fort que celui a une bomb."*

Nas *Notícias do Brasil* (l. 2, c. 75) se diz que a esmeralda se forma dentro de cristais, até que rebenta. Quando os naturais acham um pedaço de cristal, que lhes parece conter uma destas esmeraldas, põem-no ao fogo, fazendo-o assim estourar; com o que porém muito perdem a cor e o brilho da pedra.

Todos os naturais da Bahia e S. Vicente afirmavam que no sertão destas capitanias se achavam debaixo da terra grandes pedras redondas, que ali rebentavam com o estampido duma espingarda. Quando ouviam a explosão cavavam no lugar, e encontravam esta pedra redonda estourada em quartos como uma romã, e estes canos cheios de pedrinhas de cristal regular oitavado de um lado, mas ásperas do lado, que aderiam à madre. Apresentando-se algumas destas pedrinhas ao Governador Luís de Brito, reputou-as ele brilhantes, mas o diamante de um anel facilmente as cortou. *Notícias*, pág. 2, 75.

Também às vezes se acham à margem do Paraná pedras brutas redondas ou ovais do tamanho duma romã ou até da cabeça de um homem, e que estouram como canhões. Chamam-se cocos-de-mina. Dobrizhoffer, que o refere (t. 1, pág. 229), lastima nunca ter encontrado nenhuma em todas as suas viagens.

Mas a história mais ridícula sobre pedras preciosas é a que conta Gumilla (c. 25) de engolirem as aves do Novo Reino esmeraldas brutas, retendo-as no papo até ficarem polidas, de modo que nada mais vulgar do que o comprar um homem uma galinha, e ao abri-la, achar-lhe dentro uma ou duas esmeraldas de grande preço.

44. Do Urubucuara, que vem desaguar do mesmo lado, nenhuma menção faz Acuña, apesar de ser rio de igual grandeza.
45. Herder afirma que o Amazonas não desce dois quintos de polegada por mil pés, e que nesta parte do Brasil pode um homem viajar por um espaço igual à maior largura da Alemanha sem erguer-se um só pé acima do nível do Oceano. *Filosofia da História*, tomo 1.
46. O Paraíba de Acuña.
47. *Criadillas de tierra*.
48. Espécie de cabra montês, de que se tira o almíscar.
49. *Des mouches,* diz Lescarhot, falando do Canadá, *qui sont fort importunes non-seulement là où nous estions, mais aussi par tout ce nouveau monde, et au Brésil même, si bien que ce n´est pas merveille si Beelzebub prince des mouches tient là un grand empire.*
   Numa das terríveis marchas de Stedman eram tais e tantas as nuvens de mosquitos, que com as baionetas cavavam os soldados na terra buracos, em que metiam a cabeça, tapando a entrada, cobrindo o pescoço com as suas redes, e jazendo de barriga para baixo; dormir em qualquer outra posição era absolutamente impossível. Ele mesmo, por conselhos de um negro, trepou ao cimo da árvore mais alta que achou, e armando ali a sua rede entre os ramos, dormiu quase cem pés acima dos seus companheiros, que nem podia ver pelos milhões de mosquitos que lhe ficavam por baixo, nem ouvir pelo incessante zumbir destes incômodos insetos. T. 2, pág. 93.
   Há no país do Orinoco, formada por uma espécie de abelha, uma certa substância, que as tribos fixas queimam incessantemente nas suas habitações, e que eficazmente as protege contra todos os insetos alados. Chamam-na *comejou*, e Gumilla diz que nem é terra, nem cera. T. 1, c. 9. As sementes da *arnota* maceradas em sumo de limão, e misturadas com água e a resina, que tressua de uma árvore chamada *morona*, ou com óleo de castor, compõem uma tinta escarlate, com que todos os índios se pintam o corpo, e até o cabelo, o que lhes dá à pele seus visos com uma lagosta cozida; também untam os corpos nus com *caraba* ou óleo de caranguejo. Serve esta untura não só para evitar a demasiada transpiração em climas ardentes, mas também para livrar dos mosquitos.
50. Diz Ribeiro que o *pium* pasta nas flores do macaçu, árvore venenosa, que mata instantaneamente homens e brutos. Com ela costumam os índios empeçonhar as águas, para matarem o peixe. Onde mais abunda esta árvore, tanto maior a praga do *pium*.
51. Parece, contudo, que o mesmo não se dava com os jesuítas, que mantinham grande número de missões no interior do Amazonas. Escreve João Ribeiro que "a situação das aldeias foi de florescimento até a extinção da ordem dos jesuítas, por cuja causa no ano de 1759 foram do Pará e Maranhão não menos de 112 jesuítas deportados para a Europa. De La Condamine que, pouco antes, no ano de 1741, visitou as missões ao longo do Amazonas, descreve-as como abastadas e mais prósperas que as espanholas de Mainas. [...] No ano de 1718, segundo Berredo, existiam dezenove aldeias dos jesuítas, quinze dos capuchinhos, doze dos carmelitas e cinco dos mercenários". João Ribeiro in *História do Brasil* (L.A.)

O inglês Robert Southey (1774-1843), poeta, historiador, filho de negociante rico de fazendas, conviveu na Inglaterra com o meio mais sofisticado da sua época. Estudou em Oxford, onde fez amizade para toda a vida com os poetas Lovell e Coleridge. Apaixonado pela História portuguesa e brasileira, escreveu esta obra monumental que cobre o período do descobrimento até a chegada de D. João VI ao Brasil.

É a primeira História do Brasil a cobrir período tão extenso e aprofundar os estudos dos séculos anteriores. O historiador Southey calculava sua biblioteca composta por 14 mil volumes preciosos, a melhor coleção de livros e documentos originais sobre Portugal e América do Sul. Entre 1810 a 1819, lança sua História do Brasil.

Southey era protestante, porém, como historiador, soube colocar-se acima de qualquer problema de facciosismo religioso para julgar serenamente as ações beneméritas dos jesuítas no Brasil. Pesquisador exigente e estudioso rigoroso da terra colonial brasileira que abraçou como tema, mostra já neste primeiro volume a importância de sua obra para a historiografia brasileira.

É o próprio Southey, com pouca modéstia, quem declara: "Seria faltar à sinceridade que vos devo esconder que minha obra, daqui a longos anos, se encontrará entre as que não são destinadas a perecer; que me assegurará ser lembrado em outros países que não o meu; que será lida no coração da América do Sul e transmitirá aos brasileiros, quando eles se tiverem tornado uma nação poderosa, muito da sua história que de outra forma teria desaparecido ficando para eles o que é para a Europa a obra de Heródoto."

ISBN 978-85-7018-313-2
9 788570 183132